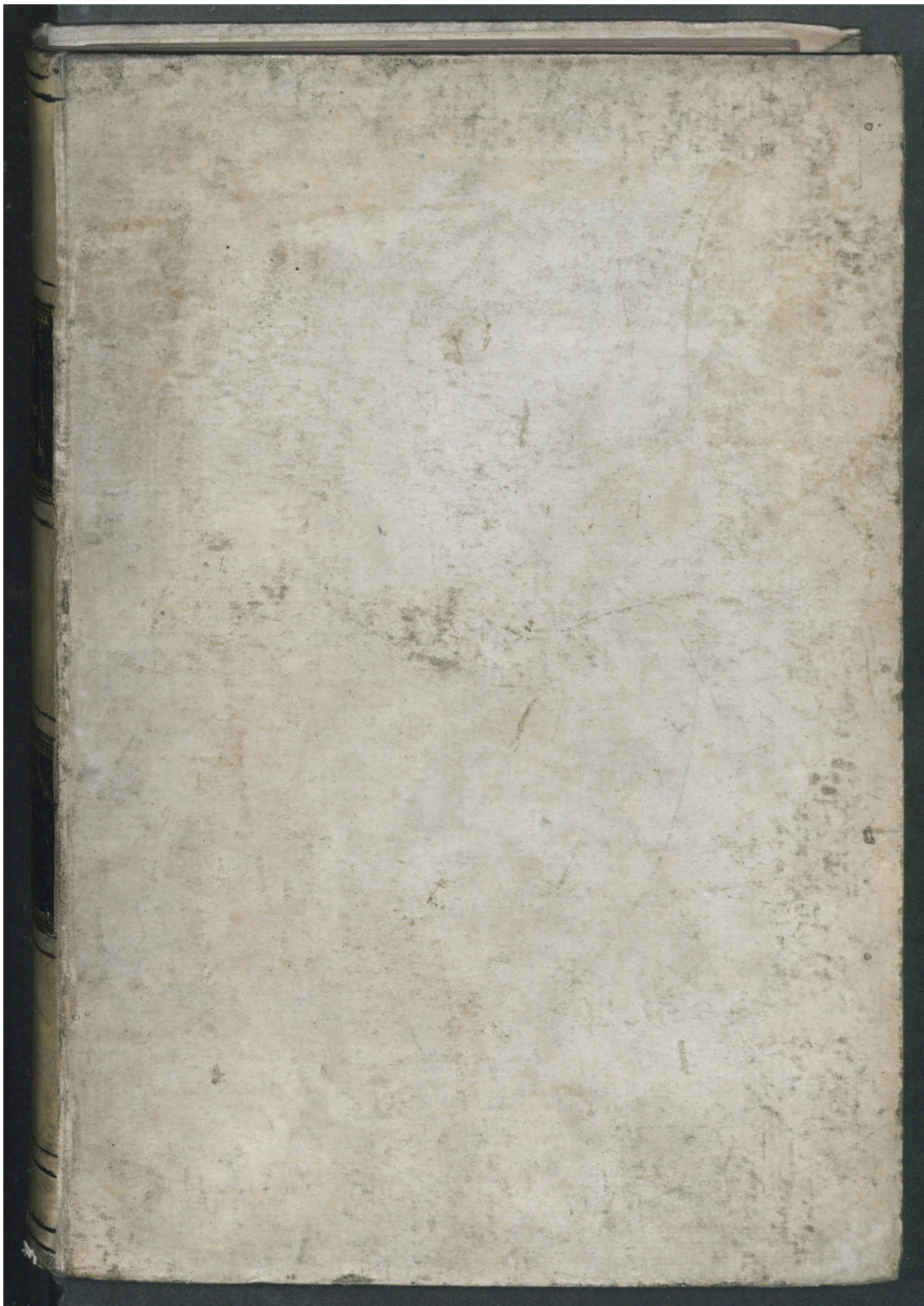
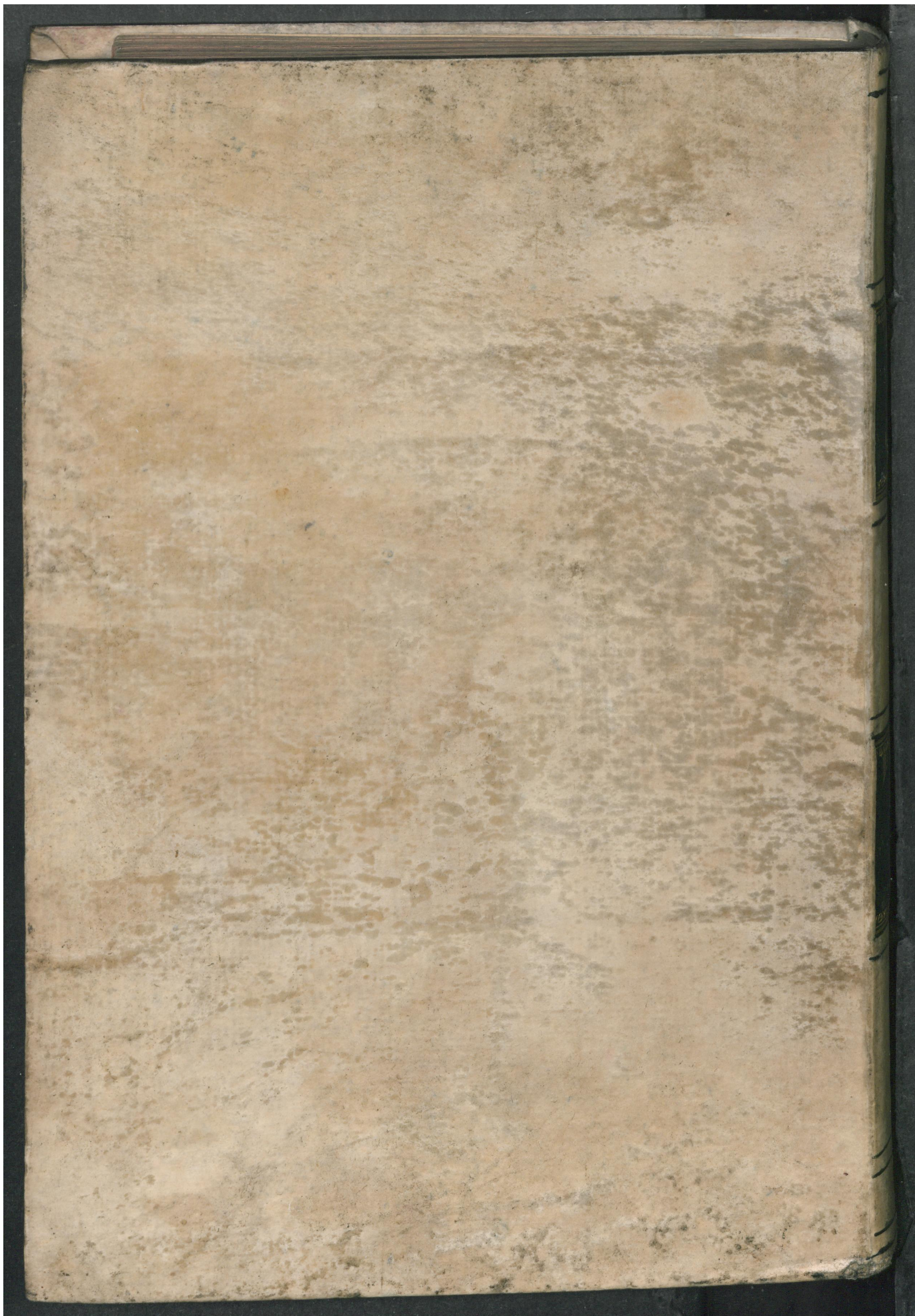
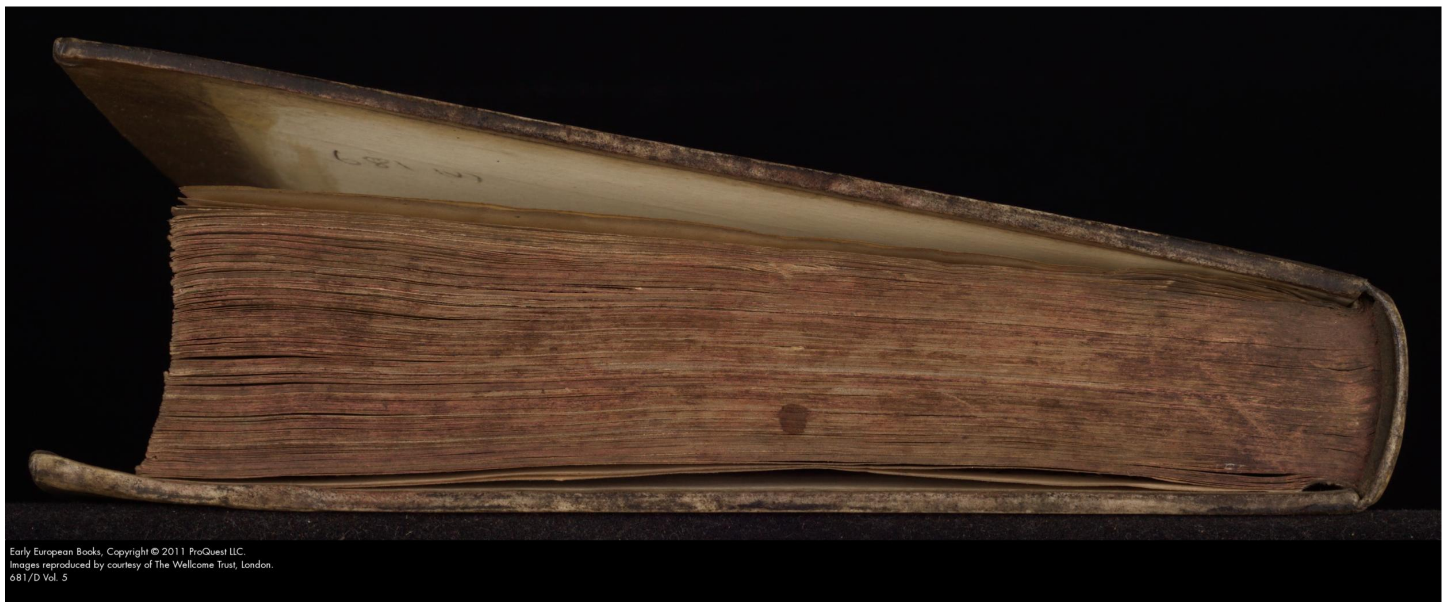
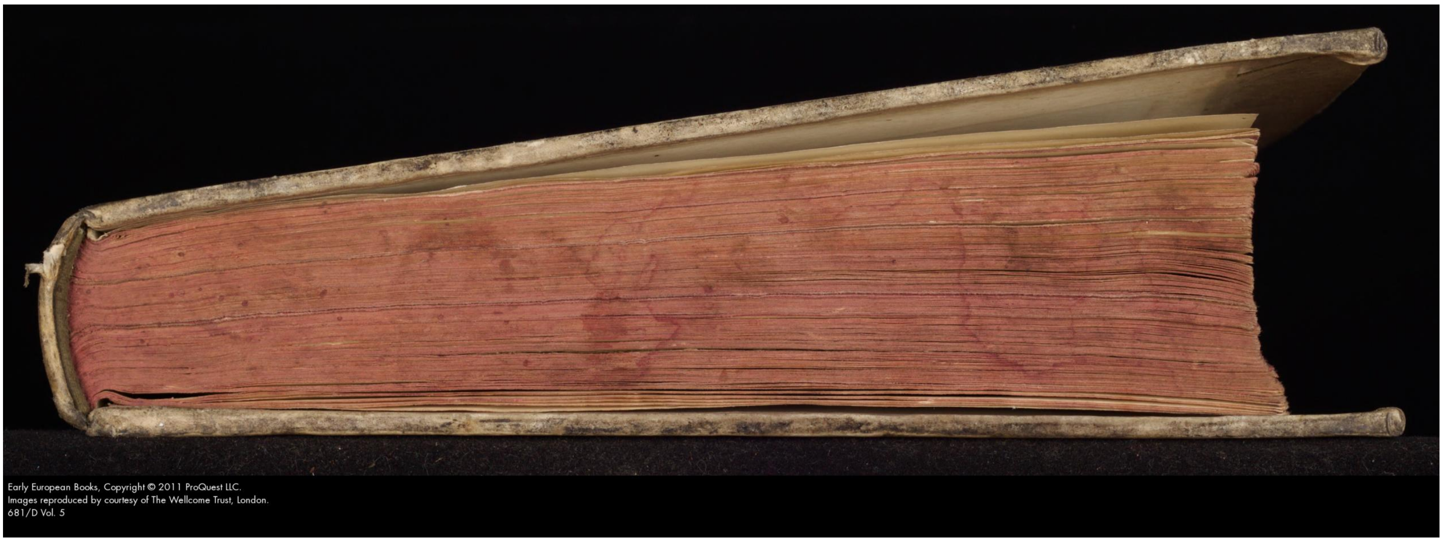
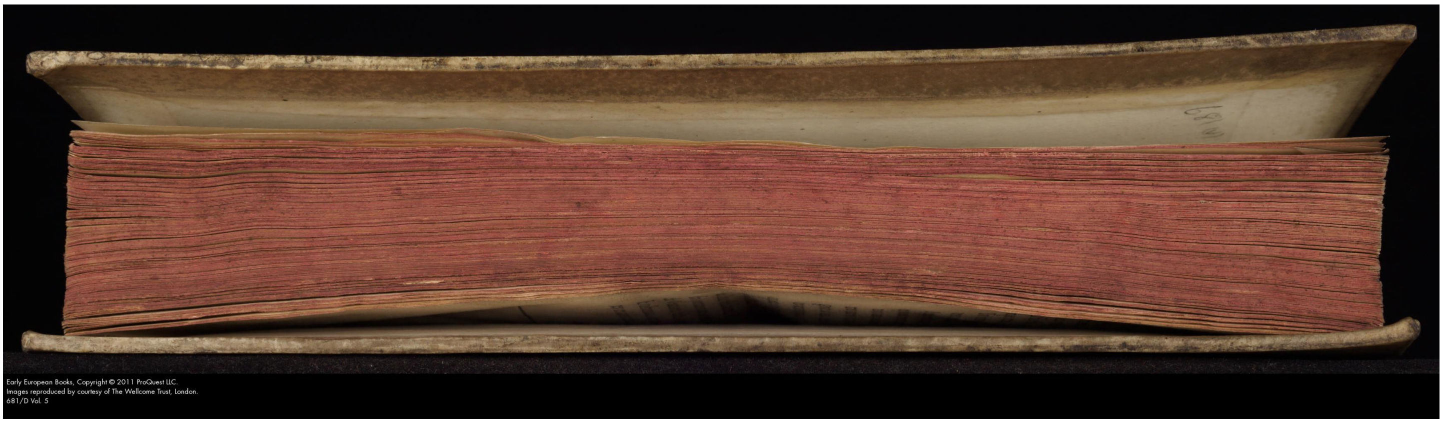



COUTO
DECADAS
DA ASIA
DECADA
V.
1602










BIBLIOTHECA LINDESIANA
DUPL.

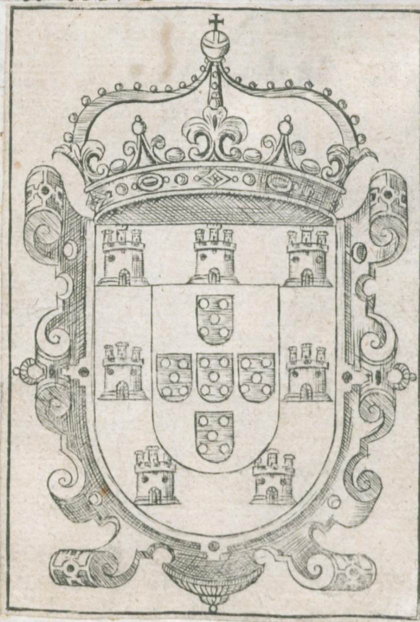

ENDURE FORT
Bibliotheca Lindesiana.

DECADA QVINTA. DA ASIA.

Dos Feitos q̃ os Portugueses fizerão no descobriment dos mares & conquistas das terras do Oriente: enquanto gouernarão a India dom Garcia de Noronha, Nuno da Cunha, dom Esteuão da Gama, & Martin Afonço de Sousa.

Composta por Diogo do Couto, Chronista & guarda mor da torre do Tombo do estado da India.

Da Congregamdo



Oratr. do Porto.

LIVRO PRIMEIRO DA QVINTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

Dos grandes odios & guerras que ouue entre os Reys de Calecut & Cochim. E de como falecceo o Camorim: & das reuoltas que ouue em Cochim sobre o que socedeo se querer ir coroar a Repelim. E de como Martim Afonso de Sousa acodio a isso.



NA primeira decada de Ioaõ de Barros se cõta largamẽte, como magoado o Camorim d'Elrey de Cochim se cõfederar com Pedraluarez Cabral, quando cõ elle fez aquelles contratos de pazes, obrigãdose a lhe dar carga de pimenta pera as naos do reino, dandolhe logo em terra feitoria, onde deixou por feitor Gonçalo Gil Barbosa: & cõ elle Lourenço Moreno, & Bastiaõ Aluarez por escriuaẽs, com outros tres homens pera o seruiço da feitoria, & meneo da pimenta: deixandolhes fazendas & dinheiro pera comprarẽ toda a que ouuesse naquelle reino. O que sabido pello Camorim depois da armada partida pera o reino, dãdolhe os çiumes d'aquelle negoçio, mandou dizer a Elrey de Cochim que lhe mandasse entregar os Portugueses que ali ficaraõ com toda sua fazenda. Elrey de Cochim pella palaura & fè q̃ delles deu a Pedraluarez Cabral, zombou disso. Do que tomado o Camorim, foy com grande poder sobre aquelle Rey, destroindoo, & tomandolhe o reyno, matandolhe o principe Naramohim, que era herdeiro do reyno, com outros dous sobrinhos por traiçoẽs de seus Naires, que os desempararaõ, peitados do Camorim: ficando Elrey de Cochim perdido & desbaratado: recolhido cõ os Portugueses na ilha de Vaipim, que só lhe ficou, assi por ser mais defensauel, como por auer entre elles vm costume que ha entre os Christaõs: que he auerem por religiaõ serem os lugares sagrados valha couto dos que se acolhem a elles: & asi ficarem seguros dos males que lhe podẽ acontecer, colhendoos fora delles. Asi aly ficou este Rey ate ser restituido a seu reino, pellos dous parentes, Françisco, & Affonso d'Alboquerque. Daqui ficaraõ estes dous Reys em

tamanho odio, que nunca mais o perderaõ, nem o perderaõ, trauãdose antre elles taõ asperas & crueis guerras, como nas decadas de Ioaõ de Barros se conta: em q̃ socederaõ aquellas grandes façanhas, que fez Duarte Pacheco Pereira no paço de Cambalaõ.

Por estes odios se diuidio todo gentio do Malauar em dous Bandos, lançandose todos os Reys & senhores á parte a que mais obrigaçaõ tinhaõ: tomando apelidos pera serem conhecidos, & differençados vns dos outros, chamandose os da parte do çamorim pay daricuros: & os da d'Elrey de Cochim Logiricuros, como ja em Italia vimos aquelles dous taõ periudiciaes bandos dos Golphos, & Elgibelinos. Os herdeiros destes dous Reys Gentios ficaraõ herdando com os estados este odio entranhauel, continuando sempre em guerras, com bem de dano de ambos. Socedeo este anno em que andamos, falecer o C,amorim, & herdar aquelle reino vm dos sobrinhos filhos de hũa de suas irmans, que se achou presente á sua morte. Porque estes Reys (como ja muitas vezes dissemos) naõ os herdaõ os filhos, pellos auerem por suspeitosos pella generalidade das molheres: mas herdaõ os sobrinhos filhos de suas irmans: por que estes (sejaõ seus pays quaes forem) sempre ficaõ sendo do sangue real pella parte das mays. E destes ainda naõ herda o mais velho, nem o filho das irmãs mais velhas, senaõ aquelle que for taõ ditoso, que ao tempo do falecimento do C,amorim se achar com elle. Somente os Reys de Cananor ficaõ fora desta ley, pellas rezoens que em outra parte diremos. Este costume naõ só se guarda entre os Gentios do Malauar, mas ainda antre os Mouros: aquẽ tambem naõ herdaõ senaõ os sobrinhos.

E tornando ao fio da historia. Este sobrinho do C,amorim que socedeo no reino, este inuerno em que andamos, era obrigado irse coroar sobre aquella pedra que estaua em Repelim, de que Ioaõ de Barros trata que os Chins deixaraõ em Cochim: que segundo algũas escrituras muito antigas dos Malauares, foraõ ja senhores de toda aquella fralda do Malauar, por onde fundaraõ cidades, & pouoaçoens, de que ainda oje ha algũa memoria, como em Calecut vm lugar chamado Chinacota, que quer dizer, fortaleza de Chins, & em outras muitas partes. Estes como acharaõ aquellas gentes barbaras, sem Rey, ordem, ley, nem policia algũa, ordenaraõlhe leis, fazendo em todo Malauar duas cabeças: hũa com todo o poder sobre o temporal, com este titulo de C,amorim, q̃ quer dizer imperar sobre todos: & outro com toda

toda a jurdiçaõ ſpiritual, com titulo de Bramene mòr, aquem aſſentaraõ ſua cadeira na cidade de Cochim, deixando por ley: Que todos os Emperadores que ſocedeſſem no Malauar, foſſem tomar a inueſtidura do imperio da maõ do Bramene mór, que eſtaua em Cochim. Aſsi como oje vſaõ os Emperadores de Alemañha em a tomar da maõ do Summo Pontifice, que preſide na igreja de Deos. E pera iſto deixaraõ os Chins hũa pedra em Cochim, ſobre quem aquelles Emperadores eraõ obrigados a ſe coroarem.

A rezaõ deſta pedra naõ achamos eſcrito em algum autor, ñem os Chins a ſabem: mas quanto a nòs, deuia aquillo de ſer coſtume vſado entre os antigos Reys da China. E aquella pedra deuia de ſer algũa couſa antre elles de grande religiaõ, porque a trouxeraõ comſigo. Em fim como quer que foſſe, eſta ley ſe foi guardando ate o çamorim Perimal, q̃ recebeo a ley de Mafamede, & querendo ir acabar em religiaõ na caſa de Meca, repartio ſeus reinos, como oje eſtaõ, deixando ao que deu a cidade de Calecut o dominio ſobre todos. E aſsi como ſeus herdeiros ſocediaõ no reino, yaõ coroarſe a Cochim ſem impedimento algum: ate que o çamorim, de que a tras falamos, deſtruio & tomou aquelle reino, & leuou a pedra a Repelim, a onde eſte que agora ſocedeo ſe quis ìr coroar, confederandoſe primeiro com o principe de Repelim, que era logiricuro do bando d'Elrey de Cochim: porque naõ podia paſſar áquella ilha ſem ſeu conſentimento: & ajuntou pera iſſo todo o poder de ſeu reino. Diſto foi logo auiſado Elrey de Cochim, & vendo que aquellas lianças & amizades do çamorim com o principe de Repelim podiaõ ſer deſtruiçaõ ſua, deu conta ao doutor Pero Vaz d'Amaral, capitaõ & veador da fazenda de Cochim, pedindolhe ajuda pera defender os paſſos: pera o que lhe elle deu alguns nauios de remo, q̃ ſe foraõ por naquelles rios pera defenderẽ a paſſagem ao çamorim. Elrey de Cochim tambem ajuntou todo o ſeu poder pera acodir áquelle negocio em peſſoa, conuocando os do ſeu bando, que eraõ os Reys da pimenta de Porcá, de Diamper, de Palurte, os Mangates Caimal, & o de carta daLua, & outros Mangates & Areis. O doutor Pero Vaz d'Amaral deſpedio logo recado mũy apreſſado ao Gouernador Nuno da Cunha com cartas ſuas & d'Elrey, em q̃ lhe pediaõ acodiſſe áquelle negocio. Vendo o Gouernador quãto elle importaua deſpedio logo Martim Afoſo de Souſa capitaõ mór do mar cõ tres Galés, & trinta nauios de remo cõ que eſtaua preſtes pera ir pera a coſta do Malauar. Os capitaens

que o acompanharaõ foraõ os seguintes. Antonio da Sylua de cãpo Mayor, Manoel de Sousa de Sepulueda q̃ yaõ nas Galés, Martim Correa da Sylua, Francisco de Sá o dos ocolos, Francisco de Mello Pereira, Ioaõ de Sousa Rates, dom Diogo d'Almeida Freire, a que chamauaõ o Malauar, por ser muito cursado naquella costa, (que era irmaõ de dom Ioaõ de Sande vm dos grandes ginetairos que naceraõ em Portugal: & elle o naõ era menos que seu irmaõ) & outros fidalgos & caualeiros q̃ foraõ nesta jornada a que naõ achamos os nomes. Dada esta armada á uela foraõ seu caminho, em que os deixaremos por continuarmos com outras cousas que neste tempo socederaõ.

CAPITOLO II.

Que trata da viagem que Diogo Botelho Pereira fez pera Portugal em hũa fusta. E da fala que mestre Theofilo Napolitano eremita, da ordem de Santo Agostinho, fez ao Papa Paulo terceiro, & ao sagrado collegio dos Cardeaes em louuor dos feitos que se fizeraõ na India em tempo d'Elrey dom Ioaõ o terceiro, pellas nouas que lhe mandou da fortaleza que o Gouernador Nuno da Cunha fez em Diu.



AVIA vm fidalgo na India que se chamaua Diogo Botelho Pereira, filho bastardo de Antonio Real que fora capitaõ de Cochim, sendo Visorrey da India dom Francisco d'Almeida, & de hũa molher que trouxera do reino, que se chamaua Iria Pereira, que ficando rica foi criando o filho em muita vaidade. E como elle era muito habil, & tinha grande inclinaçaõ á Mathematica, deuse a sabella & a arte de nauegar, & a Esphera, em que foi douto, & aproueitou muito nella, & fazia mũy bem cartas de marear. Crecendo na idade, foraõ tambem crecendo nelle os spiritos & pensamentos de maneira, que sendo mancebo foi leuado a Portugal, onde Elrey folgaua de falar com elle polo achar taõ habil & esperto, & taõ corioso naquellas cousas em q̃ praticaua cõ elle. Confiado elle nas partes q̃ tinha, & nos fauores q̃ lhe Elrey fazia quando lhe falaua, pediolhe vm dia que lhe fizesse merce da capitania da fortaleza de Chaul: Ao que lhe Elrey respondeo sorrindose, Que os pilotos naõ eraõ capitaẽs de fortalezas. Enfadado Diogo Botelho Pereira

Pereira da reposta que lhe Elrey deu, sayose pera fora pera a ante camara onde estaua dõ Antonio de Noronha filho segũdo do Marquez de Villa real, escriuaõ da puridade, que jà o tinha sido de Elrey dom Manoel, que perguntandolhe se o despachara Elrey bem? Respondeo Diogo Botelho Pereira, Senhor o bom despacho eu o buscarei onde mo daraõ a meu gosto. Tanto que chegou á noticia d'Elrey a reposta que Diogo Botelho deu a dom Antonio de Noronha, mandouo Elrey prender no castello de Lisboa, & que o tiuessem a bom recado: porque arreceou que se fosse pera Castella, & là desse de si outro Magalhaens. Ali esteue preso ate ir por Visorrey da India dom Vasco da Gama Conde Almirante, que o pedio a Elrey pera o leuar comsigo, por lho rogarem alguns fidalgos seus amigos. Concedeolho Elrey com condiçaõ que naõ tornasse Diogo Botelho Pereira a Portugal sem seu expresso mandado.

Com este desgosto andou este fidalgo sempre na India, vendo se se lhe offerecia algũa occasiaõ honrosa de poder tornar a Portugal. Aconteceo neste tempo dar Soltaõ Badur Rey de Cambaya licença ao Gouernador Nuno da Cunha pera fazer fortaleza em Diu, cousa que tanto se desejaua, & por tantas vias se pretendia pera mor segurança do estado da India. Vendo Diogo Botelho Pereira taõ boa occasiaõ pera poder ir a Portugal, como era leuar nouas a Elrey d'hũa cousa que elle tanto desejaua, & por tal auia de festejar muito, & fazer grandes merces a quem lhas desse (como vemos que fez a vm Iudeu que o Gouernador Nuno da Cunha mandou por terra com cartas em que lhe daua nouas que o auiaõ d'alegrar muito por lhe dizer que tinha fortaleza na ilha de Diu) determinou fazer este caminho nũa embarcaçaõ taõ pequena, & taõ desacostumada em Portugal, que causasse grandisimo espanto ao mundo ver que se atreuera vm homem a cometer hũa viagem taõ longa, & de taõ grande perigo nũa embarcaçaõ taõ pequena, que por tal auia de causar grande admiraçaõ.

E asi sem dar conta a pessoa algũa de sua determinaçaõ, gastou o inuerno em negociar a fusta de todas as cousas necessarias, fazendo lhe hũa cuberta de popa a proa, & dous lemes, velas, traquetes dobrados, fateixas, & amarras de sobreselente, & coatro fermosos tãques pera agoa: em fim tudo fez quãto lhe pareceo necessario pera poder passar a jornada que determinaua fazer.

E como entrou o veraõ embarcouse com alguns homens de sua obrigaçaõ, lançando fama, que auia de ir a Melinde, pera onde comprou algũas roupas & contas

& foise a Baticala onde fez hũa matalotagem muito á sua vontade com esta voz de ir a Melinde: aque acodiraõ alguns mercadores Gentios que meteraõ na fusta algũas fazendas: o que elle dissimulou por amor dos marinheiros, q̃ realmente cuidauaõ que yaõ pera Melinde. E na entrada de Outubro se fez á vela com os Leuantes, & foi seguindo sua viagem ate Melinde, onde se desembarcaraõ os mercadores que leuaua: & elle fez logo agoa, lenha, & tomou algum refresco, tornandose a sair com dizer aos marinheiros que ya a Quiloa. Tanto que se afastou da terra, ferrolhou todos os marinheiros com cadeas que pera isso leuaua, animandoos & prometendolhes muito dinheiro, sem toda via lhes dizer que ya pera o reino: Somente lhes metia em cabeça q̃ ya a çofala, & por aquelles rios de sua costa a resgatar ouro, & asi foi passando por todos, tomãdo agoa, & lenha, & fazendo mantimentos de carneiros, galinhas, capados, arros, milho, manteiga, q̃ tudo achou bem barato.

De çofala foi seguindo sua jornada de lõgo da costa ate passar o cabo das Correntes & de lõgo da costa sẽ se nũca alargar, nẽ apartar della, foi tomãdo todos os rios ate passar o Cabo de boa esperãça neste Ianeiro q̃ vem de trinta & sete. Dali se foi engolfando com vẽtos bonanças, & foi demandar a ilha de santa Elena, onde varou a fusta pera a alimpar & concertar como fez, dando alguns dias de folga aos marinheiros, de que jà leuaua alguns menos, que lhe morreraõ na terra fria: posto que elle leuaua vestidos feitos de pano pera todos elles jà pera isso.

Partido daqui atrauessou aquelle grande golfo do mar, & tomou a derrota da ilha de Saõ Thome, onde se refez d'agoa, lenha, & mãtimentos: & dali foi tomar a barra de Lisboa em Mayo estando Elrey em Almeirim: & entrou por aquelle grande & fermoso rio da cidade de Lisboa dentro a remo: & embandeirado foi surgir na ponta da Goiua, antes de Saluaterra por naõ poder a fusta passar mais acima. Causou esta nouidade em toda a cidade grande aluoroço, acodindo a ver a fusta tanta gente, que o Tejo era cheo de barcos. Diogo Botelho Pereira desembarcou em vm batel, & foise a Almeirim, & entrou com Elrey, aquem deu conta de sua jornada, pedindolhe aluiçaras: que ja tinha hũa fermosa fortaleza feita na ilha de Diu. Posto que estimou Elrey muito as boas nouas que lhe leuaua da India, vendo que lhe naõ leuaua cartas do Gouernador, naõ lhe fez gasalhados, antes se carregou & pesou muito: & embarcandose em vm bargantim, foi ver a fusta em que entrou &, notou de uagar, folgãdo de ver aquella fei-

çaõ de nauio, mandando dar de veſtir & dinheiro aos marinheiros. E naõ deixou de ter a Diogo Botelho por homem de grande animo & coraçaõ, & pera ſe lhe entregar & encarregar qualquer grande feito que ſe offereceſſe. E mandou que ſe varaſſe o nauio em Sacauem, onde eſteue muitos annos ate que acabou, indoo ver a mayor parte da Europa por eſpanto. Dizem que depois delle chegou Iſac do Cairo Iudeu com as cartas do Gouernador Nuno da Cunha, que elle deſpidio de Diu pera Elrey, que elle feſtejou muito, & deu ao Iudeo cento & corenta mil reis de tença em ſua vida,& outras merces na maõ. E Diogo Botelho Pereira eſteue muitos annos ſem lhe reſponder,& depois lhe deu a capitania de Saõ Thome em Portugal, polo ter fora do reino.E depois o deſpachou pera a India com a de Cananor, como em ſeu lugar diremos.

Tanto que Elrey teue as nouas mandou logo fazer grandes & ſolennes prociſſoens, & deuotos officios em louuor de Deos noſſo Senhor pella merce que lhe fizera. E deſpidio cartas ao Summo Pontifice de Roma,que era Paulo terceiro, em que lhe fazia a ſaber de como ficaua tẽdo na ilha de Diu hũa fermoſa fortaleza, com que eſperaua de enfrear, & quebrar a ſoberba do Turco, por ſer aquella a chaue de toda a India,& ſobre q̃ o Turco tinha metido tanto cabedal, com o que ficaua aquella fortaleza de Diu fazendo ſeguro o eſtado da India: & eſperaua em Deos noſſo Senhor de trazer á obediencia da igreja Romana todo aquelle Pagaiſmo: mandandolhe hũa muito larga relaçaõ de todas as couſas ſocedidas,depois que intentou tomar aquella fortaleza de Diu ate que ſe lhe entregou.

Chegadas as cartas ao Summo Pontifice, vendo nellas taõ boas, taõ felices, & alegres nouas pera toda a Chriſtandade,mandou ordenar hũa muito ſolenne prociſſaõ em que ſe elle achou com todo o ſagrado collegio dos Cardeaes,& diſſe Miſſa em Põtifical, & no cabo della fez meſtre Theofilo Eremita Napolitano da ordẽ de ſanto Agoſtinho hũa muito elegante fala em latim encomendandolha o Summo Pontifice por ſer homem doutiſsimo. E porque nella ſe trata hũa breue relaçaõ de todas as couſas que temos contado neſte negocio de Diu, & muitos louuores d'Elrey dom Ioaõ o terceiro, & da naçaõ Portugueza, nos pareceo bem pormola aqui toda de verbo ad verbum: aſsi pera autorizar com ella noſſa verdade,como por moſtrarmos que os louuores ditos por boca dos eſtranhos,ficaõ menos ſoſpeitoſos.Pera q̃ veja o mũdo (como algũas vezes diſſemos) que nos meſmos ſomos os q̃ menos caſo fazemos de noſ-

ſas couſas,que os eſtranhos.

Fala que meſtre Theofilo Napolitano eremita fez ao Papa,& ao collegio ſagrado dos Cardeaes.



PADRE ſantiſsimo, Cardeaes principes da terra: Se em algum tẽpo julgaſtes deuerẽſe a alguns dos mortaes eſtas ſolennes feſtas, ſantiſsimas cerimonias, & mũy claros pregoens, com muita verdade & rezaõ ſe deue julgar deuerenſe principalmẽte ao muito vitorioſo Rey de Portugal dõ Ioaõ o terceiro: que com taõ ſingulares nouas, & proſperas vitorias dos imigos de Chriſto, & de noſſa ſanta fé cada dia acrecenta, & emnobreſſe a Republica Chriſtã,& ſempre nella poem & intiſoura noua gloria, como poucos dias ha que trouxe & ſojeitou ao ſeu ſenhorio a fortiſsima cidade de Diu, vnica defenſaõ contra o furor dos ſoberbos & arrogantes Turcos, & ao meſmo ſenhor da dita cidade,que he o muito grande & poderoſo Rey de Cambaya: & deſta maneira acquirio a ſi facil & commodiſsima entrada pera ſogigar a Chriſto o muito grande ſenhorio de toda a India. Obras ſaõ eſtas a que ſe deuem eſtas grãdes honras pera que os autores dellas pera mayores couſas cada dia mais ſe animem. E poſto que por eſte reſpeito as naõ fazem, entendem daqui que quando as executaraõ foraõ ſuas obras acertadas. Mas primeiro que tudo cõfeſſemos recebermos eſtes taõ ſingulares beneficios da poderoſa & liberaliſsima maõ do Senhor Deos, & tambem ſe deue confeſſar que os recebemos pella felicidade & ſanta religiaõ de Paulo terceiro preſidente da Republica Chriſtã: porque nunca Deos tem tanta ira contra nos, nem eſtá taõ commouido contra noſſos peccados,que ſe eſqueça de ſua bondade & clemencia. Nem jà mais eſta taõ aparelhado pera vingança, quando o offendemos, que naõ eſteja mais pronto pera perdoar quando conhecermos noſſa culpa.

Iſto confeſſaõ todos aquelles que pella inclinaçaõ que tem de peccar, mediraõ a facilidade do Senhor pera perdoar: & muito mais o deuemos confeſſar os que viuemos atè eſte tempo em que como que eſtiueſſe taõ prouocado a ira por noſſa maldade, que parecia tirar ſua maõ de nòs: & como por iſſo eramos auexados com tantos males,& poſtos no fundo com tantas perdas,que naõ auia jà lugar pera onde ſe podeſſe fogir,nem modo pera poder eſcapar. Entaõ mouido eſſe meſmo Senhor pellos rogos & lagrimas dos humildes, aplacou ſua ira, & ſoccor-

ſoccorreo noſſas miſerias,pois deu por guia & regedor da Republica Chriſtã ao religioſiſsimo & ſantiſsimo Papa Paulo terceiro: por cujos merecimentos nos quis antes perdoar, que caſtigar por noſſas culpas. Por que tanto que foi criado por noſſo paſtor, logo nas couſas reſplandeceo noua figura como que as da fortuna & natureza ſe mudaſſem, & todas começaraõ ſoceder proſperamente. Antes diſto o crudeliſsimo Rey dos Turcos mouia atrociſsimas guerras contra Chriſtaõs, fazia muitos eſtragos,combatia & tomaua muitas cidades,& reinos: & por derradeiro o ſeu Barba roxa,ouſado capitaõ imigo de Chriſto com hũa grande frota ameaçando, rodeou noſſos cõfins,& occupou em Africa vm reino,& ordenou ahi aſſento contra Italia, principalmente contra eſta noſſa cidade de Roma,& ahi ſe fez forte & acrecentou ſeus exercitos & forças pera q̃ com mais facilidade nos cometeſſe. Mas tanto que começou a gouernar a igreija o Papa Paulo terceiro eſte imigo inchado com tãtas vitorias tornou a tras:& aleuãtado com tantos triumfos, voltou as coſtas: & ſoberbo com tantos esbulhos,aprendeo a auer medo. Digo que começando a reinar Paulo terceiro,os imigos de Chriſto mũy poderoſos foraõ afugentados,& derramados,& ſuas cidades & moniçoens tomadas,& ſuas forças abatidas. E das primeiras vitorias que delles ſe ouueraõ, he ſem nenhũa differença aquella q̃ ſe ganhou na India por Elrey de Portugal dom Ioaõ o terceiro.

Mas pera que hũa taõ inſigne vitoria ſe eſtime como ella merece ſer eſtimada de todos os Chriſtaõs: peço que me ouçais, & que com todo voſſo animo atenteis, porque ey de dizer couſas naõ ſó dinas de ſerem ouuidas, mas merecedoras que de neceſsidade ſe ſaibaõ: ainda que a grandeza deſte negocio me pedia mais tempo do que me he dado, & pella breuidade delle recuſara com rezaõ eſte trabalho de dizer ſe me fora dado, naõ obedecer a quem mo manda. E ſe me naõ parecera ſer mais feyo a vm homem religioſo calar em vm triumfo & prazer de Chriſtaõs taõ commum,que falar o que podeſſe,ainda que falar naõ ſoubeſſe.

O grande Rey dom Manoel pay deſte vitorioſo Rey dõ Ioaõ o terceiro fez muitas guerras, & ainda que deixo de falar nos outros Reys de Portugal atras,claros & naõ de menos virtudes por fama: por quem toda a Luſitania foi tirada do poder dos Arabios, & ganhado o reino pera ſeus ſoceſſores, & os muitos templos & caſas ſagradas que edificaraõ, podem dar teſtemunho de ſeu Catholico animo pera com Deos. Mas eſte grãde Rey dom Manoel conqui-

conquiſtou por armas a Etiopia, Arabia,Perſia,& a India citerior, & nauegaraõ os ſeus aquelle grãde eſpaço de mar Oçeano, que nenhum dos mortaes antes delles ouſaraõ nauegar paſſando de todo pello mar Roxo. E nas ditas partes teue muitas guerras, & deu muitas batalhas, occupou muitas & diuerſas regioens: Sojeitando muitos reinos, & ſenhorios a ſeu poder. E o que foi muito mayor do que he todo o louuor, leuou o nome & fe de Chriſto aos mais remotos fins da redondeza da terra. E em taõ claros feitos & vitorias, ficaua na India inteiro, & ſem ſer tentado dos Portugueſes o reino de Cambaya: principalmente aquella muito fortificada cidade & fortaleza celebrada no dito reino jardim de todo o Oriente a que chamaõ Diu, que eſtá poſta na entrada do mar Indico,& no eſtremo promontorio da enceada Cãtincolpus,cidade muito conueniente pera os Portugueſes della reſiſtirem ao poder & furor dos Turcos. Que com grande frota junta no mar da Arabia ameaçauaõ auerem de ir a dita cidade polas fozes do mar Roxo & tomarem por força tudo o que os Chriſtaõs tinhaõ occupado, & q̃ aſsi ſeriaõ ſenhores de todo o imperio do mar Indico.

Era eſta cidade, aſsi pella condiçaõ & natureza do lugar, como por artificio humano inexpugnauel: porque eſtaua edificada ſobre hũa rocha,cercada de muros,& de muitas torres, & valada toda em roda com vm aparato de machinas de arame,que parecia ſer mais propria pera ſer guarda de molheres, que pera ſe nella exercitarem homens. Eſta poſto que muitas vezes os Portugueſes a cometeſſem com todas ſuas forças, & nenhũa couſa aproueitaſſe, com tudo Elrey dom Manoel, que todas as mais couſas acabara com facilidade,pera que naõ foſſe viſto com algũa quebra, deſiſtio deſta impreſa,onde fizera tantos gaſtos, com perda de homens & naos, & nenhũa couſa mais deſejaua& menos eſperaua : por que em pouco eſtimaua o nome & ſenhorio que ganhara na India, pois naõ tomaua eſte lugar. E como naõ viſſe modo pera pór por obra ſeu deſejo,& deſconfiaſſe poder alcançala por ſaber humano, determinou de a deixar,& dilatar eſta impreſa pera outro tempo que lhe ſocedeſſe milhor, & ſe offereceſſe occaſiaõ de mais proſpero & felice ſoceſſo.

O Rey vitorioſo, pera iſto vos chama voſſa boa fortuna, & eſta vitoria ſe guarda pera voſſa dita & grande felicidade. Ora armaiuos pera obra que he de tanto trabalho. Que couſa auerà que vos poſſa mouer diſto? Por ventura a a difficuldade do lugar? Como, a prudencia naõ vence tudo? Naõ he ella mais poderoſa que a fortaleza?

leza? Onde o liaõ naõ chega traga aſsi a pelle da raposa. Pola ventura o poder & grande numero dos imigos poem eſſe medo? Parece que naõ, porque lemos ſerem muitos quaſi ſem numero vencidos & desbaratados de poucos, porque naõ he a multidaõ a que vence, ſe naõ o valor & a prudencia. Detemuos pella ventura as grandes fortalezas, & grandeza dos trabalhos,& exercitos de ſocorro? Todas eſtas & outras mayores difficuldades, vence a induſtria & ſaber da guerra. Aja vontade de cometer a obra, que naõ faltará poder pera a acabar. Se cõſideraes a difficuldade preſente, ponde os olhos na gloria que ſe eſpera alcançar,& ſeruos à tudo facil: por que mais he o que ſe eſpera de premio, do que he o que ſe repreſenta de trabalho: porque o perigo de pouco tempo, ſe reſtaura & ſatisfaz com ſe alcançar hũa gloria perpetua & fama que ſempre dura. E alem diſſo tanto mais doçe & goſtoſa ſoe ſer a vitoria, quanto com mor riſco & perigo ſe alcançou.

Cuidando comſigo Elrey dom Ioaõ eſtas couſas,ouçaõme o modo que teue de alcançar a vitoria. Eſte valeroſo Rey verdadeiro imitador da gloria de ſeu pay, parecendolhe que naõ ficara tanto herdeiro do reino, quanto da virtude: & como tiueſſe pera ſi que naõ baſtaua pera ſeu eſtado defender ſomente o que lhe ficou de ſeu pay,Rey taõ vitorioſo, ſe elle naõ fizeſſe outras couſas algũas dinas de immortal memoria,& merecedoras de ſeus ſoceſſores as imitarem. (Porque os Reys naõ ſe aõ de entregar ao òçio & deleitaçoẽs, mas aõ ſempre de trabalhar por couſas que dem aos que depois vierem teſtemunho de como viueraõ, & foraõ merecedores do reino, & de como fizeraõ feitos, que os outros podeſſem eſcreuer, & imitar.) Manda a ſeus capitaẽs que tinha na India que naõ ceſsẽ do negocio da guerra, nem menos trabalhem,em quanto elle reinar,por fazerem couſas nouas, & ganharem nouos reinos, do que trabalharaõ em tempo de ſeu pay: mas antes com mais prontos animos,& esforçados coraçoens inſiſtaõ na gloria da guerra, & que cometeſſem outra vez a cidade de Diu, impreſa que ſeu pay jà deixara,& em que elle naõ desfaleçeria, em taõ honrados começos: E que pera tomarem aquella fortaleza naõ perdoaſſem a trabalhos,nem a deſpezas, porque naquelle negocio conſiſtia toda a ſumma & perfeiçaõ das vitorias: & com aquelle feito acabado ſe ficaua aprouando ſua fè & conſtancia.

Os ſeus capitaens por obedecerem mais á vontade & mandamento do ſeu Rey, que por terem confiança de aproueitarem algũa

couſa

cousa no que lhe mandaua, começaraõ logo a renouar a guerra, poẽ sua frota de fronte da cidade, lançaõ gente fora, & com diligencia atentaõ todos os lugares donde se possa cometer, insistem na obra cometendoa muitas vezes com grande impeto & furor, às vezes simulauaõ & fingiaõ retrairse pera tomarem algũas guardas descuidadas, naõ deixando cousa que naõ tentassem, cometessem, & experimentassem: & por derradeiro escreuem a Elrey naõ terem esperança de algum bom effeito sem o socorro diuino: & que se insistissem em cometerem a fortaleza, affirmauaõ que seria com grande dano dos seus, & perda da frota. Ouuindo isto Elrey, toma milhor conselho, por naõ pór os seus a tanto perigo: & ordena leuarse aquelle negocio por outra via, fazendo guerra continua áquelle Rey, & ao reino saqueandolhe cidades, destruindolhe os campos, & impedindolhe por mar & por terra os mantimentos, atè que cansado, & forçado da necessidade viesse a concerto, & offerecesse fortaleza na ilha de Diu, onde tãto auia que se desejaua: & o caso socedeo cõforme aos desejos d'Elrey. Por que Soltaõ Badur Rey de Cambaya perseguido com tãtas perdas & danos do reino, que lhe naõ dauaõ lugar pera poder respirar, espantado do grande esforço dos Portugueses, pera que merecesse sua graça & amizade entrega a Nuno da Cunha Gouernador da India em nome d'Elrey de Portugal, a cidade de Baçaim com todos os seus termos & rendas:

Está esta cidade junto do mar, assentada pera a parte do Oriẽte, mũy rica de campos, lugares, aldeas, & ilhas que daõ a Elrey cada anno de pẽsaõ cem mil cruzados. E pella grande fertilidade da terra he muito populosa, & abundãte de todas as cousas, principalmẽte de matos, que em muita abundancia daõ madeira pera edificaçaõ de todas as naos & armadas. E naõ dahi a muito tempo, peraq̃ o Badur confirmasse a paz & amizade com os Portugueses, fez a saber a Nuno da Cunha que determinaua entregarse a si, & a cidade de Diu com alguns honestos partidos, & que pera isso fosse logo verse com elle pera que fizesse hũa fortaleza no lugar que quizesse. Aluoroçado Nuno da Cunha cõ nouas de tanto gosto & contentamẽto, partio pera a cidade de Diu com sua frota bem armada, que com muita diligencia ordenou edificar hũa fortaleza na milhor parte da cidade sobre o porto, cõ baluartes & muros sobre o mar, & fez pacto com Elrey de Cambaya que naõ consentisse entrarẽ os Turcos pellos termos de seus reinos, nem os ajudasse com soccorro, nem mantimentos: & asi

fez

fez outros concertos de muita hõra aos Portugueſes, ſobre o q̃ Nuno da Cunha eſcreueo cartas a ſeu Rey muito mais diſcretas & copioſas,do que eu poderei em breue dizer com palauras.

Mas eſtãdo as couſas neſte eſtado,ſocedeo vm caſo muito opportuno pera boa felicidade & dita d'Elrey de Portugal: eſte foi, que Hamaú Paxa Rey de Carmania veyo cõtra o Badur Rey de Cambaya (naõ ſei por q̃ cauſa) com ſetenta mil frecheiros de caualo, ſegũdo os coſtumes dos Parthos, & cõ elles duzentos mil de pé: & Elrey de Cambaya bẽ podera encõtralo no caminho, naõ cõ menos exercito que o ſeu,mas vſando de maos conſelheiros pera q̃ naõ paſſaſſem ſeus ſoldados o perigo a arbitrio da fortuna, q̃ principalmente tem dominio nas guerras retraindoſe de pelejar,& ſe recolheo a parte ſegura. Mas Elrey de Carmania lhe tomou todos os mantimentos por ſer mais esforçado cõ gente de caualo. Vẽdo Soltaõ Badur perecer a ſua gente á fome pera que elle com os ſeus juntamẽte naõ foſſe catiuo do imigo, tomou conſelho ſobre a fogida que tãto que ſe publicou, naõ ſe pode crer quaõ derribados & poſtos por terra ficaraõ os coraçoens & animos dos ſoldados, & tanto enfraqueceraõ cortados do medo & temor, que como os imigos os cometeraõ,faciliſsimamente ſe lhe rẽdiaõ & entregauaõ cruzando as maõs, ſem eſperarẽ golpe d'eſpada. Pello q̃ ſaindoſſe Badur ſecretamẽte do arrayal com ſua familia & riquezas,& cõ todo o mouel de ſua caſa real ſe foi acolher a cidade de Diu, fortaleza muito ſegura mais pera ſer viſta de longe, que pera ſe combater de perto, pera q̃ nella os Portugueſes foſſem a ſua total defenſaõ.

Eſta fortaleza ſe entregou com todas as ſuas couſas a Nuno da Cunha Gouernador da India em nome d'Elrey de Portugal. Deſta maneira ſocedeo q̃ os Portugueſes naõ ſomente tiueſſem a cidade de Diu, por tanto tempo deſejada, mas ainda a de Baçaim cidade inſigne, chea de muitas riquezas, cõ o ſeu proprio Rey, & todo o reino que era terror da India. Eſte vitorioſiſsimo Rey dom Ioaõ fez vaõs os votos de Alexandre,quando ſacrificou aos ſeus deoſes no mar Indico,& depois de feitos ſeus ſacrificios lhe rogou naõ permitiſſem a algum dos mortaes paſſar alem d'aquelles termos que elle paſſara: mas Elrey dõ Ioaõ o terceiro fez pór mais largos termos muito certo caminho aos ſeus. Alexandre Magno alem do rio Gange caminhou por terra pera a India por caminhos ſabidos & trilhados: mas Elrey dom Ioaõ,q̃ abrio caminhos aos mortaes por onde antes naõ era caminho,por que ſe naõ chamará magno? Entrou pel-

lo mar Oceano a te chegar as regioens & lugares mũy desconhecidos aos homẽs, onde nunca se chegou por nauegaçaõ, & entrou pellos fins da redondeza da terra. Alexandre temse por magno, porq̃ por onde passaua trazia, & sojeitaua a seu jugo Reys & seus reinos: pois por que por isso mesmo naõ se terá asi por magno Elrey dom Ioaõ o terceiro, que todas as partes que conquistou, trouxe a seu poder & senhorio.

Dizem de Alexandre magno, que alem de outros feitos illustres com que grandemente floreceo, foi edificar a cidade de Diu nas partes da India, q̃ cõ nenhũas forças se podesse vẽcer pelejando, & q̃ fosse senhora da terra & do mar: por q̃ naõ se terá por mayor q̃ elle Elrey dõ Ioaõ, que por sua industria tomou & senhoreou a mesma cidade, ainda q̃ fosse inexpugnauel, ficando senhor do mar & da terra? Por q̃ se affirma com rezaõ que Alexãdre fundou esta cidade, & lhe chamou de seu nome Diu: por q̃ elle dos aduladores & ligongeiros se chamaua Diuus filho de Iupiter Amon: este vocabulo Grego, Diuo, em lingoa Latina, quer dizer, diuino: E tambem edificou outra na Asiria do mesmo nome.

Elrey Badur naõ recusou pelejar cõ Hamaú por amoestaçaõ humana, mas o conselho diuino, que tudo dispoem suauemente, o deteue, pera que naõ experimentasse suas forças, nem ouzasse cometer as dos imigos: por que Elrey de Carmania, ainda que potẽtisimo, naõ era taõ poderoso, que pozesse em fogida a Elrey de Cambaya: o poder de Deos o compelio & o fez fogir, & naõ o impeto & forças de Hamaú, mas o poder da diuina vontade o constrangeo vir fogindo a tè a cidade de Diu, pera q̃ o sometesse ao arbitrio & poder dos Christaõs. E isto se deue ter por muito certo argumẽto da diuina prouidẽcia, sem o q̃ deuem todos ter pera si que nenhũa cousa acontece, nenhũa se faz nas cousas humanas, que Deos o naõ proueja, determine, & declare.

O Rey inuenciuel, naõ vedes quãto Deos estima vossa religiaõ, quanto fauorece vossa virtude, quaõ presente está a vossos intentos & desejos: mais tendes do que desejastes, mais alcançastes do que esperaueis, & mais do que se pode crer. O verdadeiro Rey dom Ioaõ o Magno que pera si ganhou grande nome antre naçoens taõ estranhas, estranhas mostrastes vossas forças a pouos indomitos, ferocisimos, & pertinazes desistimadores da vossa & nossa santissima fé. Enxiristis a religiaõ Christã nos lugares & coraçoens das gentes remotisimas & ferozes: ganhastes taõ grãde numero d'almas a Deos nosso Senhor. Com verdade bem auenturado, que cõ a prospera felicidade de Paulo terceiro

ceiro vencestes a difficuldade da natureza & grandeza das forças humanas: & o que vossos antepassados naõ poderaõ, vos só o acabastes. Com que louuores vos louuarei, que taõ longe estẽdestes & tanto dilatastes o imperio de Christo? Que graças, que louuores vos podemos dar por cerrardes o impeto feròz dos Turcos, pera naõ poderem ter entrada nas terras dos Christaõs? Que insignias, q̃ estatuas vos leuantaremos por destruirdes tãtos exercitos de Mouros, & vencerdes tantos & taõ poderosos Reys? Que triũfos vos ordenaremos por tantas vitorias quantas alcançastes dos imigos de Christo? Que titulo vos daremos, por ganhardes tantos reinos.

Publio Cornelio Scipiaõ porq̃ venceo em Africa Anibal, se chamou Africano, Leucer seu irmaõ por vẽcer em Asia Elrey Anthioco, Asiatico. Publio Cornelio Scipiaõ Emiliano porque destruyo a Numancia, Numantino. E outros muitos mereceraõ nomes por gentes que venceraõ: mas Elrey dom Ioaõ que com soccorros muito fortes, & gastos immensos sustenta noue cidades fortisſimas em Africa, & com fortaleza & constancia as defende dos encontros & cõbates dos imigos de cada dia, & ainda de cada hora, & segura naõ somẽte a Lusitania de que he Rey, & muitos reinos fez seus, & sempre com felicidade pelejou tendo a Deos por sua guia, naõ se chamarà certo Elrey dom Ioaõ Africano, naõ Ethiopico, naõ Persico, naõ Arabico, naõ Indico, mas domador de todas estes gentes & senhorios: mas perseguidor dos Mouros, & defensor da religiaõ Christã. Padre beatisſimo cõ rezaõ vos deueis de alegrar muito, q̃ sendo Gouernador da barca de Christo, este Rey taõ vitorioso ajà passado taõ sem medo tantos mares, & trazido á verdadeira fe as mais apartadas & remotas partes da redõdeza da terra. Porq̃ as vossas oraçoẽs, & as nossas juntamẽte sendo vos o autor, offerecidas diãte de Deos, naõ foraõ em vaõ, nẽ o Senhor Deos de todo desistimou vossas nẽ nossas lagrimas & sospiros. E posto q̃ Reys Christianisſimos, & religiosisſimos contendaõ antre si cõ odios, & perturbẽ a paz & sossego dos Christaõs, & leuantem muito grãdes ondas na vossa barca, naõ falece com tudo em outra parte Rey potẽtisſimo, Rey poderosisſimo, Rey religiosisſimo, que naõ peleja contra Christaõs, mas contra os inimigos de Christo: naõ faz entradas por terras de Catholicos, mas de Mouros. Naõ toma cidades d'aquelles que estaõ conjuntos com a fé, mas dos infieis que saõ contra ella. Naõ persegue aos principes pios, mas aos impijsſimos. Naõ derrama sangue de fieis, mas de infieis.

Esta sô empresa tomou á sua conta de destruir o poder dos Mouros,& tirarlhes de todo o senhorio. Este sò caminho ordenou pera acquirir louuor: debilitarlhes as forças, por que nenhũa cousa lhe parece milhor que mostrarse delles temido: nenhũa julga por mais honesta,que serlhes contrario: nenhũa por mayor, que constituirse por senhor delles. Prouuesse a Deos que os outros Principes Christaõs fizessem isto, & os odios que se tem vns contra os outros,cõuertessem contra os imigos de Christo. Senhor se vos aprouuesse que estes trabalhassem por este genero de gloria,& que as forças q̃ cõtra si experimentaõ, se empregassem todas nos Turcos , & que de tais feitos como estes se ouuessem inueja vns aos outros.

Padre santisimo se naõ trabalhaes com vossa prudencia, saber, & autoridade de concordar as differẽças dos principes Christaõs,& cortar toda a occasiaõ de guerra (como na verdade fazeis)se os naõ exhortaes, a que naõ somente deixem as armas,que tomaraõ pera se destruir, mas ainda conformes nas vontades, as tomem pera apagarẽ os imigos de Christo,& do seu santisimo & gloriosissimo nome : & se os naõ amoestaes, q̃ naõ somẽte tornem em graça & firme amizade,mas q̃ se vnaõ pera destruiçaõ dos Turcos: se algum tempo naõ prouerdes a nossas cousas que asi estaõ affligidas, miseros de nos cõ que trabalhos naõ seremos auexados ? Que inuençaõ de males & desauenturas naõ experimentaremos? Por isso Sãtisimo padre naõ desistaes de com continuas oraçoens, & piadosos votos pedir a Deos que ajunte & vna em amor os coraçoẽs & võtades destes principes, & os incite & inflame pera oprimirem o furor dos Turcos : E com esta tal obra nos restituaõ paz & spirito,& elles fiquem mais gratos a Deos,& dos homẽs mais encomẽdados,& por taes merecimẽtos na Republica de Christo, naõ hũa vez,mas muitas sejaõ celebrados, como he agora o mũy claro Rey de Portugal dom Ioaõ terceiro, com os mesmos sacrificios, & solennes cerimonias, & iguaes pregoens de louuores.

CAPITVLO III.

Da alteraçaõ que Manoel de Sousa capitaõ de Diu sentio na gente da terra. E de como o Gouernador Nuno da Cunha acodio a isso . E despedio Martim Afonso de Sousa pera a costa do Malauar.



DESPEDIDO Martim Afonso de Sousa pera Cochim, teue o Gouernador logo cartas de Manoel

noel de Sousa capitaõ de Diu, em que lhe pedia com muita instancia fosse acodir às cousas d'aquella fortaleza, porque auia grãdes mouimentos & alteraçoens nos naturaes: & q̃ tinha por mũy certo que Soltaõ Badur descarregaria sobre ella toda sua potencia, como de feito elle se preparaua pera isso: por que des que teue recado de serem os Magores saidos de seus reinos, começou a resfolegar, & a tomar alento. E assi logo lhe começaraõ a acodir alguns Rayas, Resbutos seus vassalos que se fortificaraõ em serras & passos difficultosos a onde escaparaõ da furia dos Magores. E recrecendo muita gente a ver o seu Rey, tornou a fazer vm potente exercito, com que foi visitar seus reinos, tornandoos a sossegar & quietar, no q̃ gastou o inuerno: & na entrada do veraõ tornouse pera a cidade de Amadaba.

Vẽdosse este barbaro outra vez em sua potencia, cuidando nos socessos passados, & de como por sua fraqueza estiuera arriscado a perder vm tamanho imperio, & q̃ ella fora causa de elle conceder fortaleza em Diu aos Portugueses (cousa que mais sentia que todas, de que andaua taõ triste & malenconizado que naõ admitia cõselho de ninguem: porque via que suas naos, que d'aquella ilha partiaõ pera Meca, naõ podiaõ jà nauegar com aquella liberdade que dantes, & que forçado auiaõ de tomar saluo conduto dos Gouernadores da India, do que se auia por muito afrontado: porque lhe ficauaõ tendo os Portugueses com aquella fortaleza vm pe no pescoço, como em outro tempo a cidade de Argos em Corintho em poder de estrangeiros a toda Grecia, que pello muito que sojugauaõ aquelle imperio lhe chamauaõ grilhoens de Grecia. Assi na verdade esta fortaleza de Diu o ficaua sendo a todo o reino de Cambaya. Do que o Badur andaua taõ apaixonado, que naõ auia poderemno consolar, com lhe affirmarem os grandes, que todas as vezes que quizesse isentaria a sua ilha: o que podia fazer pola fraqueza d'aquella fortaleza, & da falta da agoa, & lenha, & de todas as mais cousas de que se prouia da ilha: que como se lhe defendessem, sem golpe de espada lha tornariaõ os Portugueses a entregar. Com isto se moderaua elle algũa cousa em sua paixaõ: mas naõ pera deixarem de lha entender todos, tratando de pór logo as maõs áquelle negocio.

E como todos entendiaõ a võtade de seu Rey, começaraõ os nossos em Diu a sentir algũa alteraçaõ na gente da cidade, onde yaõ comprar as cousas necessarias, por que lhes faziaõ os Mouros algũas sobrançarias, que muitos sofriaõ taõ mal, que lançauaõ maõ

às espadas pera logo se satisfazerẽ: & asi se altercauaõ algũas brigas em que ouue dano de parte a parte. O que Manoel de Sousa capitaõ da fortaleza sentia muito, mas disimulaua por lhe ser asi necessario, por que naõ tinha outra agoa, senaõ a que lhe leuauaõ da ilha. De todas estas cousas auisou logo ao Gouernador, & lhe pedio que acodisse com muita pressa a ellas. Vendo Nuno da Cunha tãtos mares aleuantados pola proa, encomendou tudo a Deos. E pondo em conselho aquelle negocio, assentouse ser necessario largar tudo, & acodir a Diu que era o mais importante da India. Com esta resoluçaõ despedio logo Diogo de Mesquita em Catur muito ligeiro pera ir a Cambaya visitar Soltaõ Badur como de si, porque era muito seu amigo do tempo q̃ la esteue catiuo: porque como sabia muito bem a lingoa Guzarata, & era fidalgo de muito bom intendimento, podia notar tudo, & saber por suas intelligencias a determinaçaõ de Soltaõ Badur. Encomendãdolhe muito aquelle negocio, & que o fosse esperar a Madre Faual, pera que quando elle atrauessasse a Diu, o achasse jà ali pera o auisar do que là ya.

Partido Diogo de Mesquita, despachou o Gouernador as naos do reino, de que era capitaõ mór Iorge Cabral, pera irem tomar a carga a Cochim, escreuendo a Elrey o estado em que a India ficaua. E desembaraçandosse de todos os negocios, embarcouse pera Diu no primeiro de Ianeiro de 1531. com so coatro Galeoens, & doze nauios de remo, & foi tomar Chaul, onde o deixaremos: porque he rezaõ que continuemos cõ Martim Afonso de Sousa, que deixamos despedido do Gouernador Nuno da Cunha pera se partir pera Cochim.

CAPITOLO IIII.

Que trata da viagem que Martim Afonso de Sousa capitaõ môr do mar fez quando o Gouernador Nuno da Cunha o mandou â costa do Malauar. E de como destruio & desbaratou os Principes Malauares na ilha de Repelim, indo em sua ajuda Iorge Cabral capitaõ môr das naos do reino, com os capitaens das naos de sua conserua, que estauaõ em Cochim pera tomar a carga da pimenta.



COMO ventauaõ os Leuantes q̃ eraõ prosperos pera a jornada que Martim Afonso de Sousa auia de fazer pera a costa do Malauar, em poucos dias a foi tomar, por

por onde foi dando, destruindo, & assolando todos os lugares maritimos do reino do Camorim, q̃ estaua jà com todos os Principes do seu bando na ilha de Repelim: posto que sua pessoa naõ tinha ainda passado a ella, por lho defenderem os nossos nauios, que jà la andauaõ nos passos: & os Principes da sua liga primeiro que elle chegasse se tinha jà metido dentro com corenta mil homens: & o Camorim estaua da outra banda cõ outra mayor copia. Elrey de Cochim, & o doutor Pero Vaz d'Amaral veador da fazenda, & capitaõ de Cochim estauaõ tambem com todo o poder nos paços, porque o Camorim naõ passasse á ilha, tendo com a sua gente muitas escaramuças, em que os Portugueses, que eraõ seis cẽtos, tinhaõ sempre o milhor quinhaõ, porque sobre elles descarregaua Elrey aquelle negocio. Depois que Martim Afonso de Sousa deu aquelle grãde & soberbo castigo pella costa do Malauar deixandoa quasi toda metida a ferro & fogo, foi passando a Cochim onde chegou, & soube estar Elrey de Cochim cõ o capitaõ sobre os passos de Repelim, & ajuntandosse com Iorge Cabral capitaõ mór das naos, & cõ os capitaens dellas, & da armada, pós em conselho o que faria naquelle negocio: & assentouse que era necessario meterse todo o resto, & trabalharse por deitarẽ fora aquelles Principes: porque se se disimulasse com elles, podia ser destruiçaõ do reino de Cochim, & de toda a India. Pera o que Iorge Cabral se offereceo com toda a gente de suas naos.

Assentado isto, negociouse o capitaõ mór, & Iorge Cabral, com todos os capitaens das suas naos nos seus bateis, em que mandou meter falcoens, & berços, & a mor parte da gente das naos, & prestes tudo foraõse pellos rios dentro, & chegaraõ aos passos em que Elrey de Cochim, com o capitaõ estauaõ, de quem foi muito festejado. E praticando sobre aquelle negocio, ordenaraõ de passarem logo à ilha de Repelim, & naõ consumirem o tempo em saltos & escaramussas. Martim Afonso de Sousa fez alardo de todos os Portugueses, & achou mil & duzentos de que fez duas batalhas: elle, que auia de leuar a dianteira, hũa de toda a soldadesca, & o doutor Pero Vaz d'Amaral capitaõ com toda a gente das naos & a de Cochim a outra, que auia de acompanhar Elrey de Cochim, que tinha com os do seu bando perto de quinze mil homens, querendo Iorge Cabral com os seus capitaẽs acharse na dianteira com Martim Afonso de Sousa.

Negociados todos vm dia de madrugada saltaraõ em terra, onde acharaõ os Principes com grosso poder, que acodiraõ a lhes de-

 fender

fender a desembarcaçaõ, trauandosse entre todos hũa muito aspera & cruel batalha, em que começou auer muito dano d'ambas as partes. Das particularidades desta batalha naõ trataremos, por que naõ achamos jà homens dos que nella se acharaõ, nem lembranças algũas: somente sabemos que estiueraõ os nossos de todo perdidos: tanto, que lhes foi necessario a todos pelejarem polas vidas, que todos tiueraõ bem arriscadas. E foi a cousa de feiçaõ, que começou a auer desmando nos nossos em algũas partes. Elrey de Cochim, & o doutor Pero Vaz d'Amaral tambem estiueraõ em grande perigo: mas Martim Afonso de Sousa foi o que esteue de todo desbaratado por carregar sobre elle todo o poder. Aqui fizeraõ elle, Iorge Cabral, Antonio da Sylua, & outros capitaens & caualeiros cousas mui to notaueis, sustentando elles o pezo dos imigos, que como desesperados remetiaõ com os nossos metendosse por suas armas sem receyo nem temor da morte. E assi apertaraõ tanto com os nossos, q̃ se vio Martim Afonso de Sousa perdido, & recolheremse os seus como desbaratados:

E vendosse naquelle trance olhou pera Antonio da Sylua, que estaua mais perto delle, & perguntoulhe o que fariaõ? Ao que lhe elle respondeo, que jà naõ auia outro conselho mais que encomẽdar a Deos, & ao valor do braço.

E acodindolhe á memoria vm remedio mũy apressado (que foi a total saluaçaõ de todos) mandou o pór por obra. Que foi mandar a vm d'aquelles capitaens: que se embarcasse em alguns nauios, & fosse dar por outra parte da ilha pera diuertir os imigos, o que elle logo fez, (& quem foi naõ achamos em lembrança, somente sabemos que se embarcou) & com alguns nauios cheos de moços, & muitos com muitas lanças, tocãdo trombetas & tambores, foi demãdar outro passo, fazendo tamanho estrondo com os gritos, vozarias, & bombardadas, que sendo ouuidas dos imigos, que andauaõ jà como vitoriosos, embaraçados com aquelle negocio pararaõ, leuando jà Martim Afonso de Sousa de arrancada. E elle como bom caualeiro que era, & de grande acordo, entendeo aquelle termo que os imigos fizeraõ, & ouuindo lá os estrondos dos nauios, apelidando rijamente Santiago, foi carregando sobre elles, acompanhado de Iorge Cabral, de Antonio da Sylua, & dos mais fidalgos & capitaens, leuando com aquelle impetu os imigos de arrancada os começou a pór em disbarato.

Assi lemos que acõteceo a Minucio Rufo naquella grande batalha que teue com os Scordises & Decios: mas este, primeiro que desse a batalha, tinha mandado a

seu

ſeu irmaõ que com os eſcrauos & outra gẽte inutil, arrebentaſſe por outra parte como que ya de refreſco: com o que diſbaratou os imigos. Mas Martim Afonſo de Souſa naõ tinha dado ordem a eſte negocio: antes ali ſe lhe offereceo de repente,& foi de tanto proueito,que logo os imigos ſe poſeraõ em fogida. Viſta aquella ſupita mudança pellos noſſos, tornaraõ a voltar,bradando vitoria, vitoria . Elrey de Cochim,& o doutor Pero Vaz d'Amaral capitaõ de Cochim , que tambem eſtiueraõ em grande balanço, ouuindo a voz, arrebentaraõ ſobre os imigos em quẽ foraõ matando cruelmente. O principe de Repelim vẽdoſſe perdido,& a deſtruiçaõ que os noſſos yaõ fazendo nos ſeus, tratou de ſaluar ſua peſſoa,& logo ſe paſſou á outra banda por outro paço, por onde ſe paſſaraõ a mór parte dos ſeus. Martim Afonſo de Souſa foi ſeguindo os imigos atẽ os enſacar & ficar ſenhor de toda a ilha , que foi ſaqueada & roubada: & ali a entregou a Elrey de Cochim,que a mandou fortificar muito bem pellos paços.

E por que já ali naõ auia que fazer,por ſer o Camorim recolhido : deu o capitaõ mór ordem á guarda dos rios com nauios & Máchuas, que pera iſſo deixou ordenados. Elrey recolheo aquella pedra em que os Camorins ſe coſtumauaõ a coroar, que elle eſtimou ſobre todos os tiſouros da vida, & com iſſo ſe foraõ pera Cochim, deixando Elrey alguns Caimais ſeus na ilha com gente de guarniçaõ.

Iorge Cabral tratou logo da carga das naos, pera o que começou a correr a Pimenta muito bẽ, por ordem d'aquelles Principes & Caimais do bando d'Elrey de Cochim. E pello ſeruiço que niſto fizeraõ a Elrey de Portugal,lhes ordenou o veador da fazenda de Cochim, com parecer do capitaõ mór ſetenta mil reis de tença cada anno a cada hum,pagos na feitoria de Cochim . Eſtas tenças ſe lhe pagaraõ ſempre mũy bem , atè o meſmo Martim Afonſo de Souſa tornar por Gouernador da India, que lhas mandou tirar por poupar a fazenda d'Elrey : o que ſe logo começou a ſintir na falta que começou auer de pimẽta pera as naos,ſobre o que ſe gaſtou depois infinito dinheiro em armadas por aquelles rios, como em ſeu lugar mais largamente diremos.

Iſto foi ſempre muito ordinario,pouparem (como diz o adaio velho) os farelos, & derramarem a farinha: por que eſtas couſas, nẽ outras deſta ſórte, naõ empobreſſem o Rey, antes o enriqueſſem mais. E ſempre foi muito antigo enganaremſe os Reys com lhe eſcreuerem que lhe acrecentaõ a fazenda,encobrindolhe as perdas & danos que por eſſa cauſa & por

outras

outras lhe daõ. E deixando esta materia, primeiro que tratemos das cousas de Diu, nos pareceo bẽ darmos relaçaõ das de Ceilaõ, por naõ largarmos das maõs Martim Afonso de Sousa: & jà que està vitorioso, sigamos sua fortuna a tè o cabo, & depois tornaremos às cousas que trataremos de por si pollas naõ misturarmos.

CAPITVLO V.

Da antiguidade da pouoaçaõ da ilha de Ceilaõ: do principio & origem dos seus Reys, & de todos os que teue a tè Bonoega Bao pandar, que neste anno de trinta & sete reinaua.



IA que nos cabe aqui entrar com as guerras de Ceilaõ (que des que descobrimos aquella ilha foi sempre ao estado da India outro Carthago a Roma: por que pouco & pouco a foi consumindo em despezas, gente, & artelharia. Tanto, que ella só tem gastado com suas guerras mais que todas as outras conquistas deste Oriẽte) serà bem darmos rezaõ do principio de sua pouoaçaõ, & da origẽ dos seus Reys, cousa de que a tè gora ninguem escreueo senaõ nòs, o que nos custou muito aueriguar por suas proprias escrituras, que achamos em maõs d'alguns Principes d'aquella ilha que vieraõ a esta cidade de Goa.

Pello que se a de saber que perto de quinhentos annos antes da vinda de Christo, reinando no reino de Ajota (a que oje chamamos Tanaçarim) vm Rey gentio, que entaõ possuya o mayor imperio do Oriente: por que tinha debaixo do seu cetro tudo o que jaz da ribeira do Gange a tè Cochim, China, & pello sertaõ a tè quasi corenta graos do Norte. Este Rey tinha vm filho chamado Vigia Raya herdeiro do reino, taõ auesso, & de taõ estragada natureza, que em todos os senhorios do pay lhe naõ escapaua molher casada, ou donzella que desejasse, que lhe naõ fosse logo trazida, afrontandoas, & deshonrandoas: matando & espedaçando a todos os que lho queriaõ defender: vsando outras deshumanidades brutaes: com o que escandalizou tanto a todos, que de jà o naõ poderem sofrer, se ajuntaraõ os pouos & foraõ clamar ao pay, & a pedirlhe justiça de tantas afrontas & cruezas. E como elle estaua escandalizado do filho, por lhe naõ ver emmenda, nem sintir inclinaçaõ pera o bem, tendoo jà muitas vezes amoestado: mãdou em segredo negociar muitas embarcaçoens, & meterlhes dentro mantimẽtos & cousas necessarias, & tendo tudo prestes, tomou o

filho

filho de ſobre ſalto, & o embarcou com ſete centos mancebos de ſua idade, & de ſua criaçaõ, que nas ſuas torpezas todos lhe foraõ ſempre companheiros: porque era coſtume naquelle reino o dia que nacia o filho herdeiro, mandar Elrey por todos os reinos que tinha eſcreuer & matricular todos os filhos machos, que no meſmo dia naceraõ, que traziaõ á corte de ſete annos por diante pera ſerem criados em companhia do Principe: & o dia em que eſte naceo, ſe achou hũa grãde ſoma delles, de q̃ ſetecentos eraõ ainda viuos.

Depois de Elrey embarcar o filho, lhe diſſe: que ſe foſſe pello mundo buſcar terras que pouoaſſe, & que naõ tornaſſe a ſeu reino, por que o auia de matar a elle & a todos os mais. Partido eſte Principe, deu á vela, & foi á vontade dos ventos ſem ſaber por onde ya, & em poucos dias foi auer viſta de hũa ilha deſerta, que he eſta de Ceilaõ, que tomou pella banda de dentro, em vm porto que ſe chama Preaturè, que eſtá entre Triquillimalé, & a ponta de Iafanapataõ: & deſembarcando em terra ficaraõ muito ſatisfeitos da ſuauidade de ſeus cheiros, da brandura de ſeus ares, da freſquidaõ de ſuas ribeiras, & da fermoſura de ſeus aruoredos, pello que determinaraõ de ſe deixar ali ficar, & começaraõ a fazer ſuas pouoaçoens. A primeira cidade que fũdaraõ foi naquella parte da Mantota, defronte a Manar. Aqui ſe ficaraõ ſuſtentando alguns tempos do muito peſcado do mar, & dos rios, & das muitas & muito excelentes fruitas dos matos, que todos eraõ de laranjas, limas, & limoens, & de outras differẽtes ſórtes, mũy ſuaues ao cheiro, & mũy ſaboroſas ao goſto. E pella grande fertilidade que acharaõ de tudo, poſeraõ nome áquella ilha Lancao, que he vocabulo que vem a reſponder ao paraiſo terreal. Eſte foi o primeiro nome que teue, & o ſeu verdadeiro que ainda conſerua.

Auendo alguns meſes que eſtes eſtrangeiros ali eſtauaõ, foraõ ter áquella ilha hũas embarcaçoens da outra coſta á peſcaria dos aljofres (de que ali ha grande cantidade) & vindo á falla com os que nellas yaõ, ſouberaõ ſerem de vm reino, que ficaua da outra banda da terra firme, vm dia de caminho, em que reinaua vm ſenhor chamado Cholca Raya, & tomãdo a informaçaõ do ſeu eſtado & poder, tratou o Principe de ſe aparentar com elle. Pello que deſpedio nas meſmas embarcaçoens alguns embaixadores, por qué lhe mandou pedir que pois ficauaõ taõ vezinhos, ouueſſe por bem que ſe communicaſſem, & ſe ajuntaſsẽ em parenteſco, dandolhe hũa filha em caſamento, & algũas outras de peſſoas nobres de ſeus reinos, pera molheres d'aquelles homens, que

trazia

trazia em ſua companhia. Eſtes embaixadores chegaraõ á outra coſta,& foraõ leuados a Elrey,que os recebeo bem: & ſabendo do Principe, & cujo filho era (por ſer o pay muito conhecido por todo o Oriente) ouueſſe por ditoſo em ſe querer aparentar cõ elle, reſpõdendolhe a propoſito,& mandandolhe fazer muitos comprimentos. E depois de paſſarem viſitas de parte a parte, lhe mandou hũa filha pera elle, muito bem acompanhada de donas & donzellas,& hũa ſoma de outras filhas de homens nobres pera os da ſua companhia celebrandoſſe as vodas entre todos com grandes ſolennidades, dali por diante continuaraõ, & communicaraõ d'hũa parte a outra: paſſandoſſe muitas peſſoas a viuer áquella ilha, principalmẽte os officiaes de toda a Mecanica, & agricultores cõ ſeus arados, ſementes, gados, & todas as mais couſas neceſſarias pera a vida humana. Cõ iſto ſe começou aquella ilha a engrandecer, & a pouoar pello ſertaõ de maneira, que fizeraõ grãdes & fermoſas cidades, & pouoaçoens.

E por que aquellas gentes ali foraõ degradadas, lhes chamaraõ os da outra coſta,Gallas, que he o meſmo que deſterradas. Vendo aquelle Principe como as couſas d'aquella ilha creciaõ tanto, ſe intitulou por Emperador da ilha Lancao: poſto que tambem os eſtranhos lhe chamaraõ Illenáre, que em lingoa Malauar quer dizer, o reino da ilha que he o ſegũdo nome que teue. E como eſtes deſterrados falauaõ a lingoa Tanaçarim, que era ſua propria, depois que ſe ajuntaraõ por caſamẽtos com as molheres da outra coſta, que falauaõ Malauar (que he a mais vſada que ha naquella coſta do Canará) miſturandoſſe eſtas lingoas ambas, vieraõ a formar a que oje vſaõ,poſto que os mais falaõ Malauar eſtreme. Viueo eſte Rey vinte & cinco annos, & por naõ ter filhos deixou o reino a vm ſeu irmaõ, que em ſua vida mandou pedir ao pay: porque logo,tãto que aſſentou viuenda naquella terra,ſe communicaraõ & comerciaraõ vns cos outros.

Eſte irmaõ,que lhe ſocedeo,teue muitos filhos,em cujos deſcendentes andou aquelle reino nouecentos annos ſem ſair da linha. Paſſados elles,foi ter a poder d'vm chamado Dambadine pandar pracura mabago,ou bao,de quem logo trataremos. Daqui por diante começou eſta ilha a ſer famoſa no mundo, pella muita & muito fina canella que ſeus matos daõ.

E como os Chins foraõ os primeiros que nauegaraõ pello Oriẽte,tendo noticia da canella,acodiraõ muitos Iuncos áquella ilha a carregar della,& dali a leuaraõ aos portos de Perſia,& da Arabia dõde paſſou a Europa,como adiante milhor

milhor diremos. Asſi ficoueſta ilha taõ continuada dos Iuncos Chins, que todos os annos yaõ a ella grãde copia delles, de q̃ ſe deixaraõ ficar muitos Chins na terra, & ſe miſturaraõ por caſamentos com os naturaes: d'antre quem naceraõ vns miſtiços, que ſe ficaraõ chamando Cim Gallás, ajuntando o nome dos naturaes, q̃ eraõ Gallas, aos dos Chins, cujo proprio nome he, Cim, & formaraõ aquelle q̃ oje corruptamente chamamos Chimgallas: q̃ vieraõ por tempos a ſer taõ famoſos, que deraõ o ſeu nome a todos os da ilha.

E aſsi como procedẽ dos Chins, que ſaõ os mais falſos Gentios do Oriente, & dos degradados q̃ foraõ lançados de ſuas proprias terras, por maos & crueis: aſsi ſaõ todos os deſta ilha os mais fracos, falſos, & enganoſos que ha em toda a India. Por que nunca a tè oje em Chingalla ſe achou fè, nẽ verdade. E como os Chins ficaraõ continuãdo o comercio deſta ilha, & ſaõ maos (como diſſemos) foi ali ter hũa armada ſua ſendo Rey Dambadine pandar, que acima nomeamos, & naõ ſe receãdo delles os da terra, o dia que ſe quiſeraõ embarcar, catiuaraõ o Rey, & ſaquearaõlhe a cidade, & leuando della muito gròſſos tiſouros ſe foraõ pera a China, & apreſentaraõ o Rey catiuo ao ſeu. Iſto ſintio elle muito pella traiçaõ que ſeus vaſſalos fizeraõ a vm Rey que os agazalhaua na ſua terra: & logo lhes mandou que ſob pena de mòrte o tornaſſem a por em ſeu reino, pera o que mandou ordenar hũa armada em que o embarcou muito honradamente. E deixaloemos por hora a tè tornar a elle.

Tinha eſte Rey catiuo hũa filha viuua, que com dous filhos mininos que tinha, quis ſua ventura q̃ eſcapaſſe aos Chins o dia do ſaco, & com elles ſe foi recolhendo pera eſſe ſertaõ. Embarcados os Chins como naõ ficou filho ao Rey, lançou maõ do reino vm Gentio chamado Alagexere, a quem o meſmo Rey tinha dado o gouerno do reino. Eſte vendoſſe naquelle eſtado, fazendo a cobiça de reinar ſeu officio, trabalhou muito por auer a Princeſa com os Principes às maõs pera os matar, & ficar ſeguro no reino. Eſta ſenhora foi auiſada deſte negocio, & querendo ſegurar os filhos, paſſouſe com elles às partes de Ceitauaca em trajos mudados, & em tanto ſegredo, que ſe naõ fiou de peſſoa algũa. Ali ſe deixou eſtar ſuſtentando os filhos pobremente. O traidor auendo os moços por mortos, coroouſe por Emperador de toda a ilha. E auendo pouco mais de dous annos q̃ gouernaua, chegou a armada da China q̃ trazia o ſeu Rey, & foi tomar o porto de Colũbo: O tyrãno o foi receber cõ moſtras mũy ẽganoſas, & leuãdoo pera

a cidade aquella noite o matou, ficando elle Rey, em que viueo dez annos. Deste tyrãno naõ ficaraõ filhos, & ficou o gouerno do reino a vm Chagatar, homẽ sabio, & moralmẽte virtuoso. Este a primeira cousa q̃ fez foi, mãdar buscar os Principes q̃ andauaõ dester rados jà sem mãy: & sẽdo trazidos diante delle os recebeo como senhores, jurando logo por Emperador o mais velho que se chamaua Maha Pracura Mabago, que jà seria de dezaseis annos, & o casou com hũa filha do senhor de Candia seu vassallo & parente: & ao outro irmaõ, q̃ se chamaua Madune Pracura Mabago, deu Elrey o estado das coatro Corlas. Este Maha Pracura mudou sua corte pera a cidade da Cota, q̃ fundou de nouo pella mesma maneira & occasiaõ q̃ os Reys do Decan tãto depois fundaraõ a cidade de Xarbedar, como dissemos no coarto capi tolo do liuro decimo da coarta decada, do tẽpo em q̃ os Mouros cõquistaraõ o Decan: & ordenou q̃ todos os seus herdeiros se coroassẽ nella pella engrãdecer. Este Rey naõ teue filho macho, mas teue hũa filha q̃ foi casada com Cholca Raya da geraçaõ dos ãtigos Reys, de q̃ teue vm filho q̃ o auó jurou por herdeiro do reino. No tempo deste foi ter á cidade da Cota vm Panical da outra costa, da casta d'aquelles Reys, homem de grande esforço & cõselho, q̃ Elrey agasalhou, & o casou cõ hũa molher principal, de q̃ ouue dous filhos & hũa filha: estes moços se foraõ criãdo em cõpanhia do Principe, com quẽ tambẽ andaua vm primo cõ irmaõ destes moços, filho de hũa irmã de sua mãy. Estes tres moços vieraõ a crecer & a ter tanta posse no reino, que sintio Elrey nelles hũa alteraçaõ de animo, de quem receou que por sua morte lhe matassem o neto. E disimulando cõ isto, tratou de os diuidir como fez: mandando aos dous irmaõs que lhe fossem sojeitar o reino de Iafanapataõ, que lhe estaua rebellado, dando ao mais velho, que se chamaua Québa Permal, titulo de Rey d'aquelle estado, com obrigaçaõ de vassalagem. Este homem, que era mnito grande caualeiro, & do mor corpo & forças que auia naquelle seu tempo, em poucos dias se senhoreou d'aquelle estado.

O Emperador Maha Pracura Mabago Pandar socedendo no estado auẽdo anno & meyo q̃ este reinaua, faleceo o tio senhor das Corlas: Elrey deu aq̃lle estado ao irmaõ do Rey de Iafanapataõ. Este Emperador Iauirá casou com hũa princesa das sete Corlas, q̃ era do sangue real já viuua, de quem ouue vm filho que naceo doudo, & hũa filha de que as suas chronicas naõ falaõ, por que deuia de falecer minina. Este Rey viueo poucos annos, & hũa sua irmã chamada

mada Manica pandar, tomando o ſobrinho doudo nos braços, o fez jurar por Rey, & a ella por titora & gouernadora do reino, que era muito prudente & varonil. Auendo dous annos que eſta ſenhora gouernaua o reino vẽdo q̃ era neceſſario Rey varaõ, por que auia já algũas alteraçoẽs, & o ſobrinho era incapaz do reino, mandou com muita preſſa chamar Quebá Permal Rey de Iafanapataõ pera lhe dar o reino, por ſer o mais valeroſo de todos os Principes da ilha. Iſto foi ter às orelhas do irmaõ Rey das Corlas, que acodio logo a eſte negocio pretendendo o reino pera ſi. Mas como o irmaõ chegou, poſto q̃ tiueraõ muitas differẽças, ficou Quebá permal Rey, & mudando o nome ſe chamou dali por diãte Boenegabao pandar, q̃ quer dizer Rey por força de braço. Eſte caſou cõ hũa molher fidalga, que lhe Elrey de Cãdia deu por molher, dizẽdo q̃ era ſua filha, naõ no ſendo: mas nomeauaa por eſſa pella criar de minina. Deſta ouue vm filho chamado Caipura pandar, que por morte do pay ficou herdando o Reino. Eſte naõ foi coroado mais de coatro vezes (porq̃ coſtumauaõ aquelles Reys coroarſe cada anno hũa vez no proprio dia em q̃ a primeira foraõ coroados: & por aqui ſe contaõ os annos do ſeu gouerno, pellas vezes que foraõ coroados.) Aſsi eſte ſendo já coroado coatro vezes, o matou o Rey das Corlas, & ſe leuantou por força por Emperador & mudou o nome chamandoſſe Iauira pracura Mabagó pandar. Eſte tinha já coatro filhos, & naõ foi coroado mais que tres vezes. Por ſua morte ſocedeo no Imperio o filho mais velho, chamado, Drama pracura Mabagó, que caſou com hũa ſenhora da caſta dos antigos Reys, de quem ouue tres filhos.

Neſte tempo faleceo vm dos irmaõs d'Elrey a que ficaraõ coatro filhos, & duas filhas, & a mãy ſe caſou com outro irmaõ do marido, chamado Boenegabo pãdar, que era ſenhor de Reigaõ. Eſte Rey depois de ſer coroado oito vezes, faleceo deixando tres filhos mininos, de que o tio lançou maõ, & em ſegredo os matou, ficãdolhe a elle ſó o direito do reino, coroandoſſe logo por Emperador, criãdo em ſua caſa os tres enteados que diſſemos, que tambem eraõ ſeus ſobrinhos filhos de ſeu irmaõ, que ſe chamauaõ Boenegabo pandar, que era o mais velho, & o ſegundo Reigaõ pandar, & o terceiro Madune pandar.

Em tempo deſte Rey Boenegabo pandar, foi dom Lourẽço d'Almeida, filho do Viſorrey dõ Franciſco d'Almeida nos annos do Senhor de mil quinhentos & cinco, ter áquella ilha, & mãdando á terra fazer agoa & lenha, lha quiſeraõ defender: pello q̃ mandou a tirar

dos Galeoens algũas bombardadas como o q̃ os espantou de maneira, que se meteraõ pello sertaõ por naõ serem aquelles naturaes costumados a ouuir aquelle nouo estrõdo pera elles. Por q̃ neste tẽpo nem hũa so espingarda auia em toda a ilha: & depois que nòs entramos nella, com o contino vso da guerra q̃ lhe fizemos, se fizeraõ taõ destros como oje estaõ, & a fũdirem a milhor & mais fermosa artelharia do mũdo: & a fazerem as mais fermosas espingardas & milhores que as nossas, de que oje ha na ilha de ventagem de vinte mil. Esta era a rezaõ por que Scipiaõ era de parecer que se naõ fizesse sempre guerra a hũa mesma naçaõ, por que se naõ fizessem destros, como o nòs temos feito aos Chingalas & Malauares, q̃ pello contino vso, o estaõ oje mais que todas as naçoens do Oriente: & asi nos tem dado mais trabalho ao estado que todas.

E tornando à nossa ordem, tanto que este Rey soube da armada Portuguesa que estaua em seu porto, foi o seu medo tamanho, que mandou cometer pazes a dom Lourenço, & a offerecer vassalagẽ que se lhe aceitou com coatrocentos bares de canella, que saõ mil & duzentos quintaes de pareas cada anno. Foraõ estes tres iffantes sobrìnhos & enteados deste Rey crecendo & fazendosse homens, começandosse o tio & padrasto a pejar tanto com elles, que tratou de os matar, como jà fizera a outros tres sobrinhos primos com irmaõs destes: mas naõ faltou quem auisasse os moços, pello q̃ fogiraõ á ira do tio pera o reino de Candia. Dali cõ o fauor d'aquelle Rey, & de outros senhores sairaõ com grandes exercitos, & deraõ na Cota, matando o tio & tomandolhe o reino. E como nestes ainda a inueja & cobiça naõ tinha lugar por ser ainda aquelle negocio em fresco, repartiraõ entre si o Imperio, ficando ao mais velho, que se chamaua Boenegabágo pandar, o reino da Cota que era a cabeça: & ao do meyo, que se chamaua Reigaõ pandar, lhe coube o reino de Reigaõ com aquella cidade onde primeiro foi cabeça do Imperio. Ao mais moço chamado Madune pandar lhe ficou a cidade de Ceitauaca com seus termos, iurandosse todos tres por Reys d'aquillo que lhes coube. O da Cota casou com hũa bisneta d'Elrey Iauirá pracura Mabago. Depois que socedeo a repartiçaõ destes reinos, foi ter a esta ilha o Gouernador Lopo Soarez nos annos do Senhor de mil, quinhentos, & desasete, & fez a fortaleza de Colũbo, ficando aquelle Rey da Cota renouado a vassalagem com obrigaçaõ de trezentos bares de canella, & doze aneis de Robis & Safiras, & seis Alifantes pera o seruiço da ribeira de Cochim.

Estas pareas se pagaraõ alguns annos, a tè de todo se perderem, como em seu lugar mais largamente diremos.

CAPITVLO VI.

De como o Madume Rey de Ceitauaca tratou de tomar o reino ao irmaõ mais velho com o fauor do Camorim, que pera isso lhe mandou hũa grossa armada. E de como Martim Afonso de Sousa teue auiso della, & a foi buscar, & a destruio de todo, & passou a Ceilaõ.

FICARAM estes tres irmaõs em seus estados alguns annos, mas o Madune mais moço asi como foi crecendo em idade, asi o foi fazendo em cobiça, desejando summamente de sobir á monarchia d'aquella ilha, intẽtando modos, & ardis pera isso. E o milhor que lhe pareceo foi, pretender matar o irmaõ mais velho, por que cõ o outro tinha pouco que fazer. Andando com estas imaginaçoẽs socedeo irem este Agosto passado vns sete paraos de Malauares a tẽpo que Nuno Freire d'Andrade, Alcaide mór & feitor d'aquelle porto estaua na Cóta com Elrey, tendo em sua companhia sete ou oito Portuguesẽs, que Elrey tinha muito mimosos, por que era muito amigo de todos. Os Mouros dos Paraos, como eraõ soberbos, mandaraõ pedir a Elrey que logo lhes mandasse todos aquelles Portugueses. Tomado Elrey disto, disse que si: & dando conta do negocio a Nuno Freire d'Andrade lhe disse, que elle queria mandar alguns capitaẽs a que elles chamaõ Modeliares, a dar nos Malauares, & castigalos por aquelle atreuimento. Nuno Freire lhe pedio de merce aquella jornada, pello que tambem lhe tocaua a elle: Elle lha deu, dandolhe Sam lupur Arache com seis centos homẽs. Nuno Freire com esses poucos Portugueses q̃ tinha partio no coarto d'alua, & foi amanhecer sobre Columbo, tomando os Malauares em terra descuidados, & dando nelles fez hũa grande matança, & os que poderaõ escapar vns se lançaraõ ao mar & se recolheraõ aos nauios, outros se meteraõ por esse sertaõ & foraõ parar em Ceitauaca. Os do mar se recolheraõ a tres dos nauios & se foraõ: ficando os coatro em poder dos nossos com todo o seu recheyo. Deste caso se escandalizou tãto o Madune Rey de Ceitauaca contra o irmaõ, que depois de recolher os Malauares, dandolhe conta de como determinaua de fazer guerra ao irmaõ Rey da Cota, lhe disseraõ elles que man-

dasse pedir socorro ao Camorim, & que como elle lho mandasse, aueria pouco que fazer naquelle negocio, offerecendosselhes elles pera lhe encaminharem seus embaixadores. O Madune com isto os despedio logo com pessoas principaes, que pera isso escolheo: por quem mandou peças ricas ao Camorim, & pera os seus regedores, pedindolhe hũa boa armada, pera o que pagaria os gastos muito a seu gosto.

Estes embaixadores recebeo o Camorim bem, & persuadido dos Mouros, & vencido do interesse, mandou recolher os nauios que andauaõ fora, & armar outros cõ muita pressa, & perfez o numero de corenta & cinco, em que mandou embarcar dous mil homens: & fez capitaõ desta armada a Ali Abrahem Marcá, Mouro grande cossairo & muito caualeiro. Esta armada chegou a Columbo na entrada de Outubro passado: & como o Madune estaua jà prestes cõ grandes exercitos, ajuntandose os Mouros com elle, abalaraõ contra a cidade da Cota pondolhe cerco à roda.

Descripsaõ da cidade da Cota.

Esta cidade está situada em meyo d'hũa fermosa alagoa, & tem vm só passo estreito por onde se serue: que por ordem de Nuno Freire tinha fortificado com vm Baluarte, & tranqueiras, em que se pós a artelharia que tomaraõ dos Paros: & por derredor da cidade ordenaraõ muitas embarcaçoens pera defenderem os imigos, se qui sessem passar a ella ou em outras, ou em jangadas. E a primeira cousa que Elrey fez, foi despedir recado mũy apressado ao Gouernador, em que lhe daua conta do risco & perigo em que ficaua, pedindolhe o mandasse soccorrer, pois era vassallo d'Elrey de Portugal: & outro pera Martim Afonso de Sousa, q̃ sabia estaua em Cochim, em que lhe pedia pois estaua com a armada á maõ, o fosse liurar do poder d'aquelles imigos. O Madune continuou o cerco dando grandissimos assaltos, & cometẽdo os passos muitas vezes, que lhe foraõ valerosamẽte defendidos, sendo os poucos Portugueses que auia os que se apresentaraõ a todos os perigos, onde fizeraõ espantosas caualarias, sendo todos feridos muitas vezes, a que Elrey logo acodia, & mandaua curar como sua propria pessoa, por ter nelles o principal remedio de sua defensaõ: E assi se foi o cerco dilatando por espaço de tres meses, em que ouue casos dinos de memoria.

O inuiado d'Elrey, que ya com o recado ao Gouernador, chegou a Cochim, onde achou o capitaõ mór do mar Martim Afonso de Sousa, a quem deu as cartas d'Elrey, & de Nuno Freire, presentandolhe o aperto em que Elrey ficaua.

caua. Vendo o capitaõ mór que era obrigaçaõ forçada ſoccorrer áquelle Rey, & mais eſtando co a maõ folgada da grande vitoria de Repelim, negocioufe com muita preſſa: & deixando as Galés na coſta do Malauar, com as Fuſtas ſe fez na volta do cabo de Comorim já em Feuereiro. Dali foi correndo a coſta a tè os baixos de Manar (que tambem ſe chamaõ de Chilao) & atraueſſou à outra bãda: & tomando a coſta de Ceilaõ na maõ foi demandar Columbo. Os Malauares tanto que a noſſa armada partio de Cochim, logo foraõ auiſados, & receandoſſe perderem os nauios, deſpediraõſe do Madune: & embarcandoſſe nelles, atraueſſaraõ logo a outra coſta. O Madune aleuantou tambẽ o cerco, & mandou reconciliarſe com o irmaõ primeiro que a armada chegaſſe. Quando Martim Afonſo de Souſa chegou a Colũbo, auia quaſi dez dias que os Malauares eraõ partidos, & ali ſoube eſtarem jà os irmaõs concertados & amigos: & jà que eſtaua ali quis verſe com Elrey, & partio pera a Cota onde elle o recebeo mũy bẽ, & Martim Afonſo o animou, & esforçou contra o irmaõ dizendolhe, que a todo o tempo que lhe foſſe neceſſario, teria o ſoccorro dos Portugueſes mũy certo. Elrey eſtimou muito ver áquelle amor & diligençia com que os Portugueſes acodiaõ a ſuas couſas, tẽdo com o capitaõ mór grandes palauras & comprimentos, dandolhe peças & brincos, aſsi a elle como a os capitaens da ſua companhia. Martim Afonſo de Souſa vendo que naõ tinha ali mais que fazer, ſe deſpedio d'Elrey, & paſſouſe á outra coſta, & em breues dias chegou ao Malauar, onde teue por nouas que naõ eraõ os Paraos ainda recolhidos, pello que os andou eſperando ao recolher, lançandolhes ſuas eſpias.

Poucos dias depois de ſua chegada, ſocedeo andarem apartadas duas fuſtas de ſua companhia, de que eraõ capitaens Franciſco de Mello Pereira, & Ioaõ de Souſa Rates, irmaõ de Thome de Souſa veador que foi d'Elrey dõ Ioaõ. Eſtes tanto auante como Monte Deli, ouueraõ viſta de vm Parao de Malauares, & correndoo o alcançaraõ & tomaraõ: & dos Mouros delle ſouberaõ, que a armada de Ali Abrahem Marca eſtaua em Mangalor, & cõ aquellas nouas foraõ buſcar o capitaõ mór & lhas deraõ. Tanto que Martim Afonſo de Souſa o ſoube, ajũtou logo ſua armada & voltou em buſca do imigo. Indo com ella vm pouco afaſtado da terra, tanto auante como Coulete, ouueraõ viſta da armada do imigo, que vinha á vela com o Noroeſte deſpregada, & tomando as armas fazendo ſua armada em dous batalhoens os foi demandar. Os imigos

gos tanto que conheceraõ a noſſa armada Portugueza, voltaraõ pera a terra com tençaõ de ſe ſaluarem nella: mas os noſſos nauios ligeiros apertando o remo os atalharaõ, & ferrando com alguns os embaraçaraõ a tè chegar toda a armada, que deſparou nos imigos ſua moniçaõ, metendolhes logo alguns no fundo, & deſaparelhando outros: baralhandoſſe todos os mais, trauandoſſe hũa fermoſa batalha que durou pouco: porque logo todos ſe desbarataraõ, rendendo vns, & varando os outros em terra, perdendoſſe mais de mil & duzentos Mouros, com muito pouca perda da noſſa parte, com que a vitoria ficou ſendo mais fermoſa. O Camorim ficou co a perda deſta armada mũy desbaratado & quebrãtado: & os Mouros de Calecut mũy pobres, por que elles foraõ os armadores dos mais dos nauios. Todo o mais reſto do veraõ andou Martim Afonſo de Souſa na coſta a tè ſer tempo de ſe recolher. E por aqui cõcluimos com as couſas deſte veraõ, que nos pareceo milhor contar as do Malauar juntas, por nos ficar todo o mais tempo pera as de Cambaya, pellas naõ miſturarmos.

CAPITVLO VII.

Das varias opinioens que ouue entre os Geographos ſobre qual ſeja a Tapobrana de Phtolomeo: & das rezoens que damos pera ſer eſta ilha de Ceilaõ: & dos nomes que ſua canella tem antre todas as naçoens.

PRIMEIRO que entremos em outras materias, jà que eſtamos com as maõs nas couſas de Ceilaõ, & moſtramos o principio de ſua pouoaçaõ, & origem de ſeus Reys, & nomes que os naturaes lhe deraõ, ſerà rezaõ que digamos tambem os que teue antre os eſtrãgeiros, & que moſtremos como he eſta a verdadeira Tapobrana de Ptholomeo: ſobre o que ouue tanta confuſaõ antre os Geographos, & as rezoens por que todos cuidaraõ ſer eſta a ilha de Camatra. Plinio falando da Tapobrana diz que he de ſeis mil eſtadios de comprido, & cinco mil de largo, & que quaſi era tida por vm nouo mundo: & que em tempo do Emperador Claudio ſe deſcobrira, & que vm Rey d'aquella ilha lhe mandara embaixadores, & que as naos que a yaõ demandar, naõ ſe regiaõ nem gouernauaõ por Eſtrella, por que naõ viaõ os Polos.

Eſtrabaõ falando da Tapobrana, a faz do tamanho que a faz Plinio. Oneſicrito capitaõ de Alexãdre

dre Magno, que nauegou esta costa da India, diz que a Taprobana he de cinco mil estadios, sem dizer se he de largura, se de comprido, & que estaua apartada dos pouos Prasis sobre o Ganges, nauegaçaõ de vinte jornadas: & que antre a India & ella auia outras muitas ilhas, mas que esta mais q̃ todas estaua pera o meyo dia.

Arriano autor Grego no tratado que fez da nauegaçaõ da India, diz que quem partir da costa de Comora & Poduca, iria ter a hũa ilha que estaua ao Ponente chamada Pallesimonda, & dos antigos, Tapobrana, que todos tinhaõ por vm nouo mundo, & em seu tempo fora muito conhecida, & que nella se criauaõ os mayores & milhores Alifantes de todos os da India.

Erastothenes autor Grego, diz q̃ a ilha Tapobrana está no mar de Eoo antre o Oriẽte & occidẽte, ao encõtro da India por vinte jornadas de nauegaçaõ da Persia. Ptholomeo nas suas tauoas mete a ilha Tapobrana na costa da India defronte ao Comori promontorio, que situa em treze graos & meyo do Norte. E Plinio lhe chama Colaicum Promontorium, & que antes delle se chamaua, Simõda: mas que no seu tempo se nomeaua por Salica, & seus naturaes por Salim, & que tinha de comprido nouecentas & trinta milhas, que saõ duzentas & dez legoas das nossas: & que nella nacia muito arroz, mel, gengiure, berillo, jacintho, & outras muitas sortes de pedras & metaes, que sõ ha na ilha de Ceilaõ.

Vamos aos Geografos que fazẽ ser esta Tapobrana a ilha de Camatra. Micer Pogio Florentino Secretario do Papa, homem douto que escreueo por mandado do santo Pontifice a viagem que Nicolao de Conti Venezeano fez por terra por toda a India a te o Cathayo, diz nella, que fora ter este Venezeano a Camatra antigamente Tapobrana.

Maximiliano Transsiluano, varaõ tambem douto & Secretario d'vm Emperador, em hũa carta q̃ escreueo ao Cardeal Sauleburgẽse, em que lhe daua conta das primeiras viagens que os Portugueses fizeraõ á India, diz que foraõ ter ás prayas de Calecut, & dali a Camatra, que antigamente se chamaua Tapobrana.

Benedeto Bordone no seu Insulario diz, que a ilha de Madagascar (que he a de Saõ Lourenço) estaua ao Ponente de Ceilaõ mil & trezentas milhas: & ao Sul da Tapobrana mil & oitenta. E outros muitos Geografos, que tem o mesmo, que deixamos por escusar prolixidades.

So o nosso grande Ioaõ de Barros homem doutisimo na Geografia falando nas suas decadas na ilha de Ceilaõ, diz que he a Tapobrana

pobrana de Ptholomeo, como mais largaméte prouaua nas ſuas tauoas da Geografia, q̃ depois de ſua morte deſapareceraõ, que foi perda muito notauel. E poſto que baſtaua eſta ſua autoridade pera proua baſtante de ſer Ceilaõ Tapobrana, & metella Ptholomeo do Gange pera dentro na coſta da India (o que ſe naõ pode entender de Camatra, que eſtá do Gange tanto pera fora: todauia examinaremos os Geografos antigos que nomeamos & moſtraremos como todos falaõ de Ceilaõ, & naõ de Camatra.

Plinio diz, que a Tapobrana he de ſeis mil eſtadios de comprido, que ſaõ duzentas & dez legoas, & que no tẽpo do Emperador Claudio fora deſcuberta por vm liberto de Anio Poclanio, que andando ao longo de Arabia em vm nauio, fora arrebatado dos Ponentes & em quinze dias paſſara alem da Carmania, & chegara a Taprobana, & que aquelle Rey o agaſalhara mũy bem, & elle lhe dera algũas moedas que leuaua, das que em Roma corriaõ, que tinhaõ a imagem do Emperador eſculpida: & que Elrey mandara cõ elle ſeus embaixadores a viſitar aquelle Emperador.

Por todas eſtas couſas auemos de prouar ſer eſta a ilha de Ceilaõ. Quanto á grandeza da ilha he a meſma q̃ Ptholomeo lhe dá, por que em ſuas tauoas lança a tè paſſar a Equinocial dous graos da banda do Sul: por que parece que em ſeu tempo teue a meſma grandura. E os naturaes affirmaõ, & tẽ por muito aueriguado por ſuas eſcrituras, que jà eſta ilha fora tamanha, que pegara co as ilhas de Maldiua, & que por tempos a gaſtara o mar por aquella parte cobrindoa da maneira que ſe oje ve: & que as partes mais altas ficaraõ ſeparadas em muitas ilhas, como oje eſtaõ lançadas todas em hũa corda pello rumo, a que os mareantes chamaõ, Noroeſte, Sueſte, em que affirma auer mais de treze mil ilhas. E jà em tempo do meſmo Ptholomeo, que concorreo nos annos do Senhor, cento corenta & tres, parece que o mar começaua a fazer eſte eſtrago: por que diz que derredor da Tapobrana auia mil, trezentas, ſetenta & oito ilhas. E ſer leuado o Liberto de Anio dos ventos des da Arabia em quinze dias a tè Tapobrana, mũy claramente ſe ve falar de Ceilaõ, que eſtá quinhentas legoas da coſta de Arabia, que he o mais que em quinze dias podiaõ nauegar: E eſta ilha eſtá na coſta da India alem da Carmania, & Camatra eſtà fora de toda a India, & alẽ do Gange muitas legoas. E ſo pera ir de Ceilaõ a Camatra, ha miſter outros quinze dias de ventos em popa. E ſobre todas eſtas rezoens, achamos oje em Ceilaõ ſinaes de edificios Romanos, que

parece

parece que jà tiueraõ communi-
caçaõ naquella ilha. E ainda dize-
mos mais, que ſe acharaõ nella as
meſmas moedas q̃ eſte Liberto
leuou: ſẽdo capitaõ de Manar em
Ceilaõ Ioaõ de Mello de Saõ Pa-
yo nos annos do Senhor de ſeten-
ta & coatro, ou ſetenta & cinco, a-
brindoſſe hũs edificios que eſtaõ
da outra banda,nas terras que cha
maõ Matota , a onde ainda oje a-
parecem muito grandes ruinas a
partes de obra Romana de canta-
ria: & andando hũs trabalhadores
tirando pedra, deraõ em o fundo
de vm pedaço de aliceſſe,& reuol-
uendoo,acharaõ hũa cadea de fer-
ro de taõ eſtranha feiçaõ: que naõ
ouue em toda a India official,que
ſe atreueſſe a fazer outra como el-
la. E aſsi acharaõ duas moedas de
cobre, hũa toda gaſtada, & outra
de ouro baixo,tambem gaſtada de
hũa banda,& da outra ſe enxerga-
ua ainda vm vulto de vm homẽ,
dos peitos pera cima,com vm pe-
daço de letreiro á roda, gaſtado
em algũas partes, mas ainda ſe en-
xergaua claramente no começo
eſta letra C. E as continẽtes gaſta-
das,& voltaua á roda o letreiro em
que ſe viaõ eſtoutras letras R. M.
N. ℞. Eſta cadea,& medalhas fo-
raõ leuadas a Ioaõ de Mello,que
as eſtimou muito,& as leuaua pera
o reino,pera as dar a Elrey,& per-
deoſſe no mar o anno de no-
uenta que ya na nao Saõ Bernar-
do , em companhia de Manoel
de Souſa Coutinho, q̃ acabara de
ſer Gouernador da India, q̃ ya na
nao bom Ieſus. E couſa he poſsi-
uel, que foſſem eſtas moedas das
que ali leuou o Liberto de Anio,
& que nos ſeis meſes que eſteue
naquella ilha,daria ordem áquel-
les edificios ao vſo Romano, & q̃
lançaria nos fundamentos aquel-
las moedas (couſa mũy ordinaria
em toda a Europa.) E conſiderã-
do nós as letras da moeda,& tẽdo
lido muitos letreiros antigos, nos
parece que eſta letra C. he a pri-
meira do nome de Claudio , & q̃
nas continentes & q̃ eſtauaõ ja ga-
ſtadas auia de dizer, Imperator,
porque as outras R. M. N. ℞. cla-
ramente ſe vé dizer , Romanorũ.

Outra moeda ſe achou como
eſta, nas Indias de Caſtella, que
deſcobrio Pedro Colon, (ſegun-
do refere Lucio Marino Ciculo,
no liuro das couſas memoraueis
de Eſpanha,na vida dos Reys Ca-
tholicos) andandoſſe abrindo ou-
tros aliceſſes como eſtes,que tinha
a imagem de Ceſar Auguſto:Eſta
moeda ouue dom Ioaõ Rufo,Ar-
çebiſpo de Cuenca , & a mandou
ao Summo Pontifice:Do que Lu-
cio Marino infirio, q̃ os Romanos
nauegaraõ jà pera aquellas partes.

E tornando à noſſa ordem, ſe
he verdade o que diz Hector de
Laguna; que em tempo do Papa
Paulo,fora achado vm pao de ca-
nella (que eſtaua em Roma guar-
dado como couſa precioſa) o que
por

por vm letreiro que tinha, se via q̃ ficara do tempo do Emperador Arcadio, filho de Theodosio, que socedeo no Imperio os annos do Senhor, de trezentos, nouenta & sete: que foi, cẽto & vinte & seis annos depois de Claudio, que imperou nos de duzentos setẽta & vm. Bem podia ser fosse leuada de presente por aquelles embaixadores que foraõ com o Liberto.

E deixando Plinio vamos ao Nisecrito. Diz este, que a Tapobrana era de cinco mil estadios, & que estaua apartada Brasis sobre o Gange, por nauegaçaõ de vinte jornadas: & que antre a India, & elle, auia muitas ilhas, mas q̃ estaua esta mais que todas pera o meyo dia. Quanto ao tamanho, conforma com Ptholomeo, a ser apar tada do Gange, por espaço de vinte jornadas, & a auer antre ella, & a India, muitas ilhas, claramẽte mostra falar de Ceilaõ, porque está do Gange as mesmas jornadas, & está ao Sul de toda a costa da India, & as muitas ilhas que diz, saõ as de Mamale, & outras todas, de q̃ Ptholomeo faz mẽçaõ, & Camatra está ao Leuante da India, muito afastada della.

Ariano autor Grego, em dizer que quem partir da costa de Comara & Poduca ao ponente, iria tomar Tapobrana, bem claro se vé falar de Ceilaõ: por que Comara & Poduca mete Ptholomeo nas suas tauoas, em quatorze graos & meyo, na contra costa da India do promontorio Comori pera dentro, que parece ser Saõ Thome, ou Nega pataõ. Por que quẽ partir d'aquella costa pera ir buscar Ceilaõ, á de nauegar ao ponente, & pera Camatra ao Leuante, & a ilha de Ceilaõ sabido he q̃ cria os mayores, & milhores Alifantes de todos os da India, como o mesmo Ariano diz. E tanto he asi, que todos os outros lhe conhecem tanta superioridade, que vendo qualquer delles vm de Ceilaõ, asi lhe vay fogindo como doudo, o que cada dia experimentamos nesta cidade de Goa, nos q̃ Elrey traz na sua ribeira de differentes terras.

Erastothenes autor Grego, diz que a Tapobrana está no mar de Eoo, antre o Oriente, & occidẽte, apartada por vinte jornadas de nauegaçaõ da Persia, ao encontro da India. Este ainda fala mais claro de Ceilaõ, que está em oito graos do Norte, antre Leuante & ponẽte. E por muito vento que hũa nao leue, naõ fará mais, partindo da boca do estreito Persico, que chegar nos vinte dias a Ceilaõ, q̃ saõ quinhentas legoas: & Camatra naõ está no mar Eoo, senaõ debaixo da Equinocial; & por aqui temos prouado Ceilaõ ser a Tapobrana.

Vamos agora aos Geographos modernos que a fazem Camatra. Estes todos buscando esta ilha Tapo-

Tapobrana, debaixo da Equinocial onde Ptholomeo a poẽ (porq̃ em ſeu tempo,como diſſemos,lançaua dous graos da banda do Sul,) & diſcorrendo por toda a coſta da India a tẽ alem do Gange, naõ achando outra ſenaõ Camatra,ſem outra conſideraçaõ, a fizeraõ Tapobrana, como tambem ſem ella lançaraõ o rio Indo na enceada de Cambaya: que he erro q̃ adiante com o fauor diuino moſtraremos donde naceo. E aſsi conſiderando Benedeto Bordone, aquelle lugar de Plinio,falando da Tapobrana, onde diz (Septentrion non cernitur) na annotaçaõ q̃ ſobre iſſo faz, reprende Plinio por dizer q̃ nella ſe naõ via a eſtrella do Polo Arctico. Por que diz, que os que viuem na Tapobrana pera a parte do promõtorio Colaicu, vem eſte Polo aleuantado por treze graos, & q̃ aſsi conforme as alturas,em q̃ os d'aquella ilha viuem,aſsi veraõ ſua eleuaçaõ: mas que os q̃ viuiaõ debaixo da Equinocial, nem vm polo nem outro podiaõ ver, no q̃ ſe encontra por que faz Camatra a Tapobrana: E eſta ilha de Camatra corta a Equinocial pello meyo,& naõ lança de hũa parte & da outra,pera os Polos mais de cinco graos: porque os que viuem na põta de Daya,que he a mais Septentrional,naõ vẽ aquella eſtrella aleuantada mais que por cinco graos,& pella meſma maneira, os q̃ viuem na outra pera a banda do Arctico, eſcaçamente a enxergaõ, o que he ao contrario em Ceilaõ, por que os que viuẽ na ponta de Iafanapataõ vem o Polo Arctico leuantado por oito graos & meyo, & os que habitaõ a ponta de Gale (que he a mais Meridional) a vem aleuantada por cinco: por onde claramente ſe vẽ ſer eſta a Tapobrana,que naquelle tempo ſe eſtendia a tẽ dous graos do Sul. E que o Colaicu promontorio de Plinio,& o Comorim de Ptholomeo chegue ao cabo Comorim, por ſem duuida o auemos,porque naquelle tẽpo,& muitos annos depois, o reino de Coulaõ foi o mayor de todo o Malauar, & ſe eſtẽdia a tẽ quaſi os baixos de Chilaõ, & como aq̃lle cabo Comorim fica ua d'aq̃lle reino, & he vm dos famoſos do mundo,foi nomeado de Plinio por Colaicũ promontoriũ, como dizer,o promõtorio de Coulaõ,ou do reino de Coulaõ.E chamarlhe Ptholomeo Cori promõtorio, pode bẽ ſer ſeja pello lugar de Titi Cori,que eſtá adiante delle, que naquelle tempo ſeria couſa grande,& continuada dos eſtrãgeiros, pello que lhe daria Ptholemeo áquelle cabo o ſeu nome.E por eſta rezaõ & por outras que deixamos, nos parece que tambẽ eſta ilha de Ceilaõ he aquella de Iambolo,de q̃ Diodoro Cicolo faz mençaõ no fim do ſegundo liuro da breuiaçaõ de ſua hiſtoria, que Baptiſta Ramnuſio, & outros fazem

zem Camatra. E naõ nos té dado pouco trabalho, querermos ſaber eſte nome de Tapobrana, donde teue principio, & origem, ſobre o que temos dado bem de voltas: porque em toda a ilha de Ceilaõ naõ ha porto, baya, cidade, villa, promontorio,fonte, nem rio, que tenha algũa ſemelhança com eſte nome, nem em ſuas Chronicas, nem nas dos Canarás, nem em lingoa algũa da India tem ſignificacaõ algũa, nem ſe conhece, por onde nos parece que he nome Grego impoſto por Ptholomeo,que quererá ſignificar algũa grandeza,ou propriedade d'aquella ilha : porque tambem o nome de Ceilaõ foi impoſto d'aquelles baixos em que os Chins ſe perderaõ junto d'aquella ilha, que ficaraõ taõ famoſos de entaõ pera ca, que jà ſe naõ conhecia a ilha por ſeu nome proprio,ſenaõ pello dos baixos : porque como os Perſas, & Arabios nauegauaõ pera aquella ilha, & yaõ temeroſos dos baixos, ſempre os traziaõ na imaginaçaõ, dizendo que yaõ para Cin laó,ou que vinhaõ de Cinlaó, que quer dizer q̃ yaõ ou vinhaõ dos baixos dos Chins: & aſsi mudádoſſe por tépos ás letras ſe ficou chamando aquella ilha Ceilaõ.

E porque cada vez que ſe nos offerecer pretendemos moſtrar a grande corrupçaõ que o tempo tem feito em todos os nomes proprios de cidades,reinos,rios,montes,ſimples,drogas, & mais couſas d'eſtas partes, queremos logo começar por aqui, já q̃ eſtamos neſta ilha,& dizermos todos os nomes de ſua canela , aſsi os que lhe deraõ os Gregos,Latinos,Parſeos, & Arabios, como os que tem entre todas as naçoẽs do Oriente, & moſtraremos a corrupçaõ que o tempo nelles fez, do que naceo auer antre todos os Medicos grãde confuſaõ.

A canela neſta ilha onde nace a milhor de todo o oriente ſe chama Corundo potra , que quer dizer, aruore de caſca. Os Malauares, a onde ſe cria a mais roim, & mais groſſa lhe chamaõ Caroa potu,que he o meſmo que aruore de caſca: porq̃ a caſca a que os Chingallas chamaõ Corundo,dizem os Malauares Caróa.Os Arabios lhe chamaõ Carfa. Eſte nome anda corrupto antre os noſſos Medicos, porque vns lhe chamaõ Quirfe, outros Quirfa. Os Parſeos a nomeaõ por Darcin, que quer dizer pao da China : porque como os Chins foraõ os primeiros que leuaraõ ao eſtreito da Perſia as drogas,roupas,& louçainhas do Oriẽte,& dali por maõs dos Perſas paſſou tudo à Europa com os nomes que lhes elles deraõ,por onde eſtas couſas eraõ conhecidas , & naõ pellos ſeus proprios que em ſuas terras tinhaõ. Sarapio, interpreta eſte Darcin,& diz que quer dizer, aruore da China, porque cuidou

auellas

auellas naquella prouincia, por se achar a canela em maõs dos Chins, como dissemos. Da mesma maneira se enganou Ariano, em dizer que a Casia, & Zinguir, que eraõ certas sortes de canela, que naciaõ em algũs lugares da Troglodita, & que d'ali as leuauaõ os mercadores a Grecia.

No mesmo erro cayo Plinio, q̃ diz que o Cinamomo, nacia na Ethiopia vizinha a Troglodita, & que aquella parte por que corria a Equinocial, era chamada dos autores antigos, Cinamomi fera: que quer dizer, terra que produz o Cinamomo, o que auia de nacer, de esta canela lhe ir ter as maõs, por via do mar roxo, pella dos mercadores Arabios que viuiaõ n'aquella parte da Troglodita, & naõ perguntando na Grecia, onde nacia esta droga, auia que se daua na terra dos Arabios, que lha leuauaõ: como tambem algũs escritores antigos, porque viaõ ir a canella por via de Alepo, lhe chamaraõ Cinamomo Alipitino: & por esta confusaõ naõ sabemos oje, que sortes de especiarias & cheiros saõ, duaca, mocroto, magla, & asiplij, de q̃ Ariano faz mẽçaõ, que diz nacerẽ em Arabia, & em Ethiopia, nem o nicato, gabalio, & tarro, que Plinio nomea por cheiros de Arabia, onde nunca soubemos mais que encenso, estoraque, & myrrha: q̃ possiuel he sesaõ estas de Plinio, nem em todas as Ethiopias ouue nũca outra droga senaõ gengiure, & este bem roim, & só no reino de Damute.

E tornando aos nomes da canella, os Malayos lhe chamaõ, caio manis, que em sua lingoa quer dizer, pao doce: que he o caisman, ou caesmanis dos Gregos: porque parece que tambem foi ter a elles com este nome malayo, & lho cor romperaõ chamandolhe tambem os Gregos, casia lignea, nome que em nenhũa naçaõ destas do Oriẽte achamos, inquirindo nos bem por todos os medicos. E lançando nosso juizo, nos parece que à de dizer cais lignea, que he o mesmo que pao de cais, porque antigamẽte, antes do reino de Ormuz se passar pera a ilha Gerum, onde oje está, era cabeça & emporium de todo aq̃lle estreito a ilha de Cais, que está adiante de Ormuz pello estreito dentro. E como naquelle tempo continuauaõ os mercadores da Europa naquella ilha, como oje fazem na de Ormuz, leuando d'ali a canella que os Chins lhe traziaõ, parece que em Grecia diziaõ, q̃ a leuauaõ da ilha de Cais, & que por isso lhe chamariaõ, cais lignea. Isto tudo dizemos debaixo da correiçaõ dos Doutores da medicina, por tocarmos em cousa de sua profissaõ, porque nossa tençaõ, naõ foi mais que mostrar a corrupçaõ que o tempo fez nos nomes da canella.

CAPITVLO VIII.

Do que passou Diogo de Mesquita na corte de Cambaya, & de como Soltaõ Badur foi a Diu, & tratou de tomar aquella fortaleza por engano. E do espantoso caso que aqui aconteceo a Manoel de Sousa, capitaõ da fortaleza.



NO fim da coarta decada, capitolo nono, liuro decimo demos cõta, de como o Gouernador Nuno da Cunha se partio pera Diu, por ser auisado q̃ Soltaõ Badur andaua com roim animo contra aquella fortaleza: & como despidira Diogo de Mesquita pera ir á corte de Cambaya visitar aquelle Rey, pera disimuladamẽte lançar o olho ás cousas, & ver se podia alcançar sua determinaçaõ. Agora continuaremos com elle, & com as cousas de Cambaya, que guardamos pera este tempo.

Partido Diogo de Mesquita, em breues dias foi em Cãbaya, & chegou á corte onde Elrey o recebeo bem, por ser muito seu amigo. Elle o visitou da parte do Gouernador, dizẽdolhe como ficaua em Baçaim fazẽdo algũs negocios, pera dahi passar a Diu, & q̃ a primeira cousa q̃ fizera fora despedilo pera o ir visitar, & saber de sua saude, pella obrigaçaõ q̃ tinha de o fazer asi, a vm Rey taõ grande amigo dos Portugueses, & de quẽ elle era tamanho seruidor. O Badur mostrou folgar muito de o ver, & da lẽbrança do Gouernador, tendo cõ elle palauras muito hõradas. Diogo de Mesquita, deixousse ficar algũs dias na corte, & como tinha muitos amigos, & sabia muito bẽ a lingoa, em praticas q̃ teue asi cõ Elrey, como cõ seus priuàdos entẽdeo seu mao coraçaõ, & o pejo q̃ tinha com aquella fortaleza: q̃ era tamanho, q̃ o alcançou Diogo de Mesquita claramẽte em palauras. E ainda se affirma que Xacoes (que da jornada q̃ fez por Embaixador a Goa duas vezes, ficou mui to afeiçoado aos Portugueses) lhe descobrio o odio cõ q̃ Elrey andaua: & q̃ nenhũa cousa trataua em seu animo, senaõ de como poderia tornar a tomar aquella fortaleza.

Depois de ter alcançado tudo o que pretendia, querendosse partir, o deteue Elrey: porque o quis leuar comsigo a tè Diu, pera onde logo partio afforrado: & entrou naquella ilha, & se aposentou nos seus paços. Manoel de Sousa capitaõ da fortaleza, sabẽdo q̃ era chegado, o foi logo visitar: porque posto que estaua jà auisado da inclinaçaõ com que ya, eralhe necessario disimular pella necesidade em que estaua. Elrey o recebeo bẽ, & depois de passarem as palauras

de viſitaçaõ,ſe deſpedio delle,& ſe
tornou pera a fortaleza. O Badur
como eſperaua cada dia pollo Go-
uernador, querendo ver ſe podia
primeiro que elle chegaſſe tomar
a fortaleza; pos em parecer dos
ſeus capitaens,o modo que ſe niſ-
ſo teria : & todos aſſentaraõ que
viſſem ſe auia algum deſcuido na
fortaleza, & que dandolhe o tẽpo
algũa occaſiaõ a naõ perdeſſem,
& que trabalhaſſem polla entrar.
Mas o capitaõ Manoel de Souſa,
andaua taõ recatado, & com tan-
ta vigilancia,que em todo aquelle
tempo naõ deixou ir Portuguez
algum á cidade; dando a entender
que o fazia,por euitar deſauenças
antre elles,& os d'Elrey,mandan-
do ſomente os ſeruidores,que car-
retauaõ a agoa & lenha, a que da-
ua preſſa por lhe naõ faltarem e-
ſtas couſas, ſe ſocedeſſe algũa no-
uidade.

Vendo o Badur o grande reſ-
guardo que auia na fortaleza,& q̃
o tempo lhe naõ daua lugar pera
eſperar tanto: mandou chamar os
capitaẽs, & lhes diſſe, que eſtiueſ-
ſem preſtes, porque ao outro dia
auia de mandar chamar o capitaõ
Portuguez, & o auia de matar, &
logo auia de cometer a fortaleza:
& mandou fazer preſtes as couſas
neceſſarias pera iſſo. Manoel de
Souſa eſtaua bem deſcuidado de
tamanha traiçaõ, de q̃ elle ſe naõ
podia liurar, ſe Deos naõ acodira.
E ſendo o coarto da Modorra rẽ-
dido,chegou hũa peſſoa muito en-
cuberta, & da ponte chamou pel-
los da vigia,que logo acodiraõ: &
lhes diſſe, que chamaſſem o capi-
taõ á varanda de ſeus apoſentos,
porque era couſa que lhe impor-
taua muito. Aſſomãdo o capitao
a ella, lhe diſſe eſta peſſoa. Naõ
eſtejas capitaõ deſcuidado,vigiate
muito bem: & ſabe que pella me-
nhã ſerás chamado d'Elrey pera
te matar: diſsimula , & fazete mal
deſpoſto porque te releua aſsi. E
porque te naõ pareça que te digo
iſto por te liſonjar, ou por querer
de ti algũa couſa, naõ ſaberás quẽ
ſou,porque me naõ moueo a iſto,
ſenaõ vm naõ ſey que, que te naõ
ſey declarar. E pera certeza de ſer
iſto que te digo verdade,em ama-
nhecendo terás logo recado d'El-
rey,& ficate embora. E voltando
as coſtas ſe foi de longo da praya,
ſem ninguẽ ſaber delle mais. Naõ
deixou o capitaõ de ſoſpeitar q̃
eſte era Medinarraõ, capitaõ, &
Gouernador da cidade,por que já
o tinha auiſado da tençaõ & odio
do Badur,por que ſempre foi mui
to ſeu affeiçoado, & corriaõ em
muita amizade : Mas quanto a
nós, naõ foi ſenaõ Xacoẽs, q̃ ſem-
pre foi muito amigo dos Portu-
gueſes : & elle tambem foi o que
auiſou o Gouernador, que o Ba-
dur o queria matar,como logo di-
remos.

Manoel de Souſa paſſou toda
aquella noite em diſcurſos ſobre

aquelle negocio: hũas vezes lhe parecia que poderia ser mentira, outras tambem que poderia ser verdade, vendosse na mór confusaõ que se podia imaginar: por q̃ aquelle negocio naõ consistia, nẽ em prudencias, nem em cautelas de capitaõ: porque se o Badur o mandasse chamar, & naõ fosse, seria declararse, & darlhe a entẽder que fora auisado, pera o que estaua desapercebido, sẽ lenha, agoa, nem mantimentos, de que se prouia da cidade, que se lhe logo auia de tolher, & naõ auia outro remedio mais que entregarse: por que contra fome, & sede, naõ auia forças, nem armas que bastassem. Por outra parte via que se fosse a seu chamado, o auia de matar. Sobre estas consideraçoẽs se determinou em ir se o chamassem, por que antes queria arriscar a vida que a honra: por que depois delle morto, tomandosse, ou entregandosse a fortaleza, naõ seria a afronta sua, senaõ do Alcaide mór aquem auia de ficar entregue.

Com esta resoluçaõ esperou a menhã, em que chegou o recado do Badur, que o mãdaua chamar, mandandolhe dizer, que tinha algũas cousas que tratar com elle. Manoel de Sousa muito seguro, & sem alteraçaõ algũa, vendo que o auiso começaua a ter mostras da verdade, respondeo, que logo iria. E encomendandosse a Deos em seu coraçaõ, pedindolhe que o guiasse, & encaminhasse naquelle negocio: supitamente lhe veyo hũa noua consideraçaõ (parece q̃ inspirado delle.) E foi esta. Que sendo costumado cada vez que ya a Elrey, ser por terra, & á caualo, com sessenta espingardeiros de sua guarda, com pifaro, tambor, & outras insignias de capitaõ: agora determinou de ir por mar cõ vm só page, porque na segurança com que se apresentasse ao Badur, lhe desse a entender, que estaua innocente de suas malicias: & que poderia ser, que vendo sua confiãça, mudaria á vontade, ou lha moueria Deos, aquem deixou todo aquelle negocio. E entregando a fortaleza ao Alcaide mór, lhe disse, que por nenhum caso se mouesse a nada, posto que ouuisse dizer que o mataraõ, & que trabalhasse por defender a fortaleza atẽ chegar o Gouernador, que naõ podia tardar muito. E embarcandosse muito seguro, & com mostras de alegria, foi desembarcar á porta d'Elrey, & sobio por suas escadas acima só com vm page, & entrou na camara d'Elrey acompanhado já de muitos que o esperauaõ; & fez suas cortezias com tanta confiança, que pasmou Elrey, & vẽdo a segurança com que ya a seu chamado, supitamente lhe tirou Deos do coraçaõ a tençaõ com q̃ estaua, & o agazalhou muito bem com o rosto rizonho, dizendolhe que o mandara chamar pera saber delle,

ſe o Gouernador ſeria cedo naquella ilha, porque já deſejaua de o ver, pera o agaſalhar & feſtejar. Manoel de Souſa lhe reſpondeo, q̃ ficaua em Baçaim fazendo algũs negocios, & que lhe parecia q̃ naõ tardaria muitos dias. E praticãdo em outras couſas bem differentes de ſuas tençoẽs, o deſpedio graciosamente. Manoel de Souſa ſe tornou pera a fortaleza, dando muitas graças a Deos, por elle ſer o autor d'aquellas couſas, & o liurar das maõs d'aquelle barbaro.

Se Valerio Maximo, Tito Liuio, & todos os mais eſcritores, louuaõ, & engrandeſſem aquelles Decios Romanos, que ſe lãçaraõ em meyo das hoſtes dos imigos por ſaluarem ſua patria: que menos fama merece eſte valeroſo capitaõ? ou que menos fez que elles? Porque ſe ſe lançaraõ em meyo dos imigos, eſte tambem ſe entregou a vm o mais cruel, & tyranno, que ſe ſabia no mundo: ſaluando com iſſo a vida de muitos, & a fortaleza do ſeu Rey. E naõ faltou a eſte, (& a outros muitos Portugueſes, pera auantajarem em tudo aos Romanos,) mais que outro Tito Liuio, que lhe engrandecera ſeus feitos: poſto que ſaõ elles taes, q̃ nem por meu fraco eſtilo, nem pellos deſcuidos que ha neſta noſſa naçaõ, de procurarem gloria, & fama por eſcritura deixaraõ os famoſos de conſeguila: porque bem ſe ſabe, que nenhũa virtude merece tantos louuores, como a fortaleza.

CAPITOLO IX.

De como o Gouernador Nuno da Cunha partio pera Diu, & no caminho encontrou cõ Diogo de Meſquita. E de como Elrey Soltaõ Badur foi viſitar o Gouernador ao Galeaõ, & de outras couſas.

ESTEVE o Gouernador Nuno da Cunha todo o mez de Ianeiro em Baçaim eſperando por Diogo de Meſquita, pera delle ſaber a certeza do que o Badur determinaua. E vendo que ya tardãdo deu á vela pera Diu, leuando comſigo Antonio da Sylueira ſeu cunhado, capitaõ de Baçaim: & atraueſſando o golfo encontrou Diogo de Meſquita, que Elrey deſpedio da cidade de Goga, de quem ſoube o mao animo com que Elrey Soltaõ Badur andaua, & que ja ficaua na ilha de Diu: & que ſem duuida trabalharia todo o poſsiuel por tornar a auer aquella fortaleza ás maõs, por todo o engano & treiçaõ que podeſſe. O Gouernador ſentio muito aquillo, pello deſapercebimento com que a fortaleza eſtaua, principalmente de agoa, por naõ ter ainda ciſterna.

na. E bem entendeo que Deos o leuaua lá pera euitar algum dano. E apressandosse o mais que pode, foi auer vista da terra a Madrefaual, cinco legoas de Diu, dõde despedio vm catur ligeiro a Manoel de Sousa, pera que se fosse ver cõ elle: & elle se deixou ir de longo da terra, a tè anoitecer, que sorgio hũa legoa de Diu. Aqui foi ter cõ elle Manoel de Sousa capitaõ da fortaleza, & recolhidos na sua camara lhe deu conta de todas as cousas que lhe tinhaõ socedido cõ o Badur, asi como já as temos cõtado. Bem entendeo o Gouernador que se lhe offereciaõ trabalhos, & que lhe era necessario declararse com o Badur: porq̃ todas as disimulaçoens que naquelle negoçio tiuesse, lhe poderiaõ ser muito perigosas. E depois de passarem a mór parte da noite em praticas sobre esta materia, despedio o Gouernador ao capitaõ Manoel de Sousa, que se tornou pera a fortaleza. Ao outro dia, tanto q̃ ventou a viraçaõ, deu a armada á vela, com vento prospero & galerno, & foise de longo da terra pera demandar o porto. Andaua neste tempo o Badur da outra banda da terra firme á cassa das gazellas: & tanto que vio a armada foisse chegando á praya, & de longo della foi vendo a fermosura d'aquella frota, que foi a mais fermosa q̃ nunca vira, que era de mais de 400. velas de toda sorte. s. cinco Iuncos grandes de Malaca carregados de mantimentos: oito naos do reino: catorze Galeoẽs: duas Galeaças: doze Galés reaes: dezaseis Galeotas: & as mais eraõ fustas, catures, bargantins, que passauaõ de duzentas & vinte & tantas velas. Yaõ mais a fora estas, naos, zambucos, & cotias de tauerneiros da gente da terra que faziaõ hũa muito grande pouoaçaõ. E á vista della foi sempre, a tè sorgir na baya de fora, junto ao baluarte do mar: & por ser já tarde se recolheo Elrey a seus paços.

Aquella noite chamou todos os seus grandes a conselho, & com elles tratou o modo de como poderia matar o Gouernador, pera lhe ficar mais facil o poder tomar a fortaleza: & antre todos se assentou, que corresse com elle com grandes comprimentos, & disimulaçoẽs, fingindosselhe grande amigo, & que o mandasse cõuidar pera lhe dar vm banquete em terra, em hũa quinta q̃ tinha na ilha, ao longo de vm fermoso tanque, & que ali o matariaõ a elle & a todos os que com elle fossem. Cõ esta resoluçaõ se recolheraõ. Ao outro dia tanto que amanheceo, (que era vespora d'entrudo,) chegou a bordo do Galeaõ do Gouernador, vm nauio com vm criado d'Elrey, que o mandaua visitar com vm presente. (O Gouernador dizem que aquella noite fora auisado da parte de Xacoes,

que

que em nenhum caſo foſſe a terra,ſe Elrey o mandaſſe conuidar.) Pello que tanto que ſoube eſtar ali recado d'Elrey, lançouſſe em cama,fingindoſſe doente. O criado do Badur foi leuado ao Gouernador, que eſtaua acompanhado de muitos fidalgos,& capitaẽs: & elle lhe deu os parabẽs de ſua vinda,da parte d'Elrey, dizendolhe, que eſtaua mũy aluoroçado pera o ver,pella grande obrigaçaõ que lhe tinha: que ao outro dia q̃ era do Entrudo,que ſabia que os Portugueſes feſtejauaõ, o auia por cõuidado cõ todos os ſeus capitaẽs, pera lhe dar vm banquete em hũa quinta ſua: & que entre tanto partia com elle da caça que aquelle dia fizera da outra banda,(que logo foi trazida á tolda,) que era hũa quantidade de gazellas mortas com ſuas pelles, mas todas cõ algũa parte menos,pé,perna,ou cabeça: & outra ſoma de galinhas, todas com as cabeças cortadas. O Gouernador muito ſeguro reſpõdeo á viſita, dandolhe os agardecimentos d'aquella merce: & que quanto a ſer ſeu hoſpede ao outro dia naõ podia ſer, de que ficaua muito pezaroſo, por q̃ eſtaua em cama de hũas febres, & poſto em dieta, que tanto que melhoraſſe lhe iria bejar as maõs,& aceitar aquellas merces & honras, & com iſto deſpedio o criado.

O Gouernador aleuantouſſe da cama, & ſayo á tolda a ver o preſente das gazellas & galinhas, & conſiderando em todas as partes que lhes faltauaõ, bem entendeo o animo d'Elrey, por que todos os Mouros ſaõ mũy dados a parabolas,& figuras: aſsi elle deſejaua deſpedaçar os Portugueſes,da maneira que as gazellas & galinhas yaõ: & parece que as partes que lhes faltauaõ, as tinha mandado ſacrificar ao Diabo, pera que elle o fauoreceſſe naquillo: ou tambẽ lhas tiraria pera fazer ſeus feitiços, por que era grande feiticeiro, & dado a agouros. Ioaõ Rodriguez fiſico mór da India, que eſtaua preſente, notando aquellas partes cortadas, diſſe ao Gouernador, q̃ tudo aquillo ya empeçonhentado, pello que mandou logo meter tudo em vm nauio,pera que ſe foſſe lançar no mar largo com a vazante da maré. Elrey ſoube do ſeu criado, como achara o Gouernador em cama, & que por cauſa de ſua infirmidade, deixára de aceitar o ſeu conuite, & determinou pera mayor diſsimulaçaõ illo viſitar ao Galeaõ, pera cõ iſſo o obrigar a lho aceitar,quando pera elle o conuidaſſe.

E ao outro dia, que foi coarta feria de cinza, mandou recado a Manoel de Souſa, que ſobre a tarde ſe foſſe pera elle, pera o acompanhar,porque queria ir viſitar o Gouernador. Manoel de Souſa o mandou logo auiſar, o que o pós em confuſaõ: por q̃ por hũa parte

via

via que lhe era necessario prẽder, ou matar Elrey, pois o elle pretendia fazer a elle: & por outra, que seria cousa muito fora de toda a lealdade Portugueza, matar homẽ inda que imigo, que com cór de amisade, & confiado nella, ya seguramente meterse em seu poder. E cuidando no que faria, assentou de o mandar prender tanto q̃ saisse do Galeaõ, & metello na fortaleza. E preparandosse pera o receber, mandou negociar o Galeaõ, & armar muito ricamente, cobrindosse a tolda toda, camara, & varãda de panos d'ouro, & dè alcatifas ricas: & deu recado a todos os capitaẽs, & fidalgos, da armada, que áquelle tempo se fossem pera elle, o mais custosamente vestidos que podessem, & que toda a armada se embandeirasse, & preparasse a artelharia pera saluar Elrey: mandando & encomendando, que se lhe fizessem todas as mostras de alegria que podessem.

O Badur, tanto que Manoel de Sousa se foi pera elle, que seria a horas de vespora, logo se embarcou com elle no seu nauio que leuou, muito ricamente toldado, & alcatifado: leuando comsigo treze capitaẽs dos seus principaes, de q̃ naõ achamos os nomes, mais que a cinco. Langarcan, homem mancebo, de naçaõ Gusarate, senhor de grande estado: Aminacem, tambẽ Gusarate, & homem de muito preço & grande estado: Cogeçofar, Italiano arrenegado, a quem Elrey se mostraua affeiçoado por amor de vm seu filho moço de muitas partes, & lhe tinha dado a villa de Currate com todas suas rendas, & mando absoluto: Carasen, & Asetcan gẽro de Cogeçofar, a que chamauaõ o Tygre do mundo, por ser vm Ianissaro muito grande de corpo, homem muito esforçado, q̃ foi o que naõ quis sair ao desafio a Manoel de Macedo, como na coarta Decada, capitolo oitauo, liuro oitauo dissemos. Yaõ mais cõ Elrey dous pagẽs seus mimosos, vm com vm arco & coldre muito rico, outro com vm terçado d'ouro, & cõ vm cofo: ya vestido em trajos do monte, de pano de Portugal verde fino, por que faziaõ terrenhos frios, na cabeça touca de muitas voltas negra, & vm punhal d'ouro metido em vm rico camarabando, com que ya cingido. E como ya com roim tençaõ (q̃ era matar o Gouernador, se visse tempo pera isso,) deixou negociados alguns nauios com gente, & recado a seus capitaẽs, pera que estiuessẽ a ponto, & que vẽdo despedir hũa frecha pera o ár acodissem com muita pressa, por que era sinal de guerra.

Partido Elrey do cais foi demandar a armada, & ao entrar por antre ella, começaraõ a salualo cõ toda a artelharia, & depois com muitos instrumentos de charamelas, trombetas, folias, & outras muitas

tas

tas mostras de alegria. Os nauios de remo que eraõ muitos abriraõ-se pello meyo pera elle passar, fazendolhe todos suas fainas, & o foraõ acompanhando a tè o Galeaõ. Ya Elrey praticando com Manoel de Sousa mũy rizonho, & alegre, & chegando ao Galeaõ sobio por elle acima mũy desembaraçadamente, indo sempre pegado com elle Manoel de Sousa, & Ioaõ de Sanctiago lingoa, que jà era mais Mouro que elle. Sobido Elrey no Galeaõ, foi pondo os olhos por todo elle, que estaua cheyo de todos aquelles fidalgos, & capitaẽs, postos em fileiras pellos bordos, & entrando na tolda, achou outros setenta dos mais velhos, mũy bem concertados, & ricamẽte vestidos, & com armas secretas por baixo. Dali foi leuado á camara, onde entrou com vm page, & com tres dos seus capitaẽs, Langarcan, Aminacem, & o Tygre do mundo. O Gouernador estaua deitado em hũa camilha muito rica, armado por baixo, & com hũa espada por dentro de longo de si. Tinha comsigo Antonio da Sylueira, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio De Sá o Rume, Ioaõ Iuzarte tiçaõ, & dõ Manoel de Lima.

Tanto que Elrey entrou dentro elle se suspendeo na cama, fingindosse muito fraco. Elrey se assentou em hũa rica cadeira de brocado, que pera elle estaua posta, sobre ricas alcatifas: & depois de assentado pos os olhos no Gouernador, & esteue vm pequeno espaço em que polla ventura passaria pella memoria o erro que tinha feito, em se meter em poder de homẽs a que elle queria tamanho mal. Passado aquelle pequeno termo lhe mandou perguntar por Ioaõ de Sanctiago como estaua, dizendolhe que lhe pezaua muito de sua infirmidade. O Gouernador lhe respondeo, que agora que via S. A. esperaua de sarar cedo, que estaua fraco, mas que já se ya achãdo milhor das febres. Elrey tinha os olhos na porta da varanda, que estaua emparada com vm pano d'ouro, porque sospeitaua, q̃ estaua dentro gente escondida: & dizem, que pello Parseo dissera a Ioaõ de Sanctiago, que disimuladamente fosse ver o que estaua dentro. Mas vm page do Gouernador (que estaua na camara auanandoo, q̃ nesta era de nouenta & seis ainda viue, & se chama Vicente Paes) nos disse, que o mesmo Rey, como homẽ desejoso de ver tudo o do Galeaõ, se aleuantara & entrara na varanda, & que naõ vendo gente ficara algum tanto desaliuado, mas naõ pouco arrependido do que tinha feito, & despedindosse do Gouernador se foi embarcar.

O Gouernador mandou meter na maõ a Manoel de Sousa vm escrito, em que lhe mandaua, que tanto que Elrey se saisse do Galeaõ o prendesse & leuasse á fortaleza.

Elrey

Elrey como ya apressado, lançousse em vm dos seus nauios, & foisse logo afastando. Manoel de Sousa deteuesse com o escrito, & quãdo chegou a bordo já Elrey se afastaua, pello que se embarcou no seu nauio, & com elle Diogo de Mesquita, Pedraluarez d'Almeida, Antonio Correa, & algũs da obrigaçaõ destes homẽs, & foi seguindo Elrey. O Gouernador tanto que se elle sayo do Galeaõ, logo se leuantou, & disse áquelles fidalgos que estauaõ na tolda, que se embarcassem muito depressa, & fossem fauorecer Manoel de Sousa em vm negocio a que ya: o q̃ elles fizeraõ, lançandosse aos nauios q̃ poderaõ alcançar.

Nesta visitaçaõ d'Elrey, achamos algũa differença nos que escreueraõ estas cousas, do que geralmente se conta antre os Mouros, & Gentios antigos de Diu, & ao que em suas cantigas cantaõ: por que todo este socesso poseraõ em verso, & o cantaõ o dia d'oje, por todo o reino de Cambaya. Dizem algũs dos nossos, que Elrey entrara no Galeaõ, & que o Gouernador o fora receber a bordo, no que se encontraõ com a disimulaçaõ que teue de se fazer enfermo por naõ ir ao banquete. E dizem mais, que o Badur depois de entrar na camara do Gouernador, cõ o desatino que tinha feito naquella visitaçaõ, & o Gouernador com o ter diante de si: vendo que lhe era necessario prẽdelo, oũ matalo, que com estas consideraçoẽs ficaraõ ambos como mudos, com os olhos vm no outro mais de meya hora, sem auer antre elles copia de palauras: & que o Badur se leuantara & se fora sem dizer cousa algũa. Tudo isto he contra a obrigaçaõ de vm Rey taõ poderoso, & de vm capitaõ taõ valeroso como Nuno da Cunha, que tãto trabalhauaõ por se fingirem vm ao outro, o que naõ podia ser sem auer palauras, como na verdade ouue, da maneira que temos dito.

CAPITOLO X.

Da desestrada morte de Manoel de Sousa, capitaõ de Diu. E de como os nossos mataraõ Elrey. E da variedade que ouue sobre o modo de sua morte. E da vida de Ioaõ de Sanctiago, & da cruel morte que aqui recebeo.



EMBARCADO Manoel de Sousa no nauio como dissemos, foi seguindo Elrey que se ya vm pouco alongando, auendo que escapara de hũa & boa, em que se metera sem cõsideraçaõ: mas naõ se ouue ainda de todo por seguro a tè chegar a terra, pera onde mãdou remar com muita pressa, leuando

uando Manoel de Souſa a meſma por chegar a elle. Ioaõ de Sanctiago vendo a que leuauaõ aquelles nauios a pos Elrey, lhe diſſe, que lhe naõ parecia aquillo bem. Elrey embaraçado com o negocio, tomou o arco, & deſpidio hũa frecha pera o ár,(que era o ſinal que tinha dado a ſeus capitaẽs, pera q̃ lhe acodiſſem) mandãdo aos marinheiros que remaſſem muito rijo,prometendolhes grandes merces. Manoel de Souſa chegando perto do nauio d'Elrey, chamou por Ioaõ de Sanctiago, dizendolhe,que diſſeſſe a Elrey que ſe detiueſſe, por que lhe queria dar vm recado do Gouernador, q̃ importaua muito. Ioaõ de Sanctiago bẽ entendeo que aquillo naõ era pera bem: & aſsi o diſſe a Elrey, que ſe leuantou em pé,& mandou remar depreſſa. O nauio de Manoel de Souſa como era muito ligeiro alcançou o d'Elrey,& lhe pos a proa, com o q̃ ſe embaraçaraõ os remos, ficando os nauios abordados. Manoel de Souſa ſaltou logo dentro, & cõ elle os companheiros,& chegãdo a Elrey liouſſe cõ elle pera o prẽder. Os ſeus tanto que aquillo viraõ remeteraõ com Manoel de Souſa pera o matarem, dandolhe algũas cotiladas,q̃ lhe naõ fizeraõ dano por ir armado ſecretamẽte. Elrey que era homem forçoſo, tambem ſe liou com Manoel de Souſa taõ rijamente, que o teue ſoſpendido. Diogo de Meſquita que eſtaua mais perto delle, deu hũa cotilada a Elrey por cima da touca, que lhe cortou todas as voltas, & o ferio na cabeça, ficando a couſa baralhada antre todos ás cotiladas, os noſſos coatro, (que naõ achamos mais,ao menos de nome) com os quatorze d'Elrey,fazendo todos marauilhas nas armas. Elrey & o capitaõ andauaõ liados, bracejando, & lutando, & de volta em volta ſe foraõ encoſtando ſobre a percha do nauio, & por cima della foraõ ambos ao már. E como Elrey era leue, & ya deſarmado deſapegouſſe logo: mas Manoel de Souſa cõ o pezo das armas ſe foi ao fundo ſem nunca mais aparecer. E aqui acabou vm fidalgo de grande valor,& esforço, & dos mais primoroſos penſamentos d'aquelles tempos. Era filho de Gonçalo de Souſa, o Laurador d'alcunha, era primo com irmaõ do primeiro Conde da Caſtanheira, filhos de dous irmaõs. conuem a ſaber, Gonçalo de Souſa, & dona Violante de Tauora. Elrey como ſe vio liure, naõ ſe quis recolher á fuſta, por que ouue por milhor partido nadar pera a terra que foi demandar, trabalhando tudo o que podia por chegar a ella: mas quis ſua ventura que começaſſe a deſcabeçar a maré para baixo, que o foi leuando pera o már, ja taõ canſado que ſe ouue por perdido. E porque áquelle tẽpo che-

E gaua

gaua perto delle vm nauio, de que era capitaõ Tristaõ de Paiua, ouue por menos mal entregarse, que morrer afogado, & asi lhe capeou, & bradou, nomeandosse Badur, Badur. Tristaõ de Paiua em ouuindo apelidar, acodio pera o saluar, dizendolhe que naõ temesse, por que nenhum mal receberia. Elrey já muito cansado ferrou dos remos de proa, onde estaua vm homem de baixa sorte, & alguns dizem que alabardeiro do Gouernador, que vendo chegar aquelle Mouro, sem saber quem era, embebeo hũa chuça ferrugenta, & lhe deu duas chuçadas, de que o matou, sem lhe poder valer Tristaõ de Paiua, que ya saltando os bancos da fusta pera o saluar.

Os nossos que ficaraõ na fusta pelejãdo cõ os d'Elrey, receberaõ todos muito grandes feridas, porq̃ tinhaõ muito asperos & duros imigos, tendo já delles mortos sete, sendo o já Pedraluarez d'Abreu, de muitas & grandes feridas. Os nauios que yaõ em fauor de Manoel de Sousa apertaraõ o remo pera chegarem, mas o page do Soltaõ Badur, que estaua na proa do seu com o arco, despedio nelles tantas frechas, que ferindolhes muitos marinheiros os fez deter por algũas vezes, a te que chegou vm nauio, vns dizem que de Gonçalo Vaz Coutinho, outros que de vm catureiro, que se chamaua o Pantafasul, que lhe pos a proa, & saltando dentro, acabousse de aueriguar aquelle negocio, cõ morte de todos os Mouros. Caracen, Cogeçofar, & Ioaõ de Sanctiago somente, que se tinhaõ lãçados ao mar a pos Elrey, yaõ buscando sua vẽtura. Os nossos ficaraõ todos atassalhados, saluo Antonio Correa, que leuou mais de vinte feridas, & algũas pellas pernas, de que depois viueo aleijado muitos annos. Caracen, Cogeçofar, & Ioaõ de Sanctiago, indo nadando a pos Elrey, deulhes tambem a vazante que os foi leuando pera fora, somente Caracen ferrou a terra ja taõ cansado que naõ podia comsigo. Cogeçofar foi dar com vm nauio em que yaõ Antonio de Soto Mayor, & Diogo de Reinoso seu irmaõ, & indo já tal que naõ podia remar, o foi demandar, pedindo q̃ o recolhessem. Antonio de Soto Mayor & seu irmaõ, acodiraõ pera o saluar das maõs dos soldados, q̃ fizeraõ muito pello matar, & com grande trabalho o recolheraõ, cõ algũas cotiladas grandes pella cabeça, apiadandosse de sua misseria & desauentura: porque os animos grandes & valerosos, a tẽ da de seus imigos se compadecem. Na mesma conjũçaõ chegaraõ algũs nauios, que yaõ em fauor d'El rey, & os tres delles socedeo chegarem aquella hora de Mangalor cheyos de muita & lustrosa gente: &

te: E como os nossos nauios andauaõ jà todos baralhados,ferrando nos dos imigos, em breue espaço os axoraraõ a todos, custando esta trisca a vida de oito dos nossos, & muito sangue a mais de corenta, ficando este negocio de todo concluido jà sol posto. Em todo aquelle tempo estiueraõ do Galeaõ do Gouernador vendo a reuolta, sem saber o que era passado, do q̃ elle estaua bem enfadado.

Ioaõ de Sanctiago, com quem ainda naõ temos continuado,foi o a maré lançando pera fóra, sem poder ferrar terra,se naõ ao pé do baluarte que está sobre o cais, que se chama oje de S. Martinho: E como era já escuro bradou aos de cima, que o mandassem tomar, nomeandosse, (porque era mũy conhecido de todos, & auido por muito mao homem.) Os da vigia tanto q̃ o ouuiraõ, sabẽdo ser elle, ajuntaraõse todos, & lançaraõ sobre elle tantas pedras,paos, & outras cousas que acharaõ á maõ,que o mataraõ, sem se elle poder afastar,de fraco & cansado:& asi onde cuidou que achasse o remedio da vida, achou & padeceo o mais cruel genero de morte que podia ser. A vida deste homem foi monstruosa, & muito pera notar nella a variedade, & inconstancia da fortuna. Era natural de Africa, em moço foi catiuo dos Portugueses em hũa caualgada:Em Lixboa o fizeraõ Christaõ, & foi vendido a vm calafate que lhe ensinou o seu officio, que aprendeo mũy bem, em que o seruio algũs annos,ajudando a sostẽtar o amo: Era de taõ agudo & sutil engenho que pasmauaõ todos.Embarcousse algũas vezes com seu senhor pera a India, que foi por calafate d'aquellas primeiras naos, que a ella passaraõ, ou naquelles primeiros annos: & falecendo em Goa o amo,o deixou forro,tẽdo elle já acquirido algũa sustancia, & vẽdosse liure ajũtou tudo o q̃ pode, & passouse ao reino do Canará a comprar pedraria,pera tornar a vender ás naos (porque naquelle tempo,cõ pouco enriquecia vm homem depressa.) Ali se deixou andar,& em breues dias aprendeo a lingoa Canará: & como era homem de engenho, soubese entremeter de maneira,que pella grãde prudencia que nelle entendeo Elrey,(algũas vezes que com elle praticou)o recolheo á si, & o teue em seu seruiço, em que o satisfez tanto, asi por sua habilidade, como pella veneraçaõ com que adoraua seus idolos, quando ya com elle a seus pagodes: que o veyo a gouernar todo absolutamẽte, do que os grandes do reino andauaõ mũy afrontados.E fazendo a enueja seu officio, la lhe ordiraõ cousas que naõ só o fizeraõ descair da graça, mas julgalo á morte, sendo leuado do mayor & mais alto lugar do reino,pera o mais vil,infame,&baixo

d'elle, que era a força, donde foi liure pellos mesmos que o chegaraõ aquelle estado, que o pediraõ de merce a Elrey: & ordenou o Deos asi, porq̃ naõ tinha ainda ali seu termo limitado. Vendosse este homẽ liure, & q̃ escapara de hũa morte taõ infame, naõ parou ali mais, & voltou pera Goa mũy apressado, dõde se passou a Ormuz, & se pos no seruiço d'aquelle Rey, & nelle o agradou tanto, q̃ o fez dos principaes diante delle, dandolhe rendas, dinheiro, & casa. E como era homem mũy cobiçoso, & vio a posse que no reino tinha, asi tyrãnizou os estrangeiros mercadores, que por amor delle deixauaõ já de vir á aquella cidade: o que sabido por Elrey o quisera mandar matar, se o capitaõ d'aquella fortaleza, que era Diogo de Mello, lho naõ pedira por ser Christaõ, tendo elle todo o tempo que seruio áquelle Rey dado mostras de vm fino Mouro, visitando as mesquitas, & fazendo todas as cerimonias Mahometicas.

Liure deste perigo tornousse pera Goa a onde residio a tè que o Gouernador Nuno da Cunha mãdou o Secretario Simaõ Ferreira jurar as pazes cõ Soltaõ Badur, quãdo deu Baçaim, q̃ o leuou por lingoa, por ser taõ perito em todas as do Oriẽte, como se se criara em cada hũa dellas. Neste negocio de Simaõ Ferreira, as vezes que tratou com o Badur, o achou taõ experto, & de tanta viueza, que o pedio a Simaõ Ferreira que lho deixasse, como deixou quando se tornou pera Goa, ficando taõ mimoso, & valido d'Elrey, q̃ lhe veyo a dar, perto de vinte mil cruzados de rẽda cada anno em aldeas: pello q̃ teue grãde casa, & riqueza, sẽdo elle vm dos q̃ gouernauaõ, o q̃ lhe durou taõ pouco como se vio, porq̃ em menos de tres annos, veyo acabar de hũa morte taõ miserauel. Era homẽ muito pequeno de corpo, & com sinaes de mal de Saõ Lazaro, que o faziaõ nogẽto.

E tornando a nossa historia. Algũs escritores cõtaõ esta morte d'El rey, & de Manoel de Sousa, por dif ferẽte maneira, por q̃ dizẽ, q̃ Manoel de Sousa indo a pos Elrey, chegãdo à sua fusta, dera hũa na outra tamanha pãcada, q̃ caira da percha ao már, indo encima della em pé, & q̃ em caindo lhe acodira Elrey, & o recolhera na fusta, onde o Tygre do mũdo lhe dera hũa estocada pellos peitos de q̃ o matara: no q̃ se encõtraõ bẽ claro cõ o q̃ passou. Porq̃ como Ioaõ de Sãctiago tinha auisado Elrey, q̃ lhe parecia mal a pressa cõ q̃ Manoel de Sousa ya a pos elle, parece q̃ se naõ auia de deter pera o tomar, antes auia de folgar cõ aquelle estoruo, pera lhe ficar mais tempo de se saluar. E quãto á morte de Manoel de Sousa ser de estocada, naõ ouue tal: porque ya armado, & as espadas dos Mouros saõ largas, & sem

& sem ponta, & naõ lhe podiaõ passar as armas: & se tal fora seu corpo ficara na fusta, & ali se achara, mas elle desapareceo no mar, porque o pezo das armas quando cayo, o leuou logo ao fundo. E assi o contauaõ os Mouros d'aquelle tempo aquem o nòs ouuimos.

CAPITVLO XI.

De como foi trazido Cogeçofar ao Gouernador Nuno da Cunha: & da liberdade que lhe deu: & de como se leuantou por Rey em Cambaya vm cunhado do Rey dos Magores: & da embaixada que mandou ao Gouernador.



ONCLVIDO o negocio, ou de hũa maneira, ou da outra, recolheraõse os nossos ao Galeaõ do Gouernador, que em estremo sintio a morte de Manoel de Sousa, & tambem a d'Elrey, porque desejaua de o auer ás maõs viuo, porque montara muito ao estado da India, & mandou com muita pressa buscar estes corpos que se naõ acharaõ, & o de Manoel de Sousa naõ era d'espantar, porque o pezo das armas o auia de leuar ao fundo: mas Soltaõ Badur sem ellas, naõ apareceo mais, nem no mar, nem na terra, onde he natural irem ter os corpos mortos, pellos o mar lançar de si. E como Elrey era grande feiticeiro & Magico, (pellos muitos annos que antes de ser Rey tinha andado pello mundo em trajos de Iogue fugido ao pay) tem os Guzarates pera si ainda oje que naõ podia morrer, & que está viuo, & que anda em figura de peixe naquelle rio, que ainda por tempos á de tornar a reinar: qual outro Artur em Inglaterra em figura de coruo. Antonio de Soto Mayor, & Diogo de Reinoso, entregaraõ ao Gouernador Cogeçofar, que elle recebeo humanamente, mandandoo leuar á fortaleza, & encarregalo ao Alcaide mór, pera que o curasse com grande resguardo, & o mesmo a Pedraluarez d'Almada, Diogo de Mesquita, & Antonio Correa.

Ao outro dia pella menhá foi o Gouernador auisado, que a gente da cidade amedrontada com a morte d'Elrey, se passaua á outra banda, & querendo prouer nisso, mandou leuar Cogeçofar diante de si: & lhe disse, que compria ao seruiço d'Elrey de Portugal, ir quietar aquella gente, porque elle determinaua de fauorecer a todos, & sustentalos em pax, & justiça, & que por aquelle seruiço prometia de lhe fazer honras & merces, & de lhe dar liberdade. E que entre tanto mandasse leuar á fortaleza seu filho, que se chamaua Marran, a onde estaria honradamente em

refens, a te ver como elle naquelle negocio ſeruia Elrey de Portugal, & que entaõ lhes daria liberdade a ambos. Cogeçofar ſe lhe lançou aos pés, agardecendolhe a merce que lhe fazia, prometendolhe de o ſeruir muito bem naquelle negocio, & em todos: & logo mandou leuar ſeu filho á fortaleza, que ſe entregou ao Alcaide mór, que lhe deu caſas pera elle, & pera algũs criados que leuou. E elle ſe foi á cidade, leuando ſeguro geral que lhe o Gouernador paſſou, pera todos os moradores della viuerem na liberdade em que eſtauaõ, & que ſe lhes naõ faria agrauo algum, ſe naõ muitos fauores. Iſto he o que achamos por mais aueriguado, que aquillo que algũs eſcreuem, que o Gouernador ſoltara Cogeçofar, tomandolhe a menagem de ſe naõ ſair da cidade ſem ſua licença: porque parece q̃ ſe não auia o Gouernador de fiar tanto d'aquelle homem, que cuidaſſe que lhe auia de guardar palaura: por que bem ſabia a pouca fè de todos os Mouros: mas tomoulhe os refens que diſſemos, pera que com mais vigilancia, & cuidado, trataſſe de ter maõ na gẽte da cidade, por que ſe naõ deſpouoaſſe de todo, & pera outras muitas couſas de que tinha neceſſidade pera a fortificaçaõ da fortaleza, & de hũa ciſterna que determinou logo fazer, que pretendia de auer per ordem & induſtria de Cogeçofar, que com o intereſſe da liberdade do filho, ſe auia de deſuelar no ſeruiço d'Elrey de Portugal.

Partido Cogeçofar pera a cidade, como tinha muita póſſe, & antre todos os naturaes grande authoridade, & era naturalmente ſagas, & prudente, tal ordem teue naquelle negocio, que naõ ſó quietou a todos os que achou ainda na cidade, mas fez tornar a ella, os q̃ já eraõ paſſados á outra banda: tornando a ficar a cidade, em ſua antigua proſperidade. O Gouernador deſembarcou aquelle dia á tarde, & ſe agaſalhou na fortaleza, mandando Antonio da Sylueira, Fernaõ de Souſa de Tauora, & o Secretario, com cada vm leuar ſua companhia de ſoldados, pera ſe meterem nos paços d'Elrey, como fizeraõ, ſem auer contradiçaõ algũa, & poſeraõ em arrecadaçaõ tudo o que ſe achou de ouro, prata, pedraria, arreos, caualos, couſas de recamara do Badur, cuja quantidade naõ achamos em lembrança: mas deuia de ſer couſa pouca, porque Elrey tinha mandado todos os ſeus thiſouros pera Meca: E antre elles foi o que tinha tomado a Madre Maluco que mandou á ſerra onde tinha ſuas molheres, & as dos ſeus capitaẽs polos ter a elles mais ſeguros, & naõ ſe lançarem co Magor, & mandou os por ſeu ſobrinho o Miraõ, que por ſer homẽ de valor faria aquelle ne-

le negocio bem. O tisouro que Soltaõ Badur tomou a Madre Ma luco, eraõ cento & vinte cofres q̃ cada vm tinha trezentos mil pagodes d'ouro: & duzentos & corẽta cheyos de moedas de prata, de que quasi naõ fazia caso. Ya mais vm cofre que pesaua coatro quintaes, que nenhũa outra cousa leuaua mais que perolas, & aljofar. Ya outro cofre que leuaua mil adagas d'ouro & de pedraria. E afirmaraõnos por cousa muito certa ser este o somenos tisouro dos que tinhaõ os antigos Reys de Cambaya, que os tinhaõ taõ soterrados & incubertos, que só a pessoa do Rey, & o Regedor do reino sabiaõ delle.

Deste barbaro soube hũa cousa que mostra bem claro quaõ grandes eraõ os tisouros que tinha. Depois de se ver desbaratado do Magor, & estar em Diu fortaleza inexpunhauel, naõ se auendo nella por seguro por quaõ senhoreado & apoderado estaua o medo do seu coraçaõ, mandou vm recado ao graõ Turco, em que lhe pedia pera segurança de sua pessoa, dous mil Rumes que queria trazer a soldo em sua companhia. E pera que o Turco lhe concedesse o que lhe pedia com facilidade, ya o recado acompanhado d'vm muito rico presente, pedindolhe muitos perdoens de lhe mandar aquella pouquidade. Sendo o presente tal, que a valia delle podera fazer rico a qualquer Rey, a que se dera. Por que era hũa cabaya de fio d'ouro de martello, laurada toda de perolas de muito preço, & os botoens q̃ a abotoauaõ, eraõ todos de diamãtes engastados em ouro, muito juntos, & de grãde valia, tamanhos como grandes tremoços. Mãdaualhe mais hũa cinta d'ouro, & pedraria muito rica, com vm terçado & adaga do mesmo feitio & riqueza, pera naõ desdizer da obra da cabaya. Mãdaualhe mais hũa coroa serrada, como coroa de Emperador, d'ouro & muito rica pedraria. E diziaõ alguns mercadores que a viraõ, que so ella valia mais de dous contos d'ouro. E a cabaya era de muito mór preço, pella muita cantidade de perolas que leuaua, de muito preço, de q̃ a somenos dellas, valia quinhentos pardaos d'ouro & a mór parte do que Elrey trazia pera seu seruiço, se passou aquella noite pera a outra banda com suas molheres. Nos almazens acharaõ hũa grande copia d'artelharia, & armas de todas as sórtes, poluora, pilouros, & muitos materiaes pera ella, & na ribeira muita madeira, & nauios de toda a sórte, & tantos mantimentos, asi na ilha, como na villa dos Rumes, que depois de se encherem os almazẽs da fortaleza, & se prouer toda a armáda muito bastantemente, se vẽdeo hũa grande copia, por se naõ auer mister.

Feitas estas cousas, entendeo o Gouernador no gouerno da cidade,pondo nella os officiaes á vontade do pouo. E proueo os officios da Alfandega,Iuiz,Feitor, & Thisoureiro a Antonio da Veiga, & na de Gogalá pos Francisco Pacheco com seus escriuaés,& contadores,mandando que vsassem nellas do costume antigo,naõ querẽdo innouar cousa algũa, por naõ escandalizar o pouo: o que tudo fez com conselho & parecer de Cogeçofar: que por se mostrar agardecido as honras & merces do Gouernador, o seruia em tudo mũy promptamente, do que elle estaua taõ satisfeito,que lhe deu o gouerno da cidade,porque Medinarraõ ja se tinha ido della, mostrando o Cofar sua prudencia,na quietaçaõ & sossego, com que viuiaõ todos os moradores, correndo sempre em grande amisade cõ Antonio de Soto Mayor, & Diogo de Reinoso, que o liuraraõ da morte, pello que lhes ficou taõ afeiçoado,que em quanto viueo, os nomeou por filhos,prouendoos sempre de dinheiro & peças, muito abastadamente. E chegou a tãto esta obrigaçaõ, que cometeo a Antonio de Soto Mayor, pera casar com sua filha, que viuuara do Tygre do mundo: que depois casou com vm Esclauones arrenegado,que tambem veyo em companhia do mesmo Cogeçofar, chamado Zinguircan, por outro nome Caracen, que he o que se saluou da fusta d'Elrey a nado. Este veyo depois a ter tanta authoridade no reino de Cambaya, que lhe deu Soltaõ Mahamud,o titulo de Caracen,que he como Condestabre do reino.

Era este homem muito graue, honrado, mũy grande amigo de Portugueses: aquem nos o anno de sessenta & tres, que fomos á cidade de Baroche, cõmunicamos, estando elle ali por capitaõ, & liamos Ariosto,Petrarcha,Dante,Petro Bembo, & outros poetas Italianos,aque elle era muito afeiçoado, & gostaua muito de o nos entendermos. Este nos cõtou algũas vezes, muito particularmente da jornada de Rax Soleimaõ,em que se elle achou: & desta do Gouernador, & morte do Soltaõ Badur, estando nos ainda bem fora de imaginar que a auiamos de escreuer,porque entaõ naõ tratauamos liuros,senaõ a espingarda.

E tornando a nossa ordẽ. Estaua na quinta do Melique vm Principe chamado Mirmahamede Zaman,cunhado d'Elrey dos Magores,irmaõ de sua molher: q̃ como dissemos,sempre andou esperando algũa occasiaõ pera ver, se podia meter pé em algum d'aquelles reinos, tecẽdo antre aquelles dous barbaros os odios passados,cuidãdo que delles lhe resultasse o que pretendia,que era ver,se desbaratado algum delles, lhe ficaua a

fortuna

fortuna abrindo caminho pera ſer Rey, o que entaõ naõ ouue efeito. E vendo agora que com a morte de Soltaõ Badur, lhe offerecia o tempo tamanha occaſiaõ pera ſer Rey d'aquelle reino, por naõ ficarem filhos ao Rey morto, ajuntando dous mil Magores que comſigo trazia, meteoſſe na cidade de Nouanager, duas legoas de Diu, & começouſſe a apelidar Rey do Guzarate. E vendo que pera ſeguramente ſe poder ſuſtentar naquelle eſtado, lhe era neceſſario fauor do Gouernador da India: Deſpedio logo vm dos principaes de ſua companhia chamado Coge Afizamo por embaixador ao Gouernador, com apontamentos das couſas que auia de tratar com elle. Eſte homem chegou á villa dos Rumes com grande acompanhamento, onde o Gouernador o mandou buſcar pellas fuſtas da armada muito embandeiradas, & o recebeo em ſala acompanhado de todos os capitaēs. O Embaixador, depois de paſſadas as palauras formaes, propos ſua embaixada na forma ſeguinte.

Que Elrey Mahamede Zaman ſeu ſenhor, lhe fazia a ſaber, que ao tempo da morte de Soltaõ Badur, ſe achara no reino de Cambaya, & que por naõ auer herdeiro aque por direito aquelle reino vieſſe, vendo que lhe cabia a elle milhor, que a nenhum outro capitaõ delle, ſe apelidara por Rey, & que folgaua de eſtar taõ perto delle, pera tratar ſobre ſuas couſas, & fazer nouos contratos de pazes & amiſades. Que lhe pedia, que pois naõ auia Principe que herdaſſe aquelle reino, que lhe pareceſſe bem que o foſſe elle, por filho d'Elrey dos Coraçones, & do antigo ſangue do graõ Tamorlaõ: & que lhe deſſe toda ajuda, & fauor, que lhe foſſe pera iſſo neceſſario, por que tambem elle eſtaua preſtes, pera conceder todos os partidos, que foſſem juſtos & honeſtos. O Gouernador muito gracioſamente lhe reſpondeo, que lhe parecia muito juſto o que determinaua, por que por todas as vias o reino lhe eſtaua mũy bem: que elle eſtaua preſtes, pera o fauorecer em tudo como pedia. E que quanto aos apontamentos, & contratos das pazes, elle Embaixador com os officiaes d'Elrey de Portugal, os determinaſſem: Entregandoo logo ao Secretario, Veador da fazenda, & ouuidor geral que o agaſalharaõ em caſas na fortaleza, que pera iſſo ſe deſpejaraõ, onde ſe lhe deu todo o neceſſario em abaſtança.

CAPI-

CAPITOLO XII.

Que contem os contratos que o Gouernador Nuno da Cunha fez com Mir Mahamede Zaman: & de como o Secretario os foi ver jurar por elle. E de como por morte de Manoel de Sousa deixou a Antonio da Sylueira por capitaõ da fortaleza de Diu. E de vm homem que trouxeraõ ao Gouernador, de trezentos, trinta & cinco annos, & de outras cousas.



O outro dia ajuntandosse os officiaes d'Elrey com o Embaixador pera assentarem os contratos das pazes, dandosse hũs aos outros seus apontamentos, que se examinaraõ de parte a parte, & por fim se vieraõ a concluir, pella maneira seguinte.

Que tanto que elle Mir Mahamede Zaman, fosse pacificamẽte Rey de Cambaya, daria a Elrey de Portugal pera todo sempre, o porto, & cidade de Mãgalor, com todos os direitos, rendas, & jurdiçaõ, com dous coces & meyo (que he hũa legoa & vm coarto) de hũa & da outra banda, com todos os portos & lugares do mar: com outros dous coces & meyo pera o sertaõ, com todas as aldeas, villas, & lugares que naquella distancia ouuesse, assi & da maneira q̃ Soltaõ Badur o possuya.

Que outro si lhe daria a cidade de Damaõ, com todas as suas Tanadarias, & aldeas que tiuesse a te as terras de Baçaim, assi como d'antes eraõ do estado de Cambaya.

Que todos os nauios de guerra, & naos, que foraõ de Soltaõ Badur, com todas as fazendas q̃ nellas viessem de fora, tomar os portos de Cambaya, seria obrigado a mandar entregar em Diu.

Que em nenhũs de seus portos poderia elle Mir Mahamede Zaman mandar fazer, nem consentir fazeremse nauios de guerra: & q̃ somente poderiaõ fazer naos de carga, pera mercadores.

Que os caualos que fossem ter a Diu, pagassem os direitos a Elrey de Portugal, assi como se pagauaõ em Goa. Estes saõ os apõtamentos que o Embaixador concedeo. Os que lhe concederaõ a elle, saõ os seguintes.

Que as moedas todas que corressem nas cidades que foraõ do reino de Cambaya, que fosse da jurdiçaõ d'Elrey de Portugal: & na ilha de Diu fossem cunhadas com os cunhos & marca delle Mir Mahamede Zaman.

Que nas suas mesquitas, & alcoroẽs de todas as ditas cidades, & lugares, fosse elle Mir Mahamede Zaman

Zaman aclamado por Rey do Guzarate, como o era Soltaõ Badur.

Que os contratos que eſtauaõ feitos antre elle Gouernador, & Soltaõ Badur, ſobre as naos & caualos irem áquella ilha de Diu, ficaſſem correndo, & nelles ſe naõ innouaſſe couſa algũa: ſomente q̃ as armas que vieſſem nas naos, lhas naõ tomaſſem, por virem pera aquelle reino.

Que a toda a gente de guerra de Soltaõ Badur, que eſtiueſſe em qualquer porto de Cambaya, que ſe quiſeſſe ir pera elle Mir Mahamede: o podeſſe fazer liuremẽte, ſem ningem lho impidir: com outros apontamentos que naõ ſaõ eſſenciaes. Concluidos eſtes capitulos ſe paſſaraõ dous eſtromẽtos em Parſeo, & Portugues, vm pera darem ao Embaixador, & outro pera ficar no eſtado. E logo o Gouernador preſente o Embaixador, & Antonio da Sylueira, Vaſco Pirez de Sampayo, Ruy Diaz Pereira, Gaſpar de Souſa, Garcia de Sá, & outros fidalgos, & capitaẽs, jurou nos ſanctos Euangelhos, de os comprir & guardar em nome d'El rey de Portugal ſeu ſenhor, muito inteiramente, & de lhe ſerẽ guardados por todos os Gouernadores da India. Deſte juramento ſe fizeraõ outros dous autos em Parſeo, & Portugues, pera ſe darem ao embaixador, emq̃ o Gouernador ſe aſsinou, com todos os que preſentes eſtauaõ. Acabado iſto, fez o Embaixador logo ali o meſmo juramento, que lhe foi dado no ſeu moçafo pello lingoa, obrigandoſe a fazer com Elrey, a jurar os meſmos contratos preſentes as peſſoas que o Gouernador a iſſo mandaſſe. O que tudo ſe fez cõ a mayor ſolennidade que podia ſer, deſparandoſſe toda a artelharia, aſsi da armada como da fortaleza, em ſinal de feſta, & alegria. Eſtas pazes, & contratos ſe apregoaraõ logo pella cidade, ao ſom de muitas charamelas, & trombetas.

O Gouernador mandou logo fazer preſtes o Secretario, para ir em companhia do Embaixador á cidade de Nouanager, a ver jurar os contratos ao Mir Mahamede: & ao outro dia o deſpedio, indo o Embaixador muito ſatisfeito, das honras & merces que lhe o Gouernador fez, leuando o Secretario por lingoa Marcos Fernandez, & perto de vinte peſſoas de caualo pera ſeu acompanhamento, leuandos peças, & brincos corioſos pera dar ao nouo Rey. O Mir Mahamede Zaman, teue auiſo da ſua ida, & o foi eſperar á quinta do Melique, mandandoo buſcar ao caminho pellas peſſoas principaes de ſua caſa, por quem foi leuado ao nouo Rey, que o recebeo muito bem. E depois de ſaber da ſaude do Gouernador, o mandou agaſalhar & banquetear mũy bem. Ao outro dia jurou as pazes publicamente

licamente em ſeu moçafo, nas maõs de Cadiçahat justiça da cidade de Diu, que o Gouernador pera iſſo mandou, o que ſe fez cõ grandes ſolennidades, & feſtas, ao ſeu modo, mandandoas logo apregoar por todo o exercito, & na cidade de Nouanager. Diſto tudo ſe paſſaraõ inſtrumentos em lingoa Perſa, aſsinados por Mir Mahamede, & pello Cadi, lingoa, & mais peſſoas principaes.

Acabado eſte negocio em que ſe gaſtaraõ cinco dias, deſpedioſe o Secretario d'Elrey, que lhe deu muitas peças, aſsi pera o Gouernador como pera elle, & o mandou acompanhar a te a villa dos Rumes. Dali ſe paſſou á outra bãda, & deu conta ao Gouernador do q̃ ficaua feito, o que elle eſtimou muito: porque ſe aquelle homem ſe ſoubeſſe cõſeruar naquelle reino, ficaua o eſtado da India, muito proſpero & poderoſo, em terras & rendas. O Gouernador foi dãdo preſſa as couſas de Diu, porque ſe ya gaſtando o veraõ, mandando reformar a fortaleza, & prouer os paſſos da ilha, pera que naõ podeſſem entrar nella, deixando no rio muitos nauios, dando regimẽtos as Alfandegas.

E porque a capitania d'aquella fortaleza, vagara por morte de Manoel de Souſa, a deu a Antonio da Sylueira ſeu cunhado, que era irmaõ do Cõde de Sortelha dom Luis da Sylueira, Guarda mór d'El rey dom Ioaõ: a quem deu oito centos homẽs pera com elle ficarem, ordenandolhe capitaẽs pera lhes darem meſas, deixandolhe dinheiro pera pagas, & muitos mãtimentos, & moniçoẽs. Na villa dos Rumes pos Ioaõ de Mendoça com cincoenta ſoldados. Eſta villa, ſeu proprio nome he Gogalá: mas depois que a armada de Mirocen, que o Viſorey dõ Franciſco d'Almeida desbaratou n'aquelle porto, foi ter áquella ilha, por que a gente della que era a mór parte Rumes, ſe agaſalhou da outra banda, ſe ficou chamando do ſeu nome a villa dos Rumes. E por que naõ he rezaõ, que paſſemos por hũa monſtruoſidade de natureza, a contaremos breuemente.

Andando o Gouernador ja pera ſe embarcar, lhe trouxeraõ da outra banda vm homem que ſe affirmaua ſer de trezentos, trinta & cinco annos, que era de meã eſtatura, as pernas muito arcadas, bem aſſombrado, de caſta Bengala, Gentio de naçaõ, mas ſeguia a ſeita de Mafamede: tinha n'aquella idade hũa ſimplicidade eſpantoſa, & cõ ella daua rezaõ de muitas antiguidades, & alcançou ainda aquelle reino em poder de Gẽtios, pella conta que daua dos Reys Mouros, que todos nomeaua com os annos que cada vm reinou. Tinha dous filhos, vm de nouẽta annos, & outro de doze: & teria ou-

tros muitos q̃ lhe morreriaõ. Affirmaua que cinco vezes mudára os dentes velhos, & lhe naceraõ nouos: & que outras tantas lhe encanecera a barba,& se lhe tornara a fazer preta. Esta renouaçaõ da natureza naõ lemos em escritura algũa que ella fizesse em algũ outro homem: por que Adaõ q̃ viueo nouecentos & trinta annos, & seu filho Set,nouecentos & doze, Caõ, nouecentos & dez: Noe, & outros Patriarchas,setecentos,seiscentos, mais, & menos, como temos na escritura Diuina,naõ achamos que viuessem se naõ via ordinaria da natureza, sem aquella renouaçaõ & reformaçaõ.

O Gouernador folgou muito de ver aquelle homem, & lhe pergũtou por muitas cousas de que lhe elle deu rezaõ: & antre ellas lhe disse,que todos os Reys antigos q̃ alcançara,lhe dauaõ cada mes vm cruzado &meyo de tença,que lhe pedia que pois aquella ilha viera a seu poder,onde elle tinha quebrada a pobre comedia, lhe fizesse merce de lha conceder,porque sua idade ja naõ era pera buscar o necessario pera a vida. O Gouernador lho outorgou de muito boa vontade, mandandolhe assentar aquelle cruzado& meyo por mes, por ordinaria, no regimento d'aquella fortaleza, com o que o velho ficou muito centente:por que n'aquelle tẽpo pella barateza das cousas, montaua aquelle cruzado & meyo mais de oito d'oje: por q̃ o arroz valia a medida a dous bazarucos & meyo, & a tres quando caro: o arratel da vaca a coatro: o paõ de coatro bazarucos era muito mayor que o de dez d'oje:& assi todas as mais cousas. Viueo este homem a te o anno de corenta & sete, por que ainda em tempo do Gouernador dom Ioaõ de Castro depois do cerco de Diu, de seu tẽpo, o viraõ n'aquella ilha, & naõ soubemos de sua morte, nem podemos achar pessoas que nos dissessem della. O Gouernador Nuno da Cunha despachou as cousas de Diu com muita pressa,& em Março se embarcou, & foi tomar Baçaim,a onde deixou Garcia de Sá por capitaõ, que o acabara de ser de Malaca,por vir della muito pobre. E prouendo Baçaim,& Chaul de moniçoẽs & mantimentos, deu á vela pera Goa, a onde depois q̃ chegou, despedio os prouimentos ordinarios pera Malaca, & Maluco: & cõ isto se cerrou o inuerno.

CAPITVLO XIII.

Que dâ cõta de quem era o Mir Mahamede Haman, que se apelidaua Rey de Cambaya. E de quem saõ os Vsbeques: & de como se fizeraõ senhores do estado de Camarcant: & dos nomes que esta prouincia teue.



QVANDO tratamos da origem, & principio dos Magores, demos larga cõta d'aquelle grande Chinguiſcan, que conquiſtou as prouincias Sogdiana, Bactriana, Parthea, Perſia, & outras que repartio com ſeus filhos: dando a de Camarcant a vm chamado Chacatá: & parte da prouincia Turcheſtan a outro chamado Vſbeque, com quem cõtinuaremos. Eſte Principe teue alguns filhos cõ q̃ por ſua morte repartio ſeus eſtados, & os ſoceſſores pello tempo em diãte os diuidirão ainda mais, partindo com filhos & netos: & de vm ſó reino q̃ era cõſtituirão muitos, como o de Hircan, Badaxan, Taxcan, Condux, & outros, prezãdoſſe todos os deſcendentes a tè oje, deſte apelido Vsbeque. Eſtes eſtados conquiſtou depois o Grão Tamorlão, & por ſua morte os herdeiros dos Reys a quẽ os tomou, lançarão mão do que cada vm lhe pertencia: ficando tudo o mais q̃ poſſuya repartido cõ dous filhos, & vm neto, por eſta maneira. O Imperio de Camarcant cõ tudo o q̃ ha dẽtro dos famoſos rios Oxo, & Iazartes, ficou a ſeu filho mais velho chamado Mirmirùxa. A prouincia Coraçone ao filho ſegundo chamado Miraxaroc, q̃ ſeu irmão mais velho depois prẽdeo, & o ſoltou dandolhe o meſmo eſtado. O reino de Balc, & Bochará, ficou a ſeu neto, filho de Ianguir ſeu filho mais velho chamado Pirmahomad, como muito bem o declara Ruy Gonçaluez de Clauijo, no ſeu Itinerario. Agora continuemos com eſtes tres ſoceſſores do Tamorlaõ.

Na prouincia Coraçone ſocedeo vm filho de Mirunxá, por cuja morte em defeito de filhos, ſocedeo n'aquelle eſtado Badur Paxa, por parente mais chegado, que era pay de Hamau Paxa, de quẽ agora tratamos, que contendeo com Cambaya. Eſte reinou alguns poucos annos, porque leuantandoſſelhe os Patanes com os eſtados que tinha derredor do Indo, & Hidaſpes, que ſeus auós tinhaõ ganhado, como temos dito, acodindo lá deixou em Camarcant vm parente ſeu, que era ſeu Veador da fazenda, & Can cahaná de ſeus reinos, (que he vm titulo ſupremo como Cõdeſtabre) que ſe lhe aleuantou com aquelle eſtado, que nunca mais o Badur Paxa pode cobrar. E por morte do aleuantado, ſocedeo vm filho ſeu chamado Babu Soltan: & por morte deſte herdou aquelle reino vm filho que tinha chamado por ſobrenome Bóſá Corná, que quer dizer Bebedor de cerueja, (por que parece que era amigo de vinho) em cujo poder ſe acabou eſte eſtado, como logo diremos: porque he neceſſario continuar com os outros principados. Por morte de

te de Pirmahomad neto de Tamur Langar ſocedeo no reino de Balc, Xaroc, ſeu tio, & naõ ſabemos ſe em defeito de filhos, ſe por lho tomar. E por morte de Xaroc ficou o eſtado do Coraçone a ſeu filho mais velho chamado Soltan Hocé: & no de Balc, vm filho ſegũdo por nome Xabeq can, a quẽ os eſcritores erradamente chamaõ Xabaſcan. Eſte foi taõ valeroſo & esforçado caualeiro, que determinou de conquiſtar todos os eſtados que foraõ do Tamur Langar ſeu biſauó: & ajuntando vm grande exercito, entrou pella prouincia Coraçone, em que reinaua Iá Bedeat Hocen, filho de Soltaõ Hocen, de q̃ acima falamos: & como eſte Bedeat naõ era menos valeroſo que o Xabeq. Sabendo que lhe entraua por ſeu reino, o foi eſperar, & lhe apreſentou batalha, em que o Bedeat foi morto com tres irmaõs ſeus: & o Xabeq ſe apoderou do reino. Foi eſte perto dos annos do Senhor de mil quinhẽtos & dez, & a molher do Rey morto fogio com vm filho, & hũa filha (que ambos eraõ mininos) & ſe paſſou a Camarcant, onde ainda reinaua Badur Paxa, que tambem era neto de Tamur Langar. Que a recebeo mũy bem, & criou os filhos como ſe foraõ ſeus, & a filha como teue idade a caſou com ſeu filho Hamau Paxa, & o moço q̃ era eſte Mir Mahamede Zamã foiſſe fazẽdo homem, & de muito grãdes pẽſamẽtos, & bõ caualeiro.

Morrẽdo o Badur, ſocedeo nos reinos do pay, ſeu filho Hamau, q̃ naõ fez conta do cunhado. E vendoſſe elle desfauorecido delle, paſſouſe a Cambaya a Soltaõ Badur, onde lhe ſocedeo o q̃ temos contado. Daqui começou Hamau a ter odio a Soltaõ Badur, por q̃ lhe recolheo o cunhado, & lho naõ mandou, mandãdolho elle pedir. E tornãdo ao Xebeq. Depois q̃ ſe vio ſenhor do Coraçone, ſabẽdo q̃ na Perſia era nouamẽte aleuãtado Xá Iſmael, lhe inuiou Embaixadores a pedirlhe, que lhe largaſſe aquelle reino, q̃ fora de ſeus auós. Xá Iſmael como andaua fauorecido da fortuna, mandoulhe dizer, que elle lhe leuaria a repoſta. E ajuntando logo vm poderoſo exercito, foi buſcar o Xabeq, aſsi por lhe quebrar ſua ſoberba, como por vingar a morte d'Elrey Bedeat, pellas obrigaçoens q̃ tinha a ſeu pay Soltaõ Hocen, que ſempre o amou como filho, & lhe deu muito grande ajuda pera ſobir á Monarchia da Perſia. O Xabeq ſabendo de ſua ida o foi eſperar, & encontrandoſſe nos campos de Maron, vindo a batalha, que foi aſperiſsima, por fim della ficou o Xabeq morto, & o ſeu exercito disbaratado. E o Xá Iſmael (ſegũdo alguns eſcritores) mandou fazer do caſco da cabeça de Xabeq vm vaſo guarnecido de ouro, por onde bebia, como já os Boyos

 fizeraõ

fizeraõ da cabeça do Conſul Poſthumio, quando o desbarataraõ em Triana de França. Deſta vez ficou o Xá Iſmael, ſenhor da prouincia Coraçone, que de entaõ pera cá ſe ajuntou à da Perſia.

Foi eſta batalha ſegundo a cõta de Ioaõ Maria Angelo (que naquelle tempo viuia, & eſcreueo as couſas da Perſia) junto dos annos do Senhor, de mil quinhentos & onze. Mas pella do noſſo Ioaõ de Barros, na de mil quinhentos & treze. Micer Catherino Zeno, q̃ concorreo no meſmo tempo, & eſcreueo eſta batalha, diz que o Xabeq. naõ morreo, mas que ſe recolhera pera ſeus reinos. As chronicas Perſias todas affirmaõ que morreo: mas ou foſſe agora ou depois, por ſua morte ſocedeo naquelle eſtado Eſcander Can, que as eſcrituras naõ declaraõ ſe era filho, ſe tio, ſe irmaõ. Eſte homem foi muito valeroſo, & ganhou os eſtados de Hiarcan, Badaxan, Taxcan, Condux, & outros pera a parte do Turcheſtan, & começou a conquiſtar o de Camarcant, a onde reinaua Boſá Corná: & andãdo neſta impreſa, faleceo na entrada deſte anno de trinta & ſete, em que andamos. Socedeolhe ſeu filho chamado Abdula-can, que acabou aquella impreza, & ſe ſenhoreou de todo o eſtado de Camarcant, & de outros muitos que ha derredor do Oxo, & Iaſartes: com o que ficou vm dos mores ſenhores do mundo.

E como era ambicioſo de honra, & fama, mudou o nome áquella prouincia (que a te entaõ ſe chamaua Zagatay,) em Vsbequia, & mandou que todos os ſeus naturaes ſe chamaſſem Vsbeques: por eſte nome ſaõ oje taõ conhecidos, & temidos, em todo o Oriẽte, que a te os Magores que ſaõ os mais ſoberbos homens delle, lhe reconhecem ſuperioridade. Com iſto fica bem conhecida a prouincia Vsbequia, & confundido o erro dos que fizeraõ o Xabeq. tartaro, ſendo na verdade Chaquatay.

Eſta prouincia Coraçone, de que falamos, affirmaſſe que foi a antiga Parthia, & ſeus naturaes os famoſos Parthos, taõ nomeados de Plutarco, Apiano Alexandrino, & de todos os eſcritores Romanos. Eſtes foraõ os que desbarataraõ o grãde exercito de Marco Craſſo, matãdo a elle, & a dez mil Romanos, & catiuãdolhe outros tantos, cuja morte exclama aquelle grãde Poeta Mena, dizendo:

E vimos a Craſſo ſangrienta la
eſpada,
De las batallas que hizo en
Oriente,
Aquel de quien vido la Roma-
na gente,
Su muerte plañida, mas nunca
vengada.

Tomou

Tomou esta prouincia o nome de Horacanja,que he o seu verdadeiro (& naõ Coraçone como vulgarmente se chama) de Horacan Soltaõ,neto de Mafamede, que os Persas affirmaõ estar enterrado na cidade de Maxet, principal d'aquelle reino.

Saõ os Vsbeques homens robustos,espadaudos,rostos largos barbaçudos,olhos fogosos, encarniçados,& taõ destros archeiros, que indo correndo a caualo, assi pera tras como pera diante vaõ derribando as aues nos ares: quãdo caminhaõ naõ leuaõ mais que suas armas, & ceuadeiras com farinha de trigo, & onde chegaõ mataõ vacas,bufaras, & outras alimarias que comem taõ mal assadas, que o sangue lhes corre pellas ilhargas das bocas, & das farinhas fazem seus bollos. E se naõ achaõ gado, sangraõ os caualos, & o sangue misturado com a farinha, fazem hũas papas cozidas com q̃ se sustentaõ,& cõ que engordaõ.Pello que parece serem estes os antigos Masagettas, de quem Lucano no terceiro da Pharsalia,diz:(Os Masagettas que de sua longa abstinẽcia na guerra mataõ a fome com o sangue de seus caualos.) E por q̃ estes homẽs naõ vsaõ outro mantimento: pòde aquelle Rey cada vez que quer,caminhar com cem mil caualos,por que estes se sustentaõ das eruas dos campos, & das agoas dos rios, com q̃ andaõ gordos: & saõ taõ aturadores do trabalho,que antre dia & noite andaõ vinte,& mais legoas. Seguem estes homens os Arabios em sua seita, sobre o que tem com os Persas grandes contendas, & saõ imigos mortaes, por auerem vns aos outros por hereges, & tem tomado diuisas de suas opinioẽs. Os Persas turbãtes vermelhos,a que os Turcos chamaõ, quizilbax, que quer dizer, os das cabeças vermelhas: & os Vsbeques toucas verdes, a que chamaõ,isilbax, a quẽ o douto varaõ Paulo Iouio chama cuselbas,& caselbas: por que lhe naõ souberaõ dizer a verdadeira ethimologia destes nomes, ou apelidos: que he o em que consiste o verdadeiro intendimento das cousas,& no saber inquirilas, vai tudo.

Fim do Primeiro Liuro.



LIVRO SEGVNDO
DA QVINTA DECADA
DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

De como os grandes de Cambaya aleuantaraõ por Rey Soltaõ Mamud, & do exercito que mandou contra Mirmamede Haman, que se apellidaua Rey de Cambaya, & do recontro que tiueraõ com os Magores, em que ficaraõ desbaratados.



SABIDAS as nouas da morte de Soltaõ Badur por todo o reino, & depois da morte do Miraõ seu sobrinho que logo lhe socedeo no reino, em que naõ viueo vm anno: & que o Mirmamede Haman se apellidaua Rey, & estaua em Nouanager com vm exercito de Magores, a que em Cambaya tinhaõ odio mortalissimo: ajuntandosse todos os grandes a conselho, assentaraõ que era necessario atalharse áquelle negocio logo em fresco, primeiro que o nouo Rey aleuantado viesse a cobrar maior poder: por que naõ viessem todos a ficar debaixo de jugo alheyo. E passandosse á cidade de Amadabá, onde estaua Soltaõ Mamude, sobrinho de Soltaõ Badur, filho de vm seu irmaõ, que era moço de quinze annos, & pôdoo na cadeira real o juraraõ por Rey com grande solennidade. Feito isto elegeraõ logo tres titores pera lhe ajudarem a gouernar o reino: estes foraõ Madre Maluco, genro de Cogeçofar, Driarcan, & Alucan: todos homens estrangeiros, Turcos, & Rumes, que entaõ eraõ as mayores pessoas do reino. A primeira cousa que estes fizeraõ, foi, quietarem alguns tumultos que auia, & castigarem alguns aleuantados que naõ quiseraõ acodir ao seu Rey, deixando as cousas de Mirmamede pera depois que o Gouernador Nuno da Cunha se partisse de Diu (por que isto foi pouco depois da morte de Soltaõ Badur) por que souberaõ elles os contratos que elle tinha feito com o Gouernador, que se naõ podia deter muito, por causa do inuerno que se vinha chegando. Estas nouas teue logo o Mirmamede Haman, que as inuiou ao Gouernador, mandandolhe pedir conselho sobre o que faria na-

quelle

quelle negocio. O Gouernador Nuno da Cunha lhe mandou dizer, q̃ lhe conuinha com essa pouca gente que tinha acodir logo á cidade de Amadabá, & saltear o nouo Rey primeiro que lhe acodisse o poder: por que elle sabia de certo, que auia diuisoens, & muitos descontentes da eleiçaõ dos Turcos, que começauaõ a castigar alguns que auiaõ por culpados, que estaua certo acodiremlhe, & ajuntaremse com elle. E q̃ sempre nos reinos auia homẽs amigos de nouidades, que auiaõ de folgar de o seguirem, com quem lhe era necessario mostrarse no principio liberal, por que nisto estaua viremse todos pera elle: & que se naõ descuidasse naquelle negocio, por que depois que os titores ajuntassem poder, naõ lhe sintia remedio.

Este conselho pareceo mũy bẽ ao Mirmamede Haman: & sem duuida que se o tomara ficara Rey de Cambaya, por que a gente que tinha bastaua pera saltear o nouo Rey, & apoderarse da cidade de Amadaba: mas elle descuidousse, & deixousse estar em Nouanager em passatempos, como outro Anibal em Capua, pello que deixou de ser senhor de Roma, como este do Imperio do Guzarate. Os titores, & Gouernadores do reino, depois que deraõ ordem a muitas cousas delle, & de saberem ser o Gouernador partido pera Goa, & que naõ auia de tornar por entaõ a ajudar com gente Portuguesa a Mirmamede Haman, com quem se tinha concertado quando se aleuantou por Rey de Cambaya, ajuntãdo dez mil caualos, & quinze mil de pé, os dous Regedores Madre Maluco, & Alucan, se partiraõ com elles mũy apressadamẽte em busca do Mirmamede Haman, & em poucos dias chegaraõ aos campos de Nouanager, de que logo teue auiso o Magor, & ouuese por perdido, conhecendo entaõ o grande erro que tinha feito em naõ seguir o conselho que lhe dera o Gouernador Nuno da Cunha. E preparãdo sua gente assentou de esperar os capitaens em campo, por que na cidade facilmẽte se podia perder, por ser toda aberta, & naõ ter comodo pera se defender nella. E querendo sairse, acharaõse ali ja cercados dos imigos. Mirmamede Haman, q̃ era homem muito animoso, disse aos seus, que naõ auia jà que fazer, se naõ cometerem os imigos, & trabalharem por d'aquelle primeiro encontro os romper, & que os que escapassem se fossem recolhendo pera a bãda do Cinde, pera áquelle Rey, que tambem era Magor, & muito seu parente, & que dali fariaõ o que a fortuna lhes ordenasse.

Com esta resoluçaõ se poseraõ a cauallo, & de dous mil que eraõ fez Mirmamede Haman duas ba-

talhas,hũa que elle tomou que era de mil & duzentos, & a outra de oito centos deu a outro capitaõ. E ſaindo ao campo leuando Mirmamede Haman a dianteira, remeteo com os imigos como vm liaõ brauo, & pondolhes as lãças com grandes gritas & alaridos foi rompendo por elles, partindoos pello meyo, derribandolhes d'aquelle encontro mais de duzẽtos, ſaindoſſe ao campo largo com perda de ſó tres homẽs, & aſsi como foraõ varando foraõ caminhando adiante. O ſegundo eſcoadraõ vẽdo Mirmamede Haman miſturado com os imigos, que aſsi como ſe abriraõ ſe tornaraõ logo a fechar,auendoos a todos por perdidos,porque os naõ viraõ arrebẽtar fora ao campo,& tomando outro conſelho,voltaraõ & foraõ fugindo pera a banda de Diu. Os imigos os foraõ ſeguindo,matando, & derribando nelles ſem piedade,acrecentandolhes o esforço, o medo que viaõ leuar a homẽs, a que todos os de Cambaya tiueraõ tamanho medo. O Mirmamede Haman tanto que ſe vio em ſaluo,& alongado dos imigos, parou por eſperar pello ſegundo eſcoadraõ, o que fez muitas horas ſem chegar, pello que o ouue por perdido, & de magoa parecia querer arrebentar: & ajuntãdo os ſeus,aſsi lhes diſſe.

Naõ me conſinte o animo & amor que a todos os meus naturaes tenho,valeroſos & esforçados companheiros meus,que os veja a elles em perigo, ficando eu fora delle: antes deſejo ſer o primeiro em todos os trabalhos & riſcos. Pello que he neceſſario que tornemos a voltar em buſca do outro eſcoadraõ, que pois tarda deue de eſtar em perigo. Vamos & corramos cõ elles a meſma fortuna,& naõ vos aſſombre a multidaõ dos imigos,que eſtes ſaõ os meſmos,q̃ muitas vezes fugiraõ ſó de nos ouuir nomear, & ninguem os pode oje fazer esforçados, ſe naõ noſſa couardia: & eu confio que em nos vendo outra vez com elles,percaõ o furor ſe o tiuerem,por que bem aõ de entender de noſſa volta,que he pera liurarmos os noſſos, à cuſta de noſſas vidas, que a elles aõ de ſer bem caras: & naõ os tenho por taes que queiraõ eſperar eſta determinaçaõ. A nenhum dos ſeus pareceo bem aquilo, dandolhe rezoens taes, & taõ frias, que entendeo de ſeu temor, que naõ fariaõ couſa algũa, & aſsi triſte & malenconizado foi ſeguindo ſeu caminho pera o Cinde, lembrandolhe nouamente pera mór magoa ſua que deixara de ſer ſenhor de vm tamanho Imperio por ſeu proprio deſcuido & negligencia.E eſtes deixalosemos,porque naõ ſabemos mais que irem ao Cinde.

Os do outro eſcoadraõ que yaõ pera Diu, foraõ ſempre fugindo ſem fazerem volta, perdendoſſe

na jornada perto de coatro cẽtos. Os outros que eſcaparaõ chegaraõ à villa dos Rumes, onde eſtaua por capitaõ Ioaõ de Mendoça, que acodio com muita preſſa às portas da villa, & vendo aquella reuolta, & os Magores ao longo dos muros pedindolhe fauor, & ajuda (por que jà vinha entrando com elles a gente de Cambaya, q̃ começaua a encher os campos) mandou deſparar nelles algũas peças d'artelharia com que os deteue. Os Magores eſtauaõ recolhidos ao longo dos muros, & ferrados às portas, pedindo que os recolheſſem, o que os porteiros fizeraõ a alguns, por vm muito pequeno poſtigo, por que lhes encheraõ as maõs de dinheiro.

Aqui aconteceo vm raro exemplo de amor, que por tal o contaremos, & foi, que trazendo vm deſtes Magores ſua molher nas ancas do caualo, moça, & fermoſa, vẽdo que por dinheiro recolhiaõ alguns dentro na fortaleza, chegouſſe ao porteiro & lhe diſſe, que tudo o que trazia comſigo lhe daua, & que lhe recolheſſe dentro ſua molher, por que como a viſſe liure, naõ lhe daria couſa algũa do perigo que elle correſſe: o q̃ diſſe com moſtras de tanto amor, que venceo aos da porta à querela recolher: & entregandolha elle, & apartandoſſe della com palauras de muitas ſaudades, ſintio ella iſto tanto, que indo jà entrando, tornou a voltar pera fora dizendo:

Nunca Deos queira que te deixe de acompanhar na morte, aſsi como o fiz ſẽpre na vida, o meſmo riſco q̃ tu correres, quero eu correr, por que em quanto te vir, todos auerei por pequenos, & ſem ti naõ quero vida nem liberdade, & aſsi ſe deixou ficar de fora ſem ſe querer recolher, por muito que lho elle rogou.

Ioaõ de Mendoça tinha mandado recado a Antonio da Sylueira capitaõ da fortaleza ſobre àquelle negocio: elle lhe mandou dizer que recolheſſe na villa todos os Magores, & que naõ deixaſſe chegar ao campo a gente de Cambaya. Elle o fez aſsi, abrindo as portas a todos. E na entrada ouue tamanha reuolta com o medo que leuauaõ, que vns por cima dos outros ſe arremeſſauaõ taõ deſatinadamente, como ſe os imigos foſſem alcançandoos, eſtando elles bẽ apartados, por que a noſſa artelharia os fez afugentar: mas o medo da morte lhes fazia parecer q̃ lhes yaõ elles dando nas coſtas. Ioaõ de Mendoça os recolheo, & agaſalhou com muita humanidade, mandando curar a muitos que yaõ feridos.

Elles mandaraõ pedir a Antonio da Sylueira embarcaçoens pera ſe paſſarem a Dabul, que lhes elle logo deu, & foraõſe muito ſatisfeitos do gaſalhado & fauor que acharaõ em os Portugueſes.

Madre

Madre Maluco, & Alucan, vendo os Magores recolhidos, contentandosse com os danos que lhes tinhaõ feito, tornaraõse pera Amadaba, a onde Elrey estaua, & com elle andaraõ todo este inuerno visitando seus reinos, amostrãdosse a seus vassalos, que todos lhe acodiraõ.

Antonio da Sylueira vendo o negocio baralhado, lançou maõ da Alfandega de Diu, & de todas as rendas da ilha, que começou a arrecadar pera Elrey sem achar inconueniente algum: porque Elrey Soltaõ Mamude andaua occupado em outras cousas que lhe mais importauaõ, que era quietar seus reinos, castigar, & reduzir à obediencia alguns vassalos rebeldes, que nas guerras dos Magores naõ acodiraõ a Elrey Soltaõ Badur seu tio. Antonio da Sylueira auisou logo ao Gouernador do que passaua, o que jà naõ pode fazer se naõ por terra, por ser o inuerno de todo entrado: pello que deixaremos agora estas cousas, por continuarmos com as de Maluco, por guardarmos em tudo a ordem da historia.

CAPITVLO II.

Das cousas que este anno acontecerão em Maluco: & da chegada de Antonio Galuaõ àquella fortaleza: & de como foi buscar os Reys da Liga à ilha de Tidore a onde lhes deu batalha, em que os disbaratou.

ESTANDO as cousas da fortaleza de Ternate, no pior estado q̃ se podiaõ imaginar, pello grãde aperto em que os Reys conjurados tinhaõ posto os nossos, defendendossellhes por todas as partes os prouimentos, de que totalmente estauaõ muito faltos, & sem duuida se perderaõ, se Deos naquelle derradeiro estremo naõ trouxera Antonio Galuaõ, q̃ sempre teue muito boa viagem, a te lançar ferro diante d'aquella fortaleza, que pera todos os que nella estauaõ foi vm nouo resuscitar, por que realmente se auiaõ por acabados. Antonio Galuaõ tomou posse da fortaleza, onde foi recebido com cruz alçada: & tomando informaçaõ do miserauel estado em que àquellas cousas estauaõ, & de como todos os Reys da liga estauaõ na ilha de Tidore, com taõ grande poder, que se affirmaua terem perto de vinte mil homens, & que estauaõ cõjurados pera cometerem, & escalarem a fortaleza, pera o que tinhaõ jà prestes muitas embarcaçoens pera passarem a Ternate, com muito aluoroço de todos: que dos bens dos

nossos

nossos tinhaõ jà feito grandes repartiçoẽs. Informado Antonio Galuaõ de tudo, como era fidalgo virtuoso, & em estremo deuoto de nossa Senhora, encomendoulhe muito todas aquellas cousas com mũy deuoto coraçaõ. E tomando conselho sobre o que faria, foraõ todos de parecer, que tentassem os imigos com pazes, cometendolhes algum modo de satisfaçaõ, & que quãdo elles a naõ quisessem aceitar, era necessario arriscarse tudo, por que com guerra lenta, naõ se podiaõ desfazer aquelles imigos, & que quando elles naõ ousassem a vir cercar a fortaleza, por ser chegado socorro da India, com só se espalharem por antre aquellas ilhas, & lhes impidirem os mantimentos, era a mayor guerra que se podia recear. Antonio Galuaõ despedio logo vm Embaixador a Elrey de Tidore, que o ouuio diante de todos os Reys da liga: & elle lhe disse: que Antonio Galuaõ era chegado áquella fortaleza por mandado d'Elrey de Portugal, & que desejaua muito de correr com todos os senhores d'aquelle Archypelago em paz & amisade, por que asi o trazia muito encomendado por regiméto do seu Rey: que lhe pedia por merce, que deixados os agrauos a parte (que elle estaua prestes pera satisfazer & emendar) tornassem a antiga paz & amisade: por que se naõ perdesse aquelle taõ antigo comercio, de que a todos tinha resultado taõ grandes proueitos. Os imigos como estauaõ soberbos, & confiados no grãde poder que tinhaõ, responderaõ dispropositos, zombando, escarnecendo, & dizendo grandes opprobrios, & afrontas contra o nome Portugues, taõ auorrecido a todos. O Embaixador se recolheo sem conclusaõ algũa, & quasi que esteue arriscado.

Sabido por Antonio Galuaõ o que passaua, resolueosse em por todo o remedio nas armas, encomendãdo aquellas cousas a Deos, com verdadeiro coraçaõ, ordenãdo logo todas as cousas que pera isso lhe eraõ necessarias: por que assentou de ir buscar os imigos, & darlhes batalha. E as primeiras achegas que ajuntou, foraõ procissoens, oraçoens, esmolas, & outras obras pias, tudo á custa de sua fazenda (que estas eraõ as mercadorias que este fidalgo foi fazer á sua fortaleza, de que os de oje bẽ se riraõ.) E pondo toda a armada no már, embarcando as moniçoẽs que auia, vltimamente se embarcoũ: entregãdo a fortaleza a Tristaõ de Tayde, & fezse á vela. A armada que leuaua, eraõ coatro Galeoens, que estauaõ no porto, & algũas Corocoras, nestas vasilhas yaõ embarcados, cento & setenta Portugueses, & duzentos & trinta da terra, em que entrauaõ alguns escrauos dos casados. Com toda esta frota foi sorgir defronte da cidade

dade de Tidore, ſaluandoa com ſua artelharia, que naõ deixou de por eſpanto nos imigos, cuja multidaõ acodio á praya a dar viſta a os noſſos, com tamanhos alaridos, ꝙ poderaõ por medo a qualquer outro capitaõ, que naõ fora taõ confiado no fauor diuino. Surta a armada, meteoſſe Antonio Galuaõ em hũa Corocora ligeira, & foiſſe chegando á terra pera reconhecer a cidade, que eſtaua eſtendida de longo da praya, cercada por detras de muros, & com hũa caua á roda. Na face da praya tinha alguns baluartes muito fortes, & mũy bem guarnecidos de gente & artelharia. Da banda do ſertaõ vm pouco afaſtado da cidade, tinha vm monte, que lhe ficaua como padraſto, em cima de quem eſtaua vm caſtelo roqueiro, arrezoado. Antonio Galuaõ foi notando a cidade muito deuagar, & rodeãdo a ilha por toda aquella parte, por ver onde acharia milhor diſpoſiçaõ pera deſembarcar com menos riſco, & notou vm lugar comodo pera iſſo, vm pouco afaſtado da cidade. E tomando parecer com os que leuaua comſigo, ſobre o modo de como ſe cometeria a cidade: aſſentouſſe que ſe deſembarcaſſe naquella parte de madrugada, & que foſſem por detras ganhar o caſtello, & que depois ſe cometeſſe a cidade, por que já entaõ eſtariaõ os imigos amedrõtados cõ a perda do caſtello.

Aſſentado iſto preparouſſe Antonio Galuaõ pera o outro dia, ꝗ era do Apoſtolo Saõ Thome, padroeiro da India, em cujo dia por ſeus merecimentos fez Deos noſſo Senhor muitas merces aos Portugueſes (como pello diſcurſo da hiſtoria apontaremos.) Tanto que o coarto dante alua ſe rendeo, embarcouſſe Antonio Galuaõ nas Corocoras, com cẽto & vinte Portugueſes, & cento & oitenta Chriſtaõs da terra, deixando a mais gẽte na armada pera guarda della, que ficou encarregada a hũa peſſoa de confiança, com ordem do que auia de fazer, & elle em muito ſilencio foi deſembarcar no lugar determinado, leuando muito boas guias pera o encaminharem ao caſtello. Ao meſmo tẽpo ſe leuou toda armada, & com os traquetes ſe foi chegando á cidade, fazendo moſtras de quererem deſembarcar em os bateis, diſparãdo toda ſua artelharia. Os imigos tanto que aquillo viraõ, acudiraõ todos á praya pera defenderem a deſembarcaçaõ, deſcuidandoſſe de todas as mais partes, de feiçaõ, que teue Antonio Galuaõ tempo de chegar acima ao caſtello, ſem ſerem ſintidos. Era iſto já a tẽpo que a menhã começaua a deſcobrir.

Os noſſos tanto que chegaraõ acima cometeraõ o caſtello com muito animo, trabalhando pello entrar, os de dentro em ſintindo

que

que eraõ Portugueses fizeraõ sinal pera que na cidade se soubesse, & elles se poseraõ á defensaõ mũy determinadamente. Elrey Ayalo de Ternate, que lá andaua fogido, ouuindo o sinal, ajuntou vm corpo de gente, & acodio acima a ver o que era, porque naõ sabiaõ do que era passado, & chegãdo ao monte deu de rosto com os nossos que estauaõ mũy acesos na briga, & algũs tratauaõ de quebrar as portas, com quẽ remeteo Ayalo com grande furor, mas Antonio Galuaõ acodio ali, pondosse diante dos seus, & como vm leaõ pelejaua por hũa parte, & como prudente capitaõ trazia os olhos nos seus animandoos, & esforçandoos, por que naõ tiuessem tempo algũs de se escoarem, por q̃ a todos via & notaua. Elrey Ayalo andaua diãte dos seus armado em hũa saya de malha, & vm capacete, & com hũa espada de ambas as maõs pelejaua valerosamente. Antonio Galuaõ em o vendo remeteo a elle com hũa espada & rodella, começandoo a ferir denodadamente. Os de Ayalo acodiraõ ali pera o ajudarem. Os Portugueses tambem o fizeraõ ao seu capitaõ, trauandosse antre todos hũa muito aspera batalha, & muito arriscada da parte de Antonio Galuaõ, por que os imigos eraõ muitos: mas quis Deos, que dessem hũa espingardada em Elrey, de que cayo, estando já ferido das maõs de Antonio Galuaõ, & com a raiua da morte se tornou aleuantar logo: mas como a ferida era mortal, tornou a cair, bradando pellos seus, que o recolhessem primeiro que os caens (que assi chamaua aos Portugueses) espedaçassem seu corpo como desejauaõ. Os seus vendoo d'aquella maneira o tomaraõ nos braços em que lhes logo morreo, & recolheraõse. Os seus em o sabendo se começaraõ a desbaratar, & largando as armas foraõ fogindo pera a cidade, a onde já se sentia o rebolisso, & vinha outro corpo de gente em seu soccorro: & encontrãdosse cõ elles que yaõ desbaratados, & os Portugueses matando, & ferindo nelles, voltaraõ todos, sem verem quaõ poucos os nossos eraõ. Antonio Galuaõ vendo a vitoria por si, a foi seguindo com grande estrago dos imigos. E alguns delles que naõ poderaõ fogir pera baixo, foraõse recolhendo pera o castello, indo apertados de algũs dos nossos. Os de dẽtro acodiraõ aos recolher, abrindolhes as portas: mas foi tamanho o medo, & embaraço, q̃ entraraõ os Portugueses de enuolta com elles, matando, & derribãdo muitos. Os imigos largando as portas, & vendosse perdidos, lançaraõse dos muros abaixo, espedaçandosse vns, & outros caindo nas maõs dos nossos, que naõ passauaõ milhor: por que lhes abriaõ as entranhas de feiçaõ, que

poucos eſcaparaõ. Antonio Galuaõ acodio áquella parte, & vẽdo tamanha merce de Deos, tomou logo hũa muito prudente reſoluçaõ, que foi mandar dar fogo ao caſtello, por que os ſeus naõ tiueſſem eſperanças de ſe ſaluar nelle. E ajuntando todos lhes diſſe.

Ora ſus meus caualeiros de Christo, pois nos elle faz tãtas merces, naõ arrefeſſamos, ſaibamonos aproueitar do tẽpo, & vamos cometer em freſco a cidade, por que os imigos eſtaõ com o medo nas entranhas: & agora vendo eſte incẽdio aõ de acabar de deſcoraçoar, & naõ aõ de eſperar noſſa furia, por iſſo ſeguime, q̃ Deos he com noſco. E tomando a bandeira de Chriſto a par de ſi, arremeſſouſſe pello monte abaixo como vm toruaõ, & foi demandar a cidade ao ſom de muitas caixas & trõbetas, com grãdes gritas de todos os noſſos, q̃ com vm nouo animo yaõ ſeguindo ſeu capitaõ. E entrãdo por hũa parte foi tamanho o medo dos imigos, q̃ largaraõ a cidade, recolhendoſſe pera o ſertaõ, ficando ella com todo o ſeu recheo em maõs dos noſſos. Antonio Galuaõ como teue auiſo q̃ tudo era deſpejado, receãdoſſe d'algũas deſordẽs dos ſeus ſoldados, mãdoulhe ſecretamẽte dar fogo, & como toda era de madeira & palha, começou a arder com grande eſtrondo, queimandoſſe dentro nas caſas muitas molheres & mininos q̃ naõ poderaõ fugir. E por que foi auiſado de vns almazens de mantimentos & moniçoẽs, mãdou ter nelles grãde reſguardo, pella neceſsidade q̃ de tudo iſto tinha.

Os bateis & bantins acodiraõ logo a praya, onde o capitaõ mãdou recolher tudo, o que ſe fez cõ muita preſſa, por auer muitos marinheiros & ſeruidores. Recolhido tudo, & a cidade feita em cinza, ſe começou a embarcar, naõ deixãdo de auer antre os ſoldados alguns deſmandos, por que muitos ſe eſpalharaõ pella cidade a roubar, catiuando muitas peſſoas, que pellas caſas eſtauaõ eſcondidas. Embarcado Antonio Galuaõ, mãdou por o fogo a algũas Corocoras que eſtauaõ varadas, & a outras embarcaçoẽs, & a vm Iunco que eſtaua na baya, mandando recolher algũas: o que tudo fez muito á ſua vontade, ſem ter ſobreſalto dos imigos. Aſsi ſe recolheo, com hũa taõ grande vitoria, qual nunca lemos, nem ouuimos, desbaratando com cento & vinte Portugueſes, coatro Reys, cõ vinte mil homens, & em ſua propria terra: por onde podemos dizer, que Deos foi o que pelejou em fauor deſte capitaõ, q̃ por ſua virtude mereceo alcançar delle tamanha merce. Chegou Antonio Galuaõ a Ternate, onde foi recebido com prociſſaõ ſolenne. Os Reys imigos ficaraõ taõ deſbaratados, perdidos, & amedrõtados,

dos, q̃ em nenhũa parte ſe tinhaõ por ſeguros: tratãdo os da liga de ſe irẽ pera ſeus reinos, o q̃ naõ poderaõ fazer, por que Antonio Galuaõ mandou logo hũa armada de Corocoras q̃ rodearaõ aq̃lla ilha, por ſe elles naõ ſairem della: por q̃ determinaua de conſumir a todos dentro, mandando ter grande reſguardo, & vigia nos mantimẽtos, pera que lhes naõ foſſem. E aſsi os pós em tanta neceſsidade, q̃ metidos nos matos, comiaõ todas as eruas, & ceuandilhas da terra. Mas todauia como a neceſsidade era grande, la tiueraõ maneira com q̃ ſe arriſcaraõ aquelles Reys a embarcarem em embarcaçoẽs pequenas, por que os noſſos naõ poderaõ ter tanto reſguardo, q̃ ſe lhes naõ ſaiſſem da ilha muitos: ficando Elrey de Tidore ſó, & aſſombrado, deſejando occaſiaõ pera cometer pazes, por ſe naõ acabar de perder de todo. Neſte eſtado ficaõ as couſas de Maluco, a te tornarmos a ellas.

CAPITVLO III.

Da armada que eſte anno de trinta & ſete partio do reino, de que era capitaõ mor Jorge de Lima: & de como Martim Afonſo de Souſa foi ao Malauar, & o Gouernador Nuno da Cunha partio pera Diu.

Anno 1537.



ELLOS correos (que na India chamaõ Patamares) que Antonio da Sylueira mandou ao Gouernador, ſoube elle o ſoceſſo das couſas d'aquella fortaleza de Diu: & de como Soltaõ Mamude eſtaua pacificamente obedecido por Rey em Cambaya. E entendendo bem que naõ auia de querer perder hũa tamanha couſa, taõ rica, & taõ importante, como era a ilha de Diu: & que eſtaua muito certo quererſe ſenhorear della: ouue que lhe era neceſſario acodir lá, & prouer em muitas couſas de que tinha neceſsidade: por que por deſcuido naõ vieſſe a acontecer algum deſaſtre. Pello que mandou dar logo preſſa a toda a armada, pera tanto que as naos do reino chegaſſem, ſe embarcar. Eſtas naõ tardaraõ muito, que na entrada de Setembro naõ ſorgiſſem na barra de Goa tres, de cinco que de Portugal tinhaõ partido: de que era capitaõ mór Iorge de Lima, & os outros eraõ dom Fernando de Lima, & Lopo Vaz Vogado. Das outras duas, que eraõ a Raynha, era capitaõ dom Pedro da Sylua da Gama, filho do Conde Almirante. E da Galega, Martim de Freitas: q̃ ambos partiraõ de Portugal, com regimẽto q̃ foſſem demãdar a ilha de Diu, & lançaſſem gente, & moniçoens na-

quella fortaleza, por que tanto q̃ Elrey ſoube, aſsi por Diogo Botelho (que foi na fuſta como ja diſſemos no ſegũdo capitolo do primeiro liuro) como pellas cartas que Iſaac do Cairo leuou, que ficaua já ali feita, a mandou prouer mũy bem de gente, artelharia, moniçoens, & armas, de que neſtas duas naos, mandou hũa grande quantidade: & ambas quaſi em vm meſmo tempo foraõ tomar áquella fortaleza, & deitando nella tudo o que leuauaõ, ſe fizeraõ na volta de Goa, a onde chegou dom Pedro da Sylua da Gama por fim de Setembro.

Depois de Martim de Freitas dar á vela em Diu, foi demandar a coſta de Damaõ, a cuja viſta ſorgio, & ſe embarcou no batel, com hũa ſoma de veludos & damaſcos que leuaua, pera os ir vẽder a Surráte, por ſer hũa muito grande eſcalla. Eſte homem deſapareceo neſte caminho, ſem ſe ſaber delle couſa algũa. Muitas peſſoas quiſeraõ dizer que em Surráte o mataraõ, pello roubar: mas ſe aſsi fora, forçado ſe ouuera de ſaber. Os da nao eſperaraõ todo o mes de Setembro, & vẽdo que naõ vinha, nem recado ſeu, elegeraõ Bernaldim de Souſa, irmaõ de Diogo Lopez de Souſa, o Diabo, que ali ya embarcado por paſſageiro. E dando á vela chegaraõ á barra de Goa, eſtãdo já o Gouernador Nuno da Cunha preſtes pera ſe embarcar. Eſtas naos tiueraõ muito boa viagem, & chegaraõ com toda ſua gente ſã, o que o Gouernador eſtimou muito, por que a auia miſter. E por que eſtaua já ordenado ir Martim Afonſo de Souſa a Cochim, a fauorecer aquelle Rey, por q̃ lhe fazia o Camorim guerra, & pera fazer correr a pimenta pera a carga das naos, o deſpedio logo, com coatro Galés, & vinte nauios: & naõ achamos de toda eſta armada os nomes mais que dos capitaẽs das Galés, q̃ a fora Martim Afonſo, eraõ Manoel de Souſa de Sepulueda, Fernaõ de Souſa de Tauora, & Martim Correa da Sylua.

Eſta armada ſe fez á vela de vinte de Outubro por diãte. No meſmo tempo deſpachou tambem o Gouernador as naos do reino, peta irem tomar a carga a Cochim. E por que a Galega, de que era capitaõ Martim de Freitas eſtaua vaga, deu o Gouernador a caiptania della a Ruy Diaz Pereira, que aquelles dous inuernos paſſados tinha andado por capitaõ, nos rios de Goa, fazendo guerra ao Accedecan. Neſtas naos mandou Elrey vns apontamentos ao Gouernador, em que lhe mandaua, que nellas lhe inuiaſſe Garcia de Sá prezo em ferros, & lhe ſocreſtaſſe ſua fazẽda, por que ſendo capitaõ de Malaca, batéra moeda ſua ſem licẽça, em perjuizo do pouo, couſa tanto contra ſeu ſeruiço: & ain-

& ainda diziaõ que em Portugal o mandara riscar dos seus liuros. O Gouernador vendo a aspereza dos apontamentos, entendendo que foraõ más informaçoens que mandaraõ a Elrey: & como era grande amigo d'aquelle fidalgo, quis remedialo por q̃ se naõ perdesse, por estar pobre & cõ filhas, & era velho, & de muitos merecimẽtos. E por q̃ Elrey lhe mandaua tirar noua deuassa sobre o caso, a encomendou ao Doutor Pero Fernandez Ouuidor geral da India. Que atirou por homens que em Goa auia de Malaca, do seu tempo: em que todos testemunharaõ, que sendo Garcia de Sá capitaõ de Malaca, naõ mandara bater mais que hũa moeda miuda, pera o meneo da praça, a requerimẽto do mesmo pouo, por que naõ auia naquella cidade se naõ cruzados com que se naõ podiaõ remedear nas cousas miudas, pello q̃ viuiaõ com oppressaõ.

Esta deuassa folgou muito de ver o Gouernador, & despedio o Ouuidor geral diante, pera q̃ fosse a Baçaim sospender Garcia de Sá da fortaleza, & escreuerlhe a fazenda como Elrey mandaua, & depositala em maõs de pessoas abonádas, & que a elle o emprazasse pera Goa. Despedido o Ouuidor geral, logo o Gouernador se desembaraçou de todos os negocios, & se embarcou pera acodir as cousas de Diu, leuando oitenta nauios antre grandes & pequenos, & naõ se deteue em cousa algũa, atrauessando logo a Diu, por que d'aquella fortaleza determinaua escreuer a Elrey, & despedir as vias pera Cochim. Chegado o Gouernador a Diu, começou a entender nas cousas que cõpriaõ á defensaõ d'aquella fortaleza: & a primeira & principal foi, mandar fazer hũa fermosa cisterna pera recolher agoa, por que nenhũa auia dentro na fortaleza. Esta cisterna se começou a fazer de tres naues de esteos fermosissimos, a mayor, & mais fermosa que oje se sabe no mundo. He de vinte & cinco palmos d'alto, & cada palmo recolhe mil pipas d'agoa.

Poucos dias depois do Gouernador chegou a Diu o Doutor Pero Fernandez com a diligencia de Garcia de Sá feita: por que logo em chegando a Baçaim o sospendeo da fortaleza, & o mandou prezo pera Goa, fazendo inuentairo de sua fazenda, & nenhũa outra cousa lhe achou, se naõ hũa soma de caldeiroens, tachos, gamellas, facas, garfos, escudelas, toalhas, & em fim toda a cousa desta sorte do meneo dos Galeoens, em que sempre andara no seruiço d'El rey, & das mesas em que em terra daua de comer aos soldados: & com isto lhe achou mais suas armas, & cama, & coatro escrauos de seu seruiço, sem outra fazenda

de que ſe podeſſe lançar maõ, do que confuſo o Ouuidor geral, lhe tornou a entregar tudo.

O Gouernador vendo o inuentario ficou embaraçado, & atonito da pobreza d'aquelle fidalgo, & mandádoo tresladar por tres vias, & aſsi meſmo a deuaſſa que ſe delle tirou, inuiou tudo a Elrey, eſcreuendolhe muito particularmente ſobre eſte negocio, moſtrãdolhe como fora mal informado das couſas de Garcia de Sá, & que pello inuẽtairo veria ſeu cabedal, que naõ era outro, mais que petrechos de cozinha, & do ſeruiço de muitos ſoldados a que ſempre daua de comer: & que o ſoſpendera da fortaleza por S. A. o mandar, mas que o deixara ficar na India, por que entendia que compria aſſi a ſeu ſeruiço. Por que aquelle fidalgo era velho, de grandes merecimentos & conſelho: & q̃ era neceſſario andar ſempre junto dos Gouernadores da India, pera acertarem no gouerno della: & q̃ entendia, que naõ ſó naõ era dino de culpa, mas de muita merce. Eſta carta & os treslados que mandou foraõ dados a Elrey, que eſtimou muito o que o Gouernador fizera naquelle negocio: eſcreuendolhe em repoſta diſſo, que ſe ouuera por muito bem ſeruido delle, & lhe agardecia o que tinha feito naquelle particular: & a Garcia de Sá eſcreueo cartas honradas, & teue dali por diante tanto mais cõta com elle, que o meteo logo na terceira ſoceſſaõ da gouernança da India, como a diante ſe verá.

E certo q̃ eſcreuendo nós eſtas couſas, & vendo a mudança que o tempo depois fez nos fidalgos & capitaens, paſmamos, & nos parece que eſtá o mundo em artigo de morte, pello recolher da roupa que todos fazem, porque naõ vemos ſoldados agaſalhados ſe naõ pellos alpendres dos moſteiros, comendo da pobre raçaõ dos frades, q̃ quaſi o naõ tẽ pera ſi. E as caſas dos capitaens que eraõ ſuas antigas morádas, & enfermarias, & em que coſtumaua a auer os petrechos de ſeu ſeruiço (como ſe acharaõ a eſte fidalgo) ſaõ já agora tornadas caſas de contrataçoẽs, onde tudo ſaõ fardos, caixas, comprar, vender, & tyrannizar em ſuas fortalezas aos pobres dos Portugueſes caſados nellas, como ſe o mundo ſe fizera ſó pera elles. Pois em alguns Gouernadores, & Viſoreys naõ acharaõ os pobres ſoldados depois milhor emparo, como ſe naõ foraõ naturaes & proximos, & naõ cuſtaraõ a Elrey muito de ſua fazenda em os pór na India, onde os mais delles acabaõ á mingoa, pedindo eſmolas pellas portas. Deſejo de bradar neſta materia, & de gritar aos pés do Rey, q̃ ou remedee iſto, ou naõ mande ſeus vaſſallos que lhe tanto cuſtaõ a morrerem á mingoa, á viſta dos Mouros & Gentios, que já ſe compadeſſem

padeſſem delles mais q̃ nòs . Aqui nos cabe muito a propoſito (vendo o eſtado em que oje a India eſtá.) Aquella exclamaçaõ de Lucano no primeiro da Pharſalia, onde diz. Mas a cauſa de eſtarem em noſſo tempo pellas cidades de Italia as caſas meyo derribadas & vazias,& as pedras dos muros caidas & eſpalhadas, & muitas caſas ſem moradores , muitas & mũy populoſas cidades quaſi deſertas, Italia toda montuoſa,& tantos annos por laurar,dando vozes os cãpos ſem auer quem os cultiue:naõ es tu Pirro ferós ? nem he Africano Anibal , autores de tantas perdas & danos, que nenhum de voſoutros teue poder pera ſuas armas atalharem a tanto:antes a maõ cidadã he a que vos deu taõ penetrante ferida , & a que foi a cauſa de tantos males.

Aſsi o eſtado a que oje a India tem chegado, naõ foi cauſa delle, poder de algum imigo, por que atè oje nenhum permaneceo cõtra elle . Cobiça,& tyrannia foraõ as que lhe deraõ taõ penetrantes feridas : por que tambem iſto foi o que deſtruyo o Imperio Romano (como diz o meſmo Lucano) que depois que conquiſtou o mundo todo, começando a goſtar das riquezas,& acquirilas , logo as boas fortunas deixaraõ ſeu lugar ás proſperidades . E já ſe naõ conheciaõ aquellas herdades, que foraõ lauradas com a rexa do forte Camilo,& que foraõ abertas com os arados d'aquelles antigos Curios. Aſsi tudo iſto he já eſquecido na India, & aquellas artes com que ſe ella deſcobrio , & ganhou, que foraõ verdade,& liberalidade, tudo he já mudado ao contrario : tanto,que a tè as naos que naquelle tempo vinhaõ á India, carregadas de ſoldados , & armas, agora vem cheas de mercadores, & reſpondentes : que trouxeraõ a ella delicias,logros,vſuras,de que toda a terra eſtá mais chea que de armas . Deixemos eſta materia que magoa,& tornemos a noſſo fio.

O Gouernador foi continuãdo com as obras da fortaleza , com muita preſſa : mandando fazer da outra banda da villa dos Rumes, vm fermoſo baluarte á borda da agoa , pera recolhimento dos officiaes d'aquella alfandega: & hũa caſa mũy grande & fermoſa , que enteſtaua no baluarte, pera o deſpacho das fazendas,correndo Cogeçofar com tudo mũy pontualmente . E porque he neceſſario continuarmos com outras couſas deixaremos eſtas por vm pouco.

CAPITVLO IIII.

Das guerras que em Ceilaõ ouue, antre aquelles dous Reys Irmaõs : & do ſoccorro que o Camorim mandou ao Madune: & de como Martim

Afonso de Sousa desbaratou a armada do Camorim em Beadalâ.



RA tamanha a ambiçaõ do Madune pandar, Rey de Ceitauaca, & asi lhe era mao de sofrer ver seu Irmaõ, ainda que mais velho, igual com elle em estado, que naõ se quietaua em cuidar, & tratar modos, de como lhe daria a morte, & lhe tomaria o reino: pera ficar com a Monarchia de toda aquella ilha. E asi tratou por muitas vezes darlhe peçonha, que naõ veyo a effeito, por que tomaraõ com ella alguns que pera isso peitou grandemente, que no tormento confessaraõ a verdade: pello q̃ dali por diante trouxe Elrey da Cotta grande resguardo em si, naõ comendo se naõ cousas guisadas por sua maõ. Vendo o Madune q̃ eraõ descubertas suas traças, determinou de lhe tomar o reino por guerra, & valerse outra vez do Camorim, despedindo em Agosto passado Embaixadores com hũa soma de dinheiro, & muitas joyas de presente pera o Camorim, mandandolhe pedir hũa grossa armada, pera o que mandaua as despezas, pera o ajudar naquella impreza, offerecendolhe alguns portos de már naquella ilha. O Camorim recebeo bem estes embaixadores, & mandou logo por todos os portos do seu reino negociar todos os nauios que ouuesse: & elegeo pera esta jornada tres Mouros principaes, chamados, Paichimarca, a que alguns chamaõ erradamente, Patemarca. E seu irmaõ Cunhale marcá, ambos naturaes de Cochim, nacidos & criados antre os Portugueses. E o outro era Aly Abrahem. O Camorim mandou pagar gente pello reino, & fez oito mil homens, pera irem nesta jornada: dando ordem que todos os nauios se fossem ajuntar em Panane, onde viuia o Paichi marca. A armada foisse fazendo prestes pellos rios: & asi como os nauios estauaõ pera partir se yaõ pera Panane. O Aly Abrahem, que viuia no rio de Pudepataõ, sayo delle com dez nauios na entrada de Nouembro, & sendo tanto auante como Panane, ouue vista da nao Galega que ya pera Cochim, & querendo prouar a maõ a foi demandar muito crespo, & com todos os nauios postos em armas, rodeandoa por todas as partes, começandoa a bater rijamente. Ruy dias Pereira que era capitaõ, negoceou a sua nao mũy bem, defendendosse delles com muito valor, & asi os escandalizaraõ com sua artelharia, que os fizeraõ afastar com alguns desaparelhados: o que naõ foi sem dano, por que de hũa pilourada q̃ deraõ pello pescoço a Ruy Diaz Pereira, o mataraõ, (ainda que alguns

guns dizem que hũa racha de hũa tauoa que o pilouro leuou,lhe deu pellas guellas que o degolou.) Afaſtados os Parós,a nao foi ſeu caminho pera Cochim, leuando algũs feridos. A capitania deſta nao deu o Gouernador a Iurdaõ de Freitas. Recolhido o Aly Abrahem em Panane, ficaraõ eſperando pellos mais nauios que ſe yaõ ajuntando.

Poucos dias depois deſte negocio da nao, indo outros noue Parós de vm deſſes rios pera Panane,deraõ com hũa fuſta que ya de Cananor pera Cochim, & cometendoa a abordaraõ, & axoraraõ, matando quantos nella yaõ, ſomente vm moço de idade de dez annos (que nella ya com ſeu pay) chamado Marcos,ficou catiuo.Iũta toda a armada em Panane : tãto que paſſou a lũa de Nouẽbro (em que elles fazem ſuas grandes feſtas) ſairaõ d'aquelle rio. Eraõ os nauios por todos cincoenta & vm,em que entrauaõ cinco galeotas latinas de coxia, que jugauaõ por proa meas eſperas. Ya toda eſta armada chea de muita gente, eſpingardas, arcos, lanças, & com mais de coatrocentas peças de artelharia, & a mór parte della de bronzo. E alem da gente de armas que eraõ oito mil, todos os remeiros leuauaõ arcos & frechas debaixo dos bancos em que yaõ, pera pelejarem quando foſſe neceſſario.

Eſta armada toda foi paſſando de longo das naos do reino, que eſtauaõ na barra de Cochim á carga, & foi viſta da cidade que ſe meteo em aluoroço, cuidádo que quiſeſſe pelejar com ellas,mas foi paſſando adiante. E chegando á barra de Coulaõ, acharaõ nella hũa nao á carga, que tinha ſaido de Cochim,onde ſe fez aquelle anno,pera ir pera o reino, & chamauaſſe Saõ Pedro, que foi a mais bem eſcanſada nao que ouue na carreira da India, & durou vinte & dous annos nella : por que no de cincoenta & noue que nos partimos do reino, tinha ella ido da India, & ficaua no rio de Lixboa ſeruindo de cabrea, pera emmaſtear as outras. Paichi Marca,vendo a nao ſó a foi cometer,auendo que nella tinha pouco que fazer, & rodeandoa a começou a bater. Nicolao Iuzarte que era capitaõ della, ſe pos á defenſaõ, tendo a nao mũy bem negociada, defendendoſſe com muito valor : & de tal maneira tratou os imigos (por ter muita & groſſa artelharia)que lhes deſaparelhou muitos dos nauios, matandolhes dentro muita gente. Vendo PaichiMarca o dano que recebia, & que a nao era muito forte, afaſtouſſe della, dandolhe a derradeira ſalua : & quis a fortuna, que hũa racha de vm pao que leuou vm pilouro,tomaſſe o capitaõ pella ſola de vm pé, (que tinha aleuantado,& poſto no

pé

pé do carneiro,na tolda onde estaua assentado em hũa cadeira, mal desposto, donde mandaua, & gouernaua tudo) & abrindolho todo o derribou mortal.

Apartada a armada, foi Nicolao Iuzarte a Cochim, leuado dos seus, pera o curarem, mas durou poucos dias. O Doutor Pero Vaz d'Amaral capitaõ, & veador da fazenda de Cochim: tanto que a armada passou pellas naos, despedio logo recado a Martim Afonso de Sousa,que sabia que era partido de Goa, pera que se apressasse. Este recado o tomou em Chalè: & dandosse pressa chegou a Cochim a onde desembarcou pera negociar algũas cousas pera passar a Ceilaõ em busca dos imigos, que já tinha auiso da derrota que leuauaõ. E indo pella rua direita em hũa faca, lhe sayo de hũa casa hũa molher viuua Portugueza carregada de dó, (que era māy d'aquello moço Marcos, que pouco atras dissemos que os Malauares leuauaõ catiuo,que o tinha ella sabido por alguns marinheiros, que se saluaraõ d'aquelle nauio a nado.) E chegandosse a Martim Afonso, lhe lançou as maõs as redeas do coartao,taõ desconsolada, & com taõ viuas & acesas lagrimas,& sospiros,que parecia que tinha perdido o siso: & clamando alto lhe disse:Senhor valeime,que me mataraõ os Malauares meu marido, & me leuaõ meu filho Marcos catiuo: & pois ides apos os imigos, peçouos pellas chagas do filho de Deos que mo liureis,& traguis. Martim Afonso a consolou, dizendolhe, que rogasse ella a nosso Senhor, q̃ lhe desse vitoria delles. Ella lhe respondeo:a vitoria senhor, Deos vola dará: mas vos me aueis de prometer de me trazer meu filho, por que vos naõ ei de largar,ate me dardes disso vossa palaura, pera eu ficar algũa cousa consolada.

Vendo Martim Afonso a confiança que aquella molher tinha, de lhe elle trazer seu filho, ouueo por muito bom pronostico:& disselhe,que se consolasse,que elle lhe prometia de trabalhar todo o possiuel por lhe trazer seu filho: que rogasse ella a Deos que o encaminhasse, & lhe desse vitoria dos imigos: ella entaõ o largou com grandes bençoens, & com muitas lagrimas. Martim Afonso se embarcou logo,& foi a pos a armada do Camorim:& chegando a Coulaõ, achou a nao Saõ Pedro desaparelhada de algũas cousas,da batalha passada,& dos da nao soube o que lhe tinha acontecido, & apressandosse chegou ao cabo do Comori,a onde teue fala de algũas embarcaçoens qne achou, & soube que os imigos faziaõ seu caminho por dentro, pera passarem os baixos de Manar. Martim Afonso de Sousa por que leuaua Galés & nauios muito pejados, que eraõ perigosos

perigoſos pera os baixos,com conſelho de todos tornou a voltar pera Cochim, pera ſe negociar em nauios pequenos: & eſta volta lhe deu a vitoria : por que como Paichi Marca tinha já auiſo da armada Portugueſa, & trazia eſpias ſobre ella, chegando a Beadala, foi auiſado que ſe tornara do cabo do Comori : & parecendolhe que fora cõ receo delle, deſembarcou ali,& varou os nauios pera os concertar & alimpar, deixãdoſſe eſtar deuagar.

Martim Afonſo de Souſa chegou a Cochim, & deixando ali as Galés,tomou alguns nauios de remo que achou, & com os que leuaua perfes vinte & dous,pera onde ſe mudaraõ, os capitaens das Galés, & toda a gente da armada, que por toda ſeriaõ coatrocentos & cincoenta homens. Os capitaẽs que o acompanharaõ, (aos que achamos os nomes,) ſaõ os ſeguintes.

Fernaõ de Souſa de Tauora, Manoel de Souſa de Sepulueda, Martim Correa da Sylua,dõ Diogo d'Almeida Freire,irmaõ de dõ Ioaõ de Sande, (a quem na India chamauaõ o Malauar, por ſaber muito bem aquella coſta, & falar a lingoa) Miguel d'Ayala, Ioaõ de Souſa Rates,Franciſco de Mello Pereira, Franciſco Fernandez o Moricale, & o Siqueira, ambos Malauares, naturaes de Cochim, grandes coſſairos, & valentes homens, & outros.

Partido Martim Afonſo de Souſa com eſta armada ligeira,paſſou o cabo do Comori, & foi tomãdo fala dos imigos, que ſoube eſtarẽ em Beadala com os Parós varados,& tendas poſtas em terra: pello que ſe apreſſou,& foi hũa tarde aparecer ſobre a barra de Beadala,onde ſurgio. Os capitaẽs Mouros vendo a armada, & notando a pouquidade della, mandaraõ lançar ao mar trinta nauios, pera a irem cometer,deixando os outros varados, começandoſſe a embarcar a gente, & como iſto era tarde anoiteceo logo. Martim Afonſo de Souſa teue aquella noite conſelho com os capitaens,& aſſentaraõ que cometeſſem os imigos por mar & por terra : por que aſsi alcanſariaõ delles mais depreſſa vitoria, pello deſcuido cõ q̃ auiaõ de eſtar em terra. E aſsi ordenou Martim Afonſo de Souſa, ficarem na armada cento & cincoenta homens com vm d'aquelles fidalgos, (& ſegundo nos parece foi Fernaõ de Souſa de Tauora) a quem deu por regimento, que tanto que ouuiſſe deſparar hũa camara de falcaõ,que pera iſſo leuaua,cometeſſe a barra, & pelejaſſe com os nauios que eſtauaõ no már : & elle foi deſembarcar em hũa ponta, abaixo de Beadala, pera os baixos, eſpaço de mea legoa, onde ſe pos em terra com trezentos homens no coarto d'alua,começando logo a mar-

a marchar pera a pouoaçaõ, em muito boa ordem. A armada tanto que o lançou em terra, tornouſſe a pór ſobre a barra, a onde ſe deixou eſtar eſperãdo pello ſinal. E entolhandoſſe que lho fizeraõ, mandou o capitaõ mór della leuar ancora, & poſtos em armas cometeraõ a barra ao ſom de muitos inſtrumentos & bombardadas. E endireitando com os Parós que eſtauaõ no már com algũa gente, os inueſtiraõ, lançandolhes dentro muitas panellas de poluora com q̃ os abrazaraõ. Os capitaens Mouros que eſtauaõ em terra, ouuindo a reuolta acodiraõ á praya, a mandar gente aos nauios, pera elles os ſoccorrerem.

Eſtãdo aſsi neſta preſſa chegou Martim Afonſo de Souſa ao lugar, & com grandes eſtrondos, gritas, & alaridos cometeo os imigos, dandolhes a primeira ſurriada de arcabuzaria, com que lhes derribaraõ muitos, inueſtindo logo cõ elles ás cutiladas, ficando todos baralhados, & como os tomaraõ de ſupito, fizeraõ nelles grande deſtruiçaõ. Os capitaens Mouros vẽdo aquillo, cuidando que era outro poder, & outra armada, começaraõ a deſemparar tudo. O Siqueira pedio licença a Martim Afonſo de Souſa pera ir por fogo aos Parós, que eſtauaõ varados, (porque em quanto naõ ardeſſem, os Mouros os naõ auiaõ de deſemparar, & auiaõ de trabalhar pellos defender.) E dandolha Martim Afonſo de Souſa lhes foi pór fogo por algũas partes, que começou a atear nelles com grande braueza. Neſte tempo andaua a batalha, aſsi no már como na terra mũy aceſa. E vendo os Mouros arder os nauios, logo deſacoroçoaraõ, & ſe começaraõ a retirar.

Eſtaua na tenda de Paichi Marca (que elle mãdou armar em vm palmar afaſtado da praya) o moço Marcos, & ouuindo a reuolta, & entendẽdo que eraõ Portugueſes, poſſe na porta a eſperar o fim da contenda: por que ainda era eſcuro, & naõ ſe ouſaua de ſair, & ir pera os Portugueſes, por que receaua que o mataſſem, cuidando q̃ era Mouro: por que tudo quanto via & ouuia era fogo, eſpingardadas, & gritas muito pera recear vm homem muito animoſo, quãto mais vm minino.

Os Mouros começaraõſe a deſbaratar & a fugir, & alguns chegaraõ á tenda onde o moço eſtaua, & perguntaraõ por Paichi Marca, & ſabendo naõ eſtar ali foraõ paſſando. Alguns Mouros moços que ſeruiaõ o Paichi Marca, q̃ eſtauaõ na tenda, vendo o disbarato, ferraraõ do moço Marcos, pera o leuarem comſigo, por que já ſe queriaõ tambem pór em ſaluo: mas elle lhe eſcapulio das maõs, & por ſe temer que alguns Mouros o quiſeſſem leuar, determinouſſe a ſe arriſcar a hũa eſpingardada, dei-

tando a correr pera onde os Portugueses andauaõ, por que já começaua a esclarecer, & foi gritãdo que era Portugues: & assi foi dar com vns poucos de soldados, que encararaõ pera o matarem, mas como elle ya bradãdo Portugues, Portugues, quis Deos mouido das oraçoẽs da triste mãy, que o ouuisse vm, que foi á maõ aos de mais, dizendolhes q̃ aquelle era o moço, que o capitaõ mór encomẽdara a todos: por que teue elle tanta lembrança das lagrimas da mãy, que antes de entrar a pouoaçaõ disse a todos, que lhes encomẽdaua muito o filho da viuua de Cochim. E lẽbrandolhes a estes soldados o tomaraõ nos braços, & o leuaraõ a Martim Afonso de Sousa, que em o vendo foi sua alegria tamanha, que ouue que por elle lhe dera Deos aquella vitoria, q̃ se acabou de arrematar manhã clara, asi no már, como na terra, ficando todos os nauios em poder dos nossos.

Paichi Marca, & seu irmaõ, & Aly Abrahem, vendo tudo perdido se recolheraõ a dous nauios ligeiros em que se acolheraõ. Os nossos andauaõ em terra seguindo a vitoria, & depois dos da armada renderem a dos imigos desembarcaraõ, & todos em vm corpo já de pois da menhã clara deraõ na cidade, pondolhe o fogo por muitas partes, em que se consumio toda: fazẽdo todo o mais dano que poderaõ, pello fauor & ajuda que deraõ aos Mouros. Auida esta vitoria, que foi hũa das famosas da India, mandou Martim Afonso de Sousa xaquear as estancias dos imigos, onde acharaõ grandes despojos, principalmente de armas: por que tomaraõ trezentas espingardas, & mais de duzentas peças d'artelharia, muitas moniçoens, & outras cousas. E antre isto se tomou vm sõbreiro que o Camorim mãdaua ao Madune: & de todos os cincoenta & vm nauios, só os dous se saluaraõ, em que foraõ Paichi Marca & seu irmaõ: & os mais delles foraõ queimados, & os outros recolheo Martim Afonso de Sousa, & os leuou comsigo ajuntandoos á sua armada.

CAPITVLO V.

Das cousas que mais aconteceraõ a Martim Afonso de Sousa em todo o resto do veraõ. E de como passou a Ceilaõ, & das pazes que aquelles Reys fizeraõ.

PORQVE temos muitas cousas que tratar primeiro que se nos acabe o veraõ, pareceonos bem concluirmos com as de Martim Afonso de Sousa pollas contarmos juntas, já que estamos

cõ as maõs nellas. Auida tamanha vitoria, armou ali muitos caualeiros, & antre elles foi vm Simaõ Rangel de Castello branco, irmaõ do Doutor Fernaõ Rodriguez de Castello branco, homem fidalgo, cujo aluara de caualeiro (que lhe ali passou) está em nosso poder o proprio, de quem nós tiramos as forças principaes deste socesso. E parecendo a Martim Afonso de Sousa que era obrigaçaõ, auisar ao Gouernador desta vitoria, despedio Miguel d'Ayala, capitaõ de vm catur, por quem escreueo ao Gouernador, & ao capitaõ de Cochim, a merce que lhe Deos fizera: & a Elrey de Cochim mandou o sombreiro, que o Camorim mandaua ao Madune. Neste catur mandou embarcar o moço Marcos, entregue a Miguel d'Ayala, a quem encomendou muito o entregasse da sua parte a sua mãy. E nesta era de nouẽta & seis, em que escreuemos isto, viue este homem ainda, & chamasse Marcos Rodriguez, & he casado em Baçaim com hũa molher fidalga, do apelido dos Mirandas, de que tem filhas que viuem oje casadas com fidalgos muito honrados, & bem despachados.

Despedido este catur, logo Martim Afonso de Sousa se negociou, & embarcou pera ir a Ceilaõ verse com aquelle Rey, leuando dos nauios dos imigos os milhores, com que reformou a sua armada,

H com

& os mais mandou pera Cochim, & assi foi demandar os baixos já em fim de Feuereiro, que passou muito bem a tè Manar: & dali de longo da costa foi demandar Columbo. E deixaloemos vm pouco, por que he necessario cõtinuarmos com Miguel d'Ayala, que ya com o recado pera Goa.

Este homem chegou a Cochim, & deu ao capitaõ as cartas, & a Elrey o sombreiro, que o estimou muito: & assi leuou o moço Marcos, & o entregou a sua mãy da parte do capitaõ mór, dizendolhe que ali lhe mandaua seu filho, & que ficaua desobrigado da promessa que lhe fizera. A triste viuua foi o seu aluoroço tamanho, que naõ cria o que via, abraçandosse com o filho, tornãdo com elle a renouar a dór da morte do pay.

As nouas de tamanha vitoria se festejaraõ em Cochim o milhor que pode ser, que logo se espalharaõ por todo o Malauar, onde ouue vm geral pranto, por que morreraõ na batalha mais de tres mil Mouros, dos principaes: ficando assi o Camorim, como os armadores mũy quebrados, por q̃ naquella armada meteraõ todo o cabedal. O Miguel d'Ayala tanto q̃ deu as nouas em Cochim, tomando cartas do capitaõ, & d'Elrey pera o Gouernador, partiosse com muita pressa, por que o auia de ir tomar em Diu.

Diu. E ſendo tanto auante como Chalè, encõtraraõ hũa galeota de Malauares mũy fermoſa, & chea de muita & boa gente, & pondo a proa no catur do Miguel d'Ayala o inueſtio, lançandolhe logo gente dentro. O Miguel d'Ayala naõ leuaua mais de quinze ſoldados, que yaõ com animo mũy alegre da vitoria de Beadala. E vendoſſe entrados dos Mouros, ſe poſeraõ com elles às cutiladas, com tanto valor & esforço, que lhes moſtraraõ logo por obra, que naquelles quinze homens eſtauaõ muitos: por que começaraõ a ataſſalhar nos Mouros brauiſſimamente, tendo já o catur coalhado de corpos mortos. Mas como os Mouros eraõ mais de duzentos, vns de dentro, & outros de fora, perſeguiaõ os noſſos com todos os tiros que podiaõ, de que derribaraõ alguns mortos. Em fim por naõ recitarmos golpes, a briga durou todo o dia, que ouue tamanho eſtrago de ambas as partes, q̃ naõ ficou nos nauios quem os podeſſe mandar, por todos eſtarem eſtirados, ou mortos, ou feridos. Os marinheiros vendoos d'aquella maneira, ventando o vento bem pera Goa deraõ á vela, & tomaraõ Cananor, onde deſembarcaraõ ao outro dia, os mortos pera lhe darem ſepultura, & os viuos que naõ eraõ mais de cinco (em que entraua o Miguel d'Ayala) pera os curarem: & quis noſſo Senhor q̃ naõ perigaſſe o Ayala, que naõ pode paſſar dali, & o capitaõ de Cananor deſpedio o catur com as cartas ao Gouernador, eſcreuendolhe aquelle ſoceſſo. Eſte catur chegou a Diu, & deu as cartas ao Gouernador Nuno da Cunha que mandou feſtejar as nouas da vitoria com toda a artelharia, & o tornou a deſpedir cõ cartas pera Martim Afonſo de Souſa, & pera os fidalgos de ſua companhia de lòuores d'aquelle negocio.

E tornando a Martim Afonſo de Souſa que ya ſua jornada pera Ceilaõ, em poucos dias chegou ao porto de Columbo, com toda ſua armada, & ali deſembarcou, & com toda a gente poſta em ordem marchou pera a Cota, pera ſe ver com aquelle Rey, que o recebeo muito honradamente, achandoo jà deſapreſſado, & em pazes com o irmaõ: por que tanto que ſoube do disbarato de Paichi Marca, & da chegada da noſſa armada a Columbo, mandou pedir pazes ao irmaõ, que lhas concedeo, porque naturalmente era bom homẽ. Pello que Elrey da Cota, deu os agardecimẽtos a Martim Afonſo de Souſa, eſtimando muito a cõta que com elle tinhaõ os Portugueſes, & de como acodiaõ a ſeus trabalhos. Martim Afonſo de Souſa vendo que naõ auia ali, que fazer, tratou com Elrey de ſua ida, & lhe pedio algum empreſtimo pera as deſpezas da armada, &

paga de soldados, (por que tinha elle mandado offerecer tudo isto.) Elrey lho concedeo com muito gosto, mandandolhe dar corenta & cinco mil cruzados, que se carregaraõ por emprestimo sobre o feitor de Columbo, em cuja receita fomos ver este dinheiro: & assi este, como outro muito que depois emprestou, lhe foi muito mal pago, & ainda oje se lhe deue a mór parte delle (encomendando Elrey de Portugal muito a seus Gouernadores que lhe fizessem muito bõ pagaméto.) Martim Afóso de Sousa se despedio d'Elrey, que lhe deu peças & brincos, asi a elle, como a todos os capitaens, & fazendosse á vela se tornou pera Cochim, a onde achou ás Galés: & com toda a sua armada formada andou o resto do veraõ na costa do Malauar, fazendo toda a guerra que pode ao Camorim, tomando ainda outros muitos Parós, com que acabou de destruir os armadores. E como foi tempo se recolheo a inuernar a Goa.

CAPITVLO VI.

De como o Gouernador Nuno da Cunha por culpas que teue de dom Pedro de Castello branco capitaõ de Ormuz, o mandou desapossar da fortaleza. E de como dom Fernando de Lima foi com hũa armada ao estreito: & das mais cousas que o Gouernador passou em Diu, atè se recolher.



PELLAS naos que vieraõ em Nouembro de Ormuz a Diu, teue o Gouernador Nuno da Cunha muitos capitulos de grandes culpas & queixas, contra dom Pedro de Castello branco, que eraõ de qualidade, que lhe pareceo necessario, pera quietaçaõ da terra (por naõ auer outro aleuantamento como em tempo de Diogo de Mello) mandalo tirar da fortaleza: por que naturalméte era vm fidalgo muito forte de condiçaõ, & taõ vingatiuo, que naõ perdoaua cousa algũa. E asi estaua toda a terra taõ escandalizada delle, que foi necessario ao Gouernador acodir áquelle negocio, & determinou de mandar lá o Doutor Pero Fernandez Ouuidor geral pera o sospender do cargo de capitaõ da fortaleza, & mandalo prezo á India.

E porque por entaõ naõ auia nenhum prouido d'aquella fortaleza, & o Gouernador estaua muito afeiçoado ao auiso, arte, & primor de dom Fernando de Lima, que nas naos passadas tinha vindo do reino por capitaõ de hũa dellas

dellas, como dissemos no capitolo 3. do 2. liuro despachado cõ Goa, determinou de lhe dar aquella fortaleza, de que poderia tirar aquelle anno cousa com que se podesse ir pera o reino. Era este fidalgo da criaçaõ d'Elrey dom Ioaõ, sendo Principe, & foi sempre taõ limpo, taõ graue, & taõ cortezaõ, q̃ era vm dos fidalgos em que naquelle tempo se trazia o olho. Casousse por amores com hũa dama do paço, que se chamaua dona Frãcisca de Vilhena: filha do grande Ruy Barreto, Fronteiro mór do Algarue, & de dona Branca de Vilhena, irmã de Francisco Barreto, que foi Gouernador da India, q̃ era pobre, & tinha pouco dote: & como Elrey lhe era afeiçoado, despachouo o anno passado pera a India com a capitania de Goa, por ser cousa que lhe entraua logo, & com a capitania de hũa nao. Chegou á India com grande casa & seruiço de sua pessoa, por que era muito concertado no tratamẽto della. Embarcousse logo com o Gouernador pera Diu, & conuersandoo na jornada, vendo sua arte, auiso, & mais partes: asi se lhe afeiçoou, que o gouernaua todo. (E costumaua a dizer em sua ausencia nas conuersaçoens dos fidalgos, que se naõ cõuersara dom Fernando de Lima que fora ao inferno.)

E vendo que se abria caminho pera mostrar quaõ grãde seu amigo era, quis lhe dar a vagante desta fortaleza de Ormuz: porque ainda que naõ acabasse tres annos, sempre auia de tirar mais que de Goa, por que desejaua de o ver tornar pera o reino remedeado. E estando com elle em conuersaçaõ lhe disse, que viera enganado de Portugal, por que a capitania de Goa naõ era cousa pera elle, asi por que daua de si pouco, como por estar nella sempre o Gouernador da India, & o capitaõ ficar com elle muito acanhado, que desejaua de o milhorar, pera que se podesse tornar pera o reino mais cedo, & com mais remedio. Que elle mandaua desapossar dom Pedro de Castello branco da fortaleza de Ormuz: & que naõ auia nenhum prouido, que elle em nome d'Elrey lhe fazia merce della, & q̃ poderia ser ficasse seruindo tres annos por em cheo. Dom Fernãdo de Lima lhe teue em merce áquella vontade, dizendolhe que a naõ aceitaua, por que naõ lhe cõuinha ir desapossar de sua fortaleza vm fidalgo taõ honrado. O Gouernador parecendolhe muito bẽ áquelle primor lhe disse, que elle daria a isso vm talho muito bom: este era, que iria ao estreito em hũa armada, por que auia nouas de Galés, & que entre tanto iria o Ouuidor geral fazer aquella execuçaõ em dom Pedro, & o mandaria pera Goa. E que como fosse tẽpo de se elle recolher do estrei-

to, fosse inuernar a Ormuz, a onde acharia prouisaõ pera tomar posse d'aquella fortaleza. Dom Fernando lhe disse, que por aquelle modo aceitaua. O Gouernador Nuno da Cunha mandou logo preparar dous Galeoens, & algũas fustas com que dom Fernando de Lima se fez á vela entrada de Fereiro: & de sua jornada adiante daremos rezaõ.

O Gouernador ficou em Diu, dando muita pressa ás obras da cisterna, & renouando muitas cousas da fortaleza, & mandou correr com as obras do baluarte da villa dos Rumes, dando Cogeçofar auiamento pera tudo, no que correo taõ pótual, que disse o Gouernador a Antonio da Sylueira, que a seu filho (que estaua na fortaleza reteudo) de quando em quando lhe desse licença pera ir á cidade visitar sua mãy, com alguns homens de sua guarda. E porque entraua já o mes de Março, tempo de se recolher pera Goa, pera prouer nas cousas de Malaca & Maluco: proueo nas da fortaleza, dãdo a capitania do baluarte da villa dos Rumes, a Francisco Pacheco, com o cargo de Iuiz d'Alfandega, prouendo todos os officiaes della. E o baluarte do mar proueo de artelharia, & moniçoens, cuja capitania deu a Antonio de Sousa Coutinho, (vm fidalgo de Lamego) dandolhe trinta soldados. E asinou pera ficarem na fortaleza grande, seiscentos homens, com capitaens, pera lhes darem mesas: que foraõ, Lopo de Sousa Coutinho, de Sanctarem, Gonçalo Falcaõ, Luis Rodriguez de Carualho, Gaspar de Sousa, Manoel de Vasconcellos, Rodrigo de Proença, da obrigaçaõ do Gouernador. E a capitania da armada que deixaua no rio, deu a Francisco de Gouuea: & a Alcaidaria mór da fortaleza a Payo Rodriguez d'Araujo, & a feitoria a Antonio da Veiga. Prouido tudo muito bem, despediosse o Gouernador de todos, & foisse pera Goa, a onde proueo nas cousas de Malaca & Maluco, & em todas as mais: & com isto se serrou o inuerno.

CAPITVLO VII.

Do que aconteceo a Cafarcan q̃ Soltaõ Badur tinha mandado nos Galeoens á Meca: & de como foi leuado com todos os thisouros que leuaua ao Turco. E da armada que elle mandou negociar pera mãdar a Jndia contra os Portugueses. E do auiso que El-rey teue della: & do soccorro que mandou.



NO capitulo setimo do liuro nono da quarta decada temos dada larga conta de como

como Soltaõ Badur mandou pera Meca sua molher, & seus thisouros, entregues a Cafarcan, por que naõ tinha ainda de todo perdido o medo aos Magores. Agora he necessario continuarmos com Cafarcan, por que conuem assi ao fio de nossa historia. Partido este Mouro com suas naos, foi seguindo sua viagẽ atè a cidade de Meca: onde desembarcou tudo o que leuaua, & o Xarife dali os recebeo bem, dando aposentos á Raynha muito á sua vontade. Ali se deixaraõ ficar sem receberem agrauo, nem escandalo de pessoa algũa, esperando por recado d'Elrey Soltaõ Badur, atè este Abril passado, que chegaraõ as naos de Surrate, por quem tiueraõ nouas da morte de Soltaõ Badur, escreuẽdo Cogeçofar a Nacodá Amet, Rey de Zebit, com quem tinha muita rezaõ de amizade & criaçaõ, pedindolhe encarecidamente, que persuadisse aos Baxás do conselho do Turco, que mandasse suas armadas á India contra os Portugueses, & que fossem demandar aquella ilha de Diu, a onde lhe seria muito facil tomar aquella fortaleza, & onde elle esperaria com muita gente, mantimẽtos, & todos os mais petrechos de guerra, pera os ajudar: & que d'ali ficauaõ abalrauento de toda a India, pera onde a todo o tempo que quisesse poderiaõ partir, & fazer guerra ás mais fortalezas dos Portugueses, q̃ lhes naõ auiaõ de poder resistir, & assi os lançariaõ fora da India, & ficaria outra vez o comercio antigo em sua liberdade como dantes, & a romagem da casa de Mafamede desempedida aos romeiros della, cuja deuaçaõ estaua perdida, pella potencia das armadas Portuguesas, que tanto em offensa de sua religiaõ tinhaõ tapadas as bocas d'aquelle estreito. Por estas cartas se espalhou logo a noua da morte do Badur, taõ nomeado por todo o Oriente, atè chegar ao Cairo a onde estaua por Gouernador Soleimaõ Baxá Eunuco, homem muito velho, que muitos annos seruio ao graõ Turco Soleimaõ, de sua camara pera dentro. E quãdo deu a gouernança do Cairo ao outro Soleimaõ Baxá general da armada que mataraõ, que era guarda da sua porta da camara, lhe deu a este o mesmo officio, & por morte do outro tambem o passou á gouernança do Cairo.

Este Eunuco tanto que lhe chegaraõ as nouas da morte do Badur, despedio logo recado ao Xarife da casa de Meca, que lhe mãdasse a molher, & tisouros d'aquelle Rey, que estauaõ naquella cidade, por que era assi seruiço do Turco: o que tudo lhe foi leuado, indo Cafarcan acompanhando á Raynha. Outros dizem q̃ o mesmo Cafarcan em sabendo da morte do senhor tomara tudo comsigo, & se fora ao Cairo, & dahi á

corte do Turco. Ou fosse de hũa maneira,ou da outra, tudo foi leuado ao Turco, que já era Celim, por auer pouco que seu pay era morto. Vendo este barbaro tanta pedraria & ouro, marauilhousse: & ouue que reino dóde vm Rey só de sua recamara tirara aquelles tisouros pera mandar a Meca,auia de ser riquissimo d'aquellas cousas: com o que lhe creceo a cobiça de o conquistar, acrecentandolha mais o Eunuco com as cousas que lhe disse, & com a carta de Cogeçofar que lhe mostrou: que Elrey de Zebit mandou,dizendolhe,que naõ só seria facil mandando suas armadas,fazerse senhor de vm Imperio taõ rico como aquelle: mas ainda lançar fora da India os Portugueses, & tornar a casa de Meca a sua antiga deuaçaõ.

E como o Eunuco trataua esta materia com tamanha cobiça como o Turco, & desejaua de se achar naquella jornada, tratou aquelles negocios com a mãy do Turco, que elle em moço seruio, metédoa por terceira pera lha dar, dizendo que naõ queria pera ella mais que as vasilhas,artelharia, & gente: & que todas as mais despezas elle as faria á sua custa. Isto solicitou com tanta instancia, q̃ lhe concedeo o Turco a jornada, despachandoo logo pera ir a Sues fazer prestes a armada que auia de leuar,dandolhe mil & quinhentos Ianiçaros de sua guarda, & a artelharia que lhe pareceo necessaria. O Baxá se foi ao Cairo, onde mãdou ajuntar muita madeira,& cordoalha:& dali em camellos se passou tudo a Sués. O Turco mandou com elle pera seu conselheiro o Cafarcan, por homem pratico nas cousas de Cambaya. E por que eraõ necessarios muitos officiaes pera concerto das Galés,& gente pera sua chusma,socedendo no mesmo tempo quebraremse as tregoas que estauaõ feitas antre o Turco & a Senhoria de Veneza, que se tinhaõ celebrado com Bajazeto os annos de mil & quinhẽtos, de que foi autor Andre Griti prouedor dos Venezeanos. E esta quebra das pazes foi este Setembro passado, estando já o Baxá no Cairo, fazendo prestes as cousas pera a jornada: & chegandolhe as nouas a tempo,que estauaõ algũas Galés de Veneza em Alexandria, de que era capitaõ Misser Antonio Barbarigo. Mandou o Baxá logo a Chiqlierqui Baxá daquella cidade, que lançasse maõ de toda a cousa de Veneza que ali estiuesse: o que elle fez, lançando maõ do Consul dos Venezeanos que ali assistia, que era Misser Alinaro barbaro,& de todas as Galés,& gẽte dellas, & todos mandou meter na torre das lanças,donde poucos & poucos mandou leuar a Sués todos os que eraõ officiaes,indo em sua guarda Icuf Amede, capitaõ mór do mar de Alexandria,que o auia

auia de acompanhar naquella jornada. Antre eſta gente ſe acharaõ muitos carpinteiros, calafates, & comitres, que foi todo o aparelho pera aquella jornada: por que ſem elles mal ſe podera negociar tamanha armada. Vm comitre deſtes Venezeanos fez vm roteiro de toda eſta viagem, dia por dia, a quem nos em muitas couſas ſeguimos, por que eſcreueo como teſtemunha de viſta.

Deſtas couſas que paſſaraõ na corte do Turco, teue logo Elrey dom Ioaõ auiſo, pellas muitas intelligencias que nella trazia: pello que aſſentou em ſeu conſelho, mãdar em Outubro algũas naos á India, com auiſo as fortalezas de Ormuz & Diu, & com gente, & prouimentos pera ellas. E cõ muita breuidade mãdou negociar cinco naos, que nos primeiros dias de Outubro fez á vela, de que eraõ capitaens Diogo Lopes de Souſa, o traquinas de Sanctarem, que ya prouido da capitania de Diu, & leuaua por regimento que foſſe tomar Goa. E Fernaõ de Caſtro pera ir a Ormuz, & Fernaõ de Moraes pera Diu, pera todos deitarem naquellas fortalezas, gente, moniçoens, & artelharia. Das outras duas naos eraõ capitaẽs, Aleixos de Souſa, & Anrique de Souſa Chichorro, filhos de Garcia de Souſa: que foi muitos annos proueedor do hoſpital de Lixboa, & por ſua vagante ſe deu aos padres Loyos, em cujo poder andou muitos annos. Eſtes dous capitaẽs yaõ pera Moçambique, de cuja capitania ya prouido Aleixos de Souſa que era mais velho: porque ſe receou Elrey que foſſem ter a ella algũas Galés, & quis ter prouido a tudo. E cõ ſerem os Reys de Portugal pobres, prouiaõ a India, com taõ groſſas & amiudadas armadas, como ſe vé pello diſcurſo de noſſa hiſtoria: por que traziaõ no coraçaõ (primeiro que o intereſſe) o zelo do ſeruiço de Deos, & da propagaçaõ de ſua ſanta fé, elle lhes daua forças, poder, & cabedal pera tudo.

CAPITVLO VIII.

De como o Doutor Pero Fernandez chegou a Ormuz, & deſapoſſou dom Pedro de Caſtello branco da fortaleza: & do que aconteceo a dom Fernando de Lima na jornada do eſtreito, a te ir â Ormuz: & do que aconteceo ás naos do reino na viagem.

PARTIDO o doutor Pero Fernandez de Goa, foi ſeguindo ſua jornada a tè chegar a Ormuz, & deſembarcando em terra o recebeo dõ Pedro de Caſtello branco mũy bem, fazendolhẽ muitos gaſalhados.

dos. O Doutor lhe disse: naõ me façaes senhor tanta festa, por que naõ venho aqui a cousas de vosso gosto. O Gouernador por culpas q̃ de vos tem, vos manda desapossàr desta fortaleza como vereis, por estas prouisoens que aqui estaó: por cuja virtude vos notifico da parte d'Elrey nosso Senhor, q̃ dentro em vinte & coatro horas vos sayaes desta fortaleza, & vos embarqueis em hũa nao que ali está no porto de verga d'alto, pera se partir pera Goa. Dom Pedro ficou sobresaltado com diligencia taõ apressada: mas todauia disse q̃ estaua prestes pera obedecer ás prouisoens do Gouernador. O ouuidor geral mandou fazer vm auto da notificaçaõ dellas, em que dom Pedro se asinou com elle. Feito isto mandou dom Pedro logo tirar o seu fato, & embarcalo na nao, & elle no mesmo dia o fez tambem, ficando a fortaleza entregue ao Ouuidor geral, que ficou deuassando & tirando sua residécia, com que como foi tempo se embarcou pera a India, deixando na fortaleza o Alcaide mór, com regimento pera a entregar a dõ Fernando de Lima, com quem he necessario que continuemos.

Partido este fidalgo pera o estreito pera onde o Gouernador Nuno da Cunha o mandou com hũa armada, foi seguindo sua derrota a tè auer vista de monte de felix, na costa da Arabia, a onde se deixou andar esperando as naos de Cambaya, & Achem: mandando vm nauio de remo a tè as portas do estreito, a tomar fala da terra, & a saber das Galés. Este nauio tomou hũas Geluas, em que catiuou algũas pessoas, de quem souberaõ que em Sués se faziaõ prestes Galés, pera em Setembro passarem á India. Com estas nouas despedio dom Fernando de Lima vm nauio ligeiro ao Gouernador, que chegou a Goa já em Mayo, causando com ellas grande aluoroço na terra. O Gouernador mãdou com muita pressa negociar, a armada grossa, pera que tanto q̃ dellas tiuesse recado as ir buscar. Dom Fernando de Lima andou por aquella paragem a tè meado Abril, sẽ lhe ir cair nada nas maõs: & sendo já tempo se fez na volta de Ormuz. E passando por Xael, sorgio sobre aquella barra, & mãdou tratar com aquelle Rey, sobre o resgate de trinta Portugueses, q̃ ali estauaõ catiuos, de hũa embarcaçaõ que deu á costa, que lhe Elrey deu a troco de roupas, & fazẽdas, que já pera isso leuaua. E dãdo dali á vela chegou a Ormuz em fim de Mayo, & tomou posse d'aquella fortaleza, pellas prouisoens que achou. Quasi no mesmo tempo chegou a nao do reino, de que era capitaõ Fernaõ de Crasto, que dom Fernando de Lima recebeo bem, desembarcando os prouimentos, moniçoens, & artelharia

telharia que leuaua : & aos ſoldados ſe ordenaraõ meſas , & pagaraõ ſeus quarteis. Dom Fernando de Lima ſabendo da certeza das Galés , aſsi pello recado do reino, como do auiſo que teue pella fuſta que mandou ao eſtreito: mandou recolher todos os mantimentos,agoa,& lenha que pode , renouando,& fortificando a fortaleza com muita preſſa , achando por todos os Portugueſes que podiaõ pelejar ſeiſcentos : que recolheo dẽtro na fortaleza,deſpedindo nauios ligeiros cõ recado aos Xeques de Maſcate,Calayate,Curiate,& por toda aquella coſta a tẽ o cabo de Roſalgate,pera que eſtiueſſem ſobre auiſo,ſe as Galés foſſem pera aquella fortaleza , dando por regimento aos capitaens dos nauios, que ſe deixaſſem andar naquelle cabo a tẽ todo o mes de Agoſto eſperandoas : pera que ſe entraſſem naquelle eſtreito , lhe leuarem diſte auiſo,ficando mũy aluoroçado eſperando por ellas, auẽdo que ſeria grande boa vẽtura a ſua, ſe em ſeu tempo foſſem ter áquella fortaleza. Mas a morte inuejoſa de todos os penſamentos honroſos,lhe atalhou os ſeus : por que naõ auendo tres meſes que eſtaua naquella fortaleza, veyo a falecer de hũas febres,com grande dor & ſintimẽto de todos,pellas boas partes & qualidades de ſua peſſoa, pollo que era muito amado,& reſpeitado.Seu corpo foi enterrado antre as portas da fortaleza : & ſeus oſſos depois foraõ poſtos na parede antre as meſmas portas , onde oje eſtaõ com hũas grades de ferro. Ficaraõ a eſte fidalgo vm filho & duas filhas. O filho ſe chamou dõ Diogo Lopez de Lima Pereira,que foi veador d'Elrey dom Sebaſtiaõ: & as filhas,hũa ſe chamaua dona Iſabel de Vilhena,que caſou com Iorge de Lima: & a outra dona Maria Manoel,que foi caſada cõ Manoel de Souſa , apoſentador mór d'Elrey . Socedeo por ſua morte na fortaleza Fernaõ d'Aluarez Sarnache, q̃ andaua por capitaõ mór n'aquelle eſtreito, por ter hũa prouiſaõ do Gouernador Nuno da Cunha pera iſſo . Fernaõ de Craſto capitaõ da nao do reino , ficou ali inuernando, & em Outubro ſe partio pera Goa . As outras naos do reino tiueraõ todas muito boa viagem. Fernaõ de Moraes foi tomar Diu conforme a ſeu regimẽto em Abril: & dando as cartas a Antonio da Sylueira , & deitando a gente & prouimentos que leuaua em terra, voltou para Goa , onde chegou já em Mayo , com Diogo Lopez de Souſa o traquinas : que o Gouernador recebeo muito bẽ.

Neſtas naos diziaõ , que tiuera o Gouernador cartas d'alguns amigos do conſelho , que ſem duuida no Setembro ſeguinte,lhe mandaria Elrey ſoceſſor,o que elle ſintio tanto , que logo ſe moſtrou triſte, & malenconizado, auendoſſe por

muito

muito offendido,& agrauado d'El rey,& dos do ſeu conſelho: tendo elle ſeruido quaſi dez annos, com tanta ſatisfaçaõ, & com tamanhas vitorias alcançadas, & agora auẽdo certeza de Galés,quereremlhe tirar das maõs tamanha honra, & hũa occaſiaõ que elle eſtimaua ſobre todas as da vida,era lhe couſa muito peſada, & má de ſofrer. E todauia com ſeu deſcontentamento começou a prouer os almazens de tudo mũy baſtantemente: mãdando fazer muitas moniçoens,& preparar a armada, repartindo o trabalho deſtas couſas pellos fidalgos, & capitaens, entregandolhes as naos,& Galeoens, de que auiaõ de ſer capitaens, pera correrem cõ ſeu concerto: mandando que nos almazens,ferrarias, cordoarias, ſe deſſe tudo o que por ſeus aſsinados ſe pediſſe, pera correr tudo cõ mais preſſa: viſitando elle em peſſoa todos os dias as ribeiras, & almazens:& deſpedio cartas por terra ao capitaõ & veador da fazẽda de Cochim, pera que lá lhe negociaſſe com a mór breuidade q̃ foſſe poſsiuel toda a armada, & naos que ouueſſe, pera que a té vinte de Setembro foſſem ter com elle, por que eſperaua de ir buſcar os Rumes,& pelejar com elles. As outras duas naos de que eraõ capitaens Aleixos de Souſa Chichorro,& Anrique de Souſa Chichorro ſeu irmaõ foraõ tomar Moçãbique, entregando Vicente Pegado aquella fortaleza a Aleixos de Souſa,por hũa prouiſaõ d'Elrey q̃ leuaua, que mandou logo reedificar a fortaleza, & recolher nella mantimentos,& lenha. E por que chegou com muitos doentes, lhes mandou fazer hoſpitaes, que os naõ auia, onde os recolheo,curandoos, & prouendoos muito bẽ, & exercitando o officio da caridade em todos os annos: que naquella fortaleza eſteue: de feiçaõ q̃ quãdo ſayo della, foi em eſtado que eſtaua pera ſe recolher no hoſpital por pobre,por que tudo gaſtou naquellas obras de caridade & hoſpitalidades.Eſtas eraõ as veniagas, & mercadorias dos fidalgos d'aquelle tempo, de que os deſte ſe rim bem: mas nós naõ lhe vemos morgados,nem contos de juro de tantos milhoens de cruzados como tiraõ de ſuas fortalezas, nem ſabemos por onde ſe lhe conſumẽ todos:por que elles naõ ſe lograõ, & muitos na mór cobiça, & ſede de ajuntar na ſua fazẽda,vem hũa dór de cabeça, & leuaos primeiro que acabem ſeu tempo. Por iſſo veja cada vm o como ſe negocea, que Deos naõ dorme,& os brados dos pobres que naõ deixaõ viuer em ſuas fortalezas, chegaõ aos ceos. Mas deixemos eſta materia, pois he pregar no deſerto, & continuemos com as couſas de Diu.

CAPITVLO IX.

Das cousas que acontecerão em Diu, depois do Gouernador Nuno da Cunha partido pera Goa: & de como Cogeçofar se foi secretamente da cidade, & se passou a Cambaya, & persuadio âquelle Rey a fazer guerra aos Portugueses.

EM quanto o Gouernador Nuno da Cunha esteue em Diu: com tanta prudécia, arte, & manha se ouue Cogeçofar em todas as cousas que se lhe encomendaraõ (de que o Gouernador ficou taõ satisfeito) que lhe deixou licença pera mandar hũa nao sua pera Meca, pagãdo naquella alfandega os direitos, & com obrigaçaõ, que tornasse áquella fortaleza. Esta nao pos elle logo á carga. O filho de Cogeçofar sempre esteue na fortaleza em refens, & algũas vezes ya á cidade visitar sua mãy, como o Gouernador tinha dado licença a Antonio da Sylueira. Poucos dias depois delle partido pera Goa, pedio licéça pera a ir ver, & lhe trouxeraõ de sua casa vm fermosissimo caualo, q̃ deuia de ter experimentado naq̃lle negocio pera q̃ o queria: indo cõ elle algũs homẽs da guarda. E chegando ao cais d'alfandega, pondosse á borda da agoa, como q̃ estaua vendo as embarcaçoens, apertou as pernas ao caualo, dãdolhe cõ o chabuco (q̃ he vm açoute q̃ todos trazẽ na maõ, cõ q̃ os açoutaõ rijamente) cõ o q̃ arrancou o caualo como vm trouaõ, & arremessandosse ao már, em breue espasso passou aq̃lle trãsito a te Gogalá. E como se vio da outra bãda foisse pera Nouanager, & dahi se passou a Cãbaya, & foi muito bem recebido d'Elrey, q̃ lhe deu o titulo de Rumecan, q̃ he o mayor do reino. Antonio da Sylueira foi logo auisado de sua fogida, & mãdou por hũa cõpanhia de soldados leuar diãte de si Cogeçofar, que foi muito cõfiado, & lhe deu suas rezoẽs, dizẽdo, q̃ se elle fora em consentimẽto da fogida de seu filho, naõ auia de ficar na cidade cõ sua molher & fazẽda, q̃ era muita, nem auia de por sua nao á carga cõ tamanha segurança: q̃ seu filho era homẽ, & naõ lhe daua cousa algũa de o deixar a elle em trabalhos q̃ ali o tinha, & podia fazer delle tudo o que quisesse. Vendo Antonio da Sylueira sua segurãça, & parecendolhe, pellas rezoens que lhe deu, que estaua sem culpa, o deixou, pedindolhe q̃ corresse cõ o seruiço d'Elrey de Portugal como tinha por obrigaçaõ. Isto fez tambem Antonio da Sylueira por naõ causar algũa alteraçaõ na cidade que estaua quieta, por que se o prẽdera estaua certo tornarse logo

a despouoar. Cogeçofar era taõ sagas, & asi se soube fingir, que andando negociando fugir d'aquella ilha, ya todos os dias à fortaleza, apresentarse ao capitaõ, & ya carregando a nao de toda sua fazenda pouco & pouco, sem fiar sua determinaçaõ mais que de si proprio: pello que nunca o capitaõ lhe pode alcançar cousa algũa de seus desenhos, por muitas intelligencias que sobre elle trazia. Cogeçofar foi corrẽdo cõ a carga da nao: & o dia em q̃ tinha determinado sua fogida, embarcousuas molheres com tanto segredo, & resguardo, que nunca se soube.

E o dia que se auia de fazer á vela pedio licença ao capitaõ, pera ir com o Alcaide do már desamarrala, que lhe elle deu. De madrugada se embarcou no nauio do guarda, & Alcaide do már, & entrando na nao recolheosse com elle pera a camara, onde o fechou: & largando a amarra por maõ difirio a vela com vento prospero, & em pouco espaço se alongou da terra. O nauio do Alcaide do már (a que os Mouros chamaõ miraba) quis chegar a bordo, mas naõ o deixaraõ, pello q̃ voltou apressadamẽte pera a terra, & deu rebate ao capitaõ, que em estremo sintio aquelle negocio, & logo com muita breuidade mandou dar nas casas de Cogeçofar, a onde naõ acharaõ se naõ cousas que elle naõ quis leuar. O capitaõ mãdou tirar grãdes deuassas, pera saber se ficara na cidade fazẽda sua, mas naõ achou rasto de cousa algũa, de que ficou magoado: & bem entendeo que auia aquellle homem de dar ainda grande trabalho áquella fortaleza, por sua grande industria, saber, & artificio, como se vio nesta sua fogida: que vendo que se naõ podia sair da ilha, nem passar a outra banda, pellas grandes vigias que nos paços auia, ordenou de se ir por már, pera o que pós aquella nao á carga pera Meca, pagando direitos das fazendas que nella embarcaua, pera mayor disimulaçaõ.

E tornando a Cogeçofar: tanto que deu á vela foi demandar Surrate, a onde desembarcou sua casa, & despedio a nao pera Meca. E como foi em terra largou o Alcaide do már com quẽ teue satisfaçoẽs, & lhe deu peças d'ouro, & brincos, & embarcaçaõ pera se tornar pera Diu, como fez: & deu ao capitaõ conta de tudo o que passaua. O capitaõ despedio logo vm nauio ligeiro cõ cartas ao Gouernador Nuno da Cunha de tudo o q̃ era socedido, afirmãdolhe q̃ Cogeçofar auia de persuadir a Elrey a fazer guerra a aquella fortaleza, & q̃ sem duuida aquelle inuerno a teria. E asi foi, por q̃ Cogeçofar se passou logo á cidade de Amadaba, & lançousse aos pés d'Elrey q̃ o recebeo bẽ, & o estimou muito. Cogeçofar depois de se agasalhar

pedio

pedio a Elrey que o ouuiſſe vm dia perante os do ſeu cõſelho,porque tinha algũas couſas de ſeu ſeruiço que lhe dizer: o que Elrey fez tendo comſigo todos os ſeus capitaens. E Cogeçofar leuantandoſſe em pé,& tomãdo ſuas ſaluas fez a Elrey eſta pratica.

Fala que Cogeçofar fez a Soltaõ Mamude Rey de Cambaya, em que o perſuadia a que mandaſſe por cerco â fortaleza de Diu, ajudandoſſe d'hũa groſſa armada que lhe o Turco mandou em ſeu fauor.

ANtre as partes que o bom vaſſalo á de ter, muito poderoſo ſenhor,a principal á de ſer lealdade, & fidelidade a ſeu Rey: & como nelle ouuer eſta virtude, logo ſe ſeguem a ella, amor, zelo de ſeu ſeruiço,esforço, prudencia, ſegurança, & todas as mais couſas ſemelhantes a eſtas:o que tudo falece ao que falta hũa virtude taõ principal, por que logo tem odio & auorecimento ao ſeruiço do ſeu Rey,logo fica timido & acouardado,pouco ſeguro,malenconizado, & ſobre tudo imprudente.E como eu pellas muitas & grandes merces que tenho recebidas d'Elrey voſſo tio (cujo ſangue eſtá diante de Mafamede pedindo vingança dos Portugueſes, que debaixo de fé & amiſade o mataraõ) deſejo de ſe me naõ enxergar ingratidaõ a ellas, & naõ ſer tachado de desleal, como pretendo moſtrar nos grandes ſeruiços que eſpero fazer a V. A. a tè ſacrificar eſta vida, & a de minha molher & filhos,ſendo neceſſario, com muito goſto: por que com o direito do reino ficaſtes herdando as meſmas obrigaçoens que lhe todos tinhamos, principalmente eu, que me recolheo, honrou, & fez rico. Pello que ſe a tè gora me naõ vim apreſentar ante voſſos pés, naõ foi por auer em mim algũa duuida em voſſo ſeruiço, ſe naõ por deſejar de me deſarreigar de todo dos Portugueſes, por que pellos penhores q̃ na ilha de Diu tinha, me era neceſſario diſsimular, & fingirme a tè buſcar modo, como fiz, pera me ſair della com minha molher, filhos, & fazenda, pera mais deſembaraçado,& com mais cabedal ſeruir voſſa Alteza, pera o que eſtou preſtes com tudo o que tenho, por que pera iſſo trabalhei de o ſaluar. E pois já eſtou em voſſo poder, pello muito que vos deuo como a meu Rey, & ſenhor, vos lembro as rezoens que tẽdes,pera vingardes a morte d'El rey voſſo tio,& de tornardes a cobrar a ilha de Diu,que he a milhor peça de voſſo reino, & as portas & chaues delle: que em quanto eſtiuer em poder dos Portugueſes, vos aõ de ter vm pé no peſcoço, & aueis de perder o trato

& comercio do eſtreito de Meca, com o que voſſas rendas aõ de vir tanto a menos, que do mais rico Rey do Oriẽte, fiqueis o mais pobre & fraco delle. E ſobre tudo afrontada noſſa religiaõ, & impedida a romagem da caſa de noſſo Profeta, por q̃ naõ tinheis em voſſo reino outro porto milhor, nem mais continuado, que aquelle de Diu. E ſe aueis de acodir a eſtas couſas, naõ ſey tempo mais accomodado & acezonado q̃ eſte, que a fortuna vos offerece tamanha occaſiaõ, como he a pouca gente que naquella fortaleza fica, a fraqueza della, & de ſeus baluartes, & ſobre tudo nenhũa agoa: porque a ciſterna que o Gouernador Nuno da Cunha mandou fazer eſtá ainda imperfeita: & os Portugueſes naõ tẽ donde beber ſe naõ dos poços da ilha, q̃ tãto que lhos tomarem, naõ tẽ outro remedio ſe naõ entregarẽſe vos: & o inuerno he entrado, & naõ podẽ ſer ſoccorridos de nenhũa parte: & pois tudo eſtá tanto da voſſa, naõ dilateis eſte negocio, por q̃ ſem duuida vos será muito facil tornardesuos a ſenhorear d'aquella ilha, & lãçardes della tamanhos imigos. E pera mais vos aſſegurardes neſte negocio vos affirmo, q̃ na entrada de Setẽbro tereis em voſſo fauor hũa groſſa armada de Turcos, por que tenho cartas d'Elrey de Zibit, q̃ ſe eſtá preparando em Suès com muita preſſa. E eſpero em Mafamede, q̃ deſta vez auemos de lançar eſtes homens fora da India, pera que a nauegaçaõ della fique liure & deſembaraçada como dantes. E porque V. A. veja que lhe naõ aconſelho couſa em que eu aja de ficar de fora, me offereço pera eſta jornada com mil de caualo, & tres mil de pé pagos á minha cuſta. E ſobre iſto todo o mais dinheiro q̃ for neceſſario, por que tenho muito, & todo auerey por bem empregado no ſeruiço de V. A.

Elrey o ouuio com muita atençaõ, & lhe agardeceo cõ palauras honradas aquellas lẽbranças & offerecimẽtos. E por parecer bem a todos os do conſelho, aſſentouſſe fazerſe logo aquella jornada, elegendo pera ella Alucan, vm dos titores d'Elrey, & cõ elle Cogeçofar, com igual mando, que Elrey logo fez do ſeu cõſelho, & lhe fez merce da cidade de Surrate, pera elle & ſeus filhos, (que Soltaõ Badur tinha dado a Moſtafa Baxá, o que ſe paſſou pera os Magores, como já diſſemos no capitolo 5. do 9. liuro da 4. decada.

Eſte Moſtafa Baxá chamauaſſe tãbem Rumecan, & era general do exercito de Soltaõ Badur, q̃ tinha começado nella hũa muito forte fortaleza pello rio acima mais de tres legoas, aſſentada ſobre o rio, que defendia a paſſagem pera a cidade. Eſta fortaleza mandou logo Cogeçofar acabar cõ muita breuidade.) E começouſſe logo

a fazer ajuntamento de capitaens, & gente,a que ſe deu preſſa, pera partirem na lũa noua de Iunho. Agora os deixaremos por vm pouco,por que he neceſſario continuarmos cõ as couſas de Ceilaõ.

CAPITVLO X.

Das couſas que acontecerão em Ceilaõ. E de como o Madune por morte do irmaõ Reigaõ Pandar ſe apoderou de ſeu reino: & de como Elrey da Cota caſou ſua filha com vm Principe da caſta do ſol: & que caſta he eſta: & porque ſe chama aſsi.



MVY magoado ficou o Madune do diſbarato de Paichi Marca, & da grande amiſade & fauor que ſeu irmaõ Elrey da Cota tinha com os Portugueſes: o que lhe era taõ mao de ſofrer, que morria de puro pezar. E em nenhũa outra couſa trazia o penſamento ſe naõ em buſcar modos pera matar o irmaõ, a tè peitar os de dentro da ſua camara para lhe darem peçonha,o que tentaraõ algũas vezes, mas foraõ achados & juſtiçados. Eſtando as couſas neſte eſtado, & o Rey da Cota aſſombrado do irmaõ, faleceo o outro irmaõ Reigaõ Pandar, ſem lhe ficarem filhos: & por que aquelle reino vinha de direito ao Rey da Cota, acodio muito depreſſa o Madune, & entrou na cidade de Reigaõ Corlé, que era a cabeça do reino, & ſe apoderou della, & dos thiſouros do irmaõ, ficando com iſto mais poderoſo q̃ o Rey da Cota. E como o deſejo de ſe ver ſenhor de toda aquella ilha, era o que o inquietaua,tentou logo de meter contra o irmaõ todo o cabedal como entraſſe o veraõ, & aueriguar logo aquelle negocio, primeiro que tiueſſe outro ſocorro dos Portugueſes. E querendoſſe ainda valer do Camorim, lhe inuiou outros embaixadores, por quem lhe mandou pedir outra armada, mandandolhe muito dinheiro pera ſuas deſpezas. Eſta armada lhe pedia mandaſſe na entrada de Setembro, por que já o acharia ſobre a Cota. Diſto foi logo auiſado eſte Rey, & vendo os riſcos em que andaua,& que eſtaua ſem filho herdeiro: determinou de caſar hũa filha que tinha, pera que os filhos que della procedeſſem foſſem herdeiros d'aquelle reino: & aſsi elegeo pera géro vm Principe que viuia nas ſete Córlas chamado Treaua Pandar, que he ao que as hiſtorias da India corruptamente chamaõ Tribuli Pandar. Que aſsi por pay, como por mãy procedia d'aquella Real geraçaõ da caſta do Sol: por que naõ podiaõ herdar o Imperio de Ceilaõ,

laõ,ſe naõ os q̃ direitamente vieſſem deſta caſta: que os Chingalás tem por diuina, como logo diremos: & aſsi naõ faraõ ſuas ſumbayas, nem obedeceràõ a Rey de outra caſta,ainda que os matem.

Donde vem os Reys da caſta do Sol, & a rezaõ porque ſe chamaõ aſsi.

E Por que nos naõ fique por darmos rezaõ deſta caſta do Sol,diremos o que elles diſto fabulaõ,por darẽ vm honroſo principio a ſeus Reys.Dizẽ ſuas Chronicas (& nos o ouuimos cantar a vm Principe de Ceilaõ em verſos a ſeu modo,que vm interprete nos ya declarando,por que todas ſuas antiguidades andaõ poſtas em verſo,& ſe cantaõ em ſuas feſtas) que viuendo os Gentios todos d'aquella parte do Gange pera fora, em tudo o que oje comprende os reinos de Pegú, Tanaçarim, Siaõ, Cãboja, & em todos os mais d'aquelle ſertaõ, ſem Rey, ſem leis, nem policia algũa que os differençaſſe dos brutos animais,agaſalhandoſſe por lapas, & couas, comendo eruas,& raizes: ſem terem conhecimento de agricultura,nem grangearia dos campos. E que eſtando aquelles naturaes de Tanaçarim vm dia pella menhã ao naſcer do Sol,vendo ſua fermoſura, & ferindo os ſeus primeiros rayos na terra, de improuiſo a viraõ abrir, & ſair de dentro della vm fermoſiſſimo homem,graue na peſſoa, de preſença venerauel,& em todas as mais feiçoens differente de todos os homens: a quem acodiraõ todos os que o viraõ,admirados d'aquella marauilha, & com grande humildade lhe perguntaraõ, que homem era, & o que queria? Ao que reſpondeo na lingoa Tanaçarim, que era filho do Sol, & da terra, & que Deos o mandaua áquelles reinos pera os reger & gouernar. O que ouuido por todos ſe lançaraõ pello chaõ, & o adoraraõ, dizendolhe: que eſtauaõ preſtes pera o receberem, ſeguirẽ, & aceitarem ſuas leis & coſtumes. Dali foi leuádo & poſto em vm lugar ſupremo, & lhe deraõ obediencia como a Rey, & elle os começou a mandar & gouernar.

A primeira couſa que fez foi tiralos dos matos,& ajuntalos em ciuijs conuerſaçoens,ordenandolhes pouoaçoens, dandolhes modo & ordem pera fabricarem caſas, & laurarem os campos: & depois a lhes darem leys ſuaues & brandas, com o que ſe foraõ achando bem, & a viuerem differentemente do que atẽ entaõ. Reinou eſte Rey muitos annos, & deixou muitos filhos com que repartio ſeus reinos,em cujos deſcendẽtes andaraõ mais de dous mil annos,& a todos os herdeiros que ſocediaõ lhe chamauaõ, Suriauas, que quer dizer, da caſta do Sol. Deſtes vinha direitamente

reitamente Vigia Raya, que foi (como já dissemos no cap. 5. do 1. liuro) degradado pouoar aquella ilha de Ceilaõ, em cujos herdeiros o Imperio della andou direitamẽte, & anda a tè oje: Porque Elrey dom Ioaõ que está antre nòs, & he o verdadeiro herdeiro de toda a ilha, procede desta casta, & so nesta ilha de Ceilaõ se cõseruou por linha direita de herdeiro em herdeiro: o que naõ foi nos outros reinos onde ella começou, por que todos por tẽpos foraõ ter a maõs de tyrannos, & totalmente he extinguida & apagada: & sò em este Rey dom Ioaõ se conserua oje, & nelle se acabará, por que naõ tem filhos, nem netos, como na verdade se acabou. E asi se jactauaõ todos estes Reys de Ceilaõ de procederem do Oriente. E asi elles todos lhe conhecem hũa certa superioridade, & lhe mandaõ pedir suas filhas pera se casarem cõ ellas. Desta casta vinha direitamente este Principe que o Rey da Cota casou com sua filha, posto que era desherdado & pobre. Celebradas as vodas, ficou aquelle Rey tendo com o genro mais algum aliuio. E sendo auisados da determinaçaõ do Madune, fortificaraõ a cidade da Cota muito bem, recolhendo dentro mantimentos & armas. A isto acodio Nuno Freire Alcaide mór de Columbo, com algũs Portugueses que tinha a se lhes offerecer: animando Elrey, & fauorecendoo: certeficandolhe que o estado da India todo se auia de arriscar pello socorrerem & ajudarem, pello que naõ tiuesse receo de cousa algũa: ficandoo seruindo na fortificaçaõ da cidade cõ muita diligencia, pello que Elrey lhe estaua muito obrigado. E neste estado ficaõ estas cousas a tè tornarmos a ellas.

Fim do Liuro Segundo.



LIVRO TERCEIRO DA QVINTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

De vm marauilhoso prodigio, das grandes vitorias que os Portugueses ouuerão dos Turcos, que acõteceo em Diu: & de como os capitaens d'Elrey de Cambaya chegarão âquella ilha com seus exercitos: & do desastre porque se ateou o fogo na fortaleza.

PORQVE d'aqui por diante começamos com o fauor diuino a entrar nas grandes guerras que Elrey de Cambaya Soltaõ Mamude sobrinho de Soltaõ Badur (que socedeo ao Miraõ sobrinho do mesmo Soltaõ Badur filho de hũa sua irmã que desbaratou o Magor Mirmamede Haman, que se tinha aleuantado com o reino tyrannicamente, & apelidaua Rey de Cambaya) com o fauor das armadas do graõ Turco fez á nossa fortaleza de Diu, nos pareceo bẽ, naõ passar por vm espantoso caso, que aconteceo antre os nossos, que parece que foi prodigio das grandes vitorias que os Portugueses ouueraõ de todas estas gentes, que foi desta maneira. Hũa das oitauas da Pascoa da Resurreiçaõ todos os moços Portugueses da fortaleza, que naõ eraõ de idade para tomarem armas, desafiaraõ os moços da terra, assi catiuos como forros, que tambem naõ eraõ de mayor idade, pera se darem hũa batalha (cousa muito vsada antre os moços de Portugal, os de hũa escola desafiaremse contra os da outra pera o campo, onde às pedradas, ou às pãcadas se trauaõ de tal feiçaõ, que saem muitos bem escalaurados.) Assi estes desafiados pera a batalha, ordenaraõ vns & outros antre si seus capitaens, com seus guioens & bandeiras, leuando os moços Portugueses na sua, a diuisa da cruz de Christo. E juntos todos no terreiro da fortaleza, postos em dous esquadroẽs, fazendo seus sinaes, remeteraõ vns aos outros. E trauados em batalha, assi às pedradas, como as pancadas, cõ tamanha furia & odio, como se foraõ imigos de muitos dias, escalaurandosse, & ferindosse vns aos outros. Mas os moços Portugueses (posto que muito menos que os outros)

outros,) vendosse feridos, serraraõ com elles, & muito mal tratados os arrancaraõ do campo, & os foraõ seguindo, bradando, vitoria, vitoria. D'aqui ficou antre estes o odio taõ ateado, que onde quer que se encõtrauaõ, ou fossem dous & dous, ou menos, ou mais, trauauaõ brigas, de que sempre auia sangue, & os da terra leuauaõ a pior. E assi auendosse por afrontados tornaraõ a desafiar os moços Portugueses pera vm domingo, que no terreiro da fortaleza ordenaraõ suas tranqueiras mũy bem feitas, em que se meteraõ, pondo por ellas muitas bandeiras, & metendo dentro paos, pedras, & algũas armas, & panellas de poluora. Os moços da terra tambem negociãdo algũas armas escõdidamẽte, & algũas bombas de fogo, & cõ suas bandeiras aruoradas arrebẽtaraõ pello terreiro cõ grandes gritas, & remeteraõ com as tranqueiras cercandoas em róda, começandosse a trauar a batalha, de pedradas, pãcadas, & com algũas panellas de poluora, com tamanha braueza & estrondo, que parecia já batalha mais que de moços. Mas como os de fóra eraõ muitos mais, trataraõ taõ mal aos da fortaleza, & assi apertaraõ com elles, que os tiueraõ entrados. Os moços Portugueses crecendolhes a furia arrebentaraõ pellas tranqueiras fóra, & dando nos da terra os arrancaraõ do cãpo muito mal tratados, ficando elles com a vitoria. O capitaõ que esteue vendo a batalha das suas janellas, folgou de ver a colora, paixaõ, & furor dos moços Portugueses, que dali por diãte ficaraõ sempre sopeando os outros onde quer que os achauaõ, trauandosse em brigas, sem auer quem os podesse apaziguar. Durou isto a tẽ o mes de Iunho, que os capitaens d'Elrey de Cambaya chegaraõ áquella ilha com seus exercitos.

Atras os deixamos no fim do cap. 9. do 2. liuro fazendo seus ajuntamentos de gentes, & petrechos, pera virem cercar aquella fortaleza: & tendo tudo preparado partiraõ de Amadaba na entrada de Iunho. Alucan leuaua debaixo de sua bandeira, cinco mil de caualo, & dez mil de pé: & Cogeçofar mil de caualo, & tres mil de pé, em que entrauaõ muitos Rumes & Turcos: gente que elle toda fez, & pagou á sua custa. Desta expediçaõ teue logo Antonio da Sylueira auiso, pello que mandou ordenar as cousas q̃ lhe eraõ necessarias pera a defensaõ da ilha, encomendando ao capitaõ mór da armada a guarda do rio com nauios, & manchuas: & prouendo na fortificaçaõ da fortaleza, reformãdo os baluartes, & fortificandoos muito bem.

Andando nesta occupaçaõ, socedeo vm desastre na fortaleza q̃ esteue a risco de se perder com todos os que nella estauaõ, que foi,

hũa

hũa noite tomar fogo a pouoaçaõ com tanta braueza, que parecia que ardia o mundo. Antonio da Sylueira com os fidalgos & caualeiros que acodiraõ, foi logo prouer nos almazẽs das moniçoẽs, com muita gente, & muita agoa, pera a defensaõ do fogo se lhe chegasse. E deixando tudo prouido muito bem, & encarregado áquelle negocio a pessoa de muita confiança: foisse com toda a mais gente acodir ao fogo que cada vez crecia mais: por serem as casas ainda entaõ cubertas de palha, & o vento ser muito grande, que foi o que deu o trabalho todo. Os Mouros da cidade vendo aquellas chamas, cuidaraõ que a fortaleza toda era consumida nellas, & acodiraõ com grande aluoroço por fora a vér se os nossos fogiaõ do fogo, pera darem nelles. Antonio da Sylueira com toda a soldadesca trabalharaõ tanto aquella noite, lançandosse em meyo das chamas, em que se muitos queimaraõ por muitas partes, que a força de braço, depois de durar muitas horas, o apagaraõ de todo: & naõ com taõ pequeno dano que se naõ queimassem sessenta moradas de casas, o que causou em todos muito grande tristeza, & em seus donos dór & magoa da perda que receberaõ: por que se lhe consumio todo o seu mouel, sem se saluar cousa algũa. Antonio da Sylueira como fidalgo de bom coraçaõ, & muito liberal, suprio ali com seu dinheiro, dandoo a todos pera tornarem a reedificar & renouar suas casas.

Affirmasse que começou este fogo em casa de hũa molher solteira, estando em roim acto: no q̃ parece que quis Deos mostrar sua justiça em castigar áquella offensa, que se lhe fazia em tempo que elle determinaua de fazer a todos os d'aquella fortaleza tantas merces, & darlhes tantas vitorias, como lhes depois deu. Os Mouros da cidade despediraõ recado aos Regedores, de como os Portugueses ficauaõ sem terem defensaõ algũa, por lhes arderem todas suas moniçoens.

Esta noua se deu no exercito, q̃ se recebeo com grande aluoroço, auendo que tinhaõ pouco que fazer, em tomarem a fortaleza. Antonio da Sylueira naõ se descuidaua de sua obrigaçaõ, asi na da fortificaçaõ, como das espias, que todos os dias mandaua saber dos imigos, que gente traziaõ, & a onde estauaõ. Mas sempre achou em todas variedade: por que como eraõ Mouros, nunca lhe falauaõ verdade. Antre todas as cousas a que daua pressa, na cisterna a punha muito mayor, por que lhe era necessario recolher agoa pera o inuerno. No baluarte da outra bãda de Gogalá, mandou dobrar os officiaes, por que com muita breuidade se acabasse, & asi em pou-

cos dias sobio em altura de vinte palmos, & a sala que fechaua nelle, na de oito.

CAPITVLO II.

De como Cogeçofar cometeo o baluarte da villa dos Rumes, & da grande resistencia que achou nos Portuguefes: & de como se recolheo ferido, & desbaratado: & das cousas em que Antonio da Sylueira proueo.



PARTIDOS os capitaens d'Elrey de Cambaya, de Amadabá, chegaraõ a Nouanager, duas legoas de Diu já de noite, sem os nossos terem nenhum auiso delles. Cogeçofar como desejaua de se acreditar com Elrey, & de toda a honra d'aquella jornada ser sua, imaginando (pellas nouas que lhe deraõ das nossas moniçoés serem queimadas) que os Portugueses estariaõ descuidados, & sem terem com que se defender: determinou de ir ganhar o baluarte da villa dos Rumes, primeiro q̃ tiuessem auiso: & sem dar conta a Alucan d'aquella jornada, a 26. de Iunho, tanto que entrou o coarto d'alua caminhando com sua gente, que eraõ mil de caualo, & tres mil de pé taõ apressado, que antes que rompesse a manhã chegou à villa dos Rumes, & entrando por ella foi logo demandar o baluarte. E posto que os Portugueses estauaõ descuidados, naõ deixaraõ de ser sintidos de vm que vigiaua, que bradou alto, Mouros, Mouros. A estes brados, os officiaes da Alfandega, & os outros Portugueses, q̃ por todos seriaõ vinte & coatro, q̃ viuiaõ fora do baluarte, por naõ estar ainda acabado por dentro, leuaraõ as maõs as armas, tomãdo as que poderaõ, & foraõse recolhendo pera o baluarte, jà baralhados com os imigos. E como o baluarte estaua imperfeito, & naõ tinha seruintia, mais que por andaimos, por onde corriaõ os materiaes pera a obra, arremeteraõ por elles acima, & alguns pellos dentes das paredes do baluarte onde a salla auia de ir fechar, & com muito trabalho & risco de todos se poseraõ em cima, perdendo coatro companheiros, que lhe mataraõ às espingardadas. Os mais como se viraõ em cima poseraõse em defensaõ, resistindo aos imigos valerosamente, que por todas as partes trabalhauaõ pellos entrar, custando esta sua determinaçaõ a vida a muitos: por que alguns dos nossos leuaraõ espingardas que nelles fizeraõ grande dano. A manhã começou a aparecer, & da fortaleza grande se ver claramente a reuolta, (posto que jà tinhaõ auiso por alguns escrauos que se lança-

raõ

raõ a nado.) E ouuindo as espingardadas que laborauaõ de parte a parte. Antonio da Sylueira mãdou logo preparar embarcaçoens pera lhes soccorrer,& embarcousse com quasi duzentos homens, deixando a fortaleza entregue a Payo Rodriguez d'Araujo, Alcaide mór. E por que podia ser que aquelle rebate fosse pera na cidade se dar outro algum que podesse fazer mór dano (ainda que pera passarem á ilha em alguns passos della estiuessem guardas, por serem muitos os lugares por onde se podia passar) mandou a Lopo de Sousa Coutinho com a sua gẽte aos muros da cidade d'aquella parte que olha pera o campo, que se fez na dita ilha. Cogeçofar bẽ via a pressa que na fortaleza ya pera irem soccorrer o baluarte, por que claramente se via embarcar a gente, pello que determinou de aueriguar aquelle negocio, primeiro que o socorro chegasse.

E tomando os Turcos & Rumes comsigo, cometeo a subida do baluarte mũy determinadamente, os decima que seriaõ perto de 20. homens lhes defenderaõ o passo com grande valor & esforço: por que com verem que o capitaõ se apressaua pera os vir soccorrer, se lhes dobraua o animo,& as forças, pelejando como lioens, fazendo tal estrago nos Mouros, q̃ os fizeraõ retirar. Cogeçofar vẽdo que fogiaõ, acodio aos afrontar de palauras fazendoos voltar, o que elles fizeraõ, tornando acometer a sobida com a furia q̃ lhe fazia leuar o desejo de se desafrõtarem. Mas nem desta vez acharaõ nos decima menos resistencia, antes receberaõ delles muito mayor dano: por que como os Mouros eraõ muitos, & estauaõ amontoados, & como brutos queriaõ sobir pellos andaimos, fizeraõ os de cima nelles mũy grandes estragos: por que com vigas, pedras,& outros instrumentos os lançauaõ delles abaixo feitos pedaços. Cogeçofar que andaua por baixo, animandoos,& fazendoos sobir, naõ ficou sem seu quinhaõ, por que vm pilouro perdido de hũa espingarda lhe deu em hũa maõ que lha cortou toda: & retraindosse quasi mortal em braços de homẽs, cuidando todos os seus que era morto, largaraõ tudo, & foraõ pera onde elle estaua.

A este tempo chegou Antonio da Sylueira ao baluarte, & saltando em terra com toda a sua gente, meteosse no baluarte aruorando logo em cima a bandeira de Christo, que logo foi vista de todos. E deixando o combate se foraõ recolhendo pera Nouanager, pera onde leuaraõ Cogeçofar, ficandolhe muitos mortos no campo, & leuando muitos feridos, de que depois morreo a mór parte. Antonio da Sylueira vendo afastados os imigos,& o grande dano que os

do

os do baluarte lhes tinhaõ feito, achando a todos muito animoſos, & banhados em ſeu proprio ſangue, pellas muitas feridas q̃ tinhaõ, os abraçou, & o meſmo fizeraõ todos os da ſua companhia, naõ ſem inueja de os verem taõ gentis homẽs. O capitaõ mandou os feridos pera a fortaleza pera ſerẽ curados, & deitou eſpias pera ſaber dos imigos, que lhe diſſeraõ como ſe recolheraõ a Nouanager, & que Cogeçofar eſtaua muito mal da ferida. Com iſto tratou de prouer naquellas couſas com mais cuidado, por q̃ aquella leue afronta & ſobreſalto o eſpertou muito.

E logo mandou dar preſſa ao baluarte & ſala, q̃ em breues dias pós em altura de corẽta palmos, & como foi capaz de artelharia, lha pós: & proueo de moniçoẽs & mãtimentos, & de muitas pipas & jarras de agoa: & confirmou a capitania delle ao meſmo Frãciſco Pacheco, & lhe deu ſetenta homens, em que entraraõ todos os que cõ elle ſe acharaõ no feito paſſado, q̃ como ſararaõ ſe foraõ pera elle. A eſtes deſejamos de ſaber os nomes pera lhes darmos neſta eſcritura os louuores que merecẽ: mas ſeja a culpa do pouco caſo que atè gora fizeraõ deſtas couſas na India, & dos pouco corioſos q̃ nella ouue.

E tornando ao capitaõ: depois de ter prouido em tudo o do baluarte, o fez tambem na fortaleza, mandando recolher todos os mantimẽtos & lenha q̃ pode. E por ſer auiſado por eſpias q̃ na cidade trazia, q̃ nos Mouros da cidade auia algũa alteraçaõ, & q̃ o dia do fogo ouuera antre elles mũy grande reboliço, & o meſmo quando ſe cõbateo o baluarte: receando que aquelle negocio chegaſſe a mais, determinou de lhes dar vm grande caſtigo. E ſem dar a ningem conta de couſa algũa, pellos naõ auiſarẽ, ſayo da fortaleza com trezentos homens, repartidos por tres bandeiras, & deu buſca na cidade a todas as caſas, & as armas que por ellas achou mandou recolher, que foraõ muitas, & prendeo algũs por ſe ver ſerem cauſa de ajuntamẽtos & tumultos. E como em os da cidade pós freyo, em aquelle meſmo dia proueo os lugares q̃ o rio, que diuide a ilha da terra firme, tẽ fracos & poſsiueis a ſerem vadeados, o q̃ tudo ſe fez ſem alteraçaõ algũa, por que tinha aſſentado de a ſuſtentar por cauſa da agoa, por que a naõ tinha na fortaleza, & dos póços de fóra ſe ſuſtentaua. E nos dous baluartes que ficaraõ feitos do tempo de Soltaõ Badur nos paſſos mais ſoſpeitoſos, por ſerem mais ſecos (que elle mãdou ali fazer quãdo ſe recolheo áquella ilha fogido dos Magores) em vm delles pós Gonçalo Falcaõ, & no outro Luis Rodriguez de Carualho, fidalgos honrados, & de muita cõfiança, por ſeu esforço & ſaber: a

quem deu gente, artelharia, & moniçoens,que lhe pareceraõ neceſſarias. E em outro paſſo que era mais eſtreito, que ſe chamaua Palerim,mas de canal alto,pós Lopo de Souſa Coutinho de Santarem, fidalgo bem conhecido por ſeu esforço & valor: & que neſte cerco todo dos Rumes pelejou valeroſaméte,& depois fez os Commétarios delle,em eſtilo excellente & graue, & foi o milhor de todos, por q̃ eſcreueo como teſtemunha de viſta. A eſte fidalgo deu duas Fuſtas,hũa Galeota, & hũa Barcaça. Pellos mais paſſos eſpalhou Franciſco de Gouuea,capitaõ mór do már de Diu,& Antonio da Veiga,feitor d'Elrey.

Prouidos os paſſos, pós o capitaõ as maõs na obra da ciſterna pera recolher agoa:em que ſe correo com tanta preſſa, que nem de dia, nem de noite largauaõ a obra, ſendo os fidalgos, & todos os mais Portugueſes os acarretadores dos materiaes: & acabandoa por baixo,eſtando ainda aberta por cima, mandou o capitaõ começar a deitarlhe agoa,pella preſſa & neceſsidade que ſe eſperaua, que ſe acarretaua dos poços da ilha com todos os bois que ſe poderaõ ajũtar, com ſeus odres,a que chamaõ pacais, & em breues dias recolheraõ dentro perto de tres mil pipas d'agoa.E poſto q̃ era perjudicial á ſaude dos homés recolherſe por entaõ,por eſtaré os betumes & argamaças da ciſterna freſcas, naõ podia ſer menos, por naõ auer outro remedio. E ainda quis Deos q̃ ſocedeſſe aquelle deſaſtre a Cogeçofar, por q̃ o tépo que gaſtou em ſe curar,eſſe tiueraõ os noſſos pera ſe aperceberem de tudo: que d'outra maneira eſtaua certa a perdiçaõ d'aquella fortaleza: por que tanto que os imigos entraſſem a ilha naõ tinhaõ os noſſos dóde ſe prouerem d'agoa.

E poſto q̃ por entaõ parecia temeridade, querer defender hũa ilha taõ grande cõ taõ pouca gente,depois moſtrou a experiencia, aquella determinaçaõ foi inſpirada por Deos, por que em quanto ſe defendeo, ſe proueraõ da cidade de agoa,& lenha. E quanto ao baluarte da villa dos Rumes, que alguns tacharaõ a Antonio da Silueira querelo defender: eſſa foi a ſaluaçaõ da fortaleza: porque ſabido eſtá quebrarem os imigos nelle a furia todos aquelles dias, poſto que depois ſe largaſſe ou perdeſſe, por que ſe logo lho largaraõ,& os imigos todo aquelle tépo bateraõ a fortaleza, ſem duuida ſe perdera: por q̃ com virem da villa dos Rumes com a ſoberba perdida, neſſes poucos dias q̃ a bateraõ, eſteue perdida, como ſe verá pello diſcurſo da hiſtoria.

E tornando a Cogeçofar,eſteue em ſe curar todo o mes de Iulho, & ſendo já ſaõ, poſto q̃ aleijado, tratou de ſe ſatisfazer: & leuantando

tando

tando ſeu campo elle & Alucan, foraõ marchando pera Diu. E paſſando pella villa dos Rumes, ſem ouſarem acometer o noſſo baluarte, pello verem differente, & em milhor eſtàdo que da outra vez, aſſentaraõ de o deixar, & paſſarem à ilha: & aſsi foraõ cometer os paſſos, aſſentando Cogeçofar o ſeu arrayal de fronte do que guardaua Lopo de Souſa Coutinho, & nelle aſſeſtou tres canhoens. Alucan foi adiante com quinze mil homens, & repartio ſua gente em algũas partes: hũa dellas pós fronteira ao paſſo de Gonçalo Falcaõ, & a outra onde Antonio da Veiga, & Franciſco de Gouuea tinhaõ os nauios, & outra no de Luis Rodriguez de Carualho: & algũa gente pós em outros paſſos, em que fizeraõ ſeus valos, & trincheiras, & fortificandoſſe á ſua vontade, como quem eſtaua na ſua terra.

CAPITVLO III.

Dos combates que os Mouros deraõ aos paſſos da ilha: & de como Antonio da Sylueira lhe pareceo bem largalos: & de como os imigos entraraõ a ilha, & tomaraõ os nauios dos paſſos.

DEPOIS dos Mouros terem prantado ſuas eſtancias, & aſſentado ſua artelharia, começaraõ a bater os paſſos, com grande furia & terror, fazendo grande dano em todos, principalmente no de Lopo de Souſa Coutinho, por que era mais eſtreito, & as ſuas fuſtas ficauaõ mais em barreira á ſua artelharia: mas como era caualeiro & animoſo, naõ largou vm palmo de ſeu lugar, antes delle ſe pós à bataria com os imigos, matandolhe algũs, aſsi de pé, como de caualo: & o meſmo fizeraõ pellos outros paſſos em róda, cõ taõ grande terremoto, q̃ ſó o terror & eſtrõdo da artelharia metia medo & eſpãto aos ſeus, que eſtauaõ pellas aldeas apartadas: mas nenhum nos nóſſos, poſto que dauaõ em meyo delles aquella multidaõ de pilouros enuoltos em fogo & fumo, a que eſtauaõ coſtumados.

Eſta bataria ſe foi continuando alguns dias, & cada vez com mayor furia: & o em q̃ os imigos mais tiueraõ o tento, foi em impedir o ſoccorro que da fortaleza ya todos os dias aos noſſos: por q̃ Antonio da Sylueira, naõ ſe deſcuidádo de ſua obrigaçaõ, os mãdaua muito amiude viſitar & prouer de poluora, moniçoẽs, & mãtimẽtos: por embarcaçoens pequenas, de que algũas foraõ metidas no fundo: & totalmente impediraõ aquelles

K2 ſoccor-

ſoccorros, que pera os que eſtauaõ nos paços foi de grande ſintimẽto, por q̃ receauaõ virlhes a faltar tudo: & todauia por terra eraõ prouidos o milhor q̃ podia ſer. Os Mouros trabalharaõ por entulhar algũ dos paſſos, pera por elle paſſarẽ à ilha: pera o q̃ mandaraõ trazer das aldeas vizinhas muitos ſeruidores pera a obra do entulho, em que começaraõ a trabalhar de dia & de noite ao ſom das bõbardadas, que de ambas as partes naõ ceſſauaõ, leuando diante de ſi mõtes de terra a tè a borda da agoa, a onde milhoraraõ ſuas eſtancias. Lopo de Souſa Coutinho, Franciſco de Gouuea, & Antonio da Veiga acodiraõ cõ os ſeus nauios a impedir a obra, ſobre o que ſe trauaraõ algũas eſcaramuças com muito dano & mortes de ambas as partes, naõ deixando porem os Mouros de irem milhorando, & eſtreitãdo os paſſos, a tè porem os noſſos em deſconfiança.

Antonio da Sylueira, que cada hora tinha auiſo do que lá paſſaua, entendendo mũy bem o riſco em que todos eſtauaõ, & q̃ os imigos naõ poderiaõ deixar de ganhar os paſſos, & q̃ naõ auia mais proueito de os querer defender, q̃ perda de homẽs & moniçoẽs, de q̃ depois auia de ter neceſsidade: & q̃ a principal couſa por q̃ tratára de defender a ilha, fora por ſe prouer d'agoa & lenha, de q̃ jà tinha recolhido hũa grãde copia: aſſentou por conſelho de todos os fidalgos & capitaẽs, de largar a ilha, & q̃ a artelharia dos paſſos ſe paſſaſſe á cidade, & q̃ trabalhaſſem pella defẽder, por q̃ naõ chegaſsẽ os imigos aos incurralar na fortaleza.

Diſto ſe fez vm termo aſsinado por todos, que Antonio da Sylueira guardou pera ſua ſatisfaçaõ. E logo mandou Payo Rodriguez d'Araujo com alguns nauios, pera recolher a gente, & a artelharia, leuãdo hũa prouiſaõ do capitaõ, em q̃ mandaua a todos aquelles capitaẽs, que logo tanto q̃ aquella viſſem largaſſem os paſſos, & ſe recolheſſem á cidade: & que elle Payo Rodriguez d'Araujo tomaſſe hũa das fuſtas de Lopo de Souſa Coutinho & a barcaça, & as entregaſſe a Gonçalo Falcaõ, & a Luis Rodriguez de Carualho, pera nellas recolherem toda a artelharia & moniçoẽs dos ſeus baluartes.

Com eſte recado partio Payo Rodriguez d'Araujo aos noue de Agoſto, que tanto auia que os Mouros eraõ chegados aos paſſos, Payo Rodriguez d'Araujo chegou a elles, & moſtrou aos capitaens a prouiſaõ, & naõ podendo fazer outra couſa trataraõ de ſe recolher. Antonio da Veiga q̃ andaua por capitaõ mór de duas Galeotas, & de tres nauios mais: em vẽdo o recado ſaltou em terra, & deixou os nauios encomẽdados aos capitaẽs com todos os ſoldados, pera q̃ ſe foſſem pera à fortaleza: & elle por

por terra ſe foi, tendoſſelhe a mal deixar os ſeus nauios: mas deuia de ſer inaduertidamente, por que eſte homem em todas as couſas da guerra em que ſe achou deu ſempre muito boa conta de ſi. Os capitaens dos ſeus nauios vendoo partido, quiſeraõſe logo recolher, ſendo ainda de noite: & tomando o remo na maõ foraõ com a enchẽte da maré entrando pera dentro. O vento era mũy grande, & o rio andaua mũy alterado, & paſſando pella eſtancia de Cogeçofar, que eſtaua quaſi ſobre o canal, q̃ naõ ſe podia já paſſar ſe naõ pellas bocas das bõbardas, em os ſintindo deſcarregaraõ ſuas cargas nelles, de q̃ lhe mataraõ & feriraõ alguns marinheiros: os mais deſcoraçoados naõ atinãdo o canal deraõ com as Galeotas em ſeco. E como as bombardadas naõ ceſſauaõ, os ſoldados atemorizados ſem fazerem diligencia algũa, lançaraõſe ao már, naõ os podendo os capitaens tér por muitas couſas que lhes diſſeraõ, óra pondolhe diante a obrigaçaõ da hõra Portugueſa, óra ameaçandoos que auiaõ de ſer caſtigados como homens que fogiaõ da guerra: & naõ lhe deixando o medo ver a infamia que corriaõ, ſe foraõ a nado pera a outra banda da ilha que era perto: & por terra ſe recolheraõ á fortaleza. Os capitaẽs que ficauaõ ſós nos nauios, naõ lhes podendo dar remedio, vendo q̃ os imigos ſe metiaõ pella agoa pera os irem demandar, ajuntãdo a lenha que poderaõ, pondo a poluora no meyo dos nauios, & a lenha por derredor lhe deraõ fogo, por que naõ foſſem a poder dos imigos, por que ſe naõ lograſſem da artelharia: & como o fogo ateou lançaraõſe ao már, & paſſaraõ á outra banda, comprindo a tẽ o cabo com ſua obrigaçaõ muito bẽ, & certo qne folgaramos de lhe achar os nomes, pera o terem neſta eſcritura, porque o mereciaõ bem. Os imigos que yaõ pella agoa demandar os nauios chegaraõ á tempo que o fogo andaua mũy brauo, & como eraõ muitos os rodearaõ por eſtarem já em ſeco: & lançaraõlhes ás maõs tanta agoa, que o apagaraõ, ſendo já a mór parte dos nauios queimados, mas ainda lhes tomaraõ os falcoẽs & berços.

Deſte deſaſtre ſocedeo outro mayor, & foi, que andando Gonçalo Falcaõ recolhendo as couſas do ſeu baluarte na barcaça, faltandolhe por meter nella tres ou coatro barris de poluora, os ſoldados que andauaõ ao trabalho, em vẽdo o fogo nos nauios, foi tamanho o ſeu medo, que deſempararaõ tudo, & trataraõ de ſe recolherem por terra. Gonçalo Falcão vendo aquelle deſatino, & que ficando ſó poderia ſer cauſa de ſua perdiçaõ, deixando as couſas da barcaça acodio a terra, & pedio a todos que o naõ quiſeſſem deſemparar, que viſſem que aquillo que queriaõ

cometer era hũa couſa taõ afrontoſa, pera homens que tinhaõ ganhado tanta honra, aſsi naquelle negocio, como em todo o outro em que ſe acharaõ, que baſtaria pera ficarem afrontados pera toda a vida: que viſſem bem quanto mais honroſo ſeria morrerem em companhia do ſeu capitaõ, que ſaluar as vidas com tamanho vituperio. E que lhes affirmaua, que paſſado aqlle termo de temor auiaõ de deſejar antes de ter perdido mil vidas, que viuerem com tanta vergonha.

Tantas couſas deſtas lhes diſſe, que os tirou de ſeu propoſito, & os fez embarcar: & todauia naõ quiſeraõ recolher os caixoẽs da poluora por muito que Gonçalo Falcaõ niſſo trabalhou, de que enfadado, vendo que era forçado ficarem mandoulhes dar fogo, & foraõ as labaredas tamanhas, que os Mouros da outra banda, que era perto, viraõ mũy bem a barcaça, & que eſtaua muito carregada, & mal aparelhada, a que deraõ todos grandes gritas, a fim de amedrontarem os noſſos: o que lhes naõ ſayo em vaõ, por que os ſoldados como ſe embarcaraõ amedrontados, tornou a dar nelles o temor, & como o vento naõ ceſſaua, antes cada vez parecia crecer mais, quis a deſauentura, que aſsi com os mares, como com o medo dos remeiros que yaõ deſatinados deſſem em ſeco, mas em parte ꝗ facilmente ſe podera tirar, ſe o medo nelles naõ fora tamanho, que em ella tocando, & em ſe elles lãçando ao mar vergonhoſamente, tudo foi vm: ſem lhes dar pellas obrigaçoẽs que Gonçalo Falcaõ lhes pós diante, deixandoo ſó n'aquelle cõflicto, de que ſe naõ pode valer, por que de todas as partes ſe vio cercado de ameaços da mòrte: de hũa o vento que esbrauejaua, da outra os mares que lhe entrauaõ, d'outra muitas & groſſas bombardadas que ſobre a barcaça chouia. E vendo que ſe naõ podia ſaluar aquelle nauio, cõtra ſua vontade (por naõ ir contra a obrigaçaõ de Chriſtaõ) ſe lançou a agoa, & ſe paſſou à outra banda, triſte & deſconſolado, por lhe acõtecer aquelle deſaſtre pella falta & couardia dos ſeus ſoldados. Neſte nauio ſe perderaõ bem dez peças d'artelharia groſſa & miuda, & armas, & outras couſas neceſſarias.

Ainda aqui naõ ceſſou o mal, por que parece que eſtaua tudo conjurado neſte dia contra os noſſos: & foi que a meſma deſauentura aconteceo a Luis Rodriguez de Carualho. Eſte fidalgo depois de Payo Rodriguez d'Araujo lhe dar recado que ſe recolheſſe, lhe entregou pera iſſo hũa Galeota, recolheo nella todo o fato do baluarte, & foi remando pera paſſar pera a fortaleza, mas foi varar em hũa reſtinga, onde tambem o deixaraõ os ſeus ſoldados: & depois

que

que trabalhou quanto foi poſsiuel, por ver ſe podia remediar aquelle dano, vendo ſer tudo em vaõ por ſer ſó,& os imigos virem já cometendo a fuſta, auendo que era temeridade querer ſó defendella,lãçouſſe ao már,& paſſouſſe á outra banda.

Lopo de Souſa Coutinho,tambem ſe foi recolhendo, & naõ ceſſando ainda o vento & os mares foi trabalhãdo a tè a marè lhe dar de roſto,& começar a vazar, com o que as agoas o foraõ encoſtando à outra banda das eſtancias dos Mouros,a tè o encalharem em ſeco,ſem lhe valer a força do remo, nem do braço, em que todos trabalharaõ bem. E por que receaua deixaremno os ſoldados,teue nelles grande tento, fazendolhes hũa honrada fala,que toda redundaua em as obrigaçoens de ſuas peſſoas, & naçaõ: & achou a todos mũy animoſos,& esforçados, & aſsi ſe deixou ficar a tè que amanheceo, & que foi viſto dos Mouros: que como andauaõ contentes das prezas paſſadas, entraraõ pella agoa vm grande numero delles, & cercaraõ a Galeota em ròda, trabalhando pella entrarem: mas Lopo de Souſa com os companheiros lha defenderaõ valeroſamente,fazendo nos imigos grande eſtràgo, ficando elles ſem dano ſeu nem dos ſeus. E vendo que naõ auia outro remedio mais que o valor dos braços, trabalharaõ com elles como lioens, ſuſtentando aquella furia a tè a maré tornar a encher, que o nauio começou a nadar, & por lhe o vento ſeruir deraõ algũs marinheiros eſpertos á vela, & foraõſe ſaindo do perigo, deixando feito nos Mouros vm grãde eſtrago: que ſeus capitaens ſintiraõ mais,do que foi o goſto das outras vitorias, por auerem por afronta eſcaparemlhe taõ poucos homẽs das maõs.

CAPITVLO IIII.

De como os Mouros entraraõ a ilha,& Antonio da Sylueira largou a cidade: & de como os capitaẽs prantaraõ ſuas eſtancias ſobre a noſſa fortaleza: & de alguns recontros que os Portugueſes tiueraõ com elles,de que ſempre leuaraõ a milhor.



NA meſma noite que os ſoldados da companhia de Gonçalo Falcaõ, & de Luis Rodriguez de Carualho,deſempararaõ os nauios, & ſeus capitaens,chegaraõ à fortaleza,& delles ſoube Antonio da Sylueira do deſaſtre acontecido, & perda dos nauios, o que ſintio em eſtremo, aſsi por lhe acontecer aquillo em principio do cerco que eſperaua, (por que receou ame-

drontaremſelhe os homens) como pella perda da artelharia, que nos nauios tomaraõ, que eraõ dez ou doze peças com que determinaua defender a cidade. Receando tambem Lopo de Souſa Coutinho, q̃ ſabia eſtaua em trabalho, & naõ tinha nauios com que lhe ſoccorrer. E eſtando neſta grande agonia chegou elle, o que eſtimou muito, aſsi por naõ ir o dano a tè o cabo, como pello preço da peſſoa d'aquelle fidalgo, que auia de auer muito miſter pera os trabalhos que eſperaua. E ſabendo delle ſeu ſoceſſo, & que os imigos começaraõ a paſſar à ilha, chamou em ſegredo os fidalgos, & capitaẽs principaes, & lhes diſſe que bem ſabiaõ, como eſtaua aſſentado em conſelho, defenderſe a cidade, & q̃ a gẽte & artelharia que eſtaua nos paços da ilha, ſe paſſaſſe a ella, o q̃ jà agora naõ podia ſer pello deſaſtre acontecido, & que pera tirar a artelharia da fortaleza pera iſſo, lhe naõ parecia licito pella pouca que auia, que lhes pedia lhe aconſelhaſſem naquelle negocio o que foſſe mais ſeruiço de Deos & d'El rey. Todos votaraõ que ſe largaſſe a cidade, pellos inconuenientes que elle meſmo apontaua, & por outros muitos que auia: por que pera defenderem bem a fortaleza lhes faltaua ainda muitas couſas.

Eſtando concluindo iſto tiueraõ rebate, que os imigos eraõ chegados ao campo: porque logo paſſaraõ à ilha, & Cogeçofar foi dar viſta á cidade com tres mil de caualo, & ſete ou oito mil de pé. Os Mouros della, que cõ os deſaſtres paſſados ſe tinhaõ alterado, tanto que viraõ a gente no campo, & conheceraõ as inſignias de Cogeçofar, aruoraraõ muitas bãdeiras de ſuas diuiſas por cima do muro, pera lhes darem a entender, que a cidade eſtaua deſpejáda dos noſſos. Antonio da Sylueira largando o conſelho, acodio com muita preſſa á cidade, & mandou queimar as Galés que eſtauaõ varadas na ribeira junto da Alfandega por alguns homens, por ſe naõ aproueitarem os imigos dellas: poſto que eraõ ſuas, & as tinhaõ ali por eſtado. E aſsi mandou por outros alguns homens dar fogo a vns almazens que eſtauaõ cheos de enxofre & ſalitre, q̃ ſe naõ pode recolher, por naõ ficar aos Mouros: & como na cidade andaua já grande aluoroço, & alguns dos moradores tomauaõ armas, foi tamanho o medo dos que yaõ áquellas couſas, q̃ pondolhe o fogo ſem o deixarem atear, ſe foraõ recolhendo vergonhoſamente, ſem deixarem feito couſa algũa, por que o fogo foi logo apagádo, & aquelles materiaes ficaraõ aos imigos: q̃ depois lhes ſeruiraõ contra nós.

Vendo Antonio da Sylueira q̃ a cidade andaua toda leuantada, eſcolheo cem homens, & elle com elles em peſſoa, & entrou por ella dentro,

dentro, & todos os que encontrou com armas meteo á eſpada: & mãdou enforcar pellas ruas a muitos pera eſpanto. E correndo a fama do eſtrago que os noſſos yaõ fazendo pella cidade, foraõſe todos os moradores pera Cogeçofar, q̃ os reçebeo bem, & delles ſoube o q̃ o capitaõ andaua fazendo. Antonio da Sylueira, como naõ teue em quem executar ſua furia, mandou prender coatro Gentios mercadores dos mais ricos & principaes da cidade, & os leuou comſigo: por q̃ pella ventura ſocederiaõ depois couſas que foſſe neceſſario aproueitarſe delles, por ſerem ricos & aparentados, que foraõ ſempre mũy bem tratados, & depois de ſe acabar o cerco foraõ poſtos em ſua liberdade. E por que já Cogeçofar vinha entrando a cidade, ſe foraõ os noſſos recolhendo pera a fortaleza. Cogeçofar como ſe vio ſenhor da cidade, mandou recado a Alucan, que ao outro dia entrou, & começaraõ logo a aſſentar ſuas eſtancias por eſta maneira.

Cogeçofar ſe alojou no Mandouim, que he vm lugar como terreiro, que ſerue de recolher os mantimentos: & em vm cais que lança ſobre o már, mandou prantar toda a artelharia que ſe tomou nos noſſos nauios, pera dali baterẽ o baluarte do már, & os nauios q̃ eſtauaõ ao cais, em que eſtaua Lopo de Souſa Coutinho.

Alucan ſe alojou nas caſas da Raynha mãy d'Elrey Badur, que eſtauaõ no lugar mais alto da cidade. E no meſmo dia começou Cogeçofar a bater os nauios com muitas & amiudadas bombardadas, com que logo meteo duas fuſtas no fundo, matando alguns ſoldados que nellas eſtauaõ, & na Galeota de Lopo de Souſa deraõ alguns pilouros, ſem fazerem dano. Durou eſte combate a tè o meyo dia, que ceſſou, dando os imigos no arrayal grandes gritas de aluoroço, quando meteraõ as fuſtas no fundo. Antonio da Sylueira determinou de ver, ſe no que faltaua do dia, ſe podia ſatisfazer nos imigos, por que de todo ſe naõ ficaſſem louuando.

E por que alguns Portugueſes que pouſauaõ fora da fortaleza, ſe recolheraõ á chegada dos imigos com tanta preſſa, que deixaraõ em ſuas caſas a mór parte de ſuas fazendas: quis o capitaõ mandar recolher tudo: & encarregou á Gaſpar de Souſa, que com cincoenta homens foſſe dar fauor aos donos, pera irem buſcar ſua pobreza. Gaſpar de Souſa com os companheiros foraõ caminhando, a tè as caſas em q̃ jà andauaõ muitos Mouros eſpalhados por dentro a roubar, bem deſcuidados de tal ſobreſalto: & dando os noſſos nelles mataraõ muitos: & os donos das caſas com os moços & ſeruidores que para iſſo leuauaõ, carregan-

doſſe

doſſe de tudo o que poderaõ,ſe foraõ recolhendo, por que já recreciaõ os imigos. Naõ cuſtou eſta caualgada mais que vm ſoldado, poſto que tambem foraõ alguns feridos,niſto ſe paſſou eſte dia.

Ao outro tratou Antonio da Sylueira de prouer na defenſaõ da fortaleza,& os baluartes de capitaens: & no de Saõ Thomè pos Gonçalo Falcaõ com cincoenta ſoldados: & no que fica ſobre as caſas do capitaõ na entrada da caua pos Gaſpar de Souſa com outros tantos: ſobre a porta pós Payo Rodriguez d'Araujo que era Alcaide mór. Os mais baluartes por ficarem ſobre o már, & naõ terem neceſsidade de capitaẽs deixou com alguns poucos ſoldados. A Lopo de Souſa Coutinho deu ſeſſenta ſoldados para ir todas as manhãs dar guarda a muitos eſcrauos, & ſeruidores, que yaõ a carretar agoa de vns poços que eſtauaõ perto da cidade, & a desfazer as caſas dos Portugueſes que eſtauaõ fora, & recolher a lenha dellas, & pera ficar mayor terreiro á fortaleza. Lopo de Souſa continuou eſta guarda alguns dias, tẽdo em todos elles alguns encontros com os imigos,de que ſempre os deixou eſcalaurados. A catorze de Agoſto, veſpora da glorioſa Aſſumpſaõ de noſſa Senhora, dia em que quis dar a Lopo de Souſa hũa mũy honroſa vitoria: & foi deſta maneira.

Saindo eſte capitaõ eſta madrugada, deſte taõ ditoſo dia pera nòs,a dar guarda aos acarretadores, deixando corenta ſoldados cõ elles, apartouſſe com catorze, & meteoſſe por hũas ruas em que achou alguns Mouros deſmandados,& remetendo com elles ſupitamente,matou alguns, & os mais com muitas feridas os pòs em diſbaràto. Taõ cortados foraõ eſtes de medo dos noſſos, que naõ pararaõ ſe naõ dentro na eſtancia de Cogeçofar: & ſabendo delles o q paſſaua,deſpedio coatro cẽtos homẽs pera irem vingar aquella afronta. Eſtes foraõ dar cõ os noſſos,que eſtauaõ em hũa rua eſtreita, que ya ſair a vm lugar largo, por onde os imigos vinhaõ com grandes eſtrondos, & algazaras. Lopo de Souſa quiſera ſair ao largo a pelejar com elles, mas vm Simaõ Furtado homem ſeſudo, & mũy bom caualeiro lho atalhou, dizendolhe,que aquillo era temeridade, que deixaſſem entrar os imigos pella rua em que eſtauaõ, & elles ſe deixaſſem eſtar no cabo da meſma rua,por que eſtaua certo apinhoaremſe de feiçaõ, que ſe naõ auiaõ de poder menear, pella multidaõ delles,por ſer a rua eſtreita, & que entaõ eſſes poucos que eraõ ſe poderiaõ milhor ajudar contra elles como ſenhores da rua, & que mais deſembaraçadamẽte podiaõ menear as armas.Lopo de Souſa lhe agardeceo o conſelho,&

reco-

recolheoſſe pera o cabo da rua,em que os imigos começaraõ a entrar taõ ſofregos & apinhoados, que vns ſobre os outros chegaraõ aos noſſos, cuidando leuaremnos nas vnhas.

Lopo de Souſa vendo aquella occaſiaõ, apellidando Sanctiago, deu nos imigos com tanto esforço,que foi fazendo nelles vm muito grande eſtrago: por que como tinhaõ lanças compridas os noſſos,& eſtauaõ ſenhores da rua,meneauaõſe nella mũy bem, & naõ faziaõ ſe naõ enſopar á ſuas vontades as armas,& muitas vezes varauaõ de dous em dous,naõ fazendo mais que tirar & embeber as lanças nelles. E aſsi os apertaraõ taõ rija & cruelmente, que os diãteiros por fugirem á morte, romperaõ pera tras com tanto impeto & força, que cairaõ vns ſobre os outros, fazendo os noſſos nelles muito grande matãça. Os que eſcaparaõ ſairaõ ao campo largo,& foraõ fogindo com tamanho medo,que naõ pararaõ ſe naõ nas eſtancias,como ſe foraõ a pos elles quatorze mil homẽs: & aſsi deſatinados & ſem ordem,vns feridos, & outros ſem armas, chegaraõ a Cogeçofar taõ cortados de temor, que naõ ſabiaõ dar rezaõ do que viraõ, o que embaraçou a Cogeçofar,por que cuidou que todo o poder dos Portugueſes ya ſobre elles. E depois que ſoube a verdade do que paſſara,afrontou, & injuriou a todos de palauras & maõs. Lopo de Souſa ficou na rua, naõ lhe parecendo rezaõ ſair della, & ir a pos os imigos,de cujos corpos ella eſtaua entulhada,ſem dos noſſos perigar algum,ſó ficaraõ algũs feridos, em que entrou Lopo de Souſa pella perna eſquerda,& vm page ſeu com vm olho perdido,& outro homem com hũa eſtocada por hũa perna. Com eſta tamanha vitoria ſe recolheraõ os noſſos,dina por certo de ſer muito celebrada, por tamanha deſigualdade,como a de catorze, pera coatrocentos eſcolhidos, em que entrauaõ Rumes, Turcos, & outras naçoens brancas,& belicoſas.

Antonio da Sylueira recebeo os noſſos á porta da fortaleza, com grandes feſtas,& alegrias,dando a todos grandes & publicos louuores. Lopo de Souſa Coutinho ficou algũs dias impedido por cauſa da ferida, em que encomendou o capitaõ a guarda a Gonçalo Falcaõ,& Gaſpar de Souſa,pera cada vm ſeu dia continuarem nella: & aſsi mandaua todos os dias buſcar agoa & lenha,que naõ queria bolir nada da fortaleza, por que naõ ſabia os trabalhos que ſocederiaõ. E por que o tempo jà daua jazigo,deſpidio hũa embarcaçaõ com cartas ao Gouernador, em que lhe daua conta do eſtado em que aquella fortaleza eſtaua, & das couſas que a tè entaõ eraõ acontecidas.

Os dous capitaens a quem era encomendado a guarda dos carretadores, continuarão os seus dias ordinarios nellas, tendo em todos elles encontros com os imigos. E vm que era o de Gaspar de Sousa, em hũa reuolta destas ouue ás mãos vm Mouro homem de bom intendimento, que Antonio da Sylueira estimou muito: & delle soube que Alucan & Cogeçofar tinhão dezanoue mil homẽs dentro na ilha, & que esperauão cada dia por hũa grande armàda de Turcos: por que com essa confiança vierão sobre aquella fortaleza: & que andaua jà no exercito hũa vòz surda, que auia tres dias que chegara a Mangalor hũa nao de Meca, que daua nouas ficar já em Adem. Não pós isto espanto em Antonio da Sylueira, que logo despedio recado ao Gouernador, & mandou negòciar vm catur ligeiro, em que mãdou vm Miguel Vaz bom caualeiro, pera que fosse a tè Mangalor a tomar fala por áquella costa das Galés: & com isto se deu mais pressa à agoa & lenha, em cuja guarda tornou a cõtinuar Lopo de Sousa, por estar jà são. Os imigos forão batendo o baluarte do már, & o de Gogalá, de que tambem forão mũy bem hospedados, matãdolhes, & ferindolhes muita gente nas estancias. E posto que os nossos não receberão dano, ficarão pior do partido, pella muita poluora que despenderão, que depois lhes veyo a faltar. Os capitaens Mouros vendo quanta gẽte perdião na defensão da agoa, mandarão lançar nos poços onde a yão buscar, grande quantidade de peçonha, de q̃ logo quis Deos os nossos fossem auisados, primeiro que della bebessem.

CAPITVLO V.

Da armada que o Grão Turco mandou pera lançar os Portugueses fora da India: & da derrota que leuou por todo o estreito: & dos portos, ilhas, & sorgidouros que tomou a té chegar a Adem: & de como o Baxâ ouue aquelle Rey ás mãos, & o mandou enforcar.



SOLEIMAÕ Baxá tanto que despedio do Cairo pera Sués os officiaes, & cousas necessarias pera a armada que auia de leuar, ficou no Cairo recolhendo a gente que tinha mandado fazer pellas prouincias de Asia, & Ethiopia, ajuntando hũa grande soma de ouro & moeda, pera as despezas da jornada, tudo tyrannizado por aquelles pouos, que deixou bem escandalizados. E na entrada de Iunho, se pós em caminho pera Sués, mandãdo que se ajuntasse ali toda

a gente

Fernaõ mendes Pinto na impreçaõ Castelhana fol. 299 trata desta Armada -

a gente meado Iunho. Chegado áquelle porto deu pressa a armada, de que já achou a mór parte no már, & a primeira cousa que fez foi despedir nauios ligeiros pera todos os portos d'aquelle estreito, de hũa & da outra banda, a impedir com grandes penas, que nenhum nauio partisse pera a India, nem saisse das bocas do estreito pera fora, por que naõ fossem as nouas da armada ás orelhas dos Portugueses. E assi escreueo ao Xarife de Meca, que as naos em que Cafarcan fora de Cambaya, as tiuesse negociadas & prestes pera quando elle chegasse as leuar comsigo. E tambem escreueo ao Gouernador de Iuda, q̃ tres naos que naquelle porto estauaõ de Amenzoy Mouro, grãde senhor no Cairo as tiuesse prestes, & que elle tambem o ajudasse com algũas naos suas. Com este recado mandaraõ todos fazer prestes as naos que lhe pedia, que se auiaõ de ir ajuntar com elle na ilha de Camaraõ por todo Iulho: ficando o Baxá dãdo ordem a muitas cousas: & ao tempo limitado chegou a gente que esperaua, que era a seguinte.

Mil & quinhentos Ianiçaros da guarda do Turco: dous mil Turcos, que mandou fazer pella Tracia: tres mil homens outros dos portos da Natolia, de Damiata, de Alexandria, & de outros, de maneira que iriaõ por todos sete mil homens. E tanto que chegaraõ fez pagas a todos, & repartio pella armada a gente Venezeana, que seriaõ coatrocentos homẽs, bombardeiros, comitres, calafates, carpinteiros: & aos vinte & dous de Iunho se embarcou, & se afastou do porto, & foi sorgir no porto de Faraó em coatro braças de fundo, lugar apartado de Sués hũa legoa & meya. Ali fez de nouo alardo da gente, & armada. As pessoas principaes que nesta jornada yaõ, saõ as seguintes.

Isuf Amede, capitaõ mór do már de Alexandria, que leuaua o gouerno de toda a armada, por ser o Baxá velho, & naõ poder correr com as cousas della. Chiclierchi Baxá de Alexandria. Beram Baxá, Mir Mostafa, ambos capitaens dos Ianiçaros. Mostafa Naxar. Outro Beran Baxá Ianiçaro: a fora muitos Sangiacos, & patroens das Galés, homẽs escolhidos antre todos os Ianiçaros do Turco. Ya tãbem Cafarcan em hũa Galé, pera conselheiro do Baxá, por ser muito pratico nas cousas de Cambaya. Dali se fez o Baxá á vela, & seguiremos nesta jornada o roteiro de vm Venezeano (dos que foraõ tomados em Alexandria) que ya por comitre de hũa destas Galés, que anda impresso em Italiano, & jũto as varias viagens, que recopilou Ioaõ Baptista Rannusio, que por ser corioso, & nomear muitos portos & lugares, q̃ naõ andaõ nas nos-

ſas cartas de marear, nos pareceo bem ſeguirmolo aqui: & aſsi o faremos em algũas couſas do cerco, que elle conta, como teſtemunha de viſta.

Saida a armada da ponta de Faraó, foi ſurgir em vm lugar que chamaõ, os doze poços de Moyſes, tres legoas & meya adiante. Dali foraõ tomar Corondollo, quatorze legoas de jornada, onde ſorgiraõ em doze braças, (neſte lugar ferio Moyſes com a vara, & abrio o már, pera paſſar a outra banda.) D'aqui atraueſſaraõ a coſta da Arabia, & foraõ ſorgir no lugar de Toor, a onde ha muitos Chriſtaõs dos que chamaõ de cintura, hũa jornada & meya do moſteiro de Sancta Caterina de monte Sinay: eſte dia andaraõ vinte & oito legoas, & nelle eſtiueraõ cinco dias. Aos tres de Iulho deraõ á vela, & foraõ a tè vm lugar chamado Charas, treze legoas de Toor, & ali ſorgiraõ em doze braças. Ao outro dia foraõ caminhando, & paſſaraõ de longo de hũa ilha chamada Soridaõ, que eſtá afaſtada da terra firme doze legoas: & por ſer por ali tudo limpo, & o vento brando andaraõ toda a noite. Ao outro dia amanheceraõ de fronte de hũa grande ſerra, que eſtá da banda do Abexim, chamada Marzoan, que eſtá afaſtada do lugar de Charas, cincoenta & cinco legoas, que tantas andaraõ em duas noites & vm dia. Dali foraõ nauegando á viſta da terra do Abexim, & eſte dia, que foraõ ſeis do mes, andaraõ vinte & oito legoas: & aos ſete do mes vinte & cinco: & aos oito vinte & oito. Eſta noite toda nauegaraõ, & andaraõ outras vinte & oito legoas. Aos noue dias ſe lhe mudou o vẽto, & acharaõ hũa baixia afaſtada da terra firme oito legoas, & eſte dia & noite andaraõ duas & meya. Aos dez dias foraõ tomar vm porto chamado Cór, muito deſerto, a onde ſorgiraõ em fundo de oito braças: aquelle dia andaraõ vinte & tres legoas. Aos onze de Iulho ao meyo dia, tendo andado ſete legoas, chegaraõ á cidade de Ziden, mũy celebre em todo aquelle eſtreito, hũa jornada & meya antes da caſa de Meca. Tẽ eſta cidade vm muito bom porto, de grãde eſcala, mas naõ tem agoas ſe naõ as da chuua, q̃ recolhem em ciſternas. Vm pouco pella terra dentro eſtá hũa muito celebrada meſquita, em que os Mouros affirmaõ eſtar enterrada noſſa mãy Eua. Os moradores daqui, & de toda aquella coſta ſaõ Ethyopios, comem peixe torrado ao Sol, & ſaõ todos homẽs magros, & fuſcos, & andaõ quaſi nús: aqui chegou a armada, com menos cinco nauios, que ſe perderaõ por eſſes baixos. Deteueſſe neſte porto o Baxá coatro dias, em fazer agoa & refreſco. Aos dezaſeis de Iulho ſe fez a armada á vela, & andou de noite

& de

& de dia, a té entrar por antre hũas ilhas deſpouoadas,chamadas Atfas,que eſtaõ cento & cincoenta legoas de Zidem: & por antre ellas andaraõ tres dias & tres noites. (Aqui vem os peſcadores da terra firme,& das outras ilhas peſcar perolas, que achaõ em coatro braças.) Aos vinte & dous do mes foraõ tomar a ilha de Camaraõ, a onde a mór parte dos nauios de alto bordo eſtauaõ já eſperãdo. Aqui deſembarcou o Baxá, & mandou dar querena ás Galés, & deſpedio duas fuſtas ligeiras, hũa a Elrey de Zebit,& outra ao de Adem, pera que lhe tiueſſem preſtes refreſco, & agoa pera toda a armada: & ao Rey de Zibit que o eſperaſſe no porto, & que lhe trouxeſſe os tributos que diuia,& lhe vieſſe dar a obediencia,como vaſſalo do Graõ ſenhor. Aqui fez o Baxá alardo da armada,& achou ſetenta & ſeis velas,por eſta maneira.

Seis Galeaças, a que os Turcos chamaõ Maonas, dezaſete Galés baſtardas, vinte & ſete Sotijs,noue Fuſtas, dous Galeoens, ſeis Naos, & outras noue embarcaçoens grãdes carregadas de ſalitre, poluora, biſcouto,farinha,pilouros,artelharia,& todas as mais couſas neceſſarias pera tamanha armada. Aqui em Camaraõ eſteue o Baxá dez dias, & aos trinta do més ſe fez á vela, & ao derradeiro tendo andado vinte & oito legoas chegaraõ a hũa ilha chamado Tuicce, a onde acharaõ a Fuſta que foi com o recado a Elrey de Zebit, q̃ mandaua vm preſente ao Baxá, de eſpadas, & punhais laurados d'ouro & prata,com alguns rubijs, turqueſcos, & perolas, algũas rodellas,& coſos,mũy ricos,& outras peças curioſas. E lhe mandou dizer que foſſe fazer a jornada contra os Portugueſes, & que da volta o eſperaria pera tudo o que lhe mandaua. Diſto ficou o Baxá muito enfadado, mas guardou o pera ſeu tempo. A armada foi ſeu caminho, & ao primeiro de Agoſto foraõ ſorgir em duas braças junto da ilha Bebelmandel, que eſtá na garganta do eſtreito, a que os Mouros chamaõ dos Robóis, que quer dizer dos Pilotos, por que ali os vaõ tomar os nauios que querẽ entrar pello eſtreito dentro.

A eſta ilha chegou Afonſo d'Albuquerque quando entrou aquelle eſtreito, & mandou nella aruorar hũa cruz mũy fermoſa, & lhe pós nome a ilha da vera Cruz: onde com taõ diuino marco tomaraõ os Reys de Portugal ha tantos annos a poſſe da garganta do mar roxo: permitirá o Senhor, que o Principe dom Felipe (depois de muitos & largos annos da vida d'Elrey ſeu pay do meſmo nome,) quãdo vier herdar os reinos de Portugal, mande & ordene, q̃ eſte diuino marco paſſe a diante, & que ſeja elle o que execute

aquella tençaõ, que o felicissimo Emperador Carlos V. seu auó pós ao redor de sua diuisa das columnas, Plus Vltra, & que fosse aquillo profecia do que em seus dias lhe aja de acontecer, passando nelles aquella columna de nossa redemçaõ, a tè se plantar nos mótes de Sués, & Synai, & que faça leuãtar sumptuosissimos templos na casa de abominaçaõ de Mafamede, pera que no lugar de tanta torpeza, se offereça ao altissimo Deos muitos sacrificios de louuor.

E tornando a nossa ordem. Ao outro dia que foraõ dous de Agosto, se fizeraõ á vela, & ao terceiro foraõ sorgir em Adem, que està da boca do estreito pera fora corenta legoas. Elrey tanto que a armada sorgio, mandou visitar o Baxá com muito refresco, & peças de presente. Estes inuiados recebeo o Baxá mũy bem, & lhes deu cabayas de veludo alto, & baixo, & os despedio com vm saluo conduto do Turco, pera que Elrey fosse seguramente verse com elle. Disto se mandou elle escusar, offerecendolhe tudo o de que tiuesse necessidade: do que o Baxá ficou muito agastado: & mandou logo destoldar as Galés, & pór toda a gente em armas, & fazer prestes os Ianiçaros pera desembarcarem em terra, mandando adiante o Chachaya, a persuadir a Elrey que fosse seguramente vello. O Chachaya se foi ver com Elrey, & depois de muitas praticas que com elle teue, o tomou sobre sua fé & palaura, com o que o segurou, & foi á Galé acompanhado de alguns dos seus principaes. O Baxá o recebeo com muitas honras, & apartandosse com elle, com grande fingimento. E depois de praticarẽ algũas cousas, o despedio, dandolhe duas cabayas mũy ricas, lauradas d'ouro, & a todos os seus cada vm sua de veludo. E chegando á proa da Galé pera se embarcar, foi leuado nos ares pellos Ianiçaros, & enforcado no penaõ da verga, & jũto delle coatro dos seus os principaes. E logo mandou o Baxá vm Sangiaco, com quinhentos Ianiçaros pera ficarem em guarda d'aquella cidade.

Alguns escritores contaõ isto d'outra maneira: & dizem que de Zebit mandara o Baxá algũas fustas carregadas de Ianiçaros fingidos doentes, & que mandara pedir a Elrey de Adem que lhos agasalhasse & mandasse curar, & que nas padiolas que pera isso mãdou fazer, em que os desembarcaraõ, leuaraõ secretamente armas, & que depois do Baxá chegado, vendo que Elrey o naõ queria ir visitar, mandara desembarcar a gente em terra, & fazer sinal aos doentes que estauaõ dentro, que já yaõ ensayados do que auiaõ de fazer, & que em os de fora cometendo a cidade, se leuantaraõ elles

elles cõ ſuas armas, & fizeraõ grãde deſtruiçaõ,& que tomaraõ Elrey,ou ſe lhes entregara,& o leuaraõ ao Baxá,que o mandou enforcar. O Venezeano que eſcreueo eſta jornada,a conta da maneira q̃ o nos temos dito: & iſſo meſmo os Mouros,que deſta armada ficaraõ em Cambaya, com quem nós comonicamos eſtas couſas, & dizem que naõ ouue taes enfermos.

CAPITVLO VI.

Do que o Baxâ fez em Adem, & do que lhe aconteceo âte chegar a Diu: & de como vm Galeaõ ſeu foi ter deſgarrado â coſta do Malauar, & foi tomado por Antonio de Soto Mayor: & de como por elle ſoube o Gouernador Nuno da Cunha as nouas da armada do Turco: & dos ſoccorros que de Goa partiraõ pera Diu.

ENFORCADO o Rey de Adem, mandou o Baxá a Beran Baxá cõ quinhentos Ianiçaros,q̃ ſe foſſe meter na cidade,o que elle fez ſem contradiçaõ algũa: & como eſtes homens ſaõ crueis & ſoberbos, logo começaraõ a pór os moradores a ſaco,vſãdo deshumanidades eſpantoſas. Os Turcos da armada ouuindo a reuolta na cidade,acodiraõ lá,& ajudaraõ a aſſolar,& roubar tudo, enchendoſſe todos de riquezas, por que eſtaua áquella cidade recheada de muitas fazendas ricas, por ſer aquelle porto mũy continuado de todos os mercadores do Oriente. Soleimaõ Baxá general da armada como era cheyo de cobiça, & com ſer de oitenta annos, & Eunuco: ſem ter ninguem pera quẽ o auer miſter,naõ auia couſa que o fartaſſe. E ſabendo das grandes riquezas da cidade,naõ lhe ſofrendo ſua ambiçaõ, que outrem as lograſſe ſe naõ elle, deſembarcou em terra com os da ſua guarda,& foiſſe pór á porta da cidade que ſaya pera a banda do mar, & a todos os que ſayaõ por ella pera ſe recolherem ás Galés com ſuas prezas os buſcaua: & todo o ouro, prata, perolas, pedraria, & dinheiro lhes tomou. E aſsi lhes foi ter as maõs toda a riqueza da cidade,ficando odiado com todos os da armada. Depois de farto ſe recolheo, deixando a cidade mũy bem prouida de tudo.E querendoſſe partir mãdou tomar tres naos de Calecut,q̃ ali eſtauaõ com ſuas fazendas, a quem elle tinha dado ſeguro quãdo logo chegou: & meteo nellas gente,& moniçoens, mantimẽtos, & outras couſas que na cidade achou. E a os dezanoue de Agoſto ſe fez á vela, & foi ſeguindo ſua

derrota com tempo muito fresco, & com algũas trouoadas, que lhe desaparelharaõ algũs nauios, & se apartaraõ seis, correndo por onde cada vm pode. Hũa Galé quasi destroçada foi tomar a enceada de Iaquete, na costa dos Sanganes, a onde surgio, & mandaraõ a bateira a terra a buscar alguns mantimentos, por que todos os q̃ leuauaõ se lançaraõ ao már.

Os naturaes dali, que saõ mũy grandes ladroẽs, tomaraõ a bateira, & mataraõ todos os que nella yaõ: & em algũas cotias foraõ cometer a Galé, rodeandoa por todas as partes, atirandolhe muitos tiros & pedradas (em que saõ taõ destros, como os das ilhas de Melhorca) com que lhes mataraõ sessenta pessoas. E esses poucos que ficaraõ vẽdosse perdidos largaraõ a amarra, & deraõ á vela: & por terẽ vento por si se foraõ saindo.

Das outras velas que se apartarrõ, foi vm Galeaõ, correndo tormenta quasi perdido, & ferrou os Ilheos de Sancta Maria, na costa de Canará, antre Baçanor, & Mangalor, a onde auia dous ou tres dias que era chegado Antonio de Soto Mayor, por capitaõ mór de alguns nauios, que tinha saido de Cananor, a onde estaua por capitaõ Fernande Anes de Soto Mayor seu pay. E ás oito horas de pella manhã ouue vista d'aquella vela que foi demandar, & conheceo ser de Rumes, & tomando as armas a cometeo com grande aluoroço de todos os seus, pera o q̃ naõ ouue mister persuadilos, por q̃ o desejo da honra foi o que os animou. E cercandoo á roda o bateraõ fortemente, dandolhe grandes surriadas de arcabuzaria, de q̃ lhe mataraõ muita gente: & naõ lhe sofrendo o coraçaõ aquelle vagar, pozeraõlhe as proas abordandoa por todas as partes, começandosse hũa muito aspera & rija batalha, mũy bem pelejada d'ambas as partes: & foi o negocio de feiçaõ que asi aferrados lhes anoiteceo, determinando os nossos de a naõ largarem, a té a renderem, ou morrerem: & asi o fizeraõ, por que com morte da mór parte dos Turcos, entraraõ o Galeaõ já muito tarde: & de alguns que acharaõ ainda viuos soube Antonio de Soto Mayor serem da companhia de Soleimaõ Baxá, que ja deuia de estar em Diu. E informandosse da armada, gente, & mais cousas, os mãdou logo ao Gouernador, em vm catur muito ligeiro, pera delles saber a verdade de tudo. Este nauio chegou em poucos dias a Goa, & com as nouas que leuou pós toda á cidade em reuolta.

O Gouernador depois de informado de tudo, foisse pór na ribeira, & mandou negociar a armada, por que logo determinou de ir pelejar com os Rumes. Alguns fidalgos & caualeiros tomaraõ o mesmo dia que a noua chegou catures

ligeiros, & conuocando ſoldados de ſua obrigaçaõ ſairaõ pella barra fora, & tomaraõ o caminho pera Diu: & eſtes foraõ tres. Fernaõ de Moraes, Simaõ Rangel de Caſtello branco, & Antonio d'Araujo, & Gaſpar d'Araujo, ambos irmaõs de Payo Rodriguez d'Araujo, que yaõ juntos em vm catur. Cada nauio deſtes leuaua vinte ſoldados: & os caualeiros principaes que antre elles yaõ, a que ſoubemos os nomes foraõ: Lançarote Pereira, Rodrigo Homem, Antonio Manhoz, Triſtaõ da Sylua, & Fernaõ Correa. Deſtes capitaẽs, ſó Fernaõ de Moraes ſe deſpedio do Gouernador, que eſcreueo por elle a Antonio da Sylueira, ꝗ eſtiueſſe de bom animo, por que elle ſe ficaua preparãdo pera o ſoccorrer. E aſsi logo deſpedio recado a Martim Afonſo de Souſa, que inuernou em Cochim, pera que ſe apreſſaſſe com toda ſua armada, por que ficaua eſperando por elle, pera ir buſcar os Rumes. E eſcreueo á cidade as nouas que tinha, pedindolhe o ajudaſſem com toda a gente, & nauios que podeſsẽ: repreſentandolhe a neceſsidade em que a fortaleza de Diu eſtaua.

E tornando a continuar com Soleimaõ Baxá, foi ſeguindo ſua derrota, corrẽdo o meſmo tempo com bem de trabalho: & a cabo de muitos dias foi auer viſta da terra, na paragem de Mangalor, na coſta de Diu. E correndo de longo della aos tres de Setembro, foi viſta a armada de Miguel Vaz, que a andaua por ali vigiando: & tanto que a vio notou muito deuagar o numero, & depois de ſe certificar deu á vela pera Diu: da noſſa fortaleza foi viſto, & logo entẽderaõ que vira a armada dos Rumes, que os Mouros da cidade começaraõ a enxergar de cima das meſquitas, & os noſſos viraõ acudir pera fora toda a gente da cidade, pera a verem. Miguel Vaz chegou á fortaleza, & deu ao capitaõ as nouas da armada, & naõ fazẽdo aquillo abalo algum em ſeu animo, logo ali eſcreueo ao Gouernador hũa breue carta, em que ſe reportaua a Miguel Vaz, & o deſpedio com ella, encomendandolhe que com a mór breuidade ꝗ podeſſe, leuaſſe aquellas nouas ao Gouernador. Miguel Vaz ſe ſayo logo pella barra fora, & como era homem animoſo, quiſſe ſegurar de nouo na copia dos nauios pera falar pontual, pois o capitaõ ſe reportaua na carta a elle. E tomãdo o remo na maõ foiſſe pór ao már por deſcobrir a armada, que ya de longo da terra á vela buſcando o pouſo pera ſurgir, & eſteue muito á ſua vontade notandoa, & contãdo as velas. Os Turcos enxergaraõ aquelle nauio ao már delles, & ſaindolhe doze Galés ligeiras o foraõ demandar. Miguel Vaz deu á vela por ſer o vento bom, & foiſſe engolfando: as Galés meteraõ o ba-

ſtardo,& tomaraõ o remo, indoo ſeguindo muito apreſſadamente, & entrandoo muito. Iſto tudo ſe via mũy bem da fortaleza, & ouueraõ que o nauio naõ poderia eſcapar, o que em eſtremo ſintiaõ, tendoo por perda notauel ſe tal foſſe, & por roim pronoſtico em principio do cerco que eſperauaõ. Miguel Vaz, que era homem muito eſperto, & bom caualeiro, foi com grande ſegurança, animando os marinheiros, & lançandolhes dinheiro a todos, pera trabalharẽ com mais vontade, & elles aſsi o fizeraõ de feiçaõ, que ſe desfaziaõ.

E como Deos noſſo Senhor tinha os olhos n'aquella fortaleza, & naõ a queria deſemparar: permitio, que depois de muitas horas que o ſeguiaõ, no tempo em que ja cuidauaõ q̃ o tinhaõ nas maõs, neſſe lhe encalmaſſe o vento, com o que o nauio que era pequeno teue tempo, & mais occaſiaõ pera vſar do remo, muito mais deſembaraçadamente: & aſsi ſe foi ſaindo das Galés muito á ſua vontade. Os Turcos magoados de aſsi lhe eſcapar das maõs, lhe atiraraõ com algũas eſperas, cujos pilouros deraõ por derredor da Fuſta, que ſe ya eſcoando com vento galerno, & com o remo muito bem. Os Turcos tornaraõſe pera a armada que ja eſtaua ſurta defronte das meſquitas grandes. Miguel Vaz vendoſſe ja deſapreſſado, deu folga aos marinheiros, animandoos, & louuandoos, & dandolhes do ſeu dinheiro, & aſsi o deixaremos ir ſeu caminho, pera cõtinuarmos com as couſas de Diu.

Alucan, & Cogeçofar, tanto q̃ viraõ a armada ſurta, embarcaraõſe cada vm em ſeu nauio, & foraõ por fora da ilha da banda do ponente a viſitar o Baxa, que os recebeo com muitas hõras, & delles ſoube o eſtado em que a noſſa fortaleza eſtaua, facilitandolhe ſua tomada, pedindolhe artelharia, & moniçoẽs: & que ſe deixaſſe eſtar, & deſcanſaſſe, que elles lha entregariaõ. O Baxá feſtejou muito aquellas eſperanças, dandolhes os agardecimentos da vontade & deſejo que moſtrauaõ ao ſeruiço do Graõ Senhor.

CAPITVLO VII.

De como os Janiçaros deſembarcaraõ em terra, & ſaquearaõ a cidade: & da viſta que deraõ â noſſa fortaleza: & de vm eſpantoſo cometa q̃ ſe vio no ceo: & de como a armada eſteue perdida naquelle pouſo, & ſe paſſou a Madreſaual.



EM quanto os capitaens d'Elrey de Cãbaya ſe detiueraõ na Galé, falandoſſe os Ianiçaros vns cõ

os outros, tomaraõ as bateiras, & outras embarcaçoens, & deſembarcaraõ em terra por vezes, ſetecentos delles, & foraõ á cidade, & com a deſordem & braueza com que coſtumaõ fazer ſuas couſas, a entraraõ & meteraõ a ſaco, roubando, & eſcalando o milhor della: & tomando as molheres & filhas aos naturaes, deshonrandoas, & tratandoas mal, naõ lhes eſcapando os apoſentos do Alucan, q̃ tambem foraõ eſtragados, leuandolhe toda ſua recamara, de ouro, prata, arreos, & tudo o mais de valia, que mandaraõ pera as Galés. E por que vinhaõ taõ arrogantes, q̃ cuidauaõ que elles ſós baſtauaõ, pera tomarem a noſſa fortaleza, a foraõ cometer, pondoſſe derredor dos muros ás eſpingardadas, & ás frechadas: & cometẽdo as portas, cuidaraõ q̃ as leuaſſem nas maõs: mas em breue eſpaço foraõ deſenganados, por que os noſſos das primeiras ſurriadas lhe derribaraõ cincoenta logo mortos, & lhes feriraõ mais de cento, do que ficaraõ taõ eſcandalizados, & amedrontados, que com a ſoberba perdida ſe foraõ recolhendo, cuſtando porẽ eſta breue viſta as vidas de ſeis dos noſſos, & vinte feridos. O Baxá, ſem ſaber o que ya na cidade deſpedio Alucan, & Cogeçofar.

Eſtes chegaraõ á cidade, que a acharaõ poſta em pranto, & entaõ ſouberaõ o deſtroço que os Ianiçaros andaraõ por ella fazendo, atè chegarem a ſuas caſas, onde acharaõ tudo eſcalado, & roubado. Alucan entendendo que pior auiaõ elles de ficar da vinda dos Rumes, que os Portugueſes (por q̃ bem ſabia delles, quaõ bem coſtumauaõ a defender ſuas couſas: & que por fim do negocio auia o Baxá de ſe querer ſatisfazer nelles) naõ querendo aguardar ali mais, paſſouſe á outra banda, & tomou logo o caminho de Amadaba, leuando a mór parte da ſua gẽte, indo taõ eſcandalizado, q̃ por toda a parte por onde paſſaua ya metendo em odio com os Turcos: & o meſmo fez com Elrey, a quẽ deu conta do que paſſaua: affirmã dolhe que os Portugueſes d'aquel la feita lhe auiaõ de defender ſeu reino: por que ſe elles naõ eſtiueraõ n'aquella ilha, ſem duuida ſe auiaõ de fazer ſenhores della, & dali pouco & pouco de todo o reino do Guzarate. Mas que elle ſabia mũy bem, que aſsi auiaõ de ficar eſcandalizados das maõs dos Portugueſes, que quando bem eſcapaſſem, ſeria deſtroçados, afrontados, & com a ſoberba perdida.

O meſmo dia que o Baxá ſorgio, chegou a elle hũa fuſta, que El rey de Cambaya lhe mandou chea de refreſco: por que em tendo as primeiras nouas, a deſpedio pera o ir tomar, a onde quer que o achaſſe, tudo iſto paſſou eſte dia.

E tanto que anoiteceo ás dez horas

horas, viraõ todos ir corrẽdo pello ár vm cometa á maneira de traue de fogo: que foi da banda da cidade a tẽ parar sobre a armada dos Turcos, a onde se esteue desfazendo em labaredas. Foi isto visto de todos com geral espanto, mas com differente agouro: por q̃ os nossos o tiueraõ por sinal de lhes Deos fazer muitas merces, & os Rumes a notaraõ a muito roim prodigio: & o Baxá que de sua natureza era acouardado, ficou com receos, & desconfianças. A esta sorte de cometas (segundo Plinio, & outros autores) chamaõ os Gregos Docci, que quer dizer, traue, pello parecer que com ella tem. Outra semelhante a esta se vio tambem desfazer sobre a armada dos Lacedemonios, quando foraõ vencidos no már, & perderaõ o Imperio de Grecia.

E tornãdo á nossa historia: taõ escandalizados ficaraõ os Gentios da cidade das cruezas, & deshumanidades dos Turcos, q̃ muitos delles se passaraõ á outra banda, & outros se recolheraõ debaixo dos muros da nossa fortaleza. Disto foi auisado o Baxá, & despidio ao outro dia vm capitaõ cõ o seu Chachaya, com dous mil homens, pera quietarem aquella gente, por q̃ de todo se naõ despejasse a cidade, no que se fez pouco, por que ficaraõ todos taõ amedrontados, q̃ se naõ quiseraõ mais fiar dos Turcos: & poucos & poucos se passaraõ á outra banda, ficando a cidade de quasi deserta.

Antonio da Sylueira naõ estaua descuidado na fortaleza, antes de dia & de noite sem tomar repouso trataua de se fortificar, & repairar o milhor que podia: mandando prouer o baluarte da outra banda de todas as moniçoens, & cousas que lhe pareceraõ necessarias, por que receou que depois q̃ os Turcos desembarcassem, o naõ podesse fazer. E mandou aleuantar a ponte que ficaua sobre a caua, & tapar as portas de pedra & cal. O mesmo mandou fazer no baluarte de Gogalá, por que tiuessem menos cousas que guardar. E mandou reformar o baluarte do már de que era capitaõ Antonio de Sousa Coutinho, a quem deu corenta soldados: & de sorte proueo tudo, & em tudo, que quando os Turcos desembarcaraõ já naõ auia que fazer.

O Baxá esteue surto de fronte da mesquita a tẽ os sete dias do més, em que lhe deu hũa tormẽta do Sul taõ braua, que esteue a armada de todo perdida. Os nossos que da fortaleza viaõ a braueza do már, & o trabalho em q̃ estauaõ, pediaõ a Deos com grandes oraçoens, que crecesse a tormenta, & que os Turcos perecessem nella: & ouue pessoas que fizeraõ grandes votos pera isso. Os bateis dos Galeoens que yaõ da terra carregados de gente foraõ comidos

dos

dos das ondas, ſem eſcapar hũa ſó peſſoa. E em toda a armada crecia o trabalho, por que tambem o tẽpo era cada vez mayor. As Galés deſemmaſtearaõ,& recolheraõ dẽtro a apellaçaõ, tendo ja todas as poſtiças quebradas, & a mór parte dellas os eſporoens, & eſtauaõ em eſtado, que naõ aparecia dellas mais que os caſcos. Os Galeoens perderaõ algũas ancoras, & alijaraõ a mór parte do que traziaõ: durou a tormenta vinte & coatro horas. E tanto que o vento acalmou, receandoſſe o Baxá de outro perigo(por que naquelle ſe vio de todo perdido) leuouſſe com toda a armada, & foiſſe pera Madrefaual, que he pouco mais de cinco legoas de Diu, pera dentro da enceada,pera ali eſpalmar,& concertar as Galés, que ficaraõ de todo deſtroçadas, & á vela foi paſſando á viſta da fortaleza, mas afaſtado por ſe recear da artelharia, & a foi ſaluando por ordem. Antonio da Sylueira lhes mandou reſponder, deitandolhes dentro nas Gales alguns pilouros groſſos,pera que viſſem o com que os auiaõ de hoſpedar. Chegados a Madrefaual,ao entrar do porto ſe lhe perderaõ coatro naos de vitualhas. O Baxá deſembarcou em terra, & mãdou armar tendas,& deſpejar as Galés, pera ſe concertarem.

Ali foi ter com elle Cogeçofar, & trataraõ ambos o modo que ſe auia de ter no ſituar da noſſa fortaleza, & aſſentaraõ, que, por que a armada naõ podia entrar em Diu,pello riſco que corria da artelharia da fortaleza, & baluarte do már, que mandaſſem cercar o caſtello de Gogalá, & que depois de tomado ſe paſſaſſe por ali toda a gente,artelharia, & petrechos neceſſarios pera o cerco. Com eſta reſoluçaõ mandou o Baxá deſembarcar a artelharia que eſtaua nas coatro Maonas,(a que nos chamamos Galeaças) que eraõ tres baſaliſcos,ſeis eſperas, que encarregou a Beran Baxá Ianiçaro,com mil & quinhentos Turcos, pera ir em cõpanhia de Cogeçofar, a cercar, & bater o caſtello de Gogalá, em quanto elle mandaua reformar a armada. Eſte meſmo dia chegaraõ ali,hũa nao, & hũa Galé das q̃ deſapareceraõ no caminho, & ao entrar da barra deraõ no banco, em que ſe perdeo a nao, que ya carregada de poluora,moniçoens, & outras vitualhas: & a Galé ſe tirou & concertou.

CAPITVLO VIII.

De como Elrey dom Ioaõ tratou de madar â India o Iffante dom Luis, ſeu irmaõ, pellas nouas que teue de Conſtantinopla, da armada que o Turco mandaua: & das reuoltas que ouue no reino, ſo-

bre

bre Elrey querer obrigar os morgados ao acompanharem. E de como o Iffante desistio da jornada, & foi eleito dom Garcia de Noronha por Visorey. E da armada que leuou no anno de 1538. E de como Elrey ouue bullas do Papa, pera fazer Bispado a igreija de sancta Caterina de Goa. E do primeiro Bispo q̃ se sagrou.

Anno 1538.

DEPOIS de Elrey dom Ioaõ despidir em Outubro a armada que dissemos, por ter nouas de Galés, lhe chegou recado certo da copia da armada que o Turco mandaua preparar em Sués, & dos grandes apercebimentos que em Constantinopla se faziaõ pera aquella jornada. Isto meteo grande aluoroço em todo o reino, & algum temor em Elrey, que neste tempo estaua em Euora, onde auia cinco ou seis annos que residia, por estar afeiçoado á terra, & se achar nella bẽ, pello que se naõ sabia sair della, de que todo o reino estaua escandalizado, pellos muitos gastos que os fidalgos faziaõ em seguirem a corte. As nouas das Galés, q̃ correraõ por todo o reino, acodiraõ muitos fidalgos a se offerecerem pera aquella jornada, a que Elrey determinaua de acodir com mũy grosso poder, por que naquelle negocio estaua perderse ou ganharse a India. E pondo estas cousas em cõselho, ouue alguns de parecer, que mandasse o Iffante dom Luis seu irmaõ, por que tãto que os homẽs o vissem embarcar, todos auiaõ de folgar de o acompanhar. Outros dizem que o mesmo Iffante se offereceo. Como quer que fosse Elrey o declarou pera a India com corenta naos, & oito mil homens. Com isto todos os fidalgos de sua casa que tinhaõ posse, mandaraõ com muita pressa tomar naos por Villa de Conde, pello Porto, por Aueiro, & por outros lugares, começandosse a fazer prestes, com o que se meteo todo o reino em reuolta. Elrey mãdou chamar muitos fidalgos velhos & ricos, pera irem com o Iffante seu irmaõ, & quis obrigar os morgados ao acõpanharem, como costumaua a fazer aos soccorros de Africa. A isto acodiraõ os pays agrauandosse d'Elrey. Dos primeiros chamados foi dom Pedro Deça, de Sanctos: que se escusou com dizer que elle naõ possuya cousa algũa da coroa, & se algũa cousa tinha, que bem lha podiaõ tirar. Elrey escandalizado o mandou riscar dos seus liuros. Pella mesma maneira se escusaraõ outros, ainda que mais suauemente. E todauia insistindo Elrey em mandar os morgados,

agraua-

agrauaraõ ſeus pays pera a meſa da conciencia,a onde allegaraõ de ſua juſtiça. Era preſidente della o Biſpo de Coimbra dom frey Ioaõ Soarez,religioſo da ordem de ſanto Agoſtinho, que fora meſtre do principe ſeu filho, q̃ com os deputados pronunciou, que Elrey naõ podia obrigar os morgados a ir á India: por que como aquella terra fora deſcuberta pera comercio & trato, naõ tinhaõ os morgados obrigaçaõ de acodir a ella: & que ſó aos lugares de Africa por ſerem fronteiros os poderia obrigar. Vẽdo Elrey aquillo deſiſtio da ida do Iffante (poſto que diziaõ os praguentos, que a Raynha dona Caterina,& o Conde da Caſtanheira foraõ a cauſa principal de ſua ficada,allegando inconuenientes de grandes gaſtos,& deſpezas,q̃ o reino naõ podia ſoprir, & do titulo que ſe auia de dar ao Iffante: & q̃ aquillo era quaſi ſeparar a India da jurdiçaõ do reino: com outros que nós ſendo moço ouuimos na guarda roupa do Iffante, a onde nos criamos de idade de dez annos a tẽ elle falecer.

Em fim deſiſtindo Elrey deſte negocio,tratou em ſeu conſelho o que faria no ſoccorro & prouimentos das couſas da India,& que armada mandaria: & aſſentouſſe que foſſem coatro mil homens em doze naos: & que proueſſe a India de vm fidalgo velho com titulo de Viſorrey, por que folgaſſem muitos fidalgos que deſejauaõ de ſe achar no negocio das Galés, de o acompanhar: o que pella ventura naõ quereriaõ fazer a nenhum capitaõ mór. E que com os Turcos ouuirem, que era chegada á India hũa armada groſſa, com vm homem intitulado por Viſorrey, cauſaria nelles o eſpanto, que ſoya cauſar aos imigos do pouo Romano, quando ſe elegia Dictador. E que bem podia ſer que ſó eſta fama os fizeſſe aleuantar do cerco que tiueſſem poſto, em qualquer das fortalezas da India. Iſto pareceó bem a Elrey, & lançando os olhos a todos os fidalgos do reino, ſatistifeſe muito de dom Garcia de Noronha(aſsi pellas partes & qualidades de ſua peſſoa,& pellas moſtras que tinha dado de ſeu ſaber, & esforço, em todas as couſas em que ſe na India achou em companhia de Afóſo d'Albuquerque ſeu tio,como pella grande peſſoa que tinha) por que era vm dos mayores homés do reino,& por ſer muito cheyo de cans, que ſempre ſaõ muito reſpeitadas: por q̃ naquelle tempo era homem perto de ſetẽta annos,que ſó eſta era a tacha que todos lhe punhaõ, o que a Elrey pareceo milhor que tudo: por que ſó pretendeo buſcar homem que ſoubeſſe mandar, & a que todos folgaſſem de obedecer: por que pera pelejar,todos os Portugueſes o faziaõ muito bem.

Tristaõ da Cunha pay do Gouernador Nuno da Cunha, q̃ ainda viuia, vendo que Elrey disistia da ida do Iffante, & que elegia outro homem por Visorrey da India o sintio muito, & agrauousse a Elrey, de satisfazer a seu filho taõ mal tantos seruiços como lhe tinha feito, em perto de dez annos que na India o siruia, & que quem lhe tinha dado as fortalezas de Diu, & Baçaim, tambem lhe dera as Galés dos Rumes se passassem á India: por que elle confiaua de seu filho, que estaria já no már com vm muito grosso poder pera os ir buscar. E que naõ parecia justiça, que a armada que elle com tanto suor auia de ter negociada, fosse outrem a tomarlha, & roubarlhe com ella a honra, que esperaua da vitoria dos Turcos, & mais quando seu filho o naõ tinha deseruido em cousa algũa. Elrey diziaõ que desejára bem de satisfazer aos agrauos de Tristaõ da Cunha: mas já que naõ podia, consolou o, & quietou o, com palauras satisfatorias á honra de seu filho, como principe muito Christaõ, & que desejaua de naõ agrauar seus vassalos. E asi foi dando grande pressa à armada, com que correo o Conde de Castanheira, que era Veador da fazenda.

Vendo Elrey que já tinha prouido a India de nouo capitaõ no temporal, o quis tambem fazer de outro no espiritual, pella necessidade que na India auia delle: pello muito que creciaõ as cousas de nossa Religiaõ Christam: por que o Bispo dom Fernando Vaqueiro, da ordem de Saõ Francisco, que Elrey mandara á India o anno de trinta & dous, na armada do Doutor Pero Vaz d'Amaral (como na coarta Decada fica dito no liuro oitauo, capitolo segundo) falecera o anno de trinta & coatro, estando em Ormuz, a onde jaz enterrado na igreija da fortaleza, na parede da capella mór, a onde tem hũa pedra com duas vaccas, q̃eraõ suas armas. E por q̃ a India estaua em necessidade de prelado, quis prouer nisso, & suplicou já o anno passado ao Summo Pontifice Paulo III. que lhe concedesse fazer Arcebispado a Sé do Funchal, & Bispados as igreijas, Saõ Saluador do Cabo verde. Sanctiago da ilha de Saõ Thome. E sancta Caterina de Goa, mandandolhe consentimento pera que lhes podesse aplicar de suas rendas quinhentos cruzados a cada Bispo, pera as suas mezas, & pera as ordinarias das dignidades da igreija de Goa, com que só continuaremos.

Cem cruzados ao Adayaõ, corenta ao Arcediago, & outros tantos ao Chantre, Thisoureiro, Mestre Scola, & trinta cruzados a cada conego, que auiaõ de ser

ſer doze: o que tudo lhe concedeo o Summo Pontifice, per ſuas bullas Apoſtolicas, com priuilegio pera os Reys de Portugal, poderem apreſentar os Arcebiſpos, Biſpos, & todas as mais dignidades, Vigairarias, beneficios, como Meſtre que era da ordem da caualaria de noſſo Senhor IESV Chriſto. E que os limites da diœceſi de Goa, começaſſem, & ſe acabaſſem, & foſſem inſtituidos & julgados, des do cabo de boa Eſperança, a tè a India incluſiuè: & da India a tè a China, com todos os lugares aſſentados, aſsi nas terras firmes, como nas ilhas, achadas, & por achar: em que os Reys de Portugal tiueſsé fortalezas, & moraſſem Portugueſes & Chriſtaós, anexando aſsi eſte Biſpado, como os de Saõ Thome, Cabo verde, ao direito da Metropolitana do Funchal, como ſe vé mais largamente nas Bullas que andaõ no tombo da Sé de Goa, a onde nós vimos iſto.

Elrey com eſtas bullas nomeou pera Biſpo de Goa, vm dom Frãciſco de Mello homem fidalgo, que foi ſagrado em Lixboa com grandes cerimonias. E por falecer eſte veraõ em que andamos, ſuplicou Elrey nouos breues, por cuja virtude nomeou pera Biſpo de Goa, vm frade da Ordem do glorioſo Padre ſaõ Franciſco, chamado dom Ioaõ d'Albuquerque, Caſtelhano, varaõ Apoſtolico, & virtuoſo, da prouincia da piedade, em Portugal: a qué por virtude de outro breue, lhe deu Elrey por coadiutor, & futuro ſoceſſor, outro religioſo da meſma ordem, chamado frey Vicente, homé virtuoſo, & muito bõ letrado. A qué mandou fazer preſtes, & lhes deu deſpezas, & todas as couſas neceſſarias pera ſua embarcaçaõ.

E por que pera a copia da gente que Elrey queria mandar, ya faltando muita, paſſou hũa prouiſaõ, & perdaõ geral, em que auia por perdoados todos os caſos, (tirando o da fé, & leſa majeſtade,) & todos os degredos, ou por tempo limitado, ou pera ſempre, a todo o homem, com tanto que ſe embarcaſſe n'aquella armada pera a India. Eſta prouiſaõ ſe publicou por todo o reino, a que acodiraõ muitos homens a ſe regiſtarem: & por que ainda com iſſo naõ enchia a copia, mandou Elrey por todas as cadeas & priſoens do reino, que todos os homens que eſtiueſſem preſos, degradados, & ainda ſentenciados á morte, ſe leuaſſem ás priſoens de Lixboa, pera dali ſe embarcarem pera a India: comutando aos ſentenciados á morte, em pena de degredo perpetuo pera aquellas partes, & aos de degredos perpetuos, em tres annos: & aos de tres, & coatro, que lhos perdoaua embarcandoſſe pera a India.

Antre muitos que acodiraõ a

este edicto geral, foi vm fidalgo chamado Manoel de Mendoça, que estaua degradado por noue annos pera os lugares de Africa, por matar vm homem, de que Elrey estaua mũy escandalizado. Este acodio á corte com dous irmaõs seus, Ioaõ de Mendoça, & Diogo de Mendoça, offerecendosse a Elrey pera aquella jornada, o que elle estimou muito. E pedindolhe o Manoel de Mendoça perdaõ do seu degredo: naõ quis Elrey, mas disselhe, que pois todos tres yaõ á India, que se repartisse por elles o tẽpo do degredo: & que andando todos tres na India tres annos, lhe auia por supridos os noue, & que lhes faria merces, pello q̃ lhe bejaraõ a maõ, & se fizeraõ prestes.

O Conde da Castanheira deu tal pressa á armada, que meado Março a fez á vela, & Elrey a foi lançar fora. Era esta armada de onze naos, em q̃ yaõ de ventagem de coatro mil homens, muito dinheiro, armas, moniçoens, artelharia, & todas as mais cousas necessarias, & muitos & muito honrados fidalgos contentes, & satisfeitos, por q̃ a todos fez Elrey merces de dinheiro, fortalezas, cargos, ordenados, & outros despachos, por q̃ entendia bem quaõ necessario era homẽs contentes pera a guerra.

Os capitaens que nesta jornada yaõ nas naos eraõ Bernaldim da Sylueira o Drágo, q̃ ya despachado com a fortaleza de Diu (com quem se embarcaraõ todos os homiziados, & degradados: & todos os mais condenados á morte, que se tiraraõ das cadeas do reino) Ioaõ de Sepulueda, filho de Diogo de Sepulueda fidalgo Castelhano: que em Portugal casou cõ hũa molher fidalga, do apelido dos Sousas, da casa do Prado. Este Diogo de Sepulueda auia ja sido capitaõ de Cofala, & da mesma fortaleza tãbem o filho ya prouido. Dõ Ioaõ de Castro, filho de dõ Aluaro de Castro, gouernador da casa do ciuel, a quem Elrey daua a fortaleza de Ormuz, que elle naõ quis aceitar, dizendo q̃ lha naõ tinha merecido, q̃ como lha merecesse entaõ lhe faria merce della, o q̃ Elrey estimou muito: & lhe fez merce de coatro cẽtos mil reis de tẽça em cada vm anno, em quãto andasse na India. Dõ Francisco de Meneses, filho de dom Anrique de Meneses, irmaõ do Marquez de villa Real. Este dom Francisco era vm dos milhores, & mais bem acondicionados fidalgos, & das milhores partes que auia em seu tempo, ou ao menos, nenhum lhe precedia em cousa algũa: ya despachado com a fortaleza de Baçaim. Dõ Christouaõ da Gama, que ya prouido da fortaleza de Malaca, era filho de dom Vasco da Gama, o primeiro Conde Almirante. Dom Garcia de Crasto que leuaua a de Goa. Luis Falcaõ a de Baçaim.

Ruy Lourenço de Tauora a mesma fortaleza. Dom Ioaõ Deça a de Goa. Francisco Pereira de Berredo, que ja tinha sido capitaõ de Chaul.

Os fidalgos auentureiros que se embarcaraõ nesta armada, os de que podemos saber os nomes saõ os seguintes. Dom Aluaro, & dom Bernardo de Noronha, filhos do Visorrey dõ Garcia de Noronha. Dom Martinho de Sousa, filho de dom Iorge de Sousa. Dom Ioaõ Manoel, d'alcunha o Alabastro, por ser muito gentil homem, filho de dom Nuno Manoel, & irmaõ de dom Fadrique Manoel. Este dom Ioaõ tinha mais de vm conto de renda, & por vm desgosto q̃ teue se embarcou contra vontade dos irmaõs & parentes. Dom Luis de Tayde, que depois foi Conde d'Atougia. Dom Antonio de Noronha Catarras. Fernaõ da Sylua, commendador & alcaide mór de de Alpalhaõ. Dom Diogo d'Almeida, filho do Contador mór, a que depois na India chamaraõ o alfenim, por ser muito mimoso & limpo de sua pessoa, & foi sempre tamanho na India, & lhe tiueraõ todos tanto respeito, que em sua ausencia o nomeauaõ todos os fidalgos, pello senhor dom Diogo. Dom Ioaõ Mascarenhas. Francisco Lopez, & Pero Lopez de Sousa, ambos irmaõs. Dom Ioaõ Anriquez. Dõ Duarte Deça. Os tres irmaõs Manoel, Ioaõ, & Diogo de Mendoça. Dom Iorge de Meneses, que depois se chamou, Baroche. E outros fidalgos & caualeiros. E por Veador da fazenda geral da India, o Doutor Fernaõ Rodriguez de Castello branco: que lá tinha ja sido Prouedor mór dos defunctos, & Ouuidor geral: que fez despois em Lisboa hũas casas junto de nossa Senhora da Graça, q̃ agora saõ do Comendador mór dom Dinis d'Alencastro.

CAPITVLO IX.

Do que aconteceo na jornada a esta armada, a te chegar a Moçambique, & se perdeo o Galeaõ de Bernaldim da Sylueira o Drago. E de como dali despedio o Visorrey Anrique de Sousa Chichorro com cartas â Elrey: & de como o Visorrey chegou a Goa: & das cousas em que logo proueo.



DADA a armada á vela, foi seguindo sua derróta, naõ lhe faltando a variedade & inconstancia dos tempos que soem auer em taõ comprida viagem, em que desapareceo a nao de Bernaldim da Sylueira o Drago, em que yaõ todos os homiziados, que o tempo comeo, o que pareceo permissaõ diuina; de toda esta armada naõ se

perder outra se naó ella: por que como leuaua muitos homens condenados á morte por casos graues & feyos, parece que quis Deos nosso Senhor fazer justiça delles, ja q̃ em Portugal se naó fizera: por que naó se ouue por seruido ainda neste negocio que era de sua honra (pois yaó a pelejar por sua santa fé contra seus imigos) de homens taó abominaueis & crueis, como alguns que ali yaó. Todas as mais naos chegaraó a Moçambique, & o Visorrey foi muito festejado de Aleixo de Sousa Chichorro q̃ ali estaua por capitaó: mandando agasalhar todos os doẽtes das naos, que eraó muitos, em casas, & ramadas, que pera isso mandou ordenar, curando a todos, & dandolhes todo o necessario do seu dinheiro, como fez aos doentes de todas as naos, que em seu tẽpo ali foraó ter: por que em todos os seus tres annos, o mór emprego q̃ fez, foi nestas & outras obras de charidade, & misericordia, em que gastou tudo o que aquella fortaleza lhe deu, pello que sayo della taó pobre, como adiãte se verá. O Visorrey mandou dar muita pressa a agoada das naos, & a outras cousas necessarias, por que determinaua de se partir logo.

E por que achou ali a nao, em q̃ fora por capitaó Anrique de Sousa Chichorro, como atras temos dito no capitolo 7. do 2. liuro, querẽdo mostrarse agardecido ao gasalhado que lhe seu irmaõ Aleixo de Sousa Chichorro fez n'aquella fortaleza, determinou de o mandar com nouas a Elrey de sua chegada, por que como elle estaua escãdalizado do mesmo Anrique de Sousa, por certas palauras que disse ao partir do reino, q̃ depois Elrey soube, por que o mandou riscar de seus liuros, quis o Visorey darlhe esta jornada, pera se reconciliar com elle: escreuendolhe largamente do socesso da viagem, & de como chegara a Moçambique com todas as naos, saluo a de Bernaldim da Sylueira o Drago, de q̃ naõ auia nouas: & que ainda ali naõ achara nenhũas dos Rumes, & q̃ a India estaua de paz, & quieta: & que se partia entrada de Agosto: dando por regimẽto a Anrique de Sousa, que se partisse dali na entrada de Nouembro, como fez: & chegou ao reino a saluamẽto. E naõ achamos lembrança se tomou ainda as naos que auiaõ de partir aquelle anno pera a India: mas sabemos que Elrey estimou muito as nouas do Visorrey, & perdoou a Anrique de Sousa, & o tornou a mandar assentar em seus liuros.

O Visorrey deu á vela entrada de Agosto, & foi seguindo sua derrota a tè a barra de Goa, onde foi surgir a doze de Setembro com noue naos: por que a de Ioaõ de Sepulueda por mà nauegaçaõ foi se encostar a Sacotorá onde as

agoas a leuaraõ,& por cauſa dellas ſe deteue ali tanto tempo,que por naõ ſer ja mouçaõ pera paſſar a India,foi inuernar a Ormuz. As nouas da chegada do Viſorrey dom Garcia de Noronha ſoaraõ logo por Goa, & os fidalgos como he muito antigo na India,largando o Gouernador Nuno da Cunha,foraõ logo á barra a viſitalo. Nuno da Cunha ſintio muito o agrauo q̃ lhe Elrey fez, & por cartas de ſeu pay Triſtaõ da Cunha ſoube o q̃ com elle paſſara ſobre aquelle negocio: & aſsi ſe malenconizou, q̃ nunca mais o viraõ alegre: & todauia mandou viſitar o Viſorrey. Os Vereadores da cidade acodiraõ a darlhe os parabẽs de ſua chegada,& a ſaber quãdo auia de ſer ſua deſembarcaçaõ, por que lhe queriaõ ordenar recebimento: elle lhes agardeceo muito aquelle deſejo, dizendolhes, que naõ era tempo de detenças, & que ao outro dia auia de deſembarcar.Pello que elles ſe foraõ pera terra, & fizeraõ com muita breuidade as couſas que conuinhaõ pera o receberem.

O Gouernador como diſſemos, ficou malenconizado, & quaſi ſó, por ſe irem todos os fidalgos ao Viſorrey: & alguns que ſe dauaõ por muito ſeus amigos & parẽtes o acompanharaõ. E pedindolhe vm deſtes licença pera ir viſitar o Viſorrey,lhe reſpõdeo: Ide ſenhor & falareis cõ o mais auiſado do que naceo em Portugal. Iſto diſſe o Gouernador aſsi, por que era verdade ſer elle muito diſcreto,& auiſado, como por aquella ſoltura,& encadarroamento de falar que tinha: que he quaſi natural nos mais dos Noronhas: & em muitos outros que o fazem por arte.(E tanto o tinha eſte Viſorrey por natureza,que ſe conta delle, q̃ andando negociãdo a armada pera ir buſcar os Rumes, neſtes primeiros dias que chegou,entrando vm Domingo na Sé a tempo que os clerigos eſtauaõ nos kyrios da Miſſa que ſe dizia de canto d'orgaõ com grande vagar: & ouuindo lá cantar kyrie, kyrie, virando pera o choro diſſe alto, queria eu que foſſeis vos aos Rumes, & mãdou dizer a Miſſa rezada, & foiſſe á ribeira.) Paſſados os dous dias, entrou o Viſorrey em Goa, & foi recebido da cidade mũy bem,& o Gouernador lhe entregou a India, & toda a armada que tinha ja de verga d'alto, que eraõ perto de oitenta velas,em que entrauaõ corenta groſſas, Galeoens, Naos, & Carauelas: & as de mais Gales, & Fuſtas: & aſsi lhe entregou os almazens cheyos de muita artelharia, moniçoens, & mantimentos: como quem tinha tudo feito pera ſi, por que determinaua de ir buſcar os Rumes, & pelejar com elles.

A primeira couſa que o Viſorrey fez, foi deſpedir logo Ioaõ de

Cordoua, capitaõ de vm catur cõ cartas a Antonio da Sylueira, em que lhe fazia a ſaber de ſua chegada, por que ainda naõ auia nouas de ſerem os Rumes em Diu, (por naõ ſer ainda chegado Miguel Vaz com as nouas certas das Galés.) E aſsi deſpidio dõ Pedro de Caſtello branco em alguns nauios com cartas pera a cidade de Cochim, em que a auiſaua de ſua chegada,& das nouas que auia dos Rumes, dandolhe conta de como ſe ficaua negociãdo pera os ir buſcar. Pedindolhe que pera as deſpezas da armada o quiſeſſem ajudar com algum dinheiro, aſsi do pouo, como dos orfaõs empreſtado,pera o pagar dos primeiros rẽdimentos do eſtado. E aſsi alguns eſcrauos pera as chuſmas das Galés,que ſe lhes tornariaõ como ſe acabaſſe a jornada, ou lhos pagariaõ ſe nella morreſſem. Leuando dom Pedro regimento pera ajũtar toda a armada d'Elrey, & nauios de partes que ouueſſe em Cananor,& Cochim: & que por todo Outubro foſſe com elle. O Viſorrey ficou continuando cõ os prouimentos da armada, repartindo os nauios que achou pellos fidalgos que foraõ em ſua companhia, ficando os meſmos que foraõ nas naos,nas que yaõ ordenadas pera ficarem na India, de que yaõ ſó coatro declaradas pera a carga da pimenta,que eraõ as mais velhas: viſitando o Viſorrey em peſſoa todos os dias a ribeira das armadas, & os almazens a pé, por que eſte he o verdadeiro officio & obrigaçaõ dos Viſorreys.

Pouco depois chegou o catur de Miguel Vaz, de quem o Viſorrey ſoube a grande armada que ficaua ſobre Diu, & o que lhe acontecera,& informãdoſſe delle muito miudamente, o tornou o outro dia a deſpedir com cartas pera Antonio da Sylueira, em que lhe affirmaua que muito cedo ſeria cõ elle. Neſte catur mandou embarcar dom Duarte de Lima, pera ir ver o eſtado em que a fortaleza eſtaua,& lhe tornar a dar rezaõ do que viſſe,em quanto ſe elle negociaua. Partido eſte nauio començouſſe o Viſorrey a embarcar, & pós fora do banco toda a armada de alto bordo,& fez alardo da gẽte que auia de leuar,& achou quaſi numero de ſeis mil homẽs,toda gente limpa,& aluoroçada pera ſe verem cõ os imigos ás guedelhas. Por fim do més de Setembro chegou Martim Afonſo de Souſa na Galé baſtarda com alguns nauios, mas o Viſorrey deixou pera ſi o Galeaõ Saõ Dinis (que Nuno da Cunha tinha muito bem negociado pera ſua peſſoa) dando a dianteira da armada a Martim Afonſo de Souſa,como capitaõ mór do már, pera quẽ ſe paſſaraõ muitos fidalgos, ſeus parẽtes & amigos, & affirmauaſſe q̃ tinha na ſua Galé, mais de duzentos homens.

O Visorrey embarcou sua pessoa, pera esperar o recado de Cochim, & de Diu: & despidio cinco nauios de remo, de que eraõ capitaens Gonçalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Pacheco, Francisco Mendes de Vasconcellos, & Antonio Mendez de Vasconcellos, pera que se fossem meter em Diu, mandando meter nos nauios muitas moniçoens. Cõ estes capitaens se embarcaraõ alguns fidalgos & caualeiros seus parentes, & amigos, desejosos de ganharem honra. Asi mesmo despedio o Visorrey, Lourenço Botelho, por capitaõ mór de coatro nauios, pera se ir pór na ponta de Diu, onde as naos de Ormuz costumauaõ a ir demandar, pera as auisar, & fazer voltar pera Goa. E juntamente com elles despedio Luis Coutinho por capitaõ mór de seis nauios de remo, pera se ir pór na enceada de Cambaya, a defender que da costa de Baçaim, & Damaõ, naõ passassem mantimẽtos pera a armada do Turco. E com isto deixaremos as cousas de Goa, pera continuarmos com as de Diu.

CAPITVLO X.

De como os Turcos assentaraõ suas estancias sobre o castello da villa dos Rumes: & da grande & espantosa machina que ordenaraõ, pera o cometerem pella banda do mar: & de como Antonio da Sylueira lha mandou queimar: & dos nossos nauios que chegaraõ âquella fortaleza.

DESEMBARcada a artelharia dos Turcos, como dissemos no fim do capitolo setimo deste terceiro liuro foraõ Beran Baxá & Cogeçofar caminhãdo muito deuagar, por causa da artelharia que era grossa, & do caminho que era de area, em que as carretas se afogauaõ. E por que lhes naõ pareceo possiuel leuarem os basiliscos, os deixaraõ, & só tres peças (q̃ naõ eraõ taõ pequenas, que naõ lançassem pilouro de ferro coado de cento & cincoenta liuras) com essas foraõ caminhando, ficando as outras pera mais deuagar. E aos dez dias do més de Setembro chegaraõ á villa dos Rumes, & plantaraõ suas estancias sobre aquelle castello, fortificandosse á sua vontade.

Francisco Pacheco capitaõ do baluarte, tanto que vio os imigos, naõ lhe metendo medo sua multidaõ, tratou do que conuinha a sua defensaõ, mandando logo tapar as portas da seruintia da salla, (por naõ occupar nellas gente) reformandosse por dentro, o milhor

que

que pode. Ao outro dia deraõ os imigos moſtra aos noſſos a modo de aſſalto,aſsi pella bãda da terra, como do már, chegandoſſe ao caſtello cõ algũas eſcadas pera o cometerem:mas decima q̃ eſtauaõ ja preſtes, & deſejoſos de os deſenganarem,os ſaluaraõ com ſua artelharia,& arcabuzaria de feiçaõ,q̃ lhes fizeraõ perder o orgulho cõ que yaõ,afaſtandoſſe mais depreſſa do que chegaraõ com alguns menos,que deixaraõ de leuar, por naõ perderem outros. Os Turcos, vendo o dano que receberaõ n'aquella primeira moſtra, bem entenderaõ quanto lhes auia de cuſtar aquelle negocio, ſe por aſſaltos o quiſeſſem concluir: por que ſe queriaõ poupar pera a fortaleza grande.

E praticando os capitães o modo que naquillo teriaõ ſem lhe cuſtar muito,aſſentaraõ que ſe fabricaſſe hũa machina ſobre hũa grãde barcaça que eſtaua na cidade, pera q̃ chea de materiaes peçonhẽtos com a prea már ſe encoſtaſſe ao caſtello,& lhe deſſem fogo, pera que com o fumo ſe afogaſſem os noſſos,& perdeſſem o tino,& q̃ entaõ os cometeſſem por aſſalto, & que facilmente ſeriaõ entrados. Cogeçofar mandou logo á cidade dar ordem áquella fabrica, & ſobre a barcaça,que atraueſſaraõ cõ groſſas vigas, armaraõ no meyo della vm caſtello taõ alteroſo, como o da villa dos Rumes, q̃ mandaraõ encher, de ſalitre, enxofre, rama verde,boſta,& outras immũdicias fedorentas: niſto gaſtaraõ alguns dias. E tãto que ſe acabou mandaraõ ſurgir a barcaça cõ coatro amarras no meyo do rio pera eſperarem as agoas viuas q̃ vinhaõ cedo,pera mais á ſua võtade abordarem o caſtello.

Eſta machina diabolica foi viſta da noſſa fortaleza tanto que ſurgio: & entendendo Antonio da Sylueira o effeito pera que ſe faria, determinou de a mãdar queimar, o que encarregou a Franciſco de Gouuea, por ſer homẽ muito determinado pera todos os negocios, & tomando duas fuſtas com os ſoldados que eſcolheo, em que entrauaõ muitos fidalgos & caualeiros,eſteue preſtes,& de noite na entrada do coarto da modorra ſayo ao longo da couraça cõ a enchente no mór ſilencio que pode, por naõ ſerem ſintidos dos imigos, o que naõ pode ſer,pellas muitas vigias q̃ em todas as partes tinhaõ, & logo começaraõ a chouer ſobre as fuſtas pilouros taõ apreſſados, & cõ tamanho terremoto, & eſtrõdo,q̃ parecia q̃ ſe desfazia a terra, & o már,em trouoens & relampados. Franciſco de Gouuea ſem ſe eſpantar de couſa algũa foi paſſando auante por todas áquellas carrancas a tẽ chegar á barcaça,a que mandou muito deuagar por fogo por todas as ilhargas: eſtando dentro alguns Mouros, que nella fica-

raõ

raõ pera a vigiarem,que por adormecerem,naõ ſintiraõ os noſſos,ſe naõ quando já o fogo ateaua, & deitandoſſe ao már ſe paſſaraõ á terra. Tanto que o fogo deu naquelles fedorentos materiaes, começou a arder com tanta braueza, que parecia que o mundo ſe conſumia,em labaredas: o q̃ tudo ſe via com grande goſto & aluoroço dos noſſos, & muito mayor magoa & pezar dos imigos. Franciſco de Gouuea como era caualeiro,& pontual, naõ ſe quis recolher a tè de todo ſe naõ desfazer a barcaça em cinza, chouendo todo aquelle tempo ſobre elle nuuens de pilouros mortaliſsimos: & ſendo tudo conſumido ſe recolheraõ os noſſos pera a fortaleza, a onde foraõ mũy bem recebidos de todos.

Ao outro dia, que foraõ treze de Setembro, chegaraõ coatro nauios à barra, os tres de Fernaõ de Moraes, Simaõ Rangel, & o dos Araujos, que deixamos partidos de Goa, & o coarto era de Pero Vaz Guedes, ſobrinho de Simaõ Guedes, capitaõ de Chaul, que chegando ali eſtes nauios, mãdou em ſua companhia o ſobrinho, cõ aquelle nauio carregado de mantimentos,& moniçoens,pera ir ver o eſtado da fortaleza, & lhe tornar com nouas della. Eſtes nauios cauſaraõ grande aluoroço em todos, & Antonio da Sylueira recebeo os que nelles yaõ com muitas honras. E vendo a carta de Simaõ Guedes,em que lhe pedia lhe mandaſſe depreſſa o ſobrinho cõ recado do eſtado em que eſtaua, logo lhe reſpondeo,& o deſpidio, mandandolhe cartas pera o Gouernador (por que ainda naõ ſabiaõ da chegada do Viſorrey.) Fernaõ de Moraes que leuaua ordem do Gouernador Nuno da Cunha pera ver a fortaleza, & lhe tornar com recado,por que queria ſaber delle a certeza, por ſer vm homem de muita autoridade, dãdo conta diſto a Antonio da Sylueira,lhe pedio elle,quiſeſſe ali ficar, por que tendoo por companheiro, naõ ſintiria tanto os trabalhos,por que aquelle era o tempo em que elle tinha neceſsidade de ſeu esforço,& conſelho: & que pera ſatisfaçaõ do Gouernador baſtauaõ cartas ſuas. Fernaõ de Morais o fez aſsi,& deſpedio a fuſta, por quem ambos eſcreueraõ ao Gouernador muito largamente,de tudo o que era ſocedido a tè entaõ. Antonio da Sylueira repartio aquelles fidalgos que chegaraõ de nouo, pellos baluartes fronteiros ao campo, a onde Simaõ Rangel teue todos os ſoldados que leuou, dandolhes meza á ſua cuſta,por q̃ foi de Goa pera iſſo muito bem negociado.

Eſte meſmo dia veyo á fortaleza Franciſco Pacheco, capitaõ do caſtello de Gogalá,em hũa pequena almadia, a verſe com o ca-

pitaõ

pitaõ,& ordenar algũas cousas que compriaõ a sua alma & conciẽcia, pello risco em que estaua. E depois de fazer tudo, querendosse tornar, o embargaraõ os officiaes d'Elrey por certa contia de dinheiro q̃ lhe diuia, apertando com elle que o pagasse, primeiro que se fosse. Frãcisco Pacheco tomado d'aquella desordem, lhes disse palauras afrõtosas perante o capitaõ: & foi tamanha sua paixaõ, que disse ao capitaõ, que aquillo era caso dino de se castigar, & que se o naõ fizesse, que prouesse o baluarte de capitaõ, por que elle o naõ queria ser. Antonio da Sylueira sofrendolhe sua paixaõ, com muita bran dura lhe disse, que visse o q̃ fazia, que aquillo naõ conuinha a sua honra: & que naõ perdesse o credito que tinha cobrado, por hũa cousa em que taõ pouco ya. E cõ isto lhe disse outras palauras de amigo, que a colera lhe naõ deixou entender: antes virando as costas se foi. Lopo de Sousa Coutinho q̃ se achou presente se offereceo ao capitaõ pera se ir pera o baluarte: o q̃ lhe elle agardeceo muito, mas naõ aceitou, por q̃ desejaua de Frãcisco Pacheco naõ perder de todo com elle o credito: por que aos caualeiros taõ honrados, & que tãto se arriscaõ pella honra de Deos, & de seu Rey, aõ os capitaens & Gouernadores de sofrer muito, & tratar de tẽperar cõ brandura, & naõ danar de todo com paixaõ: como fez Antonio da Sylueira, q̃ buscou todos os meyos, pera q̃ este homẽ se naõ deshonrasse, pedindo a Fernaõ de Moraes que era seu amigo, que o temperasse, o que elle fez de feiçaõ que cayo na conta, & foisse reconciliar com o capitaõ, que o despedio com palauras de muita honra pera o baluarte: encomendandolhe algũas cousas, principalmente, que como tiuesse necessidade lhe fizesse sinal, pera o soccorrer como podesse.

Fim do Terceiro Liuro.

LIVRO



LIVRO QVARTO DA QVINTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

De como os Turcos começarão a bater o baluarte de Gogala, & de como Lopo de Sousa Coutinho foi saber o estado em que estaua. E da vista que a armada imiga deu â nossa fortaleza. E do desastre que aconteceo nos baluartes. E da constancia & grande fortaleza que teue hũa pobre molher na morte de dous filhos que lhe matarão.



TANTO que os Turcos virão desfeita & queimada, a grãde machina com que esperauão ganhar o baluarte por assalto, desenganados de o poderem fazer se não por bataria, lha começarão a dar tão furiosaméte, que os pilouros varauão o castello por cima de parte a parte: fazendo as pedras que cayão das ruinas grande dano nos nossos, matãdo algũs, & ferindo aos mais. Francisco Pacheco andaua prouẽdo tudo com muito animo, esforçando, pelejando, & repairando com muita presteza as partes deribadas, & dãnificadas. Os companheiros pelejauão todos com grande valor, sem fazerem conta das feridas que tinhão, fazẽdo com sua arcabuzaria grande emprego nos imigos, porque como dauão em meyo delles nũca perdião tiro. Antonio da Sylueira, tanto que ouuio a bataria, mandou fauorecer os do baluarte com sua artelharia: & como virão da fortaleza as estancias dos Mouros claramente, fizerão nelles muito grande estrago: Os capitaens Mouros vendo o dano que tinhão recebido, afastarãose cessando a bataria. Francisco Pacheco fez logo curar os feridos, & lançar os mortos ao már com a vazante da maré, por que não auia onde os enterrar, & toda a noite passarão em grande vigia. Por esta maneira forão continuando os Mouros a bataria com dobrada furia, cinco dias continos, em que o baluarte ficou quasi desfeito por cima, & todos os que nelle estauão feridos de muitas feridas, por rostos, braços, pernas, cabeças, das cousas que os pilouros ao passar do baluarte der

ribauaõ sobre elles: mas nem com tudo isto perdiaõ o animo, nem deixauaõ os lugares, antes com muita vigilancia & cuidado gastauaõ de dia em pelejar, & de noite em vigiar & repairar, taõ alegres todos, que parecia que tinhaõ a vitoria nas maõs.

Passados os cinco dias, chegou a Diu o catur de Ioaõ de Cordoua, com as cartas & nouas da chegada do Visorrey, que encheo a todos de mũy grande aluoroço. O capitaõ mandou logo embandeirar a fortaleza, & saluar as nouas com muitos tiros. No baluarte foi visto aquelle aluoroço, & como naõ sabiaõ o que era, ficaraõ em grande confusaõ, mas todauia bem entenderaõ pello que viraõ, que eraõ boas nouas, & responderaõ de là, com outra salua, & com outras bandeiras. Antonio da Sylueira vio as cartas do Visorrey, em que lhe certeficaua ficarse fazendo prestes pera o soccorrer, & as amostrou a todos pera os animar. O Visorrey escreueo a algũs fidalgos dos que ali estauaõ como he obrigaçaõ, pois estauaõ seruindo & cercados: sò a Fernaõ de Moraes deixou de escreuer, ou por esquecimento, ou por lhe parecer seria voltado pera Goa: do que elle ficou quasi afrontado, & logo mãdou fazer prestes o seu nauio pera se embarcar, o que lhe Antonio da Sylueira quis estoruar como amigo, sobre o que se apaixonaraõ: dizendo Fernaõ de Moraes, que pois se lhe tinha taõ pouco respeito, que naõ queria mais ficar naquella fortaleza, nem seruir Elrey. E depois de o capitaõ ver que o naõ podia tirar de sua paixaõ, lhe disse que se fosse muito embora, que sem elle defenderia a fortaleza. Fernaõ de Moraes se embarcou & se foi.

Antonio da Sylueira desejou de mandar aos do baluarte as nouas do Visorrey, & a saber o que la era passado, por que a tè entaõ naõ tinha recado algum: Lopo de Sousa Coutinho se lhe offereceo pera isso, & se embarcou no catur de Ioaõ de Cordoua, cõ algũs parentes & amigos, leuando algũas moniçoẽs pera lhe meter dẽtro, & as cousas necessarias pera os feridos: & esperãdo pella maré da noite, tanto q̃ esteue meya chea, se afastou do cais muito caladamẽte, & se foi pór na vea da agoa, pera que ella o fosse leuando, por que naõ bolissem com os remos, por naõ serẽ sintidos: & assi foi gouernando ao som della. Mas todauia como os Mouros tinhaõ mũy grãde vigia foraõ sintidos, & por todas as estancias se leuãtou hũa grãde grita, & começaraõ a varejar o nauio com a artelharia, derredor de quem cayaõ tantos pilouros, que parecia feruer o rio, que estaua muito brando & sossegado, sem pella bondade de Deos receberem dano algum. Lopo de Sousa Coutinho

tinho foi passando auante, a tè pór a proa ao pe do castello: & bradãdo alto chamou por Francisco Pacheco, que logo acodio pella muita vigia que tinha. Lopo de Sousa por ser a noite escura lhe disse quẽ era, & ao que ya, dandolhe as nouas do Visorrey, & perguntandolhe como estaua, & o que era socedido os dias passados. Francisco Pacheco, & todos os companheiros ouuindo as nouas do Visorrey deraõ grandes gritas de aluoroço, & contou Francisco Pacheco tudo o que lhe tinha acontecido a tè entaõ, & como lhe tinhaõ mortos seis companheiros, & estaua com todos os mais feridos: & que os pilouros varauaõ o castello todo, mas que cõ tudo isso estaua muito bem. Lopo de Sousa lhe pedio mandasse abrir as portas, por que lhe queria deixar algũas moniçoẽs que leuaua pera o mesmo castello, & ficar por seu soldado acompanhandoo. Francisco Pacheco lhe deu os agardecimentos, dizendolhe que naõ podia ser, por que a porta estaua tapada de pedra & cal: & por os Mouros terem impedida a seruintia da praya pera a salla com grandes valos. Que se recolhesse embora, que naõ tinha necesśidade de cousa algũa por entaõ, mais que do fauor de Deos: que pedisse ao capitaõ da sua parte, que lhe soccorresse em algum estremo grande se nelle se visse, por que logo lhe faria sinal. Neste dialogo gastaraõ mais de hũa hora, por que como estauaõ longe, & a artelharia dos imigos naõ cessaua, o estrondo della lhes apagaua muitas vezes as palauras na boca, pello que se naõ entendiaõ bem, & foilhes necessario repetilas tantas vezes a tè que se entendessem. Lopo de Sousa Coutinho se despidio delle, & tomando o remo o foi apertando rijamente pera a fortaleza, seguindoo vm grande numero de pilouros, que sobre elle foraõ sempre chouendo, a tè entrarem pella porta da couraça. O capitaõ & todos os fidalgos o foraõ receber, & o leuaraõ nos braços com muitas palauras de louuores: & presentes todos contou tudo o que passara com Francisco Pacheco, & como todos os do castello estauaõ taõ animados, que lhes tiuera inueja. Antonio da Sylueira & todos festejaraõ muito aquellas nouas.

Francisco Pacheco com as do Visorrey ficou taõ vfano, que em amanhecendo mandou embandeirar o castello, & disparar toda a artelharia nas estancias dos imigos, tangendo, bailhando, foliando, & fazendo outros sinaes de alegria, chamando pellos Mouros, dizendo: Ah caens que logo virá o Visorrey com hũa grossa armada, & a todos vos á de meter a banco das suas Galés. Este aluoroço naõ causou pequeno abalo nos

lo nos Turcos,por quẽ logo ſe eſ-
palharaõ as nouas da chegada a
Goa de vm nouo Viſorrey, com
grande poder,& que ficaua embar
cado com hũ groſſa armada mũy
poderoſa pera ir áquella fortale-
za: o que em todos meteo vm ge-
ral medo & eſpanto.

Antonio da Sylueira deſpedio
ao outro dia o meſmo nauio com
cartas ao Viſorrey de tudo o que
era paſſado, & no nauio mandou
embarcar alguns doentes que eſta-
uaõ mal,pera os lançar em Chaul.
Neſta embarcaçaõ determinou
Manoel de Vaſconcellos mandar
ſua molher. Era eſte homem vm
fidalgo honrado natural da ilha
da Madeira, caſado com hũa do-
na mũy nobre,chamada Iſabel da
Veiga, com quem ſe paſſou a vi-
uer áquella fortaleza, aſsi pella ba-
rateza da terra,como por hũas tẽ-
ças que ali tinha. E vendo os tra-
balhos que ao diante ſe eſperauaõ,
pedio á molher que ſe embarcaſſe
naquelle nauio pera Goa, o que
nunca pode acabar com ella,dizẽ-
dolhe: Que nunca Deos quiſeſſe
que ficando elle em trabalhos &
perigos eſtiueſſe ella auſẽte delles,
& fora delles: por que todos os
em que ſe viſſe em ſua companhia
aueria por pequenos: & por penas
& tormentos todos os deſcanſos
fora delle: que ouueſſe por bem fi-
caſſe ella ali, ao menos pera ſer
ſua enfermeira quando tiueſſe diſ-
ſo neceſsidade. E ſe pello perigo
em que via aquella fortaleza
queria mandar fora della,q̃ qua
do ella foſſe taõ mofina que e
correſſe riſco & o mataſſem a
le, que ella entaõ naõ queria m
viuer. Mas por que naõ tiue
muitas couſas de que ſe temeſ
que ella era contente que elle m
daſſe pera Goa hũa filha que
nhaõ d'antrambos ao auó da m
nina,pay da Iſabel da Veiga: p
que ſe Deos fizeſſe algũa cou
d'aquella fortaleza, & lhe aco
teceſſe por ſeus peccados algũa d
auentura, que hũa tenra idade
naõ condenaſſe. Iſto diſſe com t
ta força de lagrimas, que o co
uenceo,& deſiſtio de ſua determ
naçaõ: ficando eſta matrona e
todo aquelle cerco fazendo couſ
dinas de ſerem celebradas,como
faremos pello diſcurſo da hiſtor
a diante em ſeu lugar.

Os Turcos foraõ proſeguindo
na bataria do caſtello taõ con-
tinuo, & com tanta furia & for-
ça, que derribaraõ toda a ſalla
por terra, & todos os altos do ca-
ſtello, matando & ferindo mui-
tos dos de dentro. E o que foi
pior que cegaraõ toda a artelharia
que já naõ laboraua: mas nem cõ
iſſo deixauaõ os noſſos de empe-
cer aos imigos com tudo o que
podiaõ. E aſsi ſe tinhaõ taõ ſatiſ-
feitos dos danos que delles tinhaõ
recebido, que lhes tinhaõ mor-
tos mais de quinhentos homens.
Antonio da Sylueira mandaua as
mais

mais das noites hũa almadia pequena com vm homem pera ir ſaber o eſtado do baluarte, mandãdo algũas vezes dizer a Franciſco Pacheco,que ſe eſtaua em perigo, largaſſe tudo,& de noite pella calada ſe ſaiſſe do baluarte de lõgo do mar,& que dali ſe lançaſſe a nado, & que em duas vogas ſeriaõ nelle, já que naõ tinhaõ embarcaçoens pera os mandar recolher, & que niſto perigaſſe quem perigaſſe: por que do mal,ſempre ſe auia de eſcolher o menor. A iſto lhe mandou reſponder q̃ eſtauaõ taõ bem,que aſsi eſtiueſſem elles la na fortaleza. Eſte conſelho ſe o elle entaõ tomara, naõ chegara o mal ao que depois chegou: & foralhe muito facil recolherſe a nado como lhe o capitaõ mandaua dizer.

O Baxá que eſtaua em Madrefaual, tanto que lhe chegaraõ as nouas do Viſorrey, logo ſe leuou com toda a armada,& foi demandar a noſſa fortaleza pera ver ſe podia aueriguar aquelle negocio primeiro que o Viſorrey chegaſſe. E aos vinte & oito de Setembro apareceo à viſta da fortaleza com as Galés a fio, indo diante a de Icuf Amede,todas toldadas,& fermoſamente embandeiradas com ſeus eſtandartes & galhardetes de cores,que lhes arrojauaõ a tè baixo: por que eſte dia moſtraraõ todas as ſuas carrancas,determinãdo de dar a primeira ſalua á noſſa fortaleza.E aſsi a fio foraõ todas paſſando,ſaluandoa hũa & hũa,& fazendoſſe logo à banda. Antonio da Sylueira acodio ao baluarte de Antonio de Gouuea, a onde toda a artelharia imiga deſparou por ficar ſobre a barra: & mandou embandeirar toda a fortaleza, & ſaluar a armada com ſua artelharia, por que viſſem os Turcos o goſto & o banquete com que os eſperaua. Mas permitiraõ os peccados dos homens que os bombardeiros deſatentadamente carregaſſem as bombardas com poluora d'eſpingarda,& naõ podendo ſofrer a força della,arrebentaraõ dous fermoſos Bazaliſcos,vm de metal,& outro de ferro,que era fechado com muitos arcos de ferro,q̃ eſpalhandoſſe em pedaços, fizeraõ em todos os que acharaõ á roda vm grandiſsimo eſtrago, ficando logo ali coatro homens feitos pedaços, & feridos dez com muitas feridas. E naõ parando aqui o mal, tãbem no baluarte ſaõ Thome,& em outros arrebentaraõ cinco peſſas,ainda que menores, que tambem fizeraõ mũy grande dano. Os Turcos tanto que ouuiraõ arrebentar as peſſas, de lá da armada deraõ hũa grande grita: & aſsi foraõ paſſando deuagar & dando ſua ſalua. Mas iſto naõ foi tanto a ſeu ſaluo, que lhe naõ meteſſem hũa Galé no fundo, & lhe naõ ficaſſem outras deſaparelhadas de maſtos & vergas,recebendo os noſſos muito mayor dano da ſua propria arte-

lharia,que da dos imigos. Por que lhe naõ mataraõ mais q̃ vm mancebo de menos de vinte annos, q̃ tinha sua mãy na fortaleza,em cuja morte se mostrou o grande valor & animo da triste & desconsolada mãy: & foi desta maneira.

Auia na fortaleza hũa molher Portuguesa viuua que se chamaua Barbora Fernandez,que fora ama de Manoel de Noronha, natural da ilha da Madeira,esta tinha dous filhos mancebos de grande valor, & mũy esforçados caualeiros. O mais velho se chamaua Luis Franco, & estaua no baluarte da villa dos Rumes: o outro se chamaua Christouaõ, era de dezanoue a tè vinte annos, estaua coa mãy na fortaleza. Este estãdo vm dia no muro com suas armas,lhe deu vm pilouro de espera pola barriga, que a tiraraõ d'hũa Galé que o espedaçou todo. Foi trazido ainda falando, & asi o lãçaraõ nos braços da mãy,que o recebeo nelles, dizendolhe o pobre moço: Mãy minha veja eu,vos peço, primeiro a confissaõ que vossas lagrimas: por q̃ temo que a dór que vos vir padecer me seja impedimento á breue despedida & partida de minha alma. A velha & desconsolada mãy sustentando coas maõs as espedaçadas entranhas do filho, com o rosto quieto & sereno, & os olhos enxutos (sendo ella só a que por boa rezaõ entre os muitos que na casa estauaõ,auia de padecer a dór & tormento que as palauras do filho nella causauaõ, sem romper em gritos & brados ao ceo, q̃ vm moço naquelle estado em quẽ este estaua costuma causar na mãy) lhe respondeo. Filho,da necessidade q̃ tens do confessor me pesa, que de tua morte,a esperança que me fica do bõ lugar que tua alma possuirá,ma fara sofrer bem. Encomendate a Deos,& esforçate em morrer conforme com sua santa vontade,que só isso bastara pera eu ficar muito consolada. Desta maneira se animaraõ & consolaraõ vm ao outro, dando a triste mãy animo ao filho pera que sofresse bem a arrebatada & apressada morte, & asi mesma pera lha poder ver receber. Cõfessousse o ditoso mancebo, que este he o nome que merecem os que acabaõ taõ gloriosamente,com muito grãdes mostras de dór & arrependimento de seus peccados,& asi passou desta vida a gosar dos grandes & infinitos bens da outra. Cujo fim foi recebido da triste mãy com taõ inteiro & igual animo,que os que a vinhaõ consolar, yaõ alegres & contentes de a verem taõ inteira & conforme coa vontade de Deos em caso que de força auia de sintir & cortar muito. E por que a dór do filho morto naõ parasse aqui, aconteceo que logo ao outro dia seguinte se perdesse o baluarte da villa dos Rumes, onde o outro filho mais velho estaua, pera q̃ coa

perda

perda do outro filho se lhe dobrasse a magoa de os perder ambos. Pois ambos estes desastres & desauenturas que aconteceraõ a esta valerosa matrona, sofreo ella com hũa noua & desusada, & ainda incriuel fortaleza, & igualdade d'animo, sem romper nem em palauras de dór, nem em lagrimas de compaixaõ, nem em exclamaçoés molheris, que em outros casos menores costuma a auer. Exemplo foi este merecedor de perpetua memoria, & de andar escrito no mundo com vm muito sobido & aleuantado estilo que nos a nós falta, com que mostrassemos a todos os que o vissem que naõ só Roma, & Grecia criaraõ molheres famosas, pois tãbem as ouue no nosso Portugal: mas faltou quem perpetuasse sua memoria, & o valor de que vsaraõ. Por que naõ he menos dina della esta molher, que aquella Archelonyde que os Gregos engrandecem tanto. Por que dandolhe nouas que seu filho Brasidas era morto na guerra, pergũtara sem se turbar, se morrera pelejando, & dizendolhe que si, ficara consolada. A esta molher chama Plutarcho Argelona: pois esta ainda naõ vio espirarlhe o filho nos braços feito pedaços do cruel pilouro, como vio esta nossa Portuguesa, por que as chagas do filho era muito certo causaremlhe bem differente magoa & sentimẽto, que a da Grega, que naõ vio o filho cõ os olhos, por que as cousas ausentes, ainda q̃ sejaõ asperas, sentense menos que as presentes. E vos ó nobre matrona, já que o tempo, & o descuido Portugues vos naõ satisfez os merecimẽtos de vossos filhos, ao menos naõ perdereis de todo a memoria de vossa cristandade, & varonil cõstancia, por que já esta vos ficará nesta minha historia, ainda que em stylo taõ rude & grosseiro: mas por vos, & por outros muitos feitos semelhantes, espero venha a ser aceito a todas. As Galés depois de darem sua salua, foraõ surgir no primeiro pouso que tomaraõ de fronte da misquita grãde, onde se deixaraõ estar.

CAPITVLO II.

Do grande assalto que os Turcos deraõ ao baluarte de Frãcisco Pacheco: & do valor com que dous homẽs o defenderaõ. E de como vm soldado chamado Antonio Falleiro foi â fortaleza com hũa carta de Francisco Pacheco, & das roins sospeitas que deste homem se conceberaõ.


EM quanto durou a salua na armada, naõ deixaraõ os Turcos de continuar cõ a bataria do castello da outra banda, por que determi-

nauaõ de lhe dar vm aſſalto, em que eſperauaõ de concluir aquelle negocio. Pello que dobraraõ a bataria pera fazeré caminho por onde o cometeſſem: & naõ deſiſtiraõ della, a tè quaſi ſol poſto, em que acabaraõ de arraſar a ſalla, & vm grande pedaço da frontaria do baluarte: ſofrendo os de dentro aquelle dia, toda aquella tempeſtade de tiros & pilouros, com que lhe mataraõ perto de quinze companheiros, & feriraõ quaſi todos os mais: mas com muito grande dano & eſtrago dos imigos, por que tambem ali ficaraõ mais de duzentos eſtirados. Os Mouros ao outro dia vendo a noſſa artelharia de todo cega, & que lhe naõ podia fazer nojo, & o baluarte arruinado todo, & que por aquella parte por onde a parede da ſalla enteſtaua nelle, lhes deixara vns dentes pello muro acima, como hũa eſcada muito bem feita, por onde podiaõ ſobir muito á ſua võtade, naõ quiſeraõ perder tempo, encomendando o aſſalto aos Ianiçaros: deſtes ſairaõ ſetecẽtos dos valos, com hũa bandeira vermelha mũy grande deſenrolada, ao ſom de ſeus inſtrumentos. E como homens que tinhaõ a vitoria nas maõs, & que cuidauaõ que os noſſos eſtariaõ taes, que ſe naõ podeſſem defender, remeteraõ ao baluarte, & começaraõ a ſubir pellos dentes & ruinas da parede, ſendo fauorecidos dos debaixo com a arcabuzaria & frechas, com que jugauaõ em roda viua, porque os de dẽtro ſe naõ podeſſem aſſomar á defenſaõ d'aquelle lugar.

E como aquella parte onde a parede ya reſponder a cima, naõ era capaz de mais que de dous homens, por ſer vm recanto, os primeiros que ſe ali poſeraõ eſſes ficaraõ em ſua defenſaõ, & a defenderaõ taõ valeroſamente com duas lanças de fogo nas maõs, cõ q̃ fizeraõ tamanho eſtrago nos imigos, que ſe naõ pode imaginar de dous homens, por que as lanças de fogo derribauaõ os q̃ chegauaõ, & eſtes leuauaõ outros a pos ſi a tè cairem em baixo, encima d'aquella multidaõ de imigos, vns com pernas quebradas, outros com braços, & cabeças: por que aquelles dous esforçados ſoldados, com as maõs, com os pés, & com tudo offendiaõ aos imigos: por q̃ depois que ſe lhes gaſtaraõ as lanças, lançaraõ ſobre os debaixo hũa ſoma de panellas de poluora, com que abrazaraõ os que eſtauaõ ao ſopé, & com os pés derribauaõ ſobre os que yaõ ſobindo grandes pedras & cantos, que eſtauaõ poſtos por ali pera o meſmo effeito, eſtando os mais de dentro ceuandoos com panellas de poluora, & com lanças de fogo, cõ que naõ dauaõ vagar aos Turcos pera poderem ſobir, nem decer, ſenaõ em trambolhoés a tè o pé do muro, onde tudo eraõ labaredas das panellas de poluora.

Os Ianiçaros auiaõ pella mayor afronta que nunca paſſaraõ, dous homens ſós fazerem nelles tamanho eſtrago & dano, & defenderẽ a ſobida a tantos, & taõ experimẽtados Ianiçaros, & taõ vitorioſos em tãtas guerras na Europa, & determinando de acabarem aquelle negocio, ou morrerem todos na demanda, tornaraõ a cometer a ſobida, como homens offerecidos á morte, onde a acharaõ muito certa, por que logo tornaraõ a voltar pellos ares ſobre os mais: por que aquelles dous esforçados Manlios ſobre o alto capitolio, defendiaõ valeroſamẽte aquella ſobida, ſem quererem tomar vm pequeno de repouſo, nem largar o lugar a outros companheiros, q̃ lhes pediaõ ſe recolheſſem a curar (por eſtarẽ ambos feridos de muitas frechadas, & eſpingardadas: por que todos os debaixo acertauaõ nelles ſeus tiros, como aquelles q̃ eſtauaõ por aluo, ſem lhes dar d'aquelle granizo de pilouros & frechas, que ſobre elles cayaõ, couſa algũa. O capitaõ Frãciſco Pacheco chegou a elles, & lhes pedio, que quiſeſſem partir com elle hũa pequena d'aquella honra, em quanto elles ſe curaſſem, & que logo lhes tornaria o lugar: mas elles ſem darem pellos rogos do ſeu capitaõ, embebidos na batalha, naõ faziaõ ſe naõ callar, bracejar, & derribar nos imigos, ſendo aquillo cauſa de ſe lhes vazar mais o ſangue, o que a furia, & a colera lhes naõ deixaua ſintir. Da fortaleza ſe via mũy bem o aſſalto, & as marauilhas que faziaõ aquelles dous ſoldados: & por naõ auer embarcaçoens em que os foſſem ſoccorrer, eſtauaõſe todos debatendo, deſejando de ſe lançarẽ a nado pera ſe irem achar com ſeus companheiros naquelles taõ honroſos trabalhos & perigos.

E certo que eſta foi a mór afrõta em que Antonio da Sylueira ſe vio, & todos os mais fidalgos & caualeiros com elle, em todo o diſcurſo do cerco: por que lhes rebẽtaraõ os coraçoens dentro nos peitos, de pezar, de verẽ ſeus amigos em perigos, & naõ lhes poderem valer: mas de lá com as vontades, deſejos, & com os meneos os ajudauaõ. Antonio da Sylueira os mandou fauorecer com a artelharia, já que com o mais naõ podia, deſparandoa nas eſtãcias dos imigos, & ao pé do baluarte, matandolhes muitos. Os Turcos eſtauaõ paſmados de verem o disbarato, & eſtrago, que ſós dous homens tinhaõ feito, na milhor & mais eſcolhida gente que auia antre os Ianiçaros da guarda do Turco: cuja ſoberba lhes fazia parecer, antes de cometerem o aſſalto, q̃ nem toda a gente que eſtaua na fortaleza grande, lhes poderia defender aquella entrada: & como atonitos, & paſmados, eſtauaõ com os olhos poſtos nas couſas q̃ aquelles dous homens faziaõ. Durou eſta

contenda a tè que o ſol ſe pós, que os imigos a ſeu pezar deixaraõ ſua porfia, recolhendoſſe a ſeus valos, desbaratados, & deſtroçados de dous homens ſós.

Franciſco Pacheco como ſe vio deſapreſſado, mandou os recolher, & curar muito bem: & foraõ tirados dali nos braços de todos com grandes louuores. Muito trabalhamos por ſaber os nomes deſtes dous valeroſos & esforçados ſoldados, ſó d'um delles o ſoubemos que ſe chamaua Antonio Pinheiro, mancebo de vinte & cinco annos, filho d'um caualeiro de Faro: o nome do outro naõ achamos por que o deſcuido, ou a inueja o tem poſto em eſquecimento, naõ ſendo ſuas obras ſe naõ pera viuerem eternizadas na memoria dos homens, com titulos tambem merecidos, como aquelle celebrado dos Romanos Marco Manlio, a quem deraõ o ſobre nome de Capitolino, por defender o capitolio aos Franceſes, naõ ſendo batido, nẽ arrazado com canhoens, & bazaliſcos medonhos, nem perſeguido de tantas nuuens de pilouros, & frechas como eſtes. E ainda que em nos naõ aja o eſtilo, & eloquẽcia de Tito Liuio: vos meus valeroſos ſoldados, & outros a quem o deſcuido Portugues tem ſepultados nas treuas do eſquecimento, trabalharemos por vos tornar a reſuſcitar neſta noſſa hiſtoria, por que veja o mundo, que naõ faltaraõ antre Portugueſes, Manlios, Torquatos, Coruinos, Ceuolas, Decios, nem Oracios: mas faltaraõ a tè agora fauores, honras, & merces, que ſaõ as couſas que fazem reſuſcitar os engenhos, & habilidades, que antre todas as outras naçoens foraõ ſempre taõ fauorecidas & eſtimadas.

E tornãdo à noſſa hiſtoria. Eſta meſma noite, eſtãdo os do baluarte de Gaſpar de Souſa na fortaleza grande vigiando, ſintiraõ chamar debaixo, & perguntando o que era reſpondeo vm homem, que era Antonio Faleiro, que ya do baluarte de Gogala, & leuaua hũa carta de Franciſco Pacheco pera o capitaõ. Eſte homem andara já em Africa, & ſabia bem a lingoa Arabia. Deuſſe diſto recado ao capitaõ, que o mandou recolher por hũa eſcada de corda, & o eſperou com todos os capitaẽs & fidalgos: & chegado a elle lhe deu hũa carta cerrada, que moſtraua ſer de Franciſco Pacheco, & no lugar de ſobreſcrito dizia, que podiaõ dar credito a tudo o que Antonio Faleiro de ſua parte lhe diſſeſſe: & dentro lhe daua breuemente cõta d'algũas couſas ſocedidas antes do aſſalto, & moſtraua ſer feita auia tres dias. O capitaõ naõ lhe ſoube bem aquelle negocio, & diſſe ao Faleiro, que podia liuremente dizer ao que ya ali perante todos, & fazendoo aſsi, diſſe deſta maneira.

Senhor

Senhor, eu ſou mandado da parte de todos os do baluarte de Gogala, a tè fazer a ſaber como o capitaõ Franciſco Pacheco fica em artigo de morte, de hũa grande infirmidade que á dias que tem. A iſto lhe atalhou Lopo de Souſa Coutinho, dizendo, que por que dizia aquillo ſe elle auia menos de coatro dias que falara com elle, & o vira muito ſaõ & bem deſpoſto? Antonio Faleiro ficou embaraçado, & vendo que corria riſco ſua verdade diſſe, que ainda que o ouuira falar jà eſtaua muito doente, & que pera morrer vm homem, naõ auia miſter mais de vm momento, quanto mais tres & coatro dias. E proſeguindo ſeu recado, diſſe, que nos combates paſſados lhe tinhaõ jà mortos vinte companheiros, & que todos os mais eſtauaõ feridos de muitas & grandes feridas, & que todas as moniçoens eraõ jà gaſtadas, & o q̃ pior era, que eſtauaõ ſem agoa, por que as pipas em que a tinhaõ, ſe lhe fora a mór parte, & que o caſtello eſtaua todo arraſado, & com a artelharia cega de todo, & ſem poder laborar: por onde jà naõ auia outro remedio mais que irem todos morrer no exercito dos imigos, ao que eſtauaõ determinados tanto que amanheceſſe, por que jà que auiaõ de morrer, queriaõ que foſſe de hũa morte hõrada, & dina de eterna memoria. E que eſtando com eſta determinaçaõ vigiando elle Antonio Faleiro o coarto da prima, a hũa bõbardeira, vira paſſar vm Mouro, a quem falara em lingoa Arabia, & lhe diſſera, que pera que era tanta crueldade, & tãtas mortes, que ſe buſcaſſe algum meyo honeſto pera ſe euitar tãto dano: por que todos os Portugueſes eſtauaõ determinados a morrerem ſobre a primeira pedra, ou derradeira d'aquelle baluarte, que os Turcos naõ auiaõ de ganhar ſem lhes cuſtar a mór parte de ſua gente. E que a iſto lhe reſpondera o Mouro, que iria falar com ſeus capitaens, & que logo tornaria cõ a repoſta: com que naõ tardara, & lhe diſſera da parte de Cogeçofar, que lhe mandaſſe o capitaõ vm homem de credito pera com elle praticar ſobre algum modo de concerto, & que elle Antonio Faleiro fora eleito pera iſſo: & lançado logo fora pella bombardeira, & fora leuado a Cogeçofar, & aos capitaens Turcos, que lhe diſſeraõ, que ſe ſe entregaſſem todos à merce do Baxá, que era magnanimo, liberal, & grandioſo, que vſaria com elles de muita clemencia, & miſericordia. Aõ que o Faleiro reſpondera, que os Portugueſes naõ coſtumauaõ a ſe entregar ſe naõ com muito grandes ſeguraças das vidas, & liberdades: ainda que cada vm delles ſoubeſſe paſſar mil vezes pellos fios da morte. E que nenhum partido, nem eſſe, nem outro, auiaõ de aceitar, ſem ſe dar pri-

meiro

meiro conta ao capitaõ da fortaleza, no que elles consintiraõ, & o despediraõ, dizendolhe, que a tè o outro dia lhes leuasse à reposta: & que a isso o mandauaõ os do baluarte, que agora visse elle o que deuiaõ de fazer.

Antonio da Sylueira & todos os mais deitaraõ sobre este negocio differentes juizos, concebẽdo roim opiniaõ do Faleiro: mas como aquillo eraõ sospeitas, naõ se seguraraõ nellas. E pedindo áquelles capitaens que o aconselhassem naquella materia, foraõ todos de parecer, que pois naõ podiaõ ir ajudar, & fauorecer aos do baluarte, que naõ era licito, que homens que estauaõ fora do perigo, obrigassem a outros a morrerem: que pois elles estauaõ no risco, escolhessem o milhor partido que entendessem, conforme ao estado em que estauaõ. Disto se fez vm termo, em que todos asinaraõ, q̃ se deu ao Faleiro pera o leuar por reposta, sem se lhe escreuer nada mais, & o despidiraõ. Este homem segundo depois se soube, teue alguns tratos secretos com os Mouros: & affirmauasse que por tres vezes fora falar com elles escondidamente, sem nunca os do baluarte sospeitarem cousa algũa: & naõ se soube na verdade o que se passou, por que como todos os do castello foraõ depois falsamẽte mortos, naõ ouue quem a dissesse. E esta he a rezaõ por que cuidamos, que o nome d'um d'aquelles dous valerosos soldados, & de outros cinco (de que adiante falaremos) ficaraõ em esquecimento, por que naõ ouue quem os dissesse.

CAPITVLO III.

De como os do baluarte da villa dos Rumes se entregaraõ a partido aos Turcos: & de como Joaõ Pirez com cinco companheiros foraõ mortos em defensaõ da bandeira de Christo, & lançados no mâr: & de como seus corpos milagrosamente foraõ a portar â fortaleza.

PARTIDO Antonio Faleiro, com o assento que se tomou, chegando ao castello o mostrou a Francisco Pacheco, & aos companheiros todos, a quem Francisco Pacheco pedio que lhes dessem seu parecer naquelle negocio. E praticando tudo antre elles, & apresentadas as difficuldades que auia pera se poderem defender pella falta que auia de tudo, & pello pouco remedio que da fortaleza lhe podiaõ dar, assentaraõ que se tratasse da segurança das vidas, q̃ era necessario pouparem pera ajudarem a defender a fortaleza grãde, em que estaua toda a importancia

tancia do negocio. Sobre o modo que se nisso teria debaterão,& deu cada vm seu parecer, não se conformando todos: por que vns dizião que morressem antes ali como caualeiros, que entregaremse como couardos: por que pera se defenderem não estauão tão impossibilitados, que não tiuessem ainda alguns mãtimentos,& agoa: & que posto que de todo lhes faltasse,q̃ os homẽs podião viuer sete dias sem comer, & que nesses soccorreria Deos,& poderia chegar o Visorrey. Outros forão do parecer de Francisco Pacheco,que era,que se o Baxà lhes concedesse as vidas, & os deixasse ir liuremente pera a fortaleza,que lhe entregassem o castello, que nisso ya pouco: por que não era perder mais que paredes quebradas, que com a chegada do Visorrey se tornarião a cobrar,& que no discurso do cerco estando elles na fortaleza se poderião bem satisfazer nos imigos, d'aquella quebra. Estes vencerão os mais, & logo despidirão Antonio Faleiro com o recado a Cogeçofar que estaua aguardando por elle, & lhe deu conta do que era passado,affirmandolhe,que se não deixassem ir os Portugueses do castello pera a fortaleza, que nenhũ outro partido auião de aceitar. Neste tempo amanhecia já, pello que o detiuerão, & despidirão recado ao Baxá do que se faria. O Baxá mandou logo a reposta, & com ella vm formão, ou saluoconduto chapado & sellado, com a chapa & sello do Grão Turco, em que em seu nome concedia as vidas aos que estauão no baluarte da villa dos Rumes,& que os deixaria ir liuremente pera a fortaleza, sem dano, nem defeito algum em suas pessoas. Chegado o formão o leuou Antonio Faleiro a mostrar a Francisco Pacheco, q̃ lhe pareceo necessario ir elle em pessoa verse com Cogeçofar como fez: & ambos assentarão que lhe entregasse o castello, & que se fosse pera a fortaleza, indo todauia elle Francisco Pacheco primeiro verse a Galé com o Baxá,& dar lhe a obediencia como rendido, & que todos os companheiros se porião da outra banda da cidade, & que de lá se poderião ir pera a fortaleza liuremente.

Assentado isto ao primeiro dia de Outubro, auendo vinte que sustentauão o cerco, sayosse Francisco Pacheco da fortaleza com alguns companheiros, & Cogeçofar o encaminhou pera o Baxá,mandando com elle vm Sangiaco. Frãcisco Pacheco, & alguns que com elles forão se embarcarão com grande dór & magoa de seus coraçoens,por se verem chegados ao mais infelice estado, em que vm peito valeroso se podia ver. Francisco Pacheco foi metido em vm batel pera ir ao Baxá, & com elle vm Gonçalo d'Almeida seu parente

rente, & o Antonio Faleiro pera lingoa. Chegados á Galé, foi Francisco Pacheco leuado ao Baxá, diante de quem se presentou com vm rosto taõ descontente, que bem mostraua a dór & magoa que leuaua no coraçaõ de se ver chegado aquelle estado: & humilhandosse honestamente, lhe apresentou o seu saluo conduto, pedindolhe o comprisse como era obrigado por ley da guerra, & o deixasse com todos seus companheiros passar pera a fortaleza. O Baxá o recebeo com muita honra, & lhe mandou dar logo hũa fermosa cabaya, & lhe confirmou o saluo cõduto, cõ condiçaõ q̃ senaõ iriaõ pera a fortaleza em quanto durasse o cerco, & que estaria na cidade em casas que lhe mandaria dar a tè ver o fim d'aquelle negocio. Com isto o tornou a mandar a Cogeçofar: com ordem que os puzesse na cidade com grãde resguardo & vigia. Francisco Pacheco vẽdo q̃ em parte lhe quebrauaõ os partidos cõ q̃ se entregara, arrepẽdeosse do q̃ tinha feito, por que receou mais mal. A alguns homẽs d'aquelle tempo ouuimos dizer, que Francisco Pacheco se negociara mũy mal nesta entrega: por que já que se naõ quisera recolher como lhe Antonio da Sylueira tinha mandado dizer, podera preitearse com os imigos, cõ condiçaõ q̃ lhe puzessem hũa fusta ao pé do baluarte pera se embarcarẽ nella, & que leuãtassem o campo de sobre o castello em coanto o faziaõ, & que asi seguraua a vida de todos, por q̃ tudo lhe auiaõ os Turcos de cõceder, pello que lhes importaua auer aquelle castello ás maõs, & o principal pella muita gente q̃ sobre elle perdiaõ, por que pera Turcos & Mouros, que per natureza saõ falsos, & fementidos, ha mister grandes cautelas.

E tornando à nossa ordem. Em quanto Francisco Pacheco se foi apresentar ao Baxá, ficaraõ os Portugueses que com elle se sairaõ, no exercito: & alguns ainda ficaraõ na fortaleza: Os Ianiçaros sofregos do saco do castello, naõ aguardando que se destapassem as portas, ajuntandosse coatrocentos delles, remeteraõ cõ as paredes, & pellos dentes dellas vns, & outros por traues, que encostaraõ; sobiraõ acima com grandes estrondos, & remeteraõ logo com a bãdeira de Christo (que ainda estaua aruorada em cima do castello) & a deitaraõ no chaõ, & naquelle lugar poseraõ hũa vermelha muito grãde, com as insignias do graõ Turco. Os nossos que estauaõ ainda no castello, vendo aquelle desprezo feito áquella insignia de nossa redençaõ, mouidos da honra de sua religiaõ, sairaõ seis, de que era cabeça Ioaõ Pirez, homem de mais de sessenta annos, mũy grãde caualeiro, & como doudos remeteraõ cõ os Turcos, & leuãdo Ioaõ

Pirez

Pirez a bandeira de Christo nas maõs a tornou a pór no seu lugar, & deitou pello chaõ a dos Turcos, de que elles tomados acodiraõ a isso, & começaraõ a ferir nos seis, & elles com grande animo nelles, ateandosse hũa muito aspera, & muito desigual briga. Insistindo os Portugueses tanto em terem a sua bandeira em seu lugar, que com lha arrancarem tres vezes, outras tantas a tornaraõ a aruorar, fazendo sobre isto marauilhas nas armas, naõ lhes deixando ver aquelle grande zelo da honra de Deos, o notauel & certo perigo a q̃ se punhaõ contra tantos, & em parte que naõ podiaõ ter soccorro humano, andãdo antre os Turcos como lioens brauos (do que elles mesmos estauaõ pasmados.) Os da fortaleza grande bem viaõ aquelle aleuantar, & abater, hora de hũa, hora de outra bandeira, mas naõ sabiaõ o que seria, por que naõ tinhaõ nouas do que era passado, pello q̃ estauaõ em grande confusaõ. Ioaõ Pirez & os mais andauaõ mũy acesos na batalha contra os Turcos, de que tinhaõ mortos alguns: mas todauia andauaõ já todos com muitas feridas, ferrados sẽpre na bãdeira de Christo, pera que estiuesse aruorada: do que enuergonhados os Ianiçaros, (vendo que só seis homens lhes dauaõ tanto que fazer) carregaraõ todos sobre elles, & os apertaraõ tanto, que os atassalharaõ: o que elles antes quiseraõ que verẽ com seus olhos tamanha offensa feita á cruz de Christo.

Mortos estes seis animosos & esforçados caualeiros, a bandeira dos Turcos foi logo aruorada, sem se mais mudar, (o que se notou da fortaleza) mas como naõ sabiaõ o que la ya naõ o souberaõ determinar. Os Mouros como ficaraõ escandalizados d'aquelles caualeiros & martyres de Christo, lançaraõ os seus corpos da torre abaixo da banda do már enchendo a maré: cousa marauilhosa, que querẽdo logo Deos mostrar quaõ aceito fora diante delle, aquelle grande amor & zelo de sua honra, no mesmo instante que os corpos tocaraõ na agoa, refreando o mar seu curso, indo pera cima com grande furia, tornou logo com outra tamanha a decer pera baixo, que leuou aquelles corpos juntos a tẽ os pór todos na porta da couraça, & depois de os ter juntos neste lugar seguro, tornou a maré a continuar o seu curso ordinario. Era isto a hora de meyo dia. Foraõ aquelles corpos vistos de cima do baluarte, & acodindo Antonio da Sylueira os mandou recolher dentro, notando todos o milagre taõ euidente, sem saberem o que tinha acontecido. Dali foraõ leuados á igreija com grande honra, & enterrados todos juntos em hũa coua defrõte do altar mór da capella

pera fora: & de crér he, que suas almas sobiriaõ triunfantes diante da diuina Majestade, onde receberiaõ a gloriosa coroa de martyres. E se he verdade, (como os Doutores affirmaõ) que naõ só a pena faz o martyr, se naõ tambem a causa (por que pera ser perfeita rezaõ de martyrio, naõ basta morte, mas tambem vontade) logo pois, tudo isto concorreo nestes nossos martyres de Christo. Com muita rezaõ os podemos nomear por esses: & mais quando taõ claramẽte mostraraõ morrer por honra de sua fé. E nós tambem nomearamos a todos estes seis neste lugar, se lhes acharamos seus nomes, sobre o que trabalhamos bem. A estes descuidos já naõ ha remedio, mas trabalharemos de os emendar em nossos tempos, cõ segurarmos, que todo o que merecer nome na historia, o naõ perca nesta nossa.

E tornando a continuar com Antonio Faleiro, ficou na Galé com o Baxá, muito seu mimoso: & logo em se saindo Francisco Pacheco, lhe mandou o Baxá, que escreuesse hũa carta em seu nome, que o mesmo Baxá notou, & mandou a Cogeçofar que fosse ter com Francisco Pacheco, & lha fizesse asinar, & fizesse ir a bom recado a tẽ defronte da fortaleza ao mesmo Antonio Faleiro, & que leuasse a carta a Antonio da Sylueira, & falasse com elle, & o persuadisse a lhe entregar a fortaleza, & que nas promessas naõ fosse auaro: mandando a Cogeçofar que estiuesse presente as praticas pera ser testemunha dellas. Foi cousa espantosa, que logo na fortaleza se começou a dizer (sem auer quem tal soubesse) que Francisco Pacheco auia duas ou tres noites que ya falar com os ditos capitaens Turcos: & outras particularidades desta calidade: que depois se affirmaraõ ser asi, como foraõ adiuinhadas.

CAPITVLO IIII.

Que contem o teor de hũa carta que o Baxâ escreueo a Antonio da Sylueira, em nome de Francisco Pacheco: & do que passou na falla que teue com Antonio Faleiro, & da reposta que lhe deu. E de como os Turcos assentaraõ suas estancias, & começaraõ a bater a fortaleza.

ESTANDO Antonio da Sylueira muito triste & malenconizado todo aquelle dia, sem saber o que era socedido no baluarte, mais que entenderse estarem os Turcos senhores delle, sem saber o como

o como: ao outro dia que foraõ dous do més de Outubro ás dez horas do dia, apareceo á vista da fortaleza Antonio Faleiro, em meyo de coatro Ianiçaros, vestido em hũa cabaya d'escarlata com muitos alamares de fio d'ouro, & na cabeça turbante a modo Turquesco: & bradando aos do baluarte de Gaspar de Sousa, disse q̃ trazia hũa carta de Francisco Pacheco pera o capitaõ, que logo mandou pór vm d'aquelles Ianiçaros q̃ chegou ao pé do baluarte, & a atou a vm cordel q̃ de cima lhe lançaraõ, & tornousse afastar. Gaspar de Sousa a mandou ao capitaõ, & elle ficou á falla com o Faleiro, que lhe disse, que Francisco Pacheco & Cogeçofar estauaõ ali perto esperando pella reposta: & ali lhe contou o modo de como se entregaraõ, & de como o Baxá os recebera com honras, engrandecendo muito sua authoridade, prudencia, liberalidade, & outras partes que elle naõ tinha: contandolhe o grande poder que trazia, dizendolhe que o bom seria entraré tambem em algum partido com elle, & entregarlhe aquella fortaleza, por que naõ era posiuel poderse defender a tantos & taõ poderosos canhoens, & feroses bazaliscos: & que o Baxá estaua apostado a fazer tudo o que lhe o capitaõ pedisse. Gaspar de Sousa tanto que aquillo ouuio, logo entendeo que era velhaco, & que fora nos tratos, o que todos sospeitaraõ delle: & com muita paixaõ & colera lhe disse: que era vm fraco traidor, & couarde, & que dissesse ao Baxá, que onde vira elle vm capitaõ como Antonio da Sylueira, que tinha vns testiculos tamanhos como os de vm touro, entregar a fortaleza que tinha em seu poder a vm Eunuco como molher, fraco, sem fé, nem palaura, & que se mais lhe dizia sobre aquillo algũa cousa, que o mandaria espedaçar com vm camelo: com isto se callou. A carta foi leuada ao capitaõ, que a naõ quis abrir se naõ presentes todos os fidalgos & capitaens, de que se encheo toda a casa: & mandandoa lér, sem a querer tomar na maõ, viraõ que dizia asi.

Senhor, forçado da necesidade me entreguei ao Baxá Soleimaõ, com segurança das vidas & liberdades, de que nos passou vm saluo cõduto, com o sello do graõ Turco, contentandosse com lhe largarmos o baluarte, & que lhe fossemos á sua Galé dar a obediẽcia: o que fiz, & leuei comigo Antonio Faleiro, & Gonçalo d'Almeida, & elle nos fez muitas honras & merces, & nos tornou a confirmar o saluo conduto com condiçaõ q̃ nos naõ iriamos pera a fortaleza, em quanto o cerco durasse: por q̃ como determinaua de se naõ leuantar de sobre ella sem a tomar: naõ queria que a fossemos ajudar

a defender. Efte homem tras muito grande poder,& tem mandado defembarcar grande foma de bazalifcos, & outras peças grofsifsimas: & informado da pouca gẽte que eftá neffa fortaleza,& da falta da agoa,& mantimentos,& moniçoens, defeja de naõ chegar ao cabo com a guerra,& de auer algum meyo pera efcufar tanto dano:pello que fenhor vos peço ajaes bom confelho,& que lhe entregueis effa fortaleza com toda a artelharia, que elle vos dará embarcaçoens em que todos vos poffais ir pera Goa liuremente.

Antonio da Sylueira tanto que ouuio falar na entrega da fortaleza,naõ deixou ir mais por diante a carta (por que ainda era mayor) & perguntando aos que eftauaõ prefentes que era o que diziaõ áquillo? refponderaõ todos a hũa voz,que fobre a mais pequena pedra d'aquella fortaleza, perderiaõ mil vidas fe tantas tiueffem. Antonio da Sylueira com grande aluoroço os abraçou a todos: & logo na mefma carta (que naõ quis que lhe ficaffe) mandou refponder o feguinte.

Pera capitaõ que tanto me engrandeceis, ouuera de comprir cõ vofco milhor o faluo conduto que vos paffou,dos partidos com q̃ vos entregaftes: mas naõ me efpanto de fer falfo,& mentirofo, quẽ tem por ley & natureza naõ guardar verdade: De vos fi,que taõ liurémente me aconfelhais hũa coufa taõ longe da que eu tenho em meu coraçaõ: por que naõ fó cuido de lhe defender efta fortaleza, mas de o ir desbaratar dentro em feus exercitos. E vos naõ fejaes mais oufado, a me efcreuer femelhantes coufas, por que a todos os que vierem com voffo recado, mã darei efpedaffar às bombardadas. E cerrando a carta lha mandou lançar do baluarte abaixo, & foi leuada a Antonio Faleiro, que fe foi ajuntar com Cogeçofar, & cõ Francifco Pacheco, & todos fe foraõ à Galé,& leuaraõ a repofta ao Baxá,que fe ouue por muito afrõtado das palauras com que o trataõ. E afsi com aquella ira mãdou meter a banco das Galés a Francifco Pacheco, & a todos os mais que foraõ da villa dos Rumes, que feriaõ muito perto de feffenta peffoas, em que entrauaõ alguns Chriftaõs da terra.

As nouas defta carta do Baxà correraõ pella fortaleza, & naõ fó na gente nobre, mas ainda na popular, a tè nas molheres, caufou tamanha ira & furor, que defejauaõ de irem cometer os imigos, dentro em fuas eftancias. O Baxá mandou logo trazer toda a artelharia que tinha deixado em Madrefaual,que foi trazida com grãde trabalho de muita gente da terra em juntas de bois,& foi paffada á ilha em grandes barcaças: & o cargo de meftre do campo deu a

Icuf: & o da artelharia a Hamede Baxá com dous mil Turcos: & a Cogeçofar com toda ſua gente q̃ eraõ treze mil homens deu o cargo de general ſobre elles: por que elle ficaua na ſua Galé: aſsi por que era muito velho, como por que era muito couarde, & naõ ſe queria pór a algum riſco. Icuf aos coatro de Outubro plantou ſua artelharia ſobre a fortaleza de már a már, em ſeis lugares, por onde pós as peças todas por eſta maneira.

Na ponta da terra que fica defronte dõde oje eſtá ſituada a igreja de ſaõ Domingos (& onde ſe vé vm fermoſo piramide que ali ſe pós depois pera memoria, que ſerá pouco mais de trezentos paſſos pella eſquadria) poſeraõ hũa colobrina, que lançaua pilouro de ferro coado de pezo de ſeſſenta & cinco liuras, & dous pedreiros, vm de pilouro de trezentas liuras, & o outro de duzentas: vm paſſa volante, & hũa colubrina de pilouro de cento & cincoenta liuras: vm bazaliſco mũy grãde, duas aguias, dous lioens, & outros canhoens pequenos.

Em outro lugar q̃ fica naquelle alto, que eſtá ſobre o jogo da bolla, a pouco mais de oitenta paſſos da fortaleza, poſeraõ dous bazaliſcos, vm paſſa volante, duas aguias, dous lioens, & outros canhoens menores, & vm temeroſiſsimo quartao, pera com elle arruinar a ciſterna, que leuaua pilouro como vm fardo d'arroz.

A diante pera a banda do már, de fronte do baluarte ſaõ Thome, aſſeſtaraõ dous bazaliſcos, duas aguias, vm ſacro, vm mortarro de coatrocentas liuras de pilouro, & outros canhoens.

Naquella parte em que depois ſe fundou a Ermida de noſſa Senhora, que era o lugar da forca: plantaraõ dous bazaliſcos, duas aguias, vm eſpalha fato, hũa colubrina de cem liuras de pilouro, & outros canhoens: & aſsi por eſta maneira correraõ com as outras duas eſtancias, a tè cingirem toda a frõtaria da fortaleza: de ſorte que em todas eſtas eſtancias auia cento & dez peças de artelharia, ſem ſe bolir em algũa das Galés, por que toda eſta vinha de ſobre celente nos Galeoens. Por eſtas ſeis eſtancias ſe repartiraõ coatrocentos bõbardeiros, Eſclauoneſes, Vngaros, Venezeanos, & de outras naçoens. E depois que ſe fortificaraõ & fizeraõ ſeus repairos, baſtiaens, & mantas, aſſentaraõ ſeus exercitos antre eſtas eſtancias, & a fortaleza, naquella parte a onde eſtá o jogo da bolla, que ficaua mais baixa: de ſorte que por cima delles jugaua toda a artelharia d'aquella parte, & ali ſe fortificaraõ de vallos, trincheiras, & cauas: o que tudo fizeraõ aquella noite com perda & dano de muitos dos ſeus: por que dos noſſos baluartes, em o ſintindo, deſpararaõ nelles toda

a noite ſua artelharia.

Ao outro dia pella menham ſe viraõ todas as eſtancias plantadas: & fortificadas com muito boa ordem,& com ellas começaraõ logo a dar a primeira ſalua á fortaleza com tamanho eſtrondo & terremoto, que parecia que o mundo ſe desfazia em coriſcos & trouoẽs, eclypſandoſſe o ſol com a eſcuridade, & eſpeſſura das nuuens do fumo,com que deixaraõ de ſe ver vns aos outros. Os pilouros faziaõ pellas ameas do muro taõ grãdes terremotos,que parecia que todos os Cycoples infernaes eſtauaõ nellas martelando, mas nada deſtas carrancas eſpantou os noſſos,por q̃ deſprezãdo tudo acodiaõ a repairar com muita preſteza algũas partes arruinadas, reſpondendolhes tambem com ſua artelharia que ſe deſparou em todas as eſtancias, em que lhes mataraõ & feriraõ muitos. Antonio da Sylueira como capitaõ animoſo corria a todas as partes, pera ver com o olho o de que tinhaõ neceſsidade, pera logo mandar prouer. No baluarte de Gaſpar de Souſa (por onde os Turcos tinhaõ determinado de dar o aſſalto, por eſtar fora da caua) poſeraõ elles muita força, batendoo de tres eſtancias, por q̃ determinauaõ de o arraſar: por q̃ eſte de nenhum outro trauez podia ſer ſoccorrido, & ajudado, ſe naõ ſe foſſe do baluarte do már, de que era capitaõ Antonio de Souſa. Eſte capitaõ tanto que vio começar a bataria, mandou apontar todas as peças no exercito imigo,que lhe ficaua pella banda do már vm pouco deſcuberto, começandoo a bater rijamente, fazendolhe muito grande dano. Os Turcos acodiraõ logo áquellas partes, & fizeraõ repairos,pera naõ ſerem por ali taõ offendidos.

A bataria foiſſe continuando naquelle baluarte de Gaſpar de Souſa, em q̃ ſe deſcarregou aquella tempeſtade & multidaõ de bazaliſcos, ſaluagens, lioens, aguias, com que lhe arraſaraõ (neſta primeira moſtra) todos os altos, ameas,& contra ameas, cegãdolhe as mais das peças, que era o que elles pretendiaõ, quebrandolhe vm camelete em muitos pedaços, & a boca a vm fermoſo liaõ. E naõ querẽdo deſiſtir d'aquelle negocio a tè naõ derribarem todo o baluarte pello chaõ,mandaraõ reuezar a bataria, alternandoa duas vezes,aſsi aquelle dia todo, como a noite ſeguinte: em que por cõta dos de dentro a tiraraõ duzentas & corenta bombardadas. Em todo eſte tempo naõ ouue poderem tomar os noſſos vm pequeno de repouſo: por que repartidos todos pello trabalho acodiraõ a repairar,& reformar as ruinas que eraõ muitas.

Ao outro dia tornaraõ á bataria pella meſma ordem, em que acabaraõ de arraſar o baluarte a te

o entu-

o entulho,ficando as peças da artelharia todas cegas, & elle descuberto por todas as partes,quebrandolhe mais vm saluagẽ de ferro, & outras peças miudas. Entendẽdo Antonio da Sylueira, que por aquelle baluarte pretendiaõ darlhe o assalto, deu ordem a todos os capitaens das outras estancias,que no tempo do cometimento o mãdassem soccorrer cõ a milhor soldadesca que tiuessem. E logo mãdou acarretar pera o pé do baluarte muita madeira, & pedra, pera o fortificar,& renouar,prouendo de muitas lanças de fogo,panellas de poluora,& de outros petrechos de guerra pera sua defensaõ. Pondo por todo elle muitas tinas cheas de agoa,& ordenou pipas, & cestoens cheos de terra,que se poseraõ á roda do baluarte pera repairo. Os imigos vendo que só em dous dias poseraõ aquelle baluarte naquelle estado,ficoulhes esperanças de o arrasarem de todo, & mandaraõ continuar a bataria,& bater a cortina do muro com oito peças juntas, o q̃ se fez por mais cinco dias continuos,em que derribaraõ hũa grande parte do muro,q̃ ya fechar no baluarte saõ Thome,que ficou de feiçaõ,que se via a fortaleza toda por dentro, & o trauez do baluarte foi tambem derribado por algũas partes,& cegas as peças que delle jugauaõ. D'aquella parte do baluarte que se derribou cayo tãta pedra & calissa pera fora, q̃ lhe ficou vm entulho que chegaua atẽ cima, por onde muito bem se podia sobir. Ficaua esta rotura do muro muito perto do baluarte de Gaspar de Sousa, que acodio a repairar tudo o milhor que pode,cõ muito grande risco,& trabalho de todos.

Esta noite chegou á fortaleza o catur de Miguel Vaz, em que vinha dom Duarte de Lima,que foi recolhido pella couraça, & recebido do capitaõ com grandes honras. Delle soube como o mandaua o Visorrey ver o estado em que aquella fortaleza estaua,por que cõ a certeza do q̃ lhe dissesse se auia de aballar, por q̃ ficaua ja no már, com hũa muito poderosa armada. Com isto ficaraõ todos muito alegres, & toda a noite passaraõ em festas,& folias. E ao outro dia se embandeirou a fortaleza,asi pera darem a entender aos Mouros o pouco que os temiaõ,como porque soubessem que esperauaõ pello Visorrey.

CAPITVLO V.

Do primeiro assalto que os Turcos deraõ ao baluarte de Gaspar de Sousa, & do que nelle passou.



VENDO Antonio da Sylueira o baluarte de Gaspar de Sousa arrasado, acodio ao fortificar com hũa grossa

grossa parede pella banda de dentro, que logo começou a fazer cõ muita pressa de noite. Isto foi sintido dos imigos, que por naõ darẽ tempo aos nossos de se repairarẽ, bateraõ toda a noite o baluarte, fazendo nelle grande dano, matãdo, & ferindo alguns dos nossos, que andauaõ na fabrica da parede: por que os muitos pilouros que chouiaõ sobre o baluarte, naõ dauaõ lugar pera se correr com a obra. Mas Antonio da Sylueira, que cõ o seu grande intendimento, andaua traçando modos, pera contra os ardis dos Mouros, mandou que cõ muito silencio se corresse ali com a obra, & que no pano se batesse com muitos picoens, & se fizesse grande estrondo, pera que os imigos acodissem ao som das pancadas, pera asi darem algum folego aos que corriaõ com a obra da parede: o que lhe naõ sayo em vaõ, por que como a noite era muito escura, & elles naõ viaõ a onde a tirauaõ, assestauaõ as peças da artelharia ao tom do trabalho dos picoens: & asi ficaraõ correndo cõ muito silencio na obra da parede, que começou a crecer, indoa fabricando pella borda do baluarte de pedra & barro, & aquella noite a poseraõ em altura de vm homem, & taõ larga, que com hũa escada q̃ fizeraõ pera a seruintia, ficaua tomando a terça parte do baluarte, com o que ficou por entaõ seguro, & defensauel.

Ao outro dia tanto que amanheceo, que os imigos viraõ a obra feita ficaraõ como pasmados, & sem embargo disso determinaraõ de dar aquelle dia vm assalto pella rotura do muro: & delle encomendaraõ a dianteira a setecentos Ianiçaros, debaixo das bandeiras de Beran can, & Mamede can: que em dous escoadroens foraõ remetendo com o muro. Os dianteiros que começaraõ a sobir pellas roinas, foraõ cincoenta Ianiçaros, armados de todas as armas. No mesmo tempo se começou á bataria em roda da fortaleza, pera diuirtirem os nossos, & pera ficar aquella parte mais fraca, & com menos esperança de soccorro. Os diãteiros com grande oufania & arrogancia, cometeraõ a sobida, auẽdo que d'aquella feita leuariaõ a fortaleza nas vnhas: mas Gaspar de Sousa deixando o baluarte prouido, tomou alguns companheiros que pera isso escolheo, & acodio áquella parte com algũas lanças de fogo, & panellas de poluora, & chegando os Ianiçaros a pór as maõs no muro, dando nelles os fez virar de pernas acima, leuando a pos si outros. Os capitaens Turcos q̃ estauaõ ao sopé do muro, vendo vir aquelles mandaraõ outros: & asi foraõ ceuãdo aquelle lugar: por que como se vazaua dos que os de cima derribauaõ, logo se enchia de outros, que parecia que á porfia yaõ buscar a morte, que

te, que lhes naõ tardaua mais, que em quanto o ferro Portugues lhes naõ chegaua.

Os Turcos vendo a grande resistencia que nos de cima achauaõ, começaraõ a perder o brio & soberba com que ali chegaraõ, (porque auiaõ que tudo se lhes desempararia em elles chegando.) Isto lhes sayo bem ao reuez: por que os de cima, quantos mais dos imigos recreciaõ, tanto mais se lhes dobraua o animo, forças, & alento. Gaspar de Sousa deu aqui hũa grã de proua de seu muito valor & esforço: por que em quanto durou o assalto, sempre se apresentou no mayor perigo diante de todos os seus, fazendo taes obras, que obrigaua a todos ao imitarem. Dom Duarte de Lima (que tinha chegado aquella noite) quis ser testemunha de tudo, pera informar de vista ao Visorrey, & posto diante de todos, fez cousas bem dinas de serem mũy particularizadas: o que a nossa historia naõ sofre, por que se de todos o ouueramos de fazer, sem duuida, que pera cada vm dos que neste cerco se acharaõ, ouuera mister muitos capitulos: & por isso naõ faremos mais que nomealos, por que pello discurso do cerco se verá bem a gloria que se deue a cada vm, & a todos.

Antonio da Sylueira chegou áquella parte, acompanhado d'alguns fidalgos que o seguiaõ (que elle chamaua pera se aconselhar nas cousas arduas.) E foi passando por todos pera se pór no lugar da defensaõ, por que lhe naõ sofria o animo ver os seus em perigo, & elle ficar de fora: mas os que yaõ com elle o detiueraõ, dizendolhe, que naõ era aquella sua obrigaçaõ, & que lhe naõ auiaõ de consentir arriscarse a perigo algum, por que nelle estaua o remedio d'aquella fortaleza: & q̃ em quanto o vissem viuo pelejariaõ todos com as tripas em hũa maõ: & com a espada na outra, o que seria ao contrario, se lhe acontecesse desastre. Antonio da Sylueira deteuesse entaõ no baluarte prouẽdo d'ali nas cousas necessarias. Os nossos que estauaõ ao encontro com os imigos, fizeraõ nelles tamanho estrago, que de já naõ poderem os Turcos ver tanto, arrancaraõ do exercito com todo o poder, & chegaraõ a fauorecer os seus com tamanho estrepito & roido, q̃ atroauaõ os ares, com que espantauaõ as aues do ceo.

Aqui foi a reuolta muito grande, por que os imigos como magoados trabalhauaõ por entrarem a fortaleza: & os nossos como quem em sua defensaõ estaua seu remedio, faziaõ marauilhas pola naõ deixarem entrar. Ali acodiraõ de refresco Lopo de Sousa Coutinho, Manoel de Vasconcellos, & outros fidalgos, & caualeiros: & pediraõ aos que estauaõ no lugar da defensaõ, que descansasẽ

vm pouco, que elles ficariaõ ali atè tornarem o que alguns naõ quiseraõ fazer, & outros quasi por força por se irem curar de muitas feridas que tinhaõ. Em fim os nossos trataraõ os imigos de feiçaõ, q̃ quantos mais sobiaõ, tantos mais tornauaõ a voltar feitos pedaços, leuando outros a tè baixo a pos si. Durou este assalto a tè o meyo dia que se retiraraõ os imigos pasmados de verem taõ poucos homens fazer tamanhas marauilhas, blasfemando de Mafamede, auendo q̃ elle era o q̃ os castigaua por maős de taõ poucos.

Os nossos vendosse desaliuados recolheraõ os feridos q̃ eraõ muitos, custando so as vidas a dous. O capitaõ mandou repairar aquelle lugar com muita presteza, no que trabalharaõ o que restou do dia, & toda a noite, sem tomarem repouso. Os Mouros cheyos de ira & furor do mao socesso passado, tornaraõ a redobrar a bataria naquelle lugar pera o acabarem de arrasar, insistindo, em que por ali auiaõ de entrar a fortaleza, & assi o bateraõ que tornaraõ a deitar por terra tudo o que se renouou. Aquella noite pedio Antonio da Syluelra a dom Duarte de Lima, que se tornasse com o recado, do que vira, ao Visorrey, pois esperaua por elle, pera que se apressasse, escreuẽdolhe hũa breue carta, em que se reportaua a elle. Dom Duarte de Lima se embarcou contra sua võtade, por que desejou de ficar na fortaleza: & com grande vigia nas Galés sayo pella barra no coarto da modorra, & foi seguindo seu caminho.

Ao outro dia pella menhã, chegou a armada, hũa das naos q̃ eraõ desaparecidas, em q̃ vinha o Armiraglio, q̃ trazia muitas vitualhas. Cõ sua chegada, por lhe fazerem festa, quiseraõ os imigos dar outro assalto á fortaleza, & assi sairaõ de seus exercitos, com suas bandeiras desenroladas, & remeteraõ com a quebrada do muro, por onde começaraõ a sobir, como homẽs magoados, & desesperados, a receberẽ a morte das maős dos de cima, q̃ os esperaraõ cõ muito animo pera lha darem: & assi os escandalizaraõ este dia, que a pezar seu os fizeraõ afastar com tanto ou mayor dano que o passado. E por naõ particularizarmos tãto, q̃ enfastia: tres vezes cometeraõ este dia o assalto, achando de cada hũa mayor desengano nos nossos, & assi tornaraõ a sua bataria, cousa que os de dentro mais sintiaõ que os assaltos: por que nelles naõ faziaõ mais que matar, & derribar nos imigos, com tanto gosto, que elle lhes fazia parecer o perigo muito leue: mas na bataria andauaõ occupados no repairar, & renouar, sem poderem tomar por suas maős vingança, de quem lhes daua aquelles trabalhos.

CAPITVLO VI.

Do grande medo que deu no Baxâ, tanto que soube que o Visorrey ficaua pera o ir buscar. E da contagiosa infirmidade que deu em todos os da fortaleza: & do valor cõ que as molheres acodiraõ aos trabalhos da fortificaçaõ.



O BAXA que estaua no már, tanto q̃ entrou dom Duarte de Lima na fortaleza (pello aluoroço que nella ouue, & por tambem os nossos lho dizerem de noite de cima do muro) soube logo de como o Visorrey ficaua no már pera o ir buscar: pello que se passou d'aquelle porto, (por que tambem nelle os Noroestes lhe dauaõ trabalho) & se foi pera a outra parte da terra firme, da banda de Gogala, por que ficaua mais abrigado. E como era homem fraco, & acouardado, mandou aferrolhar logo todos os Christaõs, & passousse da Galeaça em que estaua pera a Galé bastarda por ser muito ligeira, & mandoulhe tirar o toldo & vela, que era todo quarteado, diuisa pera ser conhecido no mar, & mandou a guarnecer de velas brancas, por que se naõ soubesse em qual das Gales estaua: deixando a sua bandeira & diuisa na Galeaça: & mandou guarnecer as Galés todas de arrombadas, & padezes fortes, por que se viesse a armada do Visorrey (que elle naõ determinaua de esperar) estaria prestes, asi pera fogir, como pera pelejar, quando mais naõ podesse.

E por que naõ ficasse trabalho algum, que os da fortaleza naõ passassem, sobre veyo em todos hũa geral infirmidade da boca & gengiuas, com tamanha inchaçaõ & dores, que nem o arroz mole podiaõ mastigar: & era mũy grande lastima de ver & ouuir os gritos & ais das dores que padeciaõ. Este màl se causou da agoa q̃ bebiaõ da cisterna, que por necessidade se recolheo nella, com o betume & cal ainda fresca, o q̃ a corrompeo de feiçaõ, q̃ causou este mal tamanho em todos, mũy grande espãto, & medo: por q̃ se viaõ vns aos outros como mortaes, com as bocas abertas, estilando vm humor peçonhentissimo, como se foraõ mordidos de nociuas biboras, sem comerem, dormirẽ, nẽ tomarẽ repouso algum. Mas todauia nos rebates acodiaõ todos com vm feruor, & animo, que lhes fazia esquecer as dores que tinhaõ.

E como em todas as batarias matauaõ & feriaõ aos da fortaleza, começaua a faltar gente pera o trabalho da reformaçaõ das ruinas: do que mouidas as molheres todas com vm zelo honroso Por-

tuguez, ordenaraõ tomar á ſua cõta o trabalho manual das obras, pera que ficaſſem eſſes poucos homens que auia deſoccupados pera a defenſaõ da fortaleza. As autoras deſta obra taõ heroica foraõ Iſabel da Veiga, & hũa Ana Fernandez. A Iſabel da Veiga (que he a de quem ja falamos no capitulo primeiro do coarto liuro) que ſe naõ quis ir pera Goa, quando ſeu marido Manoel de Vaſconcellos a mandaua) foi filha de vm cidadaõ de Goa, nobre, chamado Franciſco Ferraõ, que foi juiz d'alfandega de Goa em vida, foi caſada com eſte Manoel de Vaſconcellos homem fidalgo, d'antre quẽ ficou no mundo grande poſteridade, & ampla geraçaõ: por que tiueraõ eſtas filhas: dona Luiza de Vaſconcellos, que foi caſada duas vezes: a primeira com Diogo de Meſquita, de quem neſta quinta decada, & na coarta falamos muitas vezes, que foi capitaõ de Cofala, de quem naceraõ Manoel de Meſquita, caſado na India, que faleceo ſem lograr a fortaleza de Chaul, de que era prouido: & dona Iſabel de Vaſconcellos, que tambem foi caſada duas vezes como ſua mãy: hũa com Ruy Diaz Cabral, filho de Fernaõ d'Aluarez Cabral, de que naõ ouue filhos: & a outra com Manoel de Miranda, filho de Diogo de Miranda, camareiro mór que foi do Cardeal dom Anrique: D'ãtre eſtes naceraõ muitos filhos, & filhas, que ſaõ viuos. A ſegunda vez foi dona Luiza caſada com Pantaliaõ de Sá, filho de Ioaõ Rodriguez de Sá do Porto: que foi capitaõ de Cofala, de que ouue hũa filha, que eſtá caſada em Portugal, que ſe chama dona Barbora de Meneſes, cõ Lourenço de Mello, filho de Chriſtouaõ de Mello, & de hũa filha do noſſo Ioaõ de Barros, a que chamauaõ dona Caterina. As outras duas filhas, que Iſabel da Veiga teue de Manoel de Vaſconcellos, foraõ dona Caterina caſada com Pero de Meſquita, & dona Ioana com Diogo Lopez de Meſquita de Guimaraens, que foi capitaõ de Maluco.

A outra matrona Ana Fernandez, que ſe ajuntou com eſta pera gouernarem as outras, foi caſada com vm Fernaõ Lourenço, Chriſtaõ velho, profeſſor da Surugia. Eſtas apellidando todas as mais, com ſeus ceſtos nas cabeças mũy alegres & contentes, começaraõ a carretar a pedra, terra, madeira, & outros materiaes, pera as obras, & repairos, que ſe faziaõ, que logo foraõ crecendo muito, ſintindoſſe ja dali por diante menos a falta dos doentes. Eſte ſeruiço faziaõ todas com hũa preſteza & alegria, que dobraua os animos a todos. E naõ contente Ana Fernandez com eſte exercicio, começou a exercitar outro de muito grande charidade, q̃ era, a todos os feridos que ſe yaõ

curar

curar a sua casa com seu marido, ella com suas proprias maõs lhes alimpaua as feridas, & fazia os fios, concertaua os vnguentos, & ainda os agasalhaua em sua casa, & lhes fazia as dietas, & daua as suas conseruas, & mimos, com tanto amor, como se todos foraõ seus proprios filhos. E naõ satisfeita ainda disto, sem tomar repouso, tanto que era noite, & que os agasalhaua, sayasse de casa encostada a vm bordaõ (por que era velha & pejada) & ya correr todas as estancias & baluartes, animando a todos, lembrandolhes suas obrigaçoens, & fazendoos estar prontos á vigia. E ainda passou mais adiante, que todas as vezes que auia assaltos acodia á parte em que pelejauaõ, & com vm animo varonil se metia em meyo de todos, animandoos, & persuadindoos a pelejarem pella fé de Christo. Algũas vezes acertou de ver pelejar alguns floxamente, & chegandosse a elles os reprendeo, & esforçou. E vendo hũa vez, ou duas que se yaõ vns escoando, & saindosse da batalha, cõ ira & menencoria os tomou pellos braços, & afrontandoos com palauras mũy honradas, os fez tornar a seus lugares. E assi trazia o olho nestas cousas, que nada deixaua de ver: & tamanho medo, & respeito, lhe tinhaõ já todos, que em ella chegãdo no tempo da briga, & leuantando a voz, se metia em meyo delles, chamandolhes filhos, & caualeiros de Christo, assi trabalhauaõ todos por lhe parecerem bem, & de se arriscarem nos lugares mais perigosos, como se pelejassem diante do seu Rey que os ouuesse de galardoar.

Tinha esta matrona vm filho de dezoito annos na fortaleza, chamado Francisco Mendez, muito bom caualeiro, & que sempre pelejou bem: andando ella neste assalto visitando os baluartes o achou morto de hũa espingardada pella cabeça: & muito inteira & constante o tomou nos braços, & o recolheo. E como se acabou a briga lhe fez dar sepultura, com hũa segurança, & sofrimento, que espantou a todos, naõ deixando de continuar cõ seu piadoso exercicio, encobrindo a dór & magoa, que em seu coraçaõ tinha, por naõ entristicer a todos que a amauaõ, como mãy. Desta maneira ficaraõ estas matronas continuando no trabalho de noite, & de dia: & em qualquer parte que por ellas chamauaõ pera algũa necessidade, logo acodiaõ com todo aquelle feminino escoadraõ, carregadas todas de materiaes, & de todas as mais cousas necessarias.

CAPITVLO VII.

De como os Turcos milhoraraõ ſuas eſtancias, a tè as porem â borda da caua.

ESCANDALIzados os Turcos dos aſſaltos paſſados, determinaraõ de naõ leuarem maõ da bataria, a tè naõ arraſarem de todo o baluarte de Gaſpar de Souſa pera entrarem por elle na fortaleza, no que poſeraõ toda ſua induſtria, & poder. E aſsi foraõ continuando a bataria com grande terror, & eſpanto alguns dias, em que tambẽ derribaraõ a igreija que eſtaua no meyo da fortaleza, no mais alto lugar della, que era vm edificio muito arrezoado, de tres naues, cõ hũa torre ſobre a porta, taõ alta, & quaſi tamanha como a antigua de ſaõ Vicente de fora em Lixboa, que ſe deſcobria toda de fora muito bem, & tudo arraſaraõ, & derribaraõ: no que acrecentaraõ nos Portugueſes mayor odio, & ira, deſejando de vingar aquella offenſa feita ao templo dedicado ao altiſſimo Deos. D'aquella eſtancia que os Mouros tinhaõ ſobre o jogo da bòla (de q̃ tambem batiaõ todos aquelles dias o baluarte de Gaſpar de Souſa) deſpararaõ aquelle temeroſo coartao, q̃ tinhaõ aſſeſtado por eſcoadria no lugar da ciſterna, que eſtaua a cargo de Roque de Nauaes, vm caualeiro honrado, que mandou com muita diligencia armar ſobre ella alguns andaimos fortiſsimos, pera que os pilouros embaçaſſem primeiro nelles que deſſem na abobada: o que foi parte pera ſe naõ arrombar de todo: poſto que alguns pilouros lhe deraõ, de que recebeo algum dano. O baluarte de Gaſpar de Souſa, foi batido de tres partes com tãta furia, que lhe arraſaraõ toda aquella parede que os noſſos tinhaõ fabricada. A iſto acodio logo Antonio da Sylueira, & mandou edificar outra mais forte pella banda de dentro, que tomaua tanto do baluarte, q̃ já lhe naõ ficaua mais que vm terço delle em que ſe recolheſſem.

A eſte ſeruiço acodio com muito feruor aquelle feminil eſcoadraõ, carregado de pedra, barro, terra, agoa, madeira, naõ lhes impidindo eſta obra, nẽ a grande quentura do ſol, de q̃ ellas naõ reſguardauaõ ſeus delicados caroens, nem o ſereno & eſcuridaõ da noite, nẽ os grandes & medonhos coriſcos, & tẽpeſtades da artelharia, cujos pilouros lhes zoniaõ & aſſouiauaõ pellas orelhas, ſem ellas mudarem paſſo, nẽ largarem o ſeruiço. Antonio da Sylueira receando que lhe tornaſſem a derribar aquella parede, & que o baluarte ſe perdeſſe, ordenou de fabricar pella banda de dentro hũa torre á maneira de caualeiro,

caualeiro, pera defensaõ da fortaleza.

Nesta obra (q̃ foi muito proueitosa) se poseraõ as maõs com muita diligencia. E por que começou a faltar pedra, mandou o capitaõ derribar algũas casas, o q̃ se fez com muita presteza, acarretando as molheres a pedra & madeira dellas, com o que a obra foi crecendo de feiçaõ, que em poucos dias se pós na altura do baluarte, com o que elle ficou seguro. Foi esta fabrica taõ necessaria, & importante, que parece q̃ Deos moueo o coraçaõ do capitaõ pera á ordenar: por que sem duuida ella foi a principal parte da defensaõ da fortaleza, & de os imigos a naõ entrarem. Em quanto durou este trabalho nunca Antonio da Sylueira se apartou do baluarte, a onde era sua estancia. E onde estaua sempre de dia, & de noite ao pé delle assentado em hũa cadeira, armado, mandando & gouernando tudo: & sempre com a bolsa aberta chea de dinheiro. que despendia muito liberalmente por todos: & assi deu tanto que lhe veyo a faltar: & soccorreosse á prata de seu seruiço, que toda cortou em pedaços com que fazia as pagas sem pezo nem conta. Esta foi hũa das grandezas que se notaraõ em Cesar, que mandaua pagar aos soldados ás maõs cheas de dinheiro, mandando que cada vm metesse a maõ em hũa alcofa que estaua chea delle, & que tomasse tudo o que elle podesse leuar, por que dizia, que d'outra maneira o enganariaõ na conta.

Os Turcos vendo derribada a segunda parede, & o baluarte taõ danificado que já se podia cometer, determinaraõ de milhorar suas estancias a tè as porem sobre a borda da caua: pera o que ordenaraõ grandes ballas de algodaõ, & vns fardos grandes de couros crús dobrados, muito redondos & compridos, cheos de terra. Depois de tudo isto feito, hũa noite os foraõ rolando, indo detras delles os Ianiçaros emparádos por amor da nossa artelharia & arcabuzaria: por que os nossos tinhaõ tamanha vigia, que em sintindo aquelle rumor, despararaõ pera aquella parte toda a moniçaõ, com q̃ lhes mataraõ & feriraõ muitos. Todauia elles foraõ por diante, a tè chegarem a dous fornos de cal mũy grandes, que os nossos tinhaõ feito perto da caua pera a obra da fortaleza, que por descuido ficaraõ em pé, cujas paredes ficauaõ sobre a terra altura de vm homẽ. E pondo aqui os fardos, entulharaõ os fornos com muita presteza: & de vm ao outro fizeraõ logo hũa grossa parede de terra & pedra, com o que ficaua vm grande & fermoso repairo, & por cima delle puseraõ as ballas d'algodaõ, sobre que armaraõ vns caualos grandes de madeira, forrados de

couros crús,q̃ pera aquillo tinhaõ feitos: com o q̃ ficou aquella estãcia quasi taõ alta como aquelle baluarte,apartado delle a largura da caua. Estes caualos tinhaõ muitas seteiras pera jugar a sua artelharia: & com muita arte & industria fizeraõ algũas profundas cauas pera a siruentia des do exercito a tè ali,por onde se seruiaõ de hũa parte pera a outra, sem serem vistos dos nossos, & por ellas trouxeraõ algũas peças de artelharia, q̃ plantaraõ contra o baluarte: & por fòra desta estancia abriraõ outra muito fermosa & larga caua.

Esta obra se fez toda esta noite, & no outro dia seguinte em que receberaõ assas de dano dos nossos que naõ estauaõ descuidados, antes vns pelejando,& outros fortificando, tambem gastaraõ todo aquelle tempo. Os Turcos tanto que acabaraõ as estancias, começaraõ a bater o baluarte de Gaspar de Sousa com grande furia & continuaçaõ. Tinhaõ os nossos aruorada hũa fermosa bandeira em cima da torre nòua, que o Baxá vio da Galé,& mandou dizer a todos os bombardeiros do exercito,que o que lha derribasse lhe daria liberdade,& sessenta cruzados, & vm vestido. Com este interesse lhe atiraraõ muitos, & vm delles que era Esclauones aos tres tiros deu com ella embaixo, ao que os Turcos deraõ grandes gritas,& fizeraõ muitas festas. A bataria foisse continuando a tè derribarem toda a parede q̃ de nouo tinhaõ feita,& parte do mesmo baluarte, cuja terra,calissa, & pedra, que cayo pera fora, fez vm entulho taõ alto como o muro, por onde naõ podiaõ bater no viuo, & todos os tiros embaçauaõ. Vendo Cogeçofar aquillo, mandou trazer das aldeas vizinhas muita gente inutil,por quem mandou furtar o entulho por baixo sem empàro algum, & por força, & às pancadas os faziaõ chegar ao trabalho, em que a mór parte pereceo: por que a espingardaria de cima,se empregaua nelles bem á vontade sem se perder tiro. Os Turcos em quãto se isto fazia,naõ desistiaõ da bataria dos outros baluartes, o q̃ naõ fizeraõ a seu saluo: por que do baluarte do már lhes fizeraõ sempre muito dano: por que os varejauaõ por hũa ilharga do exercito, & todauia o baluarte de Gonçalo Falcaõ ficou taõ arrasado,que por cima ficou descuberto todo, sem emparo algum.

CAPITVLO VIII.

Do grande, & geral assalto, que os Turcos deraõ â fortaleza, & dos espantosos casos que nella aconteceraõ.

Postos

POSTOS os baluartes no estádo em que dissemos, determinaraõ os Turcos de dar á fortaleza vm geral assalto. E vm dia pella menhã sairaõ de suas estancias com todas as bandeiras desenroladas, & remeteraõ com o baluarte de Gaspar de Sousa, cuidando que d'aquella feita se concluisse aquelle negocio. Os Ianiçaros que eraõ os dianteiros, começaraõ a sobir pello entulho com grande determinaçaõ & soberba, que se lhes quebrou, tanto que os de cima lhes poderaõ chegar & alcançar com o ferro, com que os cortaraõ de feiçaõ, que muita parte delles tornaraõ de pernas acima feitos pedaços, & abrasados das muitas panellas de poluora, que sobre elles lançaraõ. A bataria neste tempo naõ cessaua nas outras partes, pera diuirtirem os nossos. Gonçalo Falcaõ andaua em cima do seu baluarte, que estaua todo arrasado, & descuberto, mandandoo repairar, & fortificar: & como tinha ali seu fim limitado, o tomou vm pilouro de hũa bombarda pella cabeça, que logo lhe fez em pedaços. A morte deste fidalgo foi muito sintida de todos, pellas muitas partes que tinha, de conselho, esforço, & liberalidade, que em todo o tempo podera fazer muita falta, quanto mais naquelle em q̃ tanta necessidade tinha de homés d'aquella qualidade, por que nelles traziaõ todos os mais os olhos, & elles os faziaõ ousados, & confiados. No baluarte de Gaspar de Sousa foi a referta grande: por q̃ os Turcos yaõ sobindo com gran de determinaçaõ, vns pellas quebradas das paredes, & outros pello entulho, a tè chegarem a experimentar o dano que em cima lhes estaua aparelhàdo, por que os nossos asi os escandalizaraõ como a os primeiros.

Os capitaens Turcos vendo aquelle estrago, remeteraõ ao baluarte com todo o poder, lançando os Ianiçaros armàdos de armas brancas diante: que enuergonhados de verem tantos dos seus tornarem do mais alto feitos pedaços, desistimando a morte a foraõ buscar á porfia: trauandosse hũa cruel batalha, em que os do baluarte se viraõ em grande risco & aperto. Disto se deu logo rebate a Antonio da Sylueira, que estàua no seu lugar gouernando, & prouendo a tudo: & sabendo o trabalho em que estauaõ, mandou todos os que trazia em sua companhia, que acodissem lá, & o mesmo fizeraõ dos outros baluartes muitos fidalgos & caualeiros, que com vm grande odio, & desejo de vingança se poseraõ ao encontro dos imigos, começando a cortar por elles sem piedade. Mas como eraõ muitos, naõ lhes fazia falta os que lhe matauaõ: por que logo se

tornauaõ a encher os lugares de outros folgados, renouandoſſe o furor & ira em todos, por que vns por ſobir,& outros por lhe defender a ſobida faziaõ marauilhas, naõ tanto a ſaluo dos noſſos que n'aquelle conflicto lhe naõ mataſſem coatro,& feriſſem os mais delles: & antre eſtes deraõ a vm Ioaõ da Fonſeca muito bom caualeiro hũa eſpingardada pello collo da maõ direita,que lhe varou todo o ſangradouro, ficandolhe o braço dependurado: & como elle eſtaua com aquelle animo & furor, naõ fazendo caſo da ferida, nem lha entendendo os que eſtauaõ de tras delle,por que eſtaua diante de todos,mudou cõ muita preſteza hũa adarga q̃ tinha pera aquelle braço, & tomando a eſpada com a maõ eſquerda, fez com ella taes couſas,que ſe lhe naõ ſintio o defeito do outro braço, que elle trabalhaua por encobrir, acodindo de quando em quãdo com a maõ eſquerda a aleuantalo pera cima, por que tinha os oſſos quebrados, & com o pezo da adarga lhe caya ao longo da perna, & nunca eſta falta ſe lhe enxergara,ſe ſe lhe naõ ſaira, & vira o muito ſangue que delle corria,de que eſtaua o chaõ todo cheyo.

E como aquelle lugar em que pelejauaõ naõ era capaz de mais que de doze ou treze peſſoas, tinhaõ muitos que eſtauaõ de fora o olho no que ſe faria, pera o tirarem & ſe porem em ſeu lugar: Duarte Mendez de Vaſconcellos, que eſtaua detras delle, vendolhe correr tanto ſangue, & entẽdendo quaõ mal ferido eſtaua, & que ſó o eſpirito & confiança o detinha ali, puxando por elle lhe pedio ſe quiſeſſe ir curar, por que aſſas tinha dado proua de ſeu muito grãde valor & esforço: por que ſeria perda muito grande, acontecerlhe algum deſaſtre por diſsimular cõ as feridas: que depois lhe naõ faltaria tempo,& lugar, em que moſtraſſe ſeu valeroſo animo: Ioaõ da Fonſeca fez taõ pouco caſo d'aquillo,que ſem lhe reſponder,nem fazer mudãça algũa, foi continuãdo na briga com tanto furor, que fez paſmar a todos: & certo que parecia, que quanto mais ſangue delle ſe vazaua,tanto mais lhe creciaõ as forças & o animo. Duarte Mendez como eſtaua deſejoſo d'aquelle lugar,& todauia era grande magoa,ver vm taõ valeroſo mancebo,taõ arriſcado por ſe naõ querer ſair da batalha,tornou a puxar por elle, & a lhe rogar que naõ quiſeſſe inſiſtir naquella porfia, ainda que taõ honroſa, que ſe foſſe curar, que elle lhe guardaria o lugar a tè tornar, Ioaõ da Fonſeca virando o roſto lhe diſſe. Pediſme ſenhor bem grande ſem rezaõ: ſe eu tenho eſte braço eſquerdo ſaõ, & poſſo com elle menear eſta eſpada, como eide deixar o lugar, em quãto nelle naõ perder a vida?

& tornando à ſua defenſaõ, naõ pelejaua com furor de homem q̃ queria defender aquelle lugar, ſenaõ como quem parecia que ſe queria lançar dali em meyo dos imigos, pera de mais perto tomar delles vingança, do odio que lhes tinha, & ſatisfazerſe da dór da ferida. Todauia chegou áquelle tẽpo Lopo de Souſa Coutinho, q̃ vendo taõ honrada porfia, pedio a Ioaõ da Fonſeca que ſe foſſe curar, porque elle tinha já ganhado tanta honra, que naõ auia couſa algũa mais que deſejar: & que a mayor que tinha auido n'aquelle cerco, era a muito honroſa inueja, que todos lhe ficauaõ tendo. Ioaõ da Fõſeca vendoſſe importunado, & tẽdo reſpeito a Lopo de Souſa, ſayoſſe do lugar, em que ſe meteo Duarte Mendez, que trabalhou tudo o q̃ pode por ſe naõ ſintir nelle ſua falta, fazẽdo tais couſas, elle & todos, que tinhaõ paſmados os imigos, em que tinhaõ feito tamanho eſtrago, que já os mais delles cometiaõ a ſubida mais froxamente.

Sintindo iſto Antonio da Sylueira (que a todos os momentos era auiſado de tudo o que ſe paſſaua) mandou a Lopo de Souſa Coutinho, que com a gente que podeſſe ajuntar ſe deceſſe á caua pello baluarte ſaõ Thome, & que foſſe por fóra dar nos imigos, que elle confiaua em Deos, que auia de alcançar hũa grande vitoria. Lopo de Souſa ajuntou logo trinta & cinco ſoldados, & por eſcadas de cordas ſe lãçaraõ na caua, pera aquella parte que olha pera o már, donde naõ podia ſer viſto dos imigos, & com hũa reſoluta determinaçaõ arrebentou pella boca da caua fóra, dãdo Sanctiago nos Mouros, que eſtauaõ ao ſopé do muro do baluarte da porfia, bem deſcuidados de tamanha ouſadia. E com taõ grande eſtrondo os cometeo q̃ parecia que daua ſobre elles vm grande eſcoadraõ, começando a ſintir em ſuas carnes o ferro dos noſſos: & ſem o medo lhes deixar ver o pequeno numero delles, deſempararaõ o lugar, & foraõ fogindo pera as eſtãcias. Os que eſtauaõ em cima do entulho cometendo a entrada, tanto q̃ ouuiraõ em baixo o eſtrondo, & viraõ o deſarranjo com que os ſeus fogiaõ, ſem fazerem diſcurſo algum, mais q̃ aquelle que o medo, & deſejo de ſaluarem as vidas lhes repreſentou, ſem verem o riſco a que ſe punhaõ, ſe lançaraõ dali abaixo, vindo muitos eſpetarſe nas lanças dos noſſos, & os mais que eſcaparaõ foraõ taõ amedrontados, que dentro em ſuas eſtancias, naõ perderaõ ainda o medo que leuauaõ, ficando o baluarte deſapreſſado. Lopo de Souſa Coutinho tornouſſe a recolher á caua ſem dano algum, cõ grande gloria & honra daquelle feito: & mandou dizer ao capitaõ, que lhe parecia bem auer de contino

guarda

guarda naquella caua, pera impedirem aos imigos, que com pequenos assaltos naõ inquietassem os nossos: por que posto que entaõ lhes fosse necessario cometerem có mayor poder, & isto fosse mór perigo, & risco pera os nossos: todauia resultaria vm effeito de muita importancia, que era ficarlhes entaõ mais tempo pera se fortificarem, & que elle se offerecia pera ficar na caua. O capitaõ pondo aquelle negocio em conselho, assentousse ser muito necessario: & que todos os dias ficasse vm capitaõ na caua, & que de noite se recolhesse á fortaleza, por que de dia estauaõ nella seguros, por que era muito alta, & os imigos naõ podiaõ chegar á borda della pera os empesserem, que naõ fossem logo desbaratados dos de cima do muro. Com esta resoluçaõ mandou dizer o capitaõ a Lopo de Sousa Coutinho, que lhe agardecia muito aquelle conselho que lhe dera: & que fosse elle o que começasse aquella guarda: com o que Lopo de Sousa se deixou ficar todo aquelle dia, com agoa, & biscouto, q̃ de cima lhe lançaraõ, & como anoiteceo se recolheo á fortaleza. Ao outro dia teue outro capitaõ a guarda, & asi foraõ continuando, pondosse os nossos na boca della que era mais estreita, & poucos homens podiaõ defender a entrada, que os nossos tinhaõ sempre occupada, com as lanças enrestadas aos coartos. E quando auia algũa cousa lhe faziaõ de cima sinal, & daqui lhes sayaõ muitas vezes de traués, & sempre os escandalizauaõ como adiante se verá, de feiçaõ q̃ se refrearaõ em seus assaltos, & os nossos ficaraõ tendo mais algum folego pera se poderem fortificar, & remediar suas necessidades.

CAPITVLO IX.

De algũas cousas notaueis que aconteceraõ aos que vigiauaõ a caua: & de alguns assaltos que os Mouros deraõ â fortaleza: & de como minaraõ o baluarte de Gaspar de Sousa.

ONTINVANdosse esta ordem da guarda da caua: socedeo ser vm dia de Simaõ Furtado, que com oito soldados se pós nella. Antre estes se meteo vm moço de dezanoue annos, criado de Lopo de Sousa Coutinho, Galego de naçaõ, & muito pequeno de corpo, mas terribel, & indiabrado, chamado Ioaõ: este leuaua sua espada & espingarda. Estando asi, deraõ de cima auiso que alguns Mouros estauaõ fauorecendo aos trabalhadores que furtauaõ o entulho do baluarte: & arrebentando Simaõ Furtado com os seus companheiros

ros pella caua fora, deu nos imigos como vm rayo, derribando dos primeiros golpes alguns: os mais cortados do medo fogiraõ, sem verem o pequeno escoadraõ que os punha em disbarato. O moço Ioaõ depois que desparou a espingarda em vm Mouro, arrancou da espada, & remeteo com outro, que era vm façanhoso homem de corpo, com quem apertou taõ rijamẽte, que lhe fez virar as costas, (por que tambem seus companheiros já yaõ fogindo) o moço o foi seguindo ás cotilladas, & asi o perseguio, que com o desatino que leuaua do medo, foi tomando o caminho do már, pera a banda do cais da fortaleza que lhe ficaua mais perto que o exercito, & o moço sempre a pos elle, a tè se meter pella agoa, por onde o Mouro se meteo, & entrou tanto por ella q̃ lhe deu pello pescoço. E como o Mouro era homem grande, chegou a tè parte que o moço lhe naõ pode chegar: & com a raiua & desejo que leuaua de o ferir, metido na agoa quasi a tè o pescoço, se desfazia em golpes que cortauaõ pella agoa. De cima do muro foi visto o trabalho em que estaua, & conhecendoo Lopo de Sousa lhe bradou, estocadas, estocadas, Ioaõ. O moço conhecendo a voz do amo, encolheo o braço, & lhe atirou algũas estocadas, metendosse com a furia tanto pella agoa que perdeo o fundo, & indoselhe os pés ficou todo mergulhado (sem largar nũca a espingarda da outra maõ, nem a espada.) O Mouro vendoo submergido, virou sobre elle pera o afogar, auendoo os de cima do baluarte jà por perdido: mas elle tornou a sordir acima quasi afogado: & sintindo o Mouro aferrar delle, (naõ perdendo o animo n'aquella hora, & trabalhoso transe,) encolheo o braço, & deulhe duas ou tres estocadas pella barriga: o Mouro com a dôr da morte o largou, & o moço que jà tinha tomado pé lhe deu tantas a tè que o acabou de todo. E vendosse desaliuado delle, sayosse da agoa banhado todo no sangue do Mouro: & com a espada em hũa maõ, & a espingarda na outra, se foi recolhendo pera a caua, seus passos ordinarios, & muito seguro, chouendo sobre elle nuuens de espingardadas que os Mouros lhe atirauaõ, saindoo a recolher Simaõ Furtado, q̃ jà se tinha apartado dos Mouros, deixando feito nelles grande estrago. O moço foi chamado a cima á fortaleza, & Antonio da Sylueira o leuou nos braços, dizendolhe palauras, & gabos de muitos louuores.

Este feito admirou a todos. E asi naõ lemos, nem ouuimos que acontecesse outro semelhante a Gregos, nem a Romanos, por que fora delles mais celebrado, & em mais volumes, & com mais copia de palauras amplificado, do que o

nos

nòs fazemos a os nossos naturaes, como o faz Tituliuio ao seu Coruino, que matou vm Frances em desafio em terra raza & chã, sendo ajudado de vm coruo que lhe perseguia o imigo: Mas nos tratamos as cousas singelamente, como socederaõ, por que ellas mesmas ficaraõ sendo o louuor de quem as obra. Este moço se chamou depois Ioaõ Gil, d'alcunha o pequeno, por que o era, como jà dissemos, & viueo depois muitos annos casado em Diu, rico, & abastado, a onde o nos alcançamos, & cõmunicamos alguns inuernos que inuernamos naquella fortaleza, sendo Visorrey da India o Conde do Redondo: a este Ioaõ Gil ouuimos contar estas cousas, & outras deste cerco.

E tornando ao nosso fio. Ao outro dia depois que isto passou, coube a vigia da caua a Manoel de Vasconcellos, que com trinta homens se meteo nella, & de madrugada sayo aos imigos, que começauaõ a acodir á obra do entulho: mas como elles jà estauaõ preuinidos, naõ o poderaõ os nossos fazer taõ incubertamente, q̃ naõ fossem sintidos, pello que os acharaõ jà prestes, trauandosse antre elles hũa aspera briga, de que os nossos se recolheraõ com mayor dano, por que lhes mataraõ Christouaõ de Sousa, mancebo fidalgo, de grandes pensamentos, & que prometia de si mũy grandes esperanças: que primeiro que o matassem vingou bem sua morte, fazendo marauilhas, como a tè entaõ tinha feito, em todo aquelle cerco. Manoel de Vascõcellos enfadado do roim socesso que teue, negociousse pera se satisfazer. E na mór força do dia, estando os imigos descuidados, deu sobre elles, vingandosse bem da perda passada: & depois de fazer nelles grandes danos, recolheosse a seu saluo.

Os Turcos afrontados d'aquelles assaltos, vendo que naõ só defendiaõ os Portugueses a sua fortaleza, mas que ainda lhes yaõ dar em seu exercito, determinaraõ de lhe dar ao outro dia vm geral assalto, pera o que se prepararaõ toda à noite. E em rompendo a manhã, arrebentaraõ com todo seu poder, & cercaraõ a fortaleza à roda. Mas os Ianiçaros todos cometeraõ o baluarte de Gaspar de Sousa com grandes gritas, & estrõdos, começando a sobir pello entulho, a tè chegarem a onde os de cima lhe alcançaraõ, achando nelles a resistencia acostumada, & desenganandoos bem, com morte de muitos. Era este dia da guarda da caua, de Lopo de Sousa Coutinho, que jà de madrugada estaua dentro, & sintindo os imigos dar o assalto, arrebentou pella caua fora, & deu nos que estauaõ ao sopé do baluarte taõ de supito, que o naõ viraõ, se naõ depois que sintiraõ os fios de suas espadas, baralhandosse com os imigos, fazẽdo

todos

todos os nossos marauilhas. E andando Lopo de Sousa como vm liaõ, lhe deraõ hũa bombardada do baluarte do már (que em todos os assaltos varejaua de lá os Mouros) mas quis Deos que o tomou em soslayo por hũa espadoa que a foi rossando, & o pilouro passou a diante, & deu em tres soldados dos seus de que cairaõ mal feridos. Os mais vendo Lopo de Sousa ferido, & os companheiros, recolheramnos com muita pressa pera a caua, & foraõ alados á fortaleza pera os curarem.

Os Turcos ficaraõ este dia bem escalaurados: & todauia ouueraõ seu conselho, de proseguirem a bataria a tè arrasarem o baluarte, por que os assaltos lhe custauaõ muito: & asi a tornaraõ a continuar mais coatro dias, metendo nelles todo o resto da artelharia em todas as estancias, & desta vez arrasaraõ todos os aposentos do capitaõ, ao que elle acodio logo, mandando fazer por dentro vm nouo contra muro. Isto pasmaua aos imigos, por que em derribando algũa cousa, ao outro dia a viaõ repairada, & feita de nouo, como se nunca recebera dano.

A principal cousa por que quiseraõ os Turcos continuar com a bataria, mais aquelles coatro dias, foi, por que pretenderaõ minar nelles o baluarte de Gaspar de Sousa, pera o que tinhaõ prestes as cousas necessarias: & ao outro dia de noite trouxeraõ hũas grandes traues com vns olhos que as furauaõ de parte a parte, ao direito vns dos outros: que com muita presteza encostaraõ ao baluarte alamboradas pera fora: & logo lhe passaraõ pellos olhos alguns barrotes que se fechauaõ nas pontas, por naõ se afastarem as traues, & por cima dellas pregaraõ grossos tabooens, pera lhe ficarem como mantas, & nos pés fizeraõ fortes repuxos, por que naõ corressem pera tras: & pera se segurarem dos que lhes sayaõ da caua lhes entupiraõ aquella mesma noite a boca com muitas ballas d'algodaõ forrados de couros crús.

Feitas as mantas, nesta noite foraõ logo metidos muitos officiaes de minas debaixo pera trabalharem seguros dos tiros de cima: & começaraõ a pór as maõs á obra, com muita presteza. Antonio da Sylueira tanto que ao outro dia vio as mantas encostadas ao baluarte, bem entendeo que o minauaõ: pello que mandou Gaspar de Sousa, que com setenta homens se metesse na caua, & desse vm assalto nos imigos pera os embaraçar: & cõ elle mandou algũas pessoas que tinhaõ conhecimento de minas, pera que em quanto durasse a briga se metessem dentro nellas, & as medissem, pera saber sua altura: & onde lhe res-

pondiaõ. Gaſpar de Souſa muito aluoroçado, eſcolheo parentes & amigos pera aquelle feito que era muito honroſo, ainda que arriſcado: & repartio por todos lanças de fogo, bombas, panelas de poluora, & ſaquiteis de couro cheyos della. E tanto que entrou o coarto d'alua, meteoſſe na caua, repartindo pellos companheiros as couſas que auiaõ de fazer, pera que ſe naõ embaraçaſſem. A vns deu cuidado de queimarem as ballas d'algodaõ, que entupiaõ a boca da caua: a outros o reconhecerem as minas: a outros de derribarem & desfazerem as mãtas, & eſtes todos yaõ aforrados, & leuauaõ muitos eſcrauos, & ſeruidores pera os ajudarem, por que em quanto elle pelejaua com os Mouros, tiueſſem elles tempo pera fazerem o que tinhaõ a cargo.

CAPITVLO X.

De como Gaſpar de Souſa cometeo os imigos: & os noſſos reconheceraõ a mina. E do deſaſtre por que Gaſpar de Souſa foi morto. E de como vm ſoldado morreo de puro medo. E dos aſſaltos que os Turcos deraõ â fortaleza. E de outras couſas.

ESTANDO os noſſos na caua preſtes pera o aſſalto, ſendo meado o coarto d'alua, tomou Gaſpar de Souſa cincoenta eſcolhidos antre todos, deixando os mais em guarda dos que auiaõ de reconhecer as minas, & queimar as ballas: & arrebentando por cima do releixo que vay de longo do muro, deu nos imigos que eſtauaõ nas eſtancias ſobre a caua. E tomandoos deſcuidados de tal ſobre ſalto, entrou os baſtiaens matando logo as vigias, & com tanta preſſa & furia foraõ paſſando auante, matando & derribando nos Mouros, que poſeraõ todos em fugida, metendoſſe com iſto todo o exercito em reuolta: por que os noſſos poucos, de tal maneira fizeraõ nelles vm taõ cruel eſtrago, que parecia que era outro poder taõ grande como o ſeu. Os Portugueſes que tinhaõ as outras couſas a cargo, tiueraõ bem de tempo pera as executarem: por que vns arremeteraõ com as ballas, & rompendoas por partes lhes meteraõ poluora, & deraõ fogo, com que começaraõ a arder, outros entraraõ nas minas, & as mediraõ muito á ſua vontade: & os outros desfizeraõ cõ muita preſſa as mantas, com que deraõ embaixo, & lhe poſeraõ fogo. Gaſpar de Souſa depois que fez o aſſalto muito deuagar,

gar, auendosse por satisfeito do dano que tinha feito nos Mouros, & tambem por vir já amanhecendo foisse recolhendo, indo já os imigos recrecendo sobre elle, tendolhe sempre o rosto, indo elle detras dos seus por se naõ desmandarem.

E como o desarranjo dos soldados da India he mũy grande, por totalmente carecerem da disciplina militar, & da principal parte della, que he a obediencia: deixaraõse ficar tres delles atras, por fazerem sortes aos imigos. Gaspar de Sousa tanto que o soube voltou sô pera os recolher, mandando aos seus que fossem deuagar, com as espingardas no rosto: & elle chegou a vm portal velho, que fora do antigo muro, a onde os seus soldados pelejauaõ, & já os naõ achou, por que se tinhaõ recolhido por de tras de vm pedaço de parede. Gaspar de Sousa naõ os vendo tornou a voltar, mas achousse rodeado dos imigos, que tinhaõ dado a volta á parede apos os soldados, que já eraõ recolhidos: & dando com elle o cometeraõ mũy determinadamente. Gaspar de Sousa com hũa espada & rodella, cõ o rosto sempre nos Mouros, que o perseguiraõ bem, se foi recolhendo o milhor que pode, pelejando valerosamente, auendo por afronta virarlhes as costas: & quis antes que o matassem, que ve remno fogir, podendoo elle fazer cõ honra sua. Os imigos cada vez recreciaõ mais sobre elle, que ya fazendo marauilhas. Do muro bem viaõ o trabalho em que estaua, & o fauoreceraõ com alguns tiros. Os Mouros foraõ no apertando de feiçaõ, que vendosse taõ perseguido, remeteo com os de diante, com taõ grande furia, que os fez voltar, derribando alguns, leuandoos com aquelle impeto a tè fora do portal: saindo elle com aquelle furor de enuolta com elles ao largo: aqui o rodearaõ por todas as partes, mas asi se fazia temer a todos, que naõ ousádo a lhe chegarem o perseguiaõ com tiros de arremesso, de que o feriraõ em algũas partes, & por detras o acossaraõ tanto a tè lhe garretarem as pernas & cair morto, depois de ter feito cousas que se esperauaõ de seu valor & esforço. Isto tudo foi visto do muro com grande magoa & dór de todos, por perderem nelle vm dos principais defensores d'aquella fortaleza. Os seus soldados naõ viraõ isto, porque estauaõ já na boca da caua ás lançadas com outro tropel de Mouros, que os foraõ perseguindo.

Morto Gaspar de Sousa, logo lhe cortaraõ os Turcos a cabeça, os pés & as maõs, & o trõco do corpo lhe deitaraõ na praya, por se vingarẽ nisso dos grandes danos, que delle tinhaõ recebido, por que pellas armas o conheciaõ já: & por triũ-

farem desta vitoria, auendoa pella mayor que ali alcançaraõ, lhe meteraõ a cabeça em hũa lança, & a leuaraõ aruorada por todo o exercito. E posto que neste recontro se perdesse vm varaõ taõ asinalado: todauia foi vm dos mayores que os nossos tiueraõ mais em dano dos imigos, de que morreraõ mais de cento: & lhes desmancharaõ as mantas, & queimaraõ as ballas, em que o fogo andou com muita braueza coatro dias. Antonio da Sylueira sintio em estremo a morte de Gaspar de Sousa, & sabendo dos que foraõ reconhecer as minas pella medida dellas, que chegauaõ já ao meyo do baluarte, tomando a medida da altura, mandou logo com muita presteza fazer outras contra minas, com seus repairos & repuxos muito fortes, & por dentro mandou desfazer a mina, & entulhar o lugar por onde ya, com hũa muito grossa parede de pedra & cal, o que tudo se fez logo. E mandou recolher o corpo de Gaspar de Sousa, por homens que a isso sairaõ de noite pella couraça, & lhe deraõ muito honrada sepultura com muitas lagrimas de todos. Naõ dizemos a geraçaõ deste fidalgo, por que a naõ soubemos, sua morte (& de todos os outros que morreraõ na guerra, & as infirmidades, & a falta que se começaua a sintir de todas as cousas, & sobre tudo verem quanto tardaua o soccorro de Goa: & que das fortalezas de Baçaim, & Chaul, os naõ soccorriaõ com cousa algũa, por que naõ ousauaõ a tirar nada de si, que tambem se receauaõ dos Turcos) & todas estas cousas tinhaõ metido tamanhos medos & desconfianças em algũs homens, que andauaõ como pasmados, principalmēte em vm chamado Ioaõ da Noua, auido por muito bom soldado, & que sempre o viraõ pelejar muito bem.

Este auēdo a fortaleza por perdida, parece que imaginando na morte, lá lhe correo vm humor frio, & malenconico pellas veas de tal feiçaõ, que ficou como homem tonto, & pasmado, & esquecido de tudo, sem armas, como homem assombrado andaua pellos baluartes persuadindo a todos que se entregassem aos Turcos a partido, & que grangeassem as vidas, por que a fortaleza estaua em estado, que se naõ podia defender. Disto zombauaõ todos, entendendo que aquillo era malenconia, & já o naõ deixauaõ entrar nas estancias, do que o triste com grāde dór & tristeza, de lugar em lugar andaua solitario, cuidando na agonia da morte, & chegou isto a tanto, que veyo a cair em cama, resfriandoselhe de todo o calor natural, & espirito vital, & em poucos dias morreo, entendendolhe mũy bem os medicos sua infirmidade, aplicādolhe os remedios

medios necessarios a ella, que eraõ esforçallo, animallo, affirmandolhe que já vinha o Visorrey, & q̃ os Turcos se embarcauaõ: o que nada aproueitou, por que tinha já o mal tomado tamanha pósse do coraçaõ, que naõ deixou obrar algũa cousa destas.

Este caso foi ainda mais espantoso que o d'aquelle Ditamo soldado d'Elrey Antigono, que sendo muito enfermo, auorrecendolhe a vida pellas dores que passaua: todas as vezes que entraua nas batalhas fazia tamanhas façanhas, que espantaua a todos: pondosse sempre na dianteira nos móres riscos, como quem naõ estimaua a vida, pello que Elrey o veyo a estimar tanto, que o mandou curar como sua propria pessoa: & asi foi curado, que veyo a sarar de todo: & gostando da saude, asi estimou por ella a vida, que quãto primeiro a arriscaua pella infirmidade, tanto depois a poupaua, & resguardaua: com o que ficou taõ acouardado, que publicamente fogia das batalhas, & se regelaua de medo todas as vezes que as via romper.

Tornando a nossa historia. Os Turcos foraõ continuando sua bataria asperrimamẽte, fazendo muitas ruinas por muitas partes: principalmente no baluarte que foi de Gaspar de Sousa, que o capitaõ deu a vm caualeiro muito hõrado chamado Rodrigo da Proença, q̃ era da obrigaçaõ de Nuno da Cunha: que trabalhou muito por se naõ sintir nelle a falta do capitaõ passado. Este dia que foi o derradeiro dos coatro da bataria, acabaraõ de arrasar este baluarte a tẽ o entulho, ficando todo desabrigádo, & sem defensaõ: & os Portugueses recolhidos de tras da derradeira parede que tinhaõ feita: com o que ficauaõ só com vm terço do baluarte, & ainda delle derribado muita parte: ficando só da altura de vm homem a tẽ os peitos. Os Turcos vendo o baluarte naquelle estado, sairaõ de suas estãcias cõ as bandeiras estendidas, & o cometeraõ, entrando logo em cima, por que se lhe naõ pode defender: ficando d'aquella feita senhores das duas partes delle, & antre elles & os nossos, aquella pequena parede que os Turcos cometeraõ com grande determinaçaõ: mas os nossos lha defenderaõ mũy bẽ: por que como o que ficaua aos Mouros naõ era capaz de muita gente, quasi pelejauaõ iguaes, mas tinhaõ muita vẽtagem nos soccorros: porque em lhe matando vm Mouro, se punhaõ logo outros, o que os nossos naõ podiaõ fazer. Aqui fizeraõ os Portugueses grande destruiçaõ nos imigos. A referta foi crecendo muito, & pella fortaleza correo a fama do baluarte estar pellos Turcos, com o que muitos descoraçoaraõ. Antonio da Sylueira naõ perdendo ponto de seu animo, mandou soccorrer com gẽte das

te das outras estancias, prouendo em as armas & cousas necessarias, animando a todos com grande segurança, & confiança. E por que isto era já de noite, & os imigos naõ deixauaõ de porfiar sobre a entrada da parede, que lhe os nossos com grande valor defendiaõ, sem lhes lembrar repouso, nem quererem dar lugar a outros de refresco, & a escuridaõ era grãde, & o estrondo, & bramidos muitos, metiaõ grande medo, & causauaõ espanto na fortaleza.

E por que algũs se yaõ retraindo do baluarte, de medo, & se passauaõ pera os outros, foi Antonio da Sylueira auisado: & receando que aquillo fosse causa de sua perdiçaõ, mandou com muita pressa tirar tres ou coatro de graos antresachados da escada que ya pera aquelle baluarte, que era de madeira, por que os que fossem fogindo, dessem por elles abaixo de focinhos, pera os auer as maõs, & castigar, pera exemplo dos outros, como fez a algũs. Isto lhe foi mũy grande remedio, por que de vergonha o deixaraõ de fazer. Esta noite foi pera todos os da fortaleza de mór trabalho & confusaõ q̃ todas as que ouue em todo o discurso do cerco: por que sempre estiueraõ com as armas nas maõs, pelejando com os Turcos, que por hũa parte apertauaõ com os nossos, & pella outra trabalhauaõ em fazer vns vallos n'aquella parte do baluarte, que lhes ficaua pera sua defensaõ, cauando o entulho pera isso, o que se naõ fez sem muita perda, & dano seu: por que os nossos como estauaõ á lerta com a espingardaria, naõ faziaõ se naõ derribar nelles: & com as panellas de poluora abrazalos. Neste trabalho & conflito passaraõ a noite toda.

CAPITVLO XI.

De vm nouo, admirauel, & nunca visto ardil de fogo que os nossos inuentaraõ pera se defenderem. E dos assaltos que ouue. E do soccorro que chegou de Goa.



AO outro dia tanto que amanheceo, meteraõ os Turcos todo o resto por entrarem as paredes, mas acharaõ os nossos taõ espertos, como se toda a noite repousaraõ, rebatendoos com grande valor & esforço, matando, & ferindo muitos. Foi este cometimento medonho, cruel, & espantoso: por q̃ parecia que se desfazia o mundo em gritos, prantos, estrondos. E assi cõ a barbara vozaria dos Turcos, como com os clamores, & misericordias, que as molheres, & mininos (que acodiraõ áquella parte) pediaõ a Deos pellas ruas. Os Turcos apertaraõ muito cõ os nossos, & esteue

& esteue a cousa arriscada a se perder, se Deos (que ainda naõ queria desemparar aquella fortaleza) naõ inspirara no coraçaõ de vm d'aquelles homens, vm nouo feruor & conselho. Que vendo tudo taõ perigoso, bradou alto por fogo & por lenha, & corrēdo esta voz pella fortaleza, em muito breue espaço acodio aquelle exercito feminino carregado de tudo isto.

E tomando os nossos a lenha a poseraõ sobre a parede que os diuidia, que era muito larga: & pondolhe fogo começou a atear com grande estrondo, com o que os Turcos se afastaraõ pera fora, por naõ poderem sofrer suas labaredas. Vendo os nossos quanto aquelle remedio aproueitaua, mandaraõ leuar muita lenha, com que foraõ ceuando o fogo, & asi com este nouo arteficio se defenderaõ doze dias, o que foi vnico remedio d'aquella fortaleza, cujo autor merecia naõ ser esquecido no mūdo, como este foi, por que nem Lopo de Sousa Coutinho, q̃ se achou presente, & escreueo este cerco, nē Ioaõ de Barros, que tambem o fez separado, nem outros escritores, nē os homens que se nelle acharaõ (que alcançamos muitos a quem o perguntamos) daõ rezaõ de seu nome. E se naõ foi voz do ceo, (por que se em todas as cousas da India faltaraõ milagres, fora tudo acabado) deuia de ser algum homem apagado, & naõ conhecido, como se este negocio naõ bastara pera dali em diante vir a ser honrado, & nomeado no mundo, em q̃ naõ faltaraõ sempre estas miserias & descuidos. Por que d'aquelles Lacedemonios taõ politicos lemos, que dando no Senado vm homem (que deuia de ser taõ apagado como este) outro conselho, em grande prol, & vtilidade d'aquella Republica, lançandoo fora, mandaraõ ao mais honrado d'aquelles Senadores, que o tornasse a recitar com as mesmas palauras: como se elle fosse o autor delle, auendo por vituperio seguirem o conselho de homem de baixa sorte, como se naõ fora aquillo vm furto manifesto, & encobrir a virtude alhea, q̃ he vm disimulado vituperar, por que sempre se deue diāte dos grādes do mundo mais premio & lugar ás virtudes, & ao valor, ganhado por proprio braço, que as herdadas dos auós, como disse Elrey Antigono, áquelle mancebo mal acostumado, que por muito nobre diante delle queria preceder a os outros. E posto que deua muito a Deos o que nace nóbre, por que nelle resplandessem sempre mais as virtudes, quando saõ em igual grao do outro naõ tambem nacido: todauia nem por isso deuem de deixar de ser louuadas, & engrādecidas neste, com este nosso Portugues, que deu vm taõ proueitoso conselho, & seja quem quer que fór, naõ perderá nesta nossa historia

ria o preço de ſua virtude, todas as vezes que lhe ſoubermos o nome, do que lhe ficaraõ em obrigaçaõ de reſtituiçaõ os homens d'aquelle tempo, que de propoſito lho encobriraõ.

E por que nos vem aqui apello, naõ deixaremos de eſtranhar a deſconfiança (a que naõ ſey outro nome) dos Gouernadores, & Viſorreys da India, que por naõ chamarem aos conſelhos publicos homens que naõ ſaõ fidalgos ſe ariſcaõ muitas vezes a deſacertar: por que muitos caualeiros, & homens nòbres ha na India, que naõ foraõ pior nacidos que alguns deſtes fidalgos, que tem mais experiencia, & diſcurſos nos negocios todos, & que ſeu parecer pòde aproueitar muito ao ſeruiço de Deos & d'Elrey. Por que, que rezaõ ha pera dar o fidalgo de coatro dias na India ſeu voto, nas couſas arduas que ſe offerecẽ de Malaca, Maluco, Ceilaõ, & dos eſtreitos: ſe nunca viraõ mais que a armada do Malauar: quando ha caualeiros honrados & velhos que as viraõ & trataraõ, & que de tudo podem dar muito boa, & certa informaçaõ? E poſto que alguns Viſorreys, como cada dia coſtumaõ os mandem chamar ſós pera tomarem ſeu parecer: o meu ſeria q̃ lho naõ dem, nem lhe reſpondaõ a propoſito, pois lhe negaõ o lugar em publico, q̃ lhes a idade, eſforço, experiẽcia, & hóra tẽ dado.

Tornando a noſſo fio. O fogo foi cõtinuando, & o grande ardor delle fez retirar os Turcos, & largarem o baluarte: mandando das eſtancias a tirar ás fogueiras em q̃ deraõ muitas bombardadas que leuaraõ os tiçoens por eſſes ares, donde tornauaõ a cair ſobre os Portugueſes tratandoos mal: mas pella neceſsidade em que eſtauaõ naõ ſintiaõ tanto as chagas, nem largauaõ o lugar, trazendo tanto tento no fogo, que aſsi como as bombardadas o desfaziaõ, aſsi o tornauaõ logo a renouar. E já ſe naõ contentaraõ de o ſuſtẽtar em cima da parede, mas ainda o deitaraõ da bãda de fóra, pera a parte em que os Turcos eſtauaõ, ceuandoo de ordinario, pera o que fizeraõ grandes bicheiros de ferro com que lhes chegauaõ a lenha, & deſta maneira ſe foraõ ſuſtentando, ainda que com muito trabalho.

Antonio de Souſa capitaõ do baluarte do már, naõ ſe deſcuidaua de ſua obrigaçaõ, antes eſtaua tanto á lerta, que todas as vezes q̃ os imigos ſobiaõ pera o baluarte, empregaua nelles toda a moniçaõ, por que lhe ficauaõ em deſcuberto, fazendo nelles tal eſtrago, que de eſcandalizados, determinaraõ os Turcos de o cometerem por már, & ganharemno: por que depois lhes ſeria mais facil o negocio da fortaleza. Pera eſte cometimento mandaraõ preparar

muitas barcaças: & entre tanto viraraõ pera elle todos os bazaliſcos & canhoens d'aquellas eſtancias que o deſcobriaõ, & lhe deraõ todo vm dia hũa eſpantoſa bataria, com que lhe derribaraõ a parede da couraça, & a ſeruintia da porta, que ſe logo repairou com muita preſſa. E primeiro que cometeſſem o baluarte do már (em quanto durou a bataria, por naõ eſtarem aquelle dia ocioſos) determinaraõ de ver ſe podiaõ acabar de ganhar o baluarte do fogo, em q̃ já tinhaõ os dous quinhoẽs, & pera iſſo ſe armaraõ alguns de armas inteiras, com çapatos de ferro, pera porem os pés ſeguramente por cima do fogo, & com maſcaras de aço, por cauſa das labaredas, leuando outros bicheiros de ferro que mandaraõ fazer, como os que os Portugueſes tinhaõ, pera com elles eſpalharem o fogo. E aſsi com muito grande determinaçaõ cometeraõ a entrada, deitando muitos artefícios de fogo ſobre os noſſos pera os afaſtarem da parede: & com os bicheiros começaraõ a afaſtar o fogo, pera os armados paſſarem: mas os noſſos aſsi os eſcandalizaraõ, que paſſando pello fogo lhe deitaraõ em cima muita poluora com que abraſaraõ muitos, começandoſſe a retrair, & os bicheiros de parte a parte a laborar: vns eſpalhando o fogo, outros ajuntandoo, & aplicãdolhe cada vez mais lenha, com o que as labaredas eraõ cada vez mayores. Muitas vezes ſe encontrauaõ vns bicheiros com os outros trauandoſſe, & embaraçandoſſe: & por eſta rezaõ, hũa vez, vm homem chamado Ioaõ Rodriguez (homem quaſi agigantado, que n'aquelle negocio dos bicheiros tinha trabalhado mais q̃ todos) eſte ganchando o ſeu bicheiro com outro dos imigos, em que eſtauaõ aferrados coatro ou cinco, taõ fortemente puxou por elle, que os trouxe a todos arraſtoens dando com elles ſobre a fogueira, de que ſairaõ bem eſcaldados.

E por naõ particularizarmos os caſos que aqui aconteceraõ (que foraõ tantos & taõ grandes, que pera cada vm auia miſter vm capitulo) dizemos aqui em ſoma, que eſte foi o mais bem cometido, & defendido dia atè entaõ: fazendo os Portugueſes todos tamanhas couſas, que era eſpãto: por que ali acodio toda a força da fortaleza, reuezandoſſe na briga, & no trabalho, por aſsi tomarem mais alẽto. Antonio da Sylueira em pé jũto da eſcada que ya pera o baluarte, via com ſeu olho tudo o que ſe nelle fazia, & os que ſobiaõ & deciaõ, trazendo homens que naõ faziaõ mais que repartirem moniçoens, pelos que pelejauaõ.

As molheres naõ deſcanſauaõ de acarretar lenha, no que andauaõ taõ preſtes, & continuas, q̃ nem de dia,

de dia, nem de noite tomauaõ vm pequeno de descanso. Os Mouros perdida de todo a confiança recolheraõse, de já naõ poderem aturar, nem sofrer as muitas cousas com que os nossos os derribauaõ. Neste combate morreraõ coatro Portugueses, & ficaraõ vinte & cinco feridos, em que entraraõ Francisco de Gouuea, Manoel de Vasconcellos, Duarte Mendez, & Rodrigo de Proença, que lhe deraõ hũa frecháda pella boca, & outros a que naõ achamos os nomes. A quem nẽ cansasso, nem as muitas feridas foraõ parte pera se recolherem, por que ali se mandauaõ curar, & ali se deixauaõ ficar. Ia neste tempo eraõ mortos corenta homens, & estauaõ sessenta feridos, & faltauaõ moniçoens, & muitas outras cousas necessarias, pello que auia grandes desconfianças na fortaleza.

Mas como Deos nas mores necessidades soccórre a seus seruos, quando mais atribulados estes seus estauaõ, chegaraõ áquella fortaleza, os nauios que tinhaõ partido de Goa, de que eraõ capitaens Gonçalo Vaz Coutinho, Francisco Mẽdez de Vasconcellos, Antonio Mẽdez seu primo, & Martim Pacheco: que depois que deraõ á vela, sem se deterem em cousa algũa, foraõ auer vista da outra costa aos vinte & sete de Outubro: & indo demandar Diu ao Sol posto, ouueraõ vista da armada Turquesca, & della tambem foraõ vistos, mas como já ya escurecendo, & os Turcos naõ poderaõ diuisar bem quãtos nauios eraõ, & tinhaõ por nouas que o Visorrey ficaua pera partir, ouue o Baxá que seriaõ aquelles nauios da sua dianteira, pello q̃ se começou a preparar, & toda a noite esteue com grande temor, & vigia.

Os capitaens dos nauios, tanto que anoiteceo, tomando o remo em punho, foraõse desuiando da armada, & entraraõ em Diu muito a seu saluo. Da couraça grãde foraõ vistos, & perguntando que nauios eraõ, deraõse a conhecer: pello que com grande aluoroço deraõ recado ao capitaõ que acodio a recebellos, mandandolhes abrir a porta da couraça pequena, por onde entraraõ, & foraõ leuados nos braços de todos, com grãdes festas & alegrias. Antonio da Sylueira sem se apartar dali, mandou recolher dentro todas as moniçoens, & mantimentos que traziaõ, & algũa artelharia miuda: & escreuendo hũa breue carta ao Visorrey, em que lhe pedia o soccorresse em todo caso com á mór breuidade que podesse, tornou a despedir os nauios, entregues a seus mocadoens, por que naõ vissem os imigos pella menham o pequeno soccorro que lhes viera. E pera os mais embaraçar mandou de madrugada embandeirar a fortaleza, & fazer muitas folias, como homens

mens contentes & alegres, & que tinhaõ já o ſoccorro dentro. Os Turcos ao outro dia pella menhã vendo aquellas moſtras, entendẽdo que era ſoccorro que lhes viera,& naõ vendo no rio nauios alguns,tẽdo de noite viſtos aquelles, ficaraõ embaraçados,auendo que a copia dos nauios era mayor do que de noite enxergaraõ: & que depois de lançarem gente dentro na fortaleza ſe tornaraõ a partir. Com eſta magoa ficaraõ por entaõ,ſem ſaberem o que era.

CAPITVLO XII.

De como dom Duarte de Lima chegou com as nouas de Diu ao Viſorrey dom Garcia de Noronha: & das armadas que deſpedio em ſeu ſoccorro. E do grande aſſalto que os Turcos deraõ ao baluarte do mâr.

DOM Duarte de Lima deuſe tanta preſſa no caminho, que em poucos dias chegou a Goa,& deu ao Viſorrey as cartas de Antonio da Sylueira,& o informou do que vira, & do eſtado em que a fortaleza de Diu ficaua, pello que com muita preſſa deſpedio Antonio da Sylua com corẽta nauios ligeiros, com regimento,que viſſe ſe ſe podia meter em Diu ſem riſco algũ, & que quando naõ,de noite ſe poſeſſe á viſta da armada do Turco, & lhe fizeſſe grandes carrancas de bombardadas, & fuzis: por q̃ cuidaſſem que era a ſua dianteira, cõ o que poderia ſer ſe recolheſſem: & que de tudo o que lhe ſocedeſſe,o auiſaſſe por vm nauio muito ligeiro: & que de Chaul atè Goa, teria nauios por paragens, pera q̃ em poucos dias tiueſſe rebate. Antonio da Sylua ſe fez á vela, & dos capitaens que o acompanharaõ, ſó de poucos achamos os nomes, mas por que de todo ſe naõ eſqueçaõ, diremos os dos que vieraõ a noſſa noticia. Dom Luis de Taide,que depois foi Conde d'Atouguia,dom Martinho de Souſa, dõ Duarte de Lima, o que veyo de Diu. Fernaõ de Moraes, Antonio Fernandez de Siqueira, Matheus Pereira, Gaſpar Moniz, Franciſco Martins, Ieronymo de Figueiredo, Aluaro de Siqueira, Franciſco de Siqueira o Malauar, & outros. Em algũas lembranças achamos, que dom Manoel de Lima foi em alguns nauios diãte,mas naõ ſabemos o que lhe ſocedeo.

Seguindo Antonio da Sylua ſua jornada, de Chaul deſpidio Franciſco de Siqueira o Malauar, por ſer muito ligeiro o ſeu nauio,& elle grande homem do már, pera q̃ foſſe entrar em Diu: & por elle eſcreueo hũa carta a Antonio da Sylueira de ſua ida, pedindolhe o

auiſaſſe

auiſaſſe do modo,o como,& quã-do poderia entrar n'aquella forta-leza: encomendando ao Siqueira notaſſe muito bem a armada. O Viſorrey tanto que deſpedio eſta armada,o fez logo a outros vinte & coatro nauios de remo, de que fez capitaõ mór Iorge de Lima, com regimento que ſe eſtendeſſe com elles des dos ilheos queima-dos a tè Chaul, pera lhe mandar todos os dias recado da armada dos imigos. Neſtes nauios cuido eu que foi dom Manoel de Lima, & que Iorge de Lima o apartou com ſete ou oito nauios pera an-dar de Chaul a tè Baçaim, & elle com os mais ſe eſtédeo de Chaul a tè os ilheos queimados,tendo de dous em dous em paragens.

Partidos eſtes nauios, deſpa-chou o Viſorrey as naos do reino pera irem a Cochim tomar a car-ga,que eraõ coatro as mais peque-nas & velhas,por que as outras de mayor porte tinha metidas na ſua armada,que eraõ as principaes for çás della. Nuno da Cunha (ſegũ-do nos diſſe vm fidalgo bem hon-rado) ſe offereceo ao Viſorey pera o acompanhar na jornada,de que elle o eſcuſou,por que queria toda a honra pera ſi: o que viſto por Nuno da Cunha lhe pedio hũa nao boa pera ſe embarcar,porque o tinha aſsi prometido a ſeu pay Triſtaõ da Cunha,que lhe elle ne-gou dizendo, que quando lhe fi-zera aquelles comprimentos, naõ eſtaua cercado de Turcos, como entaõ ſe via. Sobre iſto tiueraõ al-gũas rezoens de que Nuno da Cu-nha ficou deſgoſtoſo,& ſe embar-cou pera Cochim, a onde ſe nego-ciou pera o reino: & das naos que eſtauaõ á carga', eſcolheo hũa que era de Vicente Gil pequena, mas mũy boa de manhas. E por que adiante auemos de tratar de ſua viagem, o deixamos a tè lhe ca-ber ſeu lugar, por que he neceſſa-rio tornarmos a Diu que eſtá em aperto.

Os Turcos depois de entrado o ſoccorro que diſſemos,naõ deixa-raõ de continuar com a bataria do baluarte do már, a tè lhe acabaré de arraſar a couraça: Ao outro dia ſeguinte que foraõ vinte & noue do més, em que tinhaõ determi-nado de lhe dar o aſſalto,arreben-taraõ da cidade cõ cincoenta em-barcaçoens, em que yaõ perto de mil & quinhentos Turcos, cujo capitaõ era Mamede can, & com grandes eſtrondos de tambores, trombetas, & outros inſtrumentos barbaros remeteraõ com o baluar te pella parte da couraça que olha pera dentro do rio. Antonio de Souſa vendo aquillo, preparouſſe o milhor que pode,acodindo a a-quella parte com trinta compa-nheiros que tinha mũy animoſos, & todos com grandes deſejos de moſtrarem já aos imigos a vonta-de que lhes tinhaõ, repartindoſſe pellas partes mais neceſſarias, com muitas

muitas lanças de fogo,panellas de poluora , & outros instrumentos mortaes . Da fortaleza grande foi visto passar aquella frota contra o baluarte,& como lhe passaua perto & a geito,dispararaõ nella muitas bombardadas , que deraõ em meyo dos nauios,metendolhes no fundo duas barcaças, & matandolhes nas outras muita gente. A armada passou auante a tẽ pôr a proa no baluarte, que de maré vazia fazia n'aquella parte vm releixo,que tambem estaua entulhado a tẽ cima com a calissa & pedra da parede, que com a importuna bataria foi derribada naquella parte . Este lugar seria capaz de duzentos homens que logo saltaraõ nelle cometendo a sobida do baluarte, que lhe era muito facil na opiniaõ, mas muito dificultosa na obra dos nossos. Das barcaças atiraraõ muitas bombardadas , pera despejarem aquelle lugar que estaua roto & desabrigado , por onde subiraõ alguns em cima : mas os nossos que ficauaõ com elles já emparados arrebentaraõ como trouoens com as lanças de fogo acezas,& aos primeiros bôtes deraõ com os Turcos em baixo bẽ queimados,& escalaurados: sendo Antonio de Sousa o dianteiro, que cõ o seu grande animo pelejaua,& esforçaua aos seus,que asi trabalhauaõ de o satisfazer,q̃ já se naõ contẽtauaõ de lãçar os imigos fóra de sua casa,se naõ ainda desejauaõ de se baldearem com elles em baixo pera satisfazerem nelles sua ira.Os Turcos afrontados do socesso tornaraõ a cometer a sobida,acendẽdosse mais a furia da batalha, naõ cessando a bataria das barcassas,q̃ nos nossos fez muito dano , porq̃ pelejauaõ descubertos , & naõ se queriaõ recolher pera dentro : & asi os Turcos tornaraõ a caualgar em cima do baluarte : mas Antonio de Sousa afrontado d'aquelle negocio,remeteo com os seus soldados , que andauaõ como lioens raiuosos,& a pezar dos Mouros cõ grandes estragos os tornaraõ a lãçar embaixo, & apos elles muitas panellas de poluora , de que abrazados se recolheraõ ás embarcaçoens mais depressa do que elles saltaraõ em terra : & tomando o remo em punho se foraõ afastando, por que começaraõ a chouer sobre elles bombardadas,& espingardadas, asi do baluarte , como da fortaleza grande,com o que lhe mataraõ muitos.

Os Turcos sendo já afastados, & em parte q̃ lhes naõ chegauaõ os tiros : tornaraõ a cuidar quaõ grãde vergonha & afronta era fogirem a taõ poucos homẽs , sendo elles tantos , & os mais escolhidos em todo o exercito,& voltãdo outra vez com a furía q̃ lhes fazia leuar tamanha afronta pera a satisfaçaõ della,com determinaçaõ de ou morrerẽ todos,ou ganharem aquelle baluarte , & desembarcãdo

outra vez nelle, cometeraõ a sobida como desesperados. Mas os valerosos soldados com as lanças de fogo de refresco se meteraõ no meyo delles, & de tal maneira os abrasaraõ & escaldaraõ, q̃ tornaraõ a dar com elles em baixo, taõ escãdalizados, & taõ mal tratados, que determinaraõ de se tornarẽ antes com sua magoa, que experimentarem outra vez o ferro & braço Portuguez. E asi se embarcaraõ mũy apressadamente, dandolhes da fortaleza grandes apupadas pera os enuergonharem: mas o medo que leuauaõ era tal, que naõ curaraõ de mais que de saluar as vidas.

E sendo já defronte da cidade fóra de medo, tornou Mamedecan a cair em quaõ afrontado ficaua d'aquelle negocio, que lhe tãto foi encomendado, & que lhe bastaua pera o danar com o Turco, com quem estaua muito bem acreditado: & correndo as embarcaçoens todas, fez a todos hũa breue fala, em q̃ lhes lembraua as obrigaçoẽs q̃ tinhaõ por Ianiçaros da guarda do Graõ senhor, & que aquella afronta ficaua sendo em vituperio de sua naçaõ: por que, que rezaõ auiaõ elles de dar a fogirem a menos de trinta homẽs, sendo elles tãtos & taõ escolhidos? que lhes pedia tornassem por sua honra, por q̃ era muito milhor morrerem, q̃ viuerem taõ afrontosamente: & com isto os fez voltar. Chegados outra vez ao baluarte, com noua soberba & furor, querẽdoo cometer, quis Deos guiar vm pilouro de vm berço pera o Mamedecan, q̃ o tomou pellos peitos, & o derribou logo mortal. Os seus que yaõ mais por vergonha que por honra, tornaraõ a voltar com grande pressa, naõ querendo experimentar terceira vez a ira dos nossos, indo a pos elles muitos pilouros de bombardas que da fortaleza lhe atiraraõ, dandolhes outras gritas & apupadas, & asi se recolheraõ á cidade com muitos mortos & feridos.

E por que das barcaças que se arrombaraõ com as bombardadas andauaõ alguns Mouros sobre a agoa, que naõ poderaõ tomar as embarcaçoens, por causa da corrẽte da maré, mandou Antonio da Sylueira alguns homens em hũa almadia, pera que lhe tomassem algũs viuos, pera delles saber algũs auisos: estes soldados mataraõ todos os que acharaõ no már, recolhendo sós dous. Antonio de Sousa, tanto que os Mouros se recolheraõ, mandou os mortos á fortaleza pera os enterrarem, & aos feridos pera os curarem: & antre estes ya vm Fernaõ Pentéado, homem nobre & muito bom caualeiro, q̃ ya ferido na cabeça, & Antonio Manhoz com vm braço quebrado, & Fernaõ Correa com outras feridas, que todos pelejaraõ muito valerósamente.

CAP.

CAPITVLO XIII.

Do grande & perigoſo aſſalto, q̃ os Turcos deraõ ao baluarte do fogo. E de vm honroſo & eſpantoſo feito que fez Fernaõ Penteado: & de outro muito notauel & gracioſo que fez hũa d'aquellas molheres: & da morte que os moços da fortaleza deraõ a vm eſcrauo por hũa palaura que diſſe em fauor dos Mouros.



COM o roim ſoceſſo do baluarte do már, ficaraõ os Turcos mũy quebrantados, & cheyos de ira, & querendoſſe vingar de tantas afrõtas: tanto que ſe as embarcaçoens recolheraõ, ſairaõ de ſeus exercitos com todo o poder, ſuas bãdeiras deſenroladas, & com grande eſtrondo de inſtrumẽtos & grĩtas, remeteraõ cõ o baluarte do fogo, por onde ſobiraõ com grãdes terremòtos, pondoſſe os q̃ couberaõ nas duas partes q̃ eſtauaõ por elles, & á porfia cometeraõ as paredes, em q̃ os noſſos já os eſperauaõ, cõ as forças taõ inteiras como ſe nũca tiueraõ trabalhado, acodindo vns ás fogueiras, deitãdolhes lenha & ſuſtẽtandolha cõ os ſeus bicheiros, & outros cõ ſuas armas & eſpingardas cõ q̃ empeciaõ bẽ aos imigos, outros cõ panellas de poluora. Os imigos pella meſma maneira, vns ſe occupauaõ em eſpalhar o fogo, outros em pelejarẽ ás eſpingardadas, & em fim todos de hũa & outra parte em trabalharẽ, vns por ganhar aq̃llas paredes, outros polas naõ perderẽ, ſobre o q̃ ſe baralhou a couſa de feiçaõ, q̃ tudo o q̃ ſe via & ouuia eraõ coriſcos, labaredas, & incẽdios, vozes, bramidos, & tudo o mais hũa repreſentaçaõ do inferno.

Antonio da Sylueira eſtaua em ſeu lugar, prouẽdo tudo, mãdando reforçar o baluarte cõ mais gente, acodindo ali aq̃lles capitaẽs, q̃ chegaraõ de Goa de refreſco, tomãdo os lugares mais perigoſos, obrãdo todos couſas dinas do valor Portuguez. E tudo foi neceſſario, porq̃ os Turcos pelejauaõ cõ deſeſperaçaõ apoſtados todos a morrerẽ d'aq̃lla feita, ou concluirẽ cõ aq̃lla fortaleza: & aſsi ſe metiaõ pello fogo como barbaros, ſẽ ordẽ nẽ cõſideraçaõ, o q̃ tudo era muito differente nos Portugueſes, q̃ pelejauaõ com muita confiança, ſegurãça, & ordẽ, por q̃ cõ ſerẽ taõ poucos, aſsi eſtauaõ repartidos por ſeus lugares, q̃ nẽ os q̃ pelejauaõ cõ as eſpingardas embaraçauaõ aos das panellas de poluora, nẽ os dos bicheiros tinhaõ quem os eſtoruaſſe, & aſsi faziaõ couſas taõ grandes & taõ admiraueis, que em pouco eſpaço poſeraõ os imigos em deſconfiança: por que lhes tinhaõ tantos mortos & abraſados, que os viuos

lhes era neceſſario pera pelejarem por cima dos que eſtauaõ eſtirados acabãdoos de matar. Aqui foi a reuolta tamanha que parecia q̃ ſe entraua a fortaleza, & o reboliço por ella foi tal, que chegou eſta voz a caſa de Fernaõ Lourenço marido d'aquella boa Ana Fernandez que eſtaua curando os feridos, que áquella hora chegaraõ do baluarte do már: & ſendo ouuido por Fernaõ Penteado (que eſtaua aguardãdo q̃ ſe acabaſſe de curar outro, pera o elle fazer tambem) & perguntando o que era, dizendolhe q̃ ſe entraua o baluarte, naõ lhe ſofrendo o coraçaõ, & animo Portugues eſtar ali, ſayoſſe pella porta fora com hũa alabarda nas maõs, & ſobindo ao baluarte paſſou com grãde furia por todos, a tè ſe pór no lugar da batalha, em que começou a fazer marauilhas, apreſentandoſſe no mayor perigo, a tè que lhe deraõ outra cutilada pella cabeça, q̃ o obrigou a ir buſcar o remedio pera ambas. Chegando a caſa do Surujaõ achouo occupado na cura de outros homẽs, por q̃ naõ tinha hora vaga: & como o negocio do baluarte eſteue deſta vez mũy arriſcado, & nelle creciaõ os gritos & alaridos cada vez mais, & pellas ruas andauaõ corrẽdo molheres & mininos pedindo miſericordia a Deos com grãdes gritos & prantos: dãdo iſto outra vez nos ouuidos de Fernaõ Penteado, affirmandoſſe q̃ o baluarte era perdido (feruendolhe o coraçaõ no peito por que eſtaua ali ocioſo, auendo q̃ o lugar da briga era o mais ſeguro & deſcãſado) ſem eſperar pella cura, tornou a lançar pella porta fora, & entrando no baluarte paſſou ao lugar da briga, que eſtaua no mais arriſcado ponto em que ſe nũca vio (por terem os Turcos eſpalhado o fogo, & já pelejauaõ ſobre a entrada da parede) & como ſe naõ tiuera couſa algũa começou a pelejar como vm liaõ, por vm grande eſpaço, a tè que a fortuna inuejoſa do valor de ſeu braço, ordenou que lhe deſſem por elle hũa lançada, q̃ de todo o inhabilitou pera mouer as armas, & ſẽdo lhe neceſſario recolherſe o fez com muita triſteza & magoa de ſeu coraçaõ, por ſer a ferida por parte que naõ podia tomar della ſatisfaçaõ, & foi demandar a caſa do meſtre onde ſe curou de tres feridas q̃ eraõ todas bẽ perigoſas, de q̃ ſarou. Mas o q̃ o ferro & o fogo naõ poderaõ acabar, o fez a agoa, por q̃ depois deſte cerco paſſado, morreo eſte valeroſo ſoldado afogado, em hũa fuſta q̃ ſe perdeo. E poſto q̃ naõ chegou a ter ſatisfaçaõ de ſeus merecimẽtos darlha emos nós neſta noſſa hiſtoria, com o deixarmos conhecido ao mũdo, em quãto elle durar: por que eſtes ſaõ os galardoens que os varoẽs famoſos mais pretenderaõ que todos, q̃ os Philoſofos antigos ouueraõ pellos mayores premios

que

que a virtude podia ter: como sintia Bruto escreuendo a Cicero dizendo asi. Que cousa ha milhor que a memoria dos bós feitos, posto q̃ os illustres animos naõ vaõ tanto a pos os premios & louuores, quanto a pos a virtude: por q̃ ainda que muitos por sua grandeza de animo naõ procurassem gloria, nem por isso deixaraõ de a alcançar: por que depois lhe veyo com mayor vontade: & bem se sabe, que nenhũa virtude recebe tãtos louuores como a fortaleza.

E tornando a nosso fio. A briga no baluarte ya crecendo cada vez mais com grandes danos de parte a parte: mas da dos imigos foi o estrago tamanho, que naõ o podẽdo sofrer se lançaraõ do baluarte abaixo, pasmados do que viraõ, deixando aquelle lugar entulhado dos corpos dos seus mortos, leuando a mór parte dos que escaparaõ bem grandes sinaes das maõs dos nossos, de que naõ morreraõ mais de dous, ficando porem corenta mal feridos. Ia neste tempo naõ auia mais de duzentos & setenta homens saõs, pera poderem pelejar, por que cincoenta eraõ já mortos, & auia mais de setenta feridos & aleijados, & sobre tudo isto, auia já falta de poluora d'espingarda, & de chumbo.

Passado o combate (por que atè entaõ naõ ouuera tempo) mandou Antonio da Sylueira leuar diãte de si os dous Turcos que foraõ tomados no már, de quem soube tudo o que quis: & lhe affirmaraõ, q̃ no exercito auia grãde medo da armada do Visorrey: & que eraõ mortos na guerra quasi oitocentos homẽs, & que passauaõ de mil os feridos: & que o Baxá determinaua de meter todo o resto por ganhar aquella fortaleza, primeiro q̃ o Visorrey chegasse. O capitaõ depois de informado de tudo, entregou os Turcos a certas pessoas, pera que de noite lhe fossem dar fũdo no már, & foraõ por entre tãto recolhidos em hũas casas.

Pella fortaleza se diuulgou logo tudo o que os Turcos disseraõ, & que o Baxá naõ se auia de aleuantar de sobre a fortaleza sem a tomar. Isto foi sabido pellas molheres que andauaõ ao trabalho: & passando hũa dellas pella porta das casas em que estauaõ os Turcos, (& foi a tempo que de dentro saya vm soldado) & perguntandolhe ella pellos Turcos, & pello q̃ o capitaõ mandaua fazer delles, lhe respondeo o soldado zombando, pella sintir com paixaõ, que os Turcos estauaõ dentro, & que o capitaõ os mandaua soltar liuremente. Ella ouuindo aquillo, chea de ira, & de paixaõ entrou pella porta dentro como douda, & encontrou Francisco de Gouuea, que estaua todo abrasado em viuo fogo, (por que foi vm dos homens que neste dia, & em todos se abalizou bẽ, naõ se saindo do baluarte

ſe naõ queimado, dos pés, maõs, roſto, & de todo o mais corpo, ficando tal & taõ desfigurado, que o naõ conheciaõ. E neſte eſtado q̃ podera achar piedade na mais deshumana fèra que no mundo ouuera, a naõ achou neſta molher, que com a furia que leuaua cuidando que era vm dos Turcos, aleuantando hũa gamela que trazia nas maõs, remeteo cõ elle pera lhe dar com ella na cabeça, dizẽdo: Ah perro imigo, & viuo as tu de tornar d'aqui? ſabe que ás minhas maõs às de morrer tu, & eſſoutro perro como tu. E querendo deſcarregar o golpe, elle ſe lhe afaſtou o milhor que pode, dizendolhe que na outra caſa de dentro tinha os Turcos. Ella cuidando todauia que elle era vm delles, & q̃ a enganaua, tornando arremeter a elle pera lhe dar lhe diſſe: Ah caõ, quereſme enganar? olhay como eſpiuita o Portuguez, pois ſabe q̃ nada te à de valer, que te eide fēder eſta gamela neſſa cabeça: & ſempre lhe dera com ella, ſegundo Franciſco de Gouea eſtaua fraco, ſe a áquelle tempo naõ acudiraõ alguns homẽs que lho tiraraõ das maõs, dizendolhe quem era. Ella vendo aquillo, com a meſma paixaõ com que eſtaua, ſe ſayo polla porta fóra, & ajuntando muitas das companheiras ſe foi ao capitaõ, & com aquella furia & colera com que eſtaua contra os Turcos, lhe diſſe. Como mandais vos ſenhor dar vida, a vns imigos que tanto tem trabalhado por nos beber o ſangue? Se tal hè verdade, eu & eſtas minhas companheiras, que neſte cerco temos tamanho quinhaõ como todos os homens, o naõ auemos de conſintir, antes os auemos de eſpedaçar com noſſas maõs, por iſſo manday que nolos entreguem. O capitaõ paſmado de ver aquelle animo, ira, & furor, em peitos fracos & medroſos per natureza, auendo que a tè a ella tinha em ſeu fauor: muito alegre & rizonho lhes reſpondeo, que ſe quietaſſem por que elles naõ ficariaõ com vida: & que já tinha mãdado que os lançaſſem no mar.

Que mais eſpantoſo caſo ſe vio que eſte neſtas noſſas Portugueſas? Por eſtas com muita rezaõ ſe pode dizer, o que diſſe aquella Lacedemonia á outra Eſpartana, chamandolhe molher, que era verdade que as Lacedemonias ſós mereciaõ eſſe nome, pois ellas ſôs pariaõ homens. Quanto mais honráda paixaõ foi eſta, que a d'aquellas Romanas que foraõ conuocadas pella mãy do moço Papyrio, que por naõ deſcubrir o ſegredo do Senádo á mãy, que apertaua cõ elle que lho diſſeſſe, lhe diſſe que ſe tratara aquelle dia ſe caſariaõ os homens com duas pera a multiplicaçaõ da geraçaõ, & que ficara por determinar: Do que indinada a mãy, ajuntando as outras matronas, entraraõ no Senado cõ

grandes clamores & brados, dizẽdo aos Senadores, que quando aquillo ouuesse de ser, que antes ordenassem, que as Romanas tiuessem dous maridos.

Outro caso semelhante ao passado de ira, & paixaõ, aconteceo a os moços da fortaleza (que tambem andauaõ acarretando cousas pera os repairos, & fortificaçoens, naõ se escusando catiuo, nem liure de dez annos pera cima) quis a má fortuna de vm d'aquelles escrauos, que dissesse vm dia: se estes Turcos foraõ homens, & souberaõ o estado em que esta fortaleza está, já a ouueraõ de ter tomada. Os moços Portugueses em ouuindo isto, dandolhes a ira, & a paixaõ, largando os cestos remeteraõ a elle, leuandoo logo nos ares pera o matar, & asi chegaraõ a onde estaua o capitaõ, a quem contaraõ o caso, requerendolhe que logo o mandasse justiçar pois tiuera tamanho atreuimento, & pera que outro naõ fosse ousado a falar, nẽ imaginar outra semelhante cousa. O capitaõ espantado de ver naquella tenra idade vm zelo taõ honroso louuoulho muito, & lhes disse q̃ se recolhessem, & lhes deixassem o moço, que elle o mandaria castigar. Os moços descontentes d'aquella reposta, como yaõ cegos da paixaõ, sem fazerem discurso, nem consideraçaõ, todos a vm tempo remeteraõ ao escrauo, com paos, & pedras: & em breue espaço o desfizeraõ em pedaços, sem o capitaõ lhe poder valer: & tomando o corpo nos ares o leuaraõ com grandes gritas á couraça, & o lançaraõ no mar. Este caso admirou a todos, mas tambem os encheo de alegria, por verem que atè nos mininos crecia o animo, & furor contra os Turcos, o que lhes daua bom agouro, por que auiaõ que todas aquellas cousas eraõ mouidas por Deos, que os queria animar, esforçar, & dar confiança nestes trabalhos.

Pouco depois chegou Francisco de Siqueira o Malauar que Antonio da Sylua mandou cõ a carta ao capitaõ, que se alegrou muito, por saber q̃ tinha o soccorro taõ perto: & logo o tornou a despedir, escreuendolhe que de noite cometesse a entrada, & que Francisco de Siqueira o guiaria, ficando ali dez ou doze homens q̃ yaõ no catur, que na mesma noite se tornou a sair pera fóra.

Fim do Liuro Quarto.

LIVRO QVINTO
DA QVINTA DECADA
DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

Do ardil de que os Turcos vzarão, pera verem se podião tomar os da fortaleza descuidados. E do grande & geral assalto que lhe derão. E dos raros & espantosos casos que nelle acontecerão.



VENDO os Turcos que por força não podião entrar a fortaleza, & que todas as vezes que a cometião lhes custaua muito, determinarão de ver se por ardil podião fazer algũa cousa que lhes fosse de mais effeito. E assi deitarão logo fama que se embarcauão por auer nouas do Visorrey: & de dia se começarão a recolher ás Galés, pera verem se os nossos se descuidauão, pera tornarem a voltar, & cometerem a fortaleza com mayor força. Antonio da Sylueira vendo a pressa com que os Turcos se embarcauão, entendeolhes logo seu desenho: & naquelle pouco tempo que lhe dauão de folego, mandou reformar os lugares mais perigosos, pondo mais astucia & diligencia no do fogo, mãdando acrecentar a parede que cortaua o baluarte, & pór nella todos os petrechos necessarios pera o assalto, por que tiuessem os soldados tudo á mão. E assi mandou acarretar muitas traues das casas pera as fogueiras, de que nunca leuarão mão: & a artelharia do baluarte são Thome, mandou apontar pera este, na parte por onde os Turcos auião de sobir. E a Antonio de Sousa capitão do baluarte do már mandou recado, pera que estiuesse sobre auiso. Os Turcos depois de embarcados, se afastarão as Galés pera fóra, como que se querião fazer á vela. E tanto que a noite escureceo (por que estaua a lũa em conjunção de coarteirão da crecente, que daua claridade atè meya noite) tornarãose pera a terra, onde desembarcarão, & se passarão á ilha, metēdosse em seus exercitos em muito silencio. Ali se prepararão pera o assalto que auia de ser de madrugada por esta maneira.

Tres mil Turcos repartidos em tres bandeiras. A primeira de Isuf Amed: a segunda de Beran Baxá: a tercei-

a terceira de Baxá Mamêde: que auiaõ de cometer o baluarte do fogo, & Cogeçofar com os mais capitaens de Cambaya, com a gẽte Guſarata, auiaõ de cometer as mais eſtancias á roda pera diuertirem os noſſos.

Eſtando preſtes neſta ordem, vm pouco antes de romper a menhã, arrebentaraõ de ſuas eſtãcias, & com hũa barbara confuſaõ & borborinha, remeteraõ com o baluarte do fogo, & com as caſas do capitaõ, aruorãdo logo nellas muitas eſcadas, por onde começaraõ a ſobir com grande determinaçaõ.

Os Portugueſes que eſtauaõ á lerta, acodiraõ com muitas panellas de poluora que lançaraõ ſobre os imigos, pera com as labaredas verem as partes por onde cometiaõ, que muito claramente viraõ & notaraõ. A parte que foi cometida com mais inſtancia, & em q̃ os Turcos aruoraraõ mais eſcadas foi no muro que corria do baluarte do fogo pera o de ſaõ Thome, em que auia tres ou coatro partes derribadas & abertas da bataria.

E pella meſma maneira ſe aruoraraõ outras eſcadas no muro que corria por baixo dos apoſentos do capitaõ, por que determinaraõ de lhe entrar pellas janellas & varandas. Antonio da Sylueira que de tudo foi auiſado, mandou Gonçalo Vaz Coutinho, & Antonio Mendez de Vaſconcellos, que acodiſſem ao muro antre os baluartes. E a Franciſco Mendez de Vaſconcellos, & Manoel de Vaſconcellos, mandou que ſe foſſem meter nos ſeus apoſentos com a gente de ſuas obrigaçoens: & das outras eſtancias mandou vir todos os ſoldados pera aquellas duas partes, que eraõ as mais perigoſas. Os capitaens Turcos cometeraõ cada vm ſua parte, Iſuf Amed, que leuaua hũa fermoſa bandeira branca & vermelha, começou a ſobir pello baluarte do fogo, aruorando logo o ſeu alferes a bandeira ſobre elle, enchendoſſe aquelles dous terços do baluarte dos mais eſcolhidos delles, que cometeraõ as paredes com grande determinaçaõ.

Rodrigo de Proença que eſtaua preſtes pera os receber acompanhado da milhor gẽte da fortaleza acodio ali, & vẽdo os imigos apinhoados, & ſofregos pellas caualgarem, deitaraõ em meyo delles muitas panelas de poluora, que os abrazou a todos, fazendoos afaſtar. E ſendolhe mao de ſofrer aos noſſos ſoldados verem o eſtandarte Turco aruorado no ſeu baluarte como ſenhor delle, crecendolhes o furor, arrebentaraõ perto de trinta, & deraõ comſigo das paredes abaixo no meyo dos imigos, como lioens famintos, que deſejauaõ de os comerem a os bocados, começando a matar & ferir nelles cruelliſsimamente, & chegãdo vm delles ao Alferes Turco o matou,

dando

dando com a bãdeira pello chaõ. Os Ianiçaros vendo aquella afrõta, aferrando della a tornaraõ a aruorar: mas o mesmo soldado, que era valeroso, (a que tambem naõ achamos o nome) tornou a endereitar com elles ás cutiladas, ferindo muitos, & trabalhou por chegar outra vez á bandeira, por que se naõ jactassem que a tiueraõ leuantada naquelle lugar sem lhes custar muito. Aqui creceo a referta, por que todos se baralharaõ vns com os outros, & quasi que chegaraõ as punhadas por ser o lugar pequeno, & os imigos muitos, & tanto apertaraõ os Portugueses com elles, que com morte de muitos os lãçaraõ do baluarte em baixo, abatendolhes a bandeira a seu pezar. Mas como os contrarios eraõ muitos, & todos os d'aquella primeira batalha estauaõ ao pé d'aquelle baluarte, tornaraõ logo a subir outros de refresco, que acharaõ os nossos taõ encarniçados, que lhes naõ daua cousa algũa de sobirem todos. Ali se trauou hũa muito cruel & desigual batalha, em que os deixaremos, por q̃ he necessario continuarmos com as outras estancias.

A segunda batalha de que era capitaõ Beran Baxá, que ya aruorar suas escadas nos aposentos do capitaõ, achou já tal defensaõ & guarda, que com a espingardaria lhes derribaraõ muitos: & tanto q̃ vns cayaõ com as escadas, chegauaõ logo outros pera as leuantarẽ, que yaõ pello mesmo caminho. E tal manha tiueraõ os nossos neste jogo, que em quanto vns despara uaõ, outros carregauaõ, por que naõ ficasse momẽto vazio aos das escadas pera chegarem com ellas ao muro, sobre o que morreraõ tantos, que ouueraõ por seu partido largaremnas, & desistirem d'aquelle lugar: & asi voltaraõ pera se ajuntarem com os que pelejauaõ no baluarte do fogo. Aqui se acendeo mais a crueza: por que os Mouros como desesperados punhaõ todas suas forças em se senhorearem de todo d'aquelle baluarte: os Portugueses o mesmo, pello defenderem: por que nisso estaua a saluaçaõ da fortaleza: & asi retiniaõ os golpes, acendiaõ as chamas, atroauaõ os gritos & bramidos de tal maneira, que tudo era hũa confusaõ.

Cogeçofar andaua com treze mil homens do seu terço, fauorecendo os que sobiaõ, franqueandolhes as estancias, com tantas nuuens de frechas, que escureciaõ o sol, que já começaua a nacer.

E certo que bem se podia dizer naquella hora, pellos nossos, o que respondeo Leonides aos seus, cometendo os Parthos, (dizendolhe que as frechas eraõ tantas que encobriaõ o sol) pois filhos que mao he, dixe elle, que pelejemos á sombra dellas? Os Turcos estauaõ taes que naõ receauaõ a mórte, a troco

de se

de se satisfazerem das quebras passadas: mas cada vez se achauaõ mais embaraçados, por que parecia que de seu furor,& braueza,naciaõ aos nossos nouas forças pera lhes resistirem.

O dano de ambas as partes era grande,por que ainda que da dos Portugueses era muito menos,sintiasse tanto mais conforme a quãtidade,por que tanta falta lhes fazia vm como aos Mouros cento, por que no lugar que caya entrauaõ outros dobrados: & no que caya da parte dos Portugueses, naõ podia entrar mais que outro, asi pella estreiteza do lugar,como pellos poucos que já auia. E chegou a cousa aqui a tanto, que mãdou o capitaõ a Gõçalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Vaz Pacheco, Antonio Mendez de Vasconcellos, Francisco Mendez,Luis Rodriguez de Carualho, Antonio da Veiga,Lopo de Sousa Coutinho, Payo Rodriguez d'Araujo, Simaõ Rangel de Castello branco, & a Manoel de Vasconcellos,que estauaõ repartidos pellas outras estancias,que acodissem áquelle baluarte,onde estaua metida toda a potencia dos imigos. Chegados estes fidalgos a elle,tomaraõ todo o trabalho sobre si, fazendo nelle o que lhe pedia o valor de quem eraõ.

Rodrigo de Proença capitaõ do baluarte do fogo,deu neste dia mostras de vm valeroso caualeiro, & prudente capitaõ, por que quando era necessario pelejaua como soldado com grande valor, & quando compria mandaua & gouernaua como astuto capitaõ: acodindo de tal maneira ás necessidades, que em gritando vm por poluora, & panelas, já as ali achaua,por lanças de fogo, ás maõs as tinhaõ: em fim, tudo estaua tambem negociado, que nada faltaua a seu tempo. O capitaõ ao pé do baluarte onde estaua vendo,& gouernando tudo, dali compria tanto com sua obrigaçaõ, & trazia tãtas intelligencias, que nada se fazia sem seu conselho, mandando ter muito tento nos feridos,q̃ logo mandaua recolher, & curar, com muito cuidado. A briga cada vez se acendia mais, & o dano crecia dobrado: mas nẽ com isso as forças enfraqueciaõ nos nossos: por q̃ quando parecia que tudo estaua mais arriscado,o tornauaõ a segurar com o estrago que faziaõ nos imigos: & com o que cada vm via fazer, ao que tinha apar de si, lhe crecia hũa taõ honrosa inueja,que se desfaziaõ todos em colera, ira, & braueza.

Neste tempo em que a cousa estaua em balanço,se leuaraõ quatorze Galés, & se chegaraõ a hũa estacada que estaua perto da fortaleza,& dali a começaraõ a bater com grande furia,que logo os nossos lhe quebraraõ: por que Francisco de Gouuea capitaõ do baluarte

luarte de ſobre a barra lhes mandou tirar com algũas peças, & foraõ tãbem empregadas, que lhes meteo hũa Galé no fundo, & lhes deſaparelhou as mais das outras. Antonio de Souſa capitaõ do baluarte do már tambem os eſcandalizou com a ſua artelharia bem. No baluarte da briga ya cada vez o mal em mayor crecimento, por que os imigos trabalhauaõ por aruorarem outra vez a ſua bandeira nelle, & os noſſos por lha derribar & abater, ſobre o que faziaõ d'ambas as partes grandes couſas. Neſte conflito deraõ hũa ferida a Martim Vaz Pacheco, de q̃ cayo logo morto, tendo bem moſtrado ſeu esforço. Gabriel Pacheco ſeu primo com irmaõ, q̃ eſtaua a par delle, imitandoo nas obras, vẽdoo d'aquella maneira, como o amaua muito, deſejando de vingar ſua morte, auorrecido já da vida, ſaltou entre os Mouros com hũa eſpada & rodela, com que a hũa & a outra parte foi ferindo, derribando, & deſtroçando a todos os que podia alcançar, tomando bem grande ſatisfaçaõ da morte do parente. E como naõ fogia aos perigos, antes a onde eraõ mayores ali ſe arremeçaua, deraõlhe duas feridas no roſto, de que lhe corria muito ſangue, do que lhe elle deu pouco, antes lhe acrecentaua a furia & braueza, com que andaua como liaõ, que os imigos ſintiaõ bẽ em ſuas carnes. Vm dos noſſos, q̃ eſtaua junto delle, vendoo taõ mal tratado, lhe pedio que ſe recolheſſe a curar, por que aſſás tinha feito: & que lá lhe ficaua tempo, ſe eſcapaſſe dali, pera tomar vingança d'aquellas offenſas. Naõ quero eu (lhe reſpondeo elle) poupar a vida, quando eu vejo a do homem a que tanto quis perdida, que parece que me eſtá pedindo vingança de ſua morte: & pois fomos cõpanheiros tãtos annos na vida, rezaõ he q̃ o ſejamos tambem aqui na morte. E fazendo ſeu officio, ſe meteo pellos imigos como liaõ raiuoſo, fazendo nelles grãde deſtruiçaõ, a tẽ que lhe deraõ hũa eſpingardada, de que cayo morto a par do parente, comprindolhe niſto a fortuna bem ſeus deſejos, que tanto trabalhou por ficar naquelle lugar.

Dos dous baluartes ſaõ Thome, & do már, que ficauaõ de hũa parte & da outra d'aquelle do fogo, em quanto o aſſalto durou, ſempre varejaraõ os imigos que eſtauaõ apinhoados ao pé delle, em quem fizeraõ mũy grande, & notauel eſtrago. Neſte tempo em que mataraõ eſtes dous fidalgos parentes, ſe ſobio vm ſoldado em cima de hũa parede do apoſento do capitaõ, & com ſua eſpingarda começou derribar nos Mouros muito á ſua vontade ſem o verẽ: & vendo andar vm Mouro, que na louçainha do trajo ſe diferençaua dos outros, & como capitaõ

andaua

andaua gouernãdo a gente, ficandolhe a tiro, apontou nelle, & quis sua ventura q̃ o tomou pellos peitos, derribãdoo logo morto. E em caindo chegou vm Mouro pera o leuantar, & carregando o soldado a espingarda depressa tornou a apontar nelle, & acertou tambem o segundo tiro, que derribou o outro morto sobre elle: & acodindo outros pera o leuarem, tornou o soldado a desparar outra vez, & derribou o terceiro, ficando ali todos estirados por saluarem o seu capitaõ. O que era muito differente dos nossos, por que caya o parente & o amigo aos pés do outro, sem auer quem tiuesse mais tento que nas maõs com que pelejauaõ, fazendo alguns o finca pé em seus corpos, como aconteceo a vm Fernaõ d'Afonso, homẽ de mais de setenta annos, muito bom caualeiro, que asi desta vez como de todas as mais, tinha pelejado como se fora de trinta, que cayo aqui de muitas feridas: & como os mais estauaõ occupados em sua defensaõ, curando pouco do bom velho, em lugar de o aleuantarem o acabaraõ de atropelar: por que naquelle tempo, toda a charidáde que se quisesse vsar nesta parte, podia vir a ser crueza pera todos: por que cada vm cuidaua que só em seu braço estaua a defensaõ d'aquella fortaleza: & como esse pelejaua sem dar mais fé de outra cousa.

Em hũa guarita do baluarte saõ Thome, que estaua derribada, se meteo tambem vm soldado, & d'ali com sua espingarda matou muitos Mouros, & ao tempo que no baluarte do fogo crecia a referta & crueza sobre a bandeira dos Mouros, vns pella aleuantarem, & outros pella abaterem, quis a ventura deste soldado (a que tambem lhe roubou o descuido Portugues esta gloria, com lhe esconderem o nome) que apontando no alferes o derribou logo morto, & a bandeira cayo pello chaõ, a que os nossos deraõ grandes gritas, & os Mouros começaraõ a afloxar. O que visto pellos nossos apertaraõ tanto com elles, que os lançaraõ do baluarte abaixo.

CAPITOLO II.

De como as outras duas batalhas cometeraõ o baluarte. E dos casos que aconteceraõ a alguns dos nossos. E de como os imigos se retiraraõ desbaratados.



DESBARATADOS estes da primeira batalha, de q̃ era capitaõ Isuf Amed com muito grande dano seu, acodio Beran Baxá capitaõ da segunda, & remeteo com o baluarte pera

te pera vingar a afronta feita aos ſeus: & como chegou de refreſco, & com mil Turcos, & Ianiçaros folgados, tornouſſe logo a por em cima, ainda que com grande perda ſua, & logo aruoraraõ coatro bandeiras de ceda em grandes aſteas de lanças, & em cima hũas maçans douradas muito grandes, & bem lauradas, de que pendiaõ muitos cordoens com borlas brancas de algodaõ muito fino. Eſtas coatro bandeiras mandou o Califa de Meca ao Baxá, que foraõ ſanctificadas ao ſeu modo na caſa de Mafamède, & tocadas em ſua ſepultura, concedendo mũy grandes & geraes perdoens, a todos os que em ſua defenſaõ morreſſem, prometendolhes da parte do ſeu falſo profeta, que alcançariaõ vitoria naquella jornáda contra os Portugueſes. E aſsi as eſtimauaõ & tinhaõ em taõ grande veneraçaõ, que nunca as quiſeraõ tirar, & deſenrolar ſe naõ eſte dia (que auiaõ, que auia de ſer o vltimo de ſeus trabalhos) & que ſem duuida d'aquella feita por ſua virtude, ganhariaõ aquella fortaleza.

Aruoradas as bandeiras, remeteraõ os Turcos com as paredes que os noſſos defendiaõ, a que ſe tinhaõ já recolhido, (a onde ainda duraua o fogo, de que ſe teue ſempre grande cuidado) lançando ſobre os noſſos hũa grande ſoma de arteficios de fogo, & outros infinitos tiros de arremeſſo, zargunchos, lanças, pedras, & outras couſas com que feriraõ, & abrazaraõ alguns: que aſsi ardendo naõ faziaõ mais, que chegar ás tinas da agoa a ſe refreſcar, & tornar a ſeu lugar, onde logo eraõ outra vez toſtados, & aſſados, ficando alguns taes, que ſe naõ conheciaõ. Os Mouros que eſtauaõ debaixo, que naõ cabiaõ no baluarte, deſpendiaõ pera dentro da fortaleza tantas nuuens de frechas, que era couſa eſpantoſa de ver: por que todas as lanças dos noſſos eſtauaõ empenádas, & algũs com as maõs encrauadas nellas, & outros pellos roſtos, cabeças, braços, & em todas as mais partes de ſeus córpos. E certo que foi aquelle vm expectaculo piadoſiſsimo de ver: por que vns cayaõ pedindo confiſſaõ, outros abrazados corriaõ ás tinas da agoa, outros bradauaõ qne lhes deſencrauaſsẽ as maõs, outros que lhes tiraſſem as frechas do roſto, & cabeças, por que lhes fazia impedimento pera a briga, outros gritauaõ por panellas de poluora, por lanças de fogo, & por outras couſas ſemelhantes: & com tudo iſto faziaõ todos tamanhas marauilhas, quaes ſe naõ podiaõ eſperar de muitos homens ſaõs, quanto mais de taõ poucos, & taõ cruelmente feridos.

Aqui eſteue a couſa tanto em balanço, que todos os que de fóra a viaõ, ouueraõ tudo por acabado.

O capi-

O capitaõ ſobre quem carregaua tudo, gouernaua todas as couſas ſem perturbaçaõ, & com grande animo, naõ ſe afaſtando do pé da eſcada, donde deſpedia pera cima toda a gente que podia, tẽdo mũy grande conta com as moniçoens, que naõ faltaſſem, no que andauaõ occupadas aquellas honradas matronas, com que he rezaõ que continuemos em todo o tempo, pello muito que aqui mereceraõ. Iſabel da Veiga, & Ana Fernandez cujos annos & idades eraõ já mais pera repouſo, que pera aquelles trabalhos, ſubidas ambas ao baluarte, metidas no meyo dos que pelejauaõ, aleuantando as vozes esforçauaõ a todos.

Aqui Ana Fernandez com vm feruor Chriſtianiſsimo, arrancou de vm deuoto crucifixo, & aruorandoo no ár diſſe: Ah filhos, que aqui tendes quem vos à de dar a vitoria, ponde os olhos neſte Senhor, q̃ delle vos á de vir todo o ſocorro, pelejai caualeiros de Chriſto, esforçados capitaens & ſoldados ſeus cõ muita confiança cõtra voſſos & ſeus imigos, q̃ aqui tendes cõ voſco aquelle q̃ defende & guarda todas as cidades & lugares d'aquelles q̃ pelejaõ por ſua fé ſagrada & Catholica, (Iſabel da Veiga tãbem pella ſua parte fazia outro tanto, taõ ſeguras ambas, & conſtantes, q̃ nada lhes daua dos pilouros & das frechas q̃ lhes yaõ zonindo pellas orelhas. E ſe algum dos noſſos caya ferido, ou morto, chamauaõ pellas companheiras que acodiaõ logo, & os tirauaõ d'ali por naõ eſtoruarem aos viuos.) Os noſſos que eſtauaõ aceſos na peleja, vendo a figura de Chriſto aruorada, & ouuindo as palauras d'aquellas animoſas matronas, de repẽte ſe lhes acendeo vm nouo furor em ſeus animos & coraçoens, com que começaraõ a fazer couſas naõ eſperadas de homẽs que tanto tinhaõ ſofrido, & que eſtauaõ taõ eſcalaurados, por que antre todos naõ auia já vm ſaõ.

Antonio da Sylueira, poſto que naõ tinha como elles os trabalhos dos braços, tinha os do animo, & do vigilantiſsimo cuidado, por q̃ o tinha repartido por muitas partes, prouendo todas de tal feiçaõ, q̃ nunca faltou couſa que ſe pediſſe, & de que ſe tiueſſe neceſsidade. Neſte exercicio andauaõ as molheres, & alguns homẽs muito velhos, a quem particularmente era dado o cuidado de recolher os feridos, & de os mandar curar, prouẽdo o capitaõ logo aq̃lles lugares de outros ſaõs, ſe os auia: & antre eſtes feridos q̃ ſe tirauaõ (& muitos quaſi por força) ſe foraõ tambem ſaindo alguns de pequenas feridas, que foraõ viſtos de Ana Fernandez, q̃ com grãde colera & paixaõ os tomou pellos braços, & os tornou a ſeu lugar, dizendolhes que pelejaſſem, q̃ as feridas naõ eraõ de perigo: & aſsi como aos q̃ faziaõ

marauilhas louuaua, & engrandecia, com palauras de amor, chamandolhes filhos, & caualeiros de Christo: asi aos que sintia fracos, & medrosos, os afrontaua & reprendia, de maneira, q̃ vns por hõra, & outros por vergonha, & medo desta honrada velha, pelejauaõ a tè morrerem, sem mudarem o pé de vm lugar: mas destes ouue poucos, por que todos fizeraõ taõ heroicas proezas, que naõ ha copia de palauras com que se possaõ particularizar. E asi aconteceraõ em todo este cerco casos mũy raros, & nunca ouuidos: como vm nesta mesma briga.

Estando vm soldado nosso pelejando com sua espingarda, com grande feruor, tendo mortos muitos Mouros, & despendida toda quanta moniçaõ tinha, bem á sua võtade: & tendo lançado hũa carga de poluora na espingarda, foi á bolsa buscar pilouro, & naõ no achando, como estaua aceso naquel le furor, magoado de se lhe acabarem os pilouros, & naõ ter com q̃ desparar aquella carga nos imigos: leuou a maõ com grande colera á boca, & pegou de vm dẽte, (que deuia de lhe bolir) & com tãta força puxou por elle, que o arrancou & meteo na espingarda por pilouro com que a tirou aos imigos. Caso he este por certo pera se engrandecer & louuar com milhor & mais alto estilo que este nosso, em que nos pareceo milhor (pois o tempo deixou taõ valeroso soldado, com outros taes, em esquecimento) contar o caso asi como passou, por que elle por si se realça, & engrandesse.

Rodrigo de Proença, q̃ neste dia fez cousas bem dinas de se celebrarem, vẽdo o aperto em q̃ estaua, se pós diãte de todos, fazendo bem o officio de soldado, por que o estado em q̃ via aquelle negocio o fez esquecer da obrigaçaõ de capitaõ, por que entendeo que ali cõuinha mais pelejar, que mandar: mas a fortuna inuejosa do seu esforço, ordenou, que em aleuantando a vizeira de vm elmo que tinha, pera resfolegar vm pouco, endireitasse hũa frecha por ali dentro que o tomou por vm olho, & outra logo pella boca, de que cayo mortal. Aqui acodio a boa Ana Fernandez, & o mandou tirar com muita pressa, pera lhe darem remedio, que lhe naõ aproueitou, por q̃ logo morreo. No mesmo instante deraõ outra frechada á Antonio Mendez de Vasconcellos, que o tomou pella garganta, de que tambẽ logo cayo morto. Aqui declinou a batalha contra os nossos: porque estes homens, & outros que já ali estauaõ estirados, eraõ os que sustentauaõ o pezo della.

Neste perigoso trance chegou Ioaõ Rodriguez (de quẽ já falamos no cap. 11. do 4. liuro q̃ trauou do bicheiro dos imigos) q̃ trazia aos hombros hũa jarra de poluora

uora d'espingarda, que leuaua perto de hũa arroba: & como era homem mũy grande & forçoso, foi passando por todos os q̃ pelejauaõ dizendolhes que lhe dessem caminho, por q̃ ali leuaua o com que aquelle negocio se auia de cõcluir. E passando adiante de todos chegou ao lugar dos imigos, & leuantãdo a jarra cõ as maõs deu cõ ella antre elles, recolhendosse pera dẽtro. A jarra em dando no chaõ fezse logo em pedaços, & tomãdo o fogo de muitos murroẽs q̃ leuaua acesos, leuãtou aquellas labaredas ardẽtissimas em cujo meyo ficaraõ logo vinte Mouros abrazados, & mais de cẽto foraõ voando por esses ares: & as coatro diabolicas bãdeiras foraõ desfeitas em cinza. A isto deraõ os nossos hũa grãde grita, & os imigos se foraõ retraindo, com o q̃ cobrãdo os nossos nouo animo (quãdo já estauaõ mais desconfiados) deraõ sobre os Mouros, q̃ yaõ já em disbarato, & os deitaraõ do baluarte abaixo, & sobre elles lançaraõ muitas panelas de poluora, que se foraõ desfazer antre os que estauaõ apinhoados ao pé do baluarte, em que fizeraõ grandes incẽdios, & destruiçaõ. As mais destas panelas foraõ lançadas por Ioaõ Rodriguez, que era homem muito braceiro, & foi vm dos que neste cerco mereceraõ mais, & d'aqui lhe ficou o apellido de Ioaõ Rodriguez panelas de poluora, pello que foi muito conhecido. (Viueo depois muitos annos casado em Goa, & Elrey lhe deu por este seruiço os cargos de guarda dos contos de Goa, & thisoureiro dos restes, pera elle, & pera seu filho Martim Rodriguez panelas de poluora, que nesta era de nouenta & seis, em que isto escreuemos viue, homem honrado q̃ imita a verdade & bõdade de seu pay.) Neste tempo em que se começaua a declarar a vitoria pellos nossos, quis Deos q̃ do baluarte do már, & do de saõ Thome, acertassẽ algũs tiros no meyo d'aquelle cardume de imigos, em q̃ fizeraõ tamanha destruiçaõ, q̃ de todo se ouueraõ por desbaratados.

A terceira batalha de que era capitaõ Baxá Mamède, vendo o destroço que era feito na gente da companhia de Beran Baxá, foi lhe necessario soccorrerlhe, & cometer os nossos, o que fizeraõ com menos confiança, pello grande estrago que vira fazer em tãtos dos seus. E sobindo ao baluarte, já os nossos os naõ quiseraõ esperar de tras das paredes: por que vendo a merce que Deos lhes tinha feito, & fazia, sairaõ das paredes, & dãdo nos Mouros como lioens brauos, ferindo & matãdo nelles bem á sua vontade, os lançaraõ fóra cõ pouco gosto delles. Na dianteira dos Mouros pelejaua Caracen (que já demos a conhecer no capitolo nono do liuro primeiro, que era casado com a filha de Cogeçofar, q̃

 foi

foi molher do Tygre do mundo) que como homem animoso & esforçado se quis asinalar, & auentejar de todos, indo acompanhado de alguns Ianiçaros que escolheo. E remetendo com os nossos achou logo o desengano d'aquella confiança, por que a poucos golpes cayo, asi de feridas, como de abrasádo em fogo, & em estádo que o recolheraõ os seus. Depois viueo este Mouro a tè o anno de oitenta & tres, com grãdes sinaes deste fogo, nas maõs, pernas, & rosto: cousa de que elle se muito jactaua, cõuersando os Portugueses, de que depois foi muito amigo. A falta deste homem, & o veremno leuar d'aquella maneira, fez grande temor, & pós em grandes desconfiãças, aos que estauaõ ás maõs com os nossos, pello que se começaraõ a retirar com grande prèssa: o que visto pellos nossos, começaraõ a apellidar vitoria, vitoria, tocãdosse logo todos os instrumentos, asi pera animarem a todos os da fortaleza, como pera descoraçoarem mais os imigos. Durou este combate coatro horas, ficando jà os nossos desaliuados, porem naõ cõ taõ pequeno dano, que naõ morressem catorze, ficãdo mais de duzentos feridos, & queimados.

Dos imigos passaraõ os mortos de quinhentos, & de ventagem de mil os feridos.

CAPITVLO III.

De como o Baxâ mandou recolher os seus, & se embarcaraõ. E dos apercebimentos q̃ Antonio da Sylueira fez pera se defender, cuidando ser ardil, como da outra vez: & de como Francisco de Siqueira o Malauar tornou com recado de Antonio da Sylua. E da desastrada morte de Antonio da Veiga.

LEVADAS as nouas ao Baxá d'aquelle socesso, ficou como sem sizo, & fora de si: & vendo quanto lhe tinha custado aquella jornada, & que cada vez lhe socedia pior: & que cada dia podia arrebentar ali a armada do Visorrey: & que já naõ tinha poder pera a esperar, por ser a mór parte de sua gente mórta naquella guerra, & cõsumidas todas as moniçoens, & sobre tudo sintir já hũa alteraçaõ & mudança em Cogeçofar, com quem auia pouco tiuera hũas rezoens roins, & palauras o dia que chegaraõ á fortaleza as nouas que o Visorrey ficaua pera partir, dizendolhe que era falso, & que o enganara, (por que lhe tinha elle affirmado, que o Visorrey naõ se auia d'abalar de Goa, nem o auia

de ir buſcar: & como Cogeçofar era mũy recatado, & via o roim ſoceſſo que as couſas do Baxá yaõ tendo, conhecendo a ſua maldade & falſidade, receandoſſe que o quiſeſſe leuar ao Turco pera deſcarregar ſobre elle as culpas do pouco que fizera no cerco: andaua já retirado & apartado, ſem ir á ſua Galé. Via mais o Baxá, que os naturaes andauaõ alterados, & naõ acodiaõ com os mantimentos como coſtumauaõ: o que era verdade, por que ou de eſcandalizados, pellas auexaçoens & afrontas que os Turcos lhes tinhaõ feitas, ou induzidos de Cogeçofar: eraõ todos auſentes. Iſto tudo entendido do Baxá, logo o meſmo dia, primeiro que anoiteceſſe mandou a ſeus capitaens que ſe recolheſſem, & que tiueſſem tento em ſi, por que a gẽte naõ os acabaſſe de desbaratar, & lhes tomaſſe a artelharia: o que elles logo começaraõ a fazer no que reſtaua do dia, paſſando logo á outra banda toda a artelharia q̃ poderaõ, & algũas peças muito grandes deixaraõ entregues a Cogeçofar, pera dar cõta dellas todas as vezes que lhas pediſſem.

Diſto foi logo Antonio da Sylueira auiſádo: & receando que podeſſe aquillo ſer algum ardil, ou inuençaõ, como da outra vez, toda aquella noite naõ quietou, nem repouſou, mandando fazer preſtes de nouo as couſas que auia pera ſe defenderem, ſe o tornaſſem a cometer. Mas naõ achou nos almazẽs poluora algũa, por ſer toda gaſtada: nem auia já em toda a fortaleza mais de corenta homens que ſe podeſſem repartir pellos baluartes.

Pello que vendo tamanha pobreza, ſoccorreoſſe a Deos, & mandou tirar a poluora que eſtaua já carregada em coatro bombardas groſſas, de que ſe encheraõ corenta panelas de poluora, que ſe repartiraõ pellas eſtancias: que mãdou guarnecer de muitas pedras, que arrancaraõ aquellas matronas honradas. Eſtas vendo o perigo em que a fortaleza eſtaua, & a pouca gente que auia pera ſua defenſaõ, acodiraõ todas com vm animo & valor ſobre natural, repartindoſſe pellos baluartes, pera ſuprirem a falta dos homens, armãdoſſe algũas dellas, em armilhas, & coſſoletes, com lanças & alabardas nas maõs, muito alegres & cõtentes, determinadas a morrerem na defenſaõ d'aquella fortaleza, veſtindoſſe todas pera iſſo dos mais ricos, & galãtes trajos que tinhaõ. O meſmo fizeraõ todos os homens, pondoſſe de plumas, & louçainhas, & os que as naõ tinhaõ as pediaõ a outros, querendo neſte dia (que auia de ſer o derradeiro) moſtrar o goſto que tinhaõ de morrerem pella fé de Chriſto. Os feridos que eſtauaõ em ſuas camas, ſabendo o que por fóra ya, & do aparelho que todos faziaõ, os

mais ſe mandaraõ leuar por ſeus eſcrauos aos baluartes, por que aquelles lugares auiaõ por mais ſeguros. Antonio da Sylueira muito contente & alegre com eſte pobre aparato que tinha feito, pera eſperar os imigos, gaſtou toda a noite em viſitar as eſtancias, animando, & esforçando a todos, & dando alguns rebates falſos, em que ſempre os achou em ſeus lugares mũy aparelhados, & apercebidos, pera reſiſtirem aos imigos.

Eſta noite que foi a derradeira do més de Outubro, por hũa parte parecia a mais medonha que ſe podia imaginar, & por outra em certo modo muito cheya de alegria, pella muita que todos tinhaõ na determinaçaõ cõ que eſtauaõ: & acabou de os alegrar Franciſco de Siqueira o Malauar, que na entrada do coarto d'alua entrou pella barra dentro: por que depois q̃ ſe fez á vela com as cartas de Antonio da Sylueira (como atras diſſemos no capitolo 12. do 4. liuro) foi tomar Antonio da Sylua na coſta de Baçaim, pera atraueſſar a Diu: & dandolhe as cartas o deſpedio logo, metendolhe dentro vinte homens, & o mandou com outra carta a Antonio da Sylueira, em que lhe dizia, como ya já atraueſſando: dandolhe por regimẽto que o eſperaſſe á viſta da armada dos Turcos, pera o auiſar do modo em que eſtaua. O Siqueira voltou taõ depreſſa, que ao ſegundo dia entrou por aquella barra, & metido pella couraça deu a carta ao capitaõ, & lhe affirmou que ao outro dia ſeria Antonio da Sylua naquella fortaleza, o que pós grãde aluoroço em todos, & metendolhe a gente dentro, tornou logo a voltar antes que amanheceſſe: & afaſtado das Galés ſe deixou eſtar donde lhes enxergaua os penoés, eſperando por Antonio da Sylua. Vindo a manhã, que foi do dia de todos os Sanctos, o mais alegre, & fermoſo pera todos q̃ nunca viraõ, por que já naõ ouuiaõ eſtrõdos de bombardas, nem viaõ labaredas de poluora, nem eſcadas aruoradas pello muro, nem aquelle terror & eſpanto que tantos dias auia, que viaõ & ouuiaõ. Nẽ viaõ já os imigos, por que eraõ embarcados, & as Galés eſtarem recolhendo a artelharia cõ muita preſſa, & feruerem os Turcos na embarcaçaõ. Tudo iſto viaõ os noſſos com os olhos, & naõ o criaõ de aluoroço.

Cogeçoſar tanto que os Rumes ſe embarcaraõ, recolheoſſe com a ſua gente pera os primeiros alojamentos, em que ſe deixou ficar aquelle dia, em quanto ſe recolhia a artelharia que lhe ficaua entregue, que com muita preſſa fez paſſar da outra banda. O dia paſſouſe todo em verem recolher os imigos, & tanto que anoiteceo deſejou Antonio da Sylueira, mandar fóra algũa gente pera derribarem os

baſtiaẽs,& trincheiras de junto da caua,& pera darem vm toque nas eſtancias de Cogeçofar, por que entẽdia quaõ medroſo auia d'eſtar ſó pera o quebrantar. Eſta ſaida lhe pedio muito de merce Antonio da Veiga feitor da fortaleza, (que em todos os rebates & perigos deſte cerco foi ſempre dos primeiros,& deu de comer á ſua cuſta a muitos homens) o capitaõ lha concedeo, dandolhe vinte & cinco ſoldados,dos que auia ſaõs, em que entrauaõ os que leuou o Siqueira. E fazẽdoſſe preſtes,no coarto d'alua ſe lançou na caua, & em muito ſilencio foi demandar as eſtancias dos imigos: & cometendoas por hũa parte com grãde determinaçaõ,ás entraraõ,fazẽdo nos imigos vm grande eſtrago,por que os tomou bem deſcuidados. O arrayal foi todo poſto em reuolta,por que cuidaraõ que era o poder mayor, pondoſſe todos em desbarato. Antonio da Veiga depois que fez aquelle negocio muito á ſua vontade, & ſem lhe cuſtar couſa algũa, foiſſe recolhendo pera a boca da caua, a onde achou muitos ſeruidores que o capitaõ pera aquillo deitou fora: & dando nas eſtancias de ſobre a caua, em breue tempo as deſmanchou, & pós por terra.

Em quanto ſe iſto fazia,vm dos ſeus ſoldados tomou o caminho da caua pera a banda do már,& ſobindo acima foi demandar vm baſtiaõ,que os Turcos tinhaõ naquella parte,que achou deſpejado com ſua bandeira ainda aruorada, que com a preſſa deixaraõ ali os Mouros: & achou mais vm fermoſiſsimo liaõ de metal poſto em ſeu repairo, & tomando a bandeira tornouſſe pera Antonio da Veiga,a quem deu conta de tudo o q̃ vio,& como já tinha feito tudo ao que fora,recolheoſſe pera a fortaleza,& deu conta ao capitaõ do q̃ deixaua feito,& da bombarda que o ſoldado achara no baſtiaõ, pedindolhe licẽça pera a ir recolher. O capitaõ ſe eſcuſou com lhe dizer,que pois os Turcos ali a deixaraõ deuia de ſer arrebentada, & q̃ ella ali eſtaua ſempre, & que a todo tempo ſe recolheria: que ſe era pera moſtrar valor & esforço, aſſas tinha já dado de ſi baſtãtes prouas, que naõ ouueſſe por honra ir ganhar o que naõ era defendido d'alguem. Antonio da Veiga naõ ſatisfeito d'aquellas rezoẽs o tornou a importunar de feiçaõ, que lhe concedeo a jornada.

Depois de todos jantarem, com grande regozijo, eſcolheo Antonio da Veiga vinte companheiros & veſtindoſſe muito galante de plumas & medalha, ſayo pella caua, & foi demandar o lugar em q̃ o liaõ eſtaua: & chegando a elle vio que era arrebentado, & ſem embargo diſſo determinou de o recolher, fazendoo arraſtar pellos ſeruidores a té a borda da caua,pera dar

ra dar

ra dar com elle embaixo. Mas como naõ ha fogir á morte, & ella o esperaua n'aquelle lugar, pera onde se elle fez taõ gentil homem, quis Deos (que he o que tudo moue) que chegasse áquelle tẽpo vm Mouro a vm alto que estaua d'ali a mais de trezẽtos passos, pera ver o que os nossos faziaõ, & vendoos estar no trabalho do liaõ, desparou hũa espingardada a montaõ, sem lhe parecer que podia lá chegar, & endireitando o pilouro com Antonio da Veiga, que estaua no meyo de todos os seus soldados, & sendo mais pequeno de corpo que todos elles, & tomandoo pella cabeça o derribou logo morto. Os seus soldados vendo tamanho desastre o tomaraõ em os braços, & o recolheraõ pera a fortaleza, onde foi enterrado honradamente, com grande magoa & dór de todos. Este caso sintio muito o capitaõ, asi pella perda d'aquelle homem, como por que foi áquelle negocio, contra sua vontade & gosto. Destes casos aconteceraõ alguns na fortaleza, pello discurso do cerco, que se notaraõ bem. Vm soldado mancebo muito lustroso, & gentil homem, estando vm dia de vm assalto n'aquelle baluarte do fogo, pelejando muito bem, a caso se sayo d'ali, & se foi pera o pé da escada onde estaua o capitaõ (deuia de ser a lhe leuar algum auiso) & estando bem ao pé do baluarte, foi vm pilouro perdido apos elle, & lá em baixo lhe deu pella cabeça de que logo cayo morto: escapando elle em quanto esteue em cima no meyo d'aquellas espessas nuuens de pilouros & frechas, que sobre o baluarte cayaõ. E tornando aos Turcos, foraõ recolhendo suas cousas, & prouẽdosse de agoa & mantimentos. E aqui os deixaremos, por continuarmos com Antonio da Sylua.

CAPITVLO IIII.

De como Antonio da Sylua chegou â vista da armada do Turco: & de como o Baxà cuidando ser a armada do Visorrey lhe foi fogindo: & de como a nossa armada entrou em Diu: & do que aconteceo ao Baxà na jornada.



TANTO que Antonio da Sylua despidio o Siqueira Malauar (como dissemos no capitolo 3. do 5. liuro) foi logo atrauessando o golfo, & aos cinco dias do mês de Nouembro ouue vista da terra, & juntamẽte do Siqueira, que estaua á vista das Galés, & delle soube o estado da fortaleza, & de como o Baxá estaua recolhido, & com a armada afastada, pera de todo se ir: & por ser isto sobre a tarde foilse detendo pera de noite cometer a barra.

a barra. Alguns nauios da ſua cõpanhia que ſe adiantaraõ, foraõ auer viſta da armada, & tomando as velas tornaraõſe ao capitaõ mór, o que naõ quiſeraõ fazer dõ Martinho de Souſa, & dom Luis de Tayde, que yaõ com elles, antes deſuiandoſſe da armada, tomando o remo em punho, foraõ demandar a barra de Diu, por onde entraraõ á boca da noite. E ſurgindo á couraça deraõ rebate aos da vigia, que logo deraõ recado ao capitaõ, que acodio, & os recolheo por ella, fazendolhes grandes feſtas. Delles ſoube como Antonio da Sylua ficaua á viſta dos imigos, com o que todos os da fortaleza parecia que reſuſcitaraõ: & aſsi paſſaraõ toda aquella noite em feſtas, folias, & outros paſſatempos de alegria, ſem quererem repouſar. Antonio da Sylua deixouſſe eſtar ſobre o remo, & tanto que o ſol ſe pós, ſe foi chegando á viſta da armada, de que logo foi viſto. E como o dia ſe ya eſcurecendo, naõ diuiſaraõ os Turcos, mais que hũa quantidade de nauios, ſem ſe determinarem em o numero, nem no porte. Antonio da Sylua tanto que de todo eſcureceo mandou deſparar toda a artelharia da armada muitas vezes, aſsi pera animar aos da fortaleza, como pera meter terror & eſpanto nos Turcos. Depois de os noſſos darem ſuas ſaluas ficaraõ ſobre o remo, mandando fazer toda a noite muitos fuzis, & acender pella armada muitos foroes. E como a noite era eſcura, parecia que o már ſe desfazia em fogo: & ainda pera mór eſpanto, ſocedeo na meſma conjunçaõ vm Eclypſe da lũa, que fez parecer aquellas carrancas mais medonhas. E como o Baxá de ſeu natural era fraco, & medroſo, ouuindo aquelle terror da artelharia, vendo a multidaõ dos fuzis, & ſobre tudo o Eclypſe, que tomou & notou por muito roim agouro, tendo por certo que aquella ſeria a armada do Viſorrey, fez ſinal a toda a armada que ſe leuaſſe, o q̃ fez com tanta preſſa, que deixaraõ em terra todos os doentes & feridos, que ſeriaõ perto de coatrocẽtos, de que viueraõ muitos que ficaraõ a ſoldo d'Elrey de Cambaya, que tanto que ſoube aquella deshumanidade do Baxá, os mandou buſcar a todos & os curou cõ muito grande cuidado.

E por que naõ fique vm louuor, que vm deſtes diſſe dos Portugueſes, o contaremos, por ſer dito de boca eſtranha, & de imigo: o que contaua muitas vezes Caracen. Eſtando Elrey de Cambaya vm dia praticando com eſtes Turcos, & perguntandolhes pellos ſoceſſos da guerra: & ſe os Portugueſes eraõ taõ esforçados como ſe dizia? Reſpondeo vm delles: ſabei ſenhor, que elles ſó ſaõ dinos de trazerem barbas no roſto.

E tornando ao Baxá, afaſtado da ter-

da terra deu á vela, tirando cada Galé tres bombardadas, & com o terrenho foraõ passando a ponta de Diu, & costeando a costa da outra banda. E parece que aquellas saluas que o Baxá mandou dar cõ a artelharia, deuia de ser por entreter o Visorrey, que cuidaua que estaua ali, pera com isso lhe mostrar o aluoroço com que o esperaua, pera ter tempo de se fazer á vela: & foi seguindo sua derrota com que logo continuaremos.

Antonio da Sylua deixousse estar a tè o coarto d'alua, mandando vigiar as Galés pello Siqueira Malauar, que as vio fazer á vela. Cogeçofar tanto que ouuio as bõbardadas no már, & vio os fogos, folias, & festas que se faziaõ por toda a fortaleza, parecendolhe que era a armada do Visorrey chegada, logo deu fogo a todo o arrayal, & passousse á outra banda com muita pressa. Antonio da Sylua tanto que começou a esclarecer a manhã, tomando o remo, entrou em Diu com toda a sua armada fermosamente embandeirada, saluando a fortaleza com toda a artelharia, & com muitos instrumẽtos, assi de guerra, como de paz & alegria. Antonio da Sylueira mãdou embandeirar os baluartes, & desparar algũas peças de artelharia: & pera receber Antonio da Sylua com mayor aparato, mandou abrir a porta da fortaleza, que estaua tapada de pedra & cal, & nella o esperou com todos os que auia saõs.

Antonio da Sylua pojou no cais com toda a sua armada, & logo desembarcou com os capitaens fidalgos, & toda a mais gente da armada, postos em armas mũy galantes & custosos. No cais o esperou o capitaõ, onde se abraçaraõ todos, com grandes mostras de alegria, leuando o capitaõ a Antonio da Sylua, & aos mais dos fidalgos pera sua casa, & aos outros mãdou aposentar pella fortaleza. Aquelle proprio dia escreueraõ ambos os capitaens ao Visorrey tudo o que passaua, despedindo logo o Siqueira Malauar como testemunha de vista, pera o informar do que vira.

Partido o Siqueira, ao outro dia foraõ os capitaens ver as estãcias dos imigos, mandando recolher logo dentro toda a pedra, madeira, & cal que acharaõ: & aos moradores da cidade mandaraõ recado que se naõ bolissem, & estiuessem seguros em suas casas porq nenhum mal receberiaõ. Ficaraõ estes capitaens ambos corrẽdo em amizade alguns dias, mas logo se perturbaraõ, começando a ter differenças sobre pontos bem pouco substanciaes: por que Antonio da Sylua dizia que os Turcos tanto que viraõ a sua armada logo se embarcaraõ, & se foraõ fogindo. Antonio da Sylueira, que naõ auia tal, por que auia cinco dias que estauaõ

estauaõ embarcados pera se irem, desbaratados de suas maõs, o que atissauaõ homens amigos de desauenças.

E deixando estas cousas que naõ pararaõ mais que em arrufos, primeiro que tratemos da jornada do Visorrey, nos pareceo bem darmos rezaõ da do Baxá que ya seguindo sua derróta. Depois de costear a costa de Pór, & Mangalor, atrauessou da ponta de Iaquete, & aos vinte & sete do més de Nouembro foi tomar Acer, vm lugar d'Elrey de Dofar, na costa de Arabia, em dezaseis graos & meyo do Norte, pouco mais de cem legoas antes de Adem. He este lugar seco & esteril: saõ os moradores d'aqui Ethiophagis, & mantense de peixe seco ao sol. O Rey de Dofar tanto que soube estar ali a armada surta, mandou prender corenta Portugueses, que ali estauaõ fazendo suas mercadorias, & os mãdou de presente ao Baxá, com outros refrescos da terra, por se sanear com elle, ou ao menos por q̃ lhe naõ fizesse mal. O Baxá os estimou muito, & os mandou aferrolhar pellas Galés. Aqui se deteue tres dias, em que lançou fama que deixaua a India tomada, & os Portugueses todos mortos: & depois de tomar agoa & lenha se fez á vela, & aos dezaseis de Dezembro foi surgir no porto de Adem, onde se deixou estar deuagar, prouendo em muitas cousas, pódo ali por Baxá a Mirmostafa, torto de vm olho, com quinhẽtos Turcos, guarnecendo a fortaleza de cem peças de artelharia, & de muitas moniçoens & mantimentos.

Aqui mandou o Baxá cortar a cabeça a Cafarcan, por que naõ dissesse ao Graõ Turco suas couardias, & velhacarias. E quem lér esta jornada no roteiro d'aquelle Italiano, que já dissemos no capitolo setimo do segundo liuro (que anda impresso, & junto ás varias viagens, que recopilou Misser Baptista Ramnusio) achará que diz, que mãdara neste porto de Adem o Baxá chamar vm Turco, que já fora Christaõ, arrenegado, homẽ de grande conta, & patraõ de hũa Galé, & lhe mandara cortar a cabeça: do que se murmurara em toda a armada, por se recear de elle o mexiricar com o Graõ Turco. E diz mais, que este arrenegado, estiuera já a soldo d'Elrey de Adem, & depois se achara em Diu no tempo em que Elrey de Cambaya foi morto pellos Portugueses: & que a Raynha molher do Rey morto persuadida delle se embarcara pera Meca com grande quantidade douro, & que por força a leuara ao Cairo, & d'ali a Constantinopla: & que o Turco pello ver pratico nas cousas de Diu, o mandara por patraõ de hũa Galé nesta jornada, pera conselheiro do Baxá. E como o Venezeano que fez aquelle roteiro lhe naõ

ya cousa algũa em aueriguar aquellas cousas,naõ fazia mais que escreuer o seu roteiro dia por dia, & as cousas que via & ouuia.E pello que temos contado da jornada de Cafarcan, & da Raynha , & de como o Turco o tornou a mandar com o Baxá , fica bem claro ser elle o que mandou aqui matar.

Oito dias esteue a armada em Adem,& deixando ali cinco fustas pera seruiço da fortaleza , deu o Baxá á vela,& embocando as portas do estreito foi correndo a terra firme,& entrando por antre ella, & a ilha de Camaraõ , surgio da outra banda della em vm lugar chamado,Cubit Sarif. Aqui mandou o Baxá desembarcar algũas peças de artelharia de campo,& dous mil homens , & foi em pessoa cõtra Coja Amede Rey de Zebit, por que da outra vez naõ fora a seu chamado. E sendo a meyo caminho,tendo auiso os de Zebit de sua ida , desempararaõ o seu Rey,& a sua cidade,& os mais delles se passaraõ ao Baxá. Elrey vendosse desemparado dos seus , tomou por milhor remedio(que lhe foi bem roim) irse apresentar ao Baxá,cuidandó que achasse nelle o que naõ tinha,que era algũa piedade. E asi o foi esperar ao caminho com hũa touca atada ao pescoço,em sinal de culpado & escrauo,& lançado a seus pés lhe pedio perdaõ,& misericordia : mas como elle naõ tinha algũa, lhe mandou logo ali cortar a cabeça . E chegando a Zebit achou a cidade despejada,& mãdou logo pregoar pellas aldeas seguro geral a todos, & que fossem receber soldo q̃ lho pagaria. A isto acodiraõ duzentos Abexins , que eraõ da guarda do Rey morto,& chegados ao Baxá, logo ali os mandou fazer em pedaços pellos Ianiçaros . E deixando ali Mostafa naxar por Baxá,cõ quinhentos homens,se tornou pera a armada. Chegado á praya de Cobit Sarif,mandou tirar nella todos os Christaõs Portugueses,& da terra,que eraõ mais de cem pessoas, & a todos mandou cortar as cabeças,narizes, & orelhas: o que tudo fez salgar,& mandou de presente ao Graõ Turco,diante,pello Cacaya , por que cuidassem que deixaua feitas grandes cruezas nos Portugueses. Esta cidade de Zebit he arrezoada,& todos seus termos á roda saõ fertilissimos & fresquissimos , de muitos & bons jardins & hortas , por causa das muitas fontes de agoa excelentissima que por ali ha. E em toda esta parte de Arabia Felix naõ ha cousa mais fresca que esta cidade,& a de Sanáa , trinta legoas ao sertaõ, de quem em outro lugar falaremos: em que ha todas as fruitas da Europa. O que mais passou a armada do Turco naõ nos conuem, & por isso a deixamos.

CAPITVLO V.

Do que fez o Viſorrey tanto que lhe derão nouas da fogida dos Turcos. E de como Martim Afonſo de Souſa ſe embarcou pera o reino. E do que ſocedeo na jornada a Nuno da Cunha, & faleceo no caminho. E de como Elrey o mandaua leuar das ilhas, prezo em ferros.

PARTIDO Franciſco de Siqueira o Malauar pera Goa, que leuaua as nouas ao Viſorrey dõ Garcia de Noronha de como as Galés eraõ recolhidas, em poucos dias chegou á barra de Goa, onde já o achou com toda a armada preſtes eſperando recado certo de Antonio da Sylua. E indo demandar o Galeaõ em que o Viſorrey eſtaua, lhe deu as cartas que leuaua, & as nouas do que paſſaua na fortaleza de Diu: era iſto no coarto d'alua. O Viſorrey com aquelle aluoroço, mandou que ſe deſſe rebate por toda a armada: & logo da gauia do ſeu Galeaõ ſe tocou vm claraõ, que claramente dizia, ponte de prata. E correndo logo as nouas pella armada ficaraõ todos mũy malenconizados, & triſtes, por q̃ deſejauaõ de prouar a maõ cõ os Rumes, pera o que eſtauaõ taõ aluoroçados, que ſe desfaziaõ, & naõ ſabiaõ qual auia de ſer a hora em que o Viſorrey os auia de ir buſcar. E ſabendo agora que eraõ idos, começou a auer grandes pragas, & murmuraçoens, por toda a armada contra o Viſorrey, por que os andaua entretendo, & enganando, com lhes dizer cada dia que logo ya, & que elle os meteria em meyo dos imigos: & que ſe elle naõ viera do reino, q̃ Nuno da Cunha os ouuera de ir buſcar: & que nenhũa Galé ouuera de tornar a Sués, cõ outras couſas q̃ a ſoltura dos ſoldados da India lhes fazia dizer. Mas o bom velho, qual outro Quinto Fabio Maximo, cõ ſuas dilaçoens, & artes, fez aleuantar o imigo.

Martim Afonſo de Souſa ſe foi logo ao Viſorrey, & lhe pedio licença pera ir com algũas Galés, & nauios de remo apos os imigos, que como yaõ fogindo eſtaua certo irem deſordenados: & que eſperaua em Deos ſer de muito effeito, & fazer nelles hũa grande preza. O Viſorrey lha naõ concedeo, dizendolhe que era eſcuſado, por que quando elle chegaſſe a Diu, já os Rumes auiaõ de ſer na coſta da Arabia, & que naõ faria mais que perder tempo. Vendo Martim Afonſo de Souſa o que o Viſorrey lhe negaua, lhe pedio licença pera ſe ir pera o reino, que lhe elle logo deu, por ficar aquelle lugar de capitaõ mór do mar vazio, pera o

dar a ſeu filho dom Aluaro: & deſpedido do Viſorrey ſe embarcou pera Cochim em alguns nauios ligeiros. E chegou em poucos dias, achando as naos de viagem de verga d'alto, & ſe embarcou em hũa dellas em companhia de Nuno da Cunha, com quem continuaremos agora.

Partido de Cochim foi ſeguindo ſua derrota com bom tempo, & depois de ter dobrado o cabo de boa eſperãça, adoeceo de hũas febres, & camaras, de q̃ veyo a falecer. Foi ſua morte muito ſintida de todos, & abrindoſſe ſeu teſtamẽto, pera verẽ o q̃ mandaua fazer de ſi, achouſſe nelle hũa verba, em que mandaua, q̃ morrẽdo no már, foſſe ſeu corpo lãçado a elle cõ algũas camaras de falcaõ, q̃ mandaua ſe pagaſſem a Elrey: por q̃ pella hora em q̃ eſtaua, q̃ de nenhũa outra couſa lhe era em encargo, nem ſatisfaçaõ em todo o tempo que gouernou a India, deixando declarado por ſeu teſtamenteiro no már a Ioaõ de Paiua ſeu Veador, que era capitaõ da ſua nao, caualeiro honrado, & de grande ſua obrigaçaõ. E vm Vicente Paez (de que já falamos no capitolo oitauo do primeiro liuro, q̃ ya na meſma nao, & era pagem de Nuno da Cunha) nos diſſe, que ſe achara á cabeceira da ſua cama, quando faleceo, & q̃ eſtando em paſſamento fizera vm termo, que todos cuidaraõ ſer o derradeiro, & tornando a abrir os olhos, repetira vm pouco entoado, aquellas palauras do Romano: *Ingrata patria, oſſa mea non poſsidebis*: que taõ eſcandalizado ya do roim galardaõ que lhe deraõ de dez annos de ſeruiço de Gouernador da India, & de fazer nella tres fortalezas, Chale, Baçaim, & Diu: & iſto ſem elle ainda ſaber, que tinha chegado a couſa a tanto (& pella ventura que foſſe a cauſa a inueja) que o mandauaõ eſperar nas ilhas terceiras, com vm grilhaõ muito grande pera com elle o deſembarcarem pera o caſtello de Lixboa, & d'ali o paſſarem pera a porta de Manſos em Sanctarem, que Elrey tinha mãdado preparar pera elle: que aquelles eraõ os triumfos com que eſperauaõ de o receber, por tantas vitorias, quantas alcançou em todo o Oriente. E aſsi foi, por que chegando a ſua nao ás ilhas terceiras, achou ali Antonio Correa de Barem, que andaua por capitaõ mór de hũa armada eſperãdo por elle: & entrando na nao pera o prender, ſabendo ſer morto, lançou os grilhoẽs q̃ pera elle leuaua, no ſeu Ioaõ de Paiua, & a todos os mais criados tambem prendeo, & repartio pellas naos. E chegando a Portugal foraõ deſembarcados, & leuados ao limoeiro de Lixboa, a onde eſtiueraõ alguns meſes. A iſto acodiraõ os filhos & parentes de Nuno da Cunha, & foraõ fazer ſuas queixas a Elrey, leuandolhe

a moſtrar

amostrar o testaméto, em que vio a clausula delle em que declaraua, que lhe pagassem as camaras de falcaõ com que o lançaraõ ao már, por que de outra cousa lhe naõ era em obrigaçaõ. E como era Rey muito Christaõ, & temente a Deos, & que aquellas cousas tinha mandado fazer por algũas muito roins informaçoens, que alguns lhe deraõ delle, (& pella ventura por lhe tomarem o lugar) mandou que se soltassem todos os seus. Este he o officio da inueja, fazer da virtude peccado, & fingir vicios onde os naõ ha, buscando sempre o pior pera reprender, & vituperar, escondendo o bem com hũa dissimulaçaõ Farisaica, só por se fingirem milhores aos Reys, fundados em suas puras pretençoens. E asi ficaõ estes sendo como Cratero vm d'aquelles dous amigos de Alexandre, que o naõ amaua se naõ como a Rey, só pellas merces q̃ delle esperaua: mas o outro que era Ephestion, naõ o amaua se naõ como Alexandre: por que he muito differente o amor da pessoa, ao do officio: & asi este lhe falaua verdades sem interesse como amigo, & naõ o lisonjaua por Rey como Cratero. E pella ventura que por faltarem Ephestioens aos Reys, vem a faltar os galardoens aos homens, como a este Gouernador, cujos feitos naõ luziraõ em seus filhos, por que he muito antigo pagaremse grandes merecimentos com grandes ingratidoens. Foi Nuno da Cunha casado duas vezes, á primeira com a filha de Fernaõ Nunez da Sylueira, senhor de Terena, que era neto de Diogo d'Azambuja, de q̃ ouue hũa filha que foi Condeça de Portalegre. A segunda vez casou com hũa irmã do Conde de Sortelha dom Luis da Sylueira, guarda mór d'Elrey, & irmaõ deste Antonio da Sylueira, que era capitaõ da fortaleza de Diu quando ouue este primeiro cerco, de quem ouue todos os mais filhos legitimos que teue.

CAPITVLO VI.

Das cousas que neste tempo socederaõ em Ceilaõ. E de como o Madune tornou a fazer guerra a seu irmaõ Rey da Cotta. E da armada que o Visorrey dom Garcia de Noronha lhe mandou de socorro, & elle partio pera Diu.



HE necessario pera infiarmos bem a historia, tocarmos vm pouco Ceilaõ de passagem. Andaua o Madune traçando em sua fantesia nouos modos pera destruir o irmaõ de todo: o que quis fazer por guer

ra, pera o acabar de consumir. E assi tanto que Martim Afonso de Sousa se foi d'aquella ilha, tornou a solicitar o Camorim pera outra armada, que lhe elle negociou, encarregando outra vez aquella jornada a Pachi Marcá. Elrey da Cota foi logo auisado d'aquelles apercebimentos, & despedio logo recado ao Gouernador Nuno da Cunha, pedindolhe o ajudasse & fauorecesse, pois era vassalo d'Elrey de Portugal: por que estaua muito arriscado a perder aquelle reino. Este recado deraõ ao Gouernador Nuno da Cunha em Iunho passado, pello que logo despedio Patamares (que saõ correos) por terra a saõ Thome, a onde viuia Miguel Ferreira, caualeiro muito hõrado, & que sabia das cousas de Ceilaõ milhor que todos os que entaõ auia na India: pedindolhe por cartas, que ajuntasse toda a gente & nauios que podesse, & q̃ fosse socorrer aquelle Rey, por ficar de lá mais á maõ, & que todas as despezas que fizesse elle as pagaria muito bem. E que quãdo lá naõ ouuesse gente & nauios pera aquella jornada, que tanto q̃ o veraõ entrasse se fosse pera Goa, que elle o auiaria.

Estas cartas foraõ dadas a Miguel Ferreira, que armando algũs nauios, tanto que o veraõ entrou partio pera Goa: por que em saõ Thome naõ auia cabedal pera aquella jornada. E dandosse pressa chegou á cidade de Goa o dia que o Visorrey teue as nouas da fogida das Galés: por que posto q̃ ya com tençaõ de em Cochim fazer mais nauios & gente, em chegando áquella cidade, que achou nouas da armada do Turco estar sobre Diu, lhe pareceo mais necessario acodir lá com aquelles nauios que leuaua, que naõ ir a Ceilaõ: por que a todo tempo se podia fazer aquelle negocio.

O Visorrey recebeo muito bem Miguel Ferreira, por que já delle tinha informaçaõ, & vendo q̃ era necessario acodir a Diu, & que era forçado socorrer tambem a Ceilaõ, & estaua pera se partir ao outro dia, pós aquellas cousas em cõselho: & assentousse que era muito justo & necessario socorrer áquelle Rey, por que se naõ viesse a perder o comercio d'aquella ilha, & q̃ se dessem a Miguel Ferreira coatro centos homens, & vasilhas pera elles. Concluido isto, por que Miguel Ferreira naõ podia partir pera Ceilaõ se naõ em fim de Ianeiro, o deixou em Goa negociando, passandolhe todas as prouisoens q̃ lhe pedio.

Feito este negocio se fez o Visorrey á vela com toda a armada que era de vinte & dous nauios grossos, noue Galés, dez Galeotas latinas, & outros muitos nauios de remo, a fora cincoenta que tinha mandado diante. Os capitaens que foraõ nesta jornada

nada ſaõ os ſeguintes.

O Viſorrey no Galeaõ ſaõ Dinis, dom Franciſco de Lima no Galeaõ ſaõ Ioaõ, dom Ioaõ Deça em ſaõ Bertolameu, Balteſar da Sylua no Camorim pequeno, dom Ioaõ Lobo em ſaõ Bernardo, dom Iorge Tello, em Sanctiago, Pero de Tayde Inferno em ſaõ Boauētura, Antonio de Lemos nos Reys Magos, Vaſco da Cunha em outro Galeaõ, Franciſco Pereira de Berredo na nao Ciſne, Gaſpar Pereira em outra nao, Ruy Lourenço de Tauora na nao ſanta Clara, Luis Falcaõ na Garça, dom Garcia de Craſto na nao fieis de Deos, dõ Chriſtouaõ da Gama na nao ſanto Antonio, dom Payo de Noronha no Galeaõ Bufara, dom Manoel de Meneſes, na nao ſaõ Bertolameu, Chriſtouaõ de Mello, Franciſco de Bairros, Manoel de Mello, Diogo de Souſa em Carauelas, dom Aluaro filho do Viſorrey, Ioaõ de Mendoça, dom Ioaõ de Caſtro, Diogo Lopez de Souſa, Manoel de Souſa, Fernaõ de Lima, Pero de Lemos, dõ Ioaõ Manoel Alabaſtro, & Ioaõ de Souſa, em Galés. Os capitaens das Galeotas latinas eraõ Bernaldim de Souſa o Diabo, dõ Ioaõ Maſcarenhas, Franciſco Pereira, dom Triſtaõ de Soto Mayor, dom Franciſco de Meneſes, Martim Correa da Sylua, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór (a que ca na India poſeraõ o ſobre alcunha de alfenim, por ſer muito afidalgado, & muito brando.) Franciſco de Sá de Meneſes o dos ocolos, Fernaõ de Souſa de Tauora, & dom Antonio de Noronha o Catarras. Os capitaens de fuſtas & bargantins, dom Franciſco de Neronha, dom Diogo de Vaſconcellos, Aluaro de Mēdoça, Triſtaõ de Tayde, Martim Vaz Pacheco, Duarte Pereira, Fernaõ Rodriguez, Gaſpar de Souſa, Fernaõ de Craſto, Ioaõ Iuzarte tiçaõ, Luis Xira Lobo, dom Pedro de Meneſes, Franciſco Freire, Iorge de Mello Soarez, Iorge de Vaſconcellos, Ioaõ de Sepulueda, Manoel Rodriguez Coutinho, Lionel de Lima, Franciſco de Ilher, Gaſpar Vaz, Triſtaõ Fogaça, Gaſpar Rodriguez, Simaõ da Coſta, Baſtiaõ de Faria, Miguel Vaz, Franciſco Aluarez, Felipe Rodriguez, Iacome Triſtaõ, & outros fidalgos & caualeiros, a que naõ achamos os nomes. Dada á vela com toda eſta armada, foi correndo a coſta com terrenhos, & viraçoens, & tāto auãte como Dabul, lhe deu hũa tormenta muito grande aque chamaõ a vara de Choromandel, cõ que toda a armada eſteue perdida, correndo os nauios pequenos por onde milhor poderaõ, acolhēdoſſe ás enceadas & rios que poderaõ alcançar. Os nauios groſſos por naõ poderem correr, foilhes forçado ſurgirem. Dom Aluaro de Noronha na Galé baſtarda q̃ era velha abrioſſelhe toda, & com

muito trabalho foi demandar a barra de Dabul, & entrando por ella,achando os mares mũy soberbos, encapellaraõ sobre ella, & a encostaraõ sobre a coroa de area do banco onde encalhou, ficando dom Aluaro & os mais pegados ás postissas: & sempre se perderaõ todos se dom Christouaõ da Gama,capitaõ da nao santo Antonio, que estaua surto na boca da barra, lhe naõ mandara acodir com o seu batel,contra vontade dos officiaes,& por força,que os trouxe todos pera a sua nao. E ao mesmo tempo,indo Ioaõ de Sousa Rates, capitaõ da Galé espinheiro já alagado de todo,em prepassando pello mesmo dom Christouaõ, vendo elle o perigo em que a Galé ya, mandoulhe com muita pressa lançar aguns viradores grossos, que permitio Deos q̃ os da Galé aferrassem,& dandolhes volta ao masto atreparaõse por elles á nao,onde se baldeou toda a gente, ainda que com a pressa se perderaõ alguns homens que cairaõ ao már. Dom Christouaõ correo neste negocio como fidalgo muito pontual,grande Christaõ, & muito animoso: por que estando tambem em trabalho,acodio com tanta diligencia aos alheyos, que por sua industria saluou a gẽte destas duas Galés: & a esta de Ioaõ de Sousa, por que se naõ perdesse a artelharia,a teue sempre atracada a nao com muitos viradores, a té que a tormenta cessou, sustentandoa cõ muito risco & trabalho seu: & asi atracada a leuou a tè Chaul, a onde se concertou. A mais armada esteue perdida. Dom Francisco de Lima no Galeaõ saõ Ioaõ perdeo o batel. O Visorrey alijou todas as cousas de cima ao már,& o mesmo fizeraõ todos os mais Galeoẽs, & naos.

Passada a tormenta, que durou vinte & coatro horas, foraõse todos ajuntar cõ o Visorrey a Chaul, aonde tanto que chegou,mandou logo tirar a artelharia da Galé de dom Aluaro, que toda se saluou. O Visorrey deteuesse pouco,& passou a Baçaim, onde deixou Ruy Lourenço de Tauora por capitaõ, & a sua nao deu a dom Aluaro de Noronha. D'ali atrauessou a Diu, onde foi muito bem recebido de Antonio da Sylueira, a quem elle fez muitas honras, & a todos os mais que com elle se acharaõ no cerco. Todos ficaraõ admirados do estado em que aquella fortaleza estaua, que parecia nao destroçada em tormenta, sem castellos, nem obras mortas. E certo que foi espectaculo muito pera espantar, ver aquella destruiçaõ,& a pouca, & mal tratada gente, que defendeo aquellas roinas,a tamanhos,& taõ poderosos exercitos, & tantas, & taõ medonhas bombardas,arroinadoras de tudo.

Por onde se vé bem,quaõ grande abusaõ he, cuidarem algũs que esta



esta conquista do Oriente foi com negros despidos, & nús, com paos tostados, & arcos fracos & leues, como os das Indias occidentaes, sem ordem de milicia algũa, ou cõ gentes brutas & sem gouerno: porque ca naõ contenderaõ os Portugueses, se naõ com Emperadores potentissimos, como foraõ os Soltoens do Egypto, & com Turcos ferózes, que nũca foraõ domádos dos Emperadores da Europa, que naõ se podem jactar, que suas armadas alcançassem nunca nestas partes vitorias dos nossos, como tẽ alcançadas nessas de lá, de potentissimas armadas dos Reys & senhores Christaõs. Naõ contendẽ os Portugueses com gentes despidas, fracas, & sem ordem: mas cõ fortissimas naçoẽs, & mũy exercitadas na milicia, politicas no viuer, como saõ Persas, Coraçones, Magores, Decanis, & Abexins, naõ despidos, mas armados de armas brancas, & em fermosos caualos cubertádos: naõ com paos tostados, nem com arcos fracos, mas com Basaliscos, Canhoens, Lioens horrendos, quartaos, & Aguias reais, arcabuzaria milhor, & mais bem guarnecida de toda a da Europa. Em fim contendem os Portugueses com taõ feras & indomitas naçoens, que Trajano, Semiramis, & Alexandre, naõ acabaraõ de sojeitar tanto, como elles oje o tem feito, fazendo passar por baixo do jugo Portugues, tantos Reys & senhores, quantos nunca os Romanos poderaõ domar: de que naõ damos mais testemunhas que esta nossa historia, onde simplexmente, & sem ornamento, nem artefício de palauras contamos as grandes & raras vitorias, que nestas partes alcançaraõ. Como se verá nesta de hũa taõ potente, & taõ soberba armada de Rumes & Ianiçaros, dos mais escolhidos do imperio do Graõ Turco.

CAPITOLO VII.

Das cousas em que o Visorrey dom Garcia de Noronha proueo em Diu: & de como se trataraõ pazes antre elle & Elrey de Cambaya, & dos capitulos com que se concluiraõ.



DESEMBARCADO o Visorrey dom Garcia de Noronha em Diu, a primeira cousa em que proueo foi na fortificaçaõ da fortaleza, mandando com muita préssa renoua-la mũy bem, & acabar á cisterna, fazerlhe seus terrádos pera recolherem as agoas do inuerno. E porque á mor parte dos mercadores, & moradores da cidade estauaõ da outra banda, mandou lançar pregoens, & passar seguros reais, pera que todos liuremente se tornas-

tornaſſem pera ſuas caſas, & refor-
maſſem, & pouoaſſem ſua cidade,
concedendolhes grandes liberda-
des, & priuilegios, com o que todos
ſe tornaraõ. O Viſorrey deſejando
de ſaber, os deſenhos, & pretẽſoẽs
d'Elrey de Cambaya, deſpedio vm
eſtrangeiro chamado Baſtiaõ de
Borgonha, & com elle vm Gẽtio,
por nome Ralú, pera irem viſitar
de ſua parte a Alucan, & a Coge-
çofar, por quem lhes mandou di-
zer, que lhe pezaua muito de os
naõ achar naquella ilha pera os
ver de mais perto: & que em eſtre-
mo ſintia a ida do Baxá que elle
vinha buſcar, pera o hoſpedar co-
mo merecia. Inſtruindo a eſtes
dous de muitas couſas que auiaõ
de ſaber, & fazer, pera verem ſe
eſtaua Elrey em bordo de pedir
pazes. Eſtes homens ſe foraõ a Ma
daba, & viſitaraõ aquelles capitaẽs,
que os receberaõ bem: cõmuni-
cando o Cofar muitas couſas com
o Borgonha, porque era muito ſeu
amigo. E antre as praticas que te-
ue com aquelles capitaens, lhe fa-
laraõ por figuras em pazes: ao q̃
elle ſe fez de nouas: mas a modo
de conſelho lhes diſſe, que o bom
ſeria mandar Elrey viſitar o Viſor
rey, por ſer chegado de nouo à In-
dia, ſe eſtaua já enfadado da guer-
ra: & que neſta viſitaçaõ poderia
ſer que ſe abriſſe caminho de falar
em pazes.

Eſtes capitaens deraõ a Elrey
conta d'aquelle negocio, & pare-
ceolhe que aquillo ſeria bõ meyo
pera ſe ſaber a vontade do Viſor-
rey. Com iſto deſpedio logo a Xa-
coes por Embaixador (por ter mui
to conhecimento do coſtume dos
Portugueſes) a dar os perabens da
vinda ao Viſorrey, & com muitas
ſatisfaçoens & deſculpas da guer-
ra paſſada. Dandolhe inſtruçaõ,
pera q̃ ſe o Viſorrey lhe deſſe al-
gũas moſtras de fazer pazes, as a-
ceitaſſe, & que os apontamentos
dellas cõcluiriaõ Rumecan & Ca-
iaſcan: que logo tambem deſpe-
dio pera Nouanager, por eſtarem
mais perto de Diu, a quem deu po-
deres pera tudo o que fizeſſem.
Xacoes foi a Diu, & da outra bãda
da villa dos Rumes ſe deixou eſtar
a tè o Viſorrey o mandar buſcar,
& o recebeo com grande mage-
ſtade: & depois de o ouuir lhe mã-
dou que ſe apoſentaſſe na cidade,
& ſe tiueſſe negocios os trataſſe cõ
o Secretario, & com Gaſpar Pirez
de Matos ſeu eſcriuaõ, de quem o
Xacoes era muito amigo. E ajun-
tandoſſe todos, veyo o Embaixa-
dor a falar em pazes por remo-
ques tantas vezes, ſem lhos quere-
rem entẽder, a tè que ſe declarou.
E dandolhe o Secretario orelhas,
perguntando o modo que niſſo
Elrey mandaua ter, lhe reſpõdeo:
que elle naõ tinha poderes pera
couſa algũa, mas que deuia o Vi-
ſorrey mandar algũa peſſoa de cõ-
fiança a tratar aquelle negocio cõ
os Regedores do reino que eſta-
uaõ

uaõ em Nouanager. O Visorrey auisado disto, respondeo: que elle naõ cometia pazes, que quem as quisesse as tratasse, que ali estaua prestes pera lhe responder. De tudo isto foraõ auisados os Regedores, & logo despediraõ seus inuiados a visitarem o Visorrey de sua parte: mandandolhe dizer, q̃ elles eraõ ali vindos pera o seruirem, & que naõ tinhaõ licẽça d'Elrey pera passarem a Diu, que lhe pediaõ, lhes mandasse vm homẽ de confiança, pera com elle tratarem cousas de muita importãcia. E tomando parecer sobre isto, assentousse que se lhe mandasse, que nisso naõ entraua opiniaõ. Pello q̃ despidio logo Francisco Mendez de Vasconcellos, & Manoel de Vasconcellos, & com elles o Secretario, & Gaspar Pirez de Matos, & pera lingoa Coge percorli. Chegados todos a Nouanager, praticaraõ com os Regedores sobre o negocio de pazes, dandosse vns a os outros apontamentos do que pretendiaõ, que se mandaraõ asi a Elrey, como ao Visorrey: & vistos pellos capitaens do conselho d'ambos concluiraõ as pazes pella maneira seguinte.

Que Elrey de Cambaya mandaria fazer hũa parede antre a cidade & a fortaleza, que cortasse de már a már, de doze palmos de largura, & que as portas que tiuesse estariaõ todo o dia abertas, pera os Portugueses poderem ir & vir á cidade, & que de noite se fechariaõ, & os Portugueses se recolheriaõ todos á fortaleza. E que nas portas estariaõ cõtinuamente guardas: asi Portugueses como Mouros: mas que as chaues dellas estariaõ nas maõs dos porteiros d'Elrey de Cambaya.

Que todos os rendimentos que rendessem as alfandegas, & todas as mais rendas da ilha se lançariaõ em vm cofre, de que no cabo do anno, tiradas as despezas, & ordinarias dos officiaes, aueria Elrey de Portugal a terça parte, & que na alfandega poria outros tantos officiaes Portugueses, quantos Elrey de Cambaya tiuesse, & que teria cada vm sua chaue do cofre. E que na cidade poderia o Visorrey pôr vm Ouuidor, Meirinho, & Tanadar, como Elrey de Cambaya tinha, pera administrarem justiça aos seus: ficando porem o senhorio da cidade isento a Elrey de Cambaya. E que auendo differẽças antre os Portugueses, Mouros, & Gentios, asi ciuel, como crime, o Catual d'Elrey seria obrigado a leuar os Portugueses ao Ouuidor pera delles fazer justiça: & que elle tambem mandaria os naturaes ao Cadi d'Elrey de Cambaya pera a fazer delles.

Que os caualos que viessem da costa de Arabia, de Caxem, & dos portos do estreito de Meca, seriaõ forros de direitos, & que lhes dariaõ cartazes a suas naos, pera poderem

derem nauegar, mostrando certidoens de como despacharaõ primeiro as fazendas nas alfandegas.

Concluidos estes apontamentos, tiraraõse delles dous instromentos, vm em Parseo pera Elrey de Cambaya, & outro em Portugues pera o Visorrey, que lhe foraõ mandados pera jurarem as pazes, indo o Xacoes a velas jurar pello Visorrey, o que elle fez com grã de solennidade, & logo as mandou apregoar pella cidade com muitos instrumẽtos de alegria. O mesmo fez Elrey em Amadabá, presente o Secretario Ioaõ da Costa, Gaspar Pirez de Matos, & Coge percorli, que a isso foraõ: apregoãdosse tambem por todo o reino com grãde aluoroço de todos, por estarem já quebrados & auorecidos da guerra.

Estas pazes foraõ murmuradas de alguns, por que auiaõ q̃ foraõ feitas em grande descredito do estado, principalmente na parede q̃ se lhes consintio, com que os nossos ficaraõ encurralados na fortaleza: que depois foi occasiaõ do segundo cerco que se lhe pós em tẽpo do Gouernador dom Ioaõ de Castro de que trataremos na sexta decada. Os naturaes acodiraõ de todas as partes a pouoar outra vez a cidade de Diu, que se começou a engrandecer: & antre estes tambem foraõ alguns dos que ali deixou o Baxá doentes, & feridos, em q̃ entrauaõ vm Ianiçaro Grego, capitaõ de vm Galeaõ: & vm Albanes capitaõ de outro: & vm Iacome de Micina, & outro Iacome Grego, grande fundidor de artelharia. Estes se foraõ ao Visorrey, & se lhe lançaraõ aos pés, dizendolhe q̃ eraõ de casta de Christaõs, & que foraõ feitos Mouros, & tomados ás mãys nos berços: q̃ lhe pediaõ os mandasse fazer Christaõs, por que queriaõ ficar no seruiço d'Elrey de Portugal. O Visorrey os agasalhou bem, & lhes fez honras, mandãdoos cathechizar, & darlhes todo o necessario. E em vm dia aprazado pera isso os fez Christaõs a todos com grandes solennidades, & festas, sendo o Visorrey padrinho do Grego, a q̃ pós nome Garcia de Noronha, q̃ depois foi grande seruidor d'Elrey de Portugal, como em outros lugares diremos. Dos outros foraõ padrinhos, Antonio da Sylueira, dom Aluaro de Noronha, & outros fidalgos, que os vestiraõ mũy bem, & lhes deraõ depois dinheiro, & ficaraõ sempre seus chegados, muito contentes & satisfeitos dos gasalhados que acharaõ em os Portugueses.

O Visorrey, tanto que jurou as pazes, despedio Manoel Rodriguez Coutinho, com tres nauios ligeiros, pera ir ás portas do estreito a tomar fala das Galés, & tornar com o recado antes do inuerno, por que se receou que fossem deman-

demandar Ormuz: mandando ou tro nauio ligeiro a esta fortaleza, com cartas a Martim Afonso de Mello Iusarte, pera que estiuesse sobre auiso: & destas jornadas adiante daremos rezaõ, por que queremos concluir aqui com as cousas do Visorrey. Foise dando grande pressa ás obras da fortaleza,& da cisterna, em q̃ se fez muito: & o Visorrey proueo os officios da cidade, & da alfandega, cõforme aos capitulos das pazes, & pós outras cousas em ordem.

E por que dom Pedro de Castello branco, fora por mandado do Gouernador Nuno da Cunha desapossado da fortaleza de Ormuz, como dissemos no capitolo oitauo do segundo liuro,quis o Visorrey entrar em seus negocios,pera dali o despedir pera lá,mandando trazer suas culpas,que foraõ vistas pello Ouuidor geral,& prouedor mór (que entaõ naõ auia mais letrados,por naõ ser ainda a malicia tanta.) E foi por elles sentenciado, que fosse acabar de seruir o tempo que lhe faltaua de sua fortaleza. O Visorrey o despachou logo dandolhe hũa armada: & andandosse negociando chegaraõ naos de Ormuz, por quem teue o Visorrey nouas da nao de Ioaõ de Sepulueda q̃ faltaua de sua conserua,de como ficaua em Ormuz: o q̃ elle festejou muito por q̃ a tinha por perdida. Asi tambẽ vieraõ nouas, como Xeque hamed, Guazil de Ormuz era morto: q̃ sendo cõuidado de Martim Afõso de Mello pera vm banquete q̃ daua em Torumbaque,a Ioaõ de Sepulueda,indo pera lá no caminho lhe atiraraõ á besta,& o mataraõ: & sẽpre se sospeitou que o mandara fazer o mesmo dõ Pedro de Castello branco,por q̃ tinha pera si, q̃ elle mandara delle capitulos a Nuno da Cunha,por que o suspenderaõ da sua fortaleza. E como este fidalgo era forte de condiçaõ, (& taõ mal sofrido,q̃ dizem, q̃ poucas vezes perdoou cousa q̃ lhe fizessẽ de q̃ se naõ vingasse, por todos os meyos q̃ podesse)tiueraõ todos pera si,q̃ a morte do Guazil procedera delle. E por que eraõ chegados procuradores de Xeque Rabeá filho do morto, & de Rexnocorradim,Guazil de Iulfar, a requererẽ aquelle cargo: teue este tantas intelligencias, & soubesse tambem negociar pello modo com que se negocea,& acaba tudo: que leuou o cargo, tendo o Xeque Rabeá bẽ differentes merecimentos: porque em todo o tempo,& em todo o estado onde se encontraraõ interesse & merecimento, sempre este valeo menos. Despachado dom Pedro de Castello brãco pera Ormuz ja em Março, ou entrada de Abril,deu á vela, & foi seguindo sua viagem.

E porq̃ era tempo do Visorrey se recolher, meteo de posse da fortaleza de Diu,Diogo Lopez de Sousa,que

ſa,q̃ della era prouido por Elrey. Feito iſto & outros negocios, embarcouſſe pera Goa, onde logo proueo nas couſas de Malaca, & Maluco, mandando muitos prouimẽtos pera aquellas fortalezas. E aſsi deſpachou Fernaõ de Moraes pera Pegú, dandolhe vm Galeaõ muito fermoſo, com mercadorias, & fazendas d'Elrey. Porque neſte tẽpo com auer menos rendimentos, tinha Elrey dinheiro pera as deſpezas de tamanhas armadas, & pera ſeus tratos & comercios, de que depois ſe leuou maõ, naõ ſei porque reſpeitos.

CAPITVLO VIII.

Do que acõteceo a Miguel Ferreira na jornada de Ceilaõ: & de como tomou toda a armada do Camorim. E dos tratos que teue com o Madune atè matar Pachi Marcâ. E do que aconteceo a Manoel de Vaſconcellos na viagem do eſtreito.

MIGVEL Ferreira q̃ ſe ficou em Goa negociando pera o ſocorro de Ceilaõ, como diſſemos no capitolo ſexto do quinto liuro, deu tanta preſſa a armada que auia de leuar, que na entrada de Feuereiro ſe fez á vela, & foi ſeguindo ſua jornada com bom tempo a tè paſſar o cabo de Comorim, & foi correndo aquella coſta, a tè os baixos que paſſou á outra banda. Em Manar ſoube, que eſtaua Pachi Marcá com toda ſua armada no rio de Putulaõ, & os Mouros della com tranqueiras feitas em terra: & que o Pachi Marcá era ido com parte de ſua gente pera Ceilaõ, em fauor do Madune contra o irmaõ. Miguel Ferreira teue iſto por boa ventura, & aſſentou com ſeus capitaens de dar nos Parós que eraõ dezaſeis: & indo demandar aquelle rio, chegaraõ a elle no coarto d'alua, & poſtos em armas o entraraõ, & acharaõ os Parós todos encadeados com as popas em terra, & tranqueiras feitas ao longo do már, com a artelharia poſta nellas. Miguel Ferreira remeteo com os nauios, & os entrou logo ſem achar reſiſtencia, & ſaltando em terra todos os noſſos, com grandes eſtrondos cometeraõ as tranqueiras, em que eſtauaõ perto de dous mil homens. E como os tomaraõ de ſobreſalto, quando quiſeraõ acodir ás armas já eraõ entrados dos noſſos com grãdes danos & mortes de muitos: & todauia os q̃ logo naõ foraõ cortados, acodindo á defẽſaõ, tiueraõ com os noſſos hũa trauada batalha, & no fim della com perda de muitos largaraõ as tranqueiras, que ficaraõ com toda a artelharia em poder dos noſſos, de que tãbẽ ficaraõ

ficaraõ alguns mortos & feridos, ainda que poucos. Miguel Ferreira mandou embarcar a artelharia, & tomando os Parós á toa foi demandar Columbo onde desembarcou com toda a ſua gente poſta em armas,& aſsi ſe foi marchãdo pera a cidade da Cotta. Elrey o ſayo a receber, porque era grande ſeu amigo, & lhe deu os parabens da vitoria, recolhendoo pera a cidade onde o apoſentou bem, & lhe deu conta de tudo o que era paſſado com o irmaõ: dizendolhe como a tè entaõ o tiuera de cerco, & que tanto que tiuera nouas do desbarato da armada de Pachi Marcá ſe recolhera com elle pera Ceitauaca. Miguel Ferreira aſſentou com Elrey de irem buſcar o Madune a Ceitauaca, & naõ ſe ſair de ſobre aquella cidade,ſem a tomarem & deſtruirem de todo ao Madune, por que lhe naõ deſſe mais trabalho a elle, né opreſſaõ ao eſtado da India, em tantos ſoccorros como lhe tinha mandados.

E ajuntando Elrey toda a gente que pode começou a marchar pera Ceitauaca, indo Miguel Ferreira na dianteira com quinhentos Portugueſes repartidos em cinco bandeiras: & entrando pellas terras do Madune começaraõ a fazer grandes danos, & cruezas. Miguel Ferreira deſpedio vm Modeliar com recado ao Madune, fazendolhe a ſaber de ſua chegada: & que lhe affirmaua, que ſe naõ auia de ſair d'aquella ilha ſem de todo o deixar deſtruido: & ſeguro, & quieto Elrey da Cotta: que lhe pedia lhe mandaſſe logo Pachi Marcá, & todos os Malauares que com elle eſtauaõ; ſe naõ que juraua pella Nazaré (juramento que elle ſempre fazia) que lhe auia de tomar todo o reino, & perſeguillo a tè o auer ás maõs, & leuar ſua cabeça ao Viſorrey da India. Eſte recado foi dado ao Madune, que eſtaua aſſombrado do poder com que o irmaõ ya contra elle, & dos danos q̃ yaõ fazendo por ſeus reinos: & reſpondeo com muita humildade, que bem ſabia elle que naõ era licito a os Reys entregarem os homens q̃ eſtauaõ em ſeu poder: que toda a outra couſa eſtaua preſtes pera fazer, & que todas as amizades que ſeu irmaõ quiſeſſe,partidos,& cõcertos, que todos lhe concederia: Com eſte homem deſpedio outro ſeu,por quem mandou pedir a Elrey ſeu irmaõ,que ceſſaſſem os danos que ya fazendo, & caſtigos q̃ ya dando por ſuas terras: que todas as ſatisfaçoens que quiſeſſe,elle eſtaua preſtes pera lhas dar. Elrey da Cotta como era bom homem,& tinha boas entranhas, cõpadecendoſſe da humildade do irmaõ, quiſera logo retraerſe, mas Miguel Ferreira lho naõ cõſintio, antes mãdou dizer ao Madune outra vez,q̃ ſe determinaſſe, por q̃ ſe

lhe naõ entregaua Pachi Marcá cõ os Malauares todos, que soubesse, que auia de ir a tè dentro de Ceitauaca, em busca delle. Vendo o Madune tamanho desengano, pasmado da determinaçaõ de Miguel Ferreira: mandoulhe dizer q̃ se naõ bolisse donde estaua, que elle o satisfaria de maneira, q̃ naõ ficasse correndo infamia. E chamando Pachi Marcá, & Cunhale Marcá seu irmaõ lhes disse, como Miguel Ferreira apertaua com elle que lhos entregasse: que lhe parecia bem fazerense hũa noite fogidos, pera elle ter rezaõ de se desculpar. E asi lhes aconselhou, q̃ se passassem pera hũa aldea do sertaõ, a onde estariaõ escondidos, atè Miguel Ferreira se tornar: o q̃ elles fizeraõ logo, leuando comsigo perto de setenta Mouros de mais sua obrigaçaõ.

E caminhando aquella noite por antre os matos, onde por ordem do Madune estauaõ embrenhados muitos Pachas, (que saõ hũa casta de Chingalás cruellissimos, q̃ tãto que derribaõ vm imigo, logo lhe cortaõ narizes & beiços.) E ao passar deraõ sobre elles ás frechadas, & vm, & vm os derribaraõ a todos, & cortãdolhes as cabeças as leuaraõ a Miguel Ferreira, com que elle se quietou. Elrey da Cotta fez com o irmaõ pazes, & recolhidos á cidade da Cotta, mandou Elrey fazer hũa paga aos soldados da armada, & a Miguel Ferreira, & a todos os capitaẽs, deu peças & brincos douro & pedraria: & emprestou trinta mil cruzados pera as despezas d'aquella armada. Miguel Ferreira vẽdo tudo acabado despedio a armada toda cõ os nauios dos Malauares pera Goa, escreuẽdo hũa breue carta ao Visorrey, cuja substancia era.

Que elle fizera naquella jornada tudo o que lhe mandara, que deixaua Ceilaõ todo de paz, & que Pachi Marcá com toda sua geraçaõ era acabado, como lá saberia dos capitaens da armada, & que ali lhe mandaua todos os seus nauios de presente.

Esta armada chegou a Goa em fim de Abril: & o Visorrey fez muitas festas áquella vitoria, & muitas honras, & merces aos capitaens. E asi foi este vm dos grandes feitos desta qualidade, que se na India fizeraõ, com que o Malauar ficou taõ quebrantado, que mandou logo o Camorim pedir pazes ao Visorrey, que lhas concedeo, como adiãte diremos.

Miguel Ferreira depois de despidir a armada pera Goa, elle se fez á vela, pera se ir pera saõ Thomé, a onde tinha sua casa: leuando alguns nauios d'aquella costa em companhia. E voltou por fora da ilha, por naõ ser jà tempo pera ir por dentro, & como era tarde, & o inuerno vinha ameaçãdo, descarregaraõ as primeiras trouoadas

uoadas (que he vm tempo que ali chamaõ o burro, que venta do Sudueste) com que todos estiueraõ perdidos, & espalhandosse: & correndo por onde cada vm póde, foraõ tomar differentes pórtos, vns Pegú, outros Tanaçarim, & por aquella costa como Miguel Ferreira leuaua bom Piloto, & bom nauio, passando grandes riscos & trabalhos, foi tomar a cidade de saõ Thome. Era este homem neste tempo de mais de setenta annos, grande de corpo, seco, enxuto, bem assombrado: grande caualeiro, & ardiloso na guerra. Nunca foi casado, teue alguns filhos naturaes, aposentousse naquella cidade, onde sempre foi rico, & honrado, & onde morreo. D'ali acodia com muita presteza ao seruiço d'Elrey, & era chamado dos Gouernadores pera grandes necessidades.

E pera concluirmos com as cousas deste veraõ o faremos com a jornada de Manoel Rodriguez Coutinho, que como dissemos no setimo capitolo do quinto liuro, tinha já partido de Diu a espiar as Galés: Segundo sua derróta foi auer vista da costa de Arabia, por onde foi tomando fala, & achou por nouas serem passadas pera détro do estreito, & na boca delle tomou hũa Gelua, onde soube seré todas as Galés recolhidas a Sués. E voltando pera Goa, chegou a ella em fim de Abril, & deu cõta ao Visorrey do que passara, com o q̃ ficou desaliuado.

CAPITOLO IX.

Do que aconteceo a Fernaõ de Moraes em Pegû. E de como o Bramâ entrou conquistando aquelle reino. E de como Fernaõ de Moraes por fauorecer aquelle Rey, foi morto em hũa batalha. E do principio & origem destes Reys de Pegû, & descripsaõ d'aquellas prouincias.



PARTIDO Fernaõ de Moraes de Goa, como atras dissemos no fim do setimo capitolo do quinto liuro, seguindo sua derróta pera Pegú foi já em Mayo tomar aquelle porto, a onde achou Diogo Aluarez Tellez, com outro Galeaõ, com que estaua já ali do veraõ passado, fazendo resgate muito deuagar por naõ acodirem fazendas por causa das guerras que o Rey do Bramá andaua fazendo por todo aquelle reino, por quem tinha entrado com grossos exercitos, pera o conquistar. O Rey de Pegú que naõ estaua poderoso como já fora, quis se valer dos Portugueses, & mãdou

dir a Diogo Aluarez Tellez o quiſeſſe ajudar naquellas guerras, do que ſe elle eſcuſou: porque tinha aquelle Galeaõ d'Elrey a ſeu cargo, & naõ tinha licença do Viſorrey da India. Agora ſabendo ſer chegado Fernaõ de Moraes o mandou viſitar com grandes offerecimentos, & a pedirlhe que ſe viſſe com elle: o que elle fez contra o parecer de Diogo Aluarez Tellez. E indoo viſitar muito bem acompanhado, lhe pedio o quiſeſſe ajudar naquellas guerras, fazendolhe tantas promeſſas, que o rendeo. E aſsi aſſentaraõ, que elle ficaſſe nos rios com toda a armada, que era muita: por que tambem o Bramá tinha metido no már a mayor força: & pellos rios abaixo tinha decido com vm grande numero de embarcaçoens, a que chamaõ, Chalauegoens, & ſe remaõ com duas ordens de remos, & ſaõ mũy grandes, & capazes de muita gente. Fernaõ de Moraes, armou hũa Galeota em que ſe embarcou com cincoenta homens, & começou a andar pellos rios com toda a armada de Pegú, encontrandoſſe algũas vezes com embarcaçoens do Bramá, que deſtruyo, & aſſolou. O Bramá tinha partido de ſeus reinos por terra com grandes exercitos, com que ya marchando deuagar, pello que as ſuas armadas chegaraõ primeiro: que eraõ tantas, que entulhauaõ os rios, que eraõ taõ grandes como o Ganges. Elrey foi decendo como vm arrebatado torrente, alagando, aſſolando, queimando, & deſtruindo todos os reinos de Pegú, a tè chegar aos confins deſta cidade, em cujos campos Elrey eſtaua com ſeus exercitos. E vendo o poder com que o Bramá ya, naõ ouſando ao eſperar, ſe foi recolhendo pera a banda de Negraes, a onde andaua Fernaõ de Moraes, com toda a armada. O Bramá chegou á cidade de Pegú, & a tomou, & foi logo ſeguindo o imigo, por terra & por már com ſuas armadas. E chegando ellas a hũa ponta que ſe chama Gina marrecá, que Fernaõ de Moraes tinha tomado com ſua armada, por ſer muito eſtreito: & encontrandoſſe aqui ambas as armadas, trauaraõ hũa batalha temeroſiſsima, em que os Portugueſes moſtraraõ bem o valor de ſuas peſſoas: por que ſendo deſemparados da armada de Pegú, ſuſtentou Fernaõ de Moraes com ſó a ſua Galeota todo o pezo da batalha, ſendo abordado por todas as partes d'aquelles Chalauegoens. Mas como o numero era taõ deſigual, foraõ entrados os Portugueſes, & mortos todos, tendo primeiro feito nos imigos tamanha deſtruiçaõ, que era couſa eſpantoſa de ver, deixando Fernaõ de Moraes tamanha memoria de ſi, que ainda

ainda oje dura, & durará antre os Bramás naquelle lugar de Gina marrecá: por cuja mórte he antre elles mais celebrado, que por seu proprio nome.

Será este lugar perto de tres legoas pello rio de Pegú acima. He vm passo muito estreito, como já dissemos, & da banda do Ponente tem hũa serra que pende sobre a agoa, asperissima, & talhada ao picaõ toda á roda, em que se se fizer hũa fortaleza, pode defender a entrada do rio facilissimamente a todo o poder do mundo: por que toda a embarcaçaõ que sóbe pera cima, chegando áquelle passo naõ vé o rio diante, por que faz volta, & leua o rosto sempre naquella serra, por cujo pé á de passar. Tanto que esta armada se desbaratou, logo se perdeo todo o reino de Pegú, de que o Bramá ficou senhor, & conquistou outros Reys vizinhos que ajudauaõ ao Rey de Pegú, que elle ouue ás maõs, & lhes cortou as cabeças. Com isto ficou o mór senhor Gẽtio que auia em todo o Oriente. E por que nos naõ lembra que lessemos em algũa escritura o principio & origem deste reino de Pegú, & de seus Reys, ao menos como o elles tem em suas escrituras, nos pareceo bem darmos aqui rezaõ disto, o que naõ deue de ser desapraziuel aos curiosos, & affeiçoados a antiguidades.

Pello que se á de saber, que o reino de Pegú, o seu verdadeiro nome he, Pachou, por se chamar assi a sua principal cidade: cujo nome quer dizer, engano, por vm de que vm Principe ali vsou em vm desafio, como logo diremos. Dizem suas escrituras, que reinando em todas aquéllas partes de Pegú, Tanaçarim, Rey, Martabaõ: & em outros reinos ao Norte, vm Rey da casta do Sol, (de que já demos rezaõ no capitolo decimo do segundo liuro) fora ter áquelle porto de Pegú hũa muito grossa armada, em que ya vm Rey, que desejando de conquistar aquelle reino, saira em terra com vm grosso exercito, & entrando por aquellas terras as foi conquistando, & destruindo, tendo algũas batalhas com aquelle Rey, em que ouue grandes danos de ambas as partes. Cansados de tantas mórtes, mandou o Rey estrangeiro desafiar o de Pegú de pessoa a pessoa, confiado em ser vm homem agigantado, & de monstruosas forças. A este desafio lhe sayo vm filho do Rey de Pegú, mancebo de vinte annos, muito valente homem, & mũy exercitado nas armas, & criado no monte, onde tinha mortos á espada muitos Tygres, & lioens. Entrados ambos em campo (naquelle lugar em que oje he a cidade de Pegú, que entaõ era tu-

do campina.) E andando em batalha, já depois de feridos ambos, & de muito grande espaço, no mayor feruor & braueza della, bradou o Principe alto dizendo, Ah falso que trazes gente comtigo pera te fauorecer: o outro virando o rosto, cuidando que vinha alguem, o Principe como era muito ligeiro entrou com elle, & lhe deu hũa estocada pella barriga, de que o virou morto: ficando o mancebo vitorioso: & por que por ali se acabou aquella guerra, & o reino ficou liure por industria, & esforço do Principe, mandou Elrey em memoria d'aquella batalha, fundar naquelle proprio lugar em que ella foi, hũa muito fermosa cidade, a que pós nome Pachou, que em sua lingoa quer dizer, engano, pello que o Principe vsou no desafio.

E porque, como já dissemos, sempre misturaõ fabulas em todas suas cousas, pera darem honrosos principios a seus Reys, & reinos: fingiraõ, segundo contaõ suas escrituras, que mais de mil annos antes disto estaua já profetizado a fundaçaõ desta cidade. Por que dizem que andando por aquellas partes aquelle sancto seu, aque chamaõ, Budaõ, (de que em outras partes já falamos) trazendo grandes companhias de discipulos que o seguiaõ, andando naquelle reino de Pegú ensinando a saluaçaõ a os homens, estando naquelles cãpos de Pegú sobre vm tezo, pondo os olhos naquella parte em q̃ se esta cidade fundou (que entaõ era hũa grande alagoa, em cujo meyo se fazia vm ilheo em que estauaõ dous passaros grandes como patos, com cristas como gallos, de que ha muitos em Pegú,) & virando pera os discipulos lhes disse, ainda em aquelle lugar se a de vir a fundar hũa grande cidade, em que eu ei de ser venerado, & honrado, & assi o hé: por que nella tem oje fermosissimos templos & varellas. E os patos que estauaõ no ilheo tomaraõ os Reys que depois foraõ, por armas, como oje os trazem os Reys de Pegú. Estendesse este reino desde Tanaçarim (que saõ os limites seus, & do reino de Siaõ) a tè a boca do rio de Pegú, que saõ cem legoas por costa: & dali virando ao Sudueste a tè a ponta de Negraes: & voltádo ao Nòrte fenece em Negramalè (que saõ seus termos, & os do reino de Arracaõ) em que auerá outras cem legoas por costa. Pera o Nòrte, & Nòrdeste, se estende a tè mais de corenta graos d'altura, & parte com o reino do Cathayo, cujos estremos he a prouincia dos Turcos, que o Pegú lhes tomou. Pella banda do Norte, & Noroeste parte cõ o reino de Auá, pello nacente, com Yaõ: pello Sul, com o már Oceano: & pello Ponente

nente com o reino de Arracaõ. Tem este reino de Pegú, duzentas & sete cidades, a fóra innumeraueis villas, cuja cabeça de todas he a de Pachou: & as mais principaes saõ Clomo, Chrepó, Sanchi, Chaltil, Sataug, Sobunabú, em que nacem diamantes, esmeraldas, ouro, prata, robis: & em algũas que estaõ sobre o már se pescaõ aljofres. He reino muito abastado de mantimentos, gado, manteigas, legumes, aues, cassa: D'aqui vai o lácar pera todo o Oriente, & vm fiado de cores vermelho, preto, azul, muito fino, com que se fazem muitas roupas finas. E tem outras muitas cousas que deixamos, por fugir prolixidade.

Fim do Quinto Liuro.

LIVRO



LIVRO SEXTO
DA QVINTA DECADA
DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

Dos reinos que o Bramâ possue, & dos ritos & costumes de todos estes Gentios.

ERA que tratamos neste capitulo passado, do fim do quinto liuro, como o Bramá conquistou os reinos de Pegú, mostraremos no principio deste sexto liuro, que gẽtes saõ estes Bramás, & que estados possuem, que he cousa muito coriosa. Os Reys Bramás foraõ antigamente sojeitos aos de Pegú, & tinhaõ por obrigaçaõ mandarem suas gentes a trabalhar nas obras do reino, cidades, fortalezas, & outras que os Reys mandauaõ fazer. Socedeo em tempo do pay deste Rey de Pegú que perdeo o reino, querer fazer vm grande edificio sobre o rio de Simaõ banhá (que assi se chama o de Pegú) pera cuja obra mãdou Elrey do Bramá mais de trinta mil seruidores, pedreiros, cauouqueiros, & outros. E em quãto esta obra durou, costumaua Elrey ir muitas vezes vela: & leuaua suas molheres, & filhos, porque fol gauaõ muito de verem aquellas gentes taõ differentes nos trajos & pinturas. E como Elrey quando ya a isto naõ leuaua gente de guarda, por causa das molheres, que naõ querem elles que lhas vejaõ, vieraõ os Bramás a reinar malicia, & falandosse todos, estãdo Elrey vm dia bem descuidado de tal socesso, deraõ sobre elle, & o mataraõ com todos os da sua companhia, roubando as riquissimas joyas q̃ leuauaõ as molheres: & metẽdosse pellos matos, deraõ comsigo em suas terras. Vendo isto os Pegús aleuãtaraõ por Rey o filho do morto que se chamaua Dachá Roupi, que desejando de vingar a morte do pay, & de tornar a restituir áquelle reino á obediencia, foi lho o tempo estoruando com occasioens de guerras intrinsecas, que se lhe aleuantaraõ com outros vassallos, que como viraõ o Rey morto logo se rebellaraõ, com o que ficou taõ desfalecido, & fraco, que naõ pode bolir comsigo. Sabido isto pello Rey dos Bramás, que se chamaua, Pará Mandará, ajuntando seus exercitos, conquistou logo os reinos dos Lanjoens, Laos, Iangomás, & outros que eraõ sojeitos

a Pegú:

a Pegú: com o que ficou taõ poderoſo de gentes, thiſouros, & Alifantes, que lhe creceo a cobiça de ſe fazer ſenhor de toda aquella Gentilidade: por ſer condiçaõ do mundo, naõ ſò os Mouros & Gentios medirem os direitos dos reinos pello poder de cada vm, mas ainda os Principes Chriſtaõs, cuja obrigaçaõ he naõ mouerem guerras, ſe naõ muito juſtificadas. Aſsi eſte barbaro Gentio vendoſſe taõ poderoſo, quis eſtender ſeu Imperio pera todas as partes. E ajuntando grandes exercitos por már & por terra, em que ſe affirma trazer dous milhoens de homens, & dez mil Alifantes: & entrando pello reino de Pegú o conquiſtou a poucos golpes, como no capitulo paſſado contamos: Ficando com iſto taõ grande ſenhor, que ouue ſua cobiça por ſatisfeita. Os reinos q̃ ficou poſſuindo ſaõ os ſeguintes.

Auá, que foi o ſeu antigo reino, que ſerá dous meſes de caminho do Pegú. E he de ſaber, que ſuas medidas das jornadas como nós as noſſas legoas, ſe chamaõ, thao, & cada vm deſtes tem duas mil vezes tres varas de cinco palmos a vara, que fazem ſeis mil varas, q̃ ſaõ trinta mil paſſos, & a tres palmos por paſſo, vem a ſer tres milhas & meya Italianas, que he hũa legoa noſſa. E a cada thao deſtes tem por todos os caminhos pôſtos marcos, pera os viandantes ſaberẽ quantos caminhaõ por dia: & de ordinario vm Bramá anda doze legoas pella conta Portugueza, ou doze marcos dos ſeus. Eſte reino de Auá, tem ſeſſenta & duas cidades, que naõ nomeamos, poſto q̃ temos todos os nomes, por eſcuſarmos prolixidade.

Ao Nordeſte vm més de caminho eſtá o reino dos Trucos, que o Rey de Pegú tomou ao do Cathayo, que tem ſeſſenta cidades, & as principaes ſaõ, Simbi, Sanchaupá, Simbifá, Chanrrá: deſtas vem muito almiſcar, damaſcos, & outras fazendas, & tem todas muitas minas de prata & cobre.

O reino de Bimir que fica a Leſte de Auá, vm més de caminho, tem vinte & ſete cidades grãdes.

O reino de Iangomá, que eſtá ao Nordeſte de Pegú, por vinte jornadas, tem trinta & tres cidades.

O reino de Laõjaõ ao Norte deſte, vm més & meyo de caminho, tem trinta & oito cidades. He eſte reino o mais rico de todos os que poſſue o Bramá, por ter muito ouro & prata, & della ſae a mór parte do beigoim que vem á India.

O reino de Mamprón ao nacente deſte, vm més de caminho, tem oito cidades: parte pello Leuante com o reino de Cochim china, & pello Sul com o reino de Siaõ, que o Bramá depois conquiſtou, como adiante diremos, na ſexta decada. Eſte foi ja Emperador ſobre todos, como diſſemos na fũdaçaõ

daçaõ de Malaca capitolo primeiro liuro ſegundo da coarta decada, tem trinta & ſete cidades. Ao nacente delle eſtá o grande reino de Camboja, que ſempre foi iſento, de que adiante com o fauor diuino trataremos. Saõ todos os Gentios deſtes reinos os mais ſuperſticioſos de todos os do Oriente. E poſto que elles, & todos os mais do Induſtan, creaõ q̃ ha vm Deos criador de todas as couſas, todauia atribuem todas as acçoens, & neceſsidades da vida humana a idolos que pera iſſo tem, & tantos aleuantaõ de nouo como quantas occaſioens pera iſſo ſe lhes offerecẽ: por que ſe lhes doe o olho, logo lhe leuanta idolo, ſe lhe doe o pé, a maõ, a cabeça, em fim pera todos os membros tem dedicados idolos em ſeus templos, a tẽ pera as neceſsidades corporaes, cuja eſtatua eſtá naquella forma & acto como quando ſe quer exercitar aquella obra. Mas ſobre todos adoraõ & veneraõ aquelle idolo chamado Budaõ, de que jà atras falamos muitas vezes, no capitolo nono, do liuro quinto, que dizem fora ter áquelle reino, indo da ilha de Ceilaõ, & que fora mandado por Deos, pera lhes dar luz. E aſsi tem todos tamanha veneraçaõ áquella ilha de Ceilaõ, como a couſa ſanta, & a mòr romagem q̃ tem he a do pico q̃ chamaõ de Adaõ: onde o Budaõ, dizem ſuas eſcrituras que eſteue muitos annos. E por que ſobre eſte Pico, ouue muito varias opinioens antre os eſcritores da Europa, logo adiante diremos a verdade do que os naturaes tem delle, conforme a ſuas eſcrituras, & o que nos delle parece.

Confeſſaõ todos eſtes Gentios de que tratamos a immortalidade da alma, pellos officios que fazem a ſeus defuntos, & pellas oraçoẽs que rezaõ, & eſmolas que fazem: por que dizem que eſtas obras ſatisfazem na outra vida culpas dos que morrem com ellas. Saõ taõ charidoſos, que alguns frades noſſos (que foraõ ter a Siaõ, & a Camboja) andando pedindo eſmolas pellas portas, lha dauaõ com bem differente reuerencia do que o nos fazemos, por que ſe punhaõ de giolhos. E vm frey Antonio da Magdalena frade menor nos contou, que indo por hũa rua em Siaõ com ſua ſacola pedindo eſmola, encontrara com vm Mandarim (q̃ aſsi chamaõ a ſeus Regedores, o q̃ tomaraõ dos Chins) que ya a caualo com grande acompanhamẽto: & encontrando com elle, deſcaualgara muito depreſſa, & mandara tomar algũas couſas na praça, & lhas dera com os giolhos no chaõ: pedindolhe rezaſſe por elle algũa couſa. Que vergonha eſta pera Chriſtaõs, que pode ſer aja muitos que naõ façaõ tamanha reuerencia, nem tenhaõ tamanho acatamento ao diuino Sacramento encontrandoo pellas ruas. Ha por

por todos estes reinos muitos religiosos de differentes regras: vns a que em Pegú chamaõ Talapois,& em Siaõ, Bicos: & em Camboja, Chicús. Estes vesté habitos estreitos,& enclaustrados détro em seus templos, em que ha muitos, que passaõ de duzentos religiosos. Fazem profissaõ, tem coro, & rezaõ matinas, & as mais horas quasi a nosso modo, mas em todas vns mesmos versos. Confessaõse a seus prelados assentados de giolhos como nós, mas naõ de cousa particular, se naõ em geral. Tem pulpitos em que pregaõ, a que acode grande concurso de ouuintes,& nas pregaçoés trazem as vidas & milagres fingidos dos seus santos. Ha antre elles algũas ordens taõ estreitas como a dos Cartuxos,& muitos delles depois de velhos se recolhem aos ermos a fazer vida solitaria fora da cómunicaçaõ dos homés, & ali se sustentaõ de eruas & fruitas dos matos. Saem os religiosos de seus conuentos certos dias na somana de dous em dous a pedir esmolas pellas ruas,& chegaõ ás portas com grande mortificaçaõ, vm por hũa parte,& outro pella outra: & das esmolas q̃ lhes daõ se sustétaõ, & naõ comem mais que hũa vez no dia, & o que sobeja daõ aos pobres,& se os naõ ha, ás aues do ceo, por q̃ naõ podem guardar cousa algũa. Naõ tem rendas nem proprio, nem comem carne, nem mataõ cousa viua. Seus vestidos saõ capas & tunicas de hũa cór amarela escura, tinta que fazem có casca de jaqueira: trazem na cabeça sombreiros de papel azeitados. Tem muitos geraes, & escolas, em que ensinaõ todas as sciencias. Té quaresma quasi no mesmo tempo que os Christaõs, & em todos os dias della ha grandes pregaçoens, & no cabo sua Pascoa, com procissaõ de madrugada muito solenne, com festas, tangeres, bailos, danças, & infinitas luminarias, & algũas charolas ao modo das que vaõ nas nossas procissoens. Dizem q̃ na quaresma veyo o seu Quiái (que elles tem por Deos (a estar na terra com sua mãy, & que no cabo d'aquelles dias se tornou pera o ceo. E a esta ida fazem estas festas & solennidades. Os seus preceitos saõ quasi como os nossos dos mandamentos, por onde nos parece que estas gentes foraõ doutrinadas pello beauenturado Apostolo saõ Thome, que por aquellas partes andaria. E como ficaraõ sé prelados, & sem mestres, vieraõ a perder a doutrina,& a misturarlhe erros & cerimonias, como cada dia inuentaõ. E concluindo com esta gentilidade, saõ todos os Gentios destes reinos bestialissimos,& sem policia nenhũa, aluos, as molheres fermosas,& bem assombradas, saõ todos dados ao vicio da carne, em que as molheres tem estremos sobre todas. Quasi todos os seus ritos se vsaõ mais por costume, que

por fundamentos. Os Bramás saõ aluos, & trazẽ cabellos como molheres, & dos hombros a tẽ os giolhos andaõ pintados de muitos lauores, de hũa tinta azul que fazẽ com vns ferros quentes. Os Pegús trazem cercilhos como os clerigos antigos : cingem por debaixo de hũas cabayas curtas vns panos como molheres: & nas cabeças trazem hũas beitilhas finas foteadas, leuantadas hũas pontas pera cima como corochas : andaõ descalsos, & comem todas as ceuandilhas da terra. Os Siames trazem as cabeças rapadas, & sobre as faces deixaõ ficar grandes guedelhas, & os trajos saõ quasi como o dos Pegús. O mesmo os Iangomás & Laójoés. Os Trucos trazem cabellos como molheres metidos em coysas de rede de seda, calçaõ meyas d'agulha, & hũas cabayas muito curtas, & por cima hũas ábas postiças, como as dos nossos pellotes de pregas antigos. Tem outras brutalidades, que deixamos por naõ enfadar.

CAPITVLO II.

Do Pico, que chamaõ de Adaõ na ilha de Ceilaõ: & das varias opinioens que sobre elle ouue, & do que os naturaes tem.



NO capitulo passado nos offerecemos a dar rezaõ d'aquella pègada, que está sobre aquella serra, a q̃ chamaõ o pico de Adaõ na ilha de Ceilaõ, pella grande variedade que ha nos escritores, & pellas abusoens que Marco Polo Veneto, & Nicolao de Conti, com outros Venezeanos escreueraõ. E porque nos aueriguamos a verdade disto com Chingalás muito antigos & praticos nas cousas d'aquella ilha, & em seus ritos & costumes, & nos disseraõ o que tem suas escrituras: será bem que tiremos a confusaõ que a tẽ gora ouue. Este pico que chamaõ de Adaõ he hũa serra q̃ está no coraçaõ d'aquella ilha, em hũas terras que chamaõ, Dinavaca, & he taõ alto que se vé de doze legoas, quando se vay demandar a ilha. Chamaõlhe os naturaes, Amalalá Saripadi, que em sua lingoa quer dizer, serra da pègada. Vai sobindo debaixo, & em cima se diuide em dous picos, & em vm delles está esta pègada: & de ambos decem algũas ribeiras de agoa, que se fazem de algũas fontes que em cima tem, & vaõ por differentes partes fazer ao pé da serra vm riacho, que quasi a rodea. Neste ribeiro se lauaõ os romeiros, que se vaõ offerecer á pègada, por que aquelle he o seu bautismo, & aó que ali se purificaõ. No cume de vm

vm deſtes picos ſe faz hũa planicia arrezoada, & no meyo della está hũa lagea (q̃ ſerá como duas campas de ſepultura) aleuantada ſobre grandes pedras, no meyo tem hũa forma de pegada de vm pé muito mayor q̃ os ordinarios, de tal feiçaõ, que parece que foi impreſſa na meſma pedra, da propria maneira que em hũa pouca de cera branda ſe imprime vm ſinete, ou em vm pouco de barro mole, hũa pègada de vm homem. Os romeiros que aqui concorrem (que ſaõ infinitos) naõ ſó Gentios, mas ainda Mouros, desda Perſia a tè China, chegando áquelle riacho, purificaõſe, como já diſſemos com ſuas cerimonias, & veſtemſe de roupas nouas. Depois que lhes parece que eſtaõ purificados, ſobem pella ſerra que he muito ingreme, & pouca diſtancia antes de chegarem ao cume, eſtaõ atraueſſadas hũas traues, de que pende vm ſino grande, da feiçaõ dos da China, de metal finiſſimo, & delle pende vm maſſo grande forrado de couros, em quem cada romeiro he obrigado a dar hũa pancada, pera ſaberem ſe vaõ puros: por que tem pera ſi, que o que ali chegar immundo naõ lhe ſoará o ſino, & eſte tal he obrigado a tornarſe a purificar com outras cerimonias mayores. Taõ enganados os trazem os diabos que lhes metem d'aquella maneira em cabeça que todos vaõ puros, por que nunca ſe achou homem a que o ſino deixaſſe de ſoar. E nós falamos com peſſoas que foraõ a eſta romagem em companhia de mais de quinhentas, & a todos ſoou o ſino. Chegados acima, naõ podẽ fazer mais que bejarem aquella pedra com grande veneraçaõ, & tornaremſe: & por nenhum caſo podem ſobir em cima da lagea, por que he peccado ſem abſoluiçaõ. Os Mouros tambem ſe vaõ aqui offerecer: porque dizem q̃ aquella pègada foi de noſſo pay Adaõ, & que d'ali ſobio aos ceos, & do derradeiro pé ficou naquella pedra aquella forma.

Marco Polo Veneto, liuro terceiro folio cincoenta & cinco, diz que tem os Mouros pera ſi, que debaixo d'aquella pedra eſtaua o ſepulcro de Adaõ. E diz mais que os Gentios naturaes contauaõ, que vm filho de vm Rey chamado Sogomombarcaõ, deſprezando o reino, ſe recolhera áquella ſerra a fazer vida ſanta, & que d'ali ſobira aos ceos, & que o pay lhe mandara fazer templos, & leuantar eſtatuas, & que d'ali tiuera principio a idolatria da India. Diſto ſe riraõ os naturaes, a quem o nós perguntamos: mas o que elles tem ſuas eſcrituras, & o que oje cantaõ em ſuas cantigas (em que conſeruaõ todas ſuas antiguidades) he o que logo cõtaremos mũy abreuiadamẽte, por q̃

em todos os ſeus cõtos & hiſtorias ſaõ todos mũy prolixos.

Dizem que ouue vm Rey que reinaua ſobre todo eſte Oriente: que auendo muitos annos que era caſado ſem ter filhos, lhe viera Deos no cabo de ſua velhice a dar vm macho, a mayor, & mais fermoſa criatura que podia ſer: & mandandolhe tirar o nacimento por ſeus Aſtrologos, acharaõ que aquelle minino ſeria ſanto, & que deſprezaria os reinos do pay, & ſe faria peregrino (a que elles chamaõ Iogues) de que o pay poſto em cuidados, determinou de atalhar todas eſtas couſas, com encerrar o filho que naõ viſſe couſa algũa. E aſsi como foi de cinco annos pera cima o recolheo em vns paços, que pera iſſo tinha mãdado fazer, fechados, & cerrados, com grandes & freſcos jardins por dentro, onde o mandou criar em companhia de moços nóbres de ſua idade, com guardas, & vigias, pera que fóra d'aquelles ninguem mais falaſſe com elle, por naõ ver nem ouuir couſa que lhe deſſe paixaõ, nem ſoubeſſe que auia outra couſa fóra d'ali, pera que a naõ deſejaſſe. Aqui ſe criou a tè idade de dezoito annos, ſem ſaber que auia doenças, mortes, nem outras miſerias humanas.

Chegando à idade de entendimento, naõ deixou de ſaber que auia mais couſas que aquellas que via. Pello que mandou pedir ao pay que o deixaſſe ſair d'ali, & ver as cidades & villas do ſeu reino. Iſto lhe concedeo Elrey, mandandoo tirar fóra, & leualo pella cidade com grande reſguardo. E em hũa rua encontrou vm homem manco & enfermo, & perguntando aos que yaõ com elle o q̃ era, diſſeraõlhe que eraõ couſas da natureza mũy ordinarias no mundo, em que auia muitos mancos, cegos, & com outros defeitos. Outra vez que o tornaraõ a tirar fora, vio vm velho muito decrepito encoſtado a vm bordaõ, tremendolhe o corpo todo. Eſpantado eſte Principe d'aquella viſaõ, perguntou o que era: & diſſeraõlhe que aquillo procedia dos muitos annos que viuera, & que por iſſo ſe vinhaõ os homens que chegauaõ áquella idade, a debilitar muito. Outro dia encontrou com vm morto que leuauaõ a enterrar com grande pranto: & perguntãdo por aquillo lho diſſeraõ: ao que o Principe perguntou: como, eu & todos auemos de morrer? & dizendolhe que ſi ficou malenconizado, & triſte.

Andando com aquella imaginaçaõ, dizem que lhe apareceo em viſaõ vm ſanto em figura de peregrino, & que o perſuadira ao deſprezo do mundo, & a vida ſolitaria. E como elle andaua já aballado, & tinha mais largueza, teue modo com que deſaparecera em trajos de peregrino, & que ſe me-

se metera por essa terra dentro a fazer vida solitaria,& asperissima. E deixando muitas fabulas que contaõ,assi da fogida,como da peregrinaçaõ: depois de correr muitas terras,dizem que fora ter a Ceilaõ, leuando já comsigo grande concurso de discipulos. Ali naquella serra fez tal vida tantos annos, que o adorauaõ os naturaes como a Deos. E querendosse partir d'ali pera outras partes,os discipulos que ali ficauaõ lhe pediraõ lhes deixasse algũa memoria sua, pera em seu nome a reuerenciarẽ: ao que fixando elle o pé naquella lagea,imprimira aquella pegada, que ficou tida em tanta veneraçaõ,como temos dito. A este Principe nomeaõ suas historias por muitos nomes: o seu proprio era Dramá Rajo,o por que foi conhecido depois que o tiueraõ por sancto,he o Budaõ,que quer dizer sabio: de que já falamos atras,no capitolo nono do liuro quinto, que dizem, profetizara da cidade de Pegú, pera estas partes se passou depois que deixou Ceilaõ.

A este nome tem dedicado os Gentios por toda a India grandes & soberbos pagodes. Vendo nós esta historia, estiuemos cuidando, se teriaõ os antigos Gentios destas partes em suas escrituras conhecimento do sancto Iosaphat,que foi conuertido por Barlaõ,que em sua lenda temos ser filho de vm grande Rey da India, & que tiuera a mesma criaçaõ, & todos os mais termos que temos contado da vida deste Budaõ. E como a historia de Iosaphat auia de ficar escrita pellos naturaes (que nada lhes fica por escreuer) parece que por tempos lhe vieraõ acrecentar muitas fabulas,como elles tem na vida do Budaõ,que nós deixamos,por que nem em dous capitulos as concluiremos, da maneira que as elles tem.

E por que nos vem a proposito, o que nos disse vm homem muito antigo das terras de Salsete em Baçaim, do sancto Iosaphat, nos pareceo bem trazela. Andãdo nós nesta ilha de Salsete,vendo aquelle raro & admirauel pagóde (que chamaõ do Canará) fabricado em hũa serra, & talhadas em hũa só pedra muitas salas, & hũa dellas tamanha como a grande dos paços da ribeira de Lixboa, & mais de trezentas camaras pella serra acima,quasi em caracol, cada hũa com sua cisterna á porta, na mesma pedra viua,da mais fria & excelente agoa que se pode desejar. E nas portas da sala grande, fermosissimas figuras de vulto tamanhas como gigantes, de obra taõ sotil,& prima, que nem em prata se podiaõ esculpir milhor:com outras muitas grandezas, que deixamos por naõ ser comprido.

E perguntando a este homem velho,que dissemos,por esta obra, & o que lhe parecia por quẽ fora

feita,nos disse, que sem duuida aquella obra se fizera por mandado do pay do sancto Iosaphat, pera o recolher & criar nella, como diz a sua lēda. E como nós temos della,que fora filho de vm grande Rey da India, bem póde ser, como já dissemos, que fosse este o Budaõ,de que elles contaõ tantas marauilhas.

E continuando com a pègada do pico, trabalhando nós muito por inquirir a certeza della,corrēdo muitas antiguidades da India, nos parece que poderá ser do bem auenturado Apostolo saõ Thome,& asi mesmo hũas nodoas de giolhos,que estaõ impressas o dia d'oje, em hũa pedra grande, que está na parte da pedreira de Columbo, que vm vigairo d'aquella fortaleza nos disse, que notara bē muitas vezes, & que lhe naõ pareceraõ feitas por industria: & isto dizemos por outras semelhantes,q̃ se acharaõ na cidade de Maliapor, onde aquelle Apostolo fez sua casa. Por que posto q̃ sua lenda naõ declare que fosse ter áquella ilha, cousa he que poderia ser, por que nem de todas as partes por onde andou,se acha feito memoria, como já dissemos no capitolo primeiro do decimo liuro da coarta decada,do tempo em que os Tartaros & Magores receberaõ a fé de Christo.

Em hũa inquiriçaõ que na cidade de Maliapór se tirou, por mandado d'Elrey dom Manoel, em tempo do Gouernador dom Duarte de Meneses,sobre o corpo do sancto Apostolo, testemunhou vm Diogo Fernandez Portuguez, que na era de dezassete fora de Malaca em companhia de vm Bastiaõ Fernandez, & de vm Armenio chamado Coja Escander,pera visitarem a casa do sancto, & que elle fora o primeiro Portuguez q̃ ali chegara: & que entrando todos dentro nella,a acharaõ cercada de mato,& derribada,& na porta della vm Mouro muito velho,q̃ tinha cuidado de acender ali hũa alampada,por ordem dos Gētios (que sempre tiueraõ muita deuaçaõ áquella casa) que lhes contara muitas cousas da vida do Apostolo, q̃ elles naõ tinhaõ sabidas, nem ouuidas. E que lhes fora mostrar hũa pègada estampada em hũa pedra taõ fresca como se áquella hora se acabara de pór ali o pé, & aquillo fora de barro,& outra pedra em q̃ estaua a nodoa de vm giolho, & q̃ era muito aueriguado antre todos os naturaes, que estes dous sinaes ficaraõ ali do sancto Apostolo: & que quando o mataraõ ajoelhara sobre aquella pedra,& deixara nella aquelle sinal.

Diz mais,que o anno de dezanoue foraõ ali tres Portugueses de Malaca chamados Antonio Lobo Falcaõ, Manoel Falcaõ, & Ioaõ Moreno: que tomaraõ a pedra da nodoa do giolho, & a quebraraõ, & par-

& partiraõ antre si, leuandoa por grande reliquia, & que depois fizeraõ muitos milagres, como em outra parte diremos. Isto tudo he bastante rezaõ pera proua da conjectura que fazemos da pègada do pico de Adaõ, & das nodoas de giolho da pedreira, serem do santo Apostolo, que andou enchendo à India de milagres, & marauilhas, de que a menor parte temos na sua lenda: & em muitas escrituras temos, que sempre os semelhantes sinaes foraõ milagrosos, & permitidos por Deos.

Em vm pateo da casa santa de Ierusalem, que he lageado de fermosas lageas, em hũa dellas estaõ impressas duas pègadas como esta de que tratamos: que (segundo referem alguns que escreueraõ as cousas do santo templo, & antre elles o padre frey Pantaliaõ) affirmaõ serem de vm Abexim, q̃ ali martyrizaraõ pella fé de Christo, o que teue por bem ficassem ali aquelles vestigios em sinal de como lhe fora seu martyrio aceito.

Na igreija da Ascensaõ, q̃ está no monte Oliuete, se vé outra pedra com hũa pègada como estas, que deixou ali nosso Senhor IESV CHRISTO, quando sobio aos ceos, do derradeiro pé que aleuantou.

No horto de Gethsemani (naquelle lugar a onde se puseraõ os tres Apostolos, em quanto Christo orou) está outra pedra em que se encostaraõ aquelles discipulos, & nella ficaraõ impressos os tres sinaes dos corpos, como em hũa pouca de cera mole. Por onde esta pègada do pico de Adaõ, & as nodoas dos giolhos de que falamos saõ milagrosas, & as partes da India naquelle tẽpo naõ passou quẽ podesse fazer os taes milagres, se naõ este santo Apostolo. E lendo nòs o que diz Dorotheo Bispo de Tiro (& o refere Mapheo no terceiro liuro da historia da India) q̃ nesta pègada do pico de Adaõ, se veneraua a memoria do Eunuco da Raynha Candace, que diz andara pregando o Euangelho por todo o már roxo, Arabia Felice, & na Taprobana, naõ achamos donde poderia aquelle douto varaõ inferir aquillo, por q̃ em nenhũa escritura se lé, que passasse este Eunuco da Abassia donde era natural. E nós reuoluemos a India, & falamos com muitos Mouros, Gẽtios, & ainda Iudeos antigos & doutos, & em nenhũa parte della se conhece, nem ha noticia deste Eunuco.

E por concluirmos com estas cousas de Ceilaõ, o faremos breuemente com hũa pera nòs muito espantosa, que he: que todas as aruores que jazem pello pé deste pico de Adaõ á roda, & ainda mais de meya legoa afastadas delle, todas por todas as partes fazem com suas copas hũa inclinaçaõ pera a serra, sendo todas muito direitas

nos troncos a tè onde começaõ as ramas, sem vento algum as fazer mudar. Isto tem todos os da ilha por milagre: & se o naõ he (por q̃ bem pòde ser queira Deos, que façaõ todas aquella reuerencia à pègada do seu Apostolo) algũa cousa natural deue de auer pera isso. E o que nos parece he nacer aquillo de algũa propriedade, q̃ aquella serra terá de atraer a si as aruóres, como a pedra de ceuar a ferro. E como lemos d'aquella fonte de Plinio, que està no nosso Portugal, que se lhe chegaõ hũa aruore muito grande perto da agoa, a sorue toda, & recolhe em si pella rama, a tè se esconder de todo: agora filosofem sobre isto os coriosos.

Esta ilha toda he taõ prospera, que mandando o Rey da Cotta semear duas parás de trigo, respódeo com sessenta. Os matos saõ todos de aruores de espinho, & fruitas excellentes. Tem pimenta, gengiure, cardamomo, muitas canas da sucar, mel, muitos gatos dal galea, Alifantes, muita pedraria, rubis, olhos de gato, chrysolitas, amathistas, çafiras verdadeiras, & outras d'agoa, beryllo finissimo, & taõ puro, que parece cristal, & todos o tem por esse, no que se enganaõ. Tem ferro, cairo, estopa, muitos rios de agoa excellente, em que se criaõ muitos & bons pescados: tem grandes officiaes de armas, principalmente de espingardas, onde se fazem as milhores de toda a India. Tem muitas bayas, & portos de hũa & da outra parte, capazes de grandes naos & nauios: tem outras muitas cousas que deixamos, por naõ ser comprido.

CAPITOLO III.

Das opinioens, ritos, & cerimonias, de todos os Gentios que jazem antre o Indo & Gange. E do que contem o original de suas escrituras, q̃ os seus Theologos insinaõ em suas escolas.

IA que falamos nos capitolos atras da Gentilidade do Gáge pera fora, parece que cabe aqui bem, darmos rezaõ de toda a outra do Gange pera dentro: & posto que nisto sejamos algũa cousa comprido, podemnos releuar por serem cousas muito coriosas, & a tè gora naõ trazidas ao mundo neste lingoagem: & tambem nos seruiraõ de darmos graças a Deos nosso Senhor da merce que nos fez, em nos dar conhecimento de si mesmo, vendo os feos, nefandos, & brutos ritos destes cegos Gentios, que foraõ significados naquella diuersidade de animaes immundos que saõ Pedro vio naquella visaõ do vaso cheyo delles, como se lé nos Actos dos Apostolos no 1. cap.

Pello que se á de saber, que antre toda a gentilidade do Oriente, se guarda, & sustenta hũa só opiniaõ no conhecimento de Deos, criaçaõ,& corrupsaõ das criaturas, que he liçaõ que se lé nas suas escolas,pellos seus Bragmanes, q̃ saõ os mestres de sua religiaõ. Disto té muitos liuros em seu latim, a que chamaõ,Geredaõ, que contem tudo o que aõ de crér, & todas as cerimonias que aõ de fazer. Estes liuros saõ repartidos por corpos, membros,& articulos, cujos originaes saõ vns a que elles chamaõ vedaós,que saõ repartidos em coatro partes, & estes em outras cincoenta & duas por esta maneira. Seis a que chamaõ xastrá, que saõ os corpos: dezoito a que chamaõ puraná,que saõ os membros: vinte & oito chamados Agamon,que saõ os articulos: de todos estes faremos distinçaõ breuemente,pera milhor se entenderem.

A primeira parte destes coatro originaes, trata da primeira causa, da materia primeira, dos Anjos, das almas,do premio do bem, da pena do mal, da geraçaõ das criaturas,de sua corrupsaõ, que cousa seja peccado, & como se pode remir,& absoluer,& por que.

A segunda parte trata dos regentes aque daõ o dominio sobre todas as cousas.

A terceira he toda de doutrina moral,conselhos que exortaõ á virtude,& obrigaõ a auorrecer o vicio,& asi da vida monastica & politica: que saõ a actiua,& contemplatiua.

A coarta parte trata das cerimonias dos Pagodes, dos sacrificios,& de suas festas:& nestes tambem metem os encantamentos,feitiçarias,adiuinhaçoens,& arte Magica: por que a todas estascousas saõ muito dados. Todos estes liuros saõ escritos em versos mũy heroycos, & pomposos em palauras,inuençaõ que o demonio vrdio,pera que a modulaçaõ & suauidade delles, os obrigassem a ouuilos,pera se lhe afeiçoarem. E asi o fizeraõ tãto,que qualquer Bragmane que lhes quer fazer crér hũa mintira,em a pondo em verso,fica tida em tanta veneraçaõ & authoridade, que naõ auerá cousa que lha tire da cabeça: & tanto he isto asi, que historias a que nenhũa origem sabem, & de cousas ainda q̃ repunhaõ sua propria ley & costumes, pello vso de as cantarem em verso, asi lhes daõ fé como se ás viraõ com o olho. Isto lhes nace, de naõ defenderem,nem sustentarem por rezoens cousa algũa das q̃ crém: antes em todas se ataõ aos mestres que lhas ensinaraõ, & aos liuros em que andaõ escritas. Desta arte, ou sciencia de poesia tem grandes escolas,& geraes: cada verso dos seus tem setenta & cinco syllabas. Deixando isto tornemos ás distinçoés das coatro partes dos seus vedáos.

A primei-

A primeira, que trata da causa primeira segundo os liuros q̃ tem chamados Terúm, Mandramole, Etriuaxigaõ (q̃ saõ hũas summas de sua Theologia que lém nas escolas) dizem q̃ esta causa primeira he Deos, & que este he vm espirito puro, incorporeo, infinito, cheyo de todo o poder, de todo o saber, de toda a verdade, & que está em todas as partes, a que chamaõ Xarues Zibarú, que quer dizer, Criador de tudo. Trata mais esta primeira parte da materia dos Anjos a que chamaõ Monixeuarũ, q̃ quer dizer os Santos, que dizem que naõ foraõ criados, & que saõ ab eternos com o mesmo Deos. Destes Anjos fazem tres estados, vns limpissimos, que acompanhaõ & seruem a Deos: outros menos puros, donde saem as almas que se informaõ nos corpos humanos, pera nelles se purgarem. Os terceiros immundos, & estes seruem de ministros da justiça de Deos, & de carcereiros do inferno, que elles confessaõ, como se verá em seu lugar. As almas tẽ que saõ immortaes, mas que se tem peccados, como vm morre sua alma se passa ao corpo de qualquer alimaria, onde os anda purgando, a tè que mereça sobir ao ceo. E de todas, as q̃ se metem nas vacas, tem por mais ditosas, & por isso saõ veneradas de todos os Gentios como cousa sagrada.

Chega sua bruteza a tanto, que quando vm está em passamento, lhe chegaõ hũa vaca a cama, & lhe metem o rabo na maõ como candea, pera que em se despedindo a alma do corpo, entre logo na vaca, por que o naõ façaõ em outro animal mais sujo: por onde parece que tem pera si, que suas almas se metem no animal que está mais perto. E por isso naõ mataõ os porsouejos, nem pulgas da cama, nem os piolhos da cabeça. Este negocio das vacas, nunca acabamos de entender a veneraçaõ que lhes tem, nem a deidade que lhes atribuem, nem elles o sabem bem declarar. Muitas vezes vimos no reino de Cambaya as vacas ourinarem pellas ruas, & acodirem os Baneanes, homens & molheres, & apararem as maõs, & tomarem a ourina, & lançaremna por cima das cabeças, como nos fazemos a agoa benta, dizendo algũas palauras.

Dizem mais que as almas dos mais peccadores, & mofinos, se trespassaõ aos corpos dos animaes sujos, & immundos: & o mais peccador de todos no caõ: & que cõforme os merecimentos de cada vm assi lhe cabe a sorte & o estado de rico, ou pobre, alto, ou baixo, saõ, ou enfermo. E que de corpo em corpo andaõ purgando seus peccados, a tè que de todo tenhaõ satisfeito, & que mereçaõ passar a gloria.

Esta opiniaõ brutal he taõ antigua,

tigua, que Empedocles Agrigentino disse, que os espiritos que mal viuiaõ, o ár, o már, a terra, os lançaua de si, & que de lugar em lugar andauaõ purgando suas culpas, atè passarem á gloria.

Quanto ao premio do bem, & castigo dos males, ha infinitas opinioens: porem está aueriguado auer gloria & pena, mas qual seja esta pena, & a onde, naõ se acabaõ de determinar.

Tem tambem para si, que em nacendo vm homem logo vem destinado pera o bem ou pera o mal, & que forçado lhe a de acontecer o pera que naceo, & que naõ está em sua maõ poderemlhe fogir, no que negaõ o liure aluedrio: & daqui vem dizerem a tudo o q̃ lhes socede, que he seu nacibo. Muitos dizem, que a gloria & premio que se dá aos virtuosos, & em satisfaçaõ de penitencias, & sacrificios: saõ riquezas, honras, dignidades, & filhos: & que morrendo vm que teue estes bens, se viueo bem, torna a lograIos em outro corpo: & asi medem a virtude, pellos bẽs que cada vm possue.

Outros que se tem por mais atinados na verdade dizem, que no segundo ceo ha vm lugar a que chamaõ Xoruagó, em que aõ de ir descançar os que bem viueraõ, & que no centro da terra ha outro a que chamaõ Naranca, que he todo de fogo, & de tormentos, onde se vaõ pagar os peccados, & que neste lugar he tanto genero de tormentos quantas foraõ as diuersidades das culpas.

Dizem mais, que os Anjos da terceira ordẽ saõ os ministros destas penas, & a estes pintaõ elles cõ todas as fealdades que podem, como nos fazemos ao demonio, & os nomeauaõ por muitos nomes, & os principaes saõ Diagal, & Saitan nome por que he bem conhecido em toda a parte, & que a tè antre estes brutos elle naõ quis perder.

Alguns tem para si que os tormentos naõ saõ perpetuos, se naõ por tempo limitado, & que conforme ás culpas de cada vm asi terá o termo do degredo, & passado elle tornará a nacer de nouo, & tomará outro corpo, em que tornará a viuer no mundo: & que asi tantas vezes irá & virá do inferno, a tè que faça obras dinas de ir ao ceo.

No meyo destes dous lugares superior & inferior dizem que ha outro pera as almas que naõ merecem pena, nem gloria, naõ tratãdo de innocentes: mas dizem que se hũa alma teue vm peccado, por que merecia o inferno, & por outra parte se teue algũa virtude por onde merece a gloria, como dizermos, foi vm incontinente, mas charidoso com os pobres em igual grao, em tal caso, se pello mal mereceo o inferno, & pello bem o parai̇so, entaõ ficará no lugar do meyo aonde naõ terá pena nẽ gloria.

Quanto

Quanto á criaçaõ do primeiro homem, dizem os ſeus Theologos, que procedé de hũa geraçaõ dos deoſes immortaes.

Outros, que foraõ formados dos elementos, & que eſtes foraõ feitos da primeira materia que he eterna: & que todos os elementos tem miſtura vns dos outros, ſomente o fogo que he ſimplex, & ſem miſtura.

Outros affirmaõ que da propria materia de que o mundo foi compoſto, o foi tambem o homé: por onde naõ dizem, como algũs cuidaõ, que o mundo he eterno, ſe naõ a maſſa de que ſe fabricou: & neſta criaçaõ contaõ fabulas & diſbarates ſem fundamento.

E concluindo com eſta primeira parte com a materia dos peccados, & da abſoluiçaõ delles. Coatro couſas tem que ſaõ peccados vedados em grande maneira, & auorrecidos. A primeira, matar: ſegunda furtar: & neſte naõ ſe entéde o onzenar, & ganhar com engano, por que iſto tem elles por religiaõ. A terceira beber vinho: a coarta tomar molher alheya. Todos eſtes peccados aõ que ſe ſatisfazem por outras coatro maneiras. A primeira por romagens a pagodes, a onde ſe vaõ offerecer com rezes, & alguns fazem ſacrificio de ſi cortandoſſe, & cauterizandoſſe, & dedicando os filhos, & filhas a perpetuo ſeruiço dos idolos. He taõ grande o concurſo da gente em tempo de ſuas feſtas, a ſe offerecerem aos pagodes com groſſas dadiuas, que he eſpanto. O principal & de mais veneraçaõ que ha em todo o induſtaõ, ſaõ os pagodes de Ramanancor, defronte de Manar, junto aos baixos de Chiláo. Odixilauarao oito legoas de Negapataõ. O de Triquinimale no reino de Gigi, no ſertaõ de Negapataõ. O de Canjauaraõ, duas jornadas da cidade de ſaõ Thome. O de Tripiti no reino de Biſnaga. O de Tremel no meſmo reino, que tem groſiſsimo tiſouro. O de Iagarnate no reino de Orixá. O de Vixanate em Bengala. Eſte he cabeça de todos, & de mayor romagem, fazſe ſua feſta em Feuereiro, & dura perto de dous meſes: & a gente que em todo eſte tépo ſe ajunta ás feſtas he tanta, que ſe affirma occuparem ſuas eſtancias perto de ſeis legoas. Cada peſſoa ſe offerece com o que póde, & ouue algũas que ſe pezaraõ a ouro, & a prata, & affirmaſſe que o ſeu tiſouro he infinito. Tem mais o Pagode de Tanauaré em Ceilaõ: & o do pico de Adaõ. E o Pagode de Iaquete, & outros ſomenos infinitos: onde o demonio he bem veneràdo.

O ſegundo modo de penitencias ſaõ eſmolas a peregrinos, jogues, pera fabricas de pagodes, pera abrir tanques em lugares publicos, fazer caſas nos caminhos pera os paſſageiros, romper ladeiras,

abrir caminhos pera os viandantes, fabricar hoſpitaes pera paſſaros. Nós vimos vm na cidade de Cambayete muito pera notar, por que tem enfermarias ſeparadas pera as caſtas que ali recolhem. Saõ as paredes leuantadas ſobre arcos abertos por todas as partes, tapados com redes ſotijs darame, tem grandes corredores, & de hũa & de outra banda vaõ as celas em q̃ eſtaõ recolhidos, & tem enfermeiros que correm com aquillo, tem rendas & muitas eſmolas pera a fabrica & deſpeza. Nos conhecemos na cidade de Chaul vm Baneane criado antre os Portugueſes muito rico. Eſte quando faleceo lhe fez ſeu teſtamēto vm tabaliaõ Portugues chamado Gaſpar Rozado: em que deixaua a todas as confrarias das igreijas de Chaul, trinta pardaos a cada hũa, & pera o hoſpital de Cambaya dos paſſaros coatro mil pardaos. Tem eſte hoſpital certos homens a que ſe daõ tenças, & comedias, que ſaõ obrigados a andar pellos campos, & pellas ruas das cidades, buſcando paſſaros doentes, aleijados, cegos, & de qualquer outra infirmidade pera os leuarem ao hoſpital: & outros tem cuidado de viſitarē as praſſas onde os Mouros caſſadores vaõ vender os paſſaros, que compraõ todos, & os tornaõ a lançar a auoar. Fazem tambem curraes pera as alimarias velhas, & doentes, em que as recolhem & curaõ: & pera as buſcarem tem outros deputados. Eſtes em achando a bufara velha, o caualo, ou mula, com chagas, ou tolhido, logo he leuado ao ſeu curral, & curado com grande charidade: mas ſe acharē vm homem paralitico, & tolhido, caido por eſſe chaõ, naõ lhe daraõ a maõ pera ſe leuantar, ainda que o vejaõ trilhar dos homens, & das beſtas, por que dizem, que aquelle por ſeus peccados chegou áquelle eſtado. Reſgataõ os paſſaros como diſſemos, & naõ o faraõ a vm catiuo, ainda que ſeja ſeu pay.

O terceiro modo de abſoluiçaõ, ſaõ jejuns, em que eſtes Gentios ſaõ auſteriſsimos, por que em todo o dia naõ comem, & ha algũs que os tomaõ por eſpaço de dias, ſem em todos comerem couſa algũa.

O coarto modo de abſoluiçaõ ſaõ ſacrificios, & de ſós tres trataremos. O primeiro na lũa noua de Outubro, em que celebraõ hũa feſta em memoria das vitorias que ſeus idolos tiueraõ cà no mundo. A eſte ſacrificio chamaõ elles, Manuuoa, naquelle dia os Reys Gentios mandaõ matar de noite algũs vaſſallos em ſegredo por eleiçaõ dos ſeus Bragmanes (que pera iſto muitas vezes naõ elegem ſe naõ os que lhes auorrecem.) E mandaõ por o fogo a algũas caſas que ſe queimaõ com quantos eſtaõ dentro: & a eſte chamaõ elles ſacrificio de ſangue & fogo.

Outro tem chamado, Choom, que he o da vaca, por que o dia que se celebra a mataõ com grandes cerimonias,& taõ grandes despezas,que só os Reys o podem fazer, & ainda hũa só vez na vida. Este tem pello remedio mais efficas que todos pera purgar grauissimas culpas.

Outros estremos de penitencias fazem que poem medo & espãto, por que alguns chegaõ a se deitarem de bruços no chaõ pera passarem por cima delles vns carros em que vaõ os idolos, tamanhos, que quinhentos homens os moué com trabalho: & ficaõ ali espedaçados, & suas reliquias saõ recolhidas de todos cõ grãde veneraçaõ. Outros trazem cilicios de ferro cingidos, que quasi os cortaõ pello meyo. Outros se dependuraõ no ár pellos lombos em vns ganchos de asso mũy agudos, & ali estaõ cantando versos em louuor dos idolos. A estes todos podemos chamar martyres do diabo, que elle com grande cuidado & diligencia procura ter:por que como sempre estudou por contrafazer as obras diuinas,trabalha por exprimir em seus maos, o que Deos óbra em seus bons: & o que os martyres de Christo fazem pella verdade, fazem estes pella mintira,& vns & outros pello fruito se conhecem.

CAPITVLO IIII.

Das outras tres partes de seus originaes, & de todos os mais ritos & costumes destes Gentios, & dos seus tres regentes. E do engano que alguns tiueraõ, em auerem que tiueraõ conhecimento da Sanctissima Trindade: & das differenças das castas dos Gentios todos.



OR naõ fazermos capitulos compridos que enfastiaõ concluiremos com este que abreuiaremos, posto que as materias saõ muitas, mas cortaremos a penna o mais que pudermos. E continuando com a materia de seus originaes, trataremos da segunda parte, & dos seus regentes. Dizem estes cegos Gentios, que aquella primeira causa que conhecem por Deos, he tal, taõ poderosa, que por se naõ occupar nas cousas debaixo, entregou o gouerno de todos os corpos celestes, a regentes, pera q̃ os mouessem,& gouernassé dãdo a cada sphera seu regente, & a cada vm delles seu apetito incitatiuo q̃ os obriga a gouernar aquillo que tem por officio, & este apetito fingem ser molher. Donde tomaraõ motiuo os seus Theologos pera dizerem que todos os ministros de Deos tinhaõ molheres.

A este supremo q̃ dizem ser Deos, o nomeaõ por infinitos nomes, & tem disso vm liuro particular, a q̃ chamaõ Tiuarum. Estes regentes dizem que saõ cinco, por esta maneira.

Ao primeiro que gouerna o primeiro ceo, que contem todos os planetas, chamaõ Xadaxiuaõ, & sua molher, Humani.

O segundo que gouerna a regiaõ do fogo, Rudra, & sua molher Paruadi.

O terceiro que rege o ár, Maesurá, & sua molher, Maenomadì.

O coarto q̃ rege o elemẽto da agoa, Bisnú, & sua molher, Lacami.

O quinto q̃ gouerna a terra, Brahemá, & sua molher, Exarasuadi. Estes cinco dizem que gouernaõ toda a cousa criada: mas aos tres delles adoraõ como deoses, q̃ saõ Brahemá, Bisnú, & Rudra, que saõ os regentes da terra, agoa, & fogo: por que vm cria, outro augmenta, & outro consume, & porque saõ a causa da geraçaõ, criaçaõ, & corrupsaõ de tudo. A estes tres chamaõ por vm só nome Maha Murte, q̃ quer dizer os tres supremos, & affirmaõ serem gerádos do mesmo Deos, & asi os pintaõ jũtos vm corpo cõ tres rostos: como vimos no pagóde do Alifante, onde está aquella figura na sua capella mayor q̃ he de vulto, tamanha como vm grãde tonel da cinta pera cima sómente, laurada naquella pedra como marmore, de lauores taõ primos & sutijs, q̃ he espanto, & tem na cabeça hũa mitra redonda, de tres altos, como saõ as dos Sũmos Põtifices, de obra taõ rara, q̃ excede a todas as que vimos lauradas em pedra, & tal q̃ se póde contar antre as marauilhas do mundo, todo aquelle pagóde, em que notamos muitas cousas admiraueis. Em hũa capella vimos o Anjo lançar do paraiso terreal a nossos primeiros pays, & ali lógo a Raynha Pasifae quando se deitou com o touro, tudo de vulto. E em vm esteyo do corpo do templo, que será tamanho como saõ Róque de Lixboa vimos o gigante Briareo com cẽ braços, como os poetas o pintaõ. He esta casa de tres naues, & se mal nos naõ lembra, tem ou cinco, ou seis esteyos cada náue, & cada vm delles he da altura da mesma casa, taõ grossos como mastos das naos do reino, & em cada vm ha figuras de vulto tamanhas como os mesmos esteyos, & tem outras cousas muito pera notar & vér. Chamase esta ilha a do Alifante: porq̃ tem sobre vm tezo que se enxerga do már vm Alifante de pedra do tamanho que elles saõ.

E tornando á nossa ordem dos regentes que yamos tratádo. Trazem os Gentios em memoria d'aquelles tres, outros tãtos fios de linha d'algodaõ q̃ lhe pende de vm hõbro, & vay por baixo do outro braço atiracolo, & quãdo selhe daõ seus juramẽtos he naquella linha.

Disto tomaraõ alguns religiosos doutos motiuo pera cuidarem que tiueraõ estes Gentios conhecimẽto da Santtissima Trindade & asi se enganaraõ Ioaõ de Barros, & Damiaõ de Goes, por que naõ tiueraõ a pratica dos Theologos Gentios como nós. E ainda oje se enganaõ muitas pessoas praticando com os Bragmanes, ouuindolhes dizer, que asi como os Christaõs adoraõ tres pessoas em hũa só, asi o fazem elles a outras tres debaixo de vm só, que he o Maha Murte, que acima dissemos. Esta idolatría parece que se estendeo por todo o Oriente dos antigos Egypcios, que adorauaõ os mesmos elementos: por que estes naõ tendo em seu principio conhecimento algum de Deos, considerando o mouimento, & fermosura das luminarias celestes, começaraõ a honralas por deoses, chamando ao sol, Osiris, & á lũa Isis. E vendo quaõ necessarios eraõ os elementos á vida humana atribuindolhes diuindade, os vieraõ a venerar debaixo de nomes que lhes deraõ, chamando ao ár Iupiter, ao fogo Vulcano, a agoa Neptuno, & á terra Ceres. Estes nomes mudaraõ estes Gentios de q̃ tratamos em outros, com a mesma significaçaõ da terceira parte destes originaes, q̃ he de doutrina moral, de que trataremos algũas cousas.

A primeira que nas escolas ensinaõ aos moços saõ os nomes dos idolos, & depois que passaõ o A. B. C. lhes lem vns preceitos moraes de bem viuer, & vns prouerbios & auisos pera a vida politica, com muitos adagios & comparaçoens, que todos vsaõ como balisas do estádo que aõ de seguir, de lauradores, soldados, mercadores, ou letrados. Depois de se perfeiçoarem no lér & escreuer, daõlhes cousas pera estudar, como pontos de sua ley, cerimonias, historias, sentenças graues. E daqui nace sairem das escolas todos muito resolutos em seus ritos, & muito astutos em seu viuer. A pos isto lhes lém outros liuros de conselhos, & preceitos moraes, pera conseruaçaõ da vida humana. Vm liuro tem elles de vm homem auido antre elles por mũy douto, chamado, Valuuer, natural da cidade de Meliapor, que concorreo no mesmo tempo do Apostolo saõ Thome, que contem mil trezentos & trinta versos, em que trata do conhecimento de vm só Criador, da reuerencia que se lhe deue, do louuor da penitencia, humildade, abstinencia, & do desprezo dos idolos: & por estas cousas, & por outras que ali escreuem, se presume que foi doutrinado pello mesmo Apostolo saõ Thome.

A coarta parte de seus originaes que he a derradeira: trata das cerimonias, & sacrificios, que já dissemos,

ſemos, & aqui ſó trataremos de ſeus encantamentos: & primeiro diremos hũa couſa, que já nos ya ficando, pera que ſe ſaiba a malicia dos Bragmanes.

Em toda a India ha muitos tẽplos aleuantados a todos os idolos como já diſſemos, ſomente ao Brahema naõ ha vm ſó: ſendo ao que elles atribuem o gouerno da terra, & iſto he porque lhe tem elles vſurpado o ſeu lugar & honra, por que dizem que deſcẽdem delle: & metem em cabeça aos ſimples, que os ajuntamentos & lugares em que moraõ (que ſaõ ſempre ſeparados) ſaõ dedicados ao Brahemá, & fazemſe adorar em ſeu nome: & aſsi nas partes que eſcolhem pera ſuas viuendas, naõ lhes entra outra caſta algũa per nenhum caſo, & ſempre eſtes lugares ſaõ ſós, em valles ſombrios, ao longo de ribeiras, boſques ſerrados, de arrecais, betrais, jaqueirais, mãgueiraes, & diſto muito: por que como naõ comem carne, nem peixe, a mór parte de ſeu mantimẽto ſaõ aquellas fruitas. Aos Portugueſes ſó naõ vedaõ a entrada em ſeus cercados, ou por reſpeito que lhes teraõ, ou por outra algũa rezaõ que elles ſabem, & naõ ſó nas terras de noſſa jurdiçaõ, mas ainda por eſſe ſertaõ dentro nas alheyas. E a mim me aconteceo (ſendo Viſorrey da India dom Antaõ de Noronha) ir de Goa pera Chaul por terra, na força do inuerno, cõ dous ou tres companheiros, & quãdo achauamos lugares de Bragmanes, naõ nos queriamos agaſalhar em outros, ſem embargo de nos naõ darem a comer, ſenaõ o q̃ elles comiaõ, & do grande reſguardo & cerimonia com que nos comunicauaõ: por que nos agaſalhauaõ em varandas que tem na face dos apoſẽtos, & faziaõ o comer dentro em ſuas caſas á ſua vontade, & quando o traziaõ o punhaõ no chaõ afaſtado de nós dez ou doze paſſos, & tornauaõſe a recolher, & nós o yamos buſcar. Depois de comermos tornauamos os pratos a ſeu lugar, que elles vinhaõ arrecadar, & traziaõ vaſos cheyos d'agoa que deitauaõ por cima primeiro que os tocaſſem, & depois que nos yamos faziaõ mũy grandes purificaçoens, lauandoſſe com muitas cerimonias, & emboſtando as varandas, como ſe foramos feridos de algum mal contagioſo. E por que tem feito crér aos ſimples, que quem adóra a vm Bragmane, o faz ao Brahemá, lhes vieraõ a ter tamanha veneraçaõ, como ao meſmo idolo: & os Reys os trazem por eſte reſpeito ſempre apar de ſi, pera com elles fazerem ſuas eleiçoẽs: por que lá ſente o demonio vm naõ ſei que, neſte peccado da hypocreſia, que a tè antre eſtes barbaros reina & gouerna. A cauſa porque tambem chegaraõ a tanto reſpeito, he porque ſe deraõ á eſpeculaçaõ das couſas naturaes,

dos ſinos,& planetas,curſos,qualidades,conjunçoens,oppoſiçoés: no que ſaó taó eſpertos que naó erraó vm ponto: pello que muitas vezes predizem diluuios, ſecas,fomes,guerras, & outros acontecimentos. E quando os ignorantes vem ſoceder o que elles dizem, o notaó por milagre & eſpirito de profecia,& os adoraó por deoſes. E pera cobrarem mayor credito, & authoridade com todos (por q́ ſaó os mores hypocritas do mundo) ajudaóſe pera tudo da arte Magica,feitiçarias,familiàres, ben zedeiras,& de lançadores de eſpiritos maos. E tudo iſto fazem com exteriores medonhos, & vnturas de cinza, que he o ſinal que o demonio lhes tem dado, pera quando ſe quiſerem valer delle. Fazem todos os annos reportorios nouos pera os Eclypſes do ſol & da lũa, & tem vm perpetuo aque chamaó Panchagaó, que lhes ſerue de declarar ſeus agouros. Vſaó de ſortes,& feitiçarias em vm quadrangulo, em que tem por ſúa ordem os doze ſignos do zodiaco,com os meses que lhes deraó, mas com as proprias figuras,& ſignificaçoens q́ as dos antigos Egypcios. Dizem q́ ha ſete ceos,& que de vm ao outro ha de vacuo,cem mil jornadas, & cada jornada de ſeis mil legoas, q́ vem a fazer ſeiſcentas mil legoas. E dizem que eſte primeiro ceo té em ſi as eſtrellas fixas, & os planetas. No ſegundo ceo que chamaó Malougaó dizem que viuem os deoſes com ſuas molheres. No terceiro ceo chamado Manalougaó, dizem que eſtaó os penitentes. No coarto ceo chamado Genalougaó os Anjos. No quinto ceo chamado Tapalougaó, dizem que eſtaó os religioſos, que profeſſaraó caſtidade,& pobreza. No ſexto ceo chamado Iatalougaó, repartem elles em tres partes, & em cada hũa dellas vm d'aquelles regentes que já diſſemos. Eſtes ceos dizem que os rodea outro que tem de groſſura vm cento de jornadas: & toda eſta machina eſpherica affirmaó q́ a ſuſtenta ſobre ſeus hombros hũa molher chamada Adaraſati, que quer dizer verdade,& aſsi o interpretaó ſeus Theologos. Tem pera ſi que o mundo naó he vm ſó, ſe naó quatorze: os ſete ſuperiores,q́ acima diſſemos,& os outros inferiores: & ſobre iſto cótaó abuſoés ſem ordem algũa. Dizem os ſeus Theologos, que todas criaturas q́ Deos criou, aſsi racionaes, como irracionaes,& ainda vegetatiuas,q́ tudo auia no ceo,primeiro q́ Deos fizeſſe o mundo: & que iſto debaixo foi vm retrato do de cima. Negaó os Antipodas: & dizem q́ o ſol naó ſe mete por debaixo da terra, ſe naó que anda ao redor della,erro em que outros mais politicos cairaó,que Elrey dom Manoel de glorioſa memoria desfez por meyo d'aquelle valeroſo capitaó dom Vaſco da Gama, que deſcobrio

cobrio ao mundo, quantas cousas a elle estauaõ encubertas.

Affirmaõ mais estes Gentios naõ se sustentar a terra no ár, por nenhũa causa natural ou milagrosa, se naõ que está sobre certas cabeças de serpentes, & que aquellas tambem estaõ sobre certos Alifantes, & que os tremores que as vezes socedem na terra saõ por causa das cobras bolirem, com outras paruoiçes sem fundamento. Todas estas brutalidades andaõ escritas em versos, & asi as crém como cousas muito certas, & naõ aceitaõ rezoens algũas, contra o q̃ seus mestres lhes ensinaraõ, & afferraõse aos liuros, & aos mestres de quem aprenderaõ. Saõ todos taõ catiuos do demonio, que nem pera remedearem suas necesidades podem dar vm só passo sem sua licença, catiuandolhes as liberdades com superstiçoens sem conto, de bons & maos dias, de boas & más horas: de feiçaõ, que muitas vezes por deixarem passar hũa hora em que acharaõ roim agouro, perdem grandes negocios de fazẽdas, & ainda o remedio pera as vidas, & infirmidades, por q̃ nenhũa cousa fazem, sem registarem com seus Bragmanes: & esta he a mór opressaõ que os pouos tẽ em seus Reys esperarem por boas horas. Estes agouros quasi em todas as criaturas as notaõ: nos homẽs quãdo no principio de seu negocio, se alguem lhe dá vm espirro só, deixaõ logo tudo. Se por vm caminho encontraõ com hũa só pessoa, tem no por taõ roim sinal, que se tornaõ pera casa. O huiuar do caõ he auido por sinal funebre: & asi mesmo o cantar do mocho sobre suas casas. A gralha se atrauessa por diante do que caminha, he muito roim sinal: & nas mais aues consideraõ o voo. Dos bichos no cantar. Na hosga tem mais tento que em tudo: & querendo fazer algũ negocio, se em principio lhes canta, affirmaõ que teraõ roim socesso: & destas cousas tem grandes liuros de juizos.

Quanto ás castas, o mayor impedimento que ha na conuersaõ dos Gentios, he a superstiçaõ que guardaõ em suas castas, sem se poderem tocar, communicar, nẽ misturar com outros, como superiores com inferiores: os de vm rito com os de outro. E saõ nisto taõ abominosos, que já se aconteceo chegarem muitos ao estremo da vida, só por naõ tocarem no comer do outro, nem em suas cousas, com medo de naõ perderem a casta, & ficarem immũdos. As pessoas com quem mais guardaõ esta cerimonia, he com os Portugueses, por que comẽ vaca, & asi em falando com vm delles, ou tocando nelle, logo se vaõ purificar, como antigamente faziaõ os Iudeos com os de Samaria. Nos casamentos per nenhum modo se podem misturar, nem mudar estado. O ça-

pateiro com a filha do outro, o ouriuez o meſmo: & aſsi todos os mais officios & eſtados. Couſa em que tambem Licurgo teue muito tento na reformaçaõ da ſua Republica, Eſpartana. Niſto nos naõ meteremos, porque no noſſo Portugal anda iſto mũy corrupto. Fazem eſtes Gentios ſeus caſamentos em certo tempo do anno, com grandes cerimonias, & duraõ ſuas feſtas por eſpaço de quinze ou mais dias, em que ſe daõ grandes banquetes, & no cabo ſe entregaõ as noiuas com grãdes cerimonias, & ellas por nenhum caſo podem falar á os maridos, nem elles com as molheres diante dos pays, nem podem nomear vm a outro diante de gente, nem comerem juntos: o que guardaõ taõ infaliuelmente, que ainda depois de alguns deſtes ſe fazerem Chriſtaõs, guardaõ os meſmos coſtumes cõ ſuas molheres, mas eſtè interdicto naõ dura mais, que em quanto naõ tem filhos.

Em todo eſte Oriente ha coatro caſtas que precedem a todas as mais, ſegundo vm liuro que tem, chamado Iadegaltutan, que quer dizer pomar de caſtas, que he vm liuro de nobrezas. A primeira caſta he a dos Rayas, que he hũa naçaõ nobiliſsima, de que todos os Reys do Canarà procedem, que ſe tem por taõ antigos & famoſos nas armas neſtas partes, como nas da Europa os Godos. Deſtes ſe tẽ tamanha confiança, pella grande fidelidade em que a tègora ſe tem ſuſtentado, aſsi na paz como na guerra, que ſeruem da guarda da peſſoa dos Reys. Eſtes tem por opiniaõ nas guerras perderem antes as vidas que as armas, & aſsi ganhaõ ſoldo dobrado de todos: ſaõ homens de boa conuerſaçaõ, cortezes, faciles, & bem acoſtumados.

A ſegunda caſta he a dos Bragmanes, ainda que elles querem preceder aos outros, aſsi pello ſacerdocio, como pellas letras, ſobre o que antre elles ha tantas queſtoẽs, como antre os noſſos doutores, ſobre qual precede ſe as armas, ſe as letras.

A terceira caſta he a dos Chatins, que ſaõ mercadores groſſos, de ouro, prata, pedraria, ſedas, roupas, & outras fazendas de preço. Deſtes fazem em todos eſtes reinos muita conta, pellos proueitos que daõ a ſuas rendas.

A coarta caſta he a dos Balalas, que ſaõ os lauradores. Eſtes ſaõ taõ eſtimados, que podem os Reys caſar com ſuas filhas: porq̃ dizem que ſaõ homens que ſuſtẽtaõ os reinos: deſtas coatro caſtas ſe deriuaõ cento nouenta & ſeis: & eſtas tambem repartẽ em duas partes, a que chamaõ Valanga, & Elange: q̃ quer dizer os da maõ direita, & os da eſquerda. E eſtes como inferiores aos outros, nem pellas ruas lhes podem paſſar cõ

ſuas prociſſoens, nem caſamentos. E como eſtes priuilegios de caſtas ſaõ antiquiſsimos, nem os meſmos Gentios ſe ſabẽ determinar, de que caſta ſejaõ.

CAPITOLO V.

De vm nauio de Caſtelhanos que foi ter ás ilhas de Maluco que ſe perdeo. E das couſas que acontecerão a Antonio Galuaõ capitaõ de Ternáte.

PORQVE as couſas de Diu nos naõ deraõ lugar pera cõtinuarmos com as de Maluco, o faremos agora aqui, com as que ſocederaõ, parte do anno de trinta & ſete, & parte do de trinta & oito. E contaremos primeiro de vm nauio Caſtelhano que ſe perdeo nos Papuas o anno de trinta & ſete. Mãdou Fernaõ Cortez ao Perú vm Fernaõ Grizalua em dous nauios com vm preſente ao Piçarro, & da torna viagem deſpedio com a repoſta o outro nauio, & elle foi ſó deſcubrir hũas ilhas que eſtauaõ ao Ponente, por auer ſoſpeitas de ſerem riquiſsimas de ouro: & porque eſte regimẽto do Cortez ſempre o leuou em ſegredo, tomaraõ alguns occaſiaõ pera dizerem que o Grizalua ya fogido, por ſer mexiricado de certas culpas. Partio eſte homem do porto de Pageta q̃ eſtá em ſeis graos do Nòrte, no principio de Abril, no anno de trinta & ſete, & correo a Oeſte, & a Sudueſte, a tè ſe pór em vinte & noue graos do Sul. E por lhe render o maſto arribou em popa á linha, & morreolhe neſte caminho o Piloto: & por aquella derrota foi a tè ſe pór em dous graos do Nòrte, a onde lhe acabou de quebrar o maſto: & remedeandoo cõ hũas entenas, foi correndo a tè vinte & cinco graos: & indo demandar a terra, cuidando que tomaſſe a California, naõ achou nenhum ſinal della. E por que os ventos eraõ Leſtes, & Nordeſtes rijos, determinou de tornar pera a Equinocial, como fez.

Indo aſsi em ſua derrota lhe requereraõ os da nao que arribaſſe a Maluco, por curſarem pera lá os tempos: mas diſto ſe eſcuſou elle com lhes dizer que naõ queria ſer auido por traidor, nem entrar nas demarcaçoens d'Elrey de Portugal, ſobre o que teue paixoens com os officiaes, & vindos ás armas foi o Grizalua morto, com vm ſeu ſobrinho chamado Lopo Dáualos, & em ſeu lugar elegeraõ os da nao o Meſtre que logo tomou a derrota de Maluco, & acharaõ tantas calmarias, que poſeraõ coatro meſes a tè os Papuas, que foi a primeira terra que tomaraõ, & yaõ já taes, que naõ auia mais de ſete homens viuos: porque todos os mais lhe

lhe morreraõ de fomes & trabalhos. Chegando aqui se lhes acabou de despedaçar o nauio de podre,& milagrosamente se sustétou atè entaõ no már, por auer dez meses que nelle andauaõ. E metédosse] esses que ficaraõ no batel, foraõse de longo de hũa ilha chamada Crespei, donde lhes sairaõ muitos negros, & tantos se meteraõ no batel que o alagaraõ, saluandosse os Castelhanos em terra onde os catiuaraõ, & foraõ leuados a vender por essas ilhas miserauelmente: & alguns foraõ ter a Maluco neste anno de trinta & oito,que Antonio Galuaõ recolheo & fez muitos gasalhados,mandãdolhes dar tudo o de que tinhaõ necessidade. Neste mesmo tempo andaua hũa armada de cossairos d'aquellas ilhas, que tinhaõ feito grandes roubos & danos, auexãdo & maltratando toda aquella Christandade: & sobre tudo ameaçando a todos, que auiaõ de ir sobre Ternàte. Disto foi logo Antonio Galuaõ auisado: & como naõ trataua de mais, que do seruiço de Deos, & de seu Rey, determinou de acodir áquellas cousas. E pedio aos Reys de Tidore,& Ternate,algũas Corocoras,que lhe deraõ armadas,& com géte,& nellas mãdou embarcar desses poucos Portugueses ꝙ auia alguns, & fez capitaõ mór vm clerigo chamado Fernaõ Vinagre, homé de muito animo,& de bom entendimento.

Este partio com esta armada em busca da dos cossairos,& tédo della auiso a foi demandar: & encontrandosse se enuestiraõ, sendo o padre o primeiro que abalroou á capitania,onde se baldeou logo armado em hũas couraças, com hũa espada & rodella, sendo acompanhado de alguns dos seus: & de maneira pelejaraõ, que com morte dos mais dos imigos axorou a Corocora,& a tomou por popa da sua,& foi ajudar as da sua companhia que estauaõ trauadas. Como as dos imigos viraõ o seu capitaõ mór destroçado,fogiraõ as que poderaõ,& todauia ficaraõ nas maõs dos nossos a mór parte. Desbaratada a armada foi o padre capitaõ com ella á toa,visitar todas aquellas ilhas,por que vissem os imigos o castigo que dera aos cossairos, & pera que se refreassem foilhes dando em suas pouoaçoens, destruindolhas, & assolandolhas, & aos Christaõs que achaua fazia muitos mimos & gasalhados,prometendolhes sempre fauor & ajuda,& persuadindoos a estarem firmes na fé, dandolhes do que podia. Isto fez com tanto amor & brandura,que naõ só obrigou aos Christaõs ao serem de verdade, mas ainda forçou a muitos Gétios a irem pedir o bautismo,com grãdes exteriores,de vontade liure, & naõ forçada, que elle consolou, & bautizou, exercitando em quanto por ali andou com muita carida-

de o officio de verdadeiro prelá-do,& de muito bom capitaõ. E naõ auendo mais que fazer, vol-tou para Ternáte, onde foi muito bem recebido.

Poucos dias depois teue Anto-nio Galuaõ por nouas,que era che gada a Amboino hũa armada de Iuncos de Iaoa, que vinhaõ a res-gatar crauo: & temendo que sua vinda causasse algũa alteraçaõ, & nouidade naquelles Reys que ti-nha conseruados em amizade, & com quem ya pairando por ne-cessidade,& que sobre isso lhes da-nassem o preço ás drogas, o q̃ se-ria grande perda do seruiço & fa-zenda d'Elrey: ordenou com mui-ta pressa vinte & cinco Corocoras, asi das que tinha como de outras que aquelles Reys lhe deraõ,& mandou embarcar nellas corenta Portugueses,& coatro centos dos naturaes, & fez capitaõ mór Dio-go Lopez d'Azeuedo:a quem deu por regiméto, que fosse por todas aquellas ilhas em busca dos Iun-cos,& pelejasse com elles.

Partida esta armada tomou a derrota de Amboino,& chegando áquella ilha ouue vista dos Iũcos, que eraõ dez muito grandes,& preparando a sua armada os foi lo go inuistir,por lhe parecer que te-riaõ a mór parte da gente em ter-ra,& como de feito asi era. E dã-dolhe primeiro a sua salua d'arte-lharia,& pondolhe as proas, bal-deousse dentro com os Portugue-ses, a pezar de muitos golpes dos Iaos,que acodiraõ a lhes defender a entrada: & asi dentro nelles se trauou hũa muito cruel batalha, por que os Iaos saõ os mais esfor-çados homens de todas aquellas partes (& asi se traz por adagio, Malayos namorados, Iaos valen-tes.) A briga nos Iuncos andou muito acesa, em que os nossos de-pois de muitos trãces deixaraõ os Iaos espedaçados, & os Iuncos ren didos,os cinco delles, que esses só se abordaraõ: os mais vendo a cou sa taõ mal parada, largaraõ as ve-las & foraõse acolhendo. Nos que ficaraõ presados se acharaõ algũas peças d'artelharia, muitas moni-çoens,& hũa soma de dinheiro, & fazendas que traziaõ pera o resga-te do crauo,de que tambem já a-charaõ algum. Com esta vitoria ficaraõ todos os d'aquellas ilhas a-medrontados,& foraõ muitos d'a-quelles senhores a dar a obediẽcia a Diogo Lopez d'Azeuedo, por q̃ foi costeando todas aquellas ilhas, & castigando alguns reueis, & aos que se yaõ someter debaixo desta vassalagem, fazia grandes gasa-lhados, & passaualhes seguros, & cartas de vassalagem.

E como neste tempo eraõ os ho-mens taõ zelosos da fé de Chri-sto,que nunca cortaraõ com a es-pada temporal, que tãbem o naõ fizessẽ com a espiritual: naõ quis Diogo Lopez d'Azeuedo ser nesta parte auido por seruo inutil,& asi naõ

naõ chegou a qualquer ilha d'aquellas que naõ conuidasse aos naturaes pera as vodas do Senhor, por meyo de vm sacerdote que comsigo leuou, & asi trouxe á manada & rebanho do Senhor os lugares de Atiua, Matelo, & Meciuel, cujos moradores receberaõ a agoa do santo Bautismo, com grãde alegria & contentamento de todos, sendo os primeiros os Gouernadores & regedores delles. Mas como os ministros Euangelicos eraõ entaõ mũy poucos, ficaraõ estes tenros filhos da igreija destetados, por naõ auer quem os fosse sustentando com o leite da doutrina de Christo, & de seu sagrado Euangelho, ficando Christaõs só nos nomes. Diogo Lopez d'Azeuedo, depois que por ali fez tudo o a[illegible] que ya, & que lhe chegou a mouçaõ, se recolheo a Ternate, a onde foi muito bem recebido do capitaõ, & de todos. Neste estado deixamos por hora as cousas de Maluco a tè tornar a ellas.

CAPITVLO VI.

Da armada que este anno de trinta & noue partio do reino, de que era capitaõ môr Diogo Lopez de Sousa: & de como o Camorim mandou pedir pazes ao Visorrey dom Garcia de Noronha: & dos capitulos com q̃ lhas concedeo.

Anno 1539.



COM o roim socesso das Galés dos Rumes, & mais armada que veyo cercar a fortaleza de Diu (a que podemos chamar disbarato, pois se recolheraõ fogindo, com quasi a metade da gente morta, & muitas vazilhas menos) ficaraõ todos os Reys vizinhos taõ assombrados, que como pasmados, cuidando nesta jornada, & potencia da armada do Turco, naõ podiaõ acabar de crér aquillo, (por que na imaginaçaõ de todos auiaõ por extinguido de todo o nome Portuguez d'aquella feita: & que os Rumes ficariaõ senhores de tudo o q̃ elles possuyaõ no Oriente: porque em todo elle naõ ha mór terror & espanto, que este nome de Rumes, por que pera os senhorear a todos segundo em suas imaginaçoens estauaõ temidos, & receados, naõ era necessario taõ potente armada, mas em qualquer parte que quinhentos Rumes posessem os pés, se lhes despejaria logo tudo, sem golpe de espada.) E vendo agora hũa tamanha armada que atroaua o mundo, recolherse taõ disbaratada das maõs de taõ poucos homens, encolhidos todos trataraõ de solicitar a amizade dos Portugueses, mandando logo o Zamaluco, & o Idalxá visitar ao Visorrey, & a confirmar as pazes. O Camorim & Emperador do Malauar,

uar, taõ poderoso, & respeitado entre todos os Reys da India, & taõ conhecido por todo o mundo, (tãto, que por toda a Europa se naõ nomeaua, se naõ por Rey de Calecut.) Este desejando de naõ viuer com sobresaltos, & de grãgear a amizade dos Portuguezes, pera se conseruar em seus reinos, & ainda com seu fauor dilatalos: tratou este inuerno este negocio com Manoel de Brito, capitaõ da fortaleza de Chalé, a quẽ pedio quisesse ser terceiro com o Visorrey nas pazes & amizades q̃ com elle desejaua ter. E tanto puxou por isto q̃ se lhe offereceo pera ir a Goa, em companhia de seus Embaixadores a falar ao Visorrey, o que o Camorim estimou muito. E mandando negociar China Cotiale seu Regedor mór, com muito grande acõpanhamento pera esta jornada, se foi a Chalé, a onde Manoel de Brito o recebeo mũy honradamente, tendo já embarcaçoens prestes pera passar com elle a Goa. Tanto q̃ entrou Setembro, se começou a embarcar, & se fez á vela, deixãdo a fortaleza entregue ao Alcaide mór: & a dez de Setembro chegaraõ á barra de Goa, juntamente cõ a armada, que aquelle anno tinha partido do reino, que eraõ cinco naos, de quem vinha por capitaõ mór Diogo Lopez de Sousa, & os mais capitaens, dom Roque Tello prouido com a fortaleza de Cofala, Aluaro Barradas, Simaõ Sodré, Anrique de Sousa Chichorro, que o Visorrey dom Garcia de Noronha mandou de Moçambique cõ recado a Portugal, como já dissemos no capitolo 9. do 3. liuro. Sabendo o Visorrey da chegada dos Embaixadores á barra, mandou recado a Manoel de Brito que se detiuesse em Pangim, em quanto se preparaua o recebimento que queria fazer ao Embaixador, mãdandoo agasalhar ali mũy bem, & fez ordenar as cousas necessarias pera elle, & que se lhe preparassẽ todas as Galés & Fustas pera sua entrada, & aposentos guarnecidos a seu modo. Dahi a alguns dias o recebeo com grande majestade. Estaua o Visorrey dom Garcia de Noronha de tabardo & béca de veludo, barrete redondo com golpes & pontas de pedraria, espada & adaga d'ouro, borzeguis & pantufos de veludo, que era o verdadeiro & antigo trajo Portuguez. E como era de taõ grande estatura de corpo, que lhe sobejaua todo o pescoço por cima de todos os fidalgos que na India auia, & que ali o estauaõ acompanhando, & era de oitenta annos, com hũa barba branca grande & comprida: em sua veneranda pessoa parecia logo dino do cargo que representaua. O Embaixador vinha em meyo do capitaõ da cidade, & de Manoel de Brito que o leuaua pella maõ: & assi o apresentaraõ ao Visorrey, que o abraçou, estando

encoſtado a hũa cadeira de brocado debaixo de vm docel do meſmo.

Paſſadas as palauras ordinarias de comprimentos, & de lhe perguntar por Elrey & Principe, o deſpedio, & mandou agaſalhar. Dahi a alguns dias o tornou a ouuir preſente Manoel de Brito, Secretario, Veador da fazenda, & mais officiaes, & vieraõ a falar em pazes: o Viſorrey lhe mandou que deſſe os apontamentos ao Secretario pera os verem em conſelho, que elle deu, & o Viſorrey os mandou lér (preſentes todos os fidalgos) q̃ pera iſſo foraõ chamados, & debatidos, & viſtos mũy bem, ſe vieraõ a concluir as pazes com os capitulos ſeguintes.

Que o Camorim ſe obrigaua a dar toda a pimẽta de ſeus reinos pellos preços que a daua Elrey de Cochim: & que o Viſorrey lhe largaſſe a ilha de Camaraõ dorite, que eſtaua no rio de Chalè, que lhe tinhaõ tomada: em que ſe faria o pezo, & entrega da pimenta que auia de dar.

Que todo o gengiure de ſuas terras daria a rezaõ o bár, de nouenta & dous fanoens, entrando nelles os direitos que elle Camorim auia de auer.

Que o Viſorrey lhe daria licẽça pera mãdar cada anno nas naos do reino, por cada cem bares de pimenta que vendeſſe a Elrey, dous bares & meyo forros pera ſi, que lhe pagariaõ em Portugal a quinze cruzados por cada quintal, & q̃ o dinheiro que niſſo ſe montaſſe lhe mandariaõ empregado em azougue, vermelhaõ, em coral (fazendas que entaõ eraõ mais requeſtadas que todas, & reſpondiaõ muito.) E a pimenta que embarcaſſe por ſua conta, correria o riſco d'Elrey de Portugal, & que perdẽdoſſe algũa naõ, elle ſeria obrigado a lhe pagar o que nella perdeſſe. E que todas as fazendas q̃ vieſſem do reino por ſua conta, ſe lhe entregariaõ na noſſa fortaleza de Chalé, ou em Cochim, forras de todos os gaſtos & deſpezas, & iſto pella muita perda que elle Camorim recebia nos direitos da pimẽta que os mercadores de Meca yaõ comprar a ſeus reinos, por lha naõ poder agóra vender, pella obrigaçaõ do contrato.

Que lhes deixariaõ leuar aos mercadores Portugueſes, todas as fazendas que quiſeſſe, pera irem vender a Calecut, a onde pagariaõ os direitos ao Camorim, & nelles, & nas vendas, lhes fariaõ muitos fauores.

Que lhe dariaõ ſeguros a ſuas naos pera nauegarẽ pera onde quiſeſſẽ, ſem ſe lhes fazer agrauo algũ, & o q̃ lho fizeſſe foſſe por iſſo muito bem caſtigado. Que lhe naõ tirariaõ as jangadas q̃ ao preſente tinha em ſuas terras.

Que quãto á quebra q̃ o Camorim tinha cõ Mangàte Caimal: q̃ o Viſor-

o Visorrey os cõporia de maneira, que o Mangàte ficasse satisfeito.

Que elle Camorim naõ faria guerra a amigo algum do estádo, & q̃ recebendo algũ agrauo de algũ delles, o faria a saber ao Visorrey, ou Gouernador da India, pera lho emendarem, & satisfazerem: & q̃ naõ tẽdo elle Camorim o tal cõprimento, em tal caso o Visorrey ajudaria á pessoa a que elle fizesse guerra, sem por isso quebrar o juramento das pazes. E se o Rey ou senhor com q̃ elle Camorim tiuer algũas differenças, naõ quizer estar pello que o Visorrey, ou Gouernador ordenar, em tal caso elle Camorim o poderia castigar.

Que outrosi naõ consintiria, nẽ a seus vassallos, nem a mercadores estrangeiros, nauegarẽ de seus portos pera os de Meca, nem pera os da costa de Arabia: por que naõ leuassem de seus reinos a pimenta, & gengiure, que era obrigado a dar a Elrey de Portugal, por estes contratos.

Que elle Camorim seria obrigado, a dar toda a ajuda & fauor, ao que gouernasse o estado, quando lhe fosse requerida, & pedida: & que naõ recebèria em seus portos Turcos, nem Rumes: nem outros imigos do estádo.

Que em todas as suas terras, nem de seus vassallos, ouuesse dali por diante nauio algũ ligeiro de guerra, nem de paz, & que todos os qũe eraõ feitos se aleuantassem, & fizessem de feiçaõ, q̃ naõ podessem seruir mais que pera carga.

Que duas bombardas nossas q̃ tinhaõ tomadas nas guerras passadas de Cochim, as mandaria logo entregar.

Que todos os q̃ em seus reinos naõ quisessem cõsentir, nem estar por estes contratos de pazes, os lãçaria fora delles: & se se naõ quisessem ir, o Camorim os mandaria matar: & o mesmo poderia fazer a pessoa que gouernasse o estado, sem o Camorim se escandalizar, antes lhe dar pera isso toda ajuda & fauor.

Que o Visorrey iria a Calecut verse com o Camorim, pera ambos jurarem estas pazes.

Destes cõtratos se fez asséto no liuro delles pello Secretario Ioaõ da Costa, em q̃ se asinaraõ o Embaixador de Camorim, China Cotiale, q̃ pellos poderes q̃ tinha d'Elrey seu senhor os aceitou, & cõ elle os officiaes d'Elrey, & algũs fidalgos. E logo o Visorrey mandou apregoar as pazes, por toda a cidade de Goa, o q̃ se fez com grandes solennidades, festas, & alegrias de todos. Mandando o Visorrey logo negociar a armada pera se embarcar, despachando as naos da carreira, pera irem a Cochim tomar a carga: mandando vm Galeaõ com prouimentos a Ceilaõ, & outros pera as fortalezas de Diu, & Ormuz, negociandosse o mais depressa que podia pera se embarcar.

CAPITOLO VII.

De como o Visorrey dom Garcia de Noronha adoeceo, & mandou seu filho dom Aluaro a jurar as pazes com o Camorim. E de como Antonio da Sylueira se embarcou pera o reino: & de como là foi recebido.



NDANDO o Visorrey negociãdosse pera se embarcar, pera se ir ver com o Camorim, como ficou assentado no contrato das pazes: veyo adoecer de hũas febres: & como era muito velho, ficou logo taõ fraco, q̃ quasi naõ estaua pera gouernar. Pello q̃ assentou em conselho, q̃ fosse em seu lugar seu filho dom Aluaro, com Diogo Lopez de Sousa, capitaõ mór das naos do reino (q̃ em Goa ficou pera acõpanhar o Visorrey.) E por coadiutores dõ Ioaõ de Castro, Fernaõ Rodriguez de Castello brãco, veador da fazẽda, & Secretario: dãdolhes procuraçoẽs bastãtes pera em seu nome jurarem as pazes com o Camorim. E por q̃ isto era já entrada de Dezembro, embarcaraõse com muita pressa, despedindo o Visorrey o Embaixador do Camorim com muitas honras, & peças pera Elrey, & pera elle: & o mesmo pera Elrey de Chalé, & Tanor: entregandoo a Manoel de Brito q̃ o trouxe. Dom Aluaro se fez á vela com toda a armada, que era de muitos Galeoẽs, & outros nauios: & os capitaẽs que nesta jornadá o acompanharaõ foraõ os seguintes.

Diogo Lopez de Sousa, dom Ioaõ de Castro, Fernaõ Rodriguez de Castello brãco veador da fazẽda, dõ Ioaõ de Lima, dõ Ioaõ Deça, dõ Payo de Noronha, dõ Manoel de Meneses, estes em galeoẽs. Capitaẽs de Carauelas, Frãcisco de Bairros, Diogo de Sousa, & outros. De Gales, Ioaõ de Mẽdoça, Fernaõ de Lima, Pero de Lemos, dõ Ioaõ Manoel o Alabastro, Ioaõ de Sousa Rates, & Manoel de Sousa de Sepulueda. Capitaẽs de galeotas & fustas, o Secretario, dom Manoel de Lima, Bernaldim de Sousa, dom IoaõMascarenhas, dom Tristaõ de Soto Mayor, dom Frãcisco de Meneses, Martim Correa da Sylua, dom Diogo d'Almeida Freire: Françisco de Sá dos ocolos, Fernaõ de Sousa de Tauora, dom Frãcisco de Noronha, dõ Diogo de Vascõcellos, Tristaõ de Tayde, & outros a q̃ naõ achamos os nomes. E seguindo sua jornada foraõ sorgir na barra de Pananè, a onde o Camorim estaua. Dõ Aluaro mãdou logo desembarcar Manoel de Brito cõ o Embaixador, peraq̃ o fosse entregar ao Camorim, que já o esperaua cõ todos os grãdes, o recebeo cõ muitas hõras, & Manoel de Brito lhe entregou o seu Embaixador que

que leuaua pella maõ, aſsi como o elle fez quando ſe embarcou pera Goa. O Camorim feſtejou muito Manoel de Brito, que foi ſer hoſpede do Embaixador,& o Camorim mandou logo viſitar dom Aluaro com algum refreſco. E tratandoſſe do modo que ſe auia de ter no jurar das pazes,de que o Camorim tinha moſtrado muito goſto, naõ poderaõ concluir nas viſtas,por rezaõ das preheminẽcias. Pello que ſe aſſentou que foſſe a terra o Secretario pera com Manoel de Brito as ver jurar,o que ſe fez ao outro dia com muito grande ſolennidade, de que ſe tiraraõ inſtromentos. Feito iſto,mandou o Camorim, China Cutiale a ver jurar as pazes por dom Aluaro, & com elle tres ou coatro dos de ſeu conſelho. Dom Aluaro tinha no ſeu Galeaõ todos os fidalgos,& capitaens,& elle muito embandeirado,& fermoſamente aparamentado,& na tolda os recebeo, onde ſe fez aquelle auto, ao ſom de muitas charamelas, trombetas, & ſaluas da artelharia de toda a armada. Diſto ſe fizeraõ papeis aſsinados por todos.

Acabada eſta ſolennidade, deu dom Aluaro aos do Camorim,peças de brocado,& de eſcarlata,por que leuaua pera iſſo muitas,deſpedindoos muito ſatisfeitos, & em ſua companhia o Secretario, por quem dom Aluaro mandou de nouo viſitar o Camorim,& o Principe com peças mũy ricas de preſente. O Camorim mandou logo apregoar as pazes em Pananè, & Calecut, com grandes ſolennidades de inſtrumentos a ſeu modo, & o meſmo fez dom Aluaro em toda a armada com grandes moſtras de alegria. D'ali por diante ficaraõ correndo em amizade. Eſtas pazes duraraõ perto de trinta annos,que foraõ os mais felices que a India teue: porque por toda a coſta do Malauar paſſauaõ nauios de mercadores Portugueſes, grandes, & pequenos, carregados de muitas fazendas com dous homens, ſorgindo por todos aquelles portos,& bayas,ſem receberem vm muito pequeno agrauo.

Concluidos os negocios de Pananè,foiſſe dom Aluaro pera Cochim, onde deu grande preſſa á carga das naos,& a tè dez de Ianeiro as fez á vela. Dom Eſteuaõ da Gama que inuernou em Cochim, a onde fora ter o Março paſſado, vindo de Malaca,eſtandoſſe negociando pera ſe ir naquella armada pera o reino, dizem que o deixou de fazer por hũas cartas que pellas meſmas naos teue do Conde do Vimioſo, ſogro do Conde Almirante ſeu irmaõ,em que lhe dizia, que ſe Martim Afonſo de Souſa foſſe ido pera o reino que ſe deixaſſe elle ficar na India: & quando naõ, que ſe foſſe: no que lhe daua claramente a entender, eſtar na primeira ſoceſ-

saõ a pos Martim Afõso de Sousa.

Nesta armada se embarcou Antonio da Sylueira, o do cerco de Diu (a que com muita rezaõ poderamos dar o sobre nome de grãde) que chegando ao reino o foraõ buscar à nao, o Marquez de Villa real, o Conde do Vimioso, o da Vidigueira, o de Sortelha, o do Redondo, & todos os fidalgos & senhores da corte, que o leuaraõ a Elrey dom Ioaõ, q̃ o esperou em casa da Raynha com os Iffantes, onde o recebeo com muita honra. D'ali se recolheo pera casa de sua molher, filha de Lopo Vaz de Sam Payo, Gouernador que foi da India, que já era morto, com quem estaua desposado por palauras de futuro, (cujo casaméto fez seu pay na India, antes de ser Gouernador, como no capitolo terceiro do liuro primeiro da coarta decada temos dito.) Esta senhora o esperaua com todos os parentes & parétas, pera celebrarem os esposorios. E indo Antonio da Sylueira pello caminho, deteuesse antes de chegar a sua casa, dizẽdo ao Marquez & áquelles Condes que o acompanhauaõ, que lhe era necessario tornar a Elrey a lhe pedir licença pera receber sua molher, por que lhe esquecera de o fazer quando lhe beijara a maõ. O Conde do Redondo lhe disse que se detiuesse q̃ elle lha iria buscar. E voltando pera o paço entrou com Elrey, & lhe deu conta do negocio: Elrey lhe disse que era muito contente de elle a receber. Com esta licença chegaraõ a sua casa, a onde estauaõ todos os parentes della, & vm prelado os recebeo perante todos.

Era taõ grãde a fama deste homem, & foi taõ espantoso o cerco q̃ sustentou, que todos os Reys Christaõs o mandaraõ visitar pellos Embaixadores que traziaõ na corte, & darlhe os parabẽs das vitorias que na India ouue. E Elrey Francisco de França o mandou tirar pello natural, & o seu retrato foi posto na casa da fama, antre os varoens famosos. Era homem de meã estatura, grosso, espadaudo, de vm juizo sotil & agudo: de grãde coraçaõ, & taõ liberal, que se ouue por prodigo. E asi lhe fez isso nojo com Elrey, por que o Ianeiro de corenta & vm, em que determinaua de prouer a India de Gouernador, o mandou chamar a Almerim, & dizem que com tençaõ de o mãdar á India, & ali esteue com grandes gastos & despezas, dando banquetes aos senhores da corte, em que despendeo muito. Isto se lhe estranhou tãto, que naõ faltou quem disse a Elrey, que lhe naõ conuinha mandar á India homem que tanto sem ordem gastaua sua propria fazenda. Pello que Elrey disimulou, & elegeo pera Gouernador da India Martim Afonso de Sousa, como em seu lugar diremos. E a Antonio da Sylueira despachou com a capitania de Machico

chico na ilha da Madeira de juro & de herdade, que renderaõ entaõ quaſi oitocentos mil reis.

Viuuou eſte fidalgo da filha de Lopo Vaz logo, por q̃ durou pouco, & caſou ſegunda vez com hũa filha de Ruy Fernandez d'Almada, feitor, & Embaixador d'Elrey em Flandes, taõ honrado fidalgo, que indo em ſeu lugar outro a ſeruir aquella feitoria, & embaixada, dizendo a Elrey de França, que o que ya era taõ bom homem como Ruy Fernandez, reſpondeo: ſe elle he tal, aſſas de forte bom homem he. Deraõlhe com eſta molher, corenta mil cruzados, que lhe duraraõ pouco por ſua condiçaõ, & chegou depois a eſtado que vẽdeo a capitania de Machico ao Conde do Vimioſo, por outros corenta mil, & aſsi morreo depois pobre: mas ſempre honrado, por que nunca ſe acanhou em couſa algũa. Depois de falecer Antonio da Sylueira, caſou eſta ſenhora, que ſe chamaua dona Clara, com Ruy Telez Mordomo mór do Iffante dõ Luis, & Alcaide mór de Moura.

CAPITOLO VIII.

De como o Viſorrey dom Garcia de Noronha faleceo: & das partes, & qualidades de ſua peſſoa.

DEPOIS que dom Aluaro de Noronha deſpachou as naos pera o reino, deu á vela pera Goa indo em ſua companhia dom Eſteuaõ da Gama. Foi deuagar por cauſa dos Noroeſtes. De paſſagem viſitou as fortalezas de Chalé & Cananor, deixando alguns nauios de remo por aquella coſta, por cauſa de alguns ladroens formigueiros ſe os ouueſſe: & em fim de Março chegou a Goa, achando o Viſorrey ſeu pay ja muito mal. E foi ſua doẽça em tanto crecimento, que deſconfiaraõ os medicos delle: por q̃ era muito velho, & decrepito. E moſtrãdo claros ſinaes de ſua fim, foi auiſado por religioſos: pello q̃ logo fez todos os autos de Chriſtaõ, primeiro que tudo. Depois mandou chamar todos os fidalgos, & lhes mandou dizer pello Secretario, que bem viaõ o eſtado em que eſtaua eſperando por horas o fim derradeiro: pera o que lhe era neceſſario deſembaraçarſe de todos os negocios da vida, pois auia de entrar em outros mais importantes da outra, que eraõ os da alma. E por que o ſeruiço d'Elrey naõ pereceſſe lhes pedia, quiſeſſẽ conſentir, que ſeu filho dom Aluaro gouernaſſe por elle, em quanto elle aſsi eſtaua: & que depois de falecido ſe faria o que Elrey mandaua nas ſoceſſoens. Os fidalgos lhe reſponderaõ, que Deos lhe daria

ria ainda vida & saude pera os gouernar a todos: & que se consentissem no que lhes pedia, & vissem outrem em seu lugar, aueriaõ que ja era morto: que em quanto o tinhaõ viuo, estauaõ todos contentes & satisfeitos: que aquillo era já perto do inuerno em que auia pouco que fazer, pera o que bastaua o veador da fazenda (isto disseraõ elles, por que dom Aluaro era ainda mancebo, & naõ queriaõ que os mandasse em cousa algũa.) O Visorrey naõ replicou a isto, antes mandou ao Veador da fazenda Fernaõ Rodriguez de Castello brãco, que corresse muito depressa cõ os prouimentos das fortalezas, o q̃ elle fez com muita breuidade: despedindo vm Galeaõ pera Maluco, & despachãdo dom Iorge de Crasto pera ir entrar naquella capitania de q̃ estaua prouido, por ter acabado seu tempo Antonio Galuaõ: prouendo tambem as mais fortalezas da India: despachando muitos fidalgos pera irẽ inuernar a ellas, principalmente pera Baçaim onde foraõ dar mesa, Fernaõ de Sousa de Tauora, Fernaõ da Sylua Alcaide mór & Comendador de Alpalhaõ, Francisco de Sá dos ocolos, dom Luis de Tayde, Antonio de Souto Mayor, dõ Iorge, & dom Aleixo de Meneses am bos primos. O Visorrey recolheosse com seu confessor, & outros religiosos, tratando das cousas de sua alma, fazendo seu testamẽto muito á sua vontade, sem cõsentir que se lhe falasse em negocio algum. E como o seu mal era de mórte, & com mais rezaõ se podia dizer q̃ era velhice, que infirmidade, entrou no artigo derradeiro: & tomando os diuinos Sacramentos, com grandes mostras de Christaõ, & de arrependimento de suas culpas, faleceo aos tres dias do més de Abril, deste anno em q̃ andamos de corenta, tendo gouernado a India vm anno & sete meses. Foi sua morte muito sentida de todos, pellas partes & qualidades de sua pessoa: que por ellas, & por sua idade, & fidalguia, lhe tinhaõ todos muito grande respeito. Seu corpo foi leuado á Sé de Goa, & depositado na capella mór, onde jaz no chaõ, & tem hũa campa de pedra marmore com suas armas & letreiro. Fizeraõselhe os officios a seu enterramento com muita solennidade, estãdo presentes todos os fidalgos, & officiaes da cidade, & d'Elrey, todos vestidos de dó.

Foi este Visorrey dom Garcia de Noronha filho de dom Fernãdo de Noronha, & neto de dom Pedro de Noronha Arcebispo de Lisboa, filho do Conde Gizaõ. Dom Fernando seu pay foi casado com dona Costança de Crasto, filha de Gonçalo d'Albuquerque, senhor de Villa verde, pay do grãde & valeroso capitaõ Afonso d'Albuquerque, Gouernador que foi da India, desta senhora ouue

dom Fernãdo estes filhos. s. dom Aluaro q̃ foi capitaõ de Azamor, pay de dom Fernaõ d'Aluarez de Noronha, dom Antonio de Noronha q̃ morreo na tomada de Goa, dom Afonso de Noronha que foi capitaõ de Sacotorá: & este dom Garcia q̃ foi casado com hũa filha de dom Aluaro de Castro Gouernador de Lisboa, q̃ já fora molher de Aires Telez filho herdeiro de Ruy Telez. Della ouue dom Garcia estes filhos. s. dom Aluaro de Noronha, que depois foi capitaõ da fortaleza de Ormuz, dom Bernardo que o naõ quis ser, & dom Antonio de Noronha que foi capitaõ de Malaca. Foi este dõ Garcia á India a primeira vez o anno de mil quinhentos & onze, por capitaõ mór de hũa armada de seis naos, & ficou na India com seu tio Afonso d'Albuquerque. Achousse na tomada de Benastarim, foi áquelle anno á Cochim com poderes do Gouernador fazer a carga das naos, & fez pazes com o Camorim, & desta vez lhe concedeo lugar em Calecut pera fazer a fortaleza: achousse na escalla da cidade de Adem. Foi o anno de treze outra vez a Cochim fazer á carga das naos, de q̃ era capitaõ mór Ioaõ de Sousa de Lima. Foi outra vez a Ormuz (quando seu tio Afonso d'Albuquerque foi fazer aquella fortaleza) & trouxe de lá na sua nao os quinze Reys cegos, que naõ eraõ Reys, como em outro lugar diremos, & foisse aquelle anno pera o reino por capitaõ mór das naos, & lá se seruio Elrey delle muitas vezes nos lugares de Africa, & em outras partes. Primitirá o Senhor que tambem se ouuesse delle por seruido, & que lhe tenha dado sua gloria, & que nella sua alma descanse perpetuamente.

Fim do Sexto Liuro.

LIVRO



LIVRO SETIMO
DA QVINTA DECADA
DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITOLO I.

De como por morte do Visorrey dom Garcia de Noronha, socedeo na gouernança da India dom Esteuaõ da Gama: & das cousas em que logo começou a entender.



ALECIDO o Visorrey dom Garcia de Noronha: estando seu corpo deposi tado na capella mór da Sé de Goa, depois de feito o officio todo, antes de o enterrarem, abrio o Veador da fazenda o cofre em que estauaõ as socessoens da gouernança da India, presentes todos aquelles fidalgos: & officiaes: & tirou de dentro a primeira socessaõ, que entregou ao Secretario pera a abrir, & elle a amostrou ao pouo, pera que vissem q̃ estaua inteira, & sem se nella tocar, nem bolir: & dandoa ao Ouuidor geral a examinou bem. Feitas estas diligencias conforme ao regimento, o Secretario a abrio, lendo primeiro o sobre escrito que dizia assi. Primeira socessaõ da gouernança da India, que se abrirá falecẽdo o Visorrey dom Garcia, o q̃ Deos naõ permita, & ao pé estaua Elrey assinado. Aberta a socessaõ foi o Secretario lendoa alto, & achou nella Martim Afonso de Sousa q̃ era ido pera o reino.

E guardando aquella socessaõ tirou a segunda, em que fizeraõ o mesmo exame, & diligencia: & abrindosse achousse nella dom Esteuaõ da Gama, que estaua presente, que foi leuado nos braços de todos, & ali logo lhe fez o Veador da fazenda entrega da India, pella ordem & regimento do estádo, dando della a menagem nas maõs do capitaõ da cidade, & depois tomou o juramento de comprir cõ as obrigaçoens de seu cargo, q̃ lhe deu o Ouuidor geral. Acabado este auto, depois do corpo do Visorrey enterrado, recolheosse o Gouernador pera sua casa, acompanhado de todos os fidalgos, & vereadores da cidade.

A primeira cousa que fez ao outro dia, foi, mandar pello Ouuidor geral, & Prouedor mór dos defuntos, fazer inuentairo de toda sua fazenda, o que se fez com todas as solennidades, & exames necessarios,

rios,& ordinarios,tomando elle juramento, & dandosse ás pessoas q̃ corriaõ com sua fazenda. Isto fez este Gouernador por que estaua muito rico,& naõ queria que dissessem, que acquirira tanta fazenda no cargo,por que determinaua de ser nelle muito puro, & desinteressado como foi. E segundo ouuimos a algũas pessoas d'aquelle tempo dinas de credito, montou sua fazenda perto de duzẽtos mil pardaos,cousa que podia ser,por q̃ herdou a de seu irmaõ dom Paulo, & seruio de capitaõ da fortaleza de Malaca cinco annos,por que lhe deu Elrey o tempo que restou de seu irmaõ,como ja dissemos no capitolo onze do oitauo liuro da coarta decada. Feito isto,despedio o Gouernador logo recado a todas as fortalezas da India, fazendolhes saber de sua socessaõ, & a voltas das cartas do capitaõ de Baçaim Ruy Lourenço de Tauora, escreueo a Fernaõ de Sousa de Tauora,de quem era especial amigo que se fosse inuernar a Goa: & assi o fez,por que em lhe dando a carta do Gouernador,logo se embarcou em hũa Galeota que lhe deu o capitaõ, que era do seruiço do rio, por que todos os mais nauios estauaõ já varados: & ainda esta lhe deu com lhe prometer de lha tornar a mandar, por que a naõ escusaua. Embarcaraõse com elle dom Iorge,& dom Aleixo de Meneses ambos primos. Chegados a Dabul, por que acharaõ ameaços do inuerno, desembarcousse Fernaõ de Sousa de Tauora cõ os outros fidalgos,pera d'ali se irem por terra,& despedio com muita pressa a Galeota pera Baçaim,por que quis antes arriscar sua pessoa em ir por terra,que sua palaura: no que os fidalgos d'aquelle tẽpo traziaõ tanto posto o primor, que antes morreriaõ mil mortes,que cairem em hũa tacha taõ auorrecida ainda em gente baixa, quanto mais em homens que pello sangue tem tantas obrigaçoens, & taõ differẽtes da outra gente.

E asi antre os Gentios & Mouros da India se trazia por exemplo a grande verdade dos Portugueses. E por q̃ depois se mudou isto, com outros muitos & bons costumes, disse vm Rey de Cochim muito auisadamente,que aquelles tempos eraõ os bons em que os Portugueses trouxeraõ á India tres cousas: verdade, espadas largas,& Portugueses de ouro fino: por que esta era a moeda com que naquelles tẽpos se fazia a carga das naos. E por certo que notou aquelle Gẽtio muito bem isto, porque depois que estas cousas vieraõ a faltar na India,declinou ella: por que muitos & mais espantosos feitos se fizeraõ quando pelejauaõ com espadas largas & ferrugentas, do q̃ se fizeraõ depois com verdugos cõpridos & dourados,por que aquellas armas traziaõse pera pelejar, &

agora

agora vsaõse estoutras pera parecerer bem. E asi dizia Elrey dom Ioaõ o segundo,que o bom Portugues á de ferir com os terços.

E tornando a Fernaõ de Sousa de Tauora, despedida a Galeota pera Baçaim, & elle com os mais tomaraõ o caminho por terra, & em poucos dias chegaraõ a Goa, sem por todo elle receberem vm pequeno agrauo, asi pello grande respeito & medo que tinhaõ aos Portugueses,como pella muita ver dade & primor com que elles tratauaõ a todos.

O Gouernador dom Esteuaõ da Gama nos primeiros dias despedio vm Antonio de Sousa filho da India, q̃ sabia a lingoa Persia mũy bem, & com elle vm Iudeo chamado Manasses, pera irem a Ormuz em vm catur muito ligeiro, pera d'ali passarem ao reino por terra com cartas a Elrey, do estado em que a India ficaua, & de sua socessaõ,& pera os Condes da Vidigueira seu irmaõ,& do Vimioso seu sogro, solicitarem com Elrey naõ lhe mandar socessor.

Da jornada destes homens naõ achamos lembrança algũa,sómente sabemos chegarẽ ao reino, sendo já nomeado Martim Afonso de Sousa pera Gouernador da India: por que teue a valia do Cõde da Castanheira seu primo com irmaõ,como adiante diremos,& Elrey respondeo,que folgara de saber que elle gouernaua, antes de ter nomeado Martim Afonso pera ir soceder ao Visorrey dom Garcia de Noronha, & que se podera sem faltar com sua palaura deixar de o mandar o fizera, pella muita confiança que tinha delle dõ Esteuaõ o auer de seruir bem.

Antre as instruçoens que o Gouernador dom Esteuaõ da Gama achou d'Elrey nos papeis de dom Garcia de Noronha,foi hũa, em q̃ lhe encomendaua muito,que mãdasse a Sués queimar as Gálés,por algũas intelligencias, por que naõ passassem a dar trabalho á India. E querendo elle ser o autor deste negocio,determinou de ir em pessoa áquella jornada,por ser muito importante,& de muita honra,por que esta desejaua elle mais que fazenda. Pello que se foi pór na ribeira a mandar dar pressa a armada, visitando a miude os almazés, & prouendoos de todas as cousas necessarias. E contasse delle que a primeira vez que foi visitar a ribeira,chamou o Veador da fazenda,& todos os officiaes, & apontador,& toda a mais gente que auia do seruiço della,& achou perto de setecentos homens Portugueses, Mestres, Pilotos, Bombardeiros, marinheiros, grumetes, calafates, carpinteiros, mestres de bombas, & outros de naos, & nauios, & sabendo pellos pontos passados do tempo de Nuno da Cunha, que sempre passaraõ de oitocentos homens,os da obrigaçaõ da ribeira,

come-

començou a bradar cõ os officiaes, por auer taõ pouca gente. Trouxemos isto, por q̃ chegou esta ribeira depois a estado de naõ ter mais de seis sete pessoas, & essas ainda descontentes, & mal pagas.

O Gouernador foi visitado dos Reys visinhos, com quem confirmou de nouo as pazes, & antre estes foi Elrey de Garzopá, senhor da cidade de Mangalor na costa do Canará que auia muitos annos estaua reuel & aleuantado, sem pagar as pareas, mandousse reconciliar com o Gouernador, por vm Embaixador seu chamado Timoja, & deu pellas pareas passadas, oito mil fardos de arroz, & se obrigou de nouo a pagar cada anno dous mil fardos, & que de seus portos nunca mais sairia ladraõ algũ. E posto que o Gouernador andaua muito occupado na armada, nẽ por isso se descuidou das cousas de nossa religiaõ Christã, taõ encarregadas dos Reys de Portugal, a seus Visorreys & Gouernadores.

E por que em Goa crecia muito a Christandade, & auia muitos moços de differentes castas, que andauaõ desagasalhados, ordenou vm Seminario na rua que chamaõ da carreira dos caualos, a que pos nome, o Collegio da sancta Fé, & nelle mãdou recolher todos estes moços, tomando a cargo pera mãdar correr com sua doutrina o padre Miguel Vaz, Vigairo geral da India, homem virtuoso & Apostolico, q̃ na vinha do Senhor trabalhou, com muito zelo & feruor em quanto esteue na India.

CAPITOLO II.

Do que este anno de 1540. aconteceo em Maluco. E de como se descobriraõ as ilhas dos Cellebes, Macaça, Bogis, & outras: & dos Reys, & senhores dellas, que se fizeraõ Christaõs: & de como Francisco de Castro descobrio as ilhas de Mindanao.



POR nos naõ descuidarmos das cousas de Maluco com que imos continuãdo por ordem dos annos, entraremos aqui com o que aconteceo todo este passado naquellas ilhas q̃ deixamos em paz & quietaçaõ: & o capitaõ Antonio Galuaõ muito respeitado de todos, tratando mais do que compria ao seruiço de Deos & d'Elrey, que do seu proprio particular. Depois de recolhido Diogo Lopez d'Azeuedo com a vitoria dos Iaos, que atras contamos no capitolo quinto do sexto liuro, desejoso Antonio Galuaõ de ser vm dos ministros que fizessem soar aquella vóz do Euangelho, & em todas aquellas ilhas, & nos fins d'aquellas terras fazer ser ouuida a palaura de Deos,

 despe-

dio vm Ioaõ Fogaça homem honrado em vm nauio pera ir ás ilhas dos Papuas, ſolicitar a amizade d'aquelles Reys, & ver ſe achaua nelles diſpoſiçaõ pera o que pretendia. Eſte homẽ chegou áquellas ilhas, & viſitou aquelles Reys, em quem achou mais humanidade do que eſperaua, & aſſentou com elles pazes, & carregou de muitos mantimentos, que os á ali muitos, com que ſe tornou pera Maluco. No meſmo tempo foraõ a Ternáte vns Embaixadores das ilhas dos Macaças (que eſtaõ ao ponente das de Maluco, perto de ſeſſenta legoas a mais perto) que foraõ muito bem recebidos de Antonio Galuaõ. Vinhaõ antre elles dous mancebos nóbres ambos irmaõs, com quem Antonio Galuaõ tomou grande amizade, & achandolhes diſpoſiçaõ pera o que queria, os conuidou algũas vezes pera banquetes, & os foi apalpando por meyos ſuaues, pera ver ſe os podia meter na manada & rebanho do Senhor, & tanto trabalhou niſto, que os rendeo, mandandoos cathechiſar, & depois lhes deu o ſanto Bautiſmo cõ grande ſolennidade, & a vm pós nome Antonio, & a outro Miguel Galuaõ: & quando ſe tornaraõ pera ſuas terras lhes deu peças & brincos, de que foraõ taõ ſatisfeitos, como logo diremos.

Eſtas ilhas ſaõ muitas, & juntas, & andaõ nas cartas de marear lançadas em hũa ſó muito grande pello rumo a que os mareantes chamaõ Nórte & Sul, perto de cem legoas de comprido. Quer eſta ilha imitar a fórma de vm gafanhoto groſſo, cuja cabeça (que lança pera o Sul, cinco graos & meyo) ſaõ os Cellebes, que tem Rey ſobre ſi. Pella Coda que he a parte mais chegada a Maluco atraueſſa a Equinocial, & ainda lança quaſi vm grao pera a banda do Nórte. Saõ eſtas ilhas ſenhoreadas de muitos Reys differentes nas lingoas, deſuiados nos ritos & coſtumes. Começando da parte da Coda tem o reino de Bogis, por cima de quem corta a Equinocial. A principal cidade ſe chama *Sauito*, que he grande, de caſas ſobradadas, & fermoſas, mas todas de madeira. Aqui queimaõ os mortos, & ſuas cinzas ſe recolhem em vaſos que ſe enterraõ nos campos em lugares ſeparados, onde fazem ſuas capellas abertas por todas as partes, & todo aquelle anno lhes vaõ todos os dias os parentes leuar de comer, que poem em cima das couas, onde os caens, gatos, & aues os vaõ comer, & tomar: & meteſſelhes em cabeça que o defunto o comeo: naõ tem templos: fazem ſuas oraçoẽs olhando pera os ceos com as maõs aleuantadas, por onde ſe vé q̃ tem conhecimento do verdadeiro Deos. Os naturaes naõ tem mais de hũa molher, & os Reys tres & quatro.

Tem logo o reino de Macaça, sua cidade principal se chama Goá, aqui enterraõ os defuntos.

Tem visinho deste outro reino chamado Dirapa, & a sua cidade principal tẽ o mesmo nome. Estes guardaõ os costumes & ritos dos Bogises, saõ os Reys parentes.

Tem outro reino que chamaõ Chirraná, que tem os mesmos costumes.

Tem outros muitos regulos sojeitos a estes. Ha nestas ilhas algodaõ, cóbre, ferro, chumbo, & muito ouro de que as molheres fazem manilhas pera os braços. Tem pedraria vermelha de que fazem joyas, sandalo, sapaõ: fazemse nellas muitos & bons panos de seda de muitas feiçoens. Saõ estas ilhas muito abastadas de arroz, legumes, fruitas, sal, tem caualos, Alifantes, muitas galinhas, carneiros, bufaras, veados, porcos, perdizes, & toda a mais cassa do mato, mas naõ tem vacas. Tem nauios de muitas feiçoens, vns a que chamaõ Pelan, que saõ muito ligeiros de remo, com que fazem guerra. Ha outros chamados Lopi, que saõ da carga: & outros mayores a que chamaõ Iojoga. Saõ todas estas gentes de cór bassa como os Malucos. Saõ os homens mũy bem despostos, & gentis homens, mas sujos no viuer, & mũy dados ao peccado nefando: as molheres saõ fermosas, grandes seruiçaes, & todas as que vaõ ter as maõs dos Portugueses saõ catiuas na guerra que sempre fazem vns aos outros, & destas leuaõ todos os annos a vender a Malaca hũa grãde copia dellas.

E tornando aos nossos Christaõs Macaças, que Antonio Galuaõ despedio satisfeitos & contentes, chegãdo a suas terras, fizeraõse nouos pregadores da nossa ley, & religiaõ Christã, de quem disseraõ tantas cousas, que mouidos muitos dos naturaes dellas, lhes pediraõ buscasse modo pera serem bautizados. Os nouos Christaõs zelosos d'aquelle bem tornaraõse logo pera Ternáte, indo com elles outros mancebos nóbres, q̃ todos foraõ bem recebidos de Antonio Galuaõ, & elles lhe pediraõ algum religioso pera irem com elles, porque ficauaõ muitos de seus naturaes, mũy abalados, & desejosos de receberem a ley de Christo, & esperauaõ com grãde aluoroço por quem os bautizasse. Antonio Galuaõ deu muitos louuores & graças a Deos por aquella merce, & mandou logo com muita pressa vm nauio, em que mãdou embarcar vm Frãcisco de Crasto caualeiro muito honrado, & com elle dous sacerdotes pera irem em companhia dos Macaças, excercitar aquelle santo officio, fazendo (primeiro que se partissem) Christaõs todos os que foraõ em companhia d'aquelles dous mãcebos: dãdo regimento a Frãcisco de Crasto, pera

aſſentar pazes & amizades com aquelles Reys, a quem mandou peças & brincos.

Partido Franciſco de Craſto de Ternate, deulhe vm tempo contrario taõ rijo, que lhe foi forçado correr por onde milhor pode: & no cabo de alguns dias foi dar com hũas ilhas q̃ ainda naõ eraõ ſabidas, que eſtauaõ ao Norte das de Maluco mais de cem legoas, & por ir falto d'agoa as foi aferrar, mandando a terra algũas peſſoas a falar com os naturaes, com quem ſe naõ entenderaõ, mas ſouberaõ chamarſe aquella ilha que tomaraõ Setigano: & reſgatando ali algũas couſas tornaraõſe pera o nauio, mandando aquelle Rey pedir a Franciſco de Craſto que ſe viſſe com elle, como logo fez. Elrey o agaſalhou bem, & o teue cõſigo algũs dias, em que os religioſos que yaõ com Frãciſco de Craſto, o apalparaõ, & achandoo facil & domeſtico o fizeraõ Chriſtaõ, com tres irmaõs ſeus, & ſuas caſas, molheres, & filhos, pondo nome a Elrey dom Franciſco. Ali acodio muito pouo a pedir o bautiſmo, & aſsi ſe conuerteo a mór parte dos moradores d'aquellas ilhas.

Depois de gaſtarem ali mais de vm mês, partiraõſe com grandes ſaudades do Rey, & de todos os nouos Chriſtaõs, & foraõ tomar outra ilha chamada Seligano, a onde tambem conuerteraõ aquelle Rey que ſe chamou Antonio Galuaõ, & o meſmo fez a ſua molher, & a duas filhas, & a ſeſſenta peſſoas de ſua caſa, bautizandoos a todos. E aſsi conuerteraõ outros tres Reys de outras ilhas vezinhas chamados, Betuano, Pimilarano, & Camiſino: a todos eſtes pós nome Ioannes, em memoria d'Elrey dom Ioaõ de Portugal, em cujo tempo ſe conuerteraõ eſtas ilhas.

Foraõ depois achadas o anno de corenta & tres por Bernardo de la Torre: mas aqui ſe dá a honra de ſeu deſcobrimento a eſte Franciſco de Craſto, por que por rezaõ, & verdade he ſua propria. Depois que por ali gaſtou alguns meſes naquella taõ ſancta obra tornouſſe pera Ternate, & foi recebido de Antonio Galuaõ, mũy bem, dando muitas graças a Deos pella conuerſaõ d'aquelles Reys. Taõ zeloſo foi ſempre eſte homẽ da ley de Chriſto ſe eſtẽder & dilatar, q̃ em nenhũa outra couſa trazia os penſamẽtos: & aſsi em ſeu tempo eſteue aquella ilha taõ cheya de Chriſtaõs, que cada dia acodiaõ ao bautiſmo, que era pera louuar a Deos.

E por q̃ auia muitos moços nobres Chriſtaõs q̃ andauaõ deſagaſalhados, ordenou á ſua cuſta vm Seminario onde os recolheo, pera ali ſerem doutrinados nas couſas da noſſa ſanta ley, & fé Catholica, pera depois virem a ſer pregadores della, pella falta que auia

entaõ

entaõ de ſacerdotes & religioſos. Eſte Seminario foi depois aprouado pello Santo Concilio Tridentino,& Antonio Galuaõ foi o primeiro fundador delle nas partes da India,por que o que depois fez o Gouernador dom Eſteuaõ da Gama (como atras diſſemos no capitolo primeiro do ſetimo liuro) foi á imitaçaõ deſte.

Vendo os Mouros a grande multiplicaçaõ que auia por todas aquellas ilhas de Chriſtaõs, temẽdo que ſua falſa ſeita ſe vieſſe de todo extinguir nellas : conuocãdo aquelles Reys de Ternáte,Tidoré, Geilolo,& outros,a hũa liga geral, pera acodirem áquellas couſas : & praticando ſobre ellas, naõ acharaõ outro milhor meyo,que mandarem lançar muitos pregoẽs por todas ſuas ilhas,que todo o que tomaſſe a ley dos Chriſtaõs,perdeſſe ſeus bẽs,& foſſe catiuo pera ſempre. Iſto meteo taõ grande medo em alguns que andauaõ pera entrarem na manada & rebanho de Chriſto,que ſe ſobreſtiueraõ,com temor das penas, mas em outros acẽdeo mais o deſejo,por que ſem recearem couſa algũa acodiraõ á fortaleza a pedir o bautiſmo : & antre eſtes foi vm Gouernador de Ternáte,chamado Cachil Colaõ, a que puſeraõ nome Manoel Galuaõ, & aſsi acodio a Ternáte vm primo d'Elrey de Geilolo, q̃ bautizaraõ com grandes feſtas,& aluoroço de todos.

E pera Deos moſtrar mais ſuas marauilhas, tambem veyo ferido de ſua ſeta,vm Mouro Arabio da geraçaõ de Mafamede,de tãta autoridade entre todos aq̃lles Reys & ſenhores,que o adorauaõ como a ſeu proprio Califa. Eſte com grã de inſtancia pedio o bautiſmo, vituperando a ley de Mafamede,cõtra quem pregou publicamente. Antonio Galuaõ fez a eſte homẽ muitas honras, bautizandoo com grandes feſtas,ſendo ſeu padrinho, & dandolhe tudo o neceſſario da ſua fazenda, com o que ficou taõ ſatisfeito,& contente, que paſmauaõ todos.

Iſto foi cauſa de muitos Mouros & Gentios virem a ſe conuerter de maneira,que procedeo Antonio Galuaõ neſte negocio todos os ſeus tres annos taõ Catholicamente, que nelles naõ fez outros empregos, nem veniagas, nẽ quis nunca comprar vm bar de crauo, dizendo que droga,que tinha cinco pontas na cabeça,que repreſentauaõ as cinco chagas de Chriſto, pertencia ſó a Elrey de Portugal, que as trazia por armas: & aſsi diziaõ as regateiras de Lixboa (quãdo Elrey dom Manoel andaua em differẽças com o Catholico Rey dõ Fernando ſobre eſtas ilhas) que pertenciaõ ſó a Elrey de Portugal, aſsi por ſerem cinco, como pello crauo dellas repreſentar a figura das quinas,que aquelle reino tinha por armas.

E chegou a tanto eſtremo niſto Antonio Galuaõ, que mandandolhe Elrey de Tidore hũa quantidade de crauo de preſente, o naõ quis tomar pera ſi,& o mandou receitar pera Elrey, & meter na ſua feitoria. Eſta he a rezaõ por que nos ſeus tres annos deſpendeo doze mil cruzados que tinha, da herança de ſeu pay Duarte Galuaõ, que todos leuou pera aquella fortaleza empregados em fazendas. E quando ſe embarcou pera o reino foi taõ pobre, que por naõ ter com que viuer,nem lhe quererem dar de comer, ſe meteo no hoſpital de Lisboa, a onde lhe deraõ hũa raçaõ em quanto viueo: requerendo elle ſempre em ſatisfaçaõ de ſeus ſeruiços vm conto de rẽda: mas por fim elle veyo a morrer taõ pobre, que o enterrou a confraria da Corte.

Poderamos ſobre eſte negocio dizer muito, mas por naõ culparmos vm taõ bom Rey, como foi Elrey dom Ioaõ o terceiro nos calamos. Ainda que neſta materia toda a culpa foi, & pomos a ſeus officiaes, que pera iſſo os tem o Rey, & ſe fia delles pera fazerem juſtiça,& ſaberem repartir o ſeu,& naõ darem os doẽs de Ayax ao liſonjeiro Vlyſſes. E deſta injuſtiça que elles vſaraõ, tomaraõ os capitaens da India occaſiaõ, & exemplo,pera naõ ſairem de ſuas fortalezas,em eſtado que fiquem á cortezia dos deſpachadores, por que receaõ de irem ter aos hoſpitaes, como Antonio Galuaõ,& querem antes perder por carta de mais. E aſsi trazem mũy verſado aquelle adajo (dos necios leaes, ſe enchem os hoſpitaes.) Em fim,neſte eſtado eſtauaõ as couſas de Maluco,quãdo chegou dom Iorge de Craſto, a quem Antonio Galuaõ entregou a fortaleza: & como foi tempo ſe embarcou pera a India.

CAPITVLO III.

De como o ſenhor de Damaõ foi correr as terras de Baçaim, & de como Ruy Lourenço de Tauora o foi buſcar, & do recontro que com elle teue,em que o desbaratou, & lhe tomou o Galeaõ zambuco.



VANDO Soltaõ Badur deu as terras de Baçaim ao Gouernador Nuno da Cunha, tomou as a vm capitaõ ſeu chamado Bramaluco,a quem as tinha dado, juntamente com a cidade de Damaõ, a onde elle ſe recolheo. Aqui viueo a tè gora muito magoado de lhe tomarem aquellas terras que lhe rendiaõ muito. Agora ſabendo da morte do Viſorrey dom Garcia de Noronha, determinou de ver ſe por todas as vias podia tornar a ſenho-

a senhorearse dellas, ao menos comer suas aldeas com a espada na maõ, o que parece naõ auia de ser sem licença d'Elrey de Cambaya, cujo vassalo era, teria seus tratos em segredo. Basta, como quer q̃ fosse, elle entrou pellas terras da jurdiçaõ de Baçaim, cõ cinco mil homens de pé, & trezentos de caualo, sendo á mór força do inuerno: & como as achou sós de guarda, logo se apoderou dellas, mandando apregoar seguros aos laura dores, pera que podessem làurar suas terras sem receberem agrauo, acodindolhe a elle com os foros ordinarios. Com isto lhe começaraõ logo acodir muitos, & outros que naõ quiseraõ obedecer se recolheraõ a Baçaim.

Sabendo Ruy Lourenço de Ta uora capitaõ d'aquella fortaleza, como o Bramaluco era entrado nas terras, tomou parecer com os capitaẽs & fidalgos que ali inuernaraõ, sobre o que faria: & assentousse que fossem buscar os imigos, & lhe dessem batalha, primeiro que tiuessem nouo soccorro, por que se se disimulasse com elles comeriaõ todas as terras: & Elrey de Cambaya como os visse senhor dellas, tentaria nouidades, & quando menos, os fauoreceria em segredo com gente, o q̃ seria muito grande trabalho lãçalos depois fora.

Assentado isto se começou a preparar & fazer alardo da gente que poderia leuar, & achou perto de seiscentos Portugueses, em que entrauaõ cincoenta de ginetes, gẽte toda lustrosa, & bem armada. De toda esta gente fez coatro bãdeiras, de que deu as capitanias a Fernaõ da Sylua Comendador & Alcaide mór de Alpalhaõ, q̃ auia de leuar a vamguarda, a dõ Luis de Tayde, que depois foi Conde d'Atouguia, que o Visorrey tinha ali mandado a inuernar com algũs nauios ligeiros, pera em Agosto sair a esperar as naos de Meca. Os outros dous capitaens eraõ Francisco de Sá dos ocolos, & Antonio de Soto Mayor: ficando Ruy Lourenço com a gente de caualo, que os mais delles eraõ fidalgos, & caualeiros mũy honrados. Leuou mais alguns Naiques, com trezentos ou coatrocentos piaens da terra. E saindosse da fortaleza, q̃ deixou entregue ao Alcaide mór, começou a caminhar em busca dos imigos, lançandolhe espias diante, de quem foi auisado que estauaõ na aldea de Bulaõ, ou Bailaõ, duas legoas da fortaleza pera o sertaõ.

E determinando de os tomar na força da sesta, em que os Mouros costumaõ a se lauarem & repousarem, foi marchando deuagar, por que tinha saido da cidade no coarto d'alua. E sendo meya legoa do lugar em que estauaõ, parou, & mandou aos seus que descansassem, & almoçassẽ pera mais folga-

folgadamente darem nelles: & assi se poserão debaixo de vm grande & sombrio aruoredo onde auia agoa,& derão de comer & de beber aos caualos, & todos almoçarão á sua vontade. Os imigos como traziaõ suas espias foraõ logo auisados da ida dos Portugueses, & de como estauaõ naquelle lugar comendo, & descansando: pello q̃ determinaraõ de os ir cometer,& asi o fizeraõ,chegando aos nossos taõ de sobresalto, que quando os viraõ foi já trauados cõ elles: por que os cometeraõ com grande determinaçaõ: & de todo estiueraõ os nossos perdidos, se Fernaõ da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ, que estaua na dianteira naõ tiuera o pezo dos imigos, que lhes naõ deraõ lugar a se armar: & asi com muito animo & valor,com alguns poucos,que o acompanharaõ,teue todo aquelle encontro a tè chegar Antonio de Soto Mayor que o ajudou,achando já Fernaõ da Sylua ferido nũa perna, & elle fazendo tudo o que se esperaua de seu grãde valor & esforço.

Ruy Lourenço teue com isto tempo pera se armar, & acodindo com todo o resto,deu nos imigos com grande furia, trauandosse todos em hũa aspera batalha. Antonio de Soto Mayor andaua já naquelle tempo com algũas feridas, & tinhaõlhe os Mouros mortos alguns companheiros, mas elles se tinhaõ satisfeito com bem de dano dos imigos: tanto que quando chegou Ruy Lourenço de Tauora andauaõ já taõ sofregos, que cuidauaõ ter a vitoria nas maõs. Este dia foi vm em que os nossos mais mostraraõ o valor Portugues, por que os imigos eraõ muitos,& muito bem armados, & muito determinados. As nossas coatro bandeiras,tanto que o capitaõ chegou que deu Sanctiago nos imigos, fizeraõ elles vm termo com que tiueraõ tempo de se ordenarẽ,pondosse pera coatro partes com as costas vns nos outros, por que os imigos os tinhaõ rodeados. Ruy Lourenço ficou de fóra com os cincoenta de caualo, rodeando os seus, & dando alguns tóques nos imigos,de que sempre lhes derribou muitos. A espingardaria dos nossos, que jugaua pera todas as partes, fez grande estrago nos Mouros, por que os tomaua em descuberto, com o que se começaraõ alguns de retrair. O que entẽdido por Ruy Lourenço arrãcou com todo o poder, apellidando Sanctiago,& deu nelles com tamanho impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo. E vendo a merce que Deos lhe fizera,teue os seus,por naõ auer no alcance algum desmando, & recolheosse ao lugar em que estaua, onde mandou curar os feridos que eraõ muitos,& ali gastaraõ aquelle dia.

Ruy Lourenço tomando parecer

cer ſobre o que faria neſte negocio,aſſentaraõ que repouſaſſem ali aquella noite , & que ao outro dia pella manhã foſſem buſcar os imigos a tè os enſecarem,& desbaratarem de todo,& aſsi paſſaraõ toda a noite com grandes vigias . No coarto d'alua ſe leuaraõ , & foraõ marchando pera o lugar de Bailaõ , cuidando que achaſſem nelle os imigos,o que naõ foi aſsi,por q̃ de tal maneira ficaraõ eſcaldados das maõs dos noſſos,que largaraõ as terras , & ſe recolheraõ pera o rio de d'Antora . Ruy Lourenço mandou ſuas eſpias a pos elles , de quem ſoube ſerem paſſados da outra banda,pello que ſe tornou a re colher,correndo as terras todas, & reduzindo os lauradores ao ſeruiço d'Elrey de Portugal : & pera ſua ſegurança ordenou algũas trãqueiras em algũs paſſos , em q̃ pos guarda de piaens da terra,por que os imigos lhes naõ entraſſem outra vez pellas aldeas.

E por que foi auiſado que no rio de Agaçaim tinhaõ os Mouros hũa muito fermoſa nao acabada,& poſta ainda no eſtaleiro, que o Bramaluco tinha pera mandar a Meca , determinou de a ir tomar: pera o que mandou fazer preſtes muitos viradores,cabreſtantes , & outros aparelhos neceſſarios pera ſe lançar ao már . E tanto que o inuerno deu jazigo,deitou dez nauios ao már , de que foi por capitaõ mór dom Luis de Tayde , leuando nelles duzentos homens: & em ſua companhia mãdou outras embarcaçoens com todos os aparelhos neceſſarios, meſtres , marinheiros , & officiaes pera aquella obra , mandandoos que o foſſem eſperar a Agaçaim : & elle o meſmo dia começou a marchar, com toda a mais gente que auia na fortaleza, & todos os piaens das tranqueiras, & vm grande numero de ſeruidores das aldeas , pera viraré a nao. Era iſto em hũa conjunçaõ de agoas viuas: & aſsi elle por terra,como a armada por már chegaraõ a Agaçaim quaſi a vm meſmo tempo.

Dom Luys de Tayde entrou o rio de maré chea, & foi deſembarcar junto da pouoaçaõ , que era muito pello rio dentro , achando algũa reſiſtencia em que lhe mataraõ cinco ou ſeis homens ; mas elle com muito valor desbaratou os imigos , & os foi metendo pella pouoaçaõ dẽtro,que já Ruy Lourenço de Tauora vinha entrando, & aſſolando : & todauia o poder dos imigos era taõ grande, q̃ eſteue muito arriſcádo , por que ſe determinaraõ com elle alguns Abexins,que lhe mataraõ dez homés, & feriraõ muitos. Mas todauia como na dianteira dos noſſos pelejauaõ Fernaõ da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ, Franciſco de Sá dos ocolos, Antonio de Soto Mayor, & outros fidalgos & caualeiros,de tal maneira apertaraõ com

os

os Mouros, que com grande estrago seu os poserão em disbarato, & ajuntandosse todos os nossos, asi os da armada, como os que forão por terra em vm escoadrão derão fogo á cidade por todas as partes por se lhe não meterem nella os imigos que já erão recolhidos: & logo os officiaes começarão a armar os aparelhos, no que gastarão todo aquelle dia & noite, que os nossos passarão com grandes vigias. Ao outro dia lançarão a nao ao már muito folgadamente, & ás toas foi tirada pera fora: & dom Luis de Tayde com sua armada a leuou pera Baçaim, pera onde Ruy Lourenço de Tauora se foi recolhendo, & depois que dom Luis de Tayde meteo a nao no rio, o tornou a mandar pera a enceada a esperar as naos de Meca cõ cartazes. Esta nao era muito grande, & estroncada toda, pello que lhe pozerão nome o Zambuco, que depois fez muitas viagens pera o reino, como em seu lugar diremos.

CAPITVLO IIII.

Da armada que este anno de corenta partio do reino pera á India, de que era capitão môr Francisco de Sousa Tauares: & das pazes que o Gouernador dom Esteuão da Gama fez com Elrey de Cambaya. E dos apercebimentos que fez pera ir buscar as Galès. E de vm honrado desafio que tiuerão Ruy Lourenço de Tauora, & dom Francisco de Meneses. E dos Embaixadores que Elrey da Cotta mandou ao reino.



ANDAVA o Gouernador dom Esteuão da Gama mûy occupado na armada que pretendia leuar ao estreito, ajuntando as cousas necessarias pera aquella jornada, por que forçado auia de inuernar fora da India, esperando com grande aluoroço pellas naos do reino, pera saber nouas delle. A dez dias de Setembro surgirão na barra de Goa coatro, de que era capitão mór Francisco de Sousa Tauares, & os mais capitaens, Vicente Gil, Simão da Veiga, & Vicente Lourenço Bateuias. Trouxerão estas naos boa viagem, & boas nouas da saude d'Elrey, & de todo o reino, que o Gouernador festejou muito, & antre as instruções q̃ Elrey mandaua ao Visorrey dom Garcia, era hũa, em que lhe encomendaua muito, q̃ mandasse queimar as Galés dentro em Sués, & lhe daua os agardecimentos do modo que tiuera nos soccorros de Diu, & no que fizera em se deixar ficar sobre a barra de Goa. Com esta instrução se acabou o Gouernador

nador de resoluer naquella jornada, & despedio logo seu irmaõ dom Christouaõ da Gama com hũa armada de nauios ligeiros pera ir a Cochim com cartas áquella cidade, em que lhe pedia o quizessem ajudar com algum emprestimo de dinheiro,& escrauos pera chusma das Galés,pois era pera vm seruiço d'Elrey taõ grande,& bem taõ commum de toda a India, como ir queimar as Galés dos Rumes,pera segurança de todos: por que em quanto estiuessem em pé, auiaõ todos de viuer cõ sobresaltos,& o reino de Portugal com inquietaçoens. E juntamente despedio dom Antonio da Gama com oito nauios pera andar na costa do Malauar a tè Dezembro em que auia de partir pera o estreito.

Despedidos estes nauios chegou a Goa vm Embaixador do Bramaluco senhor de Damaõ, & requereo ao Gouernador pazes com muita instancia: mas assentousse em conselho que se naõ concluisse com elle em cousa algũa,por quanto era vassallo d'Elrey de Cambaya,& estaua como aleuantado, q̃ se mandasse Embaixador áquelle Rey sobre aquellas cousas, & que lá se concluissem. Com isto despedio o Gouernador vm homem a que naõ achamos o nome, nem as particularidades do regimento,nẽ da jornada: somẽte em soma soubemos que foi bem recebido de Soltaõ Mahamude, q̃ confirmou as pazes que estauaõ feitas com dom Garcia: & concedeo mais ao Gouernador dom Esteuaõ da Gama a metade do rendimento da alfandega de Diu, pera Elrey de Portugal, naõ tendo dado ao Visorrey mais que o terço,& ficaraõ feitas as pazes com o senhor de Damaõ. Com isto se recolheo dõ Luis de Tayde com a armada pera Goa,& os fidalgos que inuernaraõ em Baçaim,pera acompanharem o Gouernador naquella jornada,por que lhes mandou elle recado. O Gouernador mãdou Manoel de Vasconcellos á costa do Canará a recolher todos os mantimentos que já lá estauaõ feitos, & a receber os oito mil fardos de arroz que Elrey de Garzopá era obrigado a pagar,& a fazer outras cousas necessarias pera a jornada. Posto que estaua resoluto em ir ao estreito, quis todauia por aquillo em parecer dos fidalgos & capitaẽs: & fazendo ajuntamento de todos lhes fez esta fala.

Senhores fidalgos & capitaens, Elrey nosso Senhor, por entender que em quanto as Galés, que foraõ a Diu,estiuessem em Sués,sempre a India auia de estar com sobresaltos,por que o Turco naõ he homem que taõ depressa desista das cousas que começa,& mais destas em que tem metido tanto cabedal, & que elle auia por honra de sua religiaõ,pois o principal intento da jornada que mandou fazer

zer por Soleimaõ Baxá, foi desempedir a naueGaçaõ do estreito do már roxo, que com as nossas armadas lhe tinhamos taõ defendida, que quasi se ya perdendo a romagem da casa do seu Mafamede. Pello que nas cartas que Elrey escreueo por terra em reposta das em que lhe o Visorrey dom Garcia de Noronha que Deos tem em gloria, deu conta da jornada das Galés, & por outra instruçaõ que nestas naos mandaua ao Visorrey, lhe encomendaua muito trabalhasse por mandar queimar as Galés, pera asi ficar a India segura, & o reino de Portugal desapressado dos grandes soccorros que he forçado mandar todas as vezes q̃ lhe forem nouas que se tornaõ a armar. E segundo o descuido com q̃ estaõ varadas em Sués, conforme ás informaçoens que pellas espias tenho, muito facilmente se podem queimar, por q̃ se naõ póde esperar, nem cuidar, que os Portugueses tenhaõ tamanho atreuimento, que vaõ cometer com suas armadas o fundo do estreito, taõ cheyo de restingas, baixos, & outros perigos que nelle ha. E ainda q̃ ellas estejaõ com grandes guardas & vigias, eu leuo armada & gente pera assolar todo esse estreito: & quanto mais disto fór, entaõ será mayor gloria pera todos os q̃ aqui estamos: por que bem sei que os espiritos de todos se naõ satisfazé, se naõ de cousas muito arriscadas. Por isso senhores liuremente podeis dizer o que mais vos parecer seruiço de Deos, de S. A. & bem deste estádo.

Callado o Gouernador, foraó votando os fidalgos, & quasi todos concordaraõ, que aquella jornada, alem de Elrey a mandar fazer era muito necessaria pellas rezoés que apontara, & que elles estauaõ prestes pera o acompanharem nella. Somente Garcia de Sá, Ruy Vaz Pereira, & Diogo Aluarez Tellez, foraõ de differente parecer: dizédo que se as Galés estauaõ descuidadas, & com taõ pouca vigia como elle dizia, que pera se queimarem bastauaõ seis catures ligeiros, que podiaõ entrar o estreito sem serem sintidos, o que naõ podia fazer hũa armada tamanha como a que pretendia leuar de naos, Galeoens, & Galés, que forçadamente auiaõ de ir atroando o mundo, & espertando os imigos: & mais estando já taõ experimentados, q̃ todas as vezes que nossas armadas grossas entraraõ o estreito, sairaó delle perdidas, & desbaratadas, como foraõ as dos Gouernadores Afonso d'Albuquerque, Lopo Soarez, & Diogo Lopez de Siqueira: & que alem do perigo, naõ seruiria sua ida de mais, que de espertar o Turco a mandar reforçar os presidios de todos os portos d'aquelle estreito. E sobre tudo isto, que o estado naõ estaua pera despender trezentos mil cruzados, q̃ aquella

armada auia mister: & q̃ elles por entenderem que era asi mais seruiço d'Elrey o naõ auiaõ de acompanhar naquella jornada: & que d'aquelle parecer, & de asi lho requererem auiaõ de tirar estromẽtos pera mãdarem a Elrey. O Gouernador lhes disse que fizessem o que quisessem, que elles dariaõ conta a Elrey de naõ acompanharem o seu Gouernador, & que elle esperaua em Deos de deixar as Galés feitas em cinza, & que elles se auiaõ ainda de arrepender de se naõ acharem em cousa taõ honrosa. Naõ arrependeremos disse vm delles, antes o festejaremos tãto, que no cais onde desembarcardes estẽderei esta capa de grã (por que tinha elle hũa vestida) nelle, pera passardes por cima della.

Concluido o conselho, & assentada a ida pellos votos dos mais, começou o Gouernador a repartir os nauios, & embarcaçoens pellos capitaens que auiaõ de ir com elle. E pello pouco segredo que nestas cousas teue (por que logo tanto q̃ socedeo na gouernança publicou esta jornada) deixou de ser de muito grande effeito, por que chegando logo as nouas a Cambaya, Cogeçofar por querer ganhar terra com o Turco, despedio logo hũa nao sua, com cartas pera todos os portos d'aquelle estreito, do auiso da nossa armada.

Andando o Gouernador repartindo os nauios, chegou a Goa Ruy Lourenço de Tauora capitaõ de Baçaim pera se ir pera o reino: & diziasse, que por que aquelle anno vieraõ nouas, que o Conde da Castanheira (que era casado com sua irmã) priuaua muito com Elrey dom Ioaõ, queria elle ir ver, se por sua valia se podia melhorar, & tornar á India por Gouernador a tirar dom Esteuaõ. E por que aquella fortaleza de Baçaim ficaua vaga, & entregue ao Alcaide mór, & em Goa andauaõ dous prouidos della, dom Francisco de Meneses, & dom Manoel de Lima: mandou o dom Manoel requerer á dõ Francisco, (que era primeiro prouido) que fosse seruir seu tempo, por que naõ queria que depois o embaraçasse outro despachado de tras delle, arguindolhe que naõ fizera diligencias, & que deixara passar o tempo que cabia a dom Francisco. E como elles ambos estauaõ prestes pera acompanharẽ o Gouernador nesta jornada, & mũy desuiados de a deixarem por nenhũa fortaleza, (porque os fidalgos deste tempo, traziaõ mais os pensamentos em honras, que em fazendas) vieraõse ambos a concertar, metendosse o Gouernador por terceiro, nesta fórma. Que Antonio de Lemos da Trosa capitaõ do Galeaõ Reys Magos (que era vm fidalgo de setenta annos) trocasse com dom Francisco, & lhe desse o Galeaõ, & elle ficasse em Baçaim por capitaõ em lugar de

dom Francisco, por quem correria todo o tempo que a jornada durasse, & que todos os proueitos fossem do dito Antonio de Lemos: & que tanto que o Gouernador tornasse do estreito fosse dom Francisco acabar seu tẽpo: & asi se partio logo Antonio de Lemos pera Baçaim, & o Gouernador deu o Galeaõ Reis Magos a dom Frãcisco.

E por que o desafio dantre elle & Ruy Lourenço de Tauora, foi de dependencias da mesma fortaleza, & nelle ouue mũy grãdes primores antre estes dous fidalgos, naõ deixaremos de o cõtar, por q̃ foi muito honrado: & por q̃ delle naõ recreceraõ desgostos algũs, nẽ desauenças antre estas duas geraçoẽs, o q̃ naõ fizeramos se nisso renouaramos escãdalo, antes o fazemos ao grande primor & honra, q̃ os fidalgos d'aquelle tẽpo vsauaõ: o caso foi este.

Quando Ruy Lourenço veyo de Baçaim, pera se embarcar pera o reino, dizem q̃ estando em praticas com o Gouernador, lhe dissera que Baçaim era cousa pouca, & que naõ era pera os homens como elle. E como o Gouernador contou isto a algũas pessoas, chegou a dom Francisco de Meneses, que tomado d'aquelle negocio (por ser prouido d'aquella fortaleza, & ser vm fidalgo taõ honrado, & de tantos merecimentos, q̃ nenhũ outro lhe fazia em cousa algũa ventagem) enfadouse disto tanto, que diziaõ, que andara esperando Ruy Lourenço, ou pera o acutilar, ou pera lho perguntar: Isto chegou logo ao Gouernador, que por se achar culpado naquelle negocio, meteo a maõ nelle de feiçaõ, q̃ satisfez dom Francisco (deuia de ser com lhe affirmar que Ruy Lourenço lhe naõ dissera tal, como na verdade naõ diria, por que bẽ podia ser nacesse aquillo d'algum amigo de zizanias, que nũca faltaõ) & asi tratou com ambos, que onde quer que se encontrassem se falassem, & se conuersassem como d'antes. Socedeo logo, estar dom Francisco no terreiro do paço, & entrar nelle Ruy Lourẽço: & vẽdo dom Francisco q̃ estaua parado lá no cabo delle, o foi demãdar, & estiueraõ vm espaço em conuersaçaõ, & apartandosse Ruy Lourenço, q̃ ya em vm cavalo folhaõ, & que se ya pondo sobre as pernas, & pelo quebrantar o arremessou duas ou tres vezes muito curto. Dom Francisco de Meneses desconfiou d'aquelle negocio, por que estaua o terreiro cheyo de fidalgos, auendo que Ruy Lourenço fizera aquillo de fonfarraõ & bisarria, pera dar a entender a todos que ficara bem d'aquelle negocio. E recolhendosse pera casa muito malenconizado mandou desafiar Ruy Lourenço, que o aceitou: & vendosse ambos no campo pelejaraõ mũy bem, & delle se recolheraõ amigos, Ruy Lourẽço cõ hũa cotilada

lada por cima de hũa fõte, de que lhe correo muito sangue: & dom Frãcisco de hũa estocada pello braço direito. Isto nunca se soube se naõ depois de estarem em suas casas, acodindo logo os parentes d'ãbos, & amigos, a saber a cousa como passaua: no que ambos tiueraõ taõ grande primor, que dom Francisco respondia, que o que dissesse Ruy Lourenço, & elle, que o que dom Francisco contasse isso era: sem nunca se saber o que passaraõ. As feridas foraõ pequenas, & sararaõ logo, & Ruy Lourenço se embarcou pera o reino. Contasse delle aquella galantaria que disse no paço a hũa dama sobrinha do mesmo dom Francisco, filha de dom Ieronymo seu irmaõ, que entrando Ruy Lourenço em casa da Rainha, estando com as damas, pós os olhos nelle fitos: & vendo elle o modo de como o olhaua, por estar perto della, pós o dedo na ferida de sobre a fonte dizendo: Senhora, que me olha v. m. esta me deu o senhor dom Francisco vosso tio, que he a mór honra que eu tenho.

E tornando a nosso fio, o Gouernador deu pressa á escritura do reino, & despachou as naos pera Cochim a tomar carga, & nellas se embarcou dom Aluaro de Noronha filho do Visorrey dom Garcia de Noronha. Embarcaraõse tambem dous Embaixadores d'Elrey da Cotta de Ceilaõ, que yaõ mũy bem negociados: & por elles mandaua aquelle Rey pedir a Elrey dom Ioaõ lhe fizesse merce de jurar por Principe herdeiro da Cotta, a vm neto seu, filho de sua filha, & de Tribuli Pandar, por naõ ter outro herdeiro, mandandolhe a figura do neto, que era de Maraa, em vulto douro, metido em vm grande cofre, com hũa coroa douro, & de muita pedraria na maõ, pera Elrey o coroar cõ ella. Estas naos chegaraõ a Portugal a saluamento: & Elrey recebeo mũy bem estes Embaixadores: & pera o auto do juramento do Principe mandou Elrey chamar todos os senhores do reino, & o fez em sala publica com a mór solennidade & cerimonia q̃ podia ser, coroando o Principe ao modo do reino, mandando q̃ se fizessem grãdes festas, & se corressem touros. E passandolhe sua carta de confirmaçaõ, fazẽdo muitas merces aos Embaixadores, os tornou a mãdar nas naos seguintes muito satisfeitos.

CAPITOLO V.

Da grande armada com que o Gouernador dom Esteuaõ da Gama partio pera o estreito do mar roxo: & do que lhe aconteceo a tè chegar a Maçua.


DESPEDIDAS as naos pera Cochim, começou o Gouernador a fazer paga aos soldados,&a prouer os nauios, q̃ auia de leuar, de mãtimentos,& moniçoens. E tẽdo tudo prestes & negociado, tanto q̃ chegaraõ as armadas de dõ Christouaõ da Gama,& de dom Antonio da Gama,& de Manoel de Vasconcellos,cõ dinheiro & escrauos, q̃ os moradores de Cochim lhe mandauaõ, & com muitos outros prouimentos: passada a festa do Natal,entregou a India ao Veador da fazenda Fernaõ Rodriguez de Castello branco, tomandolhe della a menagem, dandolhe por coadiutores o capitaõ da cidade, & o ouuidor geral, logo se embarcou. E ao primeiro de Ianeiro de corenta & vm se fez á vela, embarcando em vm Galeaõ da armada o Patriarcha dom Ioaõ Belmudes, que tinha vindo do reino pera ir ao Preste Ioaõ, como atras dissemos. Leuaua o Gouernador setenta & dous nauios, em que entrauaõ doze de alto bordo, duas Galés,& os sessenta mais, Galeotas, & Catures. Os capitaens que nesta jornada o acompanharaõ saõ os seguintes.

Dom Francisco de Meneses no Galeaõ Reys Magos, Tristaõ de Tayde no saõ Mateus,dom Francisco de Lima no Galeaõ Bufara, dõ Garcia de Crasto, em saõ Boauentura, dom Ioaõ de Crasto no Coulaõ,Manoel da Gama em outro Galeaõ, vm Ioaõ de Pina, capitaõ da guarda do Gouernador, em hũa Carauela latina, Francisco de Moura que ya por feitor da armada,em outra nao de mantimẽtos, Antonio Correa, em vm Galeaõ q̃ leuaua artelharia, & moniçoẽs, de sobrecellente,com quẽ ya embarcado o Patraõ mór Afonso Vaz. Capitaẽs das Galés eraõ, dõ Christouaõ da Gama,& Diogo de Reinoso. Capitaẽs dos nauios de remo, dom Martinho de Sousa, Alonso Hẽriquez,Manoel de Sousa deSepulueda,Bernaldim de Sousa,Fernaõ da Sylua alcaide mór de Alpalhaõ,Fernaõ de Sousa de Tauora,dom Diogo d'Almeida,filho do Contador mór,dom Iorge Tello,Ioaõ de Mendoça Cassaõ,Henrique Mẽdez de Vascõcellos,Martim Correa da Sylua,dom Luis de Tayde,Manoel de Vascõcellos,dõ Antonio da Gama, dom Diogo d'Almeida Freire, Luis Mẽdez de Vasconcellos,Antonio Moniz Barreto,Francisco de Sá de Meneses, dos ocolos,Manoel da Cunha,Afõso Pereira de Lacerda,Antonio de Soto Mayor,dõ Bernardo de Noronha,filho do Visorrey dõGarcia de Noronha, Iorge de Mello,Raphael Lobo,Lopo Vaz de Siqueira,Ruy Gomez d'Azeuedo, Vasco da Cunha,Miguel da Cunha,Diogo Pi rez de Sá,Miguel Carualho, Fernaõ de Lima, Antonio de Sá o

me, Luis de Noronha, Gaſpar de Souſa, Ioaõ Iuzarte Tiçaõ, Franciſco de Mello Pereira, Iorge Pimintel, Simaõ Botelho, Franciſco Freire, Chriſtouaõ de Craſto, Franciſco de Ilher, Mateus de Brito, Antonio Pereira, Franciſco de Meſquita, Duarte Pereira, Ruy de Mello Pereira, dom Ioaõ Lobo, dom Iorge de Meneſes, dom Payo de Noronha, Lionel de Lima, Ioaõ Rodriguez d'Araujo, dom Ioaõ Manoel Labaſtro, Gonçalo Andre, Franciſco Aluarez, Pero Froes, Mem Rodriguez de Freitas, Ioaõ Caſado, Aluaro Serraõ, o Pereirinha, & outros a que naõ achamos os nomes. Neſta frota yaõ dous mil homens os milhores da India.

Seguindo ſua viagem com Leuãtes rijos foraõ auer viſta da coſta de Arabia, poſto q̃ derramados. O Gouernador a foi ver em monte de Felix entrada de Feuereiro, & foi deuagar eſperando, pera ajũtar toda a ſua armada, porquẽ eſperou na boca do eſtreito da banda do Abexim, ali ſe foraõ todos ajuntar com elle. Somẽte o Galeaõ de Antonio Correa, q̃ deſapareceo, ſem ſe ſaber onde, nem como. O Gouernador como teue a armada junta foi demandar a entrada do eſtreito: & no cabo Rasbel, q̃ eſtá em doze graos bem na gargãta do eſtreito, achou vm nauio de q̃ era capitaõ Garcia de Noronha, q̃ o Viſorrey dom Garcia de Noronha fez Chriſtaõ em Diu, q̃ o Gouernador tinha mandado diante a vigiar as Galés, & delle ſoube eſtarem varadas em Sués, & q̃ ſegũdo tinha alcançado, naõ auia no eſtreito ainda nouas de ſua ida: com iſto ficou o Gouernador aluoroçado. E entrando as portas foraõ os nauios de remo fazer agoada em hũa enceada q̃ fica logo da bãda de dentro. Dali foraõ de longo de hũa enceada a que pozeraõ nome do Palmar, por ter muitas palmeiras, que eſtá em doze graos. Dali paſſaraõ pellas ilhas primeiras em doze graos, & meyo, & pella enceada velha em treze eſcaſſos, & pella enceada da Fortuna, na meſma altura: & em outra adiante que eſtá em treze graos & meyo ſorgio o Gouernador. Em todas eſtas enceadas & angras, deſde a boca do eſtreito a tè Sués, foi dom Ioaõ de Craſto tomando o ſol, & fazendo roteiro, ſondando todas aquellas paragens, & notãdo as mais couſas d'aquelle eſtreito, de que fez vm corioſo tratado, que dirigio ao Iffante dom Luis, em que dá muitas & boas rezoens ſobre as manchas vermelhas que ſe achaõ por todo aquelle eſtreito, ſobre que tantas variedades ha, nos eſcritores que diſſo trataõ.

Deſta enceada partio a armada, & foi paſſando as ilhas da Paſcoa, & as do Camelo, em catorze & catorze graos & meyo: & a ilha de Laca em quinze & vm coarto,

& depois a enceada dos Medaõs em quinze largos a tè chegar a Arquico, & a Macuá, que estaõ em quinze graos & meyo. Arquico affirmaõ muitos que foi o lugar de Aduli, de que Arriano fala, que diz foi edificado dos escrauos fugitiuos do Egypto: & Maçua parece ser a ilha de Orene de Ptholomeo. O Gouernador sorgio aqui aos dezoito dias de Feuereiro de 1541. & mandou cifar, & alimpar, & prouer os nauios de nouo. E tomando conselho sobre o que faria, assentousse, que deixasse ali os nauios gróssos, & que com toda a armada de remo passasse a Sués. E os pilotos da terra lhe difficultaraõ a ida dos nauios grandes, assi pello inconueniente do tempo q̃ era tarde, como pellos muitos riscos, & baixos do caminho: com o que se rezumio em se passar aos nauios de remo. E sendo informado dos Regedores de Macuá, como o Rey de Cuaquem (que era amigo do estado da India, & vassalo do Emperador da Abasia) se se tinha feito vassalo do Turco, & que recolhia os Turcos no seu reino, o que era necessario atalharse, porque naõ viessem por ali a se fazerem senhores de todos aquelles portos, & ficar com isso impedida a communicaçaõ da Abasia aos Portugueses, pollo que os Reys de Portugal tinhaõ trabalhado tanto solicitandoa por terra, primeiro q̃ se descobrisse a India, & depois por már mandandolhes seus Embaixadores (como nas historias atras se conta.)

Consideradas todas estas cousas muito bem, determinou o Gouernador de destruir aquelle Rey de passagem, pera o que despedio logo seu irmaõ dom Christouaõ com doze nauios, pera que se fosse lançar derredor d'aquella ilha, a tè elle chegar com a mais armada, pera que nem Elrey se podesse sair della, nem se vazasse a fazenda pera a terra firme, por que desejaua de dar vm ceuo aos soldados: por que aquelle Rey, & seus naturaes eraõ ricos, & a terra estaua cheya de mercadorias ricas, & entulhada de mercadores de todos os portos do estreito, asi da banda de Arabia, como da Abasia. Dom Christouaõ chegou áquella ilha & lançousse antre ella, & a terra firme, por que naõ saisse cousa algũa pera fóra: mas Elrey era já passado, por que por terra teue logo nouas da armada Portuguesa: & com muita pressa as despedio pera Sués, que chegaraõ primeiro q̃ o Gouernador.

CAPITVLO VI.

De como o Gouernador dom Esteuaõ da Gama, destruio a ilha de Cuaquem, & de como partio pera Suès, & dos grandes contrastes que achou.

Depois

DEPOIS do Gouernador dom Esteuaõ da Gama despedir dom Christouaõ da Gama pera Cuaquem, ficou dãdo ordem a algũas cousas necessarias, & entregou a armada grossa a Manoel da Gama pera ficar ali com ella, deixando setecentos homens nella, & assi lhe entregou o Patriarcha, pera da torna viagem lhe dar auiamento a sua jornada. Feito isto embarcousse o Gouernador na galeota Vrganda, de que era capitaõ Lopo Vaz de Siqueira, que era o milhor nauio que auia na India: & os mais capitaens de Galeoẽs & naos se passaraõ a outros nauios de remo. E aos vinte & cinco do mês de Feuereiro, se fez á vela com toda a armada de remo, tirando as Galés, que tambem ficaraõ em Macuá, & com todos chegou a Cuaquem, auendo sete dias que dom Christouaõ lá estaua, & delle soube como Elrey era passado a terra firme, & que todauia a ilha estaua com todo o seu recheo. Elrey de Cuaquem receandosse que lhe destruissem a ilha, mandou logo visitar o Gouernador, & pedirlhe pazes, offerecendo todas as satisfaçoens que quisesse. Naõ deixou o Gouernador de dar orelhas áquillo, respondendolhe mais humanamente. O Mouro como era astuto, & sabia que o Gouernador naõ se podia deter ali muito, foilhe dilatando o tempo de recado em recado, gastandosse oito dias em lhe mandar prometer a metade do rendimento da alfandega d'aquella ilha, que era o que daua ao Turco: & que lhe daria Pilotos pera o porem em Sués. Estes recados fingio Elrey que yaõ em muito segredo, pello naõ saberem os Turcos que andauaõ em sua companhia, & por derradeiro naõ concluyo em cousa algũa. Vendo o Gouernador aquellas dilaçoẽs, & entendẽdo que eraõ manhas dos Turcos, que estauaõ em sua companhia, assentou de o castigar, & de o ir buscar á onde estaua, que era hũa legoa pella terra dentro.

Estas detenças que o Gouernador fez, foraõ a causa principal de elle naõ queimar as galés, & de pór depois tantos dias no caminho, q̃ tiueraõ os Turcos tempo de acodirem guarniçoens do Cairo pera guarda das galés: por que se embaraçou com cousas que depois podera fazer muito á sua vontade, & em que ya pouco, por que os offerecimentos d'aquelle Rey, posto que por entaõ foraõ verdadeiros, duraria o effeito delles em quanto a armada ali andasse, mas tanto que se recolhesse estaua certo tornar a aleuantar a bolada: por que bem entẽdia que se naõ auiaõ de formar armadas pera o irem castigar: em fim resoluto o Gouernador em ir castigar aquelle Rey, desembarcou na terra firme

vm dia de madrugada com mil homens repartidos em duas batalhas, hũa deu a dom Chriſtouaõ que auia de leuar a vamguarda, & o Gouernador ficou com a outra em guarda da bandeira de Chriſto. E marchando apreſſados pera chegarem ao arrayal antes de amanhecer, como fizeraõ, dõ Chriſtouaõ o cometeo com grande determinaçaõ, & o entrou com morte & dano de muitos Mouros.

Elrey em lhe dando o rebate caualgou em vm fermoſo caualo, & foiſe recolhendo pera o ſertaõ, ſem eſperar golpe de eſpada. O meſmo fizeraõ os Turcos que tãbem foraõ eſcalaurados das maõs dos noſſos. O Gouernador entrou no arrayal, que achou com todo o ſeu recheyo, que foi logo roubado & eſcalado: & ao que naõ poderaõ leuar deraõ o fogo, em que todo ſe conſumio. E naõ auendo ali mais que fazer ſe recolheraõ pera a armada, mandando o Gouernador ao outro dia deſembarcar ſeu irmaõ dom Chriſtouaõ em Cuaquem com toda a ſoldadeſca, dandolhes toda aquella cidade (que era muito grande) a eſcala franca, onde acharaõ muito ouro, prata, marfim, drogas, roupas, & a mór parte diſto eſtaua enterrado pellas caſas. Ouue homés de coatro & cinco mil cruzados de preza, & muitos de quinhentos, & trezentos. Acharaõſe muitas caſas cheas de trigo, milho, manteigas, & outros muitos mantimentos, de que ſe encheo toda armada. Eſta cidade da terra firme de Cuaqué por muitas conjecturas parece o lugar de Theron de Arriano, de Plinio, & de Ptholomeo, que elle mete em dezaſſete graos, poſto q̃ oje anda verificado em dezoito. O Gouernador depois de deixar aquella cidade feita cinza ſe embarcou, ſendo já dez de Março, & deu à vela pera Sués: no caminho achoú os ventos taõ contrarios, tãtos baixos, & reſtinguas, que em dezoito dias naõ andou mais de vinte legoas, por que naõ caminhauaõ de noite.

Vendo o Gouernador que todauia os ventos naõ deixauaõ de curſar da banda de Oes Noroeſte, que lhe eraõ muito ponteiros, & q̃ o caminho a tè Sués era muito cõprido, & perigoſo, & que os mantimentos ſe lhe yaõ acabando, eſtando recolhido em hũa enceada, tomou parecer com os Pilotos ſobre o que faria, & todos lhe affirmaraõ, que aquelles tempos ali du rauaõ muito, & que naõ era poſſiuel poder chegar a Sués com tamanha armada: por que yaõ muitos nauios mũy pezados, & que ſe remauaõ mal, que ſe lhe releuaua ir a Sués, tomaſſe doze ou quinze nauios, os mais pequenos & ligeiros, & que naõ leuaſſem outra couſa mais que mantimentos, & q̃ aſsi ainda com trabalho poderia chegar a onde deſejaua. Ao Gouernador

uernador pareceo muito bẽ aquelle conſelho. E logo começou a fazer eleiçaõ dos nauios, eſcolhendo antre todos dezaſeis, que eraõ os ſeguintes.

Elle que ya na vrganda, dom Garcia de Craſto, com quẽ ſe embarcaraõ por ſoldados dom Ioaõ Maſcarenhas, & Manoel de Souſa de Sepulueda, Triſtaõ de Tayde em vm catur ſeu chamado o Papagayo, & com elle Diogo de Reinoſo, & Antonio de Soto Mayor, dom Ioaõ de Craſto no catur do Pereirinha, dom Chriſtouaõ da Gama em vm Calemute, que leuou pera o ſeruiço da Galé, Franciſco de Mello Pereira em hũa fuſta ſua, dom Frãciſco de Meneſes, Duarte Pereira, Iorge de Mello o punho, Diogo Pirez de Sá, Vaſco da Cunha, Alonſo Anriquez, Fernaõ de Souſa de Tauora, dom Frãciſco de Lima, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór, & Miguel Carualho, eſtes nauios ſe deſpejaraõ de tudo, enchẽdoos de mantimentos, & por elles iriaõ repartidos duzentos & cincoenta homens: ordenando o Gouernador que os mais nauios ſe tornaſſem pera Macuá, onde ficaua a armada groſſa de Galeoens, & Galés.

CAPITVLO VII.

Das differenças que o Gouernador teue com alguns fidalgos: & de muitos agrauados que ouue, por naõ ſerem eleitos pera aquella jornada: & do que a armada paſſou a tè a cidade de Alcocer.



ESTA eleiçaõ dos fidalgos que auiaõ de ir com o Gouernador a Sués, tanto que ſe declarou, todos os que ficaraõ de fóra ſe eſcãdalizaraõ, praguejando publicamente do Gouernador, & de ſuas couſas, ſoltandoſſe alguns em palauras, como homens que ſe auiaõ por muito offendidos delle. Iſto lhe foi ás orelhas, & deſejando de temperar aquellas couſas com brãdura, fez ajuntamento de todos eſtando em terra na enceada, & lhes fez eſta breue fala.

Bem ſei ſenhores que a honroſa inueja que vos toca deſta eleiçaõ, nace a todos do grande deſejo que tendes do ſeruiço de Deos, & d'Elrey noſſo Senhor, & de quererdes moſtrar o grande animo & valor de voſſas peſſoas, de que todos já tendes dado tantas, com tãta experiencia, como he notorio ao mundo todo. E bem entendido he de voſſo primor & esforço, quãto ſintireis verdes o voſſo Gouernador em perigos & trabalhos, ficando vós de fora naõ ſendo dos primeiros nelles. Nem a mim me conuinha cometer negocio taõ ariſcado,

riſcado,ſem companhia de taõ valeroſos capitaens,& esforçados caualeiros, de cujo ſaber , & esforço, me he muito neceſſario ajudarme & valerme , pera poder ſair delle com honra & gloria . Mas como eu naõ faço eſta jornada mais que pera dar fé das Galés,& ver o modo de como eſtaõ,por de todo naõ ficar ſem algum feito , já que temos o tempo tanto contra nós cõ que eſſes nauios grandes naõ podem ſurdir auante , & de todo ſe perderá algum bom effeito, ſe Deos o tiuer ordenado, pareceo milhor aos Pilotos fazer eſta eleiçaõ dos nauios mais ligeiros, pera ver ſe á força de braço poſſo vencer eſte caminho , & ver as Galés, pera dar rezaõ a Elrey do que vi. E poſto que naõ faça mais , ficarei deſculpado com elle,por que bem a de entender que milhor me fora arriſcarme com ſeſſenta nauios, q̃ com dezaſeis . E na pouquidade delles,& da gente que leuaõ ſe vé, que naõ vou a outro fim, por que ſe fora pera pelejar,a mim meſmo me naõ conuinha deixar a companhia de taõ valeroſos companheiros,como aqui eſtaõ : & ainda toda a armada com que de Goa parti,com que podera deſtruir todo eſte eſtreito: mas por cauſa do tẽpo bem viſtes que foi neceſſario deixar os nauios groſſos em Macuá,& eſtoutros de remo com que cuidei podeſſe chegar a Sués, ha trinta & ſeis dias q̃ com elles naõ tenho andado mais de vinte legoas. Vejo a monçaõ gaſtada,& o tempo encarniçado contra nós, & naõ queria que tamanha armada, & deſpezas como fez, ficaſſe de todo ſem algum fruito. E por que já agora naõ poſſo ter eſperanças de outros mais , que de ver as Galés com o olho,como já vos diſſe (pera o que o tempo ainda naõ ſei ſe me dará lugar) eſcolhi eſtes nauios. E por que naõ he poſsiuel poderdes ir todos nelles, vos peço ſenhores,ajaes por bẽ, aos que a ſorte vos coube de ficardes : por que tamanho ſeruiço fazeis niſſo a Elrey, como ſe comigo foreis , & eu aſsi lho certificarei , pera que vos faça merces cõforme a voſſos merecimentos. E de ſua parte vos peço que deiteis de vos os eſcãdalos, que naõ ſeruem de mais , que de ſeu deſeruiço , & voſſa inquietaçaõ.

Alguns moſtraraõ naõ ſe ſatisfazerem das rezoens do Gouernador, dizendo, que o tempo com que foſſem dezaſeis nauios, poderiaõ ir todos os mais,mas todauia ficaraõ vm pouco mais moderados , naõ querendo porem que a jornada ſe fizeſſe ſem elles : & aſsi todos os capitaens & fidalgos ſe paſſaraõ aos dezaſeis nauios por ſoldados: & alguns ouue,que tiraraõ os bombardeiros , & ſe meteraõ em ſeus lugares . Alguns apaniguados do Gouernador , quiſeraõ valerſe delle pera lhes darem lugares

lugares nos nauios,que elle quis repartir por elles,& vns lhos aceitaraõ,outros naõ, como foi Franciſco de Mello Pereira, que mandãdolhe pedir lhe leuaſſe vm homẽ, eſcuſouſſe com lhe mandar dizer, que ya muito pezado, & que ainda deixaua muitos parentes ſeus na armada, pellos naõ poder leuar. Sobre iſto ſe paſſaraõ recados de parte a parte, a tè chegarem a ter palauras de feiçaõ,que enfadado Franciſco de Mello lhe mandou dizer, que nem auia de leuar o homem, nem elle queria ir com elle a Sués,& que juraua de vẽder o nauio que era ſeu. A iſto lhe ſayo dom Manoel de Lima, q̃ eſtaua com elle embarcado por ſoldado,& lhe pedio que ſe tal auia de fazer,foſſe a elle,pois já eſtaua embarcado nelle. Franciſco de Mello que eſtaua com paixaõ lho vẽdeo logo por coatro centos cruzados, com condiçaõ que leuaſſe todos os homens que eſtauaõ embarcados com elle: & deixandolhe tudo o que tinha na fuſta ſe paſſou a hũa das que ſe auiaõ de tornar pera Maçua.

O Gouernador logo foi auiſado de tudo,& tomouſſe muito de dõ Manoel lhe comprar o nauio, & mandoulhe dizer que lhe auia de leuar aquelle homem,do que ſe elle tambem eſcuſou.E como o Gouernador era vm pouco teimoſo (couſa de que muito á de fugir quem eſtiuer naquelle lugar) lhe tornou a mãdar dizer, que ou lho auia de leuar,ou naõ auia de ir cõ elle. A iſto reſpondeo dom Manoel,que elle acompanhaua o homem que eſtaua em lugar d'Elrey,& que auia de ir a Sués, q̃ por iſſo comprara aquelle nauio. O Gouernador apaixonouſe tanto, q̃ determinou de o ir prender,& mãdalo prezo pera Maçua,ao que lhe foi á maõ dom Franciſco de Meneſes que aquella hora achegou a caſo, pedindolhe naõ foſſe com a paixaõ por diante, por que dom Manoel era vm fidalgo muito hõrado,& Galego teimoſo, q̃ ſe naõ auia de decer da ſua, & que pera aquillo auiaõ os Gouernadores da India de ter muita brandura, pera temperarem as paixoens dos fidalgos que ſeruiaõ a Elrey, & naõ eſcandalizalos, por que ſe naõ aueria Elrey por ſeruido diſſo. Com iſto ficou o Gouernador vm pouco refreado, & diſsimulou com aquelle negocio, por que ſe quiſera ir por diante com elle, era lhe neceſſario enfadarſe com muitos,por que tambem Alonſo Anriquez & outro fidalgo,lhe naõ quiſeraõ aceitar outros homens.

Aquelle officio que dom Franciſco de Meneſes ali fez, era o dos fidalgos d'aquelle tempo,que naõ andauaõ ſe naõ a tẽperar paixoẽs, & naõ a acendelas,como póde ſer que alguns oje façaõ.E tambem os Gouernadores tinhaõ tanto reſpeito aos fidalgos que ſe refreauaõ

uaõ com elles, o que naõ sei se os d'oje tem.

Em fim assentado a ida, o Gouernador despedio todos os mais nauios pera Maçuá, & entrada de Abril se fez á vela cõ os dezaseis: & d'aqui ficou esta enceada com o nome dos agrauados, que está em altura de vinte graos & meyo do Norte. E seguindo sua derrota, nauegando de dia a remo, por causa do vento que era contrario: & sorgindo de noite pellas muitas restinguas, & baixos que auia, foraõ taõ deuagar, que se lhes acabou a agoa. E indo Miguel Carualho em grande necessidade della, chegouse a terra, & vendo hũa baya entrou nella, & mandou alguns marinheiros a ver se auia agoa: estes acharaõ alguns poços della, & hũa muita fermosa fonte, & dando recado a seu capitaõ, fez sinal a toda a armada que logo acodio: aqui se refrescaraõ, & se aperceberaõ, naõ achando mais que algũs pastores com seus gados, a que se naõ fez agrauo algum. Aqui tomou dom Ioaõ de Crasto o sol, & achou vinte & vm graos & meyo.

Partidos d'ali foraõ seguindo seu caminho: ao outro dia ouueraõ vista de hũa gelua, a que deraõ cassa, & vendosse ella apartada varou sobre hũa restinga, lançandosse logo a gente ao már pera se passar a terra firme, que era perto: mas todauia naõ pode ser taõ depressa que ao mesmo tempo que varou se naõ lançassem alguns dos nossos á restinga, a onde tomaraõ ainda dous Mouros, com que se recolheraõ pera o Gouernador, que naõ souberaõ dar nouas de Sués, por que eraõ d'ali perto, & yaõ pera Cuaquem. O Gouernador os mandou leuar a bom recado por q̃ sabiaõ a terra, pera se aproueitar delles. Este lugar em que a gelua varou, está em vinte & dous graos & meyo. D'aqui foraõ nauegando por espaço de cinco dias, & no cabo delles acharaõ hũa fermosa angra onde toda a armada entrou a fazer agoa que achou de muitos poços.

Aqui se desafiaraõ dous soldados, chamados, Antonio do Prado, & Fernaõ Nunez Vidal, que nós conhecemos mũy bem, & foi da obrigaçaõ de dom Diogo de Crasto o magro, d'Euora: & em tempo do Conde do Redondo foi feitor de Goa: Estes soldados eraõ ambos mũy bons caualeiros, & andando brigando muito espaço, Fernaõ Nunez como era homem mũy manhoso nas armas, & mũy destro da maõ esquerda, andando com o outro na força da briga, mudou a espada á maõ esquerda, & tomando o prado por hũa ilharga em descuberto, deulhe hũa estocada de que logo cahio: & cuidando ficaua morto recolheose pera a fusta de dom Garcia de Crasto, com quem ya: que logo se afastou pera fora, apelidando outros capitaẽs

amigos,

amigos, pera que o Gouernador lhe naõ fosse prender o soldado. O Prado era da fusta de Alonso Anriquez,& tanto que lá se soube, foraõ os mais soldados por elle,& achãdoo ainda viuo o recolheraõ, & o curaraõ,& viueo. E nesta era de nouenta & sete em que isto escreuemos, viue ainda vm Fernaõ Nunez nesta cidade de Goa, que foi vm dos q̃ o leuaraõ ás costas. Deste socesso se ficou esta agoada chamando a do desafio, que está em vinte & coatro graos & meyo.

CAPITVLO VIII.

De como o Gouernador dom Esteuaõ da Gama destruio a cidade de Alcocer, & desembarcou em Tôr. E de como deixou de destruir aquella cidade a rogo dos frades de sancta Caterina de Monte Synai: & dos caualeiros que ali armou. E da regra que estes frades seguem.

PARTIDOS da agoada do desafio, dahi a tres dias tomaraõ hũa enceada pequena duas legoas antes da cidade de Alcocer, a onde se detiueraõ por darẽ folga aos marinheiros, mariscãdo, & fazendo agoa,& começando a vẽtar o Leuante se recolheraõ cõ muita pressa,& deraõ á vela, por se aproueitarem do vento. Socedeo ficarem dous marinheiros em terra,por andarem muito desuiados, & acodindo á praya vendo ir os nauios á vela,assentaraõ de se ir de longo do már, por q̃ forçadamente os nauios auiaõ de tomar algũa enceada de noite,ou sorgirẽ perto da terra, pera se lançarem a nado a elles: & asi foraõ caminhando a tè darem em hũa grande estrada, polla que foraõ dar na cidade de Alcocer. E sendo vistos dos naturaes,& conhecẽdo q̃ era gẽte estranha (posto q̃ tambem eraõ Mouros Arabios como elles) prenderaõnos, & nas perguntas souberaõ da armada Portuguesa,& de tudo o que era passado.

Os moradores da cidade assombrados com aquellas nouas, mandaraõ com muita pressa as molheres pera a serra,& tomaraõ os que eraõ pera isso as armas pera se defenderem, se os Portugueses quisessem entender com elles. Andando neste trabalho apareceo a nossa armada, que se ya chegando bem á terra pera a descobrirem,& notarem a cidade,que estaua estendida sobre o már. Os della lhe atiraraõ algũas bombardadas pequenas, que acenderaõ o desejo ao Gouernador de desembarcar, por que ya em duuida se o faria ou naõ: & declarando seu

parecer a todos os achou conformes. Pello q̃ pondo a proa em terra, deitou a gẽte nella, repartida em tres bãdeiras, de que eraõ capitaẽs dom Christouaõ da Gama, que leuaua a dianteira, Tristaõ de Tayde, & o Gouernador, com todos os fidalgos da armada. Dom Christouaõ cometeo a cidade com grãde valor, & determinaçaõ, desbaratãdo os que se lhe offereceraõ em defensaõ, com quem foi entrando de enuolta. Os naturaes cortados do ferro, & do medo dos nossos, largaraõ a cidade, & se acolheraõ á serra. Dom Christouaõ mandou recado ao Gouernador, que a cidade estaua despejada, & indosse chegando mãdou tocar a recolher, por que naõ ouuesse algũ desmancho. Despedindo recado a dom Christouaõ q̃ se naõ embaraçasse com cousa algũa por naõ perderẽ tempo, & q̃ se recolhesse, & fosse dando fogo á cidade, o q̃ elle logo fez, ardendo toda sem ficar cousa algũa em pé, no que ouue notaueis perdas, por estar macissa de mantimentos, & fazendas, como aquella que era a principal escala de toda aquella banda.

Os nossos embarcaraõse a seu saluo, & no már queimaraõ hũa Nao, & vm Galeaõ da feiçaõ dos nossos, de coatrocentos toneis, & muitas Geluas carregadas de mãtimentos, de que primeiro se proueo toda a armada. Os marinheiros que estauaõ prezos, nesta reuolta tiueraõ tempo pera fogirem, & se embarcaraõ em seus nauios. Aqui tomou dom Ioaõ de Crasto o Sol, & achou que estaua esta cidade em vinte & cinco graos & meyo. Della ao Cairo ha cinco dias de caminho. Nas muitas ruinas de edificios que ainda oje aparecem, se mostra que ja esta cidade foi muito mayor. E asi presumiraõ alguns que fosse a antiga Filotéra, ainda que quanto a nós mais parece Amiosormo de Plinio. Este dia, que foi vm Domingo, quatorze de Abril, ficou ali a armada dãdo folga aos marinheiros, & ao outro dia se fizeraõ á vela, & atrauessaraõ a outra banda de Arabia, & a quinta feira foraõ auer vista do lugar de Tór. O Gouernador por saber que auia ali Christaõs, determinou de tomar terra, por ver se podia auer fala de algum, pera saber o estado em que estaua Sués: & endireitando com a terra vio andar na praya vm esquadraõ de Turcos d'espingardas q̃ se assomou em duzentos, que tanto que ouueraõ vista das nossas velas acodiraõ á praya a ver o que era. Dom Esteuaõ mandou tomar as velas, & a remo se foi chegando pera a terra, donde lhe atiraraõ alguas bombardadas, & detendosse tomou parecer sobre o q̃ faria, & a todos pareceo bẽ q̃ desembarcassem, ainda q̃ naõ fosse mais que pera tomarem algũa pessoa q̃ lhes desse rezaõ de Sués. E armandosse

doſſe com muita preſſa, mandou o Gouernador que deſembarcaſſem na meſma ordem que em Alcocer, como logo fizeraõ, ſendo o Gouernador o derradeiro, & a bãdeira de Chriſto que lhe leuaua Luis Anriquez ſeu Alferes.

Poſtos em terra, acharaõ nos Turcos grande reſiſtencia, por que como eraõ os mais delles de eſpingardas feriraõ da primeira ſurriada alguns. Mas dom Chriſtouaõ da Gama apertou tanto com elles, que a ſeu pezar, & com muito dano os arrancou do campo, & os fez recolher pera a cidade, que era muito arrezoada, & de grandes caſarias. Os da dianteira que yaõ apertando com elles, foraõ entrando de enuolta, mas os Turcos de eſcaldados vararaõ pella outra banda fóra: & o meſmo fizeraõ todos os moradores. Dom Chriſtouaõ, & Triſtaõ de Tayde, foraõ entrando a cidade a pos os imigos, cada vm por ſua parte. Triſtaõ de Tayde pella que foi encontrou dous frades dos de monte Synai, que yaõ com muita preſſa pedir miſericordia aos Portugueſes, pera que naõ deſſem fogo á cidade, por que tinhaõ nella vm templo. Triſtaõ de Tayde em os vendo, logo conheceo que eraõ religioſos pellos habitos, & tonſuras, por que tinhaõ cercilhos & coroas, & remetendo a elles os leuou nos braços com muito amor, & com elles voltou pera o Gouernador, & chegando a elle ſe lhe lãçaraõ aos pés, pedindolhe da parte de ſanta Catherina, q̃ perdoaſſe áquella cidade, & a naõ mandáſſe queimar: por que auia nella muitos Chriſtaõs, & vm templo diuino.

O Gouernador com as lagrimas nos olhos de ver em meyo d'aquelle Mouraiſmo, religioſos, & Chriſtaõs, abaixandoſſe todo os leuou nos braços, aleuantandoos com muita charidade. E logo mãdou com muita preſſa recado a dom Chriſtouaõ que ſobreſtiueſſe, & naõ fizeſſe dano algum na cidade, o que elle fez tornandoſſe pera elle. O Gouernador ficou com os frades em muitas praticas, & em perguntas de que lhes deraõ boa rezaõ, mas nenhũa do eſtado em que Sués, nem as Galés eſtauaõ. Os frades lhe pediraõ que foſſe com elles ao ſeu moſteiro pera os honrar, & pera conſolar os mais religioſos, o que elle fez com muito goſto: indo na ordem em que deſembarcaraõ, & atraueſſaraõ a cidade a tè chegarem ao moſteiro, que era do orago de ſanta Caterina. A porta delle foraõ muito bem recebidos de todos os mais religioſos, com grandes moſtras de amor, & charidade: & tomãdo o Gouernador no meyo, entraraõ pella igreija em prociſſaõ, cantando Pſalmos a ſeu modo. Na capella fez o Gouernador oraçaõ, & pella igreija todos

os mais,com hũa alegria, que lhes pulaua pellos olhos, por ſerem os primeiros Chriſtaõs da Europa, que com maõ armada, & com ſuas armadas chegaraõ áquelle lugar.

E pera memoria de taõ admirauel jornada (muito mais dina de engrandecer que a de Iaſon ao velocino d'ouro) armou o Gouernador dentro na capella caualeiros a todos os que quiſeraõ, & pediraõ aquella ordem todos os fidalgos: eſta foi a cauſa de que dom Luis de Tayde (que aqui foi armado entaõ caualeiro) mais ſe jactaua, que de todas as em que ſe achou: & oje em noſſo poder eſtá ainda o proprio aluara de caualeiro que o Gouernador ali paſſou a vm Ioaõ Camelo, que relata eſta jornada muito por extenſo.

Eſte auto celebrou o Gouernador com muitos inſtromentos de alegria, & com grandes ſaluas de artelharia:& ſobre tudo com muitas graças & louuores que todos deraõ a Deos noſſo Senhor, & a bemauenturada ſancta,em cuja caſa eſtauaõ, por tamanha merce como aquella. O Gouernador pedio aos padres algũas reliquias ſantas, pera leuar pera memoria & lembrança ſua, que lhes elles deraõ, ainda que poucas, por dizerem que as principaes & mais eſtimadas eſtauaõ na propria caſa de ſanta Caterina, que d'ali aparecia em cima do monte Synai, hũa jornada de caminho: pedindo ao Gouernador que eſperaſſe dous dias pera lhas irem buſcar. Elle lhes agardeceo muito aquella võtade,dizendolhes, que ſe naõ podia deter. E mandandolhes fazer algũas charidades ſe deſpedio delles, que o acompanharaõ a tè a praya, a onde todos ſe abraçaraõ com muito amor naõ ſe fartando os noſſos de os ver & cariciar. E aſsi ſe embarcaraõ com grandes ſaudades.

Eſtá eſta cidade de Tór em altura de pouco mais de vinte & oito graos: foi em outro tempo muito proſpera, & por muitas ruinas antigas, & por ſeu ſitio, affirmaõ alguns Geographos,que foi a antiga Elana. Os frades deſte moſteiro de monte Synai, ſaõ da ordem de ſaõ Baſilio,ſeguẽ a igreija Grega, & obedecem áquelle Patriarcha, o que a de ſer ſempre eleito, ou deſta ordem,ou da de ſaõ Sabba, que ſaõ outros religioſos, que viuem apartados do pouo,aſsi como os noſſos Biguinos da ſerra Doça, a que os Gregos chamaõ Calorios, que quer dizer, homens bons & virtuoſos: que ſeguem os eſtatutos de ſanto Antaõ primeiro Abbade. Neſte lugar de Tór ha cinco braças do ſundo muito bom & limpo.

CAPI-

CAPITVLO IX.

De como o Gouernador dom Esteuaõ da Gama chegou a Suès: & da descripsaõ de todo aquelle estreito: & do sitio deste lugar. E de como querendo desembarcar lhe sayo muita gente que estaua de guarniçaõ. E o Gouernador se recolheo, sem fazer cousa algũa.

PARTIDO o Gouernador dom Esteuaõ da Gama de Tór pera Suès, foi seguindo sua derrota, & já d'ali pera dentro quem naõ vai muito cosido com a terra, a vai vẽdo d'ambas as partes, por que se vaõ metendo no saco do estreito. Por aqui foraõ nauegando de dia com muito tento, & sorgindo de noite por causa das restingas, & no cabo de oito dias hũa coarta feira á noite sorgiraõ duas legoas de Suès com grande aluoroço de todos. E primeiro que tratemos do q̃ lhe aconteceo, diremos breuemente do sitio deste lugar.

Foi antigamente ali hũa fermosa cidade, & ao presente era cousa taõ pouca, q̃ naõ tinha mais de trinta ou corenta casas de palha: por ser o lugar em si deserto, & esterile, sem hũa aruore, nem erua verde, nem agoa de que aquelles moradores bebessem, & como saõ pobrisimos, prouense d'algũs poços q̃ estaõ dali a duas legoas, donde lha trazem em camellos a vender, & ainda esta he taõ salobra, que quem a naõ costuma, a naõ pode beber. Neste lugar aparecem ainda grandes roinas, de hũa muito fermosa cidade, que já ali esteue em tempo de pagaõs: & muitos affirmaõ que foi a dos Heroas, taõ nomeada dos escritores antigos, posto que a mais cõmum opiniaõ he que foi a cidade de Arcinoe, q̃ Plinio diz ser no fundo do már roxo, edificada ali de Ptholomeo Philadelpho, do nome de hũa sua irmã.

Estrabo diz, que esta cidade tambem fora já chamada Cleopatrida, & que junto della era a cidade dos Heroas. Foi esta cidade em tempo dos Reys do Egypto, a mais celebre que auia por aquellas partes, por que todas as fazendas do Oriente, que yaõ por via do már roxo, descarregauaõ ali: & asi o mais importante rendimento que aquelles Reys tinhaõ, eraõ as entradas que se pagauaõ dellas. E era isto tanto asi, que affirmaõ Estrábo, & Plinio, que desejando Elrey Sesostre de fazer aquellas entradas mais faciles, por escusar o trabalho de leuarem d'ali as fazendas por terra em camellos, mandara abrir hũa das bocas do Nilo, chamada Delta, pera leuar o már por hũa

fossa grande a tè a cidade de Arcinoe, que será distancia mũy perto de doze legoas, pera por ella irem as embarcaçoens descarregar no Nilo. E por que lhe affirmaraõ que o már roxo era mais alto que o Egypto,& que se lhe desse passagem alagaria toda a terra, leuara maõ da obra.

Outros dizem que esta caua naõ mandara abrir se naõ Elrey Psanitico, sendo moço, & que por sua mòrte a fora continuando Dario, & que depois Ptholomeo a quisera acabar,& que tambem a deixara imperfeita. Esta obra intentou tambem o Turco Amurathes(que morreo agora na era de nouenta & coatro,ou de nouenta & cinco) por que parece desejaua de passar por ali suas armadas á India:& mãdou a isso Mamede Baxá, & algũs grandes officiaes pera aquelle negocio:pera que se ajuntassem com o Baxá do Egypto,& vissem se era posiuel fazerse aquella caua, pera por ella entrar o már roxo no rio Nilo. Estes homens andaraõ fazendo suas traças,& deitando suas medidas,& acharaõ o inconueniẽte que Sesostre, & que sem duuida o már roxo era mais alto tres couados que o Nilo,& que se perderia toda a terra do Egypto: & leuou por esta rezaõ tambem maõ da obra. Isto nos contou nesta cidade de Goa,vm Rabi muito douto na ley,chamado Ioseph,natural de Soloniche, q̃ dizia que se achara presente a caso áquellas medidas.

E tornando a nosso fio: Plinio parece que chama tambem a esta cidade de Sués, Daneo, por q̃ diz estas palauras. No vltimo seyo do golfo Arabico, está vm porto chamado Daneo, de que ja determinaraõ leuar hũa fossa nauegauel a tè o Nilo. Por que naquella cidade de Daneo se descarregauaõ as fazendas q̃ yaõ da India por már, & d'ali passauaõ em cafilas a tè Alexandria. Eraõ taõ grossas as entradas que os Reys do Egypto tinhaõ destas fazendas, & ainda o Imperio Romano,(depois que foi ter a seu poder) que affirma Marco Tulio em hũa oraçaõ, que rendiaõ doze mil & quinhentos talẽtos, que pella conta de Budeo fazem sete milhoens & meyo de ouro: como milhor se pode ver nos sete volumes das leys,a onde estaõ escritas todas as sórtes de fazendas & drógas, que da India yaõ pera aquelle estreito: que Arriano autor Grego,tambem nomea muito particularmente. E por esta rezaõ os Soldoẽs do Egypto mandaraõ abrir muitas cisternas que se enchiaõ d'agoa do Nilo, por aquella caua que Sesostre mandou abrir, o que tudo os Mouros depois desfizeraõ,& derribaraõ,ficando ainda muita parte desta caua, & de outras cousas,conseruando a memoria antiga do que ali foi.

E posto que o nosso Ioaõ de

Barros compare mũy bem este estreito a vm lagarto, & asſi o mostra nas cartas, & mapas: todauia naõ deixaremos de fazer tambem noſſa demostraçaõ, que naõ vai a deſproposito, & por ella ſe entenderá milhor este ſitio de Sués, & do modo em que as Galés estauaõ.

Quer todo este estreito imitar a tromba de vm Alifante, cujos dẽtes ficaõ ali como aquellas duas entradas da bãda de Arabia, & da Abaſia. E aſsi como a tromba vai fazendo aquelle vaõ pello meyo, deixando aquellas ilhargas de hũa & da outra parte: aſsi faz pello meyo deste estreito vm bom canal, & pellas ilhargas quaſi que he todo maciſſo de restingas, ilhas, baixos, & outros impedimentos, por onde ſe naõ póde nauegar, ſe naõ de dia, & em vaſilhas pequenas, & com muito tento. Vai todo este estreito fenecer naquelle focinho de Alifante, com duas ventãs, onde está o lugar de Sués, & naquelle vaõ que diuide hũa venta da outra, faz neste lugar vm esteiro, & na venta da banda de Arabia tem vm arrecife de pedra, & da outra banda do Egypto faz hũa ponta de hũa ſerra que ali ſe vai abaixando a tẽ vir beber no már, com hũa praya de area á roda, em cuja põta está vm castello roqueiro de taipa coadrado, de trinta braças em coadra, & em cada hũa ſeu cubelo cõ algũas peças de artelharia. De longo desta praya estauaõ varadas as Galés que eraõ corenta, que entraõ por este esteiro que faz ambas as ventas: & na outra da banda de Arabia estauaõ as Naos & Galeoens, que tambem entraõ pera ſe vararem por este canal de agoas viuas.

O Gouernador tanto que ſorgio chamou os capitaẽs a ſi, & lhes diſſe, que ſeria bem mandar diante Tristaõ de Tayde, com alguns homens de confiança, pera irem a Sués, a ver ſe podiaõ tomar algũa eſpia, pera ſaberem o como as Galés estauaõ & parecẽdo bem a todos, mandou embarcar no Papagayo com Tristaõ de Tayde, o Grego Ianiçaro Garcia de Noronha (que o Viſorrey dom Garcia de Noronha fez em Diu Christaõ como temos dito no capitolo ſetimo do quinto liuro) & com elle tres valeroſos ſoldados, chamados Fernaõ Diaz Ceſar, Ioaõ fidalgo, & Antonio Pereira (este homem teue em Goa hũa irmã chamada Ieronima Pereira caſada com vm cidadaõ hõrado por nome Simaõ da Cunha, de quem teue alguns filhos, & duas filhas caſadas, hũa cõ Aires de Souſa filho de Christouaõ de Souſa de Sanctarem, q̃ foi capitaõ de Chaul, nas differenças de Pero Maſcarenhas, & Lopo Vaz de Sam Payo, como na coartã Decada diſſemos, no capitolo oitauo do terceiro liuro, & outra com Manoel de Saldanha filho de Antonio de Saldanha, tambem

de Sanctarem, que faleceo de parto.) Estes tres soldados por ordem do Gouernador dom Esteuaõ da Gama se despiraõ, & encacharaõ, & se vntaraõ de ceuo todos, pera q̃ naõ podesse pessoa algũa pegar delles: & deu ordem á Tristaõ de Tayde que fosse ao lugar que lhe mostrasse Garcia de Noronha (q̃ sabia mũy bem a terra) & em muito silẽcio lançasse aquelles tres soldados a nado, pera irem a terra a ver se podiaõ tomar algũa pessoa, pera lhes dar rezaõ de como as Galés estauaõ: dando por regimento a Tristaõ de Tayde, q̃ tornasse a voltar antes do coarto d'alua.

Partido Tristaõ de Tayde, foi remando tudo o que pode, & errãdo o canal (por ser muito escura a noite) andou as apalpadelas a tẽ se lhe gastar toda a noite. E vendo Tristaõ de Tayde aquillo, tornou a voltar pera a armada, a que chegou de madrugada. Vendo o Gouernador o que lhe tinha acontecido, mandou leuar ancora, & foi seu caminho, com determinaçaõ de ir asi sem mais espia cometer o porto, onde chegou ao outro dia pella menhã, diuisando logo o castello & as Galés, que estauaõ todas varadas ao longo d'aquella praya, com as proas pera o már. Esta vista foi pera todos do mór contentamento que podia ser. O Gouernador ajuntando a si as fustas, mandou a seu irmaõ dom Christouaõ da Gama que se adiãtasse com oito nauios que lhe nomeou, & que fosse queimar as Galés, & q̃ elle lhe iria com os mais nas costas. Dom Christouaõ com os seus nauios postos em armas foi demandar a terra, & sendo a tiro de falcaõ, dispararaõ das naos vm tiro grosso, que era o sinal q̃ faziaõ aos seus, por que já estauaõ sobre auiso da armada, asi de Cogeçofar, como de Cuaquem. Os nauios yaõ auiados, & adiantaraõse de todos dom Ioaõ de Crasto, Tristaõ de Tayde, & dom Francisco de Meneses, que eraõ mais ligeiros, & foraõ endireitando com a ponta do esteiro, onde as Galés estauaõ. Vendo dom Christouaõ q̃ ja naõ podia chegar com elles, voltou pera a outra banda a onde estauaõ as naos, pera as queimar: & como d'aquella parte era tudo arrecife, varou por cima delle, & com trabalho se tornou a afastar, & tornou a endireitar pera onde yaõ os outros, & como ya atrauessado lhe deraõ do castello hũa bombardada, cujo pilouro deu junto delle, & o borrifou todo. Dom Ioaõ de Crasto, Tristaõ de Tayde, & dom Francisco de Meneses chegaraõ a terra, indo os mesmos soldados enceuados, com lanças de fogo pera saltarem em terra, & irem pôr fogo ás Galés: & inda bem os nauios naõ chegaraõ, quando arrebentaraõ de detras do monte, perto de dous mil Turcos de caualo, com duas

duas bandeiras grandes & farpadas, gente toda muito lustrosa, & remeteraõ com a praya. Alguns dizem que já o soldado Antonio Pereira estaua nella, & que se recolhera com a agoa pellos peitos. Os nossos vendo os Turcos afastaraõse pera fora, & lhe deraõ hũa salua de falcoadas, de que lhe derribaraõ alguns, & asi se tornaraõ ao Gouernador muito descontentes & magoados d'aquelle negocio, que cuidauaõ fizessem a seu saluo.

O Gouernador chegou a si todos os capitaens, & lhes perguntou o que faria: ao que todos responderaõ que naõ auia mais que recolher, primeiro que os Turcos lãçassem algũas Galés ao már, por q̃ se os seguissem lhes dariaõ trabalho. Com isto se foraõ afastando, & aquella noite sorgiraõ na ponta de Pharaó, em coatro braças, hũa legoa & meya afastada de Sués. Ao outro dia deraõ á vela com vento fresco, & indo de longo da costa de Arabia, mandou o Gouernador perguntar aos Mouros que tomaraõ na Gelua, se auia por aquella paragem agoa: & elles lhe mostraraõ defronte vm lugar, que diziaõ chamarse os doze póços de Moyses: & que por aquelle proprio lugar por onde yaõ entaõ passaraõ os filhos de Israel, quando fugiraõ de Pharaó: & que aquella era a agoa que se lhes abrira. O Gouernador por que leuaua bom vento naõ se quis deter. Os soldados que ouuiraõ como por ali passára Moyses, encheraõ alguns frascos d'aquella agoa, & depois de chegarem a Goa foraõ á rua direita onde viuiaõ algũs Christaõs nouos mercadores, & vasandolhes a agoa pellas portas, diziaõ. Vedes aqui a agoa que se abrio a vossos antepassados, quando foraõ fogindo do Egypto.

Estes póços que ali mostraraõ aquelles Mouros (& q̃ andaõ nas nossas cartas de marear por poços de Moyses) naõ achamos a causa por que se chamaõ asi. Por que segundo temos da Escritura, depois dos filhos de Israel passarem o már roxo á outra banda, naõ acharaõ logo agoa, & andaraõ pello deserto de Sur tres dias, a tè iré ao lago amargós que Moyses fez doce com a vara: & d'ali passaraõ a Elim onde acharaõ doze fontes de agoa doce.

O Gouernador foi seguindo sua viagem com vẽto prospero, & em poucos dias chegaraõ a Maçuá, & achou todos os soldados aleuantados contra Manoel da Gama, que era vm fidalgo taõ forte, & trabalhoso de condiçaõ, que naõ se podia sofrer: pello que se lhe foraõ oitenta homens pera o Preste, & no caminho foraõ roubados & mortos: & elle tirando deuassa do caso, enforcou cinco homens, que achou que sabiaõ de sua fogida, que o Gouernador achou ainda

na

na forca, que estaua na praya.

Estes homens, segundo todos dizem, foraõ enforcados sem culpa, & á hora de sua morte emprazaraõ a Manoel da Gama, que antes de vm més endoudeceo, & morreo, indo já o Gouernador sain do pello estreito fóra, & o mãdou enterrar, em hũa d'aquellas ilhas da boca. Tãto que o Gouernador chegou a Maçuá, que soube do caso, sintio muito, & dissimulouo, por que Manoel da Gama era seu tio. Chegou o Gouernador aqui alguns dias já andados de Iunho, & deixousse ficar esperãdo a mouçaõ pera a India.

CAPITOLO X.

De todos os Emperadores Christaõs da Ethiopia, que reinaraõ depois que se descobrio a India: & das guerras que lhe fez Elrey de Adel, tomandolhe a môr parte de seu reino: & de como a Raynha mãy d'Elrey, sabendo estar o Gouernador em Maçuâ o mandou visitar, & pedirlhe soccorro.



IA que auemos de tratar das cousas da Abasia d'aqui por diante, pareceonos bem fazermos hũa breue relaçaõ de todos aquelles Emperadores de que tiuemos conhecimento & noticia a tè gora: por que com o fauor diuino pello discurso da historia iremos continuando com os que socederaõ.

Pello que se á de saber, que nos annos do Senhor de mil coatrocẽtos oitenta & oito: mandou Elrey dom Ioaõ o segundo de Portugal á descubrir o Preste Ioaõ, pella fama que confusamente andaua na Europa delle. Reinaua naquelle tempo sobre toda aquella Ethiopia o Emperador Escander (por outro nome Alexandre) que faleceo naquelle tempo em que dom Vasco da Gama foi a primeira vez descobrir a India. A este socedeo seu filho Naut, que reinou doze annos: & por sua morte ficou seu filho Dauid, minino, debaixo da tutoria de sua mãy Helena, (que he aquella que mandou a Portugal o Embaixador Mateus, que foi aquelle que o anno de mil quinhentos & quinze, leuou comsigo dom Rodrigo de Lima, quando Elrey dom Manoel o mãdou por Embaixador ao Preste: & já quando lá foi, gouernaua o Dauid, que viueo pouco depois. A este soceдeo Vnag Sagad, seu filho, q̃ morreo perto dos annos do Senhor, de mil quinhentos trinta & vm. Ficoulhe socedendo no reino seu filho Atanad Sagad, (que he este com quem auemos de continuar) que por outro nome se chamaua Claudio: & assi o nomeaõ o padre

Francis-

Francisco Aluarez, Castanheda, & Petro Mapheo.

Este tambem ficou moço por morte de seu pay, que já em sua vida trazia grãdes guerras com vm Rey Mouro visinho chamado Gradá Amed, q̃ reinaua naquella parte, a que os Geographos chamaõ Troglodita, & tinha sua corte na cidade de Zeilá, & chamase aquelle reino de Adel. Este auia poucos annos que se tinha feito vassallo do Turco Soleimaõ, sendoo antes dos Emperadores da Ethiopia, sobre o que eraõ todas as guerras cõ Elrey Claudio, ou cõ seu pay. Vendo agora o Rey minino, & em poder de tutores: como era sagás, entendeo que aquillo era muita parte de destruiçaõ dos reinos: pello que ajuntou grandes exercitos cõ que entrou por toda Ethiopia, conquistando & senhoreãdo tudo por onde passaua, destruindo, & assolãdo os templos, catiuando, & mal tratando os Religiosos, fazendosse em poucos annos senhor da mór parte d'aquelle imperio.

O Emperador Claudio recolheosse pera aquella parte do reino de Goiame: & a Raynha sua mãy cõ o Barnagais se meteo em hũa serra chamada Damá, que a natureza fez sobre todas as do mũdo inexpugnauel, por esta maneira. Vai sobindo esta serra do meyo de vm campo grande em igual distancia vm bom pedáço, em cima se vai estendendo vm planice em forma circular, lançando pera todas partes vm capello, que quer imitar a forma de vm sombreiro, com a copa virada pera baixo, & a róda toda de cima he hũa planura que terá hũa muito boa legoa de largura. E asi como o sombreiro virado com as abas por cima lança aquellas fraldas pera fóra: asi esta serra lança aquelle capello taõ direito & igual, que parece que o talharaõ á maõ, naõ deixando lugar pera se poder sobir a cima, se naõ por hũa só parte, pollo que se sóbe em caracol com trabalho, a té chegarem acima a aba, onde a natureza parece que deu vm golpe com hũa tisoura, deixãdo naquelle capello hũa pequena abertura como escotilhaõ de nauio, pera entrarem por elle. E pera isso he necessario, lançarem de cima hũa padiola com hũa corda grossa, em que deitada a pessoa he alada á cima: & nesta parte tem hũas portas de ferro pera defensaõ da sobida, sem embargo de ninguem poder ir acima senaõ for leuado na padiola. Tem esta serra no cume hũa boa pouoaçaõ, com vm templo de Religiosos, em que auerá perto de cincoenta. Tẽ grandes cisternas, em que se recolhe a agoa da chuua, a fora algũas alagoas que o inuerno faz, em que bebe todo o gado grosso, & miudo, que em cima ha de contino. No plano de cima, semeaõ tanto mantimento de toda a sorte, que bastan-

baſtantemente póde ſuſtentar cada anno quinhentos homens, o q̃ a faz ſer muito mais fórte, por que nem por guerra, nem por fóme pode ſer tomada. E por ſer tal, coſtumaõ os Emperadores de Ethiopia recolher nella todos ſeus filhos, tirando o herdeiro, & ali viuem como fechados, & encarcerados, ſem poderem perpetuamente ſair d'ali (o que fazem pera euitar diuiſoẽs entre os irmaõs. Aqui tem paços grandes com ſeus jardins pera ſua recreaçaõ.

Eſta ſerra eſcolheo a Raynha, que ſe chamaua Sabani, & por outro nome Eliſabel, com ſuas molheres, & familia, cõ o Barnagais, aſsi por forte & ſegura, como por de todo naõ deſemparar aquella parte, onde já naõ auia outra couſa por conquiſtar dos Mouros ſe naõ ella. Aſsi eſtaua eſte Imperio de Chriſtaõs no mais miſerauel eſtado, em que nunca ſe vio, por q̃ naõ auia templo em pé, nem Religioſo recolhido, por todos andarem pellos deſertos deſagaſalhados, & deſconſolados. E chegando as nouas á Raynha, de como hũa armada de Portugueſes eſtaua em Maçuá, & que o Gouernador da India ya nella, deſpedio com muita preſſa o Barnagais ao viſitar, & a lhe preſentar as neceſsidades em que eſtaua. E auendo poucos dias que o Gouernador era chegado de Sués, chegou elle a Maçuá, mãdandolhe diãte recado de ſua ida. O Gouernador tanto que foi auiſado della, mandou armar tendas em terra pera o receber, tendo cõſigo o Patriarcha, & todos os fidalgos, & capitaens, mandando embandeirar toda a armada, & toda a gente della poſta em fileiras & ordenanças, diante de ſua tenda, & aſsi o eſperou com grande majeſtade.

Chegado o Barnagais, o Gouernador o ſayo a receber fora de ſua tenda, fazendolhe grandes honras & gaſalhados, & a armada toda lhe deu ſua ſalua. Recolhidos pera dentro, depois de aſſentados ambos em cadeiras d'eſpaldas, o Barnagais com hũa cruz de pao na maõ perante os fidalgos que eſtauaõ em pé derredor do Gouernador, lhe deu ſua embaixada, cujo teor era.

Que a Raynha Sabani, máy d'Elrey Athana Sagad lhe mãdaua os perabens de ſua vinda áquellas partes, & que lhe fazia a ſaber que Elrey de Zeila com o fauor dos Turcos tinha entrado por todo o Imperio de Ethiopia, & ganhados muitos reinos & prouincias, & deſtruidos todos os templos diuinos, & auexados os Religioſos, pello q̃ eſtaua no derradeiro eſtremo de ſe perder toda aquella Chriſtandade. E que pois elle era Chriſtaõ & todos de hũa meſma ley, & Deos o trouxera áquelle tempo, couſa q̃ parecia milagroſa, lhe pedia por aquella cruz em que Chriſto padeceo,

deceo, a quisesse soccorrer, por que de todo se naõ perdessem as reliquias d'aquella Christandade: que Deos nosso Senhor teria cuidado de lhe pagar aquelle taõ grande seruiço seu: & que elle trazia ordem pera dar todas as cousas que fossem necessarias pera a jornada, pera toda a gente que fosse. Isto lhe disse com taõ efficazes exteriores, & ainda interiores de tristeza, que o corpo lhe tremia, & os olhos eraõ viuas fontes.

O Gouernador dom Esteuaõ da Gama com o barrete fóra tomou a cruz & a beijou, & a pós sobre sua cabeça, & depois consolou o Barnagais, & lhe disse que se auia por muito ditoso em ter vindo a tal tempo áquellas partes, em que podesse fazer tamanho seruiço a Deos, & ao Emperador da Ethiopia, & comprir em parte cõ os desejos que Elrey de Portugal seu senhor tinha áquelles Emperadores, que por serem Christaõs os amaua, & tinha como irmaõs: que se agasalhasse, que trataria cõ seus capitaens aquelle negocio, & que logo lhe responderia. O Barnagais se lhe humilhou todo. E sabendo que aquelle era o Patriarcha, que o Summo Pontifice de Roma mandaua pera aquelle Imperio, ajoelhousse a seus pès, & tomou sua bençaõ. E despedindosse do Gouernador foisse aposentar na cidade que era perto.

CAPITVLO XI.

De como se assentou que se desse soccorro â Raynha. E de como o Gouernador dom Esteuaõ da Gama elegeo pera aquella jornada seu irmaõ dom Christouaõ da Gama, & do que lhe aconteceo a té se ver com a Raynha.

DESPEDIDO Barnagais, chamou o Gouernador todos os capitaens a conselho, & lhe propos a embaixada da Raynha, & as necessidades d'aquella Christãdade, pedindolhe conselho sobre o q̃ faria. Debatido por todos aq̃lle negocio, assentaraõ q̃ era muito justo que se soccorresse aq̃lle Rey pois era Christaõ, & pera q̃ vissem os naturaes a cõta q̃ tinhaõ os Portugueses, com as cousas de sua Religiaõ: que se mãdasse em fauor da Raynha vm capitaõ com coatrocentos homẽs, & com todas as cousas que lhe fossem necessarias pera aquella guerra. E como antre todos causou grã de aluoroço aquelle negocio, os mais d'aquelles fidalgos se foraõ offerecer ao Gouernador pera aq̃lla jornada: mas o Gouernador sem dar conta a pessoa algũa, elegeo dom Christouaõ da Gama seu irmaõ, o q̃ todos tomaraõ mal, naõ porq̃ naõ tiuesse todas as partes ne-

cessarias a vm bom capitaõ: mas por que era ainda muito mãcebo.

O Gouernador lhe nomeou coatrocentos homens, repartidos por cinco bandeiras, de que fez capitaens Manoel da Cunha, irmaõ de Vasco da Cunha. Ioaõ d'Afonseca, Francisco & Inofre d'Abreu am bos irmaõs, & Francisco Velho da criaçaõ do mesmo dom Christouaõ. Cada vm destes leuaua cincoenta homens, & o capitaõ mór ficou com os cento & cincoẽta, pera guarda da bandeira de Christo. Os solados destas cõpanhias eraõ dos milhores da armada, que se foraõ offerecer pera aquella jornada. O Gouernador mandou ordenar oito peças d'artelharia de campo, & cem mosquetes acarretados, & muitas moniçoens. E alẽ das armas q̃ os soldados leuauaõ suas, mãdou o Gouernador dar outras tantas de sobrecellẽte, espingardas, lanças, peitos, morrioens, & todas as mais cousas que lhe pareceraõ necessarias em abastança.

Prestes tudo, deu o Barnagais todos os seruidores, camellos, mulas, bois, & mais cousas pera a fabrica do exercito. E aos seis dias do mês de Iulho mãdou o Gouernador q̃ começassem a marchar, despedindo todos com muitas bẽçoẽs, & com seu irmaõ se apartou por aquella praya sós, a onde se despediraõ com grandes saudades, & lagrimas, como que lhe adiuinhaua o coraçaõ, que se naõ auiaõ de ver mais: por q̃ com os derradeiros abraços se viraraõ as costas cõ muitos soluços. Recolheosse o Gouernador pera o seu Galeaõ, & dõ Christouaõ foi vm pedaço pella praya só desabafando em sospiros, & d'ali se foi a dar ordem ao exercito, q̃ já começaua a marchar. O Patriarcha ya entregue ao Barnagais, que lhe deu mulas pera elle, & pera os seus seruidores, & assi mesmo todas as cousas bastantemẽte. Indo o exercito seu caminho, tanto q̃ se afastaraõ da praya, entraraõ por hũas serranias mũy asperas, & fragosas, & aquella noite se recolheraõ ao pé dellas.

Ao outro dia começaraõ a marchar, & como o sol sayo (que naquelle tempo andaua no tropico do Cancro, debaixo de quẽ aquellas terras jazem, & ficaua perpendicular sobre suas cabeças) era a quẽtura taõ excessiua, que os abrazaua, & pera mór ajuda a agoa era pouca, de maneira, q̃ passaraõ muito grande trabalho. Depois de se recolherem com cedo, tomãdo parecer sobre o que fariaõ, assentaraõ que caminhassem de noite, & se recolhessem de dia, por que o ardor do sol naõ se podia esperar, & assi o fizeraõ. E como yaõ por aquellas serras, foraõ dar em vm passo taõ estreito, & ingreme, que lhes foi necessario descarregarem os camellos, & mulas, & passarem os soldados toda a artelharia, moniçoẽs, & mais fabrica, ás costas, sẽdo dom

dom Christouaõ o primeiro que ferraua do trabalho, com tamanha alegria, que fazia a todos sentiré aquillo menos. Seis dias tardaraõ em passar estas agruras, & serranias, sendo jornada de dous, de vm homem escoteiro. Decidos os montes á outra banda, deraõ nas grandes campinas de Baróa cabeça do estado do Barnagais, q̃ viraõ todas retalhadas de muitas & frescas ribeiras, & asi eraõ todas aquellas terras fertillisimas de matimentos & gados. Por ali foraõ caminhando dous dias, & no cabo delles chegaraõ á cidade de Baroá, que era muito grande, & de fermosos edificios. Por meyo della atrauessaua vm muito grande rio que de contino trazia muitos & bós pescados, que se espalhaua por todos aquelles campos em muitos braços, & pellas margens auia muitas villas, castellos, quintas, & casas de prazer, que tudo estaua destruido, & desbaratado com as guerras.

Ao entrar da cidade mandou dom Christouaõ por as bandeiras em ordenança, & elle com a de Christo, & com elle o Patriarcha detras. A porta da cidade acharaõ muitos frades & Religiosos em procissaõ, cantando as Ladainhas. Chegados a dõ Christouaõ, & ao Patriarcha, deitaraõ selhes aos pés, abraçandolhos, & pedindolhes misericordia: elles os leuãtaraõ com muitas lagrimas de prazer, de se verem naquelle estado.

O seu mayoral, começou a engrandecer com palauras a dom Christouaõ, dizendolhe que aquella sua vinda era obra de Deos nosso Senhor, que como seu Apostolo o mandaua remir tantas auexaçoens, quantas auia quatorze annos que padecia aquella Christandade, por maõs de Mouros imigos de sua fé, que tinhaõ postos todos aquelles Christaós em hũa miserauel seruidaõ, & os templos, & conuentos de sua Christianisima Religiaõ destroidos, assolados, & conuertidos em casas de abominaçoens: & que naõ auia em todo aquelle imperio templo aleuantado, em que podessem offerecer seus sacrificios ao altisimo Deos: de cuja parte lhe pedia, tornasse sua honra a seu lugar, & que restituisse aquella terra á sua antiga liberdade: Isto disse com tanta dór & magoa que moueo a todos a lagrimas. Dom Christouaõ lhe disse, que se consolassem, & tiuessem esperanças em Deos nosso Senhor, que elle era o que lhes auia de dar forças, & poder, pera castigar seus imigos.

Acabado isto foraõ caminhando pera a igreija que estaua toda arruinada, & parecia que já fora cousa grande, asi em edificios, como em colũnas & portais, de que ainda auia muitos sinaes. Aqui tinhaõ os Religiosos hũa

capella cuberta de palha em que di ziaõ Missa, nella fez dom Christo- uaõ oraçaõ, & tornou a voltar pe- ra fora da cidade, onde tinha man- dado armar suas tendas.

Agasalhados todos, mandou dõ Christouaõ fortificar o seu arra- yal, com fossas & vallos fortes, as- sentando sua artelharia nos luga- res necessarios, & repartindo os capitaens por estancias, que cer- cauaõ todo o arrayal. O Barna- gais começou a correr com os mã- timentos, dando cada dia oito va- cas, & dous bolos de milho & na- chinim grandes a cada pessoa, que lhes bastaua bem, & as vacas tam- bem se repartiaõ por todos. A dom Christouaõ deraõlhe nouas que os Mouros andauaõ por ali perto, & chamando o Barnagais, & mais capitaẽs Abexins, praticou com elles, sobre o modo que teria naquella jornada, se esperaria pel- lo Emperadõr, ou se iria buscar os imigos? O Barnagais lhe disse, que o Emperador estaua muito longe, & que auia mister dous meses pe- ra lhe leuarem o recado: que a- quillo era inuerno, que se naõ po- dia andar pellas terras por serem alagadissas: que era de parecer que se deixassem estar naquelle lugar a tè vir o veraõ, que era or- dinario entrar por todo o mès de Outubro, & que entre tanto se po- diaõ cometer os imigos com algũs assaltos, pera satisfazer á vontade dos soldados Portugueses, que se enfadauaõ de estar ociosos: & que se mandasse buscar a Raynha pe- ra andar no exercito: por que co- mo por todo o reino se soubesse estar em cõpanhia dos Portugue- ses, logo lhe acodiriaõ seus vassa- los, & todos os mantimentos de q̃ tiuesse necessidade.

Pareceo bem a dom Christo- uaõ, & a todos aquelle conselho, & logo despedio vm correo a Ray nha, q̃ estaua d'ali a vm dia de ca- minho, a fazerlhe a saber de sua vinda, & a pedirlhe que se quises- se vir pera elle: & pedio ao Barna- gais que fosse a pos o correo pera a fazer vir, & acompanhar: & mã- dou Miguel da Cunha, & Frãcisco Velho, que fossem com elle com os seus soldados, pera virem acom panhando a Raynha. Tambẽ des- pedio dom Christouaõ correos, q̃ o Barnagais ordenou, cõ cartas pe- ra o Emperador, em que lhe daua conta de todas estas cousas: & lhe pedia se viesse ajũtar com elle, por que esperaua em Deos de desba- ratar seus imigos, & de lhe dar seus reinos liures & quictos.

O Barnagais com os capitaens Portugueses chegaraõ ao pé da serra a onde estaua a Raynha, que ja tinha o primeiro recado de dom Christouaõ, & estaua com grande aluoroço: & vendosse o Barnagais com ella, deulhe con- ta de tudo o que passaua, & com muito aluoroço mãdou chamar os Portugueses a cima, a quem ella recebeo

recebeo com muitas honras, & os mandou agasalhar bem, em quanto se fazia prestes, mandando logo dar pressa pera ao outro dia se partir, como fez, deixando ali sua mãy (que ainda era viua) em companhia de seus filhos. Leuaua a Raynha grande casa de donas, donzellas, & seruidores de continuos della: & no meyo dos Portugueses foi caminhando pera Baroá. Dom Christouaõ foi auisado de sua vinda, & preparouse pera a receber, esperandoa fora do exercito, com toda a gente posta em ordenança, & elle vestido muito louçãmente: & em aparecendo a Raynha começaraõ os nossos a darlhe hũa fermosa salua de artelharia, & de arcabuzaria, cousa que ella estimou muito, por que nunca tal ouuira.

A Raynha foi entrando por antre as fileiras, que a foraõ saluando de todas as partes. Vinha em hũa fermosa mula, com hũa maneira de andilhas cubertas de seda a tè o chaõ, com vm esparauel que se armaua dos braços das andilhas, que se fechaua todo á roda com cortinas de seda. A Raynha vinha vestida em hũas roupas muito aluas, & finas, & por cima vm bedem de cetim preto com grandes cadilhos d'ouro: trazia na cabeça vns toucados grandes & aluos, & de cima da cabeça lhe caya vm veo que lhe cobria todo o rosto. Tanto que começou a entrar por meyo das fileiras deceosse o Barnagais, & a tomou pella redea, com o braço direito despido, pera mayor cortezia: & por cima das espadoas hũa pele de Tygre: & a cada estribeira ya vm senhor dos principaes da mesma maneira. Ella correo as cortinas pera ir vendo os Portugueses. E antes de chegar ao cabo das fileiras a onde dom Christouaõ estaua com a bandeira Real, foise elle adiantando pera lhe falar. O Barnagais a auisou de como elle era, pello que ella por lhe fazer honra leuantou o veo, & ficou com o rosto descuberto.

Dom Christouaõ chegando á ella humilhouselhe, & ella o recebeo com grande gasalhado, & mãdoulhe perguntar pello Gouernador da India seu irmaõ, & pella saude delle. Elle lhe mãdou dizer que o Gouernador ficaua bem, & que por entender o gosto q̃ Elrey de Portugal seu senhor tinha de em tudo ajudar, fauorecer, & seruir o Emperador seu filho, & a ella: & sabendo o trabalho em q̃ estaua o mandara com aquella gente, pera a acompanhar, & que pera o anno esperaua de lhe mãdar mayor poder: & que entre tanto elle com aquelles soldados estaua muito prestes pera tudo o que fosse seruiço do Emperador seu filho, & seu della. A Raynha com o rosto cheo de gasalhado lhe mandou dizer, q̃ já agora tinha muita cõfiança em Deos nosso Senhor, que as cousas

da Ethiôpia, que eſtauaõ taõ derribadas, tornaſſem a leuantar cabeça, & os imigos de ſua fè, pagaſſem as injurias, & afrontas que tinhaõ feitas a ſeus templos, & a ſeus fieis.

Acabado iſto tornaraõ a dar outra ſalua, & dom Chriſtouaõ foi a pé acompanhando a Raynha a tè ſuas tendas, que lhe tinhaõ já armadas, antre a cidade & o exercito. D'ahi a dous dias a foi dom Chriſtouaõ viſitar eſtando com ella o Barnagais, & outros ſenhores Abexins, & ali tornaraõ a aſſentar que paſſaſſem naquelle lugar o inuerno, & que entre tanto viria recado do Emperador. Aſsi ficaraõ ali todo o tẽpo que o inuerno durou, corrẽdo dom Chriſtouaõ ſempre muito pontualmente com o ſeruiço da Raynha, & com o gouerno do ſeu exercito, de feiçaõ, q̃ naõ ouue peſſoa que ſe eſcandaliza ſſe, nem tiueſſe agrauo, de ſoldado algum ſeu, em todo aquelle tempo.

Fim do Setimo Liuro.

LIVRO



LIVRO OITAVO DA QVINTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

De como Martim Afonso de Sousa foi eleito no anno de 1541. pera Gouornador da India. E de como Elrey mãdou pedir a Roma Padres da Companhia: & quaes foraõ os primeiros que entraraõ em Portugal, & passaraõ á India. E do que aconteceo na jornada a Martim Afonso de Sousa a té Moçambique, a onde inuernou.



PELLAS cartas q̃ Elrey dom Ioaõ o terceiro teue do Gouernador dom Esteuaõ da Gama por terra, que chegaraõ este Outubro passado, soube da morte do Visorrey dom Garcia de Noronha, & de sua socessaõ, pello que logo determinou de prouer a India de Gouernádor. E posto que dom Esteuaõ da Gama tinha na corte dous parentes taõ honrados, como o Conde da Vidigueira seu irmaõ, & o do Vimioso seu cunhado (que trabalharaõ bem por lhe naõ mãdarẽ socessor) todauia pode mais a valia do Conde da Castanheira, que entaõ mandaua tudo: & meteo naquelle lugar Martim Afonso de Sousa seu primo com irmaõ, (que naquellas naos passadas tinha chegado da India, taõ honrado, & cheyo de victorias. E posto q̃ por entaõ parecia que entraua valia naquella eleiçaõ, quanto á pessoa foi muito bem acertada: por que este fidalgo tinha todas as partes necessarias pera o cargo, por cujo saber & prudencia, depois em quãto viueo, foi vm dos principaes do conselho d'Elrey dom Ioaõ, & de Elrey dom Sebastiaõ seu neto.

E como Elrey nesta conquista da India tinha o intento principal na dilataçáõ da fé Catholica, vendo como nella ya crecendo aquelle graõ de mostarda do Euãgelho tanto, que começaua a fazer sombra a todo aquelle Pagaismo do Oriente, & que por falta de ministros deixaua de se estender ainda mais: vindolhe nouas como os Padres da noua Companhia de IESV começauaõ a florecer em letras, & doutrina: despedio correos apressados a Roma, com cartas á

dom Pedro Mascarenhas, que lá tinha por Embaixador, pera que lhe ouuesse do Summo Pontifice, & do Padre Ignacio de Loyola, fũdador desta noua Religiaõ, seis Padres pera irem á India a pregar, a soprar, & acender o lume da fé naquelles caruoens apagados da gentilidade do Oriente.

Era o Padre Ignacio, ou Ignigo, que era o seu verdadeiro nome, de naçaõ Espanhol, natural da prouincia de Guiposcoa, filho de Beltraõ de Loyola, senhor da villa de Loyla, & cabeça d'aquella familia, que era nobilissima, que arrebatado de vm amor & charidade sobre natural de Deos, & dos proximos, desejando de aproueitar, & naõ ser chamado seruo inutil, sayo de suá patria, & nos annos do Senhor de mil, quinhentos, trinta & oito, no Pontificado de Paulo terceiro começou a dar principio áquella noua companhia, põdo nella as primeiras plantas, naõ simples, nem tenras, que os ventos & contrastes podessem logo derribar: mas de varoens grauissimos, doutissimos, & de vida Apostolica, que logo começaraõ a espantar o mundo com sua vida & doutrina.

Dom Pedro Mascarenhas, tanto que lhe deraõ as cartas d'Elrey, logo communicou aquelle negocio com o Padre Ignacio, que era seu confessor, mostrandolhe as cartas, & com muita instancia lhe pedio os seis Padres que Elrey lhe encomẽdaua. O Padre Ignacio lhe disse, que cõmunicaria aquillo cõ o Summo Pontifice, mas que naõ podia dar seis Padres por naõ terẽ a tẽ entaõ mais de dez. Todauia dom Pedro Mascarenhas communicou aquelle negocio com o Papa, & elle lhe concedeo os Padres, que a Ignacio parecesse bem. Em fim elle elegeo pera áquella jornada os Padres Mestre Simaõ Rodriguez, & Mestre Francisco Xauier, & o Padre Micer Paulo, & o irmaõ Francisco de Monsilhas, & fazendosse todos prestes partiraõse logo com dõ Pedro Mascarenhas que já estaua auiado.

E chegando a Lixboa acharaõ as naos de verga d'alto. Elrey recebeo bem os Padres, & vẽdo sua doutrina pedio ao Padre Mestre Simaõ Rodriguez que ficasse naquelle reino, & os mais mandou embarcar com Martim Afonso de Sousa. O Padre Mestre Simaõ fũdou logo o Colegio de Coimbra, que foi o primeiro que os padres tiueraõ em toda a Christandade, tirando o de Roma. O Gouernador Martim Afonso de Sousa deu à vela a sete de Abril, deste anno de corenta & vm: & ya embarcado na nao Santiago. As mais naos eraõ coatro, de que yaõ por capitaens, dom Aluaro de Tayde da Gama, filho do Conde Almirante, que ya prouido da capitania de Malaca. Aluaro Barradas, Francisco

cisco de Sousa, & Luis Cayado, cunhado de Pero Lopez de Sousa, irmaõ de Martim Afonso de Sousa. Embarcaraõse nesta armáda muitos fidalgos, que yaõ seruir & merecer. Antre elles foraõ dom Ioaõ Pereira, & dom Duarte de Meneses seu irmaõ, filhos do Conde da Feira.

Este dom Duarte era mãcebo grande cortezaõ, & de quem se contaõ muitas galantarias, & hũa só que nos occorreo trataremos pera mostrar o seu brio. Sendo o Gouernador Martim Afonso de Sousa hũa tarde do inuerno no campo, foi este fidalgo em busca delle, & achou o lançado na relua com os fidalgos em conuersaçaõ: & descaualgando foisse pera elle. O Gouernador o recebeo cõ grande gasalhado, perguntãdolhe, donde vem v. m. senhor dõ Duarte? ao que lhe respondeo com muita graça, de lá venho de tres ou coatro Condes. E asi era, por que era filho & neto do Conde da Feira, & do Conde Prior dom Ioaõ de Meneses. Outra galantaria quasi semelhante aconteceo em outra tarde destas a Bernaldim de Sousa, filho do Alcaide mór de Arronches, que era muito grande cortesaõ, & muito gago. Tinha elle muitas vezes porfias com o Gouernador Martim Afonso de Sousa, sobre qual era o chefre dos Sousas. Bernaldim de Sousa dizia, que o morgádo de Arronches, & Martim Afonso, que a casa do Prado. E chegando hũa tarde o Bernaldim de Sousa ao campo em busca do Gouernador, leuantousse elle ao receber dizendo pera os outros fidalgos, aqui vem o senhor Bernaldim de Sousa, que he dos chefres dos Sousas: ao que lhe elle respondeo gaguejãdo, esse osso aueis vós de roer. Festejouse muito a reposta, como tambem a de dõ Duarte acima.

E tornãdo a nosso fio: Martim Afonso de Sousa foi seguindo sua derróta, em que teue tantos contrastes, que quando foraõ todas as naos ferrar Moçãbique foi já em Setembro, & por naõ ser tempo de passar á India, deixouse ficar pera a mouçaõ de Março. Estaua Ioaõ de Sepulueda por capitaõ em Moçambique, que o recebeo muito bem, & auia pouco que socedera na capitania a Aleixos de Sousa, q̃ tambem ali estaua póbre, por ter gastado tudo em seruiço de Deos, & d'Elrey, como dissemos no capitolo nono do terceiro liuro. O Gouernador estimou muito achalo ali, por que eraõ parentes & amigos: & por sua honra, esforço, & saber: ficando todos correndo com muitos & grandes primores. E aqui os deixaremos a tè tornar a elles.

CAPI-

CAPITOLO II.

De como o Gouernador dom Esteuaõ da Gama partio pera a India, & do que lhe aconteceo na jornáda a tè chegar a Goa. E de como partio pera Cochim: & das naos que negociou pera mandar ao reino, por faltàrem todas as de viagem.

DESEIOSO o Gouernador, dom Esteuaõ da Gama, de chegar a Goa, antes das naos do reino, tãto que despedio seu irmaõ dom Christouaõ, mandou fazer prestes a armada, & por fim de Iulho se fez á vela, & foi tomar Sacotorá, onde fez agoa, & se proueo de mãtimentos. E partindo d'ali lhe deu vm tempo taõ grosso, & tormentoso, (por ser a despedida do inuerno da India) que espalhou toda a armada: & foi cada vm correndo por onde milhor pode á vontade dos vẽtos, perdidos, & alagados muitas vezes.

A Galeota de Gaspar de Sousa, logo no primeiro dia, naõ podendo sofrer os mares, abrio por ser velha, & foi comida delles: acabãdo ali elle com seu irmaõ, & outros fidalgos que yaõ embarcados co elle. Desapareceo mais a fusta de Aluaro Serraõ: todas as outras foraõ alagadas, & cubertas dos mares muitas vezes, & as que poderaõ surdir, os Galeoẽs trabalharaõ por se porem por suas esteiras, por que ficauaõ os mares maçados, & quebrados: com o que tinhaõ mais algum folego, naõ largando as bombas das maõs nem de dia nẽ de noite, comendo pouco em pé, & dormindo muito menos, tudo com tanto trabalho do corpo & do espirito, que naõ auia homem que se podesse menear, & que naõ fosse desconfiado da vida, fazendo muitos votos, vns de Religiaõ, outros de castidade, outros de romarias, conforme a como Deos os mouia.

Antre estes ouue vm soldado, q̃ por galantaria fez voto a Deos se o liurasse d'aquella tormenta de casar com dona Lianor filha de Garcia de Sá, (q̃ era a mais fermosa dama, que naquelle tempo auia na India: que depois casou com Manoel de Sousa de Sepulueda, q̃ se perdeo com ella no Cabo de boa esperança, como em seu lugar diremos.) Depois da armada chegar a Goa, contaraõ a Garcia de Sá o voto do soldado, o que elle festejou tanto, que o mandou buscar, & lhe perguntou por cousas da jornada, de que lhe elle deu boa rezaõ: dizendolhe que aquelle inuerno se encheriaõ os mosteiros de soldados, pellos muitos votos que se fizeraõ na tormenta. E vós (disse Garcia de Sá) fizestes al-

guns? O soldado lhe disse rindo, vm fiz senhor que naõ posso com prir, posto q̃ da minha parte estou muito prestes. E apertando Garcia de Sá com elle, lho contou, & elle lho festejou muito, & disse ao soldado, que pois em tal tempo lhe vieraõ pensamẽtos taõ honrados, que era justo lhe montassem algũa cousa. E chamando vm homem, que tinha cuidado de sua casa, chamado Francisco Nunez, lhe mandou, q̃ agasalhasse comsigo áquelle soldado, & lhe desse de comer como a sua propria pessoa: & que lhe desse logo cem pardaos em dinheiro, & lhe fizesse vm caixaõ de fato pera sua pessoa o milhor que podesse ser. E disse ao soldado que se agasalhasse, & q̃ em quanto quisesse teria ali certo o necessario: & como se lhe acabasse o dinheiro lhe desse d'olho, que logo seria prouido. E assi todo o tempo que viueo foi muito bem tratado delle, & muito conhecido de todos pello soldado de Garcia de Sá: & depois que socedeo na gouernança da India, lhe deu hũa escreuaninha do Galeaõ de Maluco, & morreo por lá. Trouxemos isto pera q̃ se vejão como os fidalgos d'aquelle tempo tratauaõ os soldados, & os agasalhauaõ.

Tornãdo ao Gouernador dom Esteuaõ da Gama foi correndo a tormẽta, & posto que o seu Galeaõ era fermoso, & grande, elle & todos os mais se viraõ muitas vezes perdidos, seguindoos sempre alguns, que poderaõ aturar, o forol. E no fim de Agosto foi o Gouernador tomar Angediua com a mór parte dos Galeoens: a mais armada, vns tomaraõ a barra de Goa a velha, outros foraõ tomar Baçaim, Bombaim, & outros pórtos. O Gouernador embarcouse logo em alguns nauios de remo que o seguiraõ, & entregou a armáda a Manoel de Vasconcellos, & com os mais fidalgos de sua companhia se partio pera Goa: & os soldados dos Galeoens como yaõ enfadados, ajuntandosse alguns magótes partiraõse por terra pera Goa, pera onde passaraõ sem lhes fazerem dano, nem descortesia algũa.

O Gouernador pós dous dias atẽ Goa, & foi muito bem recebido da cidade, & ficou esperãdo pellas naos do reino todo o Setembro, & parecẽdolhe que iriaõ tomar Cochim, determinou de as ir lá esperar, por que se lhe viesse socessor, se embarcasse pera o reino: & quando naõ, dar auiamento á carga das naos. E primeiro que partisse mãdou fazer prestes vm Galeaõ pera mandar ao reino d'ali de Goa, por via de Moçãbique, pera mór breuidade, & deu a capitania delle a dom Francisco de Lima, escreuendo a Elrey o socesso de sua jornáda, & aos Condes da Vidigueira, & do Vimioso, a quem encomendou seus negocios. Este Galeaõ deixou o Gouernador prestes pera se

ſe partir entrada de Outubro, dãdo por regimento a dom Franciſco de Lima que trabalhaſſe por chegar ao reino antes que as naos foſſem partidas. E elle ſe embarcou pera Cochim, deſpachãdo primeiro dom Franciſco de Meneſes pera ir entrar em Baçaim, & acabar ſeu tempo. Leuou o Gouernador ſeis Galeoens, & perto de trinta nauios de remo: & como leuaua vento freſco, em poucos dias foi a Cochim, onde naõ achou naos, o que o meteo em confuſaõ, por naõ ſaber o que ſeria feito dellas, por q̃ naõ auiaõ de deixar de partir de Portugal, pello q̃ determinou de mandar duas naos com pimenta, que já eſtaua comprada, pera ajuda das deſpezas do reino, por que auia de eſtar em neceſsidades, pellos exceſsiuos gaſtos que tinha feitos os annos atras paſſados, nas grandes armadas que á India foraõ. E aſsi com muita preſſa mãdou negociar hũa nao pequena q̃ cõprou a vm caſado de Cochim, á que pós nome ſaõ Thome, a capitania della deu a dom Ioaõ Deça: & o Galeaõ Zambuco q̃ Ruy Lourenço de Tauora tomou em Agaçaim, que ſayo de manhas excellentes, cuja capitania deu a Ioaõ de Mendoça Caſſaõ.

E por que ſobejáua pimenta, negociou mais hũa Carauela das q̃ comſigo leuou, que deu a dom Pedro de Caſtello branco, que tinha ſaido da fortaleza de Ormuz, de quem elle era muito amigo. Eſtes tres nauios ſe negociaraõ com tanta breuidade, que na entrada de Ianeiro deſte anno de mil, quinhẽtos & corenta & dous, em que com o fauor diuino entramos, ſe fizeraõ á vela. Embarcaraõſe muitos fidalgos nellas, & ſó na ſaõ Thome com dom Ioaõ Deça foraõ, dom Ioaõ Manoel Labaſtro, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór, dom Ioaõ de Caſtro, dom Bernardo de Noronha, dom Iorge de Souſa, dom Iorge Tello, dõ Ioaõ Lobo, Manoel de Mendoça, & outros.

E por que naõ auia tantos marinheiros & grumetes, tomaraõ eſtes fidalgos todo o trabalho da nao á ſua conta, repartindo antre ſi as couſas mais neceſſarias por eſta maneira. Dous delles os amãtilhos, outros dous as eſcotas das gaueas, outros dous os eſtingues, vm o cabreſtante da proa, outro o de popa: & aſsi toda a viagem acodiraõ a eſtas couſas com ſeus criados com tanta diligencia & preſteza, que o naõ poderaõ fazer milhor muito expertos marinheiros: & por eſta rezaõ ſe chamou eſta Nao a dos fidalgos, & tiueraõ taõ boa viagem, que chegaraõ a Portugal na entrada de Iulho. O Gouernador dom Eſteuaõ da Gama depois de dar auiamento ás Naos, vendo que forçado as de viagem, que faltauaõ, auiaõ de eſtar em Moçambique, deſpedio logo

logo vm Galeaõ, de que fez capitaõ Luis Mendez de Vasconcellos pera ir lá, dandolhe por regiméto, que se achasse as naos lhe tomasse os cofres do cabedal, & se tornasse a inuernar á India, pera com o dinheiro ser negociada a pimenta pera a carga d'ambas as armadas que auiaõ de chegar em Setẽbro: asi á que estaua inuernada, como a que auia de vir & partir em Março, & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

Depois do Gouernador dom Esteuaõ da Gama partir de Goa chegaraõ nauios de Ormuz, que deraõ por nouas, que Martim Afonso de Sousa era partido do reino por Gouernador da India: estas nouas se souberaõ por cartas de Veneza. Estaua em Goa vm fidalgo chamado Diogo Soarez de Mello, Galego, grande caualeiro, que naõ era amigo do Gouernador dom Esteuaõ da Gama, & era o muito grande de Martim Afonso de Sousa. Este sabendo as nouas, & entendendo que auia de estar em Moçambique de inuernada, negociou hũa Galeota em segredo, & partiosse em Dezembro pera o ir buscar.

E primeiro que entremos em outra materia será bem que demos conta da viagẽ de todas estas naos breuemente, & primeiro cõtinuaremos com dom Francisco de Lima que partio de Goa. Este fidalgo foi seguindo sua derróta, & na entrada de Dezembro foi tomar Moçambique, a onde achou Martim Afonso de Sousa tal, que lhe naõ falou por estar com hũas grandes febres, & frenesis, rapado da cabeça, & barba, & quasi na derradeira. Dom Francisco de Lima fez agoada, & foi seguindo sua jornada a tẽ chegar ao reino, & entrou por Lisboa em Abril: depois da armada partida pera a India.

Foi este fidalgo muito bem recebido d'Elrey, & por elle soube muito particularmente as nouas da India, & lhe affirmou que Martim Afonso de Sousa seria morto, pello estado em que o deixara em Moçambique. As outras Naos q̃ partiraõ de Cochim, chegaraõ a saluamento: só a Carauela de dom Pedro de Castello branco, encontrou na volta das ilhas dos Assóres vns nauios Franceses, que o abordaraõ, & entraraõ, roubãdoo, & tomandolhe tudo o que leuaua, & asi chegou ao reino: & logo se passou a França com cartas d'Elrey a requerer sua fazenda, por que fora roubado auendo pazes antre aquelles dous Reys. Este fidalgo andou na corte de Paris muito tempo, requerendo áquelle Rey lhe mandasse fazer restituiçaõ de sua fazenda, sobre o que elle (segundo dizem) mandou fazer diligencias disimuladas, sabendo elle mũy bem o que lhe fizeraõ, & tendo quinhaõ nas pe-

ças que lhe tomaraõ: & dom Pedro lhe conheceo hũas estribeiras d'ouro,& vns aneis ricos. Estando vm dia em praticas com elle, desculpandosse elle, que se naõ achaua rasto de cousa algũa, nem elle sabia donde aquillo podia vir: lhe respondeo dom Pedro: Como senhor dizeis isso? se as estribeiras que o outro dia leuastes eraõ minhas,& esses aneis que tendes nos dedos eu os mandei fazer? No q̃ isto parou naõ soubemos cá na India, onde escreuemos isto. Sómente nos parece ouuir em Portugal dizer, que algũas peças & fazendas lhe tornaraõ, por que depois viueo este fidalgo rico: & por sua morte ficou seu filho dom Antonio de Castello branco com muita renda,& casa: & casou com hũa filha do Visorrey dom Garcia de Noronha, cujo casamento os pays delles fizeraõ na India, de quem se naõ logrou tres meses. E contasse delle esta grandeza: que depois da molher falecer deixandoo a elle por herdeiro de tudo, tomou o casamento que lhe deraõ em dinheiro (que eraõ quinze mil cruzados) & os mandou a dom Aluaro seu cunhado: mandandolhe dizer, que tinha escrupulo de comer aquelle dinheiro, que seu pay dom Garcia ganhara, & que sua filha taõ mal lograra. Foi dom Pedro de Castello branco casado com hũa filha de Ioaõ Brandaõ, neta do grande Duarte Brandaõ.

E tornando á nossa historia. Partido Diogo Soares de Mello na Galeota, chegou a Moçambique em Ianeiro, & já achou Martim Afonso de Sousa saõ, que o recebeo muito bem, & estimou muito sua vinda. Logo depois delle chegou Luis Mendez de Vascõcellos aque o Gouernador Martim Afonso de Sousa naõ fez muita festa,& mãdou meter o Galeaõ dentro: negociandosse pera se partir em Março, por lhe Diogo Soares de Mello facilitar a jornada.

CAPITVLO III.

De como o Nizamoxâ tomou âs fortalezas de Sangaçâ, & Carnalâ, que eraõ do estado de Cambaya: & de como dom Francisco de Menezes, capitaõ de Baçaim, foi soccorrer os senhores dellas, & as tornou a ganhar, & da doaçaõ que dellas fizeraõ a Elrey de Portugal.



VENDO o Nizamoxá as grandes reuoltas que estes annos passados ouue no reino de Cambaya, com a morte de Soltaõ Badur, desejou de auer ás maõs duas fortalezas d'aquelle reino, que estauaõ

stauaõ nos estremos de seus reinos, sobre duas altissimas serras, que sobiaõ como piramides, em cujo cume estauaõ ambas muito fórtes, assi por sitio como por artefìcio, que se chamauaõ Sangaça, & Carnalá, pouca distancia hũa da outra, que aparecem a quem vai pello rio de Bombaim dentro. Estas duas fortalezas tinha Soltaõ Badur dadas a dous Mouros seus vassallos, chamados, Nacoda Amorgim, & Atridican, que nellas residiaõ com gente de guarniçaõ, & comiaõ muitas aldeas q̃ auia por derredor de sua jurdiçaõ. Estes dous castellos tinhaõ os Reys de Cambaya naquella parte, como dous marcos dos estremos do seu reino, & do Nizamoxá. E trazendo este Rey o olho sobre ellas auia muito, desejando algũa occasiaõ pera as auer ás maõs, veyolha offerecer o tempo na entrada deste veraõ em que entramos, com serem ausentes estes capitaens, que se apoderaraõ dellas. Quando os dous Mouros Amergim, & Atridican tornaraõ de Cãbaya, & as acharaõ tomadas, naõ tiueraõ outro remedio, mais, que valeremse de dom Francisco de Meneses capitaõ de Baçaim, que auia pouco era chegado áquella fortaleza, pedindolhe ajuda pera as tornarem a ganhar: obrigandosse a se fazerem vassallos d'Elrey de Portugal.

Esta obrigaçaõ, nem os pontos della naõ aparecem, nem nós o sabemos: só sabemos que ajuntou dom Francisco de Meneses trezentos Portugueses, & algũs piaés da terra: & embarcandosse em muitos nauios foi pello rio dentro, desembarcar ao pé d'aquellas fortalezas, & pondo sua gente em ordem, fez della tres bandeiras, de que deu as capitanias a dom Iorge, & a dom Aleixo de Meneses seus sobrinhos, & a outra tomou pera si: & toda a gente da terra ya debaixo da bandeira de Pero de Lemos, Tanadar mór das terras de Baçaim: & os dous capitaens Mouros com sua gente, que seriaõ perto de coatrocentos homens. Dom Francisco de Meneses deu a dianteira a dom Aleixo de Meneses que começou logo a marchar pella serra acima, indo todos deuagar por chegarem folgados: & postos em cima cometeraõ a fortaleza de Carnalá, cercandoa á roda, & encostandolhe logo muitas escadas que pera isso leuauaõ, a cometeraõ com grande impeto, pondosse logo em cima dos muros. Os de dentro vendo a determinaçaõ dos Portugueses, cortados de medo, se lançaraõ por hũa parte, que ya a pique, serra abaixo, & perigando alguns, os mais se acolheraõ, ficando a fortaleza vazia, que logo foi entrada.

E deixandolhe dentro guarniçaõ foraõ logo em fresco come-

ter a de Sangaçá, que já tinha rebate do que socedera á outra. E naõ querendo os de dentro experimentar o ferro Portuguez, primeiro que elles chegassem se acolheraõ, ficando desta feita aquellas fortalezas em poder de dom Francisco de Meneses sem golpe de espada: & logo fez dellas entrega aos Mouros, que lançando suas contas, & vendo que já lhes ficaua contenda com o Nizamoxá, naõ se atreueraõ a defender aquellas fortalezas, sem o fauor de dom Francisco de Meneses, & antes que se partisse lhe pediraõ, que a té se segurarem lhes deixasse aquelles dous sobrinhos com alguns soldados, & que elles lhes fariaõ todas as despezas. Dom Francisco de Meneses lho concedeo, deixando dom Aluaro em Sangaçá, & dom Iorge em Carnalá, com sessenta arcabuzeiros cada vm, & muitas moniçoẽs, o que tudo prouido se tornou pera Baçaim, & despedio recado ao Gouernador de tudo o que era passado. O Nizamoxá teue logo auiso do negocio, & despedio tres capitaens com coatro ou cinco mil homens que entraraõ pellas aldeas da jurdiçaõ d'aquellas fortalezas, & as destruiraõ, & assolaraõ de todo. Vendo Amergim & Atridican, que ficauaõ sem rendas pera suprirem as despezas, & que o Nizamoxá auia de meter todo o cabedal por tornar a auer aquellas fortalezas, assentaraõ, que lhes naõ vinha bem contenderem com imigo taõ poderoso, que o bom seria largalas de todo aos Portugueses com alguns partidos: & asi se cartearaõ com dom Francisco de Meneses, sobre o que foraõ, & tornaraõ recados a té se concertarem que lhe dariaõ algũas aldeas nas terras de Baçaim, & que largassem aquellas fortalezas, de que logo fizeraõ doaçaõ a Elrey de Portugal, & se recolheraõ a Baçaim.

Dom Francisco de Meneses mandou prouer as fortalezas, como proprias do estádo. E porque dom Iorge de Meneses adoeceo, & se foi curar a Baçaim, mandou em seu lugar Pero de Lemos, Tanadar mór. O Nizamoxá, naõ sabendo ainda deste contrato, auendo que toda a contenda era com os capitaens Mouros, despedio mais capitaẽs com outros seis mil homens, emque entrauaõ muitos Magores, mil arcabuzeiros, & oito centos caualos acubertados, & mandou que lhes tomassem aquellas fortalezas.

Estes capitaens ajuntando os mais que andauaõ pellas terras, foraõ pór cerco á fortaleza de Sangaçá, em que estaua dom Aleixo de Meneses: & cercandoa á roda a cometeraõ por todas as partes com grande determinaçaõ. Dom Aleixo, com grande valor & esforço lha defendeo, cõ muito

muito dano dos imigos, que todo aquelle dia lhe naõ deraõ espaço pera comerem se naõ em pé, & cõ as espingardas nos rostos, & de noite tambem a passaraõ toda cõ as armas ás costas: & no coarto da modorra deitou dom Aleixo, vm piaõ, homem muito determinado, que se offereceo pera ir dar auiso ao capitaõ de Baçaim. Este piaõ como foi ao pé do castello, em gatinhas, & a rastos, foi passando por bem perto dos imigos, & tomou vm caminho pella serra abaixo, naõ muito vsado, & andando toda a noite, ao outro dia chegou a Baçaim, & deu recado ao capitaõ.

Dom Francisco de Meneses logo se foi pór na praya, & mandou repicar o sino pera lhe acodir a gente, & entre tanto fez negociar todas as embarcaçoens grandes & pequenas que achou, que foraõ muitas. Os casados, & soldados, acodindo á praya com suas armas, escolheo dom Francisco de Meneses cento & sessenta homens de pé, & vinte de caualo, & mandou apellidar ás aldeas, de que lhe logo acodiraõ mil & duzẽtos piaẽs, com seus Naiques: & em quanto se estes ajuntauaõ, pera quem deixou embarcaçoẽs, elle se embarcou com toda a gente. Os fidalgos que o acompanharaõ nesta jornada foraõ, dom Iorge de Meneses que já estaua saõ, dom Roque Tello, dom Pedro de Meneses o ruiuo, irmaõ do Conde de Cantanhede, Rodrigo Homem, Esteuaõ Peixoto, & outros caualeiros hõrados: & foi esperando pellos piaens, que o foraõ tomar ao caminho. Ao outro dia foraõ amanhecer ao pé d'aquellas fortalezas. Dom Aleixo foi este dia combatido de todos os capitaens mũy asperamente, fazẽdo elle, & todos os companheiros tudo o que foi necessario pera sua defensaõ, rebatendo os imigos por muitas vezes, de que algũas os tiueraõ entrados. E esta noite passaraõ tambem grande trabalho, por que os naõ deixaraõ repousar vm momento com assaltos: mas bem lhes custou, por que a nossa espingardaria fez nelles bem gran de estrago.

CAPITOLO IIII.

De como Jorge de Lima capitaõ de Chaul auisou dom Francisco de Meneses da gente do Nizamoxà, & da grande batalha que deu aos imigos, em que os disbaratou.



ESTAVA neste tẽpo por capitaõ em Chaul Iorge de Lima, que tanto que o Nizamoxá despedio aquelles capitaens, logo teue cartas da sua corte, da gente que era, & pera onde ya. E como conhecia

nhecia do animo & valor de dom Francisco de Meneses, q̃ naõ auia de deixar de soccorrer aquellas fortalezas, por muito que fosse o poder, todauia pareceolhe obrigaçaõ auisalo como fez por hũa carta mũy apressada, em que lhe daua muito particular conta dos capitaens que eraõ, & da gente que leuauaõ: aconselhandolhe, que deuia de sobre estar a té vir recado do Gouernador, a quem já tinha escrito, que o soccoresse.

Dom Francisco de Meneses tãto que chegou ao pé das fortalezas, desembarcou toda a gente, & despedio vm piaõ a Pero de Lemos que estaua em Carnalá, com vm escrito, em que lhe mandaua dizer, que lhe mandasse ao caminho vinte soldados espingardeiros, & elle ficou junto de hũa ribeira pondo sua gente em ordẽ. Estando aqui, lhe deraõ a carta de Iorge de Lima, que abrio, & leo em segredo, com vm rosto muito alegre & risonho. E por que chegauaõ a elle muitos homens pera saberem o que era, sem fazer termo algum foi lendo a carta alto pera que a ouuissem todos, mudandolhe as palauras com tanta pressa, & artificio, que foi espanto, na maneira seguinte.

Senhor, saõ partidos alguns capitaens do Nizamoxá pera as fortalezas de Sangaçá, & Carnalá, a gente que leuaõ he pouca, & esta ainda forçada, & atemorizada, por isso apressesse v. m. por que naõ tem nelles vm almoço.

E dobrando a carta, disse:

Vedes aqui senhores do q̃ nos auisa Iorge de Lima: por certo q̃ tomara eu, que foraõ os imigos mais, pera a vitoria, que por virtude de vossos braços espero de auer, ser mais de gloriar, mas já que asi he, vamos buscar estes poucos, & desenganemelos, por que nos naõ tornem outra vez a inquietar, & cada vm sigame, & faça o que eu fizer: E logo caualgou com a gẽte posta em ordem, & começou a marchar.

Alguns grandes capitaens tiueraõ pera si, que naõ era licito mintir nunca, se naõ offerecẽdosse perigo, ou pella saude da patria: & assi o vsou algũas vezes o grãde Sertorio, que em tempo de grandes necessidades mintia a seus soldados, & lhes lia cartas fingidas, pera os tirar do temor em que os via: por que todo o outro mintir em vm capitaõ he baixeza. Da mesma maneira este valeroso capitaõ dõ Francisco de Meneses, vendo que se falaua verdade ficauaõ os das fortalezas á risco de se perderem: por que se descobrisse aos seus o poder dos imigos, naõ auiaõ de querer passar d'ali, & tudo se perderia. Em fim elle foi caminhando em muito boa ordem, & logo encontrou os espingardeiros que Pero de Lemos lhe mandaua. Os imigos logo tiueraõ auiso do capitaõ

pitaõ de Baçaim ser chegado de soccorro,& deceraõ abaixo: & lançaraõse em duas emboscadas de mil homens cada hũa, deitandolhe alguns poucos descubertamẽte, que trauaraõ com dom Iorge de Meneses que ya na dianteira, q̃ lhes lançou alguns piaens que foraõ pelejãdo com elles a tẽ os meterem no meyo das emboscadas. Os imigos de sofregos sairaõ dellas, & deraõ nos piaens que fizeraõ voltar pera dom Iorge. Os Portugueses de sua companhia vẽdo os imigos tambem voltaraõ alguns pera irem buscar as embarcaçoens. Dom Iorge com grande animo teue o encõtro aos imigos, chamando pellos que o deixauaõ, & afrontandoos de palauras.

Dom Francisco de Meneses cõ os vinte de caualo, tomou vm passo estreito do rio por onde os imigos auiaõ de passar (& já o vinhaõ demandar) & ali sobre a passagem se trauou hũa aspera batalha, pondosse dom Francisco de Meneses diante. E ao primeiro em que pós a lança deu com elle do caualo abaixo, que asi nelle, como nas armas se differençaua dos mais, por onde se julgou ser o capitaõ d'aquella companhia. Dom Roque Tello, dom Pedro de Meneses, Esteuaõ Peixoto, & Rodrigo Homem, nunca largaraõ dom Francisco de Meneses, & todos derribaraõ de encontros alguns Mouros, defendendolhes com muito esforço & valor aquelle passo. Dõ Iorge de Meneses que pelejaua na dianteira, pós as costas pera dom Francisco de Meneses pello naõ cometerem os imigos por detras, & todauia apertaraõ tanto com elle, que se baralharaõ todos, pelejandosse de sua parte com grande esforço.

Aqui socedeo hũa cousa mũy dina de memoria a vm Ioaõ Trãcoso, irmaõ do Doutor Antonio Trancoso Desembargador da casa do Ciuel (homens mũy nobres que eu conheci mũy bem.) Era este Trancoso vm homem agigantado & muito forçoso, andando aceso na batalha, (em q̃ tinha mũy bem pelejado & mostrado o valor de sua pessoa) alcãçou com a maõ esquerda vm Mouro, & metendolhe o braço pello singidouro (que era vm camarabando de muitas voltas) o aleuantou no ár, fazendo delle adarga: & remetendo com os Mouros lançouse no meyo delles como vm liaõ matando, & derribando muitos, naõ ouzando os Mouros a descarregar nelle seus golpes, por naõ matarem o companheiro, com que o Trancoso se emparaua dos que lhe tirauaõ, & se alguns lhe deraõ, todos recebeo nelle, & asi desta maneira fez grãdes destruiçoens nos Mouros muito a seu saluo. Feito era este por certo dino de se engrandecer com mais palauras: mas se o ouuermos de fazer a todos os grandes, faltar-

nos á tinta, faltarnos á papel, faltar
nos á tempo, & faltarnos á eſtilo pe
ra iſſo. Eſte homem viueo depois
muitos annos, & foi caſado em Ta-
ná, a onde teue netas caſadas com
dom Franciſco de Souſa, & dom
Dinis d'Almeida, ambos prouidos
da fortaleza de Diu, que nenhum
logrou.

E tornando a dom Frãciſco de
Meneſes, aquella gente de caualo
com que pelejaua no paſſo do rio
era chegada d'aquella hora do Ba-
lagate, & naõ ſabiaõ della os ou-
tros capitaens Mouros, & vinhaõ
demandar áquella hora aquella ri
beira pera refreſcarem, & deſcan-
ſarem, ſem ſaberem das ciladas q̃
eſtauaõ armadas aos noſſos, & an-
dando em batalha com dom Fran
ciſco de Meneſes (que os tinha aſ-
ſas bem eſcandalizados) indo os
da parte de dom Iorge em disba-
rato pera as embarcaçoens, como
atras diſſemos, foraõ dar em outra
cilada que lhes ſayo de traués: el-
les embaraçados com aquelle ſu-
pito temor tornaraõ a voltar, fu-
gindo pera o perigo, de que pri-
meiro fogiraõ, & foraõ com aquel
le impeto pera aquella parte onde
dom Franciſco de Meneſes peleja-
ua, pera ſe empararem com elle.
Os Mouros que pelejauaõ com dõ
Franciſco de Meneſes, naõ ſabẽdo
o que aquillo era, parecendolhes
ſeria gente que chegaua de ſoccor-
ro, como já eſtauaõ eſcandaliza-
dos & bem cortados dos noſſos,
ſupitamente voltaraõ, fogindo d'a
quelles que yaõ fogindo dos ſeus,
deixandoſſe vencer dos que yaõ
vencidos.

Vendo dom Franciſco de Me-
neſes aquelle medo, foi carregan-
do ſobre elles, matando, & derri-
bando nelles á ſua vontade. Os
noſſos que vieraõ fogindo pera
dom Franciſco de Meneſes vendo
taõ ſupita mudança, cobrãdo vm
nouo animo, ajuntandoſſe com á
ſua bandeira, foraõ ſeguindo a vi-
toria. Dom Iorge que a tè entaõ
eſteue em grande aperto pello pe-
zo dos imigos, ajuntandoſſe todos
os ſeus, foi ſeguindo o alcance aos
Mouros, que ſe pozeraõ em disba-
rato, vendo fugir os que pelejauaõ
com dom Franciſco de Meneſes:
& leuauaõ tamanho medo, q̃ che-
gando ao arrayal, que tinhaõ ſo-
bre Sangaçá, naõ parando nelle,
foraõ fogindo pella outra banda,
indo ſempre dom Iorge nas ſuas
coſtas picandoos, & fazendo nelles
muito grande eſtrágo. Dom Frã-
ciſco de Meneſes chegou acima á
fortaleza, & achou o arrayal dos
imigos vazio de gẽte, mas naõ de
mantimentos, de moniçoens, & de
armas, & de tudo o mais que os
imigos com a preſſa naõ poderaõ
leuar. E naõ ſe detendo paſſou a
diante a fauorecer dom Iorge que
ya no alcance dos imigos, & naõ
ſe precatando deraõ nelle por de-
tras trezentos eſpingardeiros que
eſtauaõ ſobre Carnalá, que ſe yaõ
recolhen-

recolhendo pera o arrayal,naõ cuidando que o dano dos seus era taõ grande,& vendo ir dom Francisco de Meneses arrebentaraõ d'aquella maneira,& deraõlhe hũa surriada de que lhe feriraõ alguns, & desuiandosse foraõ dando em alguns dos nossos desmandados, & mataraõ doze.

Dom Francisco de Meneses mãdou recado a dom Iorge que se recolhesse,como fez,& tornoraõse pera o arrayal,saindo dom Aleixo da fortaleza a lhe falar. Os mantimentos & moniçoens todas se recolheraõ na fortaleza, & tudo o mais se entregou aos soldados que saquearaõ bem á sua vontade, & acharaõ boas prezas. Morreraõ nesta batalha quinhentos dos imigos,a fora muitos feridos. Dos nossos morreriaõ quasi vinte: prouẽdo dom Francisco de Meneses aquellas fortalezas de mais gente, recolheosse a Baçaim vitorioso.

CAPITOLO V.

Do que fez o Gouernador dom Esteuaõ da Gama depois q̃ deu auiamento ás naos do reino: & de como partio pera o Nórte: & do soccorro que mandou a Sangaçâ, & Carnalâ. E dos tratos que Nizamoxà teue com elle, sobre lhe largar aquellas fortalezas: & das pareas a que se obrigou por ellas.



PORQVE ha muito que deixamos o Gouernador dom Esteuaõ da Gama, he necessario tornar a continuar com elle,por guardarmos a ordem da historia. Depois que despedio as naos pera o reino, logo voltou pera Goa, onde chegou ainda em Ianeiro, & despachou Manoel de Sousa de Sepulueda,pera ir entrar na fortaleza de Diu,de que nestas naos foi prouido,por hũa carta misiua. E porq̃ aqui socedeo vm primor bem grãde a dom Ioaõ Mascarenhas com elle,bem differente do que oje se vsa na India antre os fidalgos,naõ deixaremos de o contar.

Estaua dom Ioaõ Mascarenhas prouido da capitania de Diu, por hũa patente que lhe tinha vindo o anno atras passado, pera ir entrar a pos Diogo Lopez de Sousa que a estaua seruindo: & nestas naos passadas mandou Elrey a Manoel de Sousa de Sepulueda hũa carta missiua,porque lhe fazia merce da fortaleza de Diu na vagante de Diogo Lopez de Sousa, antepondoo a dom Ioaõ Mascarenhas. E diziaõ que aquillo fora cousa da Raynha dona Catherina, que fauorecia muito suas cousas,porque era Castelhano, & seu pay viera com ella de Castella. Tanto que

Manoel

Manoel de Sousa teue a carta mãdoua a mostrar a dom Ioaõ Mascarenhas, pera que visse que por ella entraua primeiro na fortaleza, & elle dom Ioaõ Mascarenhas vendo a carta d'Elrey a pós sobre sua cabeça, dizendo que se comprisse sua vontade, pois estaua taõ clara, que elle entraria quando lhe coubesse, & asi foi Manoel de Sousa entrar, podendo dom Ioaõ alegar de seu direito, como depois fizeraõ muitos fidalgos, que tinhaõ mais o olho em seu interesse particular, que no seruiço & vontade d'Elrey, sentenciãdosse em outros casos semelhantes, que patẽte sempre precedia á carta misiua, & q̃ a tençaõ d'Elrey nunca era perjudicar a terceiros; nem meter vm prouido diante do outro. Mas aquella fidalguia & primor dos homens d'aquelle tempo, está taõ corrompida neste, que ja naõ ha nenhum que va entrar em sua fortaleza, ou em qualquer outro cargo com que esteja prouido & despachado sem passar primeiro pello escamel da demãda, arguindo vns aos outros defeitos em suas patentes, & o que ainda he pior, que o fazem em suas pessoas pera lhes precederem.

Esta corrupsaõ & malicia entrou na India depois que nella entraraõ tantos letrados Iuristas, porque com elles entrou vm marulho, que veyo a dar em mares cruzados de trapassas, em que ferue todo este estado. E deixando esta materia, tornemos a nosso fio. Tãto que o Gouernador deu expediente em Goa a muitos negocios, tornouse a embarcar em nauios ligeiros, por causa dos Noroestes, pera ir visitar as fortalezas do Norte, & no caminho encontrou o recado de Iorge de Lima capitaõ de Chaul, do aperto em que estauaõ as fortalezas de Sangaçá, & Carnalá: & despedio com muita pressa Tristaõ de Tayde com oito nauios em que leuaua duzentos homens pera se ir ajuntar com dom Francisco de Meneses, que se foi adiantando. O Gouernador dom Esteuaõ da Gama chegou a Chaul ao outro dia, depois que Iorge de Lima escreueo aquella carta a dõ Francisco de Meneses, & naõ auia ainda nouas do que era passado. E como tinha ja mandado Tristaõ de Tayde com o socorro, ficou esperando recado. Tristaõ de Tayde deusse tanta pressa, que chegou ao pé d'aquellas fortalezas ao outro dia depois de dom Francisco de Meneses se ter ido pera Baçaim: & sabendo da vitoria que tinha alcançado, voltou pera o Gouernador, que festejou em estremo as nouas, & ficou dando despacho a muitas cousas.

O Nizamoxá teue logo rebate do disbarato dos seus capitaens, & juntamente soube serem ja aquellas fortalezas dos Portugueses: & vendo que ja lhe ficaua contenda

com homens mais poderosos, & com quem naõ auia de ter bom partido, ficou muito malenconizado, & logo tambem lhe chegaraõ nouas de como o Gouernador era chegado a Chaul, por que lhas despidiraõ pella posta. E por que tinha pazes com o estado, & corria com elle em amizade, determinou de o mandar visitar, & a voltas disso ver se podia auer delle aquellas fortalezas com todos os partidos que quisesse, porque lhe naõ vinha bem estarem em poder alheo duas forças taõ importantes nos estremos de seus reinos: por que sempre lhe teria o visinho que as tiuesse, com ellas o pé no pescoço. Pello que logo despidio vm Embaixador mũy bem acompanhado, que o Gouernador dom Esteuaõ da Gama recebeo com muitas honras. E depois de fazer sua visitaçaõ, tratou o negocio a que ya sobre aquellas fortalezas, pedindolhe que lhas largasse, que daria as pareas que fossem justas & honestas.

O Gouernador pós aquelle negocio em conselho, & assentousse que aquellas fortalezas naõ seruiaõ ao estado de mais que de fazer despezas com ellas, & que de nenhũa importancia eraõ. Com esta resoluçaõ tratou aquelle negocio com o Embaixador que trazia poderes pera tudo: & vieraõ á concluir, que lhe largaria aquellas duas fortalezas, por que o Zamaluco lhe obrigaria a dar cada anno de pareas cinco mil pardaos d'ouro, alem dos dous mil que ja pagaua pella obrigaçaõ que lhe pôs o Visorrey dõ Francisco d'Almeida. E que destes sete mil pardaos d'ouro (de que fez obrigaçaõ por encheo, que se naõ acha, por tudo ser perdido) se pagariaõ os officiaes d'Elrey de Portugal nas fazendas das suas naos, que fossem de Ormuz, ou de Meca ter a aquelle porto de Chaul. E que os Gouernadores da India as poderiaõ mandar tomar pera com effeito serem pagos da dita cõtia. Estes sete mil pardaos d'ouro se pagaõ & arrecadaõ por andarem por regimento naquella fortaleza, & pella posse em que Elrey de Portugal está, & naõ ha delles mais obrigaçaõ: por que neste estado commummente se tratou quasi sempre mais do que releuaua a cada vm em particular, que do que importáua a Elrey. E ainda que nos sobejara o tẽpo & a idade pera passar auante, o pouco gosto & fauores que oje á nos homens, nos tem bem encolhido & arrependido desta impreza: por que ja naõ á no mundo quem pretenda perpetuidade na escritura, se naõ acrecẽtamento na fazenda.

Queixauasse Ioaõ de Barros ja no tempo que escreuia, que os homens que yaõ da India, de quem tomaua as informaçoens, que o marinheiro naõ lhe queria dar rezaõ

zaõ ſe naõ da arte de marear: o mercador das fazendas que corriaõ, o ſoldado das couſas em que elle ſe achara: & nós queixamonos, que nem o marinheiro, nem o mercador, nem o ſoldado, nem ainda o fidalgo, querem que lhe pergunte ſe naõ pellos preços das fazendas que correm na terra, pello que valerá em Ormuz, & em Malaca: pello que tiraraõ de ſuas fortalezas: & todo o que os demanda pera lhes perguntar pellas couſas da guerra, & do conſelho, & por outras deſta qualidade, que em outro tempo tinhaõ por obrigaçaõ, tem vm homẽ por jogral, & naõ lhe falta mais que apedrejaremno por doudo: naõ negando porem que antre tantos naõ aja alguns por quem a honra ainda puxa, & que folgaõ de fauorecer noſſo trabalho (com palauras) & ſem algum ſeu.

Deixando eſtas miſerias do mundo, tornemos a noſſa hiſtoria com ſegurarmos, que nem o pouco goſto, nẽ os poucos fauores, ſeraõ baſtantes pera deſiſtirmos de noſſo propoſito: por que ainda q̃ alguns dos preſentes naõ pretendaõ fama, naõ deixaraõ de alcançar os paſſados toda a ſua, que tanto merecceraõ, por que ſe naõ perca tudo.

(:)

CAPITOLO VI.

De como o Gouernador dom Eſteuaõ da Gama eſcreueo a dom Franciſco de Meneſes, largaſſe aquellas duas fortalezas ao Nizamoxà: & dos inconuenientes que teue: & de como em fim lhas largou. E de outras couſas em q̃ o Gouernador proueo. E de todos os Reys Mouros que ouue naquelle reino de Madanager, ou de Chaul.

FEITOS & aſsinados os contratos, paſſou o Gouernador dom Eſteuaõ da Gama hũa prouiſaõ ao Embaixador pera ir a Baçaim tomar entrega d'aquellas fortalezas: eſcreuendo a dom Franciſco de Meneſes, como ſe aſſentara em conſelho, que ſe largaſſem, por q̃ mais importaua ao Eſtado cinco mil pardaos d'ouro de renda cada anno, ſem deſpeza algũa, q̃ tellas, & ſuſtentalas, com tamanha, & com taõ grande riſco. Eſte Embaixador chegou a Baçaim, & deu a carta, & a prouiſaõ a dom Franciſco de Meneſes, o que elle tomou muito mal, pello que lhe aquellas fortalezas tinhaõ cuſtado. E ſobreſtádo na entrega dellas eſcreueo ao Gouernador hũa carta em que ſe queixaua

queixaua de concluir aquelle negocio ſem ſeu parecer, eſtando taõ perto, ſendo elle o que ganhou aquellas fortalezas com a lança na maõ, & que auia taõ pouco q̃ as tinha deſcercado com tanto riſco ſeu, & que ſe ellas cuſtaraõ tanto aos fidalgos que votaraõ naquelle negocio, naõ ouueraõ em algum tempo de ſer d'aquelle parecer. E que quãto a elle auia por muito diſcredito do Eſtado, largar aquellas fortalezas por aquelle medo, a Rey que nenhum direito tinha nellas: que ſe algum o tinha era Elrey de Cambaya, de cujo eſtado eraõ: dando ſobre iſto muitas rezoens, como fidalgo muito prudente que era, deſenganando ao Gouernador, que em quãto elle foſſe capitaõ de Baçaim, as naõ auia de largar. Com iſto deſpedio o Embaixador, que logo mandou pella poſta recado ao ſeu Rey, que como ſoube o que paſſaua deſpedio doze mil homens, pera irem cercar de nouo aq̃llas fortalezas, & mandou ter com o Gouernador muitas ſatisfaçoens.

Dõ Frãciſco de Meneſes como capitaõ muito precatado, logo receou q̃ o Nizamoxá mandaſſe gẽte ſobre aquellas fortalezas: pello q̃ com muita preſſa ſe embarcou, leuando gente, mantimẽtos, & moniçoẽs, & as foi prouer muito bẽ: & o meſmo dia q̃ a ellas chegou, teue rebate da dianteira dos imigos, & deixandoas ſeguras, & prouidas, tornouſe pera Baçaim. Ao outro dia chegaraõ os capitaens Mouros, & aſſentaraõ ſeus exercitos ſobre aquellas duas fortalezas, mandando fazer grãdes proteſtos, & requerimẽtos aos capitaẽs dellas, q̃ lhas entregaſſẽ, como o Gouernador mãdaua, & ſe naõ q̃ dos males q̃ ſocedeſſem elles ſeriaõ a cauſa, & os quebrãtadores das pazes. Os capitaẽs lhes mãdaraõ dizer, q̃ mãdaſſem fazer aquelles requerimẽtos ao capitaõ de Baçaim, a quem elles tinhaõ dado dellas as menagens, & que o que elle mandaſſe iſſo fariaõ. Os Mouros vendo aquelle deſengano começaraõ a guerra, cometendo as fortalezas com grãde determinaçaõ, mas os de dentro lhas defenderaõ com outra mayor.

E deixaloſemos aqui por continuar com o Embaixador: que depois de dom Franciſco de Meneſes o deſenganar, & de deſpedir recado ao ſeu Rey, foiſe pera Chaul, & deu a carta de dom Frãciſco de Meneſes ao Gouernador: que poſto que tomou aquillo mal, bẽ entendeo q̃ dom Franciſco de Meneſes tinha algũa rezaõ de ſe queixar, ao menos, de lhe naõ dar cõta d'aquelle negocio. Poucos dias depois chegaraõ as cartas do Nizamoxá pera o Gouernador, em q̃ ſe queixaua de dom Frãciſco de Meneſes, fazendo ſeus proteſtos & requerimentos, aſſi lhe chegaraõ as nouas do aperto & cerco em q̃ os

capitaés Mouros tinhaõ aq̃llas fortalezas: & vendo que naõ podia fazer outra cousa se naõ comprir os contratos que estauaõ feitos, despedio outra vez o Embaixador com outra prouisaõ pera dõ Francisco de Meneses, em que lhe mandaua, que sem embargo dos inconuenientes que lhe apontara, tanto que aquella visse, entregasse logo a aquelle Embaixador ambas aquellas fortalezas, por cõprir asi ao seruiço d'Elrey de Portugal. Cõ esta prouisaõ chegou o Embaixador a Baçaim, & dádoa a dõ Francisco de Meneses, vendo a resoluçaõ do Gouernador, mandou dous homens Portugueses cõ cartas pera os capitaés q̃ estauaõ nas fortalezas, em que lhes mandaua q̃ logo as entregassem ao Embaixador, & se recolhessẽ a Baçaim, por q̃ o mandaua asi o Gouernador: & que elle daria conta a Elrey daquillo. O Embaixador chegou áquellas fortalezas com os homẽs, & cada vm delles foi á sua, & deraõ suas cartas áquelles capitaés. Vendo dom Aleixo de Meneses a carta de dom Francisco, mandou pello proprio Portuguez outra a Pero de Lemos, que estaua em Carnalá, pera saber delle o que determinaua. Pero de Lemos lhe respondeo, que naquelle negocio naõ auia mais, se naõ fazerem o q̃ lhes o Gouernador, & o seu capitaõ mandauaõ.

Com isto mandou dom Aleixo de Meneses dizer pello mesmo Portuguez ao Embaixador, que mandasse recolher seus capitaés, & se afastassem, em quanto se elles recolhiaõ: & mãdou recado a Pero de Lemos pera ao outro dia se ir ajuntar com elle. Os Mouros aleuantaraõ seus exercitos da vista das fortalezas, & aquelle dia gastaraõ os Portugueses em se negociarem. Ao outro chegou Pero de Lemos com toda a sua gente a Sangaçá: dom Aleixo de Meneses que estaua prestes sayo da fortaleza, & se ajuntou com elle, & com suas bandeiras desenroladas, & a gente posta em ordenãça, tocando suas caixas, & pifaros, foraõ marchando muito deuagar, disparando sua arcabuzaria per ordẽ, como homens que yaõ vencedores: & asi chegaraõ ao már onde já acharaõ embarcaçoẽs, que dom Francisco de Meneses lhes tinha mandado, em que se recolheraõ a Baçaim: ficãdo os dous Portugueses que foraõ com o Embaixador nas fortalezas, pera as entregarem aos capitaens Mouros, como logo fizeraõ. E por que temos prometido de continuar com todos os Reys deste Decan, & já o temos feito com os de Visapór, o faremos agora com estes Reys de Chaul.

Ia temos dado conta no capitolo coarto do decimo liuro da coarta decada, de como os Mouros conquistaraõ o Decan, & d'aquelles

quelles cinco capitaens que se leuantaraõ com os estados que gouernauaõ, sendo Rey Daudarcan: & antre estes foi vm delles o Nizaman Moluc, que quer dizer, page da lança, (por que o era d'Elrey como já dissemos.) Este no aleuantamento geral o fez com aquella parte que gouernaua desde Cifardan a tè Nagotana, apellidandosse Soltaõ Hocen, (por que este era o seu nome.) E pós sua cadeira na cidade de Amadanager. Este reinou a tè os annos, de mil, coatrocentos, nouenta & coatro: & por sua morte socedeo seu filho Beran Soltan, que se jactaua proceder do sangue real dos antigos Reys de Xarbedar, por que se affirmaua, que dando Daudar Soltan, Rey de todo o Decan, hũa molher a este seu capitaõ Nizaman Moluc, que ya já prenhe delle, & que parira este Boran Soltan: & asi se jactaua tanto disto, que depois da morte d'Elrey (que cuidaua que era seu pay) tomou por titulo, Soltan Boran Bauri, que quer dizer, Elrey Boran Falcaõ. Por que asi como esta aue se tem por mais real de todas: assi se tinha elle por mais do sangue real, que todos os outros Reys do Decan.

Foi este Rey grandioso, grande caualeiro, muito liberal, & taõ amigo dos bons caualeiros, que mãdaua por todos os reinos estranhos, buscar todos os que auia de nome, & lhes daua muito, & fazia grandes merces. E asi ajuntou em seu reino todos os estrangeiros famosos, que á India passaraõ naquelle tempo, asi nas armas como nas letras, com o que o engrandeceo sobre todos os do Decan. Em principio de seu reinado descobrio o valeroso capitaõ Vasco da Gama a India, & este foi o que deu a dom Lourenço d'Almeida filho do Visorrey dom Frãcisco d'Almeida, dous mil pardaos cada anno de pareas pera Elrey de Portugal, pella guarda que daua ás naos, & nauios que yaõ a seus pórtos: que depois o Visorrey dõ Francisco d'Almeida lhe pós por obrigaçaõ de vassalagem, pella culpa que o seu Tanadar de Chaul teue na morte de seu filho dom Lourẽço d'Almeida, por que os q̃ lhe tinha dado a elle eraõ volũtarios. E tãbem foi o q̃ deu a Diogo Lopez de Siqueira, sendo Gouernador da India, lugar naq̃lle porto de Chaul pera fazer a fortaleza, q̃ ainda oje está em pé: & o q̃ se concertou com o Gouernador dom Esteuaõ da Gama sobre as fortalezas de Sangaçá & Carnalá, como agora acabamos de dizer.

Foi este Rey tocado do mal de saõ Lazaro, & buscou todos os remedios pera sarar delle, a tè se banhar em sangue de mininos, de q̃ mandou encher grandes tanques, por lhe fazer crér vm medico, que asi sararia, mas nada aproueitou,

ueitou, & asi viueo muitos annos, como adiante diremos: por que auemos de ir cõtinuando com todos os que forem socedendo, por ser asi necessario.

E tornando ao Gouernador dõ Esteuaõ da Gama. Tanto que cõcluio os negocios de Chaul, passou a Baçaim, & a Diu, & proueo naquellas fortalezas em muitas cousas. De Diu despedio Manoel de Vasconcellos com cinco nauios de remo pera ir ao estreito de Meca a espiar as Galés, & a leuar prouimentos de moniçoens & armas a seu irmaõ dom Christouaõ da Gama. Os capitaens que cõ elle foraõ nos outros nauios eraõ Manoel d' Afõseca, Rafael Lobo, Christouaõ de Crasto, & Afonso Pereira. Despedidos estes nauios, & prouidas algũas cousas mais naquella fortaleza, deu o Gouernador à vela pera Goa, aonde chegou, & proueo nas cousas de Malaca, & Maluco. E mãdou Manoel Coutinho a inuernar à fortaleza de Chalè com soldados: & Bernaldim de Sousa a Cochim, & Vasco da Cunha foi a Bengala com hũa nao carregada de fazenda, por conta d'Elrey, que era entaõ viagem, que importaua muito. E porque na costa do Canarà andauaõ alguns ladroens formigueiros, despachou pera andar nella o resto do veraõ Dom Luis de Atayde, com oito nauios, & recolheosse como foi tempo com alguns que tomou.

CAPITVLO VII.

Das cousas que aconteceraõ a dom Christouaõ da Gama na Abasia: & de alguns recontros que teue com os Mouros, em que os disbaratou.

DEIXAMOS dom Christouaõ da Gama na cidade de Baroá, em companhia da Raynha, esperando que passasse o inuerno, & que lhe viesse recado do Emperador, a quem tinha escrito, como já dissemos no derradeiro capitolo do 7. liuro, que naõ tardou muito que lhe naõ viesse, ainda que naõ foi a reposta de suas cartas: mas com o primeiro recado da Raynha que o Emperador teue da chegada dos Portugueses, despedio logo vm correo mũy apressado cõ cartas a dõ Christouaõ. Este correo chegou a Baroá, auendo vinte dias que ali estaua, em que lhe dizia, como soubera de sua chegada ali, & que aquelle seruiço feito a Deos, elle o pagaria asi a Elrey seu irmaõ, como a elle, q̃ lhe pedia muito que se fosse chegãdo pera elle como entrasse o veraõ, pera se ajuntarẽ ambos, & irẽ buscar os imigos, & que cõ sua ajuda esperaua de os disbaratar, & destruir de todo. Com esta carta se começou dom Christouaõ a negociar, mãdãdo a Raynha

trazer muitas mulas, & seruidores pera o meneo do exercito. E em Outubro passado de 541. tanto q̃ as chuuas cessaraõ, começaraõ a marchar em muito boa ordem.

Yaõ diante dous capitaens com algũas peças de artelharia de campo, & no meyo toda a bagagem, & atras della a Raynha, & o Patriarcha, entregues a cincoenta espingardeiros Portugueses, de que era capitaõ Miguel de Castanhoso (q̃ de toda esta jornada fez vm copioso tratado, que está em nosso poder.) Na retaguarda ya dom Christouaõ, o Barnagais, & os mais capitaẽs Abexins yaõ pellas ilhargas do escoadraõ, & diante de todo elle yaõ alguns caualos ligeiros pera descobrirem o campo. Nesta ordem caminharaõ oito dias a tẽ chegarem a hũa serra que chamaõ o Gane, que era de vm senhor Abexim, que andaua lançado com os Mouros. Aqui veyo vm irmaõ seu lançarse aos pés da Raynha, & de dom Christouaõ, a cujo rogo ella lhe fez merce das terras do irmaõ.

Estando aqui chegou recado apressado de como Elrey era já abalado, & vinha caminhando pera se ajuntar com elles. Por este caminho acodiraõ muitos vassallos q̃ andauaõ ausentes com medo dos Mouros. Em cima desta serra do Gane auia hũa cidade, & no mais alto della hũa ermida muito alua, a que nenhũa pessoa podia ir sem muita difficuldade & trabalho, por causa do caminho ser demasiado ingrime, estreito, & de muitas voltas, que era o que o fazia mais difficultoso. Iunto desta ermida em hũa pequena casa estauaõ trezentos homens mirrados, todos cozidos em couros secos, & alguns delles estauaõ já rotos & gastados, mas os homens saõs & inteiros. Corria entre a gente da terra como per tradiçaõ q̃ auia muitos annos que aquelles homẽs vieraõ ter áquella terra, & que a conquistaraõ em tempo dos Romanos. Outros diziaõ que eraõ santos: & o Patriarcha dom Ioaõ Bermudes era deste parecer, & que foraõ ali martyrizados pellos Romanos cõ aquelle genero de martyrio, & que isto era o que ouuira dizer no tempo q̃ esteue no Preste antes que fosse Patriarcha. E algũas pessoas lhes tinhaõ taõ grande veneraçaõ, que tomauaõ reliquias suas tẽdoos por santos martyres. Mas naõ auia nenhum dos naturaes que soubesse dizer o como aquillo era, nem escritura que disso desse noticia.

Seja o q̃ for o caso he assas notauel, & dino de memoria: nem pode carecer de algum grãde mysterio, estarem tantos annos trezẽtos homens brancos, cozidos em couros sem lezaõ, ou corrupçaõ algũa. Parece que traz caminho o que dizia o Patriarcha, que foraõ martyrizados em tempo dos Romanos,

manos. E ou sejaõ, ou naõ sejaõ martyres, naõ he nosso intento affirmalo: mas escreuemolo pera q̃ aja memoria de hũa cousa taõ notauel.

D'aqui foraõ os nossos caminhando a tè outra serra fortissima chamada Canete, que estaua por Elrey de Zeila, & tinha dentro mil homens de guarniçaõ. Tinha esta serra tres passos mũy difficultosos, & fortificados com muros & portas, & os caminhos que yaõ ter a ellas eraõ taõ ingremes, & estreitos, que era medo vellos, quanto mais cometelos, por que sô com galgas se podiaõ defender a todo o poder do mundo. A serra em cima era muito chã, & fresca, de muitas fontes, & ribeiras de agoas serenissimas & singulares: & por derredor muitas aldeas, & grandes criaçoens de gados. Aqui se costumauaõ a coroar os antigos Emperadores da Abasia. A gente que aqui tinha Elrey de Zeilá, saya de contino a saltear os caminhos, & a destruir as aldeas circum vezinhas.

Informado dom Christouaõ dos danos que d'ali faziaõ, determinou de tomar aquella serra, & tirar d'ali aquelle impedimento. Isto comunicou com a Raynha, & Barnagais, que trabalharaõ muito pello tirarem d'aquelle pensamẽto, pello muito grande risco a que se queria pór, sem proueito algũ: por que auiaõ por cousa muito impossiuel poderse entrar aquella serra. Mas dom Christouaõ confiado em Deos, por cujo seruiço se offerecia a todos aquelles riscos & trabalhos, naõ desistio de seu proposito: & depois de bem informado, & certificado do sitio, & passos da serra, pós a sua gente em ordem: & mandou Manoel da Cunha, & Frãcisco Velho com suas companhias, & com tres peças de artelharia, que cometessem o primeiro passo: & Ioaõ d'Afonseca, & Francisco d'Abreu com outras tantas peças que cometessem o segundo, ficando elle com a sua gente pera o terceiro passo. E assi dado ordem a tudo os cometeraõ ao primeiro de Feuereiro, ficando a Raynha, & o Patriarcha, com o Barnagais no exercito, & Miguel de Castanhoso cõ os espingardeiros de sua guarda. E remetẽdo com os passos deraõlhe hũa grande surriada de artelharia, & de arcabuzaria. Os imigos que estauaõ á lerta descarregaraõ pella serra abaixo com hũa multidaõ de Galgas, que vieraõ por ali abaixo com tamanho terremoto, que parecia que se desfazia o mundo. Os nossos que já estauaõ ensinados de dom Christouaõ do que auiaõ de fazer, tanto que deraõ sua salua, tornaraõse a recolher pera seus alojamentos: por q̃ naõ quis este dia mais, que reconhecer os passos como fez. Os Mouros cuidando que os Portugueses fogiaõ deraõ grandes apupadas,

padas,& toda a noite fizeraõ grandes festas,auendo que tinhaõ alcãçado hũa grande vitoria. A Raynha ficou triste, por que cuidou q̃ aquella retirada dos nossos fora por naõ ousarem a cometer a serra,& quasi que desconfiou.

Dom Christouaõ logo foi auisado de tudo aquillo, & mandoulhe dizer que se naõ agastasse, por que ao outro dia veria como os Portugueses pelejauaõ,& que elles naõ costumauaõ a fogir a ninguẽ, que antes perderiaõ as vidas que fogirem polas conseruar. Ao outro dia pella menhã,que foi da Purificacaõ da Virgem Maria Senhora nossa,mandou dom Christouaõ dizer Missa, a que todos estiueraõ com muita deuaçaõ: & acabada ella,remeteraõ na ordem passada com a serra,deixando a artelharia ao sopé della,em parte que podesse jugar só pera terror.E cometendo os capitaens as partes que lhes estauaõ encomendadas, deitaraõ pellas ilhargas a arcabuzaria, que foi disparando sempre, pera afastarem os imigos que lançauaõ as Galgas, que vieraõ caindo com grande terremoto por antre os nossos,matando algũs: os mais como yaõ com aquella furia, foraõ rompendo por tudo a tè chegarẽ ás paredes dos passos,sendo os primeiros que se adiantaraõ a tè as portas Manoel da Cunha,& Francisco Velho: & abalroandoas sobiraõ por ellas, leuando os imigos diante ás lançadas,atè a outra porta que estaua antes de chegar ao cume. Aqui foi a referta grande onde mataraõ tres Portugueses. Os Mouros que estauaõ em cima, vns a caualo,outros a pé, vendo a poquidade dos Portugueses,mandaraõ abrir a porta pera que entrassem.

Manoel da Cunha,& Francisco Velho, vendo a determinaçaõ & confiança dos imigos entraraõ pel las portas adiante,a tè sobirem ao taboleiro,a onde se trauou hũa fermosa batalha. O capitaõ da serra andaua em vm fermoso caualo,& dos primeiros encontros matou dous soldados, & como homem soberbo,& confiado,andaua a hũa & a outra maõ escaramuçando,atirandolhe os nossos muitas espingardadas sem algũa lhe acertar. Nos outros passos tambem auia trabalho. Ioaõ d'Afonseca,& Francisco d'Abreu, depois de perderẽ alguns companheiros,passaraõ todas as difficultades a tè sobirem ao plano da serra, & o mesmo fez dom Christouaõ, sofrendo grandes riscos & trabalhos, a tè se pór em cima, a onde se trauou antre todos hũa asperissima batalha, fazendo a nossa espingardaria grande estrago nos imigos.

Em fim tanto apertou dom Christouaõ pella sua parte, que leuou os Mouros de arrancada, & o mesmo fizeraõ Ioaõ d'Afonseca,& Francisco d'Abreu, que depois de

ſe ajuntarem foraõ matando & ferindo nos Mouros,a tè os leuarem diante de ſi ao paſſo em que o ſeu capitaõ pelejaua com Manoel da Cunha,& Franciſco Velho,que tinhaõ pelejado muito bem, por q̃ o faziaõ com a mór força dos imigos, que todos acodiaõ a onde eſtaua o ſeu capitaõ.Dom Chriſtouaõ,& os mais capitaens chegaraõ áquella parte,ficandolhe já os imigos no meyo, & apertando com elles os pozeraõ em disbarato matando muitos, & os outros com a preſſa & deſatento,por fugirem da mórte,deraõ em outra muito mais cruel, que foi lançaremſe da ſerra abaixo,& fazeremſe em pedaços. O capitaõ Mouro nunca ſe quis recolher,& pelejou a tè o matarẽ. Auida eſta tamanha vitoria, foiſe dom Chriſtouaõ ao lugar principal,que eſtaua com todo o recheo, & muitas molheres & mininos, q̃ foraõ catiuos,& tudo mais metido a ſaco.

Dom Chriſtouaõ mandou pella Raynha,& pello Patriarcha, & ſobidos acima ficaraõ paſmados do que viraõ,parecendolhe aquillo ſonho: por que na imaginaçaõ dos naturaes era couſa que ſe naõ podia crér, nem acabar por forças humanas. Dom Chriſtouaõ da Gama pedio ao Patriarcha, que benzeſſe hũa Meſquita que ali eſtaua, o que elle logo fez com grandes cerimonias, inuocandoa noſſa Senhora da Vitoria, onde ao outro dia ſe diſſe Miſſa, a que todos aſſiſtiraõ com grande deuaçaõ. A Raynha ſe deteue em cima alguns dias,prouendo aquella ſerra de capitaõ & gente. E pera eſta vitoria ſer mais celebrada, chegaraõ áquella ſerra dous Portugueſes que Manoel de Vaſconcellos deſpedio de vm porto junto de Maçuá:por que depois que partio de Goa entrou aquelle eſtreito,& naõ foi demandar Maçuá, por eſtar pellos Turcos: mas foi tomar outro porto, dez ou doze legoas mais pera dentro, donde deſpedio aquelles homens com cartas a dom Chriſtouaõ.

Eſtes homens foraõ recebidos com grande aluoroço de todos,feſtejandoſſe por todo o exercito as boas nouas da India. E por que Manoel de Vaſconcellos eſperaua por ſeu recado, pera lhe mandar as couſas que lhe leuaua: deſpedio logo Franciſco Velho,com a gente da ſua bandeira, em companhia d'aquelles dous homens,pera arrecadar as couſas que Manoel de Vaſconcellos lhe trazia, apreſſando o mais que poderaõ, por que Manoel de Vaſconcellos auia de tornar a inuernar á India. Dom Chriſtouaõ eſcreueo ao Gouernador ſeu irmaõ muito largamente todas as couſas que a tè entaõ lhe eraõ acontecidas.

CAPITOLO VIII.

Do que mais aconteceo a dom Christouaõ da Gama: & de como o Rey de Zeilâ o foi cometer em os vallos, & da aspera batalha que tiueraõ, em que Elrey foi ferido, & disbaratado: & escapou fogindo.



ESPEDIDO Francisco Velho: dahi a poucos dias chegou outro recado do Emperador pera dom Christouaõ da Gama, em que lhe rogaua que se fosse chegando pera elle, por que elle tambem o vinha fazendo, pera se ajuntaré ambos. Com isto começou dõ Christouaõ a marchar na mesma ordé em que a tè li viera: & foi entrando pellas terras do Iarte (que era outro senhor Abexim) que tambẽ andaua com os Mouros. Este sabendo da ida de dom Christouaõ da Gama, mandou vm Embaixador á Raynha a lhe pedir perdaõ das culpas passadas: & que se obedecera ao Rey de Zeilá, fora por naõ poder mais, que elle a queria acompanhar, & seruir naquella jornada como seu vassalo que era. A Raynha lhe mandou perdaõ & seguro: com o que elle logo veyo com toda a sua gente a beijar a maõ á Raynha, & darlhe a obediencia. Depois foi falar a dom Christouaõ, a quem deu seis cauallos muito fermosos pera sua pessoa, affirmandolhe que pello caminho que leuauaõ naõ deixariaõ de encontrar Elrey de Zeilá: por que elle tinha sabido por espias certas, que era partido muito determinadamente em busca delle.

Com estas nouas foi dom Christouaõ da Gama caminhãdo, com mais resguardo, & vagar, por ir esperando por Francisco Velho, q̃ era em Maçuá. Elrey de Zeilá q̃ vinha caminhando em busca dos nossos naõ tardou dous dias depois, que naõ tiuesse dom Christouaõ recado dos corredores, que já os Mouros apareciaõ. Dom Christouaõ naõ se mudou, nem toruou em cousa algũa, antes com grande animo, & conselho, ordenou sua gente em vm fermoso campo, & assentou seu exercito com as costas em hũa serra, fazendoo na mais pequena fórma que pode, ordenandolhe seus vallos, fossas, & trincheiras: plantando sua artelharia á roda, & repartindo as estancias pellos capitaens, ficando a Raynha com o Patriarcha em meyo, com toda a bagagem, & o Barnagais em sua guarda. Aquella noite passaraõ com grande vigia, & ao outro dia que foi Domingo de Ramos apareceraõ os corredores d'Elrey de Zeilá, que vinhaõ descobrindo o campo, & vendo o exercito tornaraõ a voltar.

Dom

Dom Chriſtouaõ mãdou dous Portugueſes em caualos ligeiros,q̃ foſſem deſcobrir os imigos, q̃ de cima de vm tezo os viraõ, & muito deuagar eſtiueraõ notando o exercito,& o numero da gente: & tornando a voltar diſſeraõ que os Mouros eraõ tantos que cobriaõ os campos. Naõ tardou a pos iſto muito eſpaço que naõ começaſsẽ de aparecer por cima de vm tezo, em que Elrey ſe pós auer o arrayal, mandando d'ali alguns capitaens,que foſſem dar hũa viſta aos noſſos, & trauaſſem com elles algũas eſcaramuças, pera os prouocarem a ſairem ao campo,fora dos vallos,auendo que ſe os colheſſem fora aueria pouco que fazer em os disbaratar. Os capitaens foraõſe eſtendendo pello campo,& cingindo o arrayal com grandes eſtrondos de atabales, trombetas, & outros inſtromentos de guerra, dando moſtras de quererem cometer o exercito. Dom Chriſtouaõ ſem perder vm ponto de ſua obrigaçaõ,viſitou todas as eſtãcias,& proueo em tudo o que lhe pareceo neceſſario, animando, & esforçando aos Abexins, que os Portugueſes naõ tinhaõ neceſsidade diſſo: porque o eſtauaõ tanto,que deſejauaõ de ſaltar fora dos vallos, pera pegarem com os Mouros.

E por que ſe chegauaõ muito, mandou dom Chriſtouaõ que deſparaſſem nelles algũas peças de artelharia,com que os fizeraõ afaſtar com bem de dano, & mortes dos imigos, & todo aquelle dia ficaraõ no campo á viſta dos noſſos. A dom Chriſtouaõ pareceolhe q̃ de noite o quiſeſſem cometer, & toda ella paſſou com as armas na maõ. Ao outro dia tanto que amanheceo, tornaraõ os Mouros a ſe chegar, adiantandoſſe alguns Turcos, por ganharem terra com Elrey de Zeilá,que ſempre eſteue no tezo com tres bandeiras aruoradas,& cometeraõ as eſtancias cõ grande determinaçaõ, deſpejando primeiro ſuas cargas, mas a artelharia os eſcandalizou de maneira, que ſe afaſtaraõ cõ muitos menos,& a tiro de eſpingarda fizeraõ hũas paredes de pedra enſoſſo, & detras dellas ſe poſeraõ ás eſpingardadas com os noſſos de que feriraõ alguns. Dom Chriſtouaõ acodio áquella parte, & por que os imigos ſe naõ foſſem auezinhar mais com elle,deitou fora Manoel da Cunha,& Inofre d'Abreu,com ſuas bandeiras pera irem desfazer as paredes.

Saidos elles do arrayal,remeteraõ com as paredes ás eſpingardadas,& pondolhes os peitos, deitaraõ dellas os Turcos bem eſcandalizados,& derribaraõ as paredes á ſua vontade. Os capitaẽs d'Elrey de Zeilá vendo fogir os Turcos que os remeteraõ com os noſſos, os eſperaraõ com as coſtas no arrayal,trauando com elles hũa fermoſa batalha, em que ouue algum

dano

dano d'ambas as partes, ajudandoos das outras estácias com a artelharia. Dom Christouaõ da Gama tocou a recolher por que naõ ouuesse algum desarranjo, o que elles fizeraõ com muito tento, ficãdo todo o campo descuberto à artelharia, que fez nos imigos tal estrago, que se recolheraõ pera onde estaua Elrey. Esta noite passaraõ os nossos com grande vigia.

E porque naquelle lugar naõ auia agoa, nem palha pera os caualos, & poucos mantimentos pera a gente, tomou dom Christouaõ conselho sobre o que faria, & assentouse que se aleuantassem d'ali, & fossem marchãdo em vm escoadraõ muito fechado: & que se os Mouros os cometessem q̃ lhes dessem batalha. Com esta resoluçaõ se leuaraõ, & formaraõ seu escoadraõ muito bem, leuando a artelharia de feiçaõ, que podesse jugar pera todas as partes. No meyo ya a Raynha, & o Patriarcha, & toda a bagagem.

Dom Christouaõ da Gama ficou de fora cõ oito de caualo pera gouernar o exercito, & ver com o olho tudo, & o Barnagais com os mais capitaens Abexins repartio em duas alas de ambas as bandas do escoadraõ, & nesta fórma foraõ caminhando muito seguros & cõcertados. Elrey de Zeilá esteue vendo os Portugueses como se ordenauaõ: & tanto que foraõ marchando pello campo largo, arrebentou com todo o poder, & os foi cometer rodeandoos por todas as partes sem os nossos deixarem o compasso que leuauaõ, jugando sua arcabuzaria pera hũa & outra parte, em muito boa ordem. Os Turcos que yaõ afrontados dos Portugueses lhes ganharem as paredes apertaraõ muito com elles, adiantandosse de todos com sua arcabuzaria, com que fizeraõ algũ dano. Dom Christouaõ da Gama viosse taõ apertado, que mandou a Manoel da Cuuha, que lhes saisse com a sua gente, o que elle logo fez, trauando com os Turcos muito determinadamente, matandolhes do primeiro cometimento alguns, & fazendoos retrair a seu pezar. Os Mouros vendo os nossos baralhados acodiraõ aos seus, & misturãdosse todos rodearaõ Manoel da Cunha, q̃ fez marauilhas, & todauia esteue arriscado a se perder, se dom Christouaõ o naõ soccorrera em pessoa, metendosse no meyo dos imigos como vm liaõ brauo, matando, & derribando muitos: & todauia nos primeiros encontros lhe deraõ hũa arcabusada por hũa perna, com que pelejou sem se sintir que estaua ferido. Elrey acodio áquella parte com todo o seu poder, trauandose entre todos hũa asperissima batalha, pelejada por todas as partes com grande crueza. A artelharia ficou sempre jugando o milhor q̃ pode, fazendo nos Mouros dano grandis-

grandiſsimo. A Raynha vendo a batalha naquelle eſtado, & a multidaõ dos Mouros de que toda á roda eſtaua cercada, ouue tudo por perdido: mas todauia vendo o que os Portugueſes faziaõ, & o grã de esforço cõ que pelejauaõ, naõ deixaua de ter algũa confiança, encomendando o Patriarcha aquelle negocio a Deos: que permitio que eſtando a couſa no mayor perigo deſſem hũa eſpingardada em Elrey por hũa coxa que lha atraueſſou toda caindo logo no chaõ. Os ſeus acodindo ali, & cuidando que era morto, aleuantandoo, abateraõ as tres bandeiras que andauaõ ſempre pegadas com elle, & foraõſe recolhendo. Dom Chriſtouaõ vendo ir os imigos em diſbarato, contentouſe com a vitoria que Deos lhe tinha dado, & fazẽdo ſinal a recolher, plantou ali ſeu exercito pera ſe curar, & o fazerẽ a muitos que eſtauaõ feridos. Morreraõ da noſſa parte onze Portugueſes, em que entrauaõ Luis Rodriguez de Carualho, (aquelle de que muitas vezes falamos no primeiro cerco de Diu no capitolo terceiro do liuro terceiro) & Lopo da Cunha, homẽs fidalgos, & muito bons caualeiros: que primeiro que perdeſſem as vidas, tomaraõ dellas bem larga ſatisfaçaõ nos imigos, mandãdoos dom Chriſtouaõ da Gama enterrar a todos juntos.

Vendo a Raynha a merce que lhe Deos fizera, mandou armar ſuas tendas, & em hũa dellas recolheo todos os feridos que mãdou curar com muito cuidado, fazendoo primeiro a dom Chriſtouaõ, & a Manoel da Cunha, que tambem tinha outra eſpingardada: eſtando ella preſente à cura de ambos, fazendo com ſuas proprias maõs os fios, & as ataduras com muitas lagrimas de prazer: & por hũa parte feſtejaua a vitoria, por outra moſtraua o ſentimento que tinha de ver dom Chriſtouaõ ferido, adminiſtrando ella, & ſuas molheres todas as couſas neceſſarias pera os feridos, com muito amor, & charidade. Dõ Chriſtouaõ naõ ſe deſcuidou com a ferida de ſua obrigaçaõ, antes depois de curado mandou fortificar o arrayal, indo elle em hũa cadeira correr as eſtãcias, & ver tudo com o olho, & deſpedio eſpias pera irem ſaber dos imigos. E logo aquelle meſmo dia eſcreueo hũa breue carta pera o Gouernador em que lhe daua cõta da vitoria, & a deſpedio por vm correo pera a leuar a Manoel de Vaſconcellos: eſcreuendo tambẽ a Franciſco Velho que ſe apreſſaſſe o mais que podeſſe pera ſe vir pera elle por que o ya eſperando.

Naquelle lugar ſe deixaraõ ficar a tè o Domingo da Paſcoella mandando a Raynha buſcar por todas as aldeas vizinhas todas as couſas neceſſarias pera a gente. Paſſada aquella ſomana, achandoſſe dom Chriſtouaõ já bem, & os

os mais dos feridos ſaõs, leuantou o arrayal pera ir buſcar os imigos, que eſtauaõ d'ali perto, pera lhes dar batalha, por que eſtauaõ atemorizados, & facilmente os poderiaõ disbaratar, & aſsi foi marchando, muito fechado, & cõ grandes atalayas. Elrey de Zeilá logo foi auiſado da ida dos Portugueſes: & por que já ſe achaua bem da eſpingardada, ao menos fóra de perigo, leuantou ſeu campo, & os foi eſperar ao caminho, fazendoſſe leuar em vm andor. Chegados vns á viſta dos outros, tornaraõ os Mouros a eſtenderſe pello campo pera cercarem os noſſos á roda, mas os noſſos como eſtauaõ com a maõ folgada da vitoria paſſada, os eſperaraõ com mais determinaçaõ, trauandoſſe antre todos hũa aſpera batalha, fazendo a noſſa artelharia, & eſpingardaria nos Mouros mũy grande eſtrago. Os imigos deſejando de ſe ſatisfazerem da quebra paſſada, metiaõſe pella batalha como deſeſperados, naõ arreceando perigo algum. Vm capitaõ de cincoenta caualos, que parece foi magoado, foiſſe meter em meyo dos noſſos como doudo furioſo, mas foi logo morto com á mór parte dos ſeus.

Dom Chriſtouaõ ſubioſſe em vm fermoſo caualo, & vendo que os noſſos leuauaõ já a milhor, apellidando Sanctiago, Sãctiago, rompeo nos Mouros mũy denodadamente, ſeguindoo todo o mais cabedal do exercito, & dando nelles com taõ grande impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo, fazendolhes virar as coſtas. Dom Chriſtouaõ tanto que os vio ir em disbarato, deſpedio alguns capitaens em companhia do Barnagais, pera q̃ lhes foſſem ſeguindo o alcance, como fizeraõ, indo derribando, & matando nelles bẽ à ſua vontade. Aqui fizeraõ os Abexins marauilhas, que em quãto a batalha eſteue arriſcada deixaraõ todo o pezo della ſobre os noſſos. Os Mouros yaõ taõ deſordenados, que ſe dom Chriſtouaõ da Gama tiuera duzentos Portugueſes de caualo, ſem duuida Elrey de Zeilá fora tomado ás maõs: por que ya no andor fugindo, & todauia perdeo a mór parte de ſua gente no alcance que durou vm bom eſpaço. Dom Chriſtouaõ da Gama tomou conſelho com o Barnagais, a onde paſſariaõ aquella noite, & aſſentaraõ q̃ foſſe em hũa ribeira q̃ eſtaua d'ali mea legoa: & aſsi foraõ marchando, enterrando primeiro ali noue Portugueſes q̃ neſta batalha morreraõ.

Elrey de Zeilá eſtaua agaſalhado neſta meſma ribeira, bem deſcuidado de os Portugueſes poderem paſſar lá aquelle dia: & os noſſos de cuidarẽ achalo ali: chegando os Portugueſes á viſta della, tanto que teue rebate, meteoſſe no andor & foi fugindo com muita preſſa, & os ſeus a pos elle: & to-

do o resto do dia, & toda a noite foraõ caminhando com tamanha pressa, que o medo lhes fazia parecer, que os nossos lhes yaõ nas costas: & naõ pararaõ a tè se recolherem em hũa serra muito forte. Dom Christouaõ chegou à ribeira, & junto della se alojou por ser muito abundãte de agoas, & mũy abastada de eruas pera as caualgaduras, & ali descançaraõ aquella noite com grandes festas. Ao outro dia chegou Francisco Velho com muitas moniçoens, armas, & prouimentos, & com cartas do Gouernador pera dom Christouaõ, & pera todos os capitaens, cõ o q̃ a vitoria ficou sendo de mais gosto: ainda que meteo grandes inuejas em Frãcisco Velho, & seus companheiros, por se naõ terem achado nella. Ali souberaõ todas as nouas que lhe Manoel de Vasconcellos deu. E por que começauaõ ameassos do inuerno, recolheraõse a inuernar a onde à Raynha milhor lhe pareceo, & onde podessem ser milhor prouidos de tudo: ali se deixaraõ ficar esperãdo pello Emperador.

CAPITOLO IX.

Do que aconteceo ao Gouernador Martim Afonso de Sousa em Moçambique, a te partir pera a India. E de como a sua nao se foi perder em Baçaim, & elle chegou a Goa. E de como dõ Esteuaõ da Gama lhe entregou a India.



HA muito que deixamos o Gouernador Martim Afonso de Sousa em Moçambique, fazẽdose prestes pera ir inuernar á India: & andandosse negociãdo cõ muita pressa, foi auisado q̃ dom Aluaro de Tayde irmaõ do Gouernador dõ Esteuaõ da Gama, q̃ viera na sua companhia, determinaua de mandar diãte auisar seu irmaõ, & q̃ pera isso se negociaua vm Pangayo em muito segredo: & achãdo ser verdade, mandou o prẽder dentro na fortaleza, & a Luis Mendez de Vasconcellos que era o que determinaua de ir a Goa: & mandou pór grandes guardas no rio, por q̃ nada saisse pera fora. E por todos os rios de hũa & da outra parte mãdou tomar todos os pãgayos q̃ auia, fazẽdo sobre isso grãdes exames, peraque naõ fosse cousa algũa diante d'elle. E dando ordem a algũas cousas d'aquella fortaleza, & despedindo vm Catur que ali achou com cartas a Martim Afonso de Mello Iuzarte capitaõ de Ormuz, pera que em Agosto, lhe mandasse todo o rendimento da alfandega, que ouuesse: escreuendo a Elrey, & ao Guazil, cartas de offerecimentos.

Feito isto embarcouse no Galeaõ, em que foi Luis Mendez de Vasconcellos, por ser nauio mais maneauel & ligeiro: leuando comsigo Aleixos de Sousa, & a sua nao Sanctiago fez della capitaõ dom Francisco de Noronha, filho de vm irmaõ do Marquez de villa Real, clerigo, pera a leuar comsigo, deixando as outras naos pera se irem na mouçaõ de Agosto: & a quinze de Março se fez à vela, indo em sua companhia Diogo Soarez de Mello na sua Galeota, sem largar hũa hora o Galeaõ. O Gouernador foi correndo a costa de Melinde, & sorgio na baya d'aquella cidade, onde Elrey o foi logo visitar ao Galeaõ, com muitas festas & tangeres, & lhe mandou diante vm grãde presente de cousas da terra. E detendosse aquelle dia tornou a sua viagem: & por achar muitas calmarias foi tomar Sacotorá, onde se refez de agoa, & refresco. Dali atrauessou com tẽpos frescos, & no golfo se apartou delle a nao Sanctiago, que foi correndo sua derrota, dandolhe na entrada de Mayo algũas trouoadas, que eraõ ameassos do inuerno, foi auer vista da costa da India, de Dabul pera cima. Ali lhe deu vm tẽpo da parte do Sul taõ grosso, que lhe foi forçado correr em popa com vm bolso de vela. E como o vento & a tormenta era grãde, & o ceo estaua toldado, & o tẽpo escuro, naõ vendo o Piloto por onde ya foi varar no rio das cabras na ilha de Salsete de Baçaim, a onde se fez em pedaços. A gente parte della se afogou, por se querer lançar a nado à terra: & a outra que se deixou ficar na nao toda se saluou, por que da terra lhe acodiraõ logo muitas almadias. Dom Francisco de Meneses capitaõ de Baçaim, foi logo auisado, & embarcandosse no mesmo dia em algũs nauios acodio a nao, de q̃ com grande diligencia & trabalho tirou o dinheiro do cabedal, & toda a artelharia, & muita fazenda outra, & ainda a mór parte do cobre que leuaua no lastro, & muitas outras cousas da nao, amarras, ancoras, cordoalhas, mastos, vergas, entenas, cabrestantes, poleame, & todas as mais cousas, q̃ ainda seruiraõ depois: & leuou dõ Francisco de Noronha, & toda a gente da nao pera Baçaim, a onde inuernou mandandolhes pagar coarteis, & dar mesas, despendendo muita parte de sua fazenda, & da d'Elrey: por q̃ naõ atauaõ os Gouernadores naquelle tẽpo tãto as maõs aos fidalgos, como agora: por q̃ tãbẽ entendiaõ delles, quaõ puros & desinteressados viuiaõ.

O Gouernador com a Galeota de Diogo Soares, de Mello q̃ sempre o seguio, foy tambem corrẽdo o tẽpo q̃ lhe alcãçou, mas ja perto dos Ilheos queimados, & taõ pegado com a terra que lhes naõ fez nojo, & ainda que com trabalho,

foraõ ferrar a barra de Goa, a seis dias de Mayo ja sol posto: sem auer delle auiso, nem ser visto, por logo escurecer. O Gouernador desembarcou logo na Galeota de Diogo Soarez de Mello, & as onze horas da noite se foi meter nas casas de Antonio Pessoa Correa, a q̃ chamauaõ, Sanctos, que estaõ fora da cidade no caminho de saõ Pedro. D'ali despedio na mesma Galeota o Secretario Antonio Cardoso, homem letrado, que com elle vinha, por quem mandou visitar dom Esteuaõ da Gama, & a fazerlhe a saber de sua chegada. E com elle mandou Ieronymo Gonçaluez Sarmento seu camareiro, & outro homem de sua obrigaçaõ, pera que lhe fossem leuar o Secretario, & o Thisoureiro: por que vm naõ podesse fazer prouisaõ algũa, em quanto dom Esteuaõ lhe naõ entregaua a India: nem o Thisoureiro podesse fazer pagamento algum, por que sua tençaõ foi, tomar todos de sobresalto. E asi deu por regimento ás pessoas que mandaua, que naõ lhes dessem lugar pera irem ao Gouernador, nẽ pera bolirem em cousa algũa. Diogo Soares de Mello foi surgir com a sua Galeota no cais da cidade onde oje estaõ os aposentos dos Visorreys, sendo ja meya noite, ou mais, & disparou vm falcaõ com pilouro, que foi zonindo por cima das casas do sabayo, onde pousaua dom Esteuaõ da Gama. O Secretario desembarcou logo, & foi bater ás portas do Gouernador, a quem mandou recado q̃ estaua ali. Dom Esteuaõ da Gama sayo fora cuberto com vm roupaõ, & Antonio Cardoso lhe disse, que o Gouernador Martim Afonso de Sousa lhe mandaua beijar as maõs, q̃ lhe mandasse nouas de sua saude, & que lhe fazia a saber que era chegado. Dom Esteuaõ com muita segurança lhe perguntou a onde estaua: & dizendolhe que nas casas de Antonio Pessoa, dando à cabeça disse ao Secretario. Asi me toma o senhor Martim Afonso como ladraõ? Ora dizeilhe, que sua vinda seja boa: & com isto o despedio. Os outros dous q̃ eraõ enuiados aos officiaes, entraraõ por suas casas, & lhes deraõ o recado do Gouernador, & naõ lhes dando lugar pera se vestirem bem, assi mal vestidos os leuaraõ comsigo: & co elles se deteue o Gouernador toda a noite em saber das cousas da fazenda.

Dom Esteuaõ da Gama ficou enfadado do pouco respeito q̃ em Portugal se lhe teue, & de o mandarem tirar por vm homem que naõ era seu amigo, & toda a noite passeou sem dormir, cuidando no agrauo que se lhe fez. As nouas da chegada do nouo Gouernador correraõ logo pella cidade, q̃ começou a arder em aluoroco, acodindo os parẽtes & amigos de vm & de outro a saberem nouas, & aos

aos acompanhar a te amanhecer. Dom Eſteuaõ da Gama foi logo auiſado de como o Secretario & Thiſoureiro foraõ leuados com aquella preſſa, do que ſe tomou tãto, que diſſe palauras como homẽ magoado. Tanto que foi de dia, mandou dom Eſteuaõ recado aos Vereadores, & officiaes: & com os fidalgos que o acompanharaõ, foi a caſa do Gouernador, pera lhe fazer entrega da India. Martim Afonſo ſoube de ſua ida, & o ſayo a receber fora, moſtrandoſelhe dom Eſteuaõ carregado, & de poucos comprimentos, & ali lhe fez entrega da India, perante Fernaõ Rodriguez de Caſtello branco, Veador da fazenda, & de Ioaõ da Coſta Secretario, que diſſo fez ſeu termo ordinario. Feito eſte auto deſpidioſſe dom Eſteuaõ do Gouernador, & d'ali ſe embarcou pera Pãgim, aonde inuernou, ſem mais querer correr em amizade com Martim Afonſo, que tanto que tomou poſſe da gouernança logo proueo o cargo de Veador da fazenda em Aleixos de Souſa, que lho aceitou por pobre & por parente.

Os Vereadores prepararaõ vm grande recebimento ao Gouernador, & dahi a alguns dias entrou em Goa com grandes feſtas & alegrias. O Padre Meſtre Franciſco, com os companheiros que vieraõ no Galeaõ com o Gouernador, ſe recolheraõ ao hoſpital, começando logo a dar grandes moſtras de ſuas vidas, & doutrina, curando os enfermos com muita charidade: viſitando os hoſpitaes dos gafos, conſolandoos, & esforçãdoos. Aos Domingos & dias Santos ſayaõ pellas ruas a enſinar publicamente a doutrina Chriſtã aos moços, pregando, & confeſſando a toda a hora que os chamauaõ, com grãde conſolaçaõ de todo o pouo. Dom Eſteuaõ da Gama tanto que ſe foi pera Pangim, mandou chamar o Ouuidor geral, & o Prouedor mór dos defunctos com ſeus eſcriuaens, & mandou por elles fazer inuentairo de toda ſua fazenda, tomando elle juramento, & mandandoo dar a todos os criados que lhe corriaõ com ſua fazẽda: & ſegundo ouuimos affirmar a peſſoas d'aquelle tempo dinas de fè, acharaõſe lhe menos cincoenta mil pardaos do que tinha antes de entrar na gouernança, & a mór parte delles gaſtou na jornada do eſtreito, & diſto tirou certidoens pera moſtrar a Elrey.

(·:·)

CAPITOLO X.

Da armada que este anno de corenta & dous partio da noua Espanha pera as ilhas de Maluco, de que era capitaõ Ruy Lopez de Villalobos: & do que lhe aconteceo na jornada ate a ilha de Saragaõ. E do auiso que dom Jorge de Crasto capitaõ de Maluco teue desta armada. E de vm protesto que mandou fazer ao capitaõ Ruy Lopez de Villalobos.



COM a cobiça do crauo de Maluco, & com as grandezas q̃ d'aquellas ilhas contaraõ os da armada passada, determinou dom Antonio de Mendoça Visorrey da noua Espanha mandar a ellas hũa armada por sua conta, de que elegeo por capitaõ dom Ioaõ d'Aluarado, Adiantado da prouincia de Gatimara, trezentas legoas do Mexico: que tinha tambem quinhaõ na jornada: mas depois das despezas feitas faleceo o dom Ioaõ d'Aluarado, de hũa queda que deu de vm caualo, andando na conquista da noua Galiza, pello que ficou toda a armada ao Visorrey, que elegeo para ir nella Ruy Lopez de Villalobos. Esta armada partio do porto de Natiuidad, dia de todos os Sanctos d'este anno de corenta & dous: a armada era de seis nauios, em que iriaõ trezentos & cincoenta soldados, & coatro frades da ordem de sancto Agostinho, de que era mayoral frey Ieronymo de sancto Esteuaõ.

E nauegando ao Ponente no cabo de oito dias viraõ hũa ilha chamada sancto Thomas, que está em dezoito graos & tres coartos, & passaraõ por algũas despouoadas em dezoito graos do Norte. Dia de Natal descobriraõ muitas outras pequenas cheas de aruoredo, & taõ alcantilladas, que naõ ousaraõ a surgir antre ellas. E dia de sancto Esteuaõ o fizeraõ em hũa a que poseraõ o mesmo nome: ali fizeraõ agoa & lenha, & o Villalobos tomou posse della, & de todas as d'aquelle archipelago, pello Emperador Carlos Quinto. A este archipelago pozeraõ nome, dos coraes, pellos arrecifes todos seré delles, como os de Maluco: daqui partiraõ dia dos Reys, & passaraõ por muitas ilhas, a que poseraõ nome (por frescas) as dos jardins, que estaõ em dez graos. E nauegando por antre ellas, d'ali a dezoito dias chegaraõ a hũa ilha verde, de que lhes sairaõ alguns Paraos, com gente da terra bassa, como a de Maluco: & chegando junto de hũa das naos da conserua lhe falou vm do dos Paraos em Portuguez, & lhes disse, bons dias matalotes:

lotes: & voltaraõ logo, por que viraõ despedirse da nao capitana o esquife pera os ir chamar, & d'aqui se ficaraõ estas ilhas chamando as dos matalotes, que estaõ em dez graos. E logo adiante acharaõ outra ilha, a que poseraõ nome, dos Arrecifes, por ter muitos, que tambem está em dez graos. Passada esta ilha acharaõ outra na mesma altura, a que poseraõ nome a Cesaria por amor do Emperador.

Aqui sorgio a armada, & se deteue trinta & dous dias, & deixaraõ de a pouoar, por naõ ser a terra boa: & por que leuaua o Villalobos determinado de o naõ fazer mais de doze graos. E passando a diante foraõ demandar a ilha de Mindanao, que naõ poderaõ dobrar, por que traziaõ os Pilotos da armada a ponta da ilha em onze graos & meyo, estãdo ella em onze. E achando ali o vento contrario correraõ ao Sul, & foraõ sorgir em Saragaõ, & querendo desembarcar, foraõ mal recebidos da gente da terra, & lhe mataraõ coatro companheiros, pello que se tornaraõ a embarcar. Aqui foi ter cõ elles hũa Galeota da sua companhia, que auia dias que se tinha desgarrado com tempo, que foi dar em hũas ilhas muito abastadas de mantimentos, onde se proueraõ, & lhes poseraõ nome as Filipinas, pello Principe dom Felipe, herdeiro do Emperador Carlos Quinto. Aqui em Saragaõ estiueraõ alguns dias embarcados, & por que lhes faltauaõ mantimentos, embarcousse o Villalobos na Galeota, & tomou outro nauio, & foi demãdar outras ilhas que estauaõ á vista, pera ver se achaua nellas cousa de que se prouesse. E chegãdo a ellas, desembarcou na praya com todos os da sua companhia: & em os vendo os naturaes despejaraõ a pouoaçaõ, & se acolheraõ a vm outeiro. Os Castelhanos os foraõ cometer, & tiueraõ com elles hũa batalha em que lhe mataraõ muitos, & perderaõ vm sõ companheiro: & dando busca à pouoaçaõ acharaõ alguns poucos mantimentos, com que se tornaraõ pera a armada. E vendo que por ali naõ tinhaõ onde se prouessem, & sabendo como nas Felipinas acharaõ os da Galeota muitos mantimentos, mandou o general vm Bernardo de la Torre, por capitaõ de vm Galeaõsinho, chamado saõ Ioanilho, & a Pero Ortiz de la rueda na Galeota, & lhes deu por regimento que fossẽ áquellas ilhas a buscar mantimẽtos, com que tornaria a Galeota, & o Galeaõ se faria na volta da noua Espanha com recado ao Visorrey do que lhe tinha socedido naquella jornada, escreuendolhe sobre isso largamente. Estes nauios foraõ ter áquellas ilhas, & a Galeota carregou de mantimentos, & tornou a voltar pera a armada, & o Fernaõ de la Torre se ficou negociando,

& prouendo pera sua jornada: & partio pera a noua Espanha entrada de Agosto, & de sua jornada a diante daremos rezaõ.

Ali ficaraõ os Espanhoes comẽdo alguns mantimentos q̃ tinhaõ, que se lhe acabaraõ logo, & começaraõ a passar fomes & necessidades, de feiçaõ, que entraraõ por cousas immundas, & nogentas: como caens, gatos, ratos, cobras, lagartos, & outras cousas semelhantes.

A noua desta armada chegou a Maluco a dom Iorge de Crasto, & por que sintio na gente da terra algũ aluoroço, despedio logo vm Antonio d'Almeida, que diziaõ q̃ era filho bastardo do cõtador mór do reino, com duas Corocoras, & lhe deu por regimento que fosse a ilha de Saragaõ, & soubésse a certeza d'aquella armada, & q̃ achandoa, desse hũa carta que leuaua ao capitaõ mór della.

Partidas estas Corocoras, foraõ com muito trabalho á ilha de Saragaõ, & achando a armada, mandou Antonio d'Almeida pella Corocora da companhia vm soldado a pedir ao general licença pera se ver com elle, pedindolhe refens pera sua segurança. Chegada a Corocora a armada pós a nouidade d'aquella embarcaçaõ aluoroço em todos os della: & entrando na capitana lhe deu o recado de Antonio d'Almeida. Ruy Lopez de Villalobos o recebeo com muita honra, & lhe entregou vm d'aquelles capitaens, pera ficar na outra Corocora em refens, em quãto vinha falar com elle. Com esta segurança foi Antonio d'Almeida ao Galeaõ, & o capitaõ mór o recebeo a bordo. E recolhidos pera a varanda lhe deu a carta de dom Iorge, que continha o seguinte.

Senhor, por algũas pessoas da terra soube da chegada de v. m. a essas ilhas, se foi com tempo fortuito, naõ tenho que fazer mais, q̃ pedirlhe se venha pera esta fortaleza, onde o siruirei, & prouerei de tudo o necessario. Mas se sua vinda he a outra cousa, & por outro respeito, façolhe a saber que estas ilhas saõ d'Elrey de Portugal, & q̃ pello contrato que está feito antre elle, & o Emperador seu cunhado, nenhũa armada sua pode passar das ilhas das velas, que estaõ em dezassete graos escassos, & que elle estaua dos limites pera dentro naquellas ilhas em que estaua. Que lhe requeria da parte d'Elrey de Portugal, & do Emperador, que logo se tornasse, & naõ quisesse quebrantar as pazes que antre elles estauaõ feitas.

Ruy Lopez leo a carta, & logo lhe respondeo, dizendo asi de palaura a Antonio d'Almeida, como por carta, a dom Iorge: q̃ elle naõ vinha ali a deseruir Elrey de Portugal em cousa algũa, nem quebraua as pazes, porque aquellas ilhas em que estaua eraõ do Em-

perador: & com iſto lhe eſcreueo muitos comprimentos, de que os Eſpanhoes nada ſaõ auaros: & teue com Antonio d'Almeida outros. Elle ſe deſpedio do Villalobos, ſem poder notar a gente que os nauios tinhaõ, nem o modo de como eſtauaõ, nem elle quis perguntar couſa algũa, por que lho naõ auiaõ de dizer. E voltando pera Maluco deu conta a dom Iorge do que paſſaua, & pella carta vio a repoſta. E naõ faltou quẽ murmuraſſe de Antonio d'Almeida, auendo que vinha peitado dos Caſtelhanos, por que trazia peças & brincos que lhe elles deraõ.

Vendo dom Iorge a repoſta do Villalobos, deſpedio logo Belchior Fernandez Correa em tres Corocoras, & com elle vm tabaliaõ, por quem lhe mandou fazer grandes proteſtos, & requerimẽtos, pera que ſe ſaiſſe d'aquellas ilhas: & deu por regimento a Belchior Fernandez, que lhe mandaſſe hũa Corocora com a repoſta, & que com as outras ſe foſſe pór a Taguima, pera dar auiſo à nao da carreira, ou à armada, ſe o Gouernador a mandaſſe, de tudo o que era paſſado.

Belchior Fernandez foi ſua derrota, & achou ja os Caſtelhanos em Mindanao, com muitos menos, por que lhe morreraõ muitos de doenças, & fomes, em Saragaõ, & foi demandar o porto de Camariaõ onde a armada eſtaua. E entrando no Galeaõ do capitaõ mór, que o recebeo bẽ, lhe mãdou notificar o proteſto, & requerimẽto que leuaua: q̃ continha o meſmo que por Antonio d'Almeida lhe eſcreueo. O Villalobos lhe reſpondeo tambem por outro proteſto, feito pello meſmo tabaliaõ: que elle naõ eſtaua nos limites do ſereniſsimo Rey de Portugal, nem entraria nelles, por lhe ſer muito defeſo: mas que eſtaua nos do Emperador ſeu ſenhor. E que lhe requeria que naõ perturbaſſe a paz, por que elle eſtaua muito preſtes pera a comprir em tudo. Cõ iſto ſe deſpedio Belchior Fernandez, & os Caſtelhanos ficaraõ naquelle lugar, eſperando pella Galeota que era nas Felipinas: & vns poucos delles ſairaõ vm dia em terra pera tomarem mantimẽtos, & deraõ os negrôs nelles, & mataraõ alguns: ao que acudio Frãciſco Marinho, meſtre do campo com algũa gente, & tambem o mataraõ com muitos de ſua companhia: & o Ruy Lopez de Villalobos imaginou ſempre que fora ardil do Belchior Fernandez Correa, & q̃ deixara peitados os da terra pera darem nos Eſpanhoes ſe foſſem a ella. Neſte meſmo tempo chegou a Galeota das Felipinas com muitos mantimẽtos, & deu por nouas que o Galeaõ ſaõ Ioanilho, era partido pera a noua Eſpanha, & que aquella terra era muito boa, & fertil: & que os naturaes os deſeja-

uaõ

naõ lá muito. Com estas nouas tornou o Villalobos a mandar a Galeota,& vm bargantim em que foi o mesmo Pero Ortiz, pera que se confederasse com os da terra,& lhe trouxessem mantimentos.

Partidos estes nauios dahi a oito dias o fez tambem o Villalobos na sua nao,& dous bargantins que fez (por que outro nauio dos da sua companhia era perdido.) E tomou a derrota das Felipinas, & tendo nauegado cincoenta legoas lhe deraõ os brizas,com que naõ pode passar,&despedio os bargantins pera as Felipinas, & nelles frey Ieronymo de sancto Esteuaõ Prior dos Agostinhos,& elle se foi meter ẽm hũa baya da ilha de Cesaria, chamada Blancai, onde se deixou ficar mais de vm més esperando pellos bargantins, & ali lhe vendiaõ os da terra algum pouco mantimento. A Galeota que ya pera as Felipinas, achou ventos cõtrarios,por onde naõ pode passar, & tomou hũa ilha chamada Hunaco, a onde lhe mataraõ doze soldados. E voltãdo pera Mindanao,foi tomar a enceada a onde estaua o seu general taõ falto de tudo,& em tanto aperto de fome, que daua a cada pessoa,coatro onças de arroz por dia, sem mais outra cousa.

E deixandoos agora pera seu tempo,tornaremos a Belchior Fernandez Correa (que foi com o protesto ao Villalobos.) Chegado a dom Iorge com o recado & protesto que lhe o outro mandaua fazer,temendosse de algũa nouidade,fortificousse muito bem, & fez vm baluarte de pedra & cal no cãto do muro q̃ ficaua sobre o már, & forrou o muro com vigas muito grossas,& com seus entulhos.E temendosse que os Castelhanos fossem ao Moro,determinou de mãdar lá hũa armada. E por que naõ tinha mais que duas fustas, pedio a Elrey algũas Corocoras, que lhe ele naõ quis dar, com bem roins escusas: por que naõ quis anojar o Rey de Geilolo,& o de Tidore, que fauoreciaõ osCastelhanos,por pretender seu fauor,se o quisessem tirar do reino: por que esperaua todos os annos q̃ tornasse de Goa o irmaõ Tabarija.

Vendo dom Iorge que todos eraõ contra elle tratou de prẽder Elrey: mas deixou de o fazer por naõ quebrar com todos, & pellos naõ ter declaradamente contra si. Quasi no mesmo tempo a dezoito de Outubro, chegou ao porto de Talangame o Galeaõ da carreira em que ya Gil de Crasto, que socedia naquella capitania a Fernaõ de Crasto, que falecera em Malaca: & por hũa prouisaõ que leuaua do Visorrey nomeou em seu lugar a Gil de Crasto, que deuia de ser,ou irmaõ,ou primo. Dom Iorge foi logo auisado de sua chegada,& o mãdou visitar, & pedirlhe suas prouisoens. Gil de Crasto lhas leuou,

leuou,& dom Iorge o recebeo bẽ, & o leuou por ſeu hoſpede. Ao ou tro dia preſentes os officiaes, lhe pedio dom Iorge a carta de guia pera lhe entregar a fortaleza,& elle a apreſentou,& abrindoſſe, ſe achou falar ſó em Fernaõ de Craſto: pello que lhe naõ podia entregar a fortaleza, por que naõ auia couſa por onde ficaſſe deſobrigado da menagem della. Gil de Craſto fez ſeus proteſtos: mas em fim o negocio ſe calou, por que dom Iorge o ſatisfez, & lhe comprou muito bem ſua fazenda, & ficaraõ amigos.

CAPITVLO XI.

Do que aconteceo a Hamaû Paxà Rey dos Magores, na corte de Xâ Iſmael: & da ajuda que lhe deu pera tornar a con quiſtar ſeus reinos. E de como foi contra o reino dos Patanes, & de ſua deſcripſaõ: & de como foi desbaratado o Hamaû, & lhe naceo ſeu filho herdeiro.



EM quanto nos dura o tempo do inuerno,em que naõ ha q̃ fazer em noſſas couſas, daremos rezaõ das alheas: & eſta ordem guardaremos ſempre pellas naõ miſturarmos todas. E aſsi agora daremos conta do que aconteceo ao Rey dos Magores que deixamos desbaratado de Xircan, & acolhido pera Perſia,por que ſaõ couſas que conuem á noſſa hiſtoria, pera milhor intendimento della.

Pello que ſe á de ſaber, q̃ partido Hamaú Paxá do reino do Cinde (como atras diſſemos no capitolo terceiro do decimo liuro da coarta decada) foi ter á corte de Casbim onde Xá Iſmael reſidia,que o recebeo honradamente, compadecendoſſe de ſuas miſerias,& conſolandoo:prometendolhe toda ajuda & fauor que podeſſe para cobrar ſeus reinos: mãdandolhe dar apoſentos, & todas as couſas neceſſarias a ſua peſſoa, & eſtado. Na corte andou eſte Rey dous annos, dilatandolhe o Iſmael de dia em dia o ſoccorro, ſem acabar de concluir em algũa couſa. O Hamaú Paxá ſempre trouxe ſuas intelligencias antre os imigos, pera ſer auiſado do que paſſaua, andando muito enfadado das dilaçoens d'aquelle Rey. A molher que ſe recolheo a Cabul, (como diſſemos) tanto que ſoube ſer elle na Perſia, o mandou logo auiſar,de como eſperauaõ os naturaes d'aquelle reino pera lho darẽ, por ſer ſeu primo falecido ſem herdeiros. Iſto deu grande alento ao Hamaú,& mais vontade ao Xá Iſmael, pera lhe dar o ſoccorro q̃ lhe tinha prometido. A pós eſtas

nouas

nouas lhe chegaraõ outras: de como o Xircan era ido pera as partes de Bengala a acudir a alguns reinos que ſe lhe rebellaraõ: & q̃ ficaua o do Dely,& todos os mais com pouco cabedal, & que com qualquer ſoccorro os podia tornar a ganhar, por iſſo que ſe aproueitaſſe da occaſiaõ do tempo, & que ſe apreſſaſſe, por que o naõ era de a perder taõ boa,& taõ oportuna.

Deſtas couſas deu conta ao Xá Iſmael, dizendolhe como eſtauaõ diſpoſtas pera com mais facilidade tornar a ganhar o ſeu. O Xá Iſmael mouido de compaixaõ, determinou de o negociar, & lhe pedio a fortaleza de Cahandar com toda ſua jurdiçaõ, que era do reino de Cabul, que elle herdaua, por q̃ ficaua no eſtremo d'aquelle reino, & do de Coraçone, que era do Xá Iſmael, por ſer hũa couſa muito importante pera ſegurança d'aquelle eſtado. O Hamaú lha deu & concedeo, concertandoſſe, q̃ de caminho a entregaſſe a ſeus capitaens, & que d'ali foſſe conquiſtar ſeus reinos. Prometeolhe mais, de tomar ſeu carapuçaõ, & de ſeguir ſua ſeita como fez. Com iſto lhe ordenou quinze mil Quizil baxis, com que mandou vm filho ſeu mais moço minino de dez annos, entregue a Beran can ſeu capitaõ geral, a quem ya cometida aquella impreza. A tençaõ do Xá Iſmael mandar eſte filho neſta jornada, foi de elle ficar na cidade de Cahandar, & fazello Rey d'aquella parte, por que tinha muitos filhos, & queria acomodar eſte.

Preſtes o ſoccorro, deſpedioſſe o Hamaú do Xá Iſmael, & começou a marchar pera o reino de Cabul, a onde a molher o auia d'eſtar eſperando, com toda a gente d'aquelle reino: & antes de chegaré a Cahandar, (que era a cidade que elle tinha prometida a Xá Iſmael) faleceo o minino ſeu filho, & o Beran can deſpedio recado ao pay pera ſaber o que faria, indoſſe detendo a té lhe chegar a repoſta do Xá Iſmal, que naõ tardou, mandádolhe dizer, que proſeguiſſe elle na jornada, por geral do exercito, a té reſtituir o Hamaú em ſeus reinos. Chegado a Cabul tomou o Hamaú a Raynha comſigo, com toda a gente que tinha feita: & foi entrando por ſeus eſtados, ſenhoreandoſſe outra vez delles, desbaratando os capitaens que Xaholaõ tinha deixado com muita gente, & tornou a aſſentar ſua corte na cidade do Dely, onde fez muitas merces a todos os Perſas. E védo a grande prudencia & esforço de Beran can, lhe pedio quiſeſſe ficar com elle, offerecendolhe taes partidos, que o rendeo: dádolhe muitas terras, & rendas, & o titulo de Cancana (que he a mayor dignidade do reino, que reſponde a de Condeſtabre.)

Vendoſſe o Magor quieto em ſeu

seu reino, ficando com o de Cabul (que herdou) muito mór senhor, & mais poderoso que d'antes, naõ se contentádo de possuir o seu em paz, determinou de ir conquistar o reino dos Patanes, & destruir de todo o Xaholaõ, com quem a fortuna já tinha desandado a roda: porque asi como sobio apressado, asi tornou a decer com grande ligeireza. E ajuntando vm muito grosso exercito na entrada deste veraõ passado, entrou pello reino dos imigos. (E posto que adiáte com o fauor diuino auemos de fazer hũa particular descripsaõ, de todos os estados que este Barbaro possue: aqui iremos fazendo hũa muito breue do caminho que nesta jornada leuou.)

Partido da cidade do Dely, sempre ao nacente, foi entrando por hũa prouincia chamada Matoras, aos tres dias de sua jornada, por onde ha muitos & grandes Pagodes d'aquelles Gentios, continuados dos romeiros de todo o Industan. Tres dias foi caminhando por ella, & no cabo delles foi ter á cidade de Tatepur, que está posta sobre hũa fermosa serra. D'ali a vm dia de caminho foi á cidade de Agará (que depois foi corte & cabeça do reino dos Magores.) D'aqui foi caminhando doze jornadas, sempre ao longo de vm fermoso rio, a té chegar a duas fortalezas, que estauaõ de hũa & da outra banda, chamadas, Manequipur, & Cará. Dellas a outras tres jornadas, acharaõ a cidade de Ianapur, grande, & de fermosos edificios. D'ali a coatro dias de jornada foraõ á cidade de Galepur, ou Galipi, que parecia que já em outro tempo fora cousa muito grãde, pellas muitas ruinas que nella aparecem, asi de edificios, como de sepulturas & Pagodes. Nesta terra se faz muito asucar candil, que vai a Cambaya, & d'ali pera todas as partes da India. D'ali a dez jornadas foraõ á cidade de Payal, a onde está vm soberbo Pagode, dos antigos Reys, de muito grande romagem. Por esta terra passa o rio Gange, & por ser baixa he muitas vezes alagada, & recebeo delle grandes danos & destruiçoens. Pello que indo depois o filho deste Hamaú Paxá, sendo Rey, em romaria áquelle Pagode, vendo o grande dano que suas inundaçoens faziaõ, mandou que se tapasse o Gange em cima, & q̃ o repartissem por outras partes, como se logo fez. Nesta obra se gastaraõ oito meses, andando de contino nella corenta mil trabalhadores: & certo q̃ foi obra igual á d'Elrey Xerxes, quãdo mãdou diuidir aquelle rio, quando passou pera Grecia, agastado de se lhe afogar vm dos caualos do seu carro, jurando de o fazer passar a vao, a té ás molheres, como fez, diuidindoo em muitos regatos. Neste lugar mandou

este Rey tambem fazer vns paços, de tanta grandeza & majestade, q̃ se podem contar antre as marauilhas do mundo: por que nos affirmaraõ os Magores, que poseraõ em os fabricar trinta annos, andãdo de contino dez mil trabalhadores nelles.

Partido o Magor do Payal, em cinco jornadas chegou á cidade de Canár, posta sobre vm braço do Gange, grande, forte, & fermosa. D'ali a tres jornadas, chegaraõ a hũa prouincia de Gentios chamada Manarás, onde ha muitos & grandes Pagodes: & he taõ continuada sua romagem de todos os Gentios do Oriente, que se affirma, renderem os direitos das pessoas (que pagaõ hũa cousa muito pouca) mais de vm milhaõ d'ouro. A este pagode se foi tambem offerecer Elrey Gelaldim Mamede, filho deste Hamaú: & vendo aquelle trafego de romeiros, franqueou aquella romagem a todos liberalmente. D'aqui por diante foraõ entrando pella prouincia dos Patanes, gentes que já senhorearaõ todo o Industan: & a duas jornadas por ella chegaraõ á cidade de Gasapur, que tomou muito facilmente. E caminhando adiante outras tres jornadas chegaraõ a outra cidade chamada Iamanea, sobre quem assentou seus exercitos, por ter nouas que o imigo Xaholão vinha em busca delle cõ vm grosso poder. Ali se fortificou, & começou a combater a cidade fortissimamente, por ver se a podia tomar primeiro que o imigo chegasse. Xaholan deuse tanta pressa, que chegou poucos dias depois, & assentou seu arrayal da outra bãda do rio, hũa legoa do Magor, dõde o foi cometer com muitas escaramuças, de q̃ ambos receberaõ bẽ de dano. O Patane, q̃ era grãde capitaõ, & de grãdes ardijs, vsou de todos os q̃ pode. O Magor como estaua bẽ prouido foi cõbatendo a cidade deuagar: que por ser muito forte, & estar muito bẽ negociada, se defendeo muito bẽ, gastãdo o Magor sobre ella até o mês de Iulho, em que o rio Ganges, que lhe passa perto, costuma a ter suas inundações com tãta braueza, q̃ alaga todos aquelles cãpos, mais de oito legoas á roda.

O Patane que esperaua já por ellas mandou cortar bem emcima dous braços d'aquelle rio, fazendolhe primeiro grandes prezas. E chegãdo as primeiras agoas, as mãdou largar de noite, que começaraõ a vir rompendo por aquelles campos com vm taõ grande terremoto, que parecia que o mundo se desfazia: & dando no exercito do Magor, q̃ estaua em parte baixa, o alagou todo: afogandolhe mais de cincoenta mil homens, a fora caualos, bois, & outras alimarias, que foi vm grande numero. O Magor saluouse cõ muito trabalho, & quasi afogado em

hũa azemala por ordẽ de vm seu azemeleiro: & sua molher que estaua prenhe, & em dias de parir escapou em vm Alifante, com parte de suas molheres em outros. O Parseo Cancaná tambem esteue afogado. Toda aquella noite andaraõ com grande risco, sem vns saberem dos outros, a té amanhecer, que se começaraõ a ajuntar ao Magor alguns capitaens que escaparaõ, com suas gentes, & ajuntou vm exercito de perto de cincoenta mil homens. E por que receou que os imigos fossem a pos elle, mandou diante sua molher, & elle foi passando por todas as cidades q̃ tinha tomadas, leuando as guarniçoens q̃ nellas tinha posto, & foise caminhãdo apressadamẽte pera o seu reino.

A Raynha que ya algũas jornadas diante, deraõlhe as dores do parto de noite, & dizem algũas pessoas que parira hũa filha: & por que sabia o grande desgosto que o Magor disso auia de ter, receando que lhe viesse tomar auorrecimento, fiandosse de hũa pessoa sua, sabendo que aquella mesma noite parira a molher de vm Cornaca (que saõ os que gouernaõ os Alifantes, de alguns que leuaua) vm filho macho, mandou cõ muita pressa, & em muito segredo trocar a filha com elle: & affirmasse, que nem a molher do Cornacá soubera da troca, por que quasi foi no mesmo instante que acabara de parir. Isto nos affirmou muito vm homem Polaco chamado Gabriel, que veyo lá por Moscouia aos Husbeques, & esteue na corte de Abdulacan Rey de Camarcant alguns annos, & d'ali passou ao Magor em cuja casa & seruiço andou quinze annos, & depois veyo ter a esta cidade de Goa: onde o comunicamos, & soubemos muitas cousas d'aquellas partes, que elle notou bem: por ser vm homem muito experto, & de viuo engenho: & pella conta que daua vio tanto ou mais que Marco Polo Veneto: por que correo a Moscouia, a Husbequia, a Persia, a Tartaria, & chegou a Cambalec corte do Graõ Can, & entrou por parte da prouincia da China, & voltou pera o Industan, & correo todos os reinos dos Magores, & todo o de Cambaya, & Cinde: & depois de estar alguns annos em Goa, foise pera Cambayete onde morreo.

A Raynha foi criando o minino, & logo se publicou que parira, pello que voltou vm criado seu a dar nouas ao Magor, que em as ouuindo, & vendo que lhe nacia vm filho em tempo de tantas desauenturas & trabalhos, olhando pera o ceo disse: Alá hacbar, que quer dizer, Deos grande & poderoso: & ao filho poseraõlhe nome Geladim: & depois que herdou os estados do pay: & outros reinos q̃ conquistou, ficando mór senhor

que elle, intitulouſe Hacbar, que quer dizer, grande & poderoſo.

E quanto á duuida que delle ſe tem, ſegundo praticamos com algũas peſſoas que o viraõ, & ainda naturaes ſeus, naõ parece em ſua feiçaõ Magor, por que he homem pequeno de corpo, preto, bexigoſo, & taõ mal barbado, que parece Iao, ſendo todos os Magores por natureza muito aluos, grandes de corpo, roſtos largos, & muito barbados. Algũas peſſoas dizem que era filho da Raynha & do Cornaca, & q̃ indo ella no Alifante emprenhara delle.

E tornando ao Magor foi caminhando apreſſado, & tanto que ſayo das terras dos imigos cobrou mais algum alento. E chegando á cidade do Dely, querendo gratificar ao azemeleiro que o liurou da morte, fez aquillo que Aſſuero a Mardocheu, veſtindoo em ſuas inſignias Reaes, mandou o por toda a cidade acompanhado de toda a corte como Rey: & depois o aſſentou em ſeu throno, & tres dias continuos o tiraraõ pella cidade com pregoẽs, q̃ declarauaõ o porq̃ lhe fazia aquella hóra. Concedeolhe mais, que tudo o que naquelles tres dias fizeſſe foſſe feito, & q̃ nelles podeſſe mãdar como Rey: & que as rendas de todo o reino d'aquelles tres dias foſſem ſuas, & ſe arrecadaſſem pera elle, ficando eſte homem de pobre rico, de baixo, grande diante d'Elrey, q̃ ſempre lhe fez honras & merces. Mãdou mais Elrey, que em todas as moedas que d'ali em diante ſe bateſſem foſſem cunhadas, com hũa figura de hũa azemala, pella em q̃ ſe ſaluou.

Neſta jornada ſe achou vm Portuguez chamado Coſmo Correa, caſado em Chaul, cõ molher & filhos, que ainda viuem: que por eſpancar vm feitor fogio pera Cãbaya, & d'ali ſe paſſou á corte do Magor: eſte homem daua deſta jornada muito boa rezaõ, por ſer homem auiſado, & de quẽ o Magor foi grande amigo. Contaua delle muitas couſas, antre ellas dizia, que eſtando vm dia praticando com elle, lhe pedio, que lhe moſtraſſe o liuro por onde rezaua, que lhe elle mandou vir, que eraõ hũas horas de noſſa Senhora, d'aquellas antigas de coarto, illuminadas todas: abrindoas Elrey, deu logo no começo dos ſete pſalmos, a onde eſtaua a hiſtoria de Dauid com Berſabet, illuminada, grande, que tomaua todo o coarto. E eſtandoa Elrey vendo, diſſe a Coſmo Correa, que me daras ſe te adiuinhar eſta hiſtoria? Coſmo Correa lhe reſpondeo, que tinha elle que dar a vm tamanho Monarcha. Dame a tua lança, diſſe o Magor (que era hũa de Portugal) ſe naõ eu te darei a cabeça de vm porco montés, q̃ diãte de ti matarei, & com iſſo lhe contou a hiſtoria, aſsi como á temos na eſcritura.

Edan-

E dandolhe o liuro lhe disse, que lhe mostrasse os coatro homens q̃ escreuerão a ley dos Christaōs: Cosmo Correa lhe mostrou os Euangelistas, que estauaō illuminados nos começos das paixoés, que Elrey esteue vendo deuagar. E depois lhe disse: ora sabe hũa cousa q̃ muitas vezes ouui dizer a meu pay Babur Paxá, que se a ley de Mafamede padecesse detrimento, que naō recebesse nenhũa outra, se naō aquella que fora escrita por coatro homens. E asi era este barbaro taō afeiçoado aos Christaōs, que a onde os via (principalmente Portugueses) lhes fazia muitas honras & merces. Desta vez ficou o Magor em seus reinos: & o Xaholan, asi como se leuantou de nada, asi deceo apressado: por q̃ quando morreo já tinha perdido a mór parte de seus reinos, naō lhe ficando herdeiros, & com elle se acabou todo.

CAPITVLO XII.

De como se descobrirão as ilhas de Japaõ: & de hũa breue relaçaõ do principio, & origem de seus pouoadores: & de alguns ritos, & costumes d'aquellas gentes, & das prouincias que tem.



ESTANDO este anno de corenta & dous em que andamos, tres Portugueses companheiros, chamados, Antonio da Mota, Frãcisco Zeimoto, & Antonio Peixoto, no porto de Siaō com vm Iunco seu fazendo suas fazendas, assentaraō de ir á China, por ser entaō viagem de muito proueito. E carregando o Iunco de pelles, & de outras fazendas deraō á vela, & cõ bom tempo atrauessaraō o grãde golfo de Ainaō, & passaraō pella cidade de Cantaō, pera irem buscar o porto do Chincheo, por que naō podiaō entrar naquella cidade: por que depois que o anno de mil, quinhentos & quinze Fernaō Peres d'Andrade, estando na China por Embaixador, açoutou vm Mandarim (que saō os que gouernaō a justiça, que antre aquelles Gentios he mũy venerada) de tal maneira ficaraō os Portugueses odiados, & auorrecidos, que mãdou Elrey por vm edicto geral, que se naō consintissem mais em seus reinos, os homẽs das barbas, & olhos grandes: que se escreueo com letras grandes d'ouro, & se fixou sobre as portas da cidade de Cãtaō. E asi nenhum Portugues mais foi ousado a chegar a seu porto: & alguns nauios depois por tempos, foraō a algũas ilhas d'aquella costa a commutar suas fazendas, dõde tambem os lançaraō. Depois

paſſaraõ ao Chincheo pera onde eſtes yaõ,& onde os conſintiaõ,pello proueito que tinhaõ do comercio,mas do már faziaõ ſeu negocio, por que ſe naõ fiauaõ delles. Eſte Iunco indo demandar o porto doChincheo,deulhe vm tempo muito groſſo, a que os naturaes chamaõ Tufaõ, que he taõ ſoberbo & feróz,& faz tantas brauezas, & terremotos, que parece que todos os eſpiritos infernaes andaõ reuoluendo as ondas, & os mares: cuja furia parece que aleuanta labaredas de fogo nos ares:& em eſpaço de vm relogio de area,corre o vẽto todos os rumos da agulha, & em cada vm delles parece q̃ ſe vay refinando mais.

He tal eſte tempo, que as aues do ceo por vm diſtinto natural o conhecem oito dias antes: porque logo lhe vem decer os ninhos de cima das aruores,& os vaõ eſconder em algũas lapas. As nuuens oito dias antes andaõ taõ raſteiras,q̃ parece que as trazem os homens ſobre as cabeças, & os mares neſtes dias andaõ mũy maçados, & azulados. Primeiro que eſte tempo dé no már, moſtra o ceo vm ſinal mũy conhecido de todos, que he hũa couſa groſſa a que os mareantes chamaõ olho de boi,todo de diuerſas cores taõ malenconizadas,& triſtes, que metem temor a todos os que as vem. E aſsi como o arco celeſte, quando aparece,he ſinal de bonança & ſoſſego: aſsi eſte o he da ira de Deos: que aſsi podemos chamar a eſte tẽpo.

Os mareantes em vendo o ſinal logo ſe prepararaõ, aſsi pera com Deos (por que poucos nauios dos que tomauaõ naquelle tempo no már eſcapauaõ) como pera o paſſarem,dando logo com os maſtareos em baixo, & alijando ao már todas as couſas de cima, pera ficarem leſtes como eſtes fizeraõ, que ſe viraõ muitas vezes debaixo do már,& alagados,naõ fazendo conta de ſi, por que já o Iunco naõ daua pello leme, antes á vontade dos ventos & dos mares era leuado de hũa pera outra parte. O már feruia, os ares repreſentauaõ vm juizo final,com trouoens & relampados,& já nenhum dos companheiros o tinha pera couſa algũa: por que como mortos eſtauaõ lançados por cima da tolda, & pellos chapiteos, entregues á ſua ventura. Em vm extraordinario curſo da natureza, que ſe neſte tempo nota,ſe pode ver, que he o mayor que pode auer no mundo: porque em quanto dura he tal ſua força,que reprime o curſo ordinario do már, & enfrea as marés dos rios que naõ enchaõ,nem vazem. Durou eſta tempeſtade a eſtes homens vinte & coatro horas, & no cabo dellas quietou o Iunco: mas ficou tal & taõ deſgouernado,que naõ ouue outro remedio mais, q̃ deixaremſe ir á vontade dos ventos,que ao cabo de quinze dias o

foraõ

foraõ lançar antre hũas ilhas a onde ſurgiraõ, ſem ſaberem a onde eſtauaõ.

Da terra acodiraõ logo embarcaçoens, em que vinhaõ homens mais aluos que os Chins, mas de olhos pequenos, & de poucas barbas. Delles ſouberaõ que ſe chamauaõ aquellas ilhas Nipongì, a que commummente chamamos Iapaõ. E achando naquella gente afabilidade ſe foraõ com elles,que os agaſalharaõ bem. Ali concertaraõ & aparelharaõ o Iunco, & cõmutaraõ as fazendas por prata, que ali naõ ha outras: & como foi tempo tornaraõſe pera Malaca. A eſtes homens ſe deue a gloria deſte deſcobrimento: poſto q̃ Marco Polo Veneto tinha dado a conhecer eſtas ilhas muito primeiro, chamandolhe Zipango, de quem eſcreueo por roins informaçoens, eſtãdo no Cathayo algũas couſas, que nos fizeraõ algum tempo duuidar ſe eraõ eſtas ilhas Zipango: por que diz no Itinerario que fez, que Zipango era hũa ilha no Oriente,apartada da terra de Mangi em már alto mil & quinhẽtas milhas,que ſaõ mais de coatrocentas legoas, & que tinhaõ ouro em tãta quãtidade,que os paços do Rey eraõ cubertos com grandes paſtas delle: & que os idolos eraõ de diuerſas feiçoens, com teſtas de boi, outros de caõ, & outros d'outras alimarias: vns com hũa cabeça,ou tros com duas: vns com dous braços,outros de vinte a tẽ cento: & q̃ os que tinhaõ mais braços era mayor Deos. Diz mais que comiaõ carne humana os naturaes de Zipango. Eſtas couſas nos fizeraõ já duuidar falar de Iapaõ,por q̃ eſtas ilhas naõ eſtaõ afaſtadas da terra firme de Mangi mais que trinta a té corenta legoas, ouro naõ ha nenhum, ſe naõ o que lhe leuaõ da China. Nos idolos tambem varia,& muito mais no comer da carne humana, couſa q̃ ſe naõ achou nunca em algũa das ilhas do Iapaõ: por onde naõ ha duuida nacer eſte erro das roins informaçoens que lhe deraõ.Mas ſem duuida que eſtas ilhas ſaõ o ſeu Zipango: por que poſto que diga eſtarem apartadas da terra de Mangi tantas legoas, foi quando á diſtancia do porto do Chincheo,dõde naquelle tẽpo nauegauaõ pera ellas,& a differença que faz da terra de Mangi á da China, he a que cauſou confuſaõ nos Geographos: por que a verdade he, que o reino da China, & o de Mangi todo he vm, & tudo foi ſempre ſojeito a vm ſó ſenhor: & o proprio & verdadeiro nome d'aquelle reino he Cin Mancin,& aſsi o nomeaõ ſuas eſcrituras, & naõ declarando Marco Polo iſto,ouueraõ todos q̃ eraõ duas prouincias,Cin,& Mançin.

E d'aqui naceo a Abrahaõ Ortelio lançar no ſeu theatrum orbis,a prouincia da China, desde Cochim China, a té o cabo de

Liampó: & d'ali pera o nórte toda aquella costa que corre fronteira a Iapaõ, a faz da prouincia Mangi. E em tudo ha tamanha corrupsaõ, que a prouincia de Cin, que he o verdadeiro nome chama China, & a Manci, Mangi, como tãbem ao nome destas ilhas, q̃ (como dissemos) os naturaes chamaõ Nipongi, & elle Zipango: & deue de ser este nome corrupto d'aquelle, por q̃ os Chins as nomeaõ que he Gipon, que tem mais semelhança. E os Portugueses depois que trataraõ aquellas ilhas o corromperaõ no de Iapaõ. E posto q̃ os Padres da companhia de IESV, que nellas tem taõ dilatada a fé de Christo (como diremos) escreuaõ dellas historia particular de sua descripsaõ, ritos, costumes, origem, & principio, como homens q̃ as penetraraõ todas, & que sabem a verdade dellas, por lerem, & escreuerem a letra dos naturaes, & verem suas escrituras: todauia diremos breuemẽte o que dellas podemos alcançar, por informaçoẽs de alguns coriosos, que a ellas foraõ.

Estaõ estas ilhas do Iapaõ alem de toda a India, opostas áquella prouincia a que Ptholomeo chama Cinarum Regio, de trinta pera trinta & oito graos do Polo Arctico, saõ muitas, & a principal he a de Nipongi, em que está a cidade de Meaco, que he a corte, & residencia do Emperador. Esta ilha affirmaõ os naturaes que tem de comprido quinhentas legoas suas, que fazem trezẽtas sessenta & seis nossas. Os Pilotos Portugueses a fazem de duzẽtas & sessenta. Quer esta ilha imitar a figura de vm liaõ com as ancas viradas pera a terra da China, & o rosto pera o nacente: o mais alto da cabeça lhe fica em trinta & oito graos do Nórte, & a ponta do rabo, que he a feiçaõ de hũa rapoza, em trinta & coatro. Debaixo delle lhe ficaõ as duas ilhas de Ximo, & Xicoco, de que logo daremos rezaõ: & por baixo da barriga desta ilha, lhe ficaõ outras muitas, & o mesmo antre ella, & a terra da China. He repartida esta ilha grande em cincoenta & seis gouernanças. E porque no nomear d'ellas naõ podemos guardar a ordem de sua situaçaõ, por estarem repartidas por todo aquelle corpo, começaremos da ponta do rabo, & iremos acabar na cabeça.

Nagotono a onde está o porto de Ximino Xeque, & sino a onde está a cidade de Iamaguche, Aquinoquinum, Bigo, Bicchum, Bijan, Iuami, Izzumo, Misasæca, Farimá, Ccunoconi, Tamba, Meaco, Fogij, Inaba, Tagimá, Tãgo, Vocasa, Cauachi, Yzumi, Coya, Quinoconi, Ximá, Yxem, Amato, Iga, Vouari, Xiuano, Mino, Vosaca, Vomi, Fida, Iechegó, Chegon, Angua, Iecchum Noto, Cozzuque, Camoconi, Mechaua, Tutoni, Serugá, Izzum, Musaxi,

ſaxi,Aun,Cuzzaca, Ximoza, Fitachi,Sagamixuno, Ccuque, Chi Iafaá,Voſum,Figou,Chiqugeu,Chichaga, Bujar, Beigo, Deua, Xura canano, Xequei, Aquitano, Xiro, Sotono ſama,Eccugaruco.

A ſegunda ilha que eſtá na pōta do rabo chamada Ximo, he repartida em dez gouernanças, & eſtas por coatro ſenhores a que chamaō Iacatas. O primeiro & mais poderoſo he o de Bungo, q̃ tem eſtas gouernanças: Bunga,Fóga,Bugem,Chiqugem,& Chicungo. O ſegundo he o Xaxumá, & Voſume. O terceiro o de Fongó.O coarto de Arima: & fingem q̃ he vm reino muito grande.

A terceira ilha que fica aos pés da grande he a de Xicoco, diuidida em coatro gouernanças, Tonca,Sanoqui,Aua,& Iionoconi.

Quãto á pouoaçaō deſtas ilhas, ſaō taō ſoberbos os Iapoens, que ſe tem pellos primeiros do mũdo, ſobre o que fabulaō couſas muito pera rir,de que breuemente diremos algũas.

Dizem ſuas eſcrituras, que vm gigante que era ſenhor dos ceos & da terra, tamanho que tinha vm pé em cima, & outro em baixo, q̃ eſte de vm ouo que pós vm galo formara o mundo todo, da gema os ceos,& das claras os elementos: & que arremeçara de cima dos ceos hũa lança que cayra ſobre aquella ilha de Iapaō, & ſe metera pella terra, & que da abertura della ſayra hũa molher muito fermoſa,que eſtando vm dia aſſentada á borda da agoa ſayra vm cocodrilo,& ferrara della,& a cõmunicara por força,ficando d'aquelle acceſſo prenhe, & que por tempo parira vm filho, delle & della de quẽ ſe pouoara toda aquella ilha. E ainda ha oje muitos Iapoens aque chamaō Cõguis que ſaō fidalgos, & continuos da caſa do Rey, que ſe jactaō virem direitamente d'aquella caſta,& tanto ſe honraō diſſo,q̃ trazem nos calſoens vns rabos dependurados a maneira dos dos Cocodrilos.

E deixando as fabulas,a verdade he que procedem dos Chins, por q̃ em ſuas eſcrituras ſe acha,q̃ foi vm Principe d'aquelle reino degradado parar naquellas ilhas, a onde ſe deixou ficar,pouoandoſſe todas da gente que comſigo leuou. Iſto em nenhum modo querem conſentir os Iapoens,nem cõceder, por auerem os Chins por muito inferiores a elles.Em tanto, que a mór afronta que ſe pode fazer a algum,he chamarlhe Chim: & pella meſma maneira ſe tem os Chins por tanto mais honrados q̃ elles,que o mór deſprezo q̃ ſe lhes póde fazer, he chamarlhes Iapoẽs. Em fim,o gouerno deſtas ilhas em ſeu principio, & ainda oje, andou ſempre, & anda, nos deſcendentes d'aquelle Principe Chin,que tanto que vio a ilha pouoada tomou titulo de Rey. E ſeus deſcendentes

vendo

vendo a grande multiplicaçaõ, q̃
já auia naquellas ilhas: vm delles
vendoſſe taõ grãde ſenhor, tomou
vm titulo ſoberbiſsimo, que he,
V. O. que quer dizer Emperador.
Eſte em certo modo tomou tam-
bem para ſi o poder do ſpiritual, q̃
ficaraõ herdando todos, porq̃ elles
confirmaõ os ſeus Bonzos, q̃ ſaõ
os meſtres de ſua religiaõ.

Eſte Emperador aſſentou ſua
cadeira na cidade de Meacó, que
eſtá quaſi no meyo deſta ilha, ou
na cintura do liaõ, em que afigura-
mos que he o mais eſtreito da ilha:
por que por aquella parte naõ tẽ
mais de trinta & coatro legoas de
largura, dezoito a té a cidade de
Vacaçá, que eſtá da bãda do Nor-
te, ſobre as coſtas deſte liaõ: & de-
zaſeis pera a banda do Sul, a té a
cidade de Saquai. Vm deſtes Em-
peradores (por que o gouerno de
tamanho imperio lhe daua traba-
lho) proueo aquella ilha de dous
Gouernadores, com nome de Cu-
bos, vm com a jurdiçaõ de Mea-
có, pera o Leuante, & outro delle
pera o Ponente, pera adminiſtra-
rem juſtiça a todos os eſtados (que
ſe gouernaraõ por Cubos, que os
Emperadores prouiaõ) em paz, &
ſoſſego, muitas centenas de annos.
Mas perto dos do Senhor de mil,
atearaõſe antre eſtes dous Cubos
taes guerras, que meteraõ toda a-
quella ilha em reuolta, diuidin-
doſſe em dous bandos, fauorecen-
do o Emperador vm delles: & por
fim do negocio veyo a vencer o
da parte contraria, desbaratando
em hũa batalha o imigo, & fican-
dolhe o Emperador nas maõs: &
com elle ſe recolheo á cidade de
Meacó, & o meteo em ſeus paços,
onde ficou ſem eleiçaõ algũa de
querer: gouernando o Cubo ab-
ſolutamente, dando tudo o neceſ-
ſario ao V. O. que nunca perdeo
a authoridade aſsi no eſpiritual,
como no temporal: porque todos
os Cubos que yaõ ſocedendo ty-
ranicamẽte tomauaõ a inueſtidu-
ra de ſua maõ, fazendolhe ſeus a-
catamentos como a ſenhor ſu-
premo.

E o que he muito para admi-
rar, que neſta dinidade de Cubo,
depois do primeiro tyranno a tè
oje, naõ ſocedeo filho a pay, nem
irmaõ a outro: por que todos fo-
raõ mortos por outros tyrannos,
ou com ferro, ou com peçonha:
ſocedendo porem ſempre na di-
nidade do V. O. herdeiros natu-
raes, ſem ſe perder nunca aquella
progenia.

Tem os Iapoens oito ou noue
ſeitas, aleuantadas por homens e-
ſtrãgeiros que ali foraõ ter, & que
acabaraõ em vida religioſa, a que
elles chamaõ Fotoques. E tambẽ
alguns naturaes que elles veneraõ
por ſantos, a que chamaõ Cam-
mis, fizeraõ outras, & todas ſaõ re-
cebidas dos d'aquellas ilhas, tendo
bem differentes opinioens, viuẽdo
cada vm na ſua, ſem lhe ninguem

ir á

irá maõ. As seitas saõ as seguintes. A dos Iexús: estes affirmaõ q̃ naõ ha mais que viuer & morrer: esta receberaõ todos os nobres.

A dos Foccenxum: estes adoraõ o sol,& dizem que depois que vm morre vay viuer lá outra vida em outro mundo.

A dos Iodoxum: estes adoraõ vm idolo a que chamaõ Amida: & crem que todas as vezes que o nomeaõ ficaõ absoltos de seus peccados, & tem vm templo aleuantado a este idolo, que se chama o paraiso de Amida: em que estaõ todos os idolos de vulto que adoraõ: & affirmaõ que tem mais de dous mil de differentes feiçoens, (asi como acima dissemos no capitolo primeiro do liuro sexto) q̃ Marco Polo escreue.)

A seita Iecoxú: os que a seguẽ affirmaõ que depois da morte ha pena pera quem viueo mal,& gloria pera o que obrou bem:esta seita seguem os lauradores.

A seita chamada Iamabuxé, os que a seguem adoraõ os diabos,& & communicaõ com elles domesticamente, & de ordinario lhes aparece em forma de raposa, & cada vez que querem delles algũa cousa os chamaõ com hũa bozina, & tem com elles feito pacto, que cada vez que lho mandarem entraraõ & tornaraõ a sair do corpo da pessoa que lhe disserem. E asi como tem odio a algũa pessoa, logo se vingaõ pella maõ do diabo, por que se mete nella, & a atormenta.

Ha outras seitas de que os Padres da Companhia fazem mais particular mençaõ. Cada rito destes tem seus pregadores,& defensores,a que chamaõ Bonzos, & trazem sinaes de suas opinioens,pera serem conhecidos, & sobre ellas, antre vns & outros ha grandes disputas. Mas sobre todos estes idolos adoraõ a vm, Séutó, que dizẽ que he hũa substancia,& principio de tudo,& que suas moradas saõ os ceos. Os peccados principaes q̃ antre os Iapoens ha, saõ, fornicar, furtar, matar, beber, mintir: pera estes vicios tem suas purificaçoens, por esmolas,por officios, oraçoẽs, & por romagẽs: mas os peccados que naõ tem absoluiçaõ saõ, treiçaõ,& morte do pay: suas contas saõ pellos annos que os Reys reinaraõ. E isto baste dos Iapoẽs.

CAPITOLO XIII.

De como Elrey de Zeilà foi soccorrido dos Turcos: & da serra do Iudeo, que dom Christouaõ da Gama tomou. E de como os imigos o foraõ buscar, & do conselho que tomou.



ESBARATADO Elrey de Zeilá por dom Christouaõ da Gama, determinou de se valer do Baxá do

do Zebit: a quem despedio Embaixadores com muito dinheiro, pera lhe mandar mil Turcos d'espingardas, que lhe elle logo mandou em nauios. Dom Christouaõ da Gama estaua inuernado na cidade de Offar, esperando cada dia pello Emperador da Abasia, era isto já neste Agosto em que andamos. Socedeo nesta conjunçaõ ir ter com elle vm Iudeu, & lhe disse, que se tinha necessidade de caualos, & mulas, que elle o leuaria a hũa serra a onde se prouesse de tudo muito abastadamente, pera todo o seu exercito, & que a serra era de Iudeos: & poderia ter coatrocentos Mouros de guarniçaõ, que ali tinha Elrey de Zeilá (parece que este Iudeo por se vingar de alguns outros seus imigos lhe foi dar aquelle aluitre.) Dom Christouaõ informandosse do Barnagais, & de outros capitaens Abexins d'aquelle negocio: soube que lhe falaua verdade, & que naõ só era necessario dar naquella serra pera se prouerem de caualgaduras, & tomarẽna aos Mouros, mas ainda pera franquear aquella passagem: por que pello pé della auia de passar o Emperador. Pello que determinou de ir em pessoa áquelle negocio, leuando cõsigo as companhias de Manoel da Cunha, & a de Ioaõ d'Afonseca, & alguns capitaens Abexins, ficando tudo o mais em guarda da Raynha, & do exercito. E todo aquelle dia foi caminhando guiado do Iudeo, & passou hũa ribeira grande em jangadas, & da outra banda aluergou, & no coarto da modorra tornaraõ a caminhar, & rompendo a menham chegaraõ ao pé da serra, q̃ era tamanha, que se affirmaua ter doze legoas em roda. O Iudeo q̃ ya por guia o encaminhou logo por vm passo muito facil, por onde foraõ sobindo, achando em certas paragens alguns Mouros de guarda, que logo foraõ mortos. E passando adiante sobiraõ á chã, a onde acodiraõ logo os Mouros de guarniçaõ, que seriaõ perto de coatrocentos: & o seu capitaõ diãte em vm fermoso caualo. Dom Christouaõ que ya em outro muito grande, em vendo o Mouro diante, abaixando a lança bateo as pernas ao caualo, & o cometeo, & foi sua ventura tal, que o leuou na ponta da lança, dando logo com elle morto no chaõ. Os nossos rõperaõ no mesmo tempo com os Mouros, dandolhe sua carga de arcabusaria, de que derribaraõ muitos, & baralhandosse vns com os outros, assi apertaraõ os nossos cõ elles, que os poseraõ em disbarato, fazendolhes virar as costas, & seguindolhe o alcance foraõ matando nelles bem á sua vontade, escapandolhe muito poucos, ficandolhe vm grosso despojo de caualos & mulas.

Dom Christouaõ foi demandar hũa villa das principaes que

estaua

eſtaua perto, que era pouoada de Iudeos, como outras ſeis ou ſete que auia na ſerra, em que aueria perto de oito mil delles: & aſſegurando dom Chriſtouaõ a todos, acodiraõ das outras aldeas a lhe dar a obediencia.

Vm Iudeo douto nos diſſe neſta cidade de Goa, q̃ aquelles Iudeos & outros que andauaõ eſpalhados pella Abaſia, & pella Nubia, eraõ de algum d'aquelles tribus q̃ andaõ deſaparecidos.

O Iudeo que guiou a dom Chriſtouaõ da Gama, vendo as marauilhas q̃ os Portugueſes fizeraõ, ficou paſmado, & pedio a dõ Chriſtouaõ que o fizeſſe Chriſtaõ, a elle, & a toda ſua familia, molher, filhos, & eſcrauos. O que elle eſtimou muito, mandandoos bautizar por vm ſacerdote que leuaua, ſendo ſeu padrinho, & dandolhe o ſeu nome & alcunha: & de conſentimẽto de todos os da ſerra lhe deu o gouerno della. Niſto gaſtou dous dias, & ao terceiro tornouſe pera o exercito, leuãdo hũa grande preza de caualos, mulas, gado, & de outras couſas. E por q̃ por cauſa deſta carriagem yaõ caminhãdo deuagar, deixou em guarda della Afonſo Caldeira com trinta eſpingardas, & elle ſe foi apreſſando tãto, que aquelle dia já de noite chegou ao exercito. Ao outro dia teue rebate, q̃ os Mouros vinhaõ em buſca delle: pello que ſe fortificou o milhor que pode, prouendo ſuas eſtancias mũy bem. Elrey de Zeilá com o ſoccorro dos Turcos ficou taõ ſoberbo, & confiado, q̃ foi logo buſcar dõ Chriſtouaõ, & aquelle dia apareceo por aquelle campo com todo o ſeu poder, & ſe foi logo chegando ao exercito, & lhe deu hũa fermoſa ſalua de arcabuzaria, q̃ ſe julgou por de nouecentas eſpingardas. E cercaraõ todo o arrayal á roda, ficando os noſſos dentro encurralados. Dom Chriſtouaõ ajuntouſſe em caſa da Raynha, com os outros capitaens, Portugueſes, & Abexins, & tomou parecer ſobre o que faria, ſe ſeria bem recolherſe á ſerra que eſtaua perto, que era muito forte, pera ali eſperarem o Emperador. Eſte conſelho ouuera dom Chriſtouaõ de tomar em principio, tanto que ſe ajuntou com a Raynha, & ſegurarſe em parte em que os imigos o naõ podeſſem cercar, a tè ſe ajuntar com o Emperador: & da ſerra podera ſair a dar todos os aſſaltos que quiſera.

Mas como era mancebo, orgulhoſo, & grande caualeiro, mas de pouca experiencia nas couſas da guerra, leuouſe mais do que o ſeu coraçaõ & animo lhe pediaõ (que era naõ recear couſa algũa) que pellas regras & medidas da milicia, que ſaõ prudẽcia, & circũſpeiçaõ: & como bõ jugador de enxadres, trazer mais o olho nos lanços do contrario, que nos ſeus: & mais no que a de jugar de futuro,

que naõ nos que joga de presente. Por isso dizia aquella grande Menelao, que mais estimàua vm Nestor, que dez Ayasses. E Anibal sempre receou mais a Fabio quando naõ pelejaua, que ao Consul Minucio seu companheiro, que cada dia o cometia: por que o sobejo esforço as mais das vezes dá em perdiçaõ, como veyo a fazer o deste fidalgo, que quando entẽdeo o que lhe releuaua, já o naõ pode executar.

Tornando a nosso fio: Depois que dom Christouaõ propos no conselho o que lhe pareceo, foraõ os mais de parecer, que já se naõ podiaõ recolher á serra, por que os mesmos Abexins que andauaõ cõ elles, que eraõ por natureza falsos & desleaes, em sentindo qualquer mudança, cuidando que o faziaõ de medo, todos se leuantariaõ contra elles, por se sanearem com os imigos: que o menos mal era deixaremse estar, porque os Mouros naõ lhe podiaõ entrar o exercito, por que estaua mũy forte, & elles tinhaõ dentro todas as cousas necessarias pera se sustentarem a té a vinda do Emperador, que naõ podia tardar muito. Com esta determinaçaõ se deixaraõ ficar, despedindo dom Christouaõ vm correo Abexim, com vm escrito a Afonso Caldeira, que ficou atras com a recouagem, pera que fosse demandar o pé da serra, & que no coarto da modorra cometesse o exercito, por que elle estaria prestes pera o recolher. Toda esta noite passaraõ os nossos com as armas ás costas, cuidádo que os imigos os cometessem.

CAPITVLO XIIII.

De como os Mouros cometeraõ dom Christouaõ da Gama: & da grande batalha que tiueraõ. E de como os nossos foraõ desbaratados, & dom Christouaõ da Gama catiuo: & do cruel martyrio que recebeo.



AO outro dia q̃ foraõ vinte & noue d'Agosto, em q̃ se celebra a festa da degolaçaõ de saõ Ioaõ Bautista, determinou Elrey de Zeilá de cometer o exercito dos Portugueses, & repartindo os seus em duas partes, dando a dianteira a os Turcos, sayo de seus alojamentos com grandes carrancas, gritas, vozes, & sons de instromentos, & remetendo com as estancias as cometeraõ por duas partes, dando grãdes surriadas de espingardaria. Dõ Christouaõ, que estaua já prestes, acodio áquellas partes cõ algũs que o seguiaõ, & vẽdo a grãde determinaçaõ dos Turcos, receãdo q̃ o entrassem, determinou de lhes sair, a fazelos afastar. E escolhendo cincoenta soldados sayo por

hũa porta,& deu nos Turcos com tamanha furia, que com morte de muitos os arrancou d'ali. E porq̃ vinha carregando ſobre elle o pezo dos imigos, ſe tornou a recolher,com perda de coatro homẽs, & elle com hũa eſpingardada por hũa perna:& porque ao entrar do vallo vinhaõ já os imigos ſobre elle,receãdo Manoel da Cunha (q̃ eſtaua em hũa eſtãcia perto, & via tudo) q̃ entraſſem de enuolta cõ dom Chriſtouaõ, ſayolhe por áquella parte com tamanha furia & braueza, q̃ ſem temer a multidaõ delles ſe meteo em meyo, fazẽdo nelles tamanho eſtrago, que de já o naõ poderem ſofrer,ſe afaſtaraõ:& Manoel da Cunha ſe tornou a recolher,com perda de tres ſoldados. As outras eſtancias eſtauaõ em grande aperto,porq̃ quaſi q̃ chegaraõ os imigos a caualgalas: & vendoſſe todos taõ arriſcados,querendo antes morrer no cãpo q̃ nos vallos, arrebentaraõ por elles fóra como lioẽs, & deraõ nos imigos com muita braueza,trauãdoſſe antre todos hũa muito aſpera batalha. Dom Chriſtouaõ aſsi ferido como eſtaua ſayo de miſtura com os ſeus, fazendo muito bẽ o officio de capitaõ,& de ſoldado, gouernando,& prouendo nas couſas que lhe pareceraõ neceſſarias, & pelejando por ſeu braço cõ muito valor & esforço,andaua em vm fermoſo caualo todo armado: & correndo todas as partes foi dar com Franciſco d'Abreu cercado de vm grande numero de imigos, & elle no meyo pelejando como deſeſperado, tẽdo feito nelles grãde eſtrago, & mandandoo ſoccorrer por Inofre d'Abreu ſeu irmaõ com a ſua companhia,paſſou adiãte por ver as outras partes em que ſe pelejaua. Inofre d'Abreu vendo o perigo em que ſeu irmaõ eſtaua, ſem receyo algum rompeo pellos Mouros, & apreſentouſe diante do irmaõ, q̃ já eſtaua muito ferido, & ali fez marauilhas. Mas como o numero era taõ deſigual, & os Turcos que vieraõ de ſoccorro,deſejauaõ de parecer bẽ a Elrey de Zeilá,fizeraõ couſas eſpantoſas,naõ receando o ferro dos noſſos que os cortaua bem: & aſſi apertaraõ com elles, que os fizeraõ recolher aos vallos. Aqui deraõ hũa eſpingardada a Franciſco d'Abreu, de q̃ o derribaraõ: o irmaõ vendoo cair, voltou pera o recolher, dando com grande furia nos imigos, fazendoos deter com morte d'algũs: & querẽdo aleuãtar o irmaõ lhe deraõ a elle outra eſpingardada, de q̃ cayo morto ſobre elle fazendo ambos neſte dia couſas dinas de grãdes louuores. Os noſſos eſtiueraõ aqui de todo perdidos,recolhẽdoſſe aos vallos já desbaratados, & ſem ordem, ficando muitos mortos no campo. Todo eſte tempo eſteue a Raynha em grande afliçaõ, curãdo por ſuas maõs os feridos, aju-

dandoa o Patriarcha. Dom Christouaõ da Gama ſe recolheo aos vallos o milhor que pode, bem perſeguido dos imigos: & mãdou a Manoel da Cunha, que com ſua gente voltaſſe a elles,& trabalhaſſe pellos afaſtar, & que quando ſe vieſſe recolhendo, elle faria outro tanto, porque os imigos naõ entraſſem de miſtura com elles. Manoel da Cunha voltou com grande furia & determinaçaõ, arremeſſandoſſe no meyo dos imigos, como vm rayo abrazador, ferindo, & derribando nelles cruelmente: & fazendoos afaſtar vm pouco ſe tornou a recolher pera as eſtancias como lhe era mandado. Os Turcos tornaraõ a carregar ſobre elle com grande impeto: mas dom Chriſtouaõ lhes tornou a fazer roſto, pera ſe poder recolher mais á ſua vontade: mas como os Mouros vinhaõ creſcendo, neſta parte ſe tornou a trauar hũa muito cruel batalha, em que dom Chriſtouaõ, & todos os ſeus como lioens famintos ſe metiaõ em meyo dos imigos, ſem recearem a morte: fazendo nelles tamanho eſtrago, que naõ parecia o dano feito por taõ poucos, & taõ canſados homens, ſe naõ por muitos, & muito folgados. Dom Chriſtouaõ da Gama (que neſte dia mereceo tanto, que bem ſe podera fazer delle ſó vm grãde tratado) andando aceſo na batalha pelejando por ſeu braço,& derribando muitos dos imigos: inuejoſa a fortuna da gloria de ſeu valor & esforço, ordenou q̃ lhe deſſem outra eſpingardada pello braço direito (que eſte dia tinha ganhado tanta honra,& obrádo taõ grandes marauilhas) que lho quebrou de todo, ficãdolhe inhabilitado pera a eſpada. Aqui acodio Manoel da Cunha pello recolher, voltando aos imigos, q̃ vinhaõ já victorioſos, & por ſeu muito valor & esforço, ſe detiueraõ: pelejãdo os ſeus ſoldados como deſeſperados, vẽdo o ſeu capitaõ mór taõ mal tratado. E tãto apertaraõ com os imigos q̃ os detiueraõ, com o que vm ſoldado teue tẽpo de recolher dom Chriſtouaõ, tomãdoo as coſtas cõ muito riſco ſeu,(& o nome deſte ſoldado tãbem o tẽpo tẽ gaſtado, como o tem a outras muitas couſas bem dinas de memoria pello deſcuido Portuguez.) Aqui recreceo o poder dos imigos,& arrebẽtando como vm furioſo torrente, deraõ em os noſſos, & os fizeraõ voltar de todo pera as eſtancias, ficando no cãpo deſta feita eſtirados Ioaõ d'A fonſeca, & Franciſco Velho, dous caualeiros principaes, que eſte dia fizeraõ bem grandes couſas. A eſte tempo eſtaua dom Chriſtouaõ curandoſſe em caſa da Raynha,& dizendolhe que lhe entrauaõ os vallos, mandouſe leuar por alguns homens áquella parte por onde diziaõ que entrauaõ os imigos, mandando acodir á gente para os defen-

defender: mas como os Mouros vinhaõ d'arrancada, & com a vitoria nas maõs, romperaõ por elles & os entraraõ, acolhendosse os q̃ nelles estauaõ para as tendas da Raynha, cuidando q̃ nella achasse remedio. O Patriarcha vendo a cousa perdida, caualgou em hũa fermosa egoa, mũy grande corredora, & foise saindo do arrayal pella banda que ya pera a serra, por que estaua por ali desapressada dos imigos, & alguns Portugueses que o viraõ ir o foraõ seguindo. A Raynha tambem se pós em outra egoa pera ver se se podia saluar. Dom Christouaõ foi logo auisado disto, & mandou algũas pessoas de confiança que fossem ter maõ nella, por que com sua ida se acabaria tudo. O Barnagais, & mais capitaens Abexins, nunca sairaõ dos vallos pera fora ajudar os nossos, & muitos delles se recolheraõ com o Patriarcha. Os Turcos entraraõ os vallos por duas partes, & vinhaõ já rompendo pello arrayal dentro matando muitos. D'isto se deu rebate a dom Christouaõ que vendosse perdido, quis antes morrer ás maõs dos imigos, que ficar catiuo, & assi voltou pera aquella parte com vm furor taõ grande, que lhe fez esquecer as feridas que tinha: & tomando a espada com a maõ esquerda, disse aos seus, que quem o quisesse seguir o fizesse, por que elle ya morrer em meyo dos imigos. Alguns que nunca o deixaraõ, vendoo d'aquella maneira o detiueraõ dizendolhe, que aquillo era mais desesperaçaõ que determinaçaõ, que pera morrerem com elle, todos estauaõ muito prestes, mas que aquillo era arriscar a alma, por que ninguem podia ir determinadamente buscar a mórte: q̃ o bom seria tratar de se saluar, por que com poupar a vida, se remedeaua a honra, & ahi lhe ficaua tempo pera se satisfazer d'aquella perda. E tomandoo por força, o poseraõ em vm fermoso caualo, & quatorze companheiros em outros: & tomando a Raynha comsigo, & o Barnagais, se sairaõ pella outra parte da banda da serra. O que poderaõ bem fazer, por q̃ como os Mouros andauaõ já senhores do arrayal, descuidaraõse de tudo por roubarem. Logo se deu recado a Elrey de Zeilá, que dom Christouaõ era recolhido: pello que mãdou com muita pressa algũas companhias a pos elle: encomendandolhes muito o trouxessem viuo.

Os Turcos andauaõ espalhados pellas estancias saqueando tudo: & entrando hũa companhia delles nas tendas da Raynha, a onde estauaõ todos os feridos, que naõ poderaõ fogir: & com hũa crueldade brutal começaraõ a cor

tar nelles. Vendo vm dos feridos aquella bruteza, aleuantousse o milhor que pode, & pós o fogo a vns barris de poluora que estauaõ na mesma tenda, que arrebentaraõ, & deraõ por esses ares com as tendas, & com quantos auia dentro, sem escapar algum com vida.

E tornando a continuar com dom Christouaõ: tanto que se sayo do arrayal logo lhes anoiteceo, & perdendo o caminho da serra se foraõ metendo pellos matos, por onde andaraõ toda a noite: mas a Raynha com o Barnagais foraõ atinando milhor com muitos Portugueses em sua companhia: por onde nos parece que Dom Christouaõ foi o que se naõ quis recolher á serra, por que sua tençaõ seria irse pera as terras do Barnagais. Em fim como quer q̃ fosse, elle andou toda a noite, & tanto que amanheceo acharaõ hũa fonte onde se apearaõ pera darem agoa as caualgaduras, & pera repousarem vm pouco. Ali se apertaraõ as feridas vns aos outros, o milhor que poderaõ. Mas a fortuna naõ satisfeita ainda de tantos males, ordenou que fossem os Turcos dar com elles, guiados de hũa escraua, que os tinha ali visto. E lançando maõ d'elles os leuaraõ amarrados a Elrey de Zeilá, que em estremo estimou esta preza, auendo que Mafamede o ordenara asi, por acabar de triunfar da vitoria.

E tendo dom Christouaõ em pé diante de si, lhe mandou dar em seu rosto muitas bofetadas, com as alparcas dos seus escrauos. (Vileza nunca vista em outro barbaro) & das barbas lhe mandou fazer tranças, com candeas pequenas de cera, á que mandou pór o fogo, & disse aos seus, que asi fosse leuado por todo o exercito, pera mór vituperio. Dom Christouaõ sofreo tudo com grande animo & paciencia, & com o coraçaõ posto em Deos, por cujo amor, & seruiço padecia aquelle martyrio. Depois de passada aquella afronta o tornaraõ a Elrey, que por sua propria maõ lhe cortou a cabeça, por que lhe tinha cobrado taõ grande medo, que lhe naõ quis dar vida, por naõ ficar viuendo com sobresaltos. Aos outros Portugueses mandou meter em masmorras, & alguns morreraõ logo das feridas, & os mais diuiaõ de acabar no catiueiro, por que naõ achamos feito memoria de algum delles. Aos Turcos lhes pezou muito da morte de dom Christouaõ, por que desejauaõ de o leuarem de presente ao Graõ Turco, pello valor, & esforço de sua pessoa: mas sua alma sanctissima foise apresentar na gloria diante do dador della, banhada no fresco sangue de seu glorioso martyrio, por que entrou fermosa &

sa & triumphante, a onde recebeo a coroa aureola que está guardada pera todos os que morrerem por sua fè, honra, & seruiço. De que he clara próua hũa grande marauilha que Diogo de Reinoso & outra pessoa dina de fé viraõ por se acharem presentes & serem da companhia de dom Christouaõ da Gama que o escreueraõ. E a marauilha foi, que ali onde o Rey de Zeilá degolou dom Christouaõ, & o seu sangue se derramou, naceo logo hũa fonte de agoa que daua saude aos enfermos que se lauauaõ com ella.

Outra marauilha aconteceo tãbem no mesmo tempo & dia em que este valeroso capitaõ & martyr de Christo foi degolado, que em certo modo mostraua Deos nosso Senhor nella quaõ aceita sua morte foi diante delle. Por q̃ num mosteiro de frades se arrancou por si hũa aruore muito grãde que tinhaõ na crasta, virandosselhe as raizes pera o ar, & a rama pera a terra estando o dia muito quieto & sereno, & sem lhe preceder nenhũa tempestade a que se isto podesse atribuir. E porque isto causou espanto & admiraçaõ nos religiosos que morauaõ no mosteiro onde isto aconteceo, notaraõ & escreueraõ o dia que foi, por lhe parecer que naõ carecia de mysterio hũa cousa taõ noua, & taõ extraordinaria como aquella. E quando souberaõ da morte deste glorioso martyr de Christo (que asi lhe podemos chamar) viraõ que foi no proprio dia em q̃ a aruore se arrancou, a cuja morte elles atribuyaõ aquella marauilha. E o que nisto he mais pera notar he ver que estando esta aruore já auia tempos seca, & com as mais das raizes cortadas, aconteceo que vencendo o Emperador da Abassia ao Rey de Zeilá, que degolara dom Christouaõ da Gama, lhe cortou a cabeça, & no mesmo dia em que lha cortaraõ, tornou a aruore, q̃ estaua seca, a se virar coas raizes pera baixo, & meterse na terra, & juntamente reuerdecer como antes que se arrãcasse della.

A Raynha meteosse na serra, q̃ era fórte, onde se deixou estar cõ grande dór, & tristeza, por naõ ter nouas de dom Christouaõ, que ella amaua como seu filho. Afonso Caldeira (que como atras dissemos, deixou dom Christouaõ, com toda a preza que tomou na serra do Iudeo) quis sua boa fortuna, que indo demandar o exercito: aquelle mesmo dia deraõ cõ elle alguns que yaõ fogindo do disbarato: & sabendo ser a Raynha recolhida pera a serra, largando tudo encaminhou pera ella, com os trinta companheiros que leuaua, q̃ a Raynha estimou muito. Poucos dias depois chegaraõ as tristes nouas da morte de dom

Chriſtouaõ da Gama, por que todos fizeraõ mũy grande pranto, ſendo já ali juntos cento & vinte Portugueſes. Só Manoel da Cunha depois de tudo perdido, ajuntou corenta Portugueſes, & naõ querendo encaminhar pera a ſerra, deſuiouſe por outro caminho, & foi ter ás terras do Barnagais, a onde ſeus vaſſalos o agaſalharaõ, & recolheraõ, mandando d'ali eſpias a ſaber de dom Chriſtouaõ, & da Raynha, de que naõ tinhaõ nouas algũas. Aſsi os deixaremos todos em ſua triſteza, atè tornarmos a elles.

Fim do Oitauo Liuro.

LIVRO



LIVRO NONO DA QVINTA DECADA DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITVLO I.

D'algũas cousas em que o Gouernador Martim Afonso de Sousa proueo. E da armada que este anno de corenta & dous partio do reino, sem leuar capitaõ môr. E de como o Gouernador se embarcou pera Cochim.



TANTO que o Gouernador Martim Afonso de Sousa, tomou pósse da gouernança da India, começou de entender nas cousas da justiça, & fazenda, achando hũa grãde quebra nas pareas que os Reys de Ormuz pagauaõ, em que já o Gouernador dom Esteuaõ da Gama o veraõ atras tinha bolido. E por que o rendimento do estado naõ viesse tanto a menos, & Elrey de Ormuz se naõ fosse penhorando mais em diuidas, desejando de prouer naquellas cousas, as pós em conselho. E pera milhor intendimento desta materia, será necessario tornar de nouo a dar rezaõ das pareas q̃ os Reys de Ormuz pagauaõ. Pello que se á de saber, que pello primeiro cõtrato que Afonso d'Albuquerque fez com Elrey Ceifadim lhe pós de pareas quinze mil xerafins d'ouro cada anno. Depois quando Antonio de Saldanha foi por capitaõ mór aos estreitos indo inuernar áquella ilha onde já reinaua Toruxá filho de Ceifadim, lhe acrecẽtou mais nas pareas dez mil xerafins, que ficauaõ sendo vinte & cinco mil. E indo o anno de vinte & tres o Gouernador dom Duarte de Meneses acodir aos aleuantamentos que ouue naq̃lla ilha contra os nossos, falecẽdo naquelle tẽpo Elrey Toruxá, aleuantando o Gouernador por Rey seu filho Mamedxá, fez com elle nouos contratos, escritos por Sebastiaõ de Vargas Secretario do estado, cujos capitulos principaes eraõ.

Que elle recebia aquelle reino de Ormuz da maõ d'Elrey dom Ioaõ de Portugal, que elle & seus socessores tornariaõ a entregar liuremente á pessoa que os Reys de Portugal mandassem: & que pagaria mais de pareas trinta & cinco mil xerafins d'ouro, que com os vinte & cinco mil dantes, prefaziaõ

ziaõ, sessenta mil xerafins d'ouro: que elle & seus soccessores seriaõ obrigados a pagar em ouro, prata, aljofre, pellos preços da terra: com condiçaõ que auendo guerra em Cambaya, donde vinha o principal rendiméto d'aquella alfandega, entaõ os annos que durasse naõ pagariaõ mais que os vinte & cinco mil xerafins de primeiro, o que tudo se verá muito claro em vm liuro dos regimentos das fortalezas da India, que anda nos contos de Goa, recopilado por Simaõ Botelho Veador da fazenda.

Depois disto os annos de vinte & noue, quãdo o Gouernador Nuno da Cunha foi a Ormuz inuernar vindo do reino, (como na coarta decada fica dito no capitolo terceiro do liuro sexto) depois d'aquella perdiçaõ de Barem, fazendo pazes com aquelle Guazil, o condenou em corenta mil pardaos de pareas, pello aleuantamẽto que fez, que pagaria do rendimento d'aquelle reino de Barem cada anno perpetuamente. Depois vendo Nuno da Cunha, ꝗ aquelle Guazil era vassallo do Rey de Ormuz, os carregou sobre elle, & os pós por regimento naquella fortaleza, com o que ficaraõ as pareas em cem mil xerafins d'ouro. Estes mandou que se arrecadassem pello rendimento da alfandega de Ormuz, & que naõ abrangendo, lançassem maõ de todas as mais rendas do reino, a té perfazerem aquella contia. E por que aquelle Rey ficaua sem ter com que se sustentar, (depois que lhe lançaraõ maõ de todas as rendas) mandou o mesmo Nuno da Cunha, que se lhe naõ bolisse nellas, nem se arrecadassem da alfandega mais ꝗ dous terços, & que a demasia se deixasse a Elrey pera suas despezas. E como naquelle tempo naõ rendia a alfandega tanto, que podesse abranger a tudo, ficou Elrey de Ormuz deuendo hũa grande quantidade de dinheiro: por que o que faltaua se lhe carregaua por diuida.

Depois mandando o Visorrey dom Garcia de Noronha a Ormuz, fazer conta destes restes, achouse ficar Elrey deuendo, a tẽ todo o anno de trinta & noue, trezentos setenta & sete mil, & cincoenta & dous xerafins: sete candis, & corenta & seis dinares. Desta cõtia passou Elrey de Ormuz vm conhecimento sellado com o seu sello: que o Gouernador Martim Afonso de Sousa achou nos cõtos de Goa. E posto que alguns digaõ, que os corenta mil pardaos que o Gouernador Nuno da Cunha acrecentou nas pareas áquelle Rey, foi pella culpa que lhe achou na mórte do Guazil Rax Hamed, (ꝗ socedeo naquelle Guazillado em ausencia de Rax Xarafo, que Manoel de Macedo leuou pera o reino (como temos dito no capitolo coarto liuro sexto da coarta decada,)

da) foi roim informaçaõ: por que nós achamos nas arrecadaçoẽs dos feitores d'aquelle tempo q̃ ſeruiaõ em Ormuz, carregados eſtes corẽta mil xerafins, com declaraçaõ q̃ eraõ os que pagauaõ de pareas o Guazil de Barem pello aleuantamento que fez. E por q̃ eſte Guazil de Barem era vaſſallo d'Elrey de Ormuz, & elle lhe pagaua aquelles corenta mil pardaos, pello rendimento d'aquelle reino de Barem, & que naõ podia ſer pagar corenta mil a Elrey de Portugal, & outros corenta mil ao de Ormuz: mandou Nuno da Cunha, q̃ ſe carregaſſem ſobre Elrey aquelles corenta mil pardaos mais, & q̃ elle os arrecadaſſe do ſeu Guazil: & que o dinheiro de alguns annos que o Guazil de Barem tinha pagos, ſe abateſſem na diuida q̃ diuia Elrey de Ormuz. E porq̃ os proprios papeis que ſobre iſto ſe fizeraõ, ou ſaõ leuados pera o reino, ou perdidos: ficou iſto fazendo cõfuſaõ, & o naõ podemos aueriguar, ſenaõ pello regimento d'aquella fortaleza, que mandaua arrecadar eſtes cem mil pardaos d'aquelle Rey, ſem fazer mais algũa declaraçaõ, que ſó dizer, que eraõ de pareas.

E achando o Gouernador Martim Afonſo de Souſa, os conhecimentos das diuidas nos contos: mandou de nouo fazer conta, des do anno de trinta & noue, até a entrada deſte de corenta & tres, & ſe achou ficar aquelle Rey deuendo, quinhentos & dezoito mil, & quinhentos & trinta & ſete xerafins d'ouro. E por que a contia era muito grande, & naõ auia eſperanças de ſe arrecadar naõ querendo que foſſe a diuida mais por diante, pós aquelle negocio em conſelho (como começamos a dizer no principio deſte capitolo) para ver o meyo que naquillo ſe podia tomar. E debatido antre todos, aſſentouſſe, que viſto como Elrey de Ormuz naõ podia pagar tanto dinheiro, nem auia por onde ſe arrecadaſſe delle, (por que ſe lhe boliſſem nas rendas fóra da alfandega, ficaria ſem ter que comer) & q̃ pois ſe naõ podia em tempo algũ arrecadar, mais que o rendimento da alfandega, que ſe lhe mandaſſe notificar que a largaſſe toda a Elrey de Portugal, & que lhe quitaſſem todas as diuidas que deueſſe: & que na renda da meſma alfandega ſe lhe pagaſſem algũas tenças aos continuos de ſua caſa: & q̃ foſſe o Secretario Antonio Cardoſo á Ormuz a pór aquellas couſas em ordem.

E por que o Gouernador determinaua de ir a Cochim tanto que as naos do reino chegaſſem, mandou dar auiamento a armada que auia de leuar: por que tambem ſe aſſentou em conſelho, que ſe deſſe vm grande caſtigo á Raynha de Batecallá, por que eſtaua rebelada, & auia annos que naõ queria pa-

gar

gar as pareas que diuia. E andando occupado neſtas couſas entrada de Setembro chegaraõ á barra de Goa as naos da ſua companhia, que ficaraõ inuernando em Moçambique,& tres mais de viagem, de coatro que partiraõ do reino,q̃ naõ traziaõ capitaõ mór. Os capitaens eraõ Anrique de Macedo, Baltaſar Iorge, & Lopo Ferreira: & o capitaõ que faltaua era Vicente Gil, que ſe foi perder na coſta de Melinde,em parte que ſe ſaluou toda a gente.

O Gouernador começou a pagar ſoldados para a ſua armada, & lançar nauios ao már, por que determinaua de ſe partir logo pera Cochim a dar ordem á carga das naos,& a eſcreuer pera o reino. Tambem deſpachou as naos pera Malaca, em que ſe embarcou Fernaõ de Craſto,que era prouido da capitania de Maluco, por que lhe cabia entrar. Dom Eſteuaõ da Gama que eſtaua em Pangim,ſem correr com o Gouernador mandou recado ao Veador da fazenda, que auia miſter nauios pera ſe ir pera Cochim, que lhos deſſe dos d'Elrey como era obrigaçaõ. O Veador da fazenda o fez a ſaber ao Gouernador, que mandou que ſe lhe deſſem com todo o neceſſario, como ſe fez, & elle ſe embarcou ſem ſe deſpidir do Gouernador Martim Afonſo de Souſa, por que ſe queria logo embarcar, deu deſpacho a muitas couſas, & antre ellas foi agaſalhar os Padres da Companhia, que atè entaõ eſtauaõ no hoſpital,& aſſentou com os Vereadores que ſe lhes deſſe o Seminario que dom Eſteuaõ da Gama ordenou na carreira dos caualos,a onde eſtauaõ os mininos orfaõs, & os nouamente conuertidos á fe Catholica, pera os enſinarem, & doutrinarem, & lhes deraõ vm arrezoado chaõ pera ſuas officinas.

Os Padres ſe mudaraõ logo pera lá,& ordenaraõ vm moderado templo,conforme ao lugar & tempo, pera nelle celebrarem os officios diuinos: & começaraõ a adminiſtrar com muita charidade os ſacramentos, ſendo ajudados em tudo dos cidadaõs de Goa cõ muito amor, & aſsi foraõ crecendo,aſsi em virtude, como em numero, & templo, por que depois (como diremos)fundaraõ no meſmo lugar aquelle celebrado collegio de ſaõ Paulo, que he vm dos milhores da Europa.

O Gouernador deu deſpacho ao Secretario Antonio Cardoſo pera Ormuz,que ſe embarcou logo, & ſegundo ouuimos dizer a fidalgos d'aquelle tempo,antre os capitulos que lhe deu de ſeu regimento foi vm, que deuaçaſſe de Martim Afonſo de Mello Iuzarte,capitaõ d'aquella fortaleza, por que deſejaua de embicar com elle, por que naõ era ſeu amigo: & aſsi nos affirmaraõ, que lhe paſſara hũa

ra hũa prouisaõ em segredo, pera que achandoo culpado nos capitulos que leuaua o mandasse prezo,& elle ficasse por capitaõ a tẽ ir o prouido. Mas a verdade he, que lhe mandaraõ de Ormuz muitos capitulos contra elle falsos & mẽtirosos, porq̃ nestas fortalezas sempre ha homẽs de roim zelo, capituladores,& maos de contentar.

O Gouernador se embarcou de todo,& deu á vela em Outubro,leuãdo comsigo as naos do reino. Os capitaens que nesta jornada o acompanharaõ foraõ dom Manoel de Lima, dom Martinho de Sousa,Pero Vaz de Siqueira, Alõso Anriquez, Manoel de Sousa de Sepulueda, Bernaldim de Sousa, Fernaõ da Sylua alcaide mór de Alpalhaõ,Fernaõ de Sousa de Tauora,dom Diogo d'Almeida Freire,Diogo de Mendoça, Diogo de Reinoso, Francisco de Sá de Meneses, Francisco Lopez de Sousa, Antonio de Sá o Rume,dõ Duarte de Meneses, Antonio de Soto mayor,Afonso Pereira de Lacerda,Iorge de Mello o Punho,Lopo Vaz de Siqueira,Diogo Pirez Deça,Fernaõ de Lima,Gaspar de Sousa,Afonso Furtado,Aluaro de Mẽdoça,dom Francisco de Noronha, Fernaõ Gomez de Sousa, Ioaõ de Mẽdoça,dõ Ioaõ Anriquez, dom Ioaõ Mascarenhas, Luis Cayado, Vasco da Cunha,Luis Falcaõ,& outros muitos fidalgos & caualeiros a q̃ naõ achamos os nomes. E seguindo sua viagem foi sorgir com toda sua armada sobre o porto de Batecalá.

CAPITOLO II.

Do sitio da cidade de Batecalâ: & de como o gouernador Martim Afonso de Sousa desembarcou nella & a destruyo. E de como dom Esteuaõ da Gama se embarcou pera o reino, & das partes & calidades de sua pessoa.



ESTA cidade de Batecalá está na costa do Canará em altura de graos do Norte: foi sempre sogeita aos Reys de Bisnagá: está situada quasi hũa legoa por vm muito fresco rio acima,& estẽdida em vm plano,cõ muitos palmares,hortas,& fazẽdas ao derredor,cõ muitos & grandes cãpos, & varzeas em que sameaõ muito arroz, & hũa laya delle a q̃ chamaõ Giracal,o milhor de toda a costa da India,de que se proué a mór parte della. He pouoada de Gentios. He grande,& de grandes edificios & pagodes. Foi sempre muito prospera,rica,& mũy continuada de mercadores estrangeiros da Persia,& da Arabia,que ali yaõ carregar suas naos de fazendas, por q̃ ha ali muitas sórtes de roupas muito finas, muito gengiure, ferro,& outras cousas. A sua bar-

ra he muito roim, & naõ podé entrar por ella se naõ nauios de remo,& inda com maré cheya. Na boca della da banda do Nórte té vm morro alto com pedras na pōta sobre o már, de longo della entra o rio,& torna a voltar caminho do Sul Sueste, alargando pera dētro cada vez mais. Da outra parte da entrada da barra da banda do Sul,tem hũa praya muito grande,que faz hũa baya a maneira de concha, onde o már em tēpo dos ponentes quebra, & anda muito banzeiro, por lhe ficar em opposito. Afastado da ponta da barra vm tiro de Falcaõ tem vm ilheo redondo alto, & delle ao már no mesmo paralelo perto de duas legoas outro,cheyos ambos de mato em que andaõ bichos peçonhētos, & por antre vm & outro passaõ todas as naos,mas por antre o da terra só fustas. De lógo de ambos ha algũas abrigadas á que as fustas que ali andaõ d'armada, se acolhem em tempos rijos.

Surto o Gouernador Martim Afonso de Sousa mādou requerer á Raynha q̃ lhe mādasse pagar as pareas q̃ diuia dos annos atras passados,& que lhe entregasse logo todos os nauios de remo que em seu porto estiuessē,por que d'ali sayaõ a roubar todo aquelle már,& ella os recolhia dētro. A Raynha quis vsar de manha cō o Gouernador, por que sabia q̃ ya pera Cochim, & que se naõ auia de deter muito, mandandolhe dizer, q̃ pera tudo estaua prestes, que ajuntaria as pareas, & que os nauios logo se lhe entregariaõ. E pera mayor dissimulaçaõ, ao outro dia lhe mādou os cascos de tres nauios velhos: & dahi a dous dias outros dous sem virē as pareas, gastādo nestas dilaçoēs sete ou oito dias. O Gouernador enfadado mandou fazer prestes a todos pera ao outro dia desembarcar, como fez,naquella praya da baya,em q̃ ordenou dous esquadroēs de seiscētos homēs cada vm, dando vm a Fernaõ de Sousa de Tauora,a quem encomendou a dianteira,ficādo o Gouernador cō o outro,em q̃ yaõ os mais dos fidalgos:& pello rio dentro mādou vinte nauios ligeiros pera irem cometer a cidade pella bāda do már. E póstos em ordem foraõ marchādo pera á cidade por meyo d'aq̃lles palmares,a onde a Raynha mādou lançar muita gēte d'espingardas,q̃ trauaraõ com a diāteira, indo os nossos pelejando com elles, sem se sairem de seu compaço, leuādoos diāte de si a té os meterem pella cidade,em q̃ de enuolta com elles foraõ entrando,achando grāde resistencia, por que acodio ali a Raynha com todo o poder. E como todos pelejauaõ em defensaõ de sua cidade,molher,filhos, & fazendas,faziaõ marauilhas.

Aqui antes de entrarem na cidade se adiantou vm soldado (a que naõ achamos o nome) sobre quem

quem carregaraõ mais de duzentos dos imigos, cercandoo por todas as partes, mas elle com muito animo, valor, & esforço, saltando a hũa & a outra maõ como vm liaõ brauo se defendia de todos, ferindo a muitos que trabalharaõ por lhe chegar.

Estando neste conflicto chegou outro soldado chamado Francisco d'Almeida natural de Sanctarem, & vendoo em tamanho aperto, espantado das cousas que fazia em sua defẽsaõ, rompeo por todos os imigos, ferindo nelles até se pór junto delle, & com as costas vm no outro se defenderaõ de todos, fazendo nelles mũy grande estrago, de feiçaõ que já os imigos naõ ousauaõ de os cometer de pérto, mas de longe lhes atirauaõ com muitos tiros de arremesso. Mas elles como touros magoados das garrochas dos imigos, bramindo, & assouiãdo, arremetiaõ com elles & os magoauaõ bẽ, trazẽdo elles já muitas feridas: & asi se detiueraõ a té chegar o escoadraõ, q̃ remetendo com aquelle cardume, desbarataraõno logo, recolhẽdo aq̃lles dous valerosos soldados.

Os que entraraõ a cidade apertaraõ tanto com os imigos que os arrancaraõ della, recolhendosse pera o sertaõ. O Gouernador entrou na cidade, & sabendo ser despejada, a deu a saco aos soldados, q̃ se ceuaraõ bẽ á sua võtade, naõ perdoãdo a sexu, nẽ a idade, metẽdo tudo a ferro, & depois q̃ se carregaraõ, & fartaraõ, deraõ fogo á cidade que por todas as partes ardeo toda sem ficar cousa em pé.

O Gouernador mandou cortar todos os palmares, & quantas fazendas auia á roda: & depois de tudo consumido, assolado, & feito em cinza, se recolheo pera a armada, deixando por toda aquella costa tamanho terror, & espanto em todos, que se mudou vm antigo adajo que por toda a India corria (de Oxar Batecalá) que quer dizer guardar de Batecalá, por serem seus naturaes taõ soberbos, que nada sofriaõ. E d'ali por diante se dixe, Oxar Martim Afonso: & asi em qualquer parte da costa da India, em que depois os Portugueses desembarcauaõ diziaõ pellos quebrantar, Oxar Martim Afonso, & asi ficaraõ naquella costa taõ respeitados, & temidos de todos, que só sua memoria, ou lembrança os atormentaua. O Gouernador deu á vela, & foi sua derrota pera Cochim, & desembarcando naquella cidade foi della muito bem recebido, & logo começou a entender na carga das naos, com que dom Esteuaõ ya correndo, conforme ao regimento, em que manda Elrey, que todo o Gouernador que acabasse seu tempo, em quanto estiuesse em Cochim vsasse de poderes de Gouernador, asi na carga das naos como na justiça: ainda que muito depois lhes

tirou o poder, como em ſeu lugar diremos, na juſtiça, porque perdoa uaõ muitos caſos feos, & muitos degredos.

Dom Eſteuaõ da Gama, como eſtaua tomado, & naõ corria com o Gouernador, paſſouſe pera a ilha de Ioaõ Pereira, donde ſe embarcou na entrada de Ianeiro na nao Burgaleza. Tiueraõ eſtas naos boa viagem a tè o reino. Sómente a naõ Sancto ſpirito, de que era capitaõ Aluaro Barradas, indo por dentro, por onde entaõ yaõ todas as naos, foiſſe perder junto de Titangone, a onde ſe ſaluou toda a gente, & a mór parte da fazenda. Dom Eſteuaõ da Gama foi em Portugal deſembarcado por todos os ſenhores, que o leuaraõ a Elrey, que o recebeo mũy bem. E polo Elrey dom Ioaõ o terceiro querer caſar, & elle naõ querer, lhe naõ deraõ ſatisfaçaõ de ſeus ſeruiços, que foi cauſa de ſe elle ir viuer a Veneza com ſua licença, donde eſteue annos muito reſpeitado do Senado, à tè o Emperador Carlos Quinto o perſuadir com largas promeſſas de merces que lhe Elrey faria a ſe vir a Portugal, que lhe naõ compriraõ.

Foi eſte fidalgo filho ſegundo de dom Vaſco da Gama, primeiro Conde Almirante, o que deſcobrio a India. Era homem de meã eſtatura, bem aſſombrado, & alegre: era groſſo, eſpadaudo, & muito barbudo, de cabello preto: & aſsi parece oje na caſa dos Gouernadores, a onde eſtá o ſeu retrato muito pello natural. Foi Gouernador de Lixboa: foi fidalgo liberal, de verdade, muito bom caualeiro, homem que executaua os conſelhos, & era porfioſo, nunca foi caſado: teue vm filho natural chamado dom Vaſco da Gama, que deixou por ſeu herdeiro, & caſou com hũa filha de Andre Tellez, mordomo mór do Iffante dõ Luis, & dona Caterina Freira em ſanta Clara de Lixboa. Dizem que depois de velho foi cometido para ir á India, & que ſe eſcuſara, por què quis quietar, & pera milhor dizer, ſegurar a conſciencia, por que ella & a honra, eſtaõ muito arriſcadas naquelle cargo. Iaz enterrado na Vidigueira em vm conuento de Carmelitas, que ſe chama noſſa Senhora das reliquias, tem capella dotada: & tem vm letreiro na ſua ſepultura que diz aſsi:

O que armou caualei-
ros ao pé do mon-
te Synai, ve-
yo acabar
aqui.
(·:·)

CAPITOLO III.

Do q̃ fez o Gouernador Martim Afonso de Sousa depois que despedio as naos do reino. E de hũa breue relaçaõ de todas as cousas d'Elrey de Maluco, que estaua em Goa: & de como foi despachado pera ir entrar no seu reino. E das cousas a que o Gouernador mandou Simaõ Botelho a Malaca.



DESPEDIDAS as naos pera Portugal, ficou o Gouernador Martim Afõso de Sousa dando despacho a alguns Embaixadores que o foraõ visitar, como foi o do Camorim que recebeo muito bem, & confirmou com elle as pazes de nouo. E asi mesmo, o da Raynha de Batecalá, que escramẽtada do castigo que lhe deraõ, naõ quis experimentar mais o ferro Portuguez: & mandou pedir com muita humildade perdaõ das culpas passadas, offerecendosse a pagar tudo o diuido, & a continuar com as pareas que era obrigada a pagar cada anno.

O Gouernador lhe concedeo as pazes com condiçaõ que entregaria logo tudo o que diuia, & que pagaria todos os annos de pareas dous mil fardos de arroz, asi como se obrigara ao Visorrey dom Francisco d'Almeida.

E que naõ recolheria em seus pórtos nauios alguns de cossairos.

E que daria lugar pera hũa feitoria, pera estarem os officiaes d'El rey feitorisando suas cousas.

E que nenhũ gengiure iria mais pera Meca, antes todo se venderia na feitoria pello preço da terra. Disto se fizeraõ papeis, & a Raynha comprio á risca tudo.

Acabados estes negocios, se embarcou o Gouernador pera Goa, onde começou a entender com as cousas d'Elrey de Maluco, que estaua nella. E por que depois que foi tirado de seu reino naõ tratamos delle, daremos agora hũa breue relaçaõ de todas: por que de proposito as guardamos pera este lugar, pellas naõ contarmos por pedaços.

Capitolo treze do oitauo liuro da coarta decada temos dado conta, de como chegando Tristaõ de Tayde a Maluco prendera Elrey Tabarija, de Ternate, & o mandara à India, com vm auto de culpas q̃ lhe formara, sendo aquelle Rey innocente de todas. E como Deos nosso Senhor he verdadeiro juiz, & igual pera todos, sem exceiçaõ de pessoas, vendo a grande sem justiça que se lhe fazia, pondo os olhos nelle, tratou de o remediar, asi na restituiçaõ de seu reino, como na saluaçaõ de sua alma, por esta maneira.

Estando este Rey na cidade de Goa,sem lhe falar a feito, por causa da guerra de Diu, dandosselhe porem tudo o necessario da fazẽda d'Elrey: correndo asi este tempo,veyo a tomar conuersaçaõ cõ vm homem fidalgo chamado Iurdaõ de Freitas (que já era de mais longe,por algũas vezes que tinha ido a Maluco)& aqui em Goa onde elle correo com mais continuaçaõ,se lhe veyo a entregar de feiçaõ,que naõ fazia se naõ ô que lhe elle aconselhaua : solicitando elle seus negocios com o Gouernador Nuno da Cunha, a que o tempo naõ deu lugar pera o despachar. E como Iurdaõ de Freitas era homẽ amigo de Deos & virtuoso: vendo aquelle Rey taõ entregue a seu parecer, apalpouo por vezes pera ver se o podia fazer Christaõ: & achando sempre nelle brandura, & afabilidade, & folgar de ouuir praticar nas cousas de nossa ley, & fé Catholica : foi leuando áquelle negocio por termos que o veyo a render, & a elle conhecer a verdade,& cair no engano em que andaua. Tendoo Iurdaõ de Freitas já disposto pera se declararem com elle,deu cõta ao Gouernador Nuno da Cunha d'aquelle negocio, q̃ elle estimou muito. E vendosse cõ Elrey lhe fez muito differẽtes gasalhados: & sabendo delle, que estaua seguro & firme em sua vontade,mandou a alguns Religiosos virtuosos que fossem correr com elle,& o catechizassem como fizeraõ: mostrando elle tamanho gosto d'aquillo, que em poucos dias aprendeo a doutrina Christã.

E estando já sufficiente pera receber o santo sacramento do Bautismo,ordenou o Gouernador pera aquelle dia as mores festas que podiaõ ser, mandandolhe muito ricos trajos á Portugueza, & elle pedio ao Gouernador de merce q̃ fosse seu padrinho, & que ouuesse por bem que Iurdaõ de Freitas tãbem o fosse: porque a elle diuia aquella merce que lhe Deos fazia. Do que o Gouernador foi muito contente, & asi o bautizaraõ na Sé, pondolhe nome dom Manoel, ficando entregue a Iurdaõ de Freitas, que correo sempre com seus negocios muito pontualmente. E como Elrey lhe estaua muito afeiçoado, lhe fez doaçaõ da ilha de Amboino,que era sua. E entrando o Gouernador dom Esteuaõ da Gama na gouernança, mandou a Elrey dom Ioaõ as culpas deste Rey,escreuendolhe sobre suas cousas,& asi o fez o mesmo Rey, pedindolhe,mandasse que lhe fizessem justiça. Foraõ estes papeis todos a Elrey,por que estimou muito fazerse aquelle Rey Christaõ: & por elles vio,que as culpas que lhe pozeraõ eraõ falsas.

Pello que este anno de corenta & tres escreueo ao Gouernador Martim Afonso de Sousa que o mandasse meter de posse do seu reino,

reino, escreuendolhe cartas mũy honrosas, & mandandolhe muitas peças: & confirmou a Iurdaõ de Freitas a ilha de Amboino com certa jurdiçaõ, & fazendolhe merce da capitania de Maluco, pera leuar aquelle Rey comsigo, & o meter de posse do seu reino. Pello q̃ o Gouernador mãdou negociar vm Galeaõ muito fermoso pera partir este Abril em que andamos, & despachou Iurdaõ de Freitas pera ir entrar na capitania de Maluco (por virem nouas nas naos de Malaca, que Fernaõ de Crasto, que ya pera entrar nella, era falecido naquella cidade) dandolhe todas as cousas necessarias pera a viagem, para o seruiço d'aquelle Rey: & em vinte de Abril se fez á vela muito contente & satisfeito do gasalhado que achou nos Gouernadores da India: & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

E por que nas cousas da alfandega de Malaca auia muitas desordens, asi em perjuizo da fazenda d'Elrey, como das partes, pellas muitas injusticas & tyrannias que alguns capitaés vsauaõ, quis o Gouernador mandar prouer em tudo por Simaõ Botelho, que despachou com poderes de Veador da fazenda, dandolhe largos regimentos sobre este negocio a que o mandaua. E por naõ deixarmos esta materia para outro capitolo (por que naõ sofre a grandeza da historia tanto) diremos breuemente, as cousas que moueraõ ao Gouernador acodir a isto, & dos antigos costumes do tempo dos Gétios & Mouros, por ser asi necessario pera milhor intendimento da historia.

Pello que se á de saber, que depois que o valeroso capitaõ Afonso d'Albuquerque tomou aquella cidade de Malaca a Elrey Soltan Mahamedxá, desejou Elrey dom Manoel em estremo de o restituir á sua cidade, & que ficasse regédo & gouernando seus vassallos com as rendas da alfandega: por q̃ naõ queria mais que ter ali hũa fortaleza, pera acarretar d'ali pera a India todas as drogas que ali yaõ ter de todas as partes do Oriente, por modo de comercio: por que auia que correndo todas por suas maõs montaria muito ao estado da India, & que tambem poderiaõ ir ali carregar algũas naos da pimenta de Iaoa, & Sunda, pera o reino. Sobre a tornada d'aquelle Rey pera á cidade de Malaca, trabalhou bẽ Afonso d'Abuquerque, mandandolhe offerecer liuremente a sua cidade, o que elle naõ quis aceitar, antes fez muitas vezes guerra áquella fortaleza, como nas decadas de Ioaõ de Barros, & nas nossas se conta.

Vendo Elrey dom Manoel, que aquelle Rey naõ queria fazer rezaõ algũa de si nesta materia, mãdou que se arrecadassem os direitos d'aquella alfandega, asi &

da mesma maneira que se arrecadauaõ em tempo de todos os Reys Malayos,que eraõ pella maneira seguinte.

De todas as fazendas que yaõ ter áquella cidade des da boca do rio Ganges a tẽ o Indo pagauaõ a seis por cento. E de todas as outras prouincias,des do Ganges a tẽ a China dauaõ de todas as fazendas que naquella cidade entrassẽ, a coarta parte a Elrey, pella aualliaçaõ da alfandega,& esta aualiada por seus officiaes que sempre punhaõ o que valia doze em oito,& que lhas pagariaõ em outras fazendas: tambem por aualiaçaõ dos mesmos officiaes, que sempre a faziaõ de feiçaõ, que nella ganhauaõ aquelles Reys a vinte por cento. Isto montaua muito áquelles Reys, pella grande copia de nauios & fazendas, que todos os annos yaõ áquelle porto,& a estes costumes chamauaõ na sua lingoa, bulibuliaõ, que se foraõ tambem arrecadando por conta d'Elrey,pagandolhes as fazendas em outras q̃ os Gouernadores da India mandauaõ todos os annos pera isso. E alem dos costumes d'Elrey, tomauaõ os capitaens & officiaes o que queriaõ pera si,fazendo tãtos roubos & tyrannias nisto, que escandalizaraõ os mercadores de feiçaõ,que deixauaõ já de vir áquella cidade,& yaõ buscar os portos dos Reys de Malaca onde achauaõ mais moderaçaõ.

E esquecendosse alguns Gouernadores de mandarem fazendas pera este resgate,foraõ os capitaẽs lançando maõ delle pera si, vsurpãdo a posse d'aquelles costumes, tomando as fazendas que ali yaõ por muito menos,& dãdolhes outras por muito mais,& ficou Elrey de Portugal pondo (como lá dizẽ) as linhas de sua casa. Tanto q̃ rendendo d'antes bastantemente pera os gastos,& ordinarias das fortalezas,veyo tudo a tanto menos, q̃ foi necessario mandarse do rendimento da India, o cabedal pera aquellas despezas. Informado o Gouernador Martim Afonso de Sousa disto,querendo prouer a tamanhas desordẽs, mandou Simaõ Botelho (como atras dissemos neste mesmo capitolo)com nouos regimentos, pera tirar aquelles costumes antigos, ordenando q̃ d'ali em diante todos os mercadores de qualquer parte que fossem, naõ pagassem naquella alfandega de Malaca mais que a seis por cento de entrada,tirando as fazendas de Bengala,que estas pagariaõ a oito, & as da China que viessem por maõs dos Portugueses a dez, mas os naturaes naõ pagariaõ mais q̃ a seis. Isto ordenou o Gouernador por que se yaõ pera aquellas partes muitos Portugueses, & deixauaõ o seruiço d'Elrey por se fazerem mercadores, & quis com esta alteraçaõ nos direitos ver se podia euitar isto.

Ordena-

Ordenando mais que todos os mantimentos que entraſſem naquella cidade, foſſem liures & iſentos, por que acodiſſem muitos como fizeraõ: por que depois de Simaõ Botelho chegar áquella fortaleza, & pór os direitos que leuaua por regimento, correndo a fama por todas as partes d'aquella liberdade, começaraõ a acodir tãtas fazendas, que aquelle primeiro anno renderaõ os direitos, vinte & ſeis mil & duzentos & cincoenta pardaos d'ouro: & depois foraõ ſubindo tanto mais, que no tempo em que iſto eſcreuemos, rende de ventagem de oitenta mil.

E todauia ſempre os capitaens ficaraõ na antiga póſſe de tomarẽ todas as drogas pella aualiaçaõ, q̃ he couſa que lhe importaua muito. Deſpedido Simaõ Botelho, deſpachou o Gouernador a dom Manoel de Lima pera ir entrar na fortaleza de Baçaim, por ter acabado ſeu tempo dom Franciſco de Meneſes, & com iſto ſe ſerrou o inuerno.

CAPITVLO IIII.

Das couſas que aconteceraõ na Abaſia: & como o Emperador com o fauor dos Portugueſes deu batalha a Elrey de Zeilà, em que o disbaratou de todo.



ESTANDO a Raynha recolhida naq̃lla ſerra em q̃ a deixamos, muito triſte pella mórte de dom Chriſtouaõ da Gama, eſperando cada dia por nouas do Emperador ſeu filho, que lhe naõ tardaraõ muito, affirmandolhe que já vinha perto. E tomando conſelho com os Portugueſes que com ella eſtauaõ ſobre o que faria, aſſentaraõ que ſe paſſaſſe pera a ſerra do Iudeo (que por outro nome ſe chamaua de Caloa) por onde elle forçado auia de paſſar. E partidos d'ali chegando a ella, já o acharaõ, por que era chegado do dia d'antes. O Emperador recebeo a máy, o Patriarcha, & os Portugueſes muito bem, ſaindo aos eſperar ao caminho, & entaõ ſoube da morte de dom Chriſtouaõ, por que moſtrou muito grande ſentimento. Trazia elle muito pouca gente, por que vinha pella poſta, & aforrado. E ſabendo das couſas que eraõ paſſadas, & do poder do imigo, foilhe neceſſario deixarſe ficar na ſerra a tè lhe acodirẽ ſeus vaſſallos. D'ali mandou eſpiar os imigos, & proueo todos os Portugueſes de armas, caualos, & de todas as mais couſas neceſſarias, mandandolhes armar tẽdas junto das ſuas, pera os ter ſempre a par de ſi.

A fama de ſua chegada correo logo pella terra, que foi cauſa de começar logo de acodir gente a

ver o ſeu Rey, & em muito poucos dias ajuntou ſeis mil de pé, & coatrocentos de caualo, com que determinou de ir buſcar o imigo, como delle tiueſſe nouas. E ſabẽdo como Manoel da Cunha com a gente de ſua companhia eſtaua na terra do Barnagais, o mandou logo chamar pella poſta, eſcreuendolhe os Portugueſes que vieſſem pella ſerra da Raynha, & trouxeſſem todas as armas de ſobrecellẽte que dom Chriſtouaõ deixou nella. Poucos dias depois lhe chegaraõ nouas de como o Rey de Zeilá auendoſſe por ſenhor da terra com a vitoria que alcançara, deſpidira os Turcos pera Zebit, ficandolhe ſó os duzentos que trazia de ordinario pera ſua guarda: & que com parte de ſua gente ſe paſſara pera a prouincia de Agá, por onde o Nilo atraueſſa, pera ſe ſanctificar, & recrear nelle cõ ſua molher & familia.

Com eſtas nouas folgou o Emperador muito, & deu conta dellas aos Portugueſes: & aconſelhandoſſe com elles ſobre o que faria, lhe diſſeraõ que foſſe lógo buſcar o imigo primeiro que ſe refizeſſe: por que eſtaua certo, em tendo nouas de ſua chegada, ajuntar todo o ſeu poder pera o eſperar. Com eſta determinaçaõ ſe ſayo da ſerra do Iudeo, com ſua gente poſta em muito boa ordem, dando a dianteira aos Portugueſes. E caminhando por onde as guias o leuauaõ, antes de chegarem a hũa ſerra que ſe chamaua Oé nad qas, na prouincia de Ambéa: vm dia pella menhã, encontraraõ vm capitaõ d'Elrey de Zeilá, com trezẽtos de caualo, & dous mil de pé, que parece que ſe yá pera Elrey, por auer já nouas da chegada do Emperador. Os Portugueſes que yaõ na dianteira mandaraõ recado ao Emperador que ſe apreſſaſſe, por q̃ elles começauaõ a trauar com os imigos. Seriaõ os Portugueſes por todos cincoenta de caualo, & determinandoſſe, remeteraõ com os imigos com muito animo, ſendo o primeiro que nelles rompeo vm Antonio Cardoſo criado d'Elrey homem nobre: que vendo o capitaõ dos Mouros diante, enreſtando a lança o encontrou de meyo a meyo, & tomandoo pellos peitos o derribou logo morto. Os outros Portugueſes tambem do primeiro encõtro derribaraõ muitos, ficando todos baralhados em hũa aſpera batalha, em que os noſſos fizeraõ muito por ſe ſatisfazerem do agrauo que lhe era feito em lhe matarem dom Chriſtouaõ da Gama ſeu capitaõ mór: & aſsi quando o Emperador chegou tinhaõ elles feito mũy grande eſtrago nos imigos.

O Barnagais que ya diante do Emperador, chegando aos noſſos que andauaõ como lioens, baralhouſſe com elles dando nos Mouros com grande impeto, tambem

lhe

lhe derribou muitos. O Emperador apreſſouſſe, & chegando á batalha que vio o furor com que os Portugueſes pelejauaõ, & o grãde eſtrago que tinhaõ feito nos imigos: pondo as pernas ao caualo ſe foi meter no meyo delles, animãdoos, louuandoos, & pelejando cõ muito valor. Mas como os imigos entenderaõ que ali eſtaua o Emperador, logo ſe puſeraõ em fugida, indo os que eſcaparaõ dar nouas a Elrey de Zeilá, do q̃ era paſſado, o que elle ſintio em eſtremo. Perderaõſe dos Mouros mais de oitocentos, & outros ſe eſpalharaõ, indo muitos feridos a buſcar a cura.

O Emperador mandou armar tendas no lugar da batalha, pera dar deſcanſo aos Portugueſes, que tinhaõ muito bẽ trabalhado, naõ ſe fartando de lhes fazer honras, & gaſalhados: mandando curár alguns feridos, que elle & ſua mãy viſitaraõ, mandãdo ter delles muito grande cuidado. Ao outro dia pella menham, leuou o Emperador ſeu cãpo, & foi marchãdo pera onde eſtaua o Rey de Zeilá, por q̃ com aquella quebra auia d'eſtar enfraquecido, & tendo andado pouco mais de hũa legoa ouueraõ viſta delle: que eſtaua com toda a ſua gente em ſom de batalha, por que ſabia q̃ os Portugueſes auiaõ de fazer com o Emperador que o foſſe buſcar. Tinha feito duas batalhas de pé de tres mil homens cada hũa, & na teſta quinhẽtos de caualo, em que elle eſtaua com todos os Turcos.

O Emperador chamou a ſi os Portugueſes, & eſteue notando a ordem, em que os imigos eſtauaõ, & aſſentaraõ de os cometer na meſma forma. E aſsi ordenou outros dous batalhoens de outros tres mil homens cada vm, & na teſta pós trezentos de caualo, em que entrauaõ os Portugueſes, querendoſſe tambem o Emperador achar com elles, pedindolhe elles muito por merce que os deixaſſe ſós. Poſtos neſta ordem foraõ cometer os imigos, com quem os Portugueſes arremeteraõ apellidando Sanctiago: & ferrando com os de caualo ſe baralharaõ todos em hũa cruel batalha, em que os noſſos ſe aſsinalaraõ, derribãdo dos primeiros encontros muitos Mouros, perdendoſſe ſós dous companheiros. O Emperador na enuolta dos noſſos rompeo tambem nos imigos, ſendo dos primeiros que lhes poſeraõ as lanças, & derribando com muita força alguns dos encontros: & tanto apertaraõ com os de caualo, que os fizeraõ recolher ao corpo do exercito quaſi desbaratados, & com muitos perdidos. Elrey de Zeilá que era muito bom caualeiro, vendo o disbarato dos ſeus, ſayo do eſcoadraõ, & ſe paſſou à dianteira, tendo os ſeus, animandoos, esforçandoos, & fazendoos voltar, & elle com vm filho

ſeu

ſeu de idade de dez annos,que trazia a par de ſi,remeteo com os noſſos que lhe tiueraõ o encontro,ficando trauados em hũa aſpera batalha. Os eſcoadroens tambem ſe baralharaõ vns com os outros, ficando trauados cruelmente, pella pouca ordem da milicia que vns & outros tinhaõ : mas ſempre ouue ventagem de noſſa parte, por cauſa da eſpingardaria dos Portugueſes,com que fizeraõ em os imigos muy grande eſtrago, & todauia a couſa eſteue arriſcada : mas permitio Deos que vm Portugues deſſe hũa eſpingardada pella barriga a Elrey de Zeilá,que o paſſou da outra banda, cahindo ſobre o arçaõ dianteiro ſem ir ao chaõ, por andar preſintado no caualo, q̃ deſatinado com o eſtrondo da arcabuzaria foi fugindo pello cãpo deſenfreadamente.

Tanto que os Mouros viraõ o ſeu Rey d'aquella maneira, começaraõſe a pór em disbarato: o que os Turcos naõ quiſeraõ fazer,auẽdo por afrõta fugirem: antes quiſeraõ morrer como caualeiros,que viuerem com vituperio : & aſsi ſe deixaraõ ficar como deſeſperados, pelejando com o Barnagais, & com os ſeus, em quem fizeraõ mũy grande eſtrago. Acertou de paſſar por aquella parte vm Portuguez de caualo, chamado Ioaõ Fernandez, da obrigaçaõ de dom Chriſtouaõ (por q̃ todos os mais yaõ no alcance dos Mouros) & vendo o valor com que os Turcos pelejauaõ,& que o ſeu capitaõ andaua diante pelejando como vm liaõ, tendo já vm monte de Abexins mortos diante delle, & enreſtando a lança quis ſua boa ventura que o tomou pellos peitos,dando com elle no chaõ muito mal ferido, & paſſando com aquella furia do encontro, por que lhe naõ parou o caualo bem,ſe foi meter no meyo dos Turcos,a onde lhe deraõ hũa cotilada por hũa perna,de que depois ficou aleijado. E voltando logo com muito animo & esforço,vendo que o capitaõ dos Turcos ſe tornaua a aleuantar,pondolhe outra vez a lança deu com elle no chaõ morto. Com iſto ſe puſeraõ entaõ os Turcos em disbarato : & de duzentos que eraõ ſó corenta eſcaparaõ. Os Mouros que yaõ do primeiro disbarato, a que os noſſos ſeguiaõ o alcance, perderaõſe quaſi todos, ſomente trezentos ſe recolheraõ com a molher d'Elrey, ficando o filho catiuo em maõs dos noſſos, que eſte dia tomaraõ mũy grande ſatisfaçaõ da morte de dom Chriſtouaõ da Gama. O Emperador depois da vitoria concluida,mandou armar ſuas tendas ao longo do rio,& os Portugueſes a par delle, dandolhes muitos & publicos louuores,& fazendo a todos muitas merces. E auendo coatro dias que iſto era paſſado, chegou Manoel da Cunha com a ſua compa-

nhia, q̃ se ouuerão por muito mofinos, de se não terem achado naquelle soccesso. Ali naquella ribeira se deixou o Emperador ficar o inuerno, que já era entrado, mãdando d'ali prouer nas cousas de seus reinos, que logo tornou a reduzir á obediencia.

CAPITVLO V.

Do que aconteceo ao Secretario Antonio Cardoso em Ormuz: & de como aquelle Rey concedeo a Alfandega daquella ilha: & de outras cousas.



ARTIDO o Licenceado Antonio Cardoso de Goa, foi ter á fortaleza de Ormuz em Feuereiro: & primeiro que desembarcasse foi o capitão Martim Afonso de Mello Iusarte auisado ao que ya: pello que o mandou logo visitar ao már, & a pedirlhe que quisesse ser seu hospede. O Secretario pareceolhe logo aquillo lanço de homem confiado, & desembarcou em terra, a onde o capitão o esperou, & o recebeo bem, & d'ali se foi pera casas que estauão já despejadas pera elle. E a primeira cousa em que entendeo foi em tirar deuassa em muito segredo do capitão, pellos capitulos que lhe o Gouernador deu, & achou mũy differente informação da que tinhão dado ao Gouernador, por q̃ não ouue pessoa que se queixasse delle, antes todos dizião mil bens, por que era fidalgo virtuoso, humano, & pouco cobiçoso. E tomãdo a deuassa a mandou ao Gouernador em hũa nao que partio d'ahi a poucos dias: escreuẽdolhe, que Martim Afonso de Mello era fidalgo de que Elrey auia de fazer muita cõta, & q̃ lhe merecia muitas hõras & merces. Vista a deuassa pello Gouernador, escreueo hũa carta ao mesmo Martim Afonso de Mello, em que se desculpaua: & que folgara em estremo de ser falso tudo, o que delle disserão, & q̃ se não esperaua menos procedimẽto de vm tão honrado fidalgo, que lhe pedia lhe mandasse o Secretario inuernar a Goa, & que ficasse elle com poderes de Veador da fazenda. A esta carta dizẽ q̃ lhe respondeo Martim Afonso de Mello vm pouco apaixonado, por que entendeo mũy bem, que folgara o Gouernador muito de lhe achar culpas, & dizia hũa particula della, que de Martinho a Martinho ya, & que se elle se tinha por bogio, q̃ elle era tambem mono.

E tornando a continuar com o Secretario: começou a tratar os negocios que leuaua por regimento com Elrey de Ormuz, presente o capitão, & Guazil, persuadindoo a largar a Elrey de Portugal todo o rendimento da alfandega, pois

aquelle era o milhor meyo pera ficar desendiuidado, & desobrigado, de tanta contia de dinheiro, & de se naõ irem encapellando mais as diuidas, & que Elrey teria respeito a suas despezas,& gastos:porque tambem a tençaõ do Gouernador naõ era despilo de todo. Tãtas cousas lhe disse sobre isto, que lhe cõcedeo tudo o que lhe pedia, dizẽdo, q̃ elle era vassallo d'Elrey de Portugal, & que tudo era seu: pois elle possuya aquelle reino de sua maõ, & lho podia tirar cada vez q̃ quisesse. Que lhe lembraua, q̃ elle naõ tinha outra cousa de q̃ pagar as mocarrarias aos Reys seus vizinhos,nem tenças,&moradias a fidalgos & criados de sua casa,se naõ d'aquelle rendimento da Alfandega. O Secretario como leuaua largo regimento sobre este negocio,veyo a concluir com elle os capitulos seguintes.

Que Elrey de Ormuz largaua a Alfandega d'aquella ilha de Gerum em solido a Elrey de Portugal,com condiçaõ que lhe quitaria todas as diuidas que a te entaõ lhe deuesse, de que logo lhe fizeraõ quita em publica forma.

Que Elrey de Portugal lhe mãdaria dar do mesmo rendimanto as cousas seguintes. Corenta leques, que saõ mil & oitocentos xerafins d'ouro cada anno, pera vestiaria de sua pessoa. Duzentos & cincoenta leques mais, que saõ noue mil, trinta & seis pardaos d'ouro,pera pagar as mocarrarias, que se entregariaõ ao Guazil, que auia de ser juiz d'aquella alfandega,pera os repartir. Que lhe dariaõ mais todas as tenças & moradias que pagaua a seus criados.

Que os officiaes Mouros que tinha na alfandega auiaõ de ficar sempre correndo com os cargos, que os Reys de Ormuz proueriaõ nas pessoas que quisessem.

Destes capitulos se fizeraõ autos asinados por todos, & se registraraõ nos liuros da feitoria d'aquella fortaleza,com o regimento da alfandega. E alem disto passou Elrey de Ormuz vm formaõ, por onde concedia aquella alfandega aos Reys de Portugal : que nos parececeo bem ir aqui inserto,por ser notauel, que continha o seguinte.

Formaõ em que Elrey d'Ormuz concedeo a Elrey dõ Ioaõ o terceiro as rẽdas da alfandega d'aquella fortaleza.

Formaõ,sem nenhũ outro igual a elle,a quem mando que todos obedeçaõ,pera que se saiba,que minha propria võtade & determinaçaõ he,pella muito grãde amizade cõformidade,& obrigaçaõ,que ha entre mim & o meu senhor q̃ em grãdeza chega aos ceos,& tem poder sobre toda a redõdeza da terra & em estado he igual ao Rey da China,vẽcedor de todas as guerras humanas,grãde Rey de justiça, mayor q̃ todos os Reys do mũdo,

chaue do thisouro que ha sobre a terra, que he a virtude, & a nobreza. Contas por onde se reza o saber reinar. Limpeza de todo o már do reinado, & edificador da pouoaçaõ dos moradores. Boceta a onde se encerra a muito fina & preciosa esmeralda. Alto baluarte & defendedor de todos. Sol de justiça, & verdade. Fonte limpa que manté a limpeza da terra, asi o pouoado, como o deserto. Esperãça em vm só Deos, & nelle muito confiado, alto Rey dom Ioaõ a quem Deos sostenha no seu reino descansada, & sossegadamente. Sempre os seus bens remedea a pobreza do mundo, a cujo emparo estou chegado, & a minha boa ventura está em ser cercado de sua sombra, & a colher de minha esmerada fruita que he regada com a agoa de sua merce: & sei certo q̃ a graça do meu Rey de Portugal está comigo, & me tem posto em muito grandes esperãças. Asi que por todas estas vias vi q̃ sou obrigado a ser cõforme a suas cousas, & a pór o reino, & a fazenda por seu seruiço, & o nobre paço d'Elrey de Portugal auelo por minha propria morada & natureza, & naõ me afastar vm só cabello de minha obrigaçaõ. E por q̃ isto q̃ faço he o q̃ deuo, meu preceito he q̃ o rẽdimẽto da ilha Gerum, depois de arrecadadas as mocarrarias, & tẽças de fidalgos de minha casa, proes, & percalsos dos officiaesda alfãdega, asi Mouros, como Portugueses pello costume ordinario, tudo o q̃ mais rẽder aquella alfandega mando q̃ se entregue aos officiaes d'Elrey de Portugal, em pago daspareasq̃ sou obrigado a lhe pagar. E mãdo a todos os officiaes de meu reino, que contra este meu formaõ naõ troçaõ vm cabello. Dada na lũa de Moarum da era de Mafamede, de nouecentos corenta & oito: q̃ saõ a 27. de Feuereiro deste anno de corenta & tres, em que andamos.

Passado este formaõ, foi o Veador da fazẽda, & Secretario á Alfãdega, com o Guazil, & officiaes de ambos os Reys, & tomou pósse della em nome do de Portugal, começandosse a arrecadar por elle d'aquelle dia em diante, naõ innouando nos costumes cousa algũa. Passado isto lançou o Secretario tambem maõ das rẽdas das Orracas, que rendiaõ de ventagem de coatro mil cruzados, pello leuar asi por regimento: por que já que concedia áquelle Rey todas as despezas de sua casa, mandou o Gouernador que se lhe tomassem todas as outras rendas da ilha. Disto se queixou Elrey fazẽdo protestos, dizendo que ficaua pobre, & sem cousa com que podesse sustentar seu estado. Esta casa das Orracas q̃ saõ vinhos que se fazem de jagra de palmeiras ha hũa só n'aquella ilha. Foi isto em principio cousa taõ pouca, que quando Afonso d'Albuquerque fez aquella

fortaleza, deixou vm homem mestico chamado Gaspar Pirez por lingoa d'aqlle Rey, por falar muito bem Parseo: a quem elle deu a renda das Orracas por tença com o cargo, q̃ entaõ montaria duzẽtos pardaos. Esta casa possuio este homem muitos annos, & delle se ficou chamando, Conaa Gaspar, q̃ quer dizer, a casa de Gaspar. E indo por tempos crecendo aquella renda muito, lançaraõ os Reys de Ormuz maõ della, dando na mesma casa os duzentos pardaos de tença aos lingoas, que ainda oje lograõ. E asi subindo cada dia mais, chegou a render cinco ou seis mil cruzados cada anno, do que aquelles Reys faziaõ merce a alguns capitaens. E socedendo outros a quem elles as naõ queriaõ dar, lhos tomauaõ por força alegando a posse. E outros vsando de mais suauidade lhos tomauaõ por manha, a tè que Elrey de Portugal proueo nisso, & mandou que se lhe naõ bolisse nas suas rẽdas, como em seu lugar diremos. Concluidas estas cousas embarcousse o Secretario pera Goa, nos derradeiros nauios que foraõ inuernar.

CAPITVLO VI.

Do que mais aconteceo a Ruy Lopez de Villalobos, depois que partio do porto de Camariaõ, a tè chegar ao Moro: & da armada que dom Jorge de Crasto mandou em busca da dos Castelhanos: & do que lhe aconteceo pella ilha do Moro.

DEIXAMOS Ruy Lopez de Villalobos na baya de Blaçai, esperando pellas Galeotas q̃ tinha mandado ás Felipinas, a buscar mantimentos, que tardaraõ tanto, que obrigado da necessidade se fez á vela, pera ir ás ilhas das Palmeiras, & ás outras suas vizinhas, a buscar mãtimentos, & pera d'ahi voltar ás Felipinas: & por naõ achar bom vento pera poder tomar aquellas ilhas, mandou gouernar pera Camafó, & chegou ao lugar de Sagalá, de Christaõs arrenegados, que estaua pello Rey de Geilolo, já no fim deste anno de corenta & tres, em que andamos: onde se deixou ficar correndo em amizade com aquelle Rey por recados. Aqui o deixaremos, por tornarmos a continuar com os nauios que tinha mandado pera as Felipinas.

Atras contamos no capitolo decimo do liuro oitauo, como despidira vm Bargantim, & a Galeota que se tornou: o Bargantim foi tomar Abuyo, & os da terra os agasalharaõ bem. Estando ali, foi ter

ter com elles outro Bargantim q̃ partira com o Villalobos, em que yaõ trinta soldados, & no outro que já ali estaua vinte. Iuntos todos, mandaraõ oito delles a vm lugar d'aquella ilha a buscar mantimentos, & lá, ou por sua desordem, ou pella malicia dos da terra, deraõ nelles, & mataraõ vm, & prẽderaõ os mais: escapãdo vm só escrauo, que foi dar as nouas aos do Bargantim, que armandosse foraõ dar no lugar, & o entraraõ, & tomaraõ os companheiros, vingandosse bem da morte do outro com a de muitos, & com lhes queimarem a pouoaçaõ. O outro Bargantim em que ya Frey Ieronimo de sancto Esteuaõ, da ordem de santo Agostinho, acabaraõselhe os mantimentos, & indo os buscar a hũa d'aquellas ilhas, deraõ os naturaes nelles de sobresalto, & mataraõlhe quinze homens com o capitaõ: & os que escaparaõ foraõ ter a Abuyo com os outros, comendo todo aquelle caminho crauo cozido, por naõ terem outro mantimento.

Iuntos os Bargantins todos, vendo que tardaua o seu General, quiseraõ ir saber delle, mas socedeo vm soldado ter paixoens com vm dos naturaes, que o matou de noite. E receandosse os Castelhanos que dessem nelles, leuaraõse d'ali em busca do seu capitaõ, & deulhes hũa tormenta com que se apartaraõ os Bargantins: vm foi correndo pera a ilha de Cesarea, & o outro pera a de Tendaja. Este chegando áquella barra de noite, sossobrousse, & afogaraõse onze soldados, & os mais foraõ a terra, a onde foraõ bem agasalhados: & como amanheceo foi o outro Bargantim buscalos, & achandoos bẽ, & amigos com os da terra os deixaraõ, & se foraõ na volta de Camafo, atrauessando aquelle golfo, em que passaraõ tantos trabalhos, que coatro dias naõ beberaõ agoa, pello que lhes foi forçado tornaremse pera Tendaja, a onde deixaraõ os companheiros do outro Bargantim, & ali se deixaraõ ficar, por que os da terra os tratauaõ bem. E asi deixaremos vns & outros, por continuarmos cõ dõ Iorge de Crasto capitaõ de Maluco.

Depois de chegar Belchior Fernandez Correa, com a carta de Ruy Lopez de Villalobos (como em outra parte dissemos capitolo decimo liuro oitauo) determinou de armar contra os Castelhanos, mas naõ tinha mais que duas Galeotas, & naõ ousaua de pedir as Corocoras ao Rey de Tidore, por fiar pouco delle: & tambem por que lhe naõ entendesse a necessidade em que estaua, por que lhe naõ quis dar esse contentamento, & com isso mostrarlhe que o naõ auia mister. Todauia, por que lhe pareceo que os Castelhanos auiaõ de andar perdidos, & disbaratados por antre aquellas ilhas, armou as

duas Galeotas,por que ſe aſsi foſſe ellas baſtauaõ,& fez capitaõ dellas Iamez Lobo, & Antonio d'Almeida.

Eſtas Galeotas leuauaõ cincoẽta homens,& partiraõ em Nouẽbro. Deulhes dom Iorge por regimento que foſſem ajudar o Geliato da Gomo Conora,Chriſtaõ ainda que arrenegado, que eſtaua ſobre o lugar de Galilás,que pretendia ſer ſeu: & o imigo eſtaua recolhido em vm forte muito prouido & bem negociado. Chegadas as Galeotas a Toloco, ſouberaõ como o Geliato que yaõ fauorecer, eſtaua ſobre a fortaleza imiga: & deixando ali Iamez Lobo a ſua Fuſta,embarcouſſe na de Antonio d'Almeida,& foraõ a Momoya, a onde ajuntaraõ muitos Chriſtaõs da terra. E mudandoſſe todos a algũs Parós,foraõ deſembarcar em hũa praya,em que vararaõ as embarcaçoens,& ás coſtas as leuaraõ perto de mea legoa por terra, a té darem em hũa fermoſa alagoa de agoa doce,& embarcados nos Parós foraõ pella alagoa dentro mea legoa,& no cabo della metia a terra hũa ponta groſſa,que lhe ficaua pegada por vm forte & eſtreito paſſo,onde eſtaua o forte dos imigos. Ali aſſentaraõ os noſſos o ſeu arrayal, com o Geliato que já ali eſtaua. Os de dentro tanto q̃ ſouberaõ ſerem chegados os Portugueſes,bradaraõ de noite que queriaõ pazes, que Iamez Lobo que era cabeça lhe naõ quis aceitar, por fazer a vontade aos ſoldados, que eſperauaõ auerem d'ali grandes prezas. Ao outro dia pella menhã,ordenaraõ os noſſos duas grãdes jangadas ſobre os Parós, pera irem rodear nellas o forte, que ficaua como ilheo: & embarcados nellas foraõ por derredor, & cometeraõ o forte, indo diãte Iamez Lobo, & pós a proa na parte que eſtaua ordenado. E como ali era muito alcantillado, ſaltaraõ os noſſos em terra,vm,& vm:porque aſsi como vm ſaltaua recuaua a jangada, & com muito trabalho tornaua a chegar pera ſaltar outro. Deſta deſordem creceo o animo aos imigos,& ſairaõ de dentro com grande furia: & dando em alguns que eſtauaõ em terra,os fizeraõ fogir bẽ eſcalaurados, deixandolhes as armas. Antonio d'Almeida que ya chegando,vendo o deſarranjo de Iamez Lobo, varou com a ſua jangada ſobre hũas pedras,& ſaltou em terra pera o ajudar a recolher. Os imigos vẽdoo chegar,acodiraõ áquella parte, cõ o que os de Iamez Lobo tiueraõ lugar de ſe recolherem á jangada todos muito mal feridos, & os mais delles ſem armas. Os imigos chegando a Antonio d'Almeida que eſtaua em terra, o cometeraõ com grande determinaçaõ: mas elle que era esforçado caualeiro ſe defendeo delles com grande animo & esforço: por que era o numero

mero muito deſigual, trauandoſſe antre os noſſos & elles hũa muito aſpera batalha, em que os noſſos moſtraraõ bem o valor de ſeus braços. Iamez Lobo tanto que ſe embarcou na ſua jangada, acodio a recolher Antonio d'Almeida, o q̃ fez com muito trabalho, porque teue ſempre o pezo dos imigos em quanto os ſeus ſe recolhiaõ, ficãdo elle por derradeiro, que ſe embarcou ferido de muitas, & mortaes feridas. Aqui aconteceraõ caſos notaueis.

Andando vm Lopo de Reboredo pelejando com muito esforço, lhe tirou vm dos imigos com hũa fiſga, & o fiſgou pello roſto, começandoo a alar pella arpoeira, q̃ lhe ficaua amarrada a vm braço pera o trazer a ſi (couſa que elles coſtumaõ muito na guerra) eſtaua perto delle Anrique de Lima, & vendoo ir aſsi a pós a fiſga, arremeteo a elle com muita preſſa, & com hũa adaga lhe abrio a queixada, & lhe largou a fiſga, & o ſaluou. Iamez Lobo recolheo todos os da companhia de Antonio d'Almeida, muito mal feridos, & elle taõ mal, que logo morreo. Recolhido pera o arrayal, ſe tornou pera as Galeotas, & deſpedio hũa dellas com os feridos, que eraõ vinte & ſete, pera ſe irem curar a Ternate. A Galeota pós dous dias no caminho, & chegou á noſſa fortaleza com os feridos ainda por curar: & dom Iorge os foi buſcar, & recebeo com grande triſteza, mandandoos logo curar com grande reſguardo. As peſſoas principaes, & que yaõ pior feridos, & mais perigoſos, eraõ Gabriel Rebello, Antonio de Figueiredo, moço da camara do Duque de Bargança, Anrique de Lima, Vaſco Reymõdez, & Lopo de Reboredo.

Dom Iorge tornou a mandar a Galeota com mais trinta ſoldados a Iamez Lobo pera que tornaſſe a fauorecer o Geliato, que tanto q̃ chegou logo partio pera lá pella meſma alagoa, & nella acharaõ tres ſoldados dos noſſos eſpetados, & já muito podres. Iamez Lobo tornouſſe a pór no lugar de primeiro: & tanto que os cercados viraõ outra vez os Portugueſes, logo largaraõ o fórte, q̃ os noſſos queimaraõ, aſſolaraõ, & deſtruiraõ de todo. Foi iſto já no fim deſte anno de corẽta & tres, quaſi no meſmo tempo que Ruy Lopez de Villalobos chegou a Cagalá (como atras diſſemos no ſexto capitolo do liuro nono.) Era eſte lugar coatro legoas do Toloco, a onde eſtaua Iamez Lobo, que tanto que teue nouas delle, deſpedio dous ſoldados, em vm Paró, com vm requerimento da parte de dom Iorge capitaõ da fortaleza de Ternate. Eſtes homens foraõ bem recebidos do Villalobos, & elles lhe notificaraõ o proteſto, em que dom Iorge lhe requeria da parte dos Reys de Portugal & Caſtella, que

ſe era entrado naquellas ilhas com tempo fortuito, que ſe foſſem logo pera aquella fortaleza, a onde lhe daria todas as couſas neceſſarias: mas que ſe era d'outra maneira que ſe tornaſſe a ſair dellas, por que eraõ d'Elrey de Portugal, ſe naõ que o caſtigaria, conforme ao contrato que eſtaua feito pello Emperador, com Elrey dõ Ioaõ: & que de todos os danos, mortes, perdas, & mais couſas que diſſo ſocedeſſem, elle daria conta a Elrey de Caſtella. O Caſtelhano, depois de lhe notificarẽ o proteſto, reſpondeo, que elle naõ entraria nas ilhas clauarias, nem em ſeus limites: & que a todo o tẽpo que lhe conſtaſſe eſtar nellas ſe tornaria a ſair: mas que aquellas em que eſtaua, auia por de ſua Mageſtade, o Emperador: & que ainda que o naõ foſſem, que a neceſsidade atè os preceitos diuinos quebrantaua, quanto mais os humanos. Com eſta repoſta ſe tornaraõ os ſoldados. (E os eſcritores que dizem, que Iamez Lobo mandara ameaçar aos lugares vizinhos ſe deſſem mantimentos aos Caſtelhanos, enganaraõſe: por que todos eraõ do Rey de Tidore, que eſtaua de guerra com a noſſa fortaleza: & todos eraõ noſſos imigos, & nem por requerimentos, nẽ por ameaços auiaõ de deixar de os prouer.)

Com eſta repoſta ſe foi Iamez Lobo pera Ternate, com que dõ Iorge ficou enfadado: por que naõ ſó ſe auia de ficar receando dos Caſtelhanos, mas ainda da gente da terra: que como todos ſaõ amigos de nouidades receaua que ſe carteaſſem com os Caſtelhanos, & começou a ter dahi em diãte mais o olho nelles, & differente reſguardo na fortaleza.

O Ruy Lopez de Villalobos pouco depois diſto ſoceder, com achaque de dizer, que o porto em que eſtaua era doentio, & falto de mantimentos, deu á vela & foiſſe para Geilolo, a onde foi muito bẽ recebido d'aquelle Rey, & logo fez eſtancias em terra. E depois de ſe fortificar, deſpidio vm Matias de Aluarado com vm requerimẽto a dom Iorge, que elle recebeo muito bem, & elle lhe moſtrou o requerimento que leuaua, em que o Villalobos lhe dizia, que elle chegara áquellas ilhas com fortuna, que lhe pedia, & requeria, que fizeſſe bom tratamento aos moradores d'aquellas ilhas, por q̃ eraõ vaſſallos do Emperador, & ſe naõ, que acodiria por iſſo. E que lhe mandaſſe os Caſtelhanos das armadas paſſadas que eſtauaõ com elle na fortaleza, & aſsi meſmo a artelharia q̃ fora tomado no forte de Tidore.

Dom Iorge lhe mandou reſpõder por outro requerimento, em q̃ lhe dizia: que aquellas ilhas todas eraõ d'Elrey de Portugal, & que logo ſe ſaiſſe dellas, ſe naõ, que o lança-

lançaria por força, & o caſtigaria como a quebrantador da paz. E q̃ quanto aos Caſtelhanos, ſe ſe quiſeſſem ir pera elle, que o podiaõ fazer, por que naõ tinha delles neceſsidade algũa. E que muito mal diziaõ aquellas palauras com as primeiras: & que lhe tornaua a requerer, que ſe ſaiſſe das ilhas d'Elrey de Portugal. Deſpedido o Aluarado, & vinda a mouçaõ de ſe irem pera a India, embarcou dom Iorge na nao da carreira Belchior Fernandez Correa, com todos eſtes proteſtos por muitas vias, hũas pera dar ao Gouernador, & outras pera elle leuar pera o reino, (a onde o enuiaua com cartas pera Elrey, de tudo o que era paſſado:) ficando os Caſtelhanos em Geilolo, & dom Iorge fortificandoſſe o milhor que pode, & aſsi os deixaremos a tè ſeu tempo.

CAPITVLO VII.

Da grande armada com que o Gouernador Martim Afonſo de Souſa partio pera o pagode de Tremel, & da tormenta que lhe deu, com que naõ pode paſſar: & de como deſembarcou em Callecoulaõ, a onde eſteue desbaratado pella gente da terra.

POR muitas cartas de alguns homens da India, foi Elrey informado, como no pagode de Tremel (que eſtá no reino de Biſnagá) auia vm infinito thiſouro de caſas cheyas d'ouro, & com muito pouca goarda, que vm Gouernador da India facilmente podia tomar ſe lá foſſe em peſſoa com hũa armada, com o que ficaria o eſtado taõ rico & proſpero, que poderia proſeguir nas conquiſtas que quiſeſſe, & enriquicer á India, & todo o reino de Portugal. Tantas vezes puxaraõ por Elrey neſta materia, q̃ ſe moueo a mandar fazer aquella jornada, por q̃ eſtaua pobre, pellas muitas deſpezas q̃ ſe tinhaõ feitas, nas grandes armadas que á India tinha mandado de ſoccorro. E neſtas naos paſſadas mandou ao Gouernador Martim Afonſo de Souſa, que em todo o caſo fizeſſe aquella jornada, em peſſoa: mandandolhe os treslados das cartas q̃ da India teue ſobre aquella materia, que o Gouernador teue em muito ſegredo ſem dar conta diſto a peſſoa algũa. E todo eſte veraõ ſe occupou em tomar informaçaõ das couſas d'aquelle pagóde, & do tempo em que poderia fazer aquella jornada, com peſſoas que ſabiaõ muito bem d'aquella coſta de ſaõ Thome, a onde elle eſtaua.

Informado bem, vio que lhe era neceſſario partir de Goa na

entrada de Agosto: por que como auia de desembarcar na cidade de saõ Thome, pera d'ahi caminhar pera o sertaõ doze legoas (que tãtas estaua della aquelle pagóde) & lhe era necessario passar os baixos de Chiláo, primeiro que a vara de Choromandel descarregasse, que de ordinario costuma a dar na lũa de Setembro, ainda que outras vezes na de Outubro, & que se o tomasse atras delles, alem do risco q̃ corria, por ser o tẽpo muito grosso, naõ poderia depois passar auãte, & seria forçado arribar a Goa.

Resoluto na viagem gastou todo este inuerno em aperceber a armada que auia de leuar, & ajuntar mantimentos, & moniçoens, apontando duzentos moradores de Goa com seus caualos pera irem com elle, sem dar conta a pessoa algũa do que determinaua, por se naõ espalharem as nouas, & irem ter a Bisnagá. E dando muita pressa a tudo, tanto que entrou o més de Iulho, deitou ao már todas as Galés, & nauios de remo, & começou de se embarcar, dando primeiro ordem a muitas cousas, deixando o gouerno entregue ao Bispo, & ao capitaõ da cidade, que era dom Garcia de Crasto, & Aleixos de Sousa Veador da fazẽda. E porque o tempo era ainda muito verde, esperou o primeiro jaziguo. E passada a lũa noua que cayo na entrada de Agosto, deu á vela a doze d'aquelle més.

A armada que leuaua eraõ doze Galés, oito Galeotas, tres Carauelas, & treze Fustas. Os capitaens das Galés, a fora o Gouernador q̃ ya em hũa, eraõ, Bernaldim de Sousa, Fernaõ de Sousa de Tauora, Fernaõ da Sylua alcaide mór de Alpalhaõ, dom Ioaõ Pireira, Martim Correa da Sylua, Pero Lopez de Sousa irmaõ do Gouernador, Luis Cayado, Alonso Anriquez, & Luis Falcaõ. Das Galeotas eraõ, Diogo de Mendoça, Diogo de Reinoso, Aluaro de Mendoça, dom Francisco de Noronha, Fernaõ Gomez de Sousa, Ioaõ de Mendoça Chum, dom Ioaõ Anriquez, & dom Martinho de Sousa. Das Carauelas eraõ, Afonso Furtado, dom Ioaõ Mascarenhas, & Vasco da Cunha. Das Fustas eraõ, Antonio de Sá o Rume, Belchior de Sousa, Diogo de Ayala, Rodrigo de Mouilha, Francisco Fernandez Moricale, Simaõ Galego, & outros. Dada á vela com toda esta frota, como o tempo era ainda verde, tornou a descarregar com tamanha furia, que espalhou a armada, & quasi perdida se recolheo aos ilheos de Angediua, sem a Galé de Luis Falcaõ, que aberta foi dar á costa onde se saluou a gente, que foi ter a onde a armada estaua. Aqui esteue o Gouernador alguns dias, a té que o tempo lhe deu lugar pera tornar a sua viagem, que foi já entrada de Setembro.

E dando á vela foi seguindo sua

derróta

derróta com ventos rijos & ſecos a té dobrar o cabo do Comori: & como era conjunçaõ de lũa, indo demandar os baixos, deſcarregou a vara de Choromandel com tanta braueza, que eſpalhou toda a armada, que eſteue perdida, corrẽdo cada vm por onde milhor podia. O Gouernador cõ a mór parte das Galés ferrou a ilha das vacas, quaſi perdidos & alagados. Ali eſteue muitos dias a tè ſe lhe gaſtar a mouçaõ, & vẽdo que já naõ era tempo pera paſſar adiante, ficou triſte & malenconizado, pello roim ſoceſſo que teue hũa armada que fez com tanta deſpeza. E mãdando chamar á ſua Galé os capitaens, lhes deſcobrio o a que ya, & lhes moſtrou as cartas d'Elrey, & as que lhe eſcreueraõ da India, em que lhe facilitauaõ aquella jornada, dizendolhes, que por ali veriaõ a rezaõ por que fizera aquella armada, que viſſem agora o q̃ deuia de fazer, por que elle eſtaua preſtes pera comprir o que lhe Elrey mandaua: que ſe era tempo pera ainda paſſar os baixos que o faria, por que a deſpeza eſtaua já feita. E chamados os Pilotos todos praticando ſe poderiaõ ainda paſſar, aſſentaraõ todos que a mouçaõ era acabada, & que já naõ auia que fazer. Com iſto ſe concluyo que ſe tornaſſem, com o que o Gouernador voltou, & tornou a dobrar o cabo, recolhendo alguns nauios de ſua companhia, que foi achando por aquelles pórtos.

E chegando a Callecoulaõ pera fazer agoada, ſoube que aquelle Rey era ido pello ſertaõ a fazer guerra a outro ſeu vizinho. E como nunca faltaõ homens amigos de aluitres, & de comprazerẽ aos Gouernadores, ſintindo algũs Martim Afonſo de Souſa muito magoado de naõ effeituar a jornada, fizeraõlhe crér que o pagode de Tebilicaré, que eſtaua d'ali a hũa legoa pera o ſertaõ, era taõ rico, & tinha tanto ouro como o de Tremel, pera onde elle fizera tamanhos apercebimentos: & que naõ eſtaua em mais encher a armada de ouro, que em o cometer, por q̃ naõ auia quem lho defendeſſe.

O Gouernador Martim Afonſo de Souſa cobiçoſo de tanto ouro, naõ atentando que ya contra a obrigaçaõ da paz & amizade que tinha com aquelle Rey, ſem dar conta mais que aos que o aconſelharaõ, deſembarcou com toda a gente poſta em armas, & foi marchando pera a parte do pagode, fazendo crér que ya ver a terra. E aſsi chegou a elle ſem os naturaes ſe temerem, nem ſe recearem de couſa algũa, pella muita fé que tinhaõ na verdade dos Portugueſes. E cometendo o pagóde que eſtaua ſem guarda o entrou mandandoo buſcar todo, & cauandoo por todas as partes, ſem achar nelle mais que hũa panela d'ouro, que ſeruia de leuarem agoa, pera lauarem

rem o idolo, que quando muito podia ter tres, ou coatro mil cruzados, & neste saco se deteue dous dias. Os naturaes vendo o seu templo estragado, & violado, apellidãdo a gente derredor, ajuntaraõse poucos mais de duzentos Nayres de espingardas & arcos, & foraõ esperar os nossos ao recolher, em vns caminhos estreitos q̃ corriaõ por antre vns vallos altos & fórtes, & postos em cima delles, em os nossos entrando os começaraõ a derribar á sua vontade: por q̃ como yaõ a fio, & o caminho era muito estreito, & sem algũa maneira de repairo, naõ perdiaõ tiro. Garcia de Sá que leuaua a dianteira sofreo muito trabalho, por que lhe feriraõ & mataraõ muita gente, sem se poder defender, nem offender aos imigos. O Gouernador ya na retaguarda em vm fermoso caualo, & ficaua mais em barreira ás espingardadas que chouiaõ de todas as partes sobre elle, de que o Deos liurou pella fortaleza das armas em que deraõ algũas. Os fidalgos que yaõ derredor delle, receando que lhe acontecesse algũ desastre, lhe pediraõ que se decesse: & Vasco da Cunha lhe pegou de hũa estribeira dizendolhe que naõ ya assi bem, que se deuia decer pera segurar sua pessoa. O Gouernador dissimulou, por que o naõ tinha por seu amigo, pello ser muito de dom Esteuaõ da Gama, & ouue que lhe naõ aconselhaua cousa de sua honra. E todauia como as espingardadas yaõ crecendo, & começauaõ a derribar alguns por derredor, tornou Vasco da Cunha a lhe puxar pella perna dizendolhe, que naõ conuinha ao seruiço d'Elrey ir d'aquella maneira, que era forçado decerse: por que se lhe acontecesse vm desastre se perderia tudo.

O Gouernador quasi desconfiado lhe disse, pareceuos senhor bem isso? & dizẽdo Vasco da Cunha que si, se deceo logo, & deu o caualo a vm Ioaõ d'Anhaya, & lhe mandou que fosse dizer a Garcia de Sá, que se fosse detendo o mais que podesse: o que o Anhaya fez com muito risco de sua pessoa, passando por meyo de nuuens de pilouros & frechas. O Gouernador chegou á bandeira de Christo assi, & foi caminhando a pé muito afrontado, por que já passaua por cima de corpos mortos. E taõ arriscado foi este negocio, que esteue muito perto de ser outro semelhante ao de Afonso d'Albuquerque, & do Marichal em Calecut. Com este perigo & risco passaraõ aquella rua, a té darem no campo largo, a onde ficaraõ mais desafogados, ficandolhe na rua trinta mortos, & saindo della mais de cẽto & cincoenta feridos, de que depois morreraõ alguns.

Aqui foi passado Fulgẽcio Freire de hũa espingardada de parte a parte pella barriga, & viueo. O Gouernador

uernador chegou á praya com bẽ de trabalho, arrependido do roim socesso, & pouco proueito d'aquella jornada: que lhe Elrey depois estranhou tanto, que na primeira reposta lhe escreueo que tornasse a panella d'ouro ao pagóde donde atiraraõ: & áquelle Rey escreueo cartas de mimos, & desculpas. O Gouernador se embarcou, & se foi pera Cochim. Algũas pessoas affirmaraõ (que foraõ deste tempo) que o Gouernador trouxera hũa grande soma d'ouro do pagóde dentro nos barris em que faziaõ agoada pera as armadas, de que logo ouue murmuraçoens na gente de sua companhia.

CAPITVLO VIII.

De como o Accedecan se leuantou contra o Idalxâ: & dos tratos que teue com dom Garcia de Crasto capitaõ de Goa, sobre fazer Mealecan Rey de Visapôr.



ALGVAS vezes temos dado conta do Accedecan Gouernador de todo o Concan, que he aquelle que deu as terras firmes de Salsete ao Gouernador Nuno da Cunha, & depois lhe tornou a fazer guerra. Este depois q̃ por morte de Malucan filho de Ismael tratou de leuãtar por Rey Mealecan, filho de Cusocan, que foi senhor de Goa: o que naõ pode fazer por ter Abrahemo irmaõ do Rey morto mais pósse, & mais capitaens da sua parte, & sobre tudo sua auó Babu fatima, que era hũa senhora de grãde prudẽcia, & conselho: & depois de Abrahemo ficar Rey, temẽdosse o Accedecan por q̃ fora cõtra elle, foisse pera baixo pera o Concan donde era Gouernador.

O Abrahemo como era bõ homem, & de boa natureza, tanto que tomou pósse do reino, mandou soltar seu tio Mealecan, & deulhe casa muito honrada, & o casou com hũa Princeza, que se criara em casa da Raynha sua auó, da casta dos antigos Reys de Xarbodar. E mandou chamar o Accedecan, & se reconciliou com elle, perdoãdolhe as culpas passadas: por que entẽdeo que pera bem gouernar lhe era mais necessario andar cercado de amor, que de armas: perdoando mais a todos os culpados, contra vontade de Icuf Xandiuan, & dos mais capitaens que foraõ do seu bando, que desejauaõ de tirar do mundo Mealecan, & o Accedecan, porque entendiaõ da boa natureza d'Elrey que se auia logo de gouernar por elles, & sempre os auia de ter no primeiro lugar, o que a inueja de gouernarem tudo lhes naõ consintia: pello que foraõ pouco & pouco induzindo Elrey, & fazẽdolhe crer, que lhe naõ conuinha

ter ſeu tio Mealecan no ſeu reino, por que ya já tendo grande póſſe.

E por que, quem já outra vez eſtando preſo ſolicitara fazerſe Rey, & que todas as vezes que o tempo lhe offereceſſe occaſiaõ: de pois de ſolto & poderoſo, eſtaua muito certo lançar maõ della, & trabalhar por ſe aſſentar naquella cadeira: o que lhe ſeria muito facil, pois tinha o Accedecan por ſi que o fauorecia & aconſelhaua. E como eſte negocio era muito graue, & muito facil de perſuadir aos Reys, começou Abrahemo de ſe pejar com o tio: mas elle como era homem auiſado, & entendido a poucos lanços alcáçou, que naõ andaua Elrey goſtoſo delle, ſem ſaber couſa algũa do que era paſſado, nẽ o por que, diſsimulou o milhor que pode: & vendo o riſco que corria ſua peſſoa naquelle reino, determinou de ſe deſterrar delle, pera viuer ſem ſobreſaltos. E eſtando vm dia com Elrey ſó, lhe diſſe.

Que bem ſeria lembrado como Icuf ſeu pay, encomendara a Elrey Iſmael, que tanto que ſocedeſſe no reino, & elle Meale foſſe de idade pera entrar em Religiaõ o mandaſſe pera Meca a ſeruir ſeu profeta: que elle eſtaua já homẽ, & que por duas obrigaçoẽs eſtaua penhorado pera aquella jornada, hũa a vontade d'Elrey ſeu pay, & a outra vm voto que tinha feito de ir acabar na caſa de Meca: que lhe pedia por merce lhe deſſe licença pera ſe embarcar com ſua caſa & familia, por que ya taõ cõtente, como ſe fora a herdar vm grande reino. Elrey folgou com aquella determinaçaõ do tio, aſſi por ſe tirar de ſuas imaginaçoens, como por naõ chegar a ſer ſeu homicida, (por que já andaua traſſando o modo de como o mãdaria matar.) E aſsi lhe louuou muito ſeu propoſito, mandandolhe que ſe foſſe embarcar a Dabul, a onde lhe daria embarcaçaõ, & todo o neceſſario.

Negociado o Mealecan, deſpedioſſe d'Elrey, que lhe deu juramento, que naõ tomaſſe outro algũ reino, mas que ſe foſſe direito a Meca. E aſsi ſe foi embarcar com toda ſua familia a Dabul o Abril paſſado de corenta & vm, & naõ podendo tomar o eſtreito por achar tempos contrarios, foi ao porto de Zeilá, a onde inuernou. Ali foi roubado, & maltratado da gẽte da terra, & d'aquelle Rey, de q̃ eſcandalizado ſe tornou a embarcar na entrada de Agoſto, & com os Ponentes tornou a voltar pera a India, & foi tomar Surrate, porto de Cambaya. D'ali ſe paſſou á cidade de Amadabá onde eſtaua Elrey Soltaõ Mahamud, que o recebeo mũy honradamente, & lhe deu caſa conforme a ſua calidade. E aſsi lhe deu hũa villa chamada Nagará com ſuas aldeas, q̃ lhe rendia oito ou dez mil pardaos,

daos, pera deſpezas de ſua caſa.

Partido Meale da corte do Idalcan, tratou Elrey logo de auer ás maõs o Accedecan, por q̃ Icuf xan, & outros capitaẽs ſeus imigos o atiçaraõ tãto, que ſe determinou ao matar, & com eſte propoſito o mãdou chamar, ao eſtremo do reino a onde eſtaua, pera negocios de im portancia. Mas ſendo auiſado do animo d'Elrey, por algũs ſeus amigos, diſsimulou com a ida: & pera ſe ſegurar milhor, ſe recolheo á cidade de Bilgaõ, que era ſua, & eſtá no paſſo da entrada do Gate, & tẽ hũa fortaleza muito fórte, que fortificou & proueo de tudo pera todo o anno, ajuntando a ſi a mais gente que pode: & carteandoſſe com alguns capitaẽs da corte que ſe foraõ pera elle. E por que ſabia muito bem que tanto que o Idalcan ſoubeſſe que eſtaua elle naquella cidade, auia logo de meter todo o poder contra elle, tratou dous remedios. Vm, ver ſe podia meter Mealecan no reino, (por que já ſabia que eſtaua em Cambaya:) O outro, quando naõ podeſſe fazer iſſo paſſarſe pera Meca.

Ambos eſtes começou logo a pór em effeito, mandando todos ſeus thiſouros (que ſe affirmaua ſerem mais de dez milhoens d'ouro) pera o rio de Sanguicer, que tambem era de ſua jurdiçaõ, por ſer porto de már, & d'ali o embarcar cada vez que quiſeſſe. Carteãdoſſe juntamente com Elrey de Cananor, pera o recolher em ſeu reino, & lhe deixar fazer em vm de ſeus portos hũa nao pera ſe ir pera Meca: o que acabou á força de dinheiro, & de dadiuas: mandando logo carpinteiros, & officiaes com todas as couſas neceſſarias pera começarem a nao. Iſto tentou, por que ſe naõ ouue por ſeguro, em algum dos portos do Nizamoxá: por que receou, q̃ por lhe tomar ſeus thiſouros, o mataſſe, ou entregaſſe ao Idalcan. Eſte thiſouro mandou pera aquelle rio de Sanguicer por dous capados de grande ſua obrigaçaõ, chamados Doltiaõ, & Melique Atai, cõ quinhentos eſcrauos ſeus pera ſua guarda.

O outro remedio foi de meter Mealecan no reino, que tambem tratou logo juntamente, carteandoſſe com algũs capitaẽs ſeus amigos, que ſe foraõ pera elle com dez ou doze mil homens de caualo. E como teue eſtes de ſua parte, deſpedio Embaixadores a dom Garcia de Craſto capitaõ de Goa, pera tratarem com elle mandar buſcar Mealecan a Cambaya, & entregarlho pera o fazer Rey, fauorecendoo pera iſſo: & que depois de ſer Rey lhe daria todo o Concan, pera Elrey de Portugal, que rendia entaõ perto de vm milhaõ d'ouro. Vendo dom Garcia partidos taõ grandes os aceitou, fazendo com os Embaixadores ſeus papeis.

peis: & despedio logo recado ao Gouernador: & despachou juntamente vm Bastiaõ Lopez Lobato cidadaõ de Goa, com dous nauios de remo pera ir a Cambaya buscar Mealecan, escreuendolhe Accedecan que se fosse pera Goa, & o mesmo fez a Elrey Soltaõ Mahamud, mandandolhe ricos presentes pera que o deixasse embarcar.

O Accedecan ficou fazendo seus apercebimentos, do que logo o Idalcan foi auisado: & fazendo chamamento de seus capitaens, se negoceou pera acodir em pessoa áquellas cousas. E naõ sabendo dos tratos que o Accedecan trazia cõ dõ Garcia de Crasto, lhe despedio vm correo com cartas em que lhe rogaua mandasse algũs nauios sobre a barra de Sanguicer, a impedir, q̃ se naõ passasse pera Cananor a gente, & thesouros do Accedecan, por q̃ era vm aleuantado, & traidor, q̃ pellas leys do reino tinha perdida toda sua fazenda. Offerecendo a mór parte do thesouro pera Elrey de Portugal.

Dom Garcia de Crasto, posto que estaua saneado com o Accedecan (quis cozer a dous cabos, como lá dizem) despedindo logo Nuno Pereira de Lacerda, com cinco nauios pera se ir pór sobre a barra de Sanguicer, & q̃ naõ deixasse sair della cousa algũa, naõ fiando aquelle segredo mais que delle, por naõ ir ter ás orelhas do Accedecan, por naõ desarmar com elle: aduertindoo, q̃ por debaixo da capa fizesse grandes offerecimentos aos criados q̃ lá tinha, affirmãdolhes que ya em seu fauor, & pera os recolher, se o Idalcan mandasse gente sobre elles, & asi o escreueo ao Accedecan: encomendando em muito segredo a Nuno Pereira, que trabalhasse por algũa manha, pellos auer as maõs com o thesouro, & que os leuasse pera Goa. Nuno Pereira se foi pór sobre aquella barra com grande disimulaçaõ, tendo muito grande vigia que nada saisse pera fóra.

CAPITVLO IX.

Do que fez o Gouernador Martim Afonso de Sousa tanto que teue recado de dom Garcia de Crasto. E da armada que este anno de 43. partio do reino, de que era capitaõ môr Diogo da Sylueira. E de como o Gouernador partio pera Goa.



ARTIDO o recado de dom Garcia de Crasto pera Cochim em poucos dias chegou áqlla cidade, sendo o Gouernador chegado de dous ou tres atras. E vẽdo as cartas & sabendo o q̃ passaua, mandou

logo ordenar os Catures ligeiros pera se ir nelles, por mais pressa, por que as Galés estauaõ destroçadas. E querendosse embarcar, já de vinte de Outubro por diante sorgiraõ na barra de Cochim coatro naos, de cinco que este Março passado de corenta & tres tinhaõ partido do reino: de que era capitaõ mór Diogo da Sylueira. Os mais capitaens eraõ, dom Roque Tello, Fernaõ d'Aluarez da Cunha, & Simaõ Sodré. O que fal taua era Iacome Tristaõ, que por desaparelhar arribou ao reino. Diziaõ que trazia Diogo da Sylueira, hũa carta ou aluara d'Elrey em segredo, pera que se achasse Martim Afonso de Sousa morto, & ou morresse estando elle na India se abrisse, em que se affirmaua que socederia o mesmo Diogo da Sylueira na gouernança, sendo porem dom Esteuaõ embarcado pera o reino: por que por aquellas nouas que Elrey teue por dom Francisco de Lima, que dõ Esteuaõ mandou ao reino, que chegou pouco antes que Diogo da Sylueira partisse, soube Elrey, como Martim Afonso de Sousa ficaua em Moçambique muito mal, & dom Frãcisco lhe affirmou que seria morto: no que querendo Elrey prouer se tal fosse, deu a via serrada a Diogo da Sylueira pera se abrir na India, em que se dizia, que mandaua, que estando dom Esteuaõ na India ficasse gouernando: & sendo ido pera o reino, se entregasse a India a Diogo da Sylueira: o que naõ auia de ser se naõ se elle morresse estando já Diogo da Sylueira na India. Por que sendo aberta outra socessaõ, naõ auia de querer dar materia a outras differenças como as de Lopo Vaz de saõ Payo com Pero Mascarenhas. O Gouernador recebeo bem Diogo da Sylueira, & como estaua de caminho deteuesse mais vm par de dias, pera dar ordem á carga das naos. E diziaõ, que estando vm dia ouuindo Missa na Sé, aleuantandosse o diuino Sacramento, dissera a Diogo da Sylueira, que estaua com elle, estas palauras.

Dizei senhor a Elrey, que me mande nestas naos socessor, por que me naõ atreuo a gouernar a India, pella mudança que nella achei nos homens, na verdade, & no primor: se naõ que juro por aquella hostia consagrada, & pello verdadeiro corpo de Christo que nella está, que eide abrir as socessoés, & entregar este estado á pessoa de quem S. A. o confia nellas, & que naõ queira arriscar vm vassallo como eu a lhe cortar a cabeça. Isto lhe disse de todo seu animo: & certo que se lhe Elrey naõ mandara socessor, que o ouuera de fazer, por que era vm fidalgo muito determinado. O Gouernador deu naquelles dous dias despacho a muitas cousas, & despe

dosse da cidade, & do capitaõ mór deu á vela pera Goa, nos catures ligeiros: & sem se deter em outra cousa algũa, em breues dias chegou áquella cidade, passando pello rio de Sanguicer, a onde estaua Nuno Pereira sem lhe falar.

E chegando a ella começou a entẽder nos negocios que estauaõ praticados antre dom Garcia de Crasto, & o Accedecan: & sabendo a cousa como passaua, & no estado em que estaua, pós aquillo em conselho: & a muitos pareceo cousa grauissima, quebraremse as pazes que estauaõ feitas & juradas com o Idalcan, sem da sua parte auer occasiaõ algũa: que muito mais valia a verdade Portugueza, que todo o thisouro que se esperaua: por que a fé naõ se auia de quebrantar, nem por reinar (por q̃ Cesar falara neste negocio como Gentio) quãto mais por dinheiro, que estaua em duuida, de ser pouco, ou muito: de poder vir ás maõs ou naõ. E sobre isto como o Gouernador estaua afeiçoado ao grãde interesse que se lhe prometia, & offerecia, resumiosse em aceitar os partidos do Accedecan, & fauorecer Mealecan, pois lhe elle certeficaua ter direito no reino (que naõ era mais, que aquelle que os conjurados lhe queriaõ dar) por que como todos os Mouros saõ amigos de nouidades, tomaraõ cada oito dias mudar Rey, pera o que sempre desejaõ de auer vm da casa real, pera autorizarem com elle suas tyrannias, buscandolhe direito que nunca tiueraõ (como o Accedecan queria fazer a este Meale, que nenhum tinha naquelle reino mais que dizer que era filho da molher mais nobre, tendo já o reino vindo por morte de Cufo Idalcã seu pay, a Ismael filho mais velho, que tambem o era de gẽtia como de Meale: por que ambas as molheres q̃ delle pariraõ eraõ Canarás.) Posto que antre estes Mouros naõ ha poderse chamar algum de seus filhos legitimos, por serem todos os Reys casados com duzentas, & mais, molheres: & asi nestes reinos muitas vezes vem a soceder o filho, a q̃ o pay os quer deixar, & outras, o que tem mais pósse & valia.

E posto que Castanheda, & Petro Mapheo que o segue, digaõ q̃ este Meale era o verdadeiro, & naõ Ismael: enganaraõse, por que o mesmo Meale nos disse nesta cidade de Goa, q̃ seu irmaõ Ismael era o mais velho: & ainda oje viuem netos seus que asi o confessaõ. Mas o Accedecan pera autorizar sua pouca verdade, & tyrannia, fazia crér ao Gouernador o cõtrario, pello que se moueo ao fauorecer, posto que naõ aueriguamos se ouue da sua parte taõ grande engano, por que naõ auia de faltar, quẽ lhe dissesse a verdade.

Aceitados os partidos ficaraõ esperando pello Meale, & entre tanto

tanto despedio o Gouernador, Diogo de Reinoso pera o estreito de Meca, em vm nauio de remo muito ligeiro, pera ir saber nouas das Galés, & de dom Christouaõ da Gama: dandolhe por regiméto que naõ tocassem em porto algum dos Turcos, nem aluoroçasse aquelle estreito, sob pena do caso mayor: pello ter assi Elrey aquelle anno encomendado muito, por que tinha em Cõstãtinopla Diogo de Mesquita por Embaixador, sobre negocios de muita importancia, que nós ca naõ podemos saber. E mandaua expressamente que em quãto lá estiuesse, naõ mãdasse nauios ao estreito, por se ter asi concertado com o Turco, que em quanto durasse aquelle negocio, nem nauios nossos entrassem áquelles pórtos, nem os Turcos sahissem fora delles com suas Galés. E isto cometeo o Turco, por que ficou mũy assombrado de dom Esteuaõ da Gama chegar com sua armada a tè o porto de Sués, cousa que elle nunca receou. E por esta rezaõ pós o Gouernador a Diogo de Reinoso taõ grandes penas: q̃ naõ fizesse mais que tocar Arquico, & saber nouas de dom Christouaõ, & mandarlhe cartas q̃ lhe escreueo, & tomar fala das Galés, & tornar a voltar, & de sua viagẽ a diante daremos rezaõ.

Depois disto poucos dias chegou á barra de Goa Bastiaõ Lopez Lobato que trazia Mealecan de Cambaya, & o Gouernador o recebeo muito bem, mandandoo aposentar honrosamente. Logo começaraõ a correr recados antre o Gouernador & o Accedecan, sobre aquelle negocio, & veyosse a concluir que o Gouernador passasse Meale a Pondá, onde acharia alguns capitaens com gente pera o receberem, & o leuarem a tè Bilgaõ, a onde elle Accedecan, com os mais capitaens de sua conjuraçaõ o esperauaõ com corenta mil caualos, pera o meterem no Balagate: & que ali faria entrega de todas as terras de Concan, á pessoa que o Gouernador mandasse. De tudo isto se fizeraõ papeis antre elles & o Meale. O Gouernador começousse logo a fazer prestes pera em pessoa o passar a Pondá, fazendo alardo da gente Portugueza que auia de leuar, & achou tres mil homens, & perto de dous mil piaens da terra. E em quanto se passaõ estes apercebimentos, he necessario que os deixemos vm pouco, pera continuarmos com as cousas que neste tempo socederaõ no Balagate.

Ia atras temos dado conta no capitolo oitauo do liuro nono, de como o Idalcan fora auisado dos mouimentos do Accedecan, sem saber dos tratos que auia antre elle & o Gouernador, & sendolhe necessario acodir áquellas cousas em pessoa, ajuntou todo o seu poder, & posse no campo pera come-

çar a marchar, mandando alguns capitaens diante com perto de quinze mil caualos, com que os da conjuraçaõ tiueraõ alguns recontros, em que ouue dano de parte a parte. Estando as cousas neste estado, esperandosse cada dia por Elrey, adoeceo o Accedecan de hũas febres, & como era de nouenta annos, & fraco, faleceo em seis dias, deixando nomeado por herdeiro de toda sua fazenda ao Mealecan, que deixou muito encomendado aos mais capitaens: & por seu testamenteiro, depositario, de todo o seu thisouro nomeou vm Mouro, que era todo o seu gouerno chamado Coge Semaçadim, natural da prouincia Gilan, mandandolhe ainda em sua vida, que fosse ao rio de Sanguicer, & tomasse posse de seus thisouros, & os entregasse a Mealecan. Coge Semaçadim partio logo pella posta, & tomou entrega de tudo: & como teue nouas que o Accedecan era morto, determinou de se passar pera Cananor, & dahi pera Meca, & fazerse herdeiro: pera o que se carteou com Elrey de Cananor, mandandolhe muitas peças & dinheiro pera que o recolhesse no seu reino, pera delle se passar a Meca na nao que lá se fazia. E tendo seus seguros pera se poder ir, querendoo fazer em segredo, por que Nuno Pereira estaua sobre aquella barra, & naõ deixaua sair cousa algũa pera fóra, somente as almadias pescaresas, foi metendo nellas pouco & pouco: & desta maneira meteo em Cananor a mór parte do seu thisouro, ficando elle com determinaçaõ de depois de ter mandado tudo se partir por terra. E neste estado deixaremos estas cousas por tornarmos ao Gouernador, pera irmos assi milhor infiando nossa historia.

CAPITOLO X.

Da rezaõ por que o Gouernador Martim Afonso de Sousa deixou de passar Mealecan â outra banda. E da batalha que teue o Idalcan com os conjurados, em que os disbaratou.



TENDO o Gouernador Martim Afonso de Sousa prestes todas as cousas pera a jornada, tomando Mealecan a par de si, com honras, & preheminencias de Rey, foisse por em Benastarim pera d'ali passar a outra banda. E como elle fazia esta jornada contra o parecer de todos os fidalgos velhos (tẽdo assentado de se passar ao outro dia pella menhã) Pero de Faria, q́ era vm fidalgo de oitenta annos, a que todos os Gouernadores tinhaõ grande respeito, se foi no mór silencio da noite á tenda do Gouernador,

uernador, & lhe pedio que o ouuiſſe ſó, que tinha couſas de ſeruiço d'Elrey que lhe dizer. O Gouernador mandou ſair pera fora ſeus criados, por que já eſtaua recolhido: & ficando ſós lhe fez Pero de Faria eſta breue fala.

A obrigaçaõ de bom vaſſallo, a authoridade deſtes annos, & deſtas cans, & a grande experiencia que tenho das couſas da guerra, que ha ſeſſenta annos trato, me obrigaõ ſenhor a vos fazer eſta derradeira lembrança, por que ſe naõ diga, q̃ faltaraõ homens neſte eſtado, pera vola fazerem com a liberdade cõ que o eu faço: por que quem a naõ tiuer pera iſto, vay contra o que deue ao ſeruiço de ſeu Deos, & do ſeu Rey.

Quem vos diſſe ſenhor, q̃ eſta jornada que fazeis naõ he muito arriſcada? & que eſtes Mouros (q̃ todos per natureza ſaõ noſſos imigos) vos naõ tenhaõ armado algũa treiçaõ? & ainda que iſto naõ ſeja, quem nos ſegurará (pois ſabemos quaõ varias & inconſtantes ſaõ eſtas gentes) que naõ poſſa auer antre os conjurados, outra noua determinaçaõ? & que de hũa hora pera a outra ſe poſſaõ arrepender do cometido, & ſanearéſe com o ſeu Rey? Ou a elle fauorecelo Deos, pois tem juſtiça, & diſbaratar os imigos traidores, & aleuantados, & deſarmarem em vaõ todos eſtes apercebimẽtos, & pretençoẽs, & vós ficardes deſacreditado com voſſo Rey, & odiado cõ vm vizinho taõ proueitoſo, que he neceſſario poupar, & conſeruar, como aquelle que de ſuas terras nos vem todos os prouimentos neceſſarios, aſsi pera a ſuſtentaçaõ deſta cidade, como de todas as armadas que della ſaem? E que ley ha por onde ſe poſſa tomar o ſeu a ſeu dono, & fauorecer vaſſallos aleuantados contra o ſeu Rey? por certo que iſto tudo naõ he mais q̃ ſolicitar hũa guerra importuna, como eſtá certo fazernos eſte Rey como magoado, ſem auer da ſua parte cauſa algũa de eſcandalo, & por couſas que eſtaõ incertas: por que poſto que eſte Mealecan ſe meta oje no reino liuremente, & cumpra os contratos que tem feitos, & nos entregue o Cõcan, a manham pode quebrar tudo, buſcando pera iſſo achaques, que lhe naõ aõ de faltar, ſegundo os Gouernadores da India vezinhaõ mal com elle, & lançar depois maõ de tudo a noſſo deſpeito, que ſerá hũa afronta mũy grande, & que ſe naõ poſſa ſatisfazer, pois naõ tẽ o Eſtado póſſe pera couſa algũa. E quem nos póde tambem ſegurar, que Mealecan depois de Rey nos naõ ſeja pior vizinho que eſte Abrahemo, que corre com eſte Eſtado taõ pontual: & que eſtes capitaens q̃ oje ſe moſtraõ tanto voſſos ſeruidores, depois de ſaneados cõ elle, naõ ſejaõ os que o aconſelhem a vos fazer guerra, & deſafrontarſe?

Por

Por isso senhor tornai sobre vós,& vede o que fazeis, por que ainda tendes tempo pera noua determinaçaõ: por que os erros da guerra,depois de feitos naõ sofrem emenda.

O Gouernador Martim Afonso de Sousa lhe agardeceo muito aquellas lembranças: & considerando de nouo naquellas cousas, & medindoas com a rezaõ, veyo a entender que Pero de Faria lhe dizia verdade, & que lhe falaua como homem experimentado & liure. E sem dar conta a pessoa algũa d'aquelle negocio, tanto que foi de madrugada, fingio que lhe vieraõ cartas de Ormuz,& que auia alteraçaõ contra a nossa fortaleza: & leuantando o campo, tomando o Mealecan a par de si voltou pera á cidade. Os capitaẽs fidalgos, & todos os mais ficaraõ embaraçados com taõ supita mudança,sem lhes o Gouernador dar conta do que passaua. Chegados á cidade, mandou o Gouernador agasalhar Mealecan, em casas grãdes,com guardas,& vigias,porque se naõ fosse, naõ sabendo ainda cousa algũa da mórte do Accedecan,por que tudo foi em vns mesmos dias.

O Idalcan,que estaua em campo,tanto que ajuntou suas gentes, foi decendo o Gate, apareceo sobre á cidade de Bilgaõ, pouco depois da morte do Accedecan. Os capitaens aleuantados sabendo de sua chegada foraõse recolhendo, vns pera a terra do Nizamaluco, & outros por mais naõ poderem se recolheraõ na cidade, pera se defenderem nella. Elrey pós seu campo derredor della, mandandoa combater muito fortemente, & os de dentro defendendosse cõ muito valor: mas como estauaõ amedrontados (que isto he proprio de tyrannos, perderem o animo em presença de seu Rey) começaraõ a descoraçoar, pedindo alguns capitaẽs misericordia a Elrey, que lhe elle concedeo, & outros trabalharaõ por fogir de noite. Nesta confusaõ foi está cidade entrada, & tomado ás maõs algũas cabeças principaes que logo foraõ feitos pedaços diante d'Elrey. Feito isto pós ali capitaõ nouo, & o mesmo fez em todas as fortalezas, & tanadarias de Concan, reduzindoo outra vez á coroa do reino, por que o tinha dado ao Accedecan, determinando de mais o naõ dar a pessoa particular por se naõ fazer poderoso: arrendando suas terras, & aldeas,& pondo outras cousas em ordem.

CAPI-

CAPITVLO XI.

Dos tratos que ouue antre o Idalcan; & o Gouernador Martim Afonso de Sousa sobre lhe entregar Mealecan. E de como Cogecemaçadim foi a Goa verse com o Gouernador, & lhe deu oitocentos mil cruzados pera Elrey de Portugal. E de outras muitas cousas,



AVENDO tres dias que o Gouernador Martim Afonso de Sousa era recolhido pera Goa, chegaraõ as nouas da morte do Accedecan, & de como Elrey disbaratara os cõjurados, & ficaua em Bilgaõ prouendo nas cousas do Decan. Entaõ acabou de entender que Pero de Faria fora Anjo, que o auisara, por que se tiuera passado á outra banda perderase de todo. E logo com muita breuidade despedio vm Embaixador a visitar o Idalcan, & a darlhe os parabens da vitoria, offerecendosselhe pera tudo o que fosse de seu seruiço. Este Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, & o tornou logo a despedir com grandes agardecimentos d'aquella visitaçaõ: naõ sabendo dos tratos que tinhaõ passado antre elle & o Accedecan: ou se o sabia disimulouo pello que lhe conuinha. E sabẽdo o Idalcan como Mealecan estaua em Goa, receandosse que em quanto fosse viuo sempre tiuesse alteraçoẽs (como quem conhecia bem a natureza dos Mouros) & querendosse segurar, tratou de o auer ás maõs por todos os meyos que podesse, & despidio logo vm Embaixador, pessoa muito principal de sua casa, pera ir tratar negocios com o Gouernador, & recebendoo bem o ouuio só.

Elle lhe disse que o Idalcan seu senhor como grãde seruidor d'Elrey de Portugal, & como quem desejaua de conseruar sua amizade, lhe daua & trespassaua liuremente todo o direito que tinha no thisouro do Accedecan, & que o podia mandar tomar em toda a parte em que estiuesse. E q̃ pello muito q̃ merecia ao seruiço d'Elrey de Portugal lhe pedia, lhe mandasse entregar seu tio Mealecan, sobre sua fé de o naõ matar: por que naõ queria mais que polo em parte a onde se naõ podesse recear delle: & que daria por isso a Elrey de Portugal as terras firmes de Salsete, & Bardes, com suas tanadarias, rendas, & alfandegas, perpetuamente, pera elle, & pera todos seus descendentes, que renderiaõ setenta mil pardaos cada anno.

O Gouernador pós todas aquellas cousas em conselho, & nelle se assentou, que por nenhũa cousa da vida

vida se podia entregar Mealecan que viera de Cambaya, a onde estaua seguro, debaixo da fé dos Portugueses. E por que Elrey naõ perdesse hũa taõ grande cousa como a que se lhe offerecia, que se buscasse vm meyo honesto & licito, com que as terras ficassem ao Estado, & o Idalcan satisfeito, & quieto, que pois elle naõ trataua de mais que de se segurar de Mealecan, por estar cõ elle pejado naquella cidade de Goa: que se mandasse pera o reino, ou pera Malaca, ou Maluco. Isto se fez a saber ao Embaixador, que logo despedio correos ao Idalcan, que estaua em Bilgaõ esperãdo pella reposta.

Chegadas as cartas, & sabendo o que se tratara, entendendo mũy bem que os Portugueses per nenhum caso lhe auiaõ de entregar Mealecan, & que o que o Gouernador offerecia era o milhor meyo que naquelle negocio se podia tomar: & que em qualquer d'aquellas partes que Meale estiuesse, lhe naõ podia fazer nojo, aceitou os partidos, & os Embaixadores por virtude de seus poderes, assentaraõ com o Gouernador aquelle negocio fazendo seus papeis. E logo deraõ posse d'aquellas terras ao Gouernador, que a mandou actualmente tomar por dom Garcia de Crasto, que foi em companhia dos Embaixadores, que lhas foraõ entregar: & logo se arrendaraó a Crisna Tanadar mór de Goa, em cento, & corenta & tres mil pardaos em tres annos: & tantos achamos carregados em receita na arrecadaçaõ de Fabiaõ da Mota, que naquelle tempo seruia de thisoureiro em Goa.

Despedidos os Embaixadores muito contentes, mandou o Gouernador ter grãde resguardo em Mealecan, por que se naõ saisse de Goa, dandolhe hũa grossa tẽça pera seu entertimento. E por que o Idalcan tambem tinha trespassado o direito que tinha no thizouro do Accedecan em Elrey de Portugal, tratou de ver se por manha o podia auer ás maõs, & despedio logo Fernaõ de Sousa de Tauora, em hũa Galé, & com elle Ruy Gonçaluez de Caminha (irmaõ de Ioaõ Aluarez de Caminha thisoureiro do reino, q̃ tinha hũa filha casada com dom Dinis de Faro) este Ruy Gonçaluez de Caminha era grande amigo do Cogecemaçadim, pera irẽ ao rio de Sanguicer ao persuadir que se fosse a Goa ver com o Gouernador, leuandolhe pera isso seguros reais, & escreuendolhe o Gouernador cartas de muitos mimos. E a Fernaõ de Sousa deu por regimẽto, que tomasse as fustas da companhia de Nuno Pereira de Lacerda, a quem escreueo que se fosse pera Goa. Chegado Fernaõ de Sousa áquelle rio, tanto que Nuno Pereira vio as cartas, & regimento do Gouernador, logo se foi pera

Goa

Goa no seu nauio muito agrauado do Gouernador o tirar d'aquella impresa, em que auia dous meses que estaua.

Ruy Gonçaluez de Caminha se vio em terra com Cogecemaçadim, & tantas cousas lhe disse que o rendeo a ir com elle a Goa, & se embarcou na Galé de Fernaõ de Sousa. O Gouernador o recebeo bem, & lhe fez muitos mimos & caricias, & fechados ambos, o que antre si passaraõ ninguem o sabe: somente o publico foi, que daria a Elrey de Portugal, oitocẽtos mil cruzados de concerto, pella auçaõ que o Idalcan lhe tinha dado no thisouro do Accedecan, de que daria logo em Cananor coatrocẽtos mil cruzados, a onde o poriaõ a elle: & os outros coatrocentos mil daria no Março seguinte. Cõ isto o despedio o Gouernador com muitas honras & peças, & se tornou a embarcar com Fernaõ de Sousa, & com elle o Secretario Antonio Cardoso, pera tomar entrega do dinheiro, & em vm catur ligeiro o leuar a Cochim, & o repartir pellas naos do reino.

Chegados a Sanguicer recolheo Cogecemaçadim toda sua familia em nauios que pera isso leuou, & passousse a Cananor, indo com elle Fernaõ de Sousa. Aquelle Rey o recebeo bem, & elle se aposentou em casas que tinha mandado fazer, & a onde já tinha os seus criados com o thisouro, & quinhentos Naires em guarda, que elle pagaua mũy bem. Logo ao outro dia entregou os coatrocentos mil cruzados a Antonio Cardoso todos em barras d'ouro, & tomando os em vm catur, passou a Cochim já em Ianeiro, & achou já de verga d'alto a nao capitania, & a de Fernaõ d'Aluarez da Cunha. E entregou a Diogo da Sylueira trezẽtos mil cruzados, pera no reino os dar a Elrey, & os cento a Iorge de Lima, que tinha acabado de seruir a capitania de Chaul, & ya embarcado na nao de Fernaõ d'Aluarez. Estas naos tiueraõ boa viagem, & chegaraõ a saluamento: & Elrey estimou muito o dinheiro por estar o reino despezo.

Fim do Nono Liuro.



LIVRO DECIMO
DA QVINTA DECADA
DA HISTORIA DA INDIA.

CAPITOLO I.

Do principio do reino de Ormuz, & Reys que a té oje teue. E de como Elrey Xarxa faleceo, & o Gouernador Martim Afonso de Sousa aleuantou por Rey a Toruxa que estaua em Goa. E de como foi pera seu reino, entregue a Luis Falcaõ, que ya entrar naquella fortaleza. E de como o Gouernador se foi ver com Cogecemaçadim a Cananor.

PRIMEIRO que tratemos da morte d'Elrey Xargolxá de Ormuz, que faleceo este veraõ, nos pareceo bem darmos conta da fundaçaõ do reino de Ormuz, & de todos os Reys que teue a té oje. Asi por guardarmos a ordẽ q̃ atégora seguimos em todos os reinos, como por tirarmos algũa duuida q̃ se nos offereceo nas Decadas de Ioaõ de Barros, quando fala nos Reys cegos, que Afonso d'Albuquerque mandou pera Goa.

Pello que se á de saber, que perto dos annos de nossa redemçaõ, de mil, duzentos & cincoenta, sendo Rey de Persia Abagahan, filho do graõ Tartaro Hallehan (a que todos os escritores chamaõ Alacu, & outros Halaonó, & Marco Polo Hulan) que por mandado de seu irmaõ Maguhan (q̃ o mesmo Marco Polo poẽ pello coarto do numero dos Emperadores do Cathayo: & Aiton Armenio pello coarto. E asi o poem Sabellico, & lhe chama Magon, ou Meton) foi cõquistar a terra santa q̃ os Turcos tinhaõ tomado os annos atras de mil & cento & setẽta & dous, persuadido do Papa Innocencio coarto, q̃ a isso lhe mandou religiosos, & em toda esta conta vay Marco Polo Veneto errado: & diz elle q̃ este Tartaro Maguchan se fizera Christaõ a rogo de Aiton Rey de Armenia, q̃ se foi cõ elle ver á cidade de Cambalec, a onde elle tinha sua corte: a cujo rogo este Tartaro se fez Christaõ, mandãdo com elle seu irmaõ Halehan com grandes exercitos, para tornar a cobrar a terra sãta de poder dos Mouros, como fez: matãdo em batalha o Califá de Babilonia Mustassem Mubila,

Mubila, em quem ſe acabaraõ os Califas dos Arabios. No tempo de ſua mórte ay varias opinioens, por que Marco Polo affirma ſer nos annos de mil duzentos & cincoenta. Ayton Armenio, no de mil duzentos cincoenta & oito. E iſſo meſmo tem o noſſo Ioaõ de Barros na 2. decada. Em fim como quer que ſeja ficou Halehan conquiſtando toda a Petſia, Arabia, Suria, Paleſtina, & outras prouincias: & por ſua morte herdou todos eſtes eſtados ſeu filho Abaca, ou Abagahan, homẽ valeroſo, muito amigo dos Chriſtaõs, & q̃ em ſua vida perſeguio muito aos Mouros. E por q̃ naõ recreça aqui algũa duuida aos leitores quando lerem Halehá, Abagahan, Maguhã, achandoos nomeados nòs autores Abagacan, Magucan, & todos com eſte ſobre nome de Can, ſaberaõ, que eſte, Han, he titulo antre os Tartaros, que quer dizer ſenhor, & delles correo por todos os reinos do Oriente, & he a couſa de que ſe os grandes mais hõraõ que todas. E como a pronunciaçaõ cõ que o elles nomeaõ naõ cabe na noſſa, por q̃ o fazem na garganta, & com hũa aſpiraçaõ q̃ naõ ſe lhe entende mais que aquella, an, vieraõ a lhe chamar Can, & ainda ſe corrompeo mais, por que vulgarmente lhe chamaõ, Caõ.

E deixando iſto: Por mórte de Abagahan, ſocedeo em todos aquelles eſtados ſeu filho Tãgodar, que ſe fez Mouro, & foi grande perſeguidor de Chriſtaõs. E tornando ao fio de noſſa hiſtoria. Reinando em Perſia eſte Abagahan: era ſenhor de todo o eſtreito Perſico, ao menos de todas as ilhas, vm ſenhor que ſe chamaua Maleccaez, & tinha ſeu aſſento na ilha de Caes, que eſtá pello eſtreito dentro alem de Ormuz, perto de corenta legoas, pegada á coſta de Perſia, naquella parte que os naturaes chamaõ Doleſtan. Era no meſmo tẽpo ſenhor do Magoſtan, & tudo aquillo que jáz no ſertaõ de Ormuz, a té o cabo de Iaſques vm Mouro chamado Groduxa, que tinha ſeu aſſento em hũa cidade chamada Armuz, que he a de que Ptholemeo faz mençaõ em ſuas tauoas: de q̃ ainda oje ſe vem algũas roinas junto de hũa fortaleza que ſe chama Cruxtac: ainda que outros dizem, que mais o parecem outras que ſe vem em vm lugar chamado Menao, que jáz ſobre vm rio que atraueſſa pello Magoſtan. Eſte Groduxa inuejoſo do grande comercio, & trato do ſenhor de Caes, pello grãde concurſo de naos, que de contino auia na ſua ilha, que a ella concorriaõ de todas as partes do Oriẽte, deſda prouincia da China a té o eſtreito do már roxo, donde ſe leuauaõ todas as drógas, roupas, ſedas, pedraria, & todas as mais riquezas & louçainhas de todas as partes, & d'ali ſe eſpalhauaõ pera

Persia, Grecia, & pera toda a Eu-
ropa, com cujas entradas aquelle
senhor de Caes estaua muito rico.
Desejoso Groduxa de fazet algum
porto onde auocasse aquelle tra-
to, & naos: vendo que tinha o se-
nhor de Caes hũa ilha deserta pe-
gada a seu senhorio chamada Ge-
rum, por cuja pórta passauaõ to-
das as naos que entrauaõ pera
dentro do estreito: & disimulan-
do o que tinha no peito, tratou
com aquelle senhor, que lhe ven-
desse aquella ilha, pois lhe naõ
seruia de cousa algũa, & era taõ
esteril, que naõ daua hũa só erua
verde: nem tinha em si mais que
serras de sal, sem agoa, & sem ou-
tra cousa algũa de que se podes-
sem aproueitar. O Malec caez,
naõ caindo na pretençaõ do Gro-
duxá lha vendeo, posto que con-
tra vontade de sua mãy (que di-
zem lhe profetizou o que depois
veyo a ser.) Em fim feito Grodu-
xá senhor d'aquella ilha, a man-
dou logo pouoar, & formou arma-
das com que começou a auocar a
ella todas as naos que yaõ pera
Caez, fazendo grandes fauores a
os mercadores nos direitos, & nas
compras, & vendas de suas fazen-
das: com o que se começou aquel-
le porto a frequẽtar, & a faltarem
na ilha de Caez todas as cousas.
Sobre isto se moueraõ guerras an-
tre aquelles dous Mouros.

Mas como Groduxá estaua já
rico & poderoso, naõ só se defen-
deo delle, mas ainda lhe foi to-
mar a ilha de Caez, fazendosse se-
nhor de todo o seu estádo. Era e-
ste Malec caez vassallo do Rey
de Persia, & tinha lhe mandado
pedir soccorro contra o imigo, &
quando lhe chegou já tinha per-
dido o estádo. Os Persas que vi-
nhaõ de socorro entraraõ pello
senhorio do Groduxá, & o se-
nhorearaõ logo, & o Groduxá se
acolheo pera á'ilha de Ormuz,
donde mandou Embaixadores á
Persia com muito dinheiro & pe-
ças, offerecendolhe vassalagem.
Isto o abrandou de feiçaõ que lhe
tornou a restituir seu estado, fazen-
dosse seu vassalo, com obrigaçaõ
de pareas cada anno: & q̃ de cin-
co em cinco mandasse seus Embai
xadores á Persia a dar obediencia
a Elrey.

Vendosse Groduxa quieto, co-
meçou a fazer cabeça de seu rei-
no aquella ilha Gerum, fundan-
do nella hũa fermosa cidade a
que pós nome Ormuz, como a
que tinha no Magostaõ, engran-
decendoa tanto com o comercio,
& trato das naos, que a ella auo-
cou, que a fez hũa das mais celebra
das do Oriente. Reinou este Gro-
duxa no reino de Ormuz trinta
annos, ficaraõ lhe dous filhos, o pri-
meiro Torunxa, que reinou vinte
& coatro annos: & o outro Maha-
medxa que socedeo ao irmaõ por
naõ ter filhos, q̃ reinou vinte & no
ue. A este socedeo Cobadixa seu
filho,

filho, que reinou trinta annos, ficaraõlhe dous filhos, Ceifadixá que reinou vinte annos, & Torunxá, que herdou o reino por naõ ficarem filhos ao irmaõ, que reinou trinta annos. A este ficaraõ coatro filhos Magcudxá, Xabadi, Xargol, & Xaués: que todos reinaraõ violentamente tirando Magcudxá, mais velho, que reinou dez annos, Xabadi onze, & Xaues, que era o derradeiro, anno & meyo: por que o Xargol que era o mais velho estaua fogido em Lasac, por que o irmaõ se leuantou contra elle, & lhe tomou o reino: & de lá com ajuda d'aquelle Rey veyo contra o irmaõ, & o lançou fóra do reino ficando elle Rey, em que viueo trinta annos.

Este reinaua quando Afonso d'Albuquerque, sendo capitaõ mór d'aquelle estreito foi ter a Ormuz os annos de mil quinhentos & sete. Faleceo este Rey sem deixar filhos, & os póuos leuantaraõ por Rey a Ceifadim, filho de Xaués, aquelle que o irmaõ lãçou fora do reino, que era entaõ minino de dez annos. Este reinaua quãdo Afonso d'Albuquerque sendo Gouernador da India os annos de mil quinhentos & catorze, ganhou aquelle reino, & o fez vassalo d'Elrey de Portugal. Este Ceifadim reinou dez annos, & socedeolhe seu irmaõ Torũxá que reinou noue annos. A este socedeo Mahamedxá, que reinou noue annos, & era filho de Ceifadim. Por mórte deste socedeo Xargolxá filho de Torunxá, que foi o que Nuno da Cunha mandou trazer de Ormuz, por euitar diuisoens no reino, & o teue em Cochim, onde ouue vm filho chamado Torunxá em hũa molher Abexim chamada Bibigazelá, por que dizem que tinha olhos de gazéla. Este Xargol mandou depois Nuno da Cunha pera ir soceder no reino, vindolhe nouas da mórte d'Elrey Ceifadim, & foi o que concedeo a alfandega aos Reys de Portugal, como consta das doaçoens que estaõ na feitoria de Ormuz, como atras temos dito no capitolo quinto do nono liuro. Este faleceo este Nouembro passado de corenta & tres. E logo o Guazil & pessoas principaes do reino mandaraõ pedir ao Gouernador Martim Afonso de Sousa lhes desse Torũxá seu filho que estaua em Goa para herdar o reino, por naõ auer outro herdeiro.

E primeiro q̃ passemos d'aqui será bem que soltemos a duuida q̃ em principio dissemos, dos treze Reys cegos, que Ioaõ de Barros diz, que Afonso d'Albuquerque mandou pera Goa, de quem se naõ fala no catalogo que trouxemos de todos os Reys de Ormuz, nem ouue em algum tempo cegarse Rey algũ, pera outro lhe tomar o reino depois de ser já Rey. E inquirindo nós isto bẽ achamos

que nenhum dos cegos foi Rey, mas foraõ irmaõs,& primos com irmaõs, filhos de Magçud, Xabadim,Xargol, & Xaués, d'aquelles coatro irmaõs filhos de Torũxá, q̃ todos reinaraõ vns apos outros. Por q̃ costumauaõ aquelles Reys, tanto que socediaõ, cegarem aos irmaõs,primos,& parentes,que podiaõ ter pretençaõ no reino,& cegauaõnos com hũa pasta de metal tirada do fogo ardendo, & passada por diante dos olhos, cuja força lhe apagaua a vista,ficandolhes os bugalhos,claros,& inteiros: o q̃ faziaõ por se naõ recearem delles: & tantos Reys cegos naõ podiaõ soceder em taõ pouco tempo, & achandoos todos viuos. E nós achamos homens em Goa que se lembrauaõ ainda de dous destes cegos,de que se alguns Gouernadores descuidaraõ tanto,que chegaraõ a pedir esmola: & affirmauanos vm cidadaõ antigo, nóbre, & fidalgo,que vira vm delles naquelle terreiro da misericordia de Goa debaixo de hũa aruore, que antigamente ali estaua, que como outro Belisario, pedia esmola dizendo. Day esmola a este a quem cegaraõ por lhe tomaré o reino.

E tornando a nossa ordem: nestas naos que vieraõ de Ormuz em Março,teue o Gouernador recado de como era falecido Elrey Xargol, & cartas do Guazil & pouo em que lhe pediaõ Torũxá seu filho pera Rey,que seria de idade de doze annos,pello que logo o aleuantou por Rey,com a mór solennidade & aparato que pode ser: dando elle depois de aleuantado a menagem nas maõs do Gouernador,dizendo que recebia aquelle reino pera o ter & gouernar,em quãto Elrey de Portugal o ouuesse por bem. Feita esta cerimonia, despachou o Gouernador logo a Luis Falcaõ Pereira,pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, de que era prouido,dandolhe vm Galeaõ, & entregãdolhe aquelle Rey o dia que se delle despedio, acompanhádoo a té a rua. Dada á vela foraõ seguindo sua jornada.

Vendo o Gouernador que ficaua desembaraçado de negocios,se embarcou logo pera ir a Cananor a se ver cõ Cogecemaçadim, assi pera arrecadar os coatrocentos mil cruzados que ficou deuendo,como pera ver se lhe podia arrancar mais das maõs. E pera ir mais aforrádo leuou sós seis Galés,a em que elle ya, & nas outras Francisco de Sá dos ocolos, dom Ioaõ Pereira,Bernaldim de Sousa, Ioaõ de Mendoça o Chum, & Afonso Furtado. E leuou mais sete ou oito nauios ligeiros. Dada á vela,em coatro dias chegou a Cananor,& desembarcou na fortaleza, a onde o capitaõ Diogo Aluarez Telles o recebeo & agasalhou mũy bem. D'ali tratou com Elrey de se verem,elle,& Cogecemaçadim:& assentousse que fosse em casa do

mesmo Cogecemaçadim, a onde Elrey o esperaria. E o dia que auia de ser, mandou Elrey vm seu sobrinho que era herdeiro do reino, pera ficar na fortaleza em refens: & mandou acompanhar o Gouernador por todos os seus Regedores. O Gouernador partio em vm fermoso caualo bem ageasado, rodeado de todos aquelles fidalgos, & gente da armada, custosa, & louçãmente vestidos, & com armas secretas. Seriaõ as casas de Cogecemaçadim menos de meya legoa da fortaleza, & por todo aquelle caminho acharaõ os nossos peças de sedas q̃ Cogecemaçadim mandou estender pera o Gouernador passar por cima, & muitos ramos, & cousas d'alegria: o que tudo os soldados recolheraõ. As casas de Cogecemaçadim estauaõ antre hũas ortas & aruaes frescos & sombrios: & chegando o Gouernador a ellas, achou já fora Elrey & Cogecemaçadim, que o esperauaõ: & o receberaõ mũy honradamente. D ali se recolheraõ pera dentro, a onde auia grandes salas, & varãdas que tudo estaua ricamente aparamentado. Os poyaes das varandas que eraõ mũy grandes, estauaõ todos cheyos de rosas & eruas cheirosas: & muitos frascos de agoas rozadas, & de outros cheiros, & muitas maneiras de conseruas, pera todos os que quisessem refrescar. O Gouernador com Elrey & Cogecemaçadim, se recolheraõ pera hũa camara, a onde estiueraõ mais de hũa hora sós, & o que antre elles se passou ninguem o soube, mais que sair o Gouernador satisfeito & contente. Cogecemaçadim, repartio por todos aquelles fidalgos, capitaens, & criados do Gouernador, muitas peças ricas de sedas, beirames, bofatas, carlás, & outras. Despedido o Gouernador se tornou pera a fortaleza. Ao outro dia mandou Cogecemaçadim entregar os coatrocentos mil cruzados, que era obrigado a dar: & diziase, que naõ ficara o Gouernador com as maõs vazias. Feito isto, tornou o Gouernador a voltar pera Goa, & por ter o tempo contra si, pós mais de quinze dias.

CAPITVLO II.

Dos recados que ouue antre o Idalcan, & o Gouernador Martim Afonso de Sousa sobre Mealecan: & de como o Gouernador o mandou pera Cananor: & de outras cousas.



ERA já em fim de Março, quando o Gouernador Martim Afonso de Sousa chegou a Goa, & começou a fazer prestes os prouimentos que auia de mandar pera Malaca & Maluco, sem tratar de

Mealecan, como estaua concertado antre elle & o Idalcan. Disto foi elle logo auizado, asi do que o Gouernador passou em Cogecemaçadim, como de naõ querer por entaõ bolir com Mealecan cõ quem estaua muito pejádo: por q̃ quasi que tornaua a auer alteraçaõ antre os capitaens. E querẽdo euitar isto mandou com muita pressa vm Embaixador, chamado Cogemamede Chauli, pera ir ao Gouernador, requererlhe que lhe comprisse os cõtratos que estauaõ assentados, & que mandasse Mealecan pera Maluco pois entaõ era a mouçaõ:&pera o obrigar mais a isso, lhe mandou hũa boa pancada de dinheiro, de que achamos carregados sobre Bastiaõ d'Afonseca feitor que entaõ era de Goa, trinta,& dous mil pardaos d'ouro: & asi lhe mandou noua doaçaõ do thisouro do Accedecan.

Este Embaixador foi muito bẽ recebido do Gouernador, & tratou com elle aquellas cousas. E como estes Mouros trataõ todas suas cousas por figuras: asi este, pera lhe mostrar o como Cogecemaçadim o enganara em muitas partes, no concerto que com elle fez (por que tudo soube o Idalcan) lhe apresentou da parte do Idalcan dous pratos, vm com poucas folhas de betere (que he a erua q̃ elles de contino mastigaõ) & outro muito cheyo dellas, tanto que pareciaõ quasi infinitas: dizendolhe o Embaixador q̃ dizia o Idalcan seu senhor, que o dinheiro que Cogecemaçadim lhe dera de cõcerto, era como aquellas poucas folhas de betere, em comparaçaõ do outro prato cheyo dellas, que era figura do muito que lhe ficaua: que lhe pedia trabalhasse por auer tudo ás maós, pois pertencia a Elrey de Portugal, pella doaçaõ que delle lhe tinha feito. O Gouernador ficou sobresaltado, por q̃ lhe tinha Cogecemaçadim metido em cabeça que o thisouro naõ passaua de milhaõ d'ouro. E dando os agardecimentos ao Embaixador d'aquella amizade, que o Idalcan fazia a Elrey de Portugal, lhe disse, que em tudo o satisfaria.

E pera o Embaixador ver que logo punha aquelle negocio em effeito: mandou com muita pressa aparelhar hũa carauela, de que era capitaõ Pero Vaz de Siqueira, & lhe entregou Mealecan, pera q̃ o fosse pór em Cananor: & que o entregasse ao capitaõ pera que o tiuesse na fortaleza a bom recado: escreuendolhe que o deixasse de quando em quando ir visitar Elrey,& Cogecemaçadim, ficandolhe sempre sua molher & filhos dos muros pera dentro, em casas decentes em que o aposentaria. E mandou dizer pello Embaixador (que o vio embarcar) ao Idalcan, que mandaua Mealecan pera Cananor, por que tinha escrito a Elrey de Portugal, sobre os contra-

tos

tos, que tinhaõ feitos, & que espe-raua por reposta pera saber o que queria fizesse delle, & que a tè naõ vir seu recado o naõ podia mãdar pera Maluco, por que poderia ser que lhe escreuesse Elrey, q̃ o man-dasse pera Portugal. Com isto se foi o Embaixador satisfeito, & o Idalcan o ficou tambẽ em parte.

A tençaõ do Gouernador mã-dar Mealecan pera Cananor, naõ achamos della a certeza: mas o q̃ nos parece he, q̃ foi por duas cou-sas: hũa por ter sempre enfreado o Idalcan com o ter taõ perto: & a outra por ver se podia colher o Cogecemaçadim dentro na forta-leza, pera fazer nelle preza, a tè lhe entregar o thisouro: mas o Coge-cemaçadim viueo depois com tan tas cautellas, que nunca quis ir vi-sitar o Mealecan, seruindoo elle com tudo o que auia mister mũy abastadamente. Antes o Mealecã ya algũas vezes a sua casa: & quã-do o queria fazer lhe mandaua o capitaõ preparar vm fermoso ca-ualo, mandãdoo acompanhar pel-la sua guarda: & todauia com ta-manho resguardo, que primeiro q̃ fosse, mandaua ver se ficaua sua molher & filhos em casa. E o ho-mem que tinha isto a cargo cha-mauasse Pero Telez. E ainda ne-sta era de nouenta & sete, em que isto escreuemos, viue nesta cidade de Goa, & nos deu destas cousas boa informaçaõ, como testemu-nha de vista.

Tanto que o Gouernador des-pedio o Mealecan, & o Embaixa-dor do Idalcan, parecẽdolhe obri-gaçaõ mandalo tambem visitar, pois corria taõ pontualmẽte com elle, & a darlhe os agardecimẽtos de tantas amizades, despedio por Embaixador vm homem fidalgo chamado Iorge de Sousa, por quẽ lhe mãdou vm corioso & rico pre-sente, de sedas, & brocados da Eu-ropa, em que entraua hũa peça, q̃ custou a dez mil reis o couado. Mã-doulhe mais coatro fermosos gi-netes ageasados d'ouro & prata, com telizes dobrados de Damas-cos. E com isto lhe mandou hũa prouisaõ, pera que todos os annos podesse mandar leuar da cidade de Goa, doze caualos forros dos direitos. Este Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, que estimou muito aquella visita-çaõ, & o mãdou agasalhar na cor-te, a onde auia de inuernar.

CAPITVLO III.

Das cousas que acontecerão em Ormuz, a tè chegar Elrey Toruxã. E da guerra que o Rey de Xirâz fez âquelle rei no: & de alguns recontros que tiuerão com os Portu-gueses: & que cousas são Mocarrarias.

Pouco

OVCO ha que demos rezaõ das cousas do reino de Ormuz, & de sua fundaçaõ: & de como Groduxá senhor do Magostaõ, se fez Rey d'aquella ilha Gerum: Foi depois disto correndo o tempo, andando aquelle reino sempre em seus descendentes, como temos contado, socedendo no reino de Persia depois tantas mudanças, sendo hũa vez conquistado de Tartaros, sendo seu Emperador Chiquiscan: & depois do Graõ Tamorlaõ, depois do Graõ Sofi, com o que aquelles Reys de Ormuz tiueraõ lugar pera se isentarem da obrigaçaõ dos da Persia, & de lhe tomarem ainda muitas cousas que acrecentaraõ em seu estádo, como foi o reino de Barem, & o de Catifa da outra banda de Arabia: Cõ isto, & com o comercio, & trato d'aquella ilha, creceo muito em rendas. E como de todas as partes do Oriente yaõ ali fazendas, acodiaõ desse sertaõ da Persia, Coraçone, Georgia, & de todos os mais reinos a té Moscouia, grandes cafilas de mercadores, com outras, a comutar & vender suas fazẽdas: estas cafilas eraõ muitas vezes impedidas por esses caminhos dos Reys do Xirás, Lara, & de outros senhores desse sertaõ: o que era grande perda pera aquella ilha Gerum, pella falta que yaõ fazendo em suas entradas.

Pello que lhe foi forçado concertarse Elrey de Ormuz com todos aquelles Reys, por cujas terras as suas cafilas passauaõ, pera lhes naõ impedirem os caminhos, dãdo vns tantos leques cada anno a cada vm: naõ em modo de pareas, se naõ de presente, a que elles chamaõ, mocarrarias, de que no fundamento do reino de Ormuz, falamos, capitolo segundo do decimo liuro, sem declararmos o que era. E isto era o que aquelle Embaixador da Persia vinha arrecadar a Ormuz, quãdo Afonso d'Albuquerque tomou aquella cidade, que lhe mandou a mostrar vns cestos de pilouros, & ferros de lãças, dizendo, que aquellas eraõ as pareas que aquelle reino q̃ era d'Elrey de Portugal pagaua a quem as pedia. Cõtinuando aquelles Reys de Ormuz com estas beneuolẽcias (que assi podemos chamar a estas mocarrarias) descuidouse o Xargol Xá, que agora faleceo, de pagar isto alguns annos ao Rey de Xirás: & pella ventura que fosse por naõ poder mais, por estar pobre, pellas grandes pareas que pagaua a Elrey de Portugal. Do que enfadado este Rey de Xirás, sabẽdo da morte do Xargolxá, entrou com perto de dez mil caualos pellas terras do Magostaõ, com duas pretençoens, hũa pera se pagar do que lhe diuiaõ: a outra, pera ver se se podia senhorear d'algũas fortalezas que por aquella parte auia.

A gen-

A gente inutil tanto que o ſintio foi fugindo pera Ormuz: & a principal,& de guerra, ſe recolheo pera as fortalezas de Xamel,Minao, & outras a onde ſe fortificaraõ. Elrey de Xirás ſem bolir em couſa algũa, chegou a tè a outra banda de Ormuz,& d'ali ęſcreueo hũa carta a Martim Afonſo de Mello Iuzarte,capitaõ d'aquella fortaleza toda de comprimentos, ſem ſe declarar, nem concluir em couſa algũa. O capitaõ entendendo que aquillo era inuençaõ, chamou a conſelho os homens que pera iſſo eraõ,& moſtrandolhes a carta praticou com elles aquelle negocio,& aſſentouſe q̃ mãdaſſe vigiar Elrey de Xirás por algum homem de intendimento, pera ver ſe podia alcançar ſua determinaçaõ.

Pera iſto eſcolheo o capitaõ vm Aleixos Carualho que ſabia a lingoa Parſea,& por elle mandou dar áquelle Rey os parabẽs de ſua vindo,& agardecerlhe a viſitaçaõ, eſcreuendolhe tambem outra carta cheya de comprimentos como a ſua: & deu por regimento a Aleixos Carualho que trabalhaſſe por ver ſe podia alcançar Elrey em palauras,& ſaber delle,ou de algũ capitaõ ſeu,ſua determinaçaõ.

Partido eſte homem, deſpedio tambem o Guazil (que gouernaua o reino por morte d'Elrey) pera ſe ir pór da outra banda do Magoſtaõ,com toda a gente que podeſſe ajuntar, & que mandaſſe cõ muita breuidade prouer as fortalezas, por que ſe aquelle Rey vinha com algũa má inclinaçaõ, as naõ tomaſſe deſcuidadas: o que o Guazil fez com muita preſſa. Aleixos Carualho foi em companhia dos Mouros & leuaraõ a carta ao capitaõ,ao ſeu exercito, vm dia de caminho,pello ſertaõ dentro. Elrey o recebeo bem, & elle lhe deu ſua embaixada na fórma que diſſemos. Ali ſe deteue dous dias, & em muitas praticas que teue com Elrey,& com os ſeus capitaens,naõ pode alcançar a cauſa d'aquella vinda, nem o que aquelle Rey determinaua. E paſſados elles, ſe deſpedio, mandando Elrey tambem fazer grandes offerecimẽtos ao capitaõ.

Partido o Aleixos de Carualho,mandou Elrey logo alguns capitaens ſobre as fortalezas de Menejaó,& Mináo,do que foi logo auiſado: & como já tinha dentro algũa gente, que por entaõ baſtaua,naõ quis bolir comſigo, & mãdou recado ao capitaõ de Ormuz pedindolhe ſoccorreſſe a fortaleza de Mináo, que era a mais importante. Com eſte recado deſpedio Martim Afonſo de Mello Iuzarte logo Belchior de Souſa, homem fidalgo,& bom caualeiro, cõ ſetenta Portugueſes pera ſe ir meter naquella fortaleza.

Que paſſado á outra banda foi marchando no coarto d'alua em muito ſilencio, mandando diante

espias, porque determinaua de passar pello exercito dos imigos, & meterse dentro, mandando vm Mouro de recádo dar auiso aos da fortaleza, pera que estiuessem prestes pera o recolherem. E indo já perto da fortaleza teue auiso das espias, que hũa companhia de trezentos torquimais ya tambem pera a fortaleza, ajuntarse com os mais que lá estauaõ. Belchior de Sousa como era homem determinado, disse aos companheiros que chegassem a elles, & os cometessẽ, por que como era de noite, & escuro, naõ podiaõ enxergar os poucos que eraõ, & que esperaua em Deos de os desbaratarem facilmẽte. E asi foi, que chegando aos Mouros que caminhauaõ descuidados, arremeteraõ a elles com tamanhas gritas, que fazia parecer o numero mayor: & dandolhes a primeira surriada de arcabuzaria, derribaraõlhe logo mais de corẽta: & metendosse de enuolta com elles os começaraõ a cortar á sua vontade.

Os Mouros como naõ viaõ o numero dos nossos, & o estrondo q̃ faziaõ era de mayor quantidade, parecendolhes que eraõ muitos mais, começaraõ a se pór em disbarato, ficando os nossos senhores do campo com vm só homẽ perdido: fazendo todos obras bem dinas de mayor capitolo. E vendosse com a maõ folgada foraõ passando adiante, & como era escuro, passaraõ de longo do arrayal dos Mouros, & meteraõse na fortaleza. Os Mouros ao outro dia souberaõ o que era passado, & como os Portugueses estauaõ já dentro, despediraõ recado a Elrey, q̃ lhe mandou outros capitaens, com tres mil homens de soccorro: & juntos todos cercaraõ a fortaleza toda á roda, dandolhe muitos assaltos, em que os Portugueses se defenderaõ co valor com que antes que entrassem na fortaleza os tinhaõ offendido. As particularidades deste cerco naõ achamos, & por isso o contamos asi em soma.

O capitaõ de Ormuz tanto que vio que Elrey de Xirás se declaraua, armou cinco nauios, de que eraõ capitaens, Diogo Mendez Dourado, Ioaõ da Cruz, Antonio Machado, Thome de Matos, & Francisco Fernandez, & lhes mandou que andassem por toda a costa do Magostaõ defendendoa, & fauorecendo os naturaes. Neste estádo estauaõ as cousas de Ormuz, quando chegou Luis Falcaõ com Elrey Torunxá, que foi muito bẽ recebido no reino. Com sua chegada correraõ recados antre elle & Elrey de Xirás, com quem se logo concertou, & elle se recolheo pera suas terras, ficando aquelle reino desapressado: & Martim Afonso de Mello Iuzarte entregou a fortaleza a Luis Falcaõ, & elle ficou inuernando nélla.

CAPITVLO IIII.

Do q̃ aconteceo aos Portugueses na Abasia: & das cousas que fez Diogo de Reinoso por aquelle estreito.

DEIXAMOS no capitolo 4. do 9. liuro as cousas da Abasia com os nossos ficarem inuernando em companhia do Emperador sobre o rio Nilo, naquelle mesmo lugar a onde ouuerão aquella grãde vitoria d'Elrey de Zeilá, muito mimosos todos do Emperador, & da Raynha sua mãy, que sempre foi triste pella morte de dom Christouão da Gama: & correndo as nouas por todos os reinos da chegada do Emperador, & do desbarato dos Mouros, & mórte do Rey de Zeilá: começarão a acodir todos os vassallos que estauão recolhidos em serras, & passos fórtes, com medo dos Mouros, ficando o Emperador já com vm muito poderoso exercito.

Tanto q̃ o verão entrou, leuãtou o Emperador seu campo, & foi visitando todos aquelles reinos, quietandoos, & segurandoos, no que os Portugueses o seruirão com muito amor, & elle tambem lho mostrou. E vindosse já chegando o tempo de lhes vir recado da India, pedio Manoel da Cunha ao Emperador licença pera se ir pera Maçua, esperar a ármada, q̃ forçado os auia de vir buscar. O Emperador trabalhou muito pello deter: mas releuaua a Manoel da Cunha muito passar á India, & por esta rezão insistio na licẽça, q̃ em fim lhe deu fazendolhes merces a todos os da sua companhia, q̃ erão cincoenta: por q̃ os mais quiserão ficar por suas võtades, & muitos delles se casarão na terra, & tiuerão filhos & filhas, q̃ ainda oje viuem lá: & d'aquelles vierão depois á India algũs com suas familias em tẽpo do Visorrey dom Constantino: & dous delles, Simão Fernãdez do Preste, & Diogo Diaz do Prestes, ambos homẽs hõrados, & ricos, conuersamos nós nesta cidade de Goa, a onde viuerão, & Elrey depois se seruio delles em algũas cousas.

Manoel da Cunha se despedio do Preste Ioão, & dos Portugueses com grandes saudades, & foi caminhãdo pera Maçuá, onde o deixaremos, por que he necessario continuarmos com Diogo de Reinoso que o Gouernador Martim Afonso de Sousa mãdou ao estreito espiar as Galés.

Este fidalgo foi fazẽdo sua jornada atẽ embocar o estreito de bãda do Abexim, & foi discorrendo por aq̃lla costa atẽ a ilha de Cuaqué, sẽ guardar o regimento que leuaua, (por que era mancebo, & orgulhoso, & o coração não lhe sofreo deixar de fazer trauessuras:) & assi foi tomãdo algũas Geluas que achou,

& fazẽdo prezas, atẽ chegar a Cuaquem. Ali se deixou andar antre aquella ilha, & a terra firme, desẽdendo a passagem de hũa a outra parte, esbõbardeando, & atroando a terra de feiçaõ q̃ inquietou todo aquelle estreito: por onde logo correraõ nouas, que era entrada nelle hũa armada Portuguesa. E asi soou isto, q̃ se affirma chegarem a Constantinopla, & enfadarse muito o Turco, & fazer queixas a Diogo de Mesquita, q̃ lhe affirmou, seria algum aleuantado: & escreueo sobre isto a Portugal.

E tornãdo a Diogo de Reinoso: deixouse andar por ali a tẽ se enfadar, q̃ se passou a Maçua, a onde já auia dous dias q̃ era chegado Manoel da Cunha, q̃ cõ os mais Portuguesesestaua agasalhado em hũa aldea de Christaõs. E acodindo á praya ás bõbardadas q̃ a tirou, acharaõ Diogo de Reinoso, q̃ festejaraõ summamẽte, leuãdoo pera a aldea. Ali se deraõ vns aos outros as nouas de tudo o q̃ era passado. E vẽdo Manoel da Cunha q̃ naõ auia nauios em q̃ se podessẽ ir, elegeraõ antre si vm homem pera leuar as cartas do Preste Ioaõ ao Gouernador, & as d'Elrey de Portugal, a quẽ elle escreuia pera se lhe mandarẽ nas naos seguintes: & escreuendo todos ao Gouernador q̃ lhes mãdasse embarcaçoẽs em q̃ se podessẽ ir, por q̃ naõ era rezaõ q̃ ficassem ali como degradádos.

Este eleito segundo algũas lembranças foi Miguel de Castanhoso por ser homem nóbre, & de muito boa rezaõ, & estar manco de hũa perna: que depois foi ao reino, & leuou as cartas do Emperador a Elrey dom Ioaõ, & lhe apresentou vm tratado q̃ elle fez de toda a jornada de dõ Christouaõ da Gama, a modo de roteiro dia por dia, onde conta todas as cousas mũy particularmẽte, cujo treslado feito no Preste Ioaõ está em nosso poder, & delle nos aproueitamos, pello auermos por muito verdadeiro: & asi o certificauaõ Simaõ Fernãdez, & Diogo Diaz do Prestes, q̃ a tudo se acharaõ presentes.

Diogo de Reinoso se despedio dos Portugueses que ficaraõ muito tristes, & foi esperar os Ponẽtes a Sacotorá, onde fez agoada, & tomou mãtimẽtos. Dali se fez á vela & chegou a Goa no fim de Abril, & desembarcando se foi ao Gouernador cõ Miguel de Castanhoso, q̃ elle recebeo bem, & lhe deu as cartas do Emperador da Abasia, & dos Portugueses: & sabendo da mórte de dõ Christouaõ a sintio muito, asi elle, como todos. Depois sabẽdo o Gouernador as cousas que Diogo de Reinoso fizera no estreito, & de como trespassara o seu regimento, o mandou prender em ferros. E disse ao Doutor Pero Fernandez Ouuidor geral, q̃ procedesse contra elle, & o sentenciasse conforme aos merecimẽtos de suas culpas.

E porque sabia o estrondo que aquellas cousas auiaõ de fazer em Constantinopla, despedio logo cõ muita breuidade vm Iudeo chamado Soleimaõ, irmaõ de Isac do Cairo, com cartas pera Diogo de Mesquita a Constantinopla, em q̃ lhe daua cõta do caso, & de como Diogo de Reinoso ficaua preso pera o castigarem, pedindolhe tiuesse satisfaçoẽs com o Graõ Turco. Estas cartas lhe foraõ dadas, & elle deu conta aos Baxás do conselho, do q̃ passaua, & de como aquillo fora só vm catur q̃ o Gouernador mãdara a saber nouas dos Portugueses, q̃ estauaõ na Abasia, & q̃ fizera o capitaõ delle algũas trauessuras de moço, mas q̃ seria castigado como homẽ. Cõ isto dizem q̃ se quietara o Turco. Diogo de Reinoso esteue taõ arriscado, q̃ lhe foi necessario chamarse á menoridade: & sendo de mais de vinte & coatro annos, prouou q̃ era de menos de vinte, cõ o q̃ se liurou: porẽ foi cõdenado em algũ degredo, q̃ depois se lhe perdoou, por q̃ veyo a reposta das cartas q̃ o Iudeo leuou a Diogo de Mesquita, em que dizia ficar o Turco quieto.

CAPITOLO V.

Das cousas que mais socederaõ em Maluco: & de como Ruy Lopez de Villalobos se foi a Tidore: & dos recados que se passaraõ antre elle, & dom Jorge. E de como chegou Iurdaõ de Freitas áquella fortaleza, & das cousas que aconteceraõ com sua chegada. E de como prendeo Elrey de Ternáte, & o mandou pera Goa.



DEIXAMOS no capitolo 6. do 9. liuro Ruy Lopez de Villalobos em Geilolo fortificado, a onde esteue alguns meses: & querendo fazer outro pouso pera mais perto, tomou por achaque ser à terra muito doentia, & que já os Espanhoes auorreciaõ aos naturaes, & q̃ tratauaõ de os matarem a todos, & tomaremlhes a fazenda, & a artelharia. Com esta fama q̃ espalhou (q̃ era echadissa) despedio vm Prospero de Ramos cõ recado a Elrey de Tidoré, mandãdoo visitar, & a pedirlhe licença pera se ir pera elle. Elrey recebeo este homem bẽ, & por elle lhe respondeo, q̃ sempre fora mal tratado dos Portugueses por recolher Castelhanos mas que se fosse elle pera aquella ilha, por que elle naõ o auia de lãçar fóra da terra, & que vissem elles se eraõ poderosos pera se sustẽtarẽ nella, & lançarẽ os Portugueses fora d'aquellas ilhas. Com esta reposta tornou o Villalobos a mãdar Matias de Aluarado com outro recado a dom Iorge, pedindo-

lhe q̃ lhe deſſe nauios pera ſe paſſar ás Felipinas, a onde eſtauaõ os nauios da ſua companhia,& que ſe foſſem taes q̃ nelles ſe podeſſem ir pera a nouaEſpanha,o fariaõ,& ſe ſairiaõ d'aquellas ilhas, ſaluo ſe o Emperador, ou o Principe Felipe ſeu filho,ou o Viſorrey da noua Eſpanha mãdaſſem outra couſa. Parece q̃ quis o Caſtelhano ver ſe podia auer ás maõs algũs nauios noſſos,pera aſsi ficar dom Iorge mais enfraquecido. A voltas deſte recado mandou o Villalobos a dom Alonſo Anriquez com ſetenta homens,pera q̃ ſe foſſe meter em Tidoré. Dom Iorge recebeo o Matias bem,& antes que lhe reſpondeſſe foi auiſado q̃ dom Alonſo ficaua já em Tidore: & tomado das inuẽções do Caſtelhano deſpedio o Matias ſecamente, & com palauras aſperas: & mãdou dizer ao Villalobos,q̃ ſe foſſe logo pera aquella fortaleza, q̃ lhe daria nauios, & tudo o de q̃ tiueſſe neceſsidade pera ſe ir pera a nouaEſpanha,ſenaõ que logo ſeria com elle.

Deſtes ameaſſos lhe deu ao Caſtelhano taõ pouco, q̃ logo ſe paſſou a Tidore, deixando a nao em Geilolo entregue a Iorge Ortiz de Arates cõ vinte ſoldados: antre eſtes entraua Ieronimo de Pedroſa, q̃ naõ eſtaua bẽ com o Villalobos. Eſte por cõuerſar muito cõ o Rey, & cõ os Mouros,foi mixiricado cõ o Arates q̃ trataua cõ elles treiçaõ & q̃ lhe queria entregar a nao,pello q̃ foi preſo & mãdado a Tidoré a onde foi eſquartejado. Neſte tẽpo arribou o Galeaõ ſaõ Ioanilho, q̃ foi ſeiſcentas legoas de Maluco, & coatrocẽtas do cabo del engano na noua Eſpanha, & por achar tẽpos contrarios ſe poſeraõ em trinta graos do Norte:& achando que naõ tinhaõ mais que cẽto & vinte arrobas d'agoa arribaraõ ás Felipinas em onze dias,& ali ſe deixaraõ eſtar muito tẽpo por falta de mouçaõ,& depois ſe paſſaraõ a Tẽdaja,& d'ali a Caragaõ a onde os da terra lhe mataraõ o meſtre.

E por que naõ acharaõ ali o ſeu capitaõ, tornaraõſe pera a Felipina, & rodearaõ a Ceſaria, & chegaraõ outra vez a Tendaja, a onde acharaõ vinte & tres Eſpanhoes,& tres negros, da noua Eſpanha com duas negras,& o como ali foraõ ter naõ o achamos em lẽbrança. E correndo de longo da Ceſaria, acharaõ na baya da Reſurreiçaõ hũa carta de Ruy Lopez de Villalobos, em que lhe dizia q̃ ſe foſſem pera Geilolo, como fizeraõ.E chegando áquelle porto, ſabendo eſtar ja em Tidoré ſe foraõ pera elle,no cabo de noue meſes q̃ tinhaõ partido pera a noua Eſpanha.Depois de ſua chegada,negociou o Villalobos duas Corocoras, em q̃ mãdou Garcia de Eſcalante a buſcar os Caſtelhanos que eſtauaõ nas Felipinas,que acharaõ em Tendaja, & com elles o Prior de ſanto Agoſtinho, cõ quẽ voltaraõ

pera

pera Tidoré. Neſte tempo começou Elrey de Tidoré a fazer hũa fortaleza de pedra ençoſſo, em vm padraſto que ficaua ſobre as coſtas da cidade, no meſmo lugar em q̃ a tinha quãdo Antonio Galuaõ lha derribou: & por q̃ os Caſtelhanos o ajudauaõ na obra, por cuja induſtria a faziaõ, lhes mandou Elrey dar a cada vm dez caxas por dia, q̃ valiaõ tres reaes da noſſa moeda, & algũ pouco de ſagum, & arroz.

E por que iſto naõ baſtaua bateo o Villalobos cõ licença d'Elrey vns ceitis pequenos de menos pezo, que os que corriaõ antigamẽte em Portugal, coadrados, & furados pello meyo: obrigandoſſe a Elrey aos tornar a tomar no preço em q̃ ſe deſpẽdeſſem, ou pagar a quebra quando ſe foſſe. Correndo a obra da fortaleza por ordẽ do Villalobos, tiueraõ rezoẽs vm Gaſpar Melio, & outro ſoldado, & o Melio matou o outro, & acolheoſſe pera a ilha de Moutel, dõde o Ruy Lopez o mãdou trazer, & em vez de o caſtigar, lhe fez muitas hõras, do q̃ Elrey tomou roins ſoſpeitas, por q̃ o Gaſpar Melio foi depois diſto á noſſa fortaleza a negocios ſeus ſecretamẽte, & ouue Elrey q̃ os Caſtelhanos tratauaõ cõ dõ Iorge algũa couſa em ſeu perjuizo, & começouſſe a carregar, & a dar de má võtade a raçaõ aos ſoldados, o q̃ foi cauſa de algũs com neceſsidade ſe paſſarẽ pera a noſſa fortaleza. Neſte tẽpo (q̃ era em fim de Nouẽbro) chegou áquella fortaleza o Galeaõ da carreira, em q̃ ya Iurdaõ de Freitas pera capitaõ. E por q̃ naõ continuamos com ſua jornada, por as couſas nos naõ darem lugar, o faremos agora aqui.

Chegado o Galeaõ a Malaca, ſabẽdo Ruy Vaz Pereira capitaõ da cidade, q̃ ali vinha Elrey de Maluco ja feito Chriſtaõ, o foi buſcar, & o leuou cõſigo, fazẽdolhe a cidade vm grãde recebimento, & foi apoſentado em caſas q̃ pera elle eſtauaõ já preſtes. Aqui acharaõ nouas q̃ Elrey Aeiro (o irmaõ q̃ gouernaua o reino) eſtaua muito poderoſo, & bem, & quieto. E como Iurdaõ de Freitas era homẽ q̃ entẽdia mũy bem a terra, receou, q̃ cõ a chegada d'Elrey dõ Manoel, feito Chriſtaõ, ouueſſe algũa alteraçaõ em os naturaes, & que lhe naõ quiſeſſẽ entregar o reino, cõ achaque de mudar ley, por que auia o Aeiro de os ter perſuadido, que ſe o recebeſſem, logo os auia de obrigar a ſe fazerem Chriſtaõs.

E querendo atalhar a iſto, ajuntandoſſe cõ o capitaõ em caſa d'Elrey, apreſentoulhe eſtes inconuenientes, dizẽdo, que pellos eſcuſar lhe parecia bẽ ficar Elrey dõ Manoel naquella fortaleza, & que iria elle tomar póſſe da de Maluco, & que na mouçaõ prẽderia o Gouernador Aeiro, & o embarcaria pera a India: & que entaõ iria Elrey dom Manoel, & q̃ tomaria liure & deſembargadamẽte póſſe de

do ſeu reino. Pareceo aquillo bem a Elrey, & ao capitaõ de Malaca, & mais fidalgos & capitaens que ali auia, que para iſſo ſe chamaraõ. Vinda a mouçaõ ſe embarcou Iurdaõ de Freitas, & foi ſurgir em Talangame, como atras diſſemos. Dom Iorge de Craſto o foi buſcar, & o leuou pera ſua caſa, & logo lhe fez entrega da fortaleza, dandolhe conta do eſtado em que as couſas eſtauaõ.

Ruy Lopez de Villalobos ſabẽdo ſer chegado capitaõ nouo o mandou viſitar: Iurdaõ de Freitas lhe mandou reſponder com vm requerimento em que lhe dizia, q̃ logo ſe foſſe fóra d'aquellas ilhas, que eraõ d'Elrey de Portugal, fazendo ſobre iſſo ſeus proteſtos como os paſſados de dõ Iorge. Ruy Lopez tornou a replicar, & do recado em recado vieraõ a aſſentar em tregoas por oito meſes (que era o tempo em que vns & outros podiaõ ter recado da noua Eſpanha, & da India) com eſtas condiçoens: que naõ ſe trataſſem, nem communicaſſem, nem Portugues algum foſſe a Tidoré, nem Caſtelhano algum a Ternáte, ſem licẽça dos capitaens, & que Ruy Lopez mandaria hũa peſſoa fiel, que lhes compraſſe o crauo, & o pozeſſem na praya a onde o tomariaõ: & que ſe paſſaſſem alguns Caſtelhanos a Ternate, ou Portugueſes a Tidore, ſem terem cometido delicto algum, ſe tornaſſem: & que naõ tiraſſem mantimẽtos, vns das terras dos outros. E que encontrãdoſſe no már em ſeus nauios, ſe naõ fizeſſem dano. E que Iurdaõ de Freitas auiſaria dez dias antes do tempo de ſe acabarem as tregoas. Eſtes capitulos juraraõ ambos. E logo deſpedio o Villalobos o Galeaõ ſaõ Ioanilho pera a noua Eſpanha com cartas pera o Viſorrey, & foi por capitaõ Ignigo Ortiz Alferes mór, & partio a dezaſeis de Mayo deſte anno de corenta & cinco em que entramos. Leuaua o Ortiz por regimento q̃ foſſe pella banda do Sul, por que da outra vez foi pella do Nórte: & aſsi ſe foi pór em vinte graos, & paſſando a Equinocial foi dar na coſta dos Papuas, por onde nauegaraõ quinhentas legoas de Leſte Oeſte, naõ ſe ouſando a ſair della por cauſa das correntes: & algũas vezes deſembarcaraõ em terra, & tiueraõ algũas brigas com os naturaes. E ſaindoſſe ao már largo acharaõ os ventos pella proa, pello que lhes foi forçado tomar hũa ilha pequena, cujos naturaes lhes diziaõ que eſperaſſem vm més q̃ lhe entrariaõ ventos em popa, o que o Piloto naõ quis fazer, & arribou a Tidoré, a onde chegou a coatro de Outubro de corenta & cinco. Com ſua chegada ouue tantas diuiſoens antre elles, que ſe paſſaraõ muitos Eſpanhoes pera Ternáte.

Vendo Elrey iſto, offereceoſe

ao Villalobos, a fazer hũa nao grãde, pera se ir pera a noua Espanha: & que dobraria a reçaõ aos Castelhanos: mas como todos andauaõ já antre si reuoltos, nada disto ouue effeito. Ruy Lopez de Villalobos, vendo que arribara o saõ Ioanilho, determinou de mandar recado a Espanha por via da India: & pera isto se falou com vm Gaspar Melio, & lhe deu instrucçoẽs. Este homem se fez fogido pera a nossa fortaleza, agrauado do seu capitaõ, & se embarcou depois com dom Iorge, & em Goa faleceo.

Vindo a mouçaõ pera dom Iorge se embarcar, teue algũas differenças com Iurdaõ de Freitas, sobre lhe naõ querer deixar embarcar os homens de sua obrigaçaõ, pello que lhe emprestou duzentos bares de crauo, & depois de os recolher lhe pedio mais cento, de q̃ se dom Iorge agrauou delle, & andaua atufado. E querẽdo vltimamente embarcarse, mandou Iurdaõ de Freitas chamar Elrey Aeiro, pera certos negocios: & como o teue na fortaleza lhe deitou vm macho. Sobre esta prisaõ ouue grã de reuolta em casa d'Elrey, & acodio o Vigairo com o Ouuidor pera quietar as molheres que se espalhauaõ, & ainda recolheraõ hũa filha d'Elrey de Tidore, & outra do de Geilolo, q̃ o capitaõ agasalhou com sua molher.

O Rey de Geilolo mandou logo buscar sua filha, que lhe elle entregou, & o mesmo fez o de Tidore: & veyo por ella Bernardo de la Torre, mestre de campo em doze Corocoras, que a leuou a Elrey cõ grande vaydade. Iurdaõ de Freitas estando já o Galeaõ de largo foi embarcar Elrey, & o entregou a Francisco d'Azeuedo Coutinho capitaõ da viagem, que logo deu á vela para Malaca. Os nossos & os Castelhanos ficaraõ correndo em amizade, visitandosse os capitaens dandosse banquetes. E indo vm dia á nossa fortaleza o contador Guido de Lauazares a visitar o capitaõ, antre as praticas que tiueraõ lhe disse, que pedisse de sua parte ao Villalobos, que o quisesse ajudar contra o Rey de Geilolo, por que lhe queria ir tomar hũa fortaleza que fazia em perjuizo d'aquella d'Elrey de Portugal, & mais por que era contra Mouros imigos de Christaõs. Disto se escusou o Villalobos, o que logo soube o Rey de Geilolo, & foi visitar o Villalobos a Tidore: induzindoo a fazer guerra aos nossos, sobre o que elle o naõ ouuio.

Andauaõ as cousas taõ baralhadas que meteraõ em cabeça ao Rey de Tidore, que o Villalobos o queria entregar aos Portugueses, sobre o que se foi ver com elle, & lhe deu satisfaçoens com que o quietou. E estaua o Villalobos taõ mal quisto com todos, que atè o Prior dos Agostinhos seu confessor, o naõ pode sofrer, & se passou

á nossa fortaleza, a onde foi bem agasalhado:& d'ali escreueo ao Villalobos, que tomasse conclusaõ cõ os Portugueses, primeiro q̃ viesse a armada da India, & depois disto tornouse a ver com elle em Tidore, affirmandolhe que estaua excomungado elle & todos se se naõ fossem pera os Portugueses: & vẽdo que o naõ podia mouer, tornouse pera a nossa fortaleza com todos os seus frádes, deixando os Castelhanos muito diuisos.

CAPITVLO VI.

Da armada que este anno de corenta & coatro partio do reino, de que era capitaõ môr Fernaõ Perez d'Andrade: & de como o Gouernador Mârtim Afonso de Sousa tratou de auer as maõs Cogecemaçadim: & de como mandou leuar Mealecan pera Goa.



MVITO magoado andaua o Gouernador Martim Afonso de Sousa de Cogecemaçadim o ter enganado no negocio do thisouro do Accedecan, fazendolhe crér, q̃ naõ passaua de vm milhaõ: & que com lhe dar oitocentos mil cruzados lhe daua a mór parte delle: tẽdoo mandado desenganar o Idalcan pella figura dos pratos de betere, que dissemos no capitolo segundo do liuro decimo: por onde sabidamente lhe ficauaõ mais de seis milhoés d'ouro, posto que outros diziaõ que dez. Do que magoado o Gouernador, como começamos a dizer, determinou de ver se podia auer ás maõs Cogecemaçadim, por mimos como da outra vez, & represalo a tẽ lhe dar todo o thisouro, pois o Idalcan tinha delle feito doaçaõ a Elrey de Portugal. E andando com esta magoa fazendo seus discursos, como o veraõ era ja' entrado, alguns dias andados de Setembro, chegou á barra de Goa Fernaõ Perez d'Andrade, que tinha partido do reino por capitaõ mór de cinco naos, que todas tiueraõ bem roim viagem: por que Simaõ d'Andrade da sua cõpanhia arribou ao reino: Simaõ de Mello sobrinho de Lopo Vaz de saõ Payo, que trazia a fortaleza de Malaca, perdeosse em Moçambique. Iacome Tristaõ foi tomar Zanzibar a onde inuernou. Luis de Calataud foi por fóra da ilha de saõ Lourenço, tomar Cochim em Outubro.

Surto Fernaõ Perez d'Andrade na barra de Goa, tendo recado o Gouernador de sua chegada, dizẽ que dissera, que elle & Diogo da Sylueira eraõ bons pera mús de carga: por que ja' sabiaõ o caminho. Isto disse, por que tinha cada vm delles vindo á India por capitaens

mores tres vezes. Fernaõ Perez d'Andrade deſembarcou, & foi muito bem recebido do Gouernador, que feſtejou as boas nouas do reino, por que aquelle anno caſou Elrey dom Ioaõ ſua filha dona Maria com Felipe filho do Emperador Carlos Quinto, herdeiro de ſeus eſtados, d'antre quem naceo o Principe Carlos, de cujo parto ella faleceo. O Gouernador Martim Afonſo de Souſa como andaua com a imaginaçaõ em Cogecemaçadim, deſpedio por fim de Setembro Ruy Gonçaluez de Caminha, que já demos a conhecer no capitolo onze do liuro nono, por ſer grande amigo de Cogecemaçadim pera ir a Cananor a verſe com elle, pera o perſuadir ir a Goa a ſe recrear, & a viſitar o Gouernador, & que lhe affirmaſſe, q̃ tinha delle grãdes ſaudades, & naõ lhe deſcubrio ſua tençaõ, nem a outra peſſoa algũa.

Ruy Gonçaluez ſe embarcou em vm Catur muito ligeiro, & em breues dias foi ter a Cananor, & foi ſer hoſpede de Cogecemaçadim, que o feſtejou muito. E vindo com elle a praticas o perſuadio irſe a Goa a viſitar o Gouernador, que era grãde ſeu amigo, & a deſenfadarſe alguns dias naquella cidade, a onde cõpraria brincos do reino á ſua vontade, & que ſe tornaria quando quiſeſſe. Tãtas couſas lhe diſſe ſobre eſte negocio, & aſsi o obrigou pellas amizades do Gouernador, que o abalou a ſe ir com elle: & mandou embarcar o ſeruiço de ſua peſſoa mais maneiro pera ir afforrado, & ſete mil cruzados em dinheiro, pera as deſpezas dos dias que em Goa eſtiueſſe. E querendo vltimamente embarcar ſua peſſoa, dizem que fora perſuadido d'alguns Portugueſes que deſejauaõ de o grangear, que naõ fizeſſe aquella jornada, & que ſe deixaſſe eſtar, que eſtaua bem, & iſto ſem ſaberem couſa algũa, nẽ ſoſpeitarem nada da tençaõ do Gouernador, mas ſó por ſuas naturezas, & por que todos ſe aproueitauaõ delle, & elle fazia empreſtimos, & amizades a todos, & aſsi o ſeruiaõ como ſe foraõ ſeus eſcrauos. O Cogecemaçadim, com o q̃ lhe eſtes diſſeraõ, arrependeoſſe de ter cometido aquelle negocio, & fingio hũa indiſpoſiçaõ com q̃ ſe deitou em cama, deſculpandoſſe de Ruy Gonçaluez de Caminha, pedindolhe que o meſmo fizeſſe do Gouernador, mandando deſembarcar o ſeu ſeruiço, & recamara: & diſſe a Ruy Gonçaluez de Caminha que os ſete mil cruzados em dinheiro, leuaſſe, & entregaſſe ao Gouernador, pera os mandar á Raynha dona Catherina, de que lhe fazia ſeruiço pera vns chapins.

Ruy Gonçaluez ficou triſte de ver eſta taõ ſupita mudãça, & naõ podendo al fazer ſe embarcou, & chegou a Goa, dãdo conta ao Gouernador

uernador das cousas que passara com Cogecemaçadim, que elle em estremo sentio, por lhe escapar d'a quella feita das maõs. E querendo todauia ver, se por aquella via o podia acarretar a Goa, mandou a Ruy Gonçaluez de Caminha, q̃ os sete mil cruzados que trazia de Cogecemaçadim, os empregasse em peças & brincos do reino, que lhe milhor parecessem, & q̃ o Cogecemaçadim mais estimaria, & lhas leuasse, & trabalhasse outra vez pello persuadir a se ir desenfadar a Goa. Ruy Gonçaluez o fez asi, & empregou todo o dinheiro em escarlatas finas, veludos de cores, peças de prata de bestiaes, agoas rozadas, & de outras muitas sortes de cousas que lhe pareceo que Cogecemaçadim estimaria, embarcando tudo no mesmo catur foi ter a Cananor, onde foi bem recebido de Cogecemaçadim, que folgou com as peças que lhe leuaua. Ruy Gonçaluez deixousse ficar seu hospede algũs dias, em que tornou apertar com elle, sobre a ida de Goa, affirmandolhe o muito que o Gouernador o desejaua de ver, asi por ser muito seu amigo, como por desejar praticar com elle cousas de muita importancia, & que releuauaõ muito. O Cogecemaçadim como da primeira vez desarmou a ida, naõ ouue podelo tornar a armar: naõ por que se receasse de cousa algũa, por que se tiuera algũas sospeitas, naõ entrara em vm Galeaõ que auia poucos dias chegara de Ceilaõ, & sorgira naquella baya, de que era capitaõ Pero de Mesquita, a que o Cogecemaçadim foi ver alguns Alifantes que leuaua, & andou no Galeaõ muito deuagar, & muito seguro, sem se temer de cousa algũa.

Mas a principal rezaõ por que deixaua de ir a Goa, era, naõ se querer alongar do seu thisouro, por q̃ naõ sabia o que lhe aconteceria, por que o tinha dentro em suas casas, & vigiado de cõtino, de quinhentos Naires a que pagaua soldo: & tinha tomado por jangada a Pocarale Regedor mór do reino que lhe custaua bem. Era este Mouro Pocarale muito rico, & foi tio do Aderrajo, que fez muitas vezes guerra áquella fortaleza de Cananor, como em seu lugar diremos. Vendo Ruy Gonçaluez de Caminha que naõ podia abalar o Cogecemaçadim, despediosse delle, q̃ lhe deu peças muito ricas pera se mandarem á Raynha dona Catherina, & outras pera o Gouernador, & o mesmo Ruy Gonçaluez de Caminha naõ tornou com as maõs vazias.

Chegado a Goa deu conta ao Gouernador do que tinha passado, do que enfadado, assentou cõsigo de ir a Cananor, sem dar conta a pessoa algũa disso: & pera o q̃ determinaua de fazer, despedio alguns catures ligeiros pera iré buscar

car Mealecan a Cananor, que em breues dias lho trouxeraõ a Goa. A tençaõ que o Gouernador nisto teue, nos naõ souberaõ dizer: mas auia de ser, por que ali estauaõ as naos do reino, por que o Idalcan cuidasse, que o queria embarcar pera Portugal, por ver se lhe podia arrancar mais algũa cousa das maõs, por que queria ter nelle vm ninho de guincho, como lá dizem: ainda que o mais certo parece, sentir algũa alteraçaõ no Idalcan, & assentarse em conselho, q̃ o mandasse leuar pera Goa, pera o enfrear com elle, por que era a cousa que o mais inquietaua que todas.

CAPITVLO VII.

De como o Gouernador Martim Afonso de Sousa ordenou vm Galeaõ pera mandar ao reino, por faltarem naos. E de como se embarcou pera Cananor sem dar conta a pessoa algũa, & foi ter a Baçaim: & das differenças que teue com dom Manoel de Lima capitaõ da fortaleza.



DAVA o Gouernador Martim Afonso de Sousa grande pressa as cousas do reino, pera fazer a jornada que pretendia: mandando lançar a armada ao már, & deitando fama, que auia nouas de Galés, & que as queria ir buscar. E por que naõ auia mais de hũa nao, mandou negociar outra do Estado pera mandar ao reino, com carga de pimenta, & drogas: de que deu a capitania a Martim Correa da Sylua: & a carga desta nao (segundos nos parece) foi feita com o dinheiro q̃ Cogecemaçadim deu: por que dos coatrocentos mil cruzados que o Gouernador arrecadou delle este Março passado, naõ achamos carregados sobre o feitor Bastiaõ d'Afonseca, que naquelle tempo seruia, mais que cento & corenta & oito mil: & vinte & cinco pardaos. E naõ achando nós na India carga, nem despeza algũa da outra demasia, nos parece que se despendeo na carga desta nao. Esta confusaõ tem nacido da perda dos liuros & papeis que a tégora ouue neste Estado: nem ainda na casa da India póde ser se naõ ache isto, se releuar buscarse, por quanto esta nao indo pera o reino se foi perder na ilha de Zamzibar, a onde auia de desaparecer o liuro da carga.

Em fim como quer que seja, o Gouernador deu grande pressa as duas naos pera irem a Cochim tomar a carga: & antes de as despedir chegaraõ nouas que estaua em Cochim a nao de Luis de Calataud, com que em estremo folgou, & logo despedio as outras com Aleixos de Sousa, Veador da fazéda,

da,pera ir fazer a carga,ficãdo elle escreuendo pera o reino breuemẽte. E sacodindosse de todos os negocios,se embarcou no fim de Nouembro,despedindo pera o Malauar por capitaõ mór, Anrique de Sousa Chichorro, irmaõ de Aleixos de Sousa,com seis nauios.Despedida esta armada o Gouernador se fez á vela,leuando sete Galeoẽs: elle em saõ Dinis,Pero de Faria no Coulaõ, dom Ioaõ Anriquez em Sanctiago,que estaua dado a Martim Afonso de Mello Iuzarte, que tinha vindo de Ormuz, que por lhe darem cartas d'Elrey q̃ o mandaua ir pera o reino lhe largou o Galeaõ,& se foi pera Cochim. Antonio da Sylueira,o de Terena, ya no Galeaõ saõ Ioaõ, q̃ era de Ioaõ de Sepulueda,que tambem lho largou,& se foi pera Cochim,pera se embarcar pera o reino, agrauado de lhe Elrey naõ escreuer, & em Cochim achou cartas suas na nao do Calataud,pello que se deixou ficar. Leuaua o Gouernador mais sete Carauelas, de que eraõ capitaens,dom Ioaõ Mascarenhas, Aluaro de Mendoça, Afonso Furtado,Pero Vaz de Siqueira, Pero de Tayde Inferno, Luis Cayado, & Pantaliaõ de Sá. Leuaua mais noue Galés,cujos capitaens eraõ,Frãcisco de Sá de Meneses,dom Ioaõ Pereira,Bernaldim de Sousa, Ioaõ de Mendoça,Fernaõ da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ,Fernaõ de Sousa de Tauora, Pero Lopez de Sousa: & yaõ tambem muitos nauios de remo a cujos capitaẽs naõ achamos os nomes.

Dada á vela,foi o Gouernador tomando a derrota do Norte: & como ventauaõ os ventos Lestes, em breues dias foi surgir com toda aquella frota na barra de Baçaim: & logo mandou tomar casas em terra pera sua pessoa, sem ter comprimento algum com dõ Manoel de Lima capitaõ da fortaleza,que já estaua muito agrauado do Gouernador, por lhe mandar inuernar áquella cidade, vm Veador da fazenda letrado,com todos os poderes na fazenda, & na justiça,deixando a elle sem algum: pello que aquelle inuerno teue algũs desgostos com o Veador da fazẽda,por lhe ir á maõ a tudo, ficãdo elle na sua fortaleza como hũa estatua. E vendo agóra que chegaua o Gouernador áquelle porto,& que sem ter com elle comprimento algum, mãdara tomar casas em terra,sendo obrigaçaõ agasalharse na fortaleza d'Elrey, como todos os Gouernadores a tẽ entaõ fizeraõ: entendeo que naõ vinha seu amigo. E asi quando desembarcou o foi esperar á praya sem lhe fazer a cerimonia da entrega das chaues,como era costume em todas as fortalezas, a que os Gouernadores da India chegauaõ, nem ter com elle outro algum comprimento, & o foi acompanhando atẽ os aposentos que estauaõ pera

elle,

elle, & á porta se despedio, & se tornou pera a fortaleza. E no caminho lhe disserao algũs fidalgos seus amigos, que aquelle anno vierao do reino, que era falecida hũa sua tia, que o criara, que elle amaua como mãy, de q̃ ficou em estremo anojado, & se encerrou, & mãdou cortar dó.

O Gouernador vendo o modo de como dõ Manoel de Lima correra com elle, & que lhe nao fizera recebimento algũ, nem gasalhado, quasi q̃ se ouue por afrontado. E chamando o Doutor Pero Fernãdez Ouuidor geral lhe disse, q̃ lhe fosse prender dom Manoel de Lima, & o leuasse pera vm dos Galeoẽs da armada, qual elle quisesse, dõde se nao sairia atè elle mãdar o contrario. O Doutor Pero Fernandez se foi á fortaleza, & achou dom Manoel encerrado & anojado: & sem embargo disso, lhe notificou o mãdado do Gouernador que leuaua asinado por elle. Dom Manoel lhe disse, que fizesse seu officio: mas que se o Gouernador o mandaua prender por lhe nao fazer recebimento, nem lhe entregar as chaues da fortaleza, que elle o nao fizera, se nao pello pouco caso que lhe vira fazer da fortaleza d'Elrey, tendo obrigaçao de se ir aposentar nella, & ver o de que tinha necessidade. E que quanto a se despedir delle da porta, & o nao tornar a ver, fora pellas nouas que lhe derao da morte de sua tia, que o criara como mãy, por quem estaua encerrado, & anojado como via: & que tinha mãdado cortar dó, por que esperaua pera o ir visitar, sem embargo de lhe mostrar em tanta cousa que nao era seu amigo: mas que era por correr com elle como Gouernador da India.

O Ouuidor geral, vsando aqui mais de pontos de letrado que de cortezao, nao deixou de fazer sua diligencia, vẽdo elle muito bem as rezoẽs que dom Manoel de Lima tinha por si, & o leuou pera vm dos Galeoẽs da armada. Dom Manoel de Lima mãdou logo por seus criados tirar todo o seu fato, & fazẽda da fortaleza, como homem q̃ determinaua nao tornar mais pera ella. O Doutor Pero Fernandez se foi ao Gouernador, & lhe deu cõta de tudo o que passara com dõ Manoel de Lima, & sabendo elle q̃ era verdade a morte da tia, tornou lhe a mandar dizer pello Ouuidor geral, que se tornasse pera a sua fortaleza: por q̃ já estaua informado da verdade. Dom Manoel de Lima lhe respondeo, que estaua bẽ prezo, & que nao queria cousa algũa da fortaleza, por que se ya pera o reino. O Gouernador Martim Afonso de Sousa arrepẽdido do q̃ tinha vsado com elle, pedio a Pero de Faria, que era grande seu amigo (& fidalgo q̃ por velho lhe tinhao todos respeito) que se fosse ver com elle, & trabalhasse pello

moderar,& lho leuaſſe lá. Pero de Faria ſe foi ao Galeaõ,& teue com dom Manoel de Lima, por parte do Gouernador grandes ſatisfaçoẽs,& deſculpas, pedindolhe quiſeſſe ir com elle a vello, por q̃ baſtaua pera ſua ſatisfaçaõ moſtrarſe arrependido do q̃ lhe tinha feito. Dom Manoel de Lima o naõ quis ouuir naquelle negocio, dizendolhe que era filho mais velho de ſeu pay,que ſe queria ir pera o reino: & que quando lhe Elrey naõ deſſe de comer,que viuiria com o q̃ ſeu pay viueo.Pero de Faria ſe tornou ao Gouernador, & lhe deu conta do que com elle paſſara. Do que elle ficou muito pejado naquelle negocio, por que aquelle fidalgo era de muitos merecimentos, & muito aparentado em Portugal,& tãbem por que arreceou q̃ Elrey lhe eſtranhaſſe muito o que com elle tinha vſado: porque nunca os Reys querẽ,que os ſeus Gouernadores,& Viſorreys, lhe enxoualhẽ, & tratẽ mal ſeus fidalgos,& vaſſallos: por q̃ muitas vezes ſe aconteceo já, quererẽ algũs com o braço do Rey, vingarſe de eſcandalos particulares, & ſatisfazerem ſeu apetite. O Gouernador tornou a mandar a elle Pero de Faria cuidando que o achaſſe já mais brãdo, & mais fóra da paixaõ: mas dom Manoel de Lima o naõ quis ouuir, dizendolhe, que naõ tornaſſe lá mais ſobre aquelle negocio,por que ſeria neceſſario fechar lhe a porta, & que o naõ quiſeſſe pór a riſco de lhe fazer aquella deſcortezia, por que era ſeu ſeruidor.

Vendo o Gouernador quaõ duro eſtaua,o mandou leuar aſsi prezo pello Ouuidor geral, o que dõ Manoel de Lima naõ refuſou. E fechados em hũa camara ambos, o que paſſaraõ naõ ſe ſabe,ſomente dizer dom Manoel, que ſe auia de ir pera o reino: ao que lhe diſſe o Gouernador: ora ja que aſsi he,cumpre ao ſeruiço d'Elrey que vos naõ embarqueis. A iſto tirou dom Manoel d'aljabeira hũa prouiſaõ d'Elrey, & lha deu na ſua maõ, em que lhe daua licença pera ſe ir pera Portugal: & mandaua ao Gouernador da India que lho naõ impediſſe, poſto que ouueſſe cerco da fortaleza,ou nouas de Galés. Vendo o Gouernador aquillo, lhe tornou a prouiſaõ, & lhe diſſe que fizeſſe o que quiſeſſe. Dõ Manoel de Lima lhe diſſe, voume,& ſegurouos hũa couſa,que em Portugal naõ faça queixume de vos a Elrey.

Saido d'ali embarcouſe em vm catur ligeiro, & ſe foi pera Cochim,õde tomou as naos de verga d'alto,& ſe embarcou com Fernaõ Perez d'Andrade,& Ioaõ de Sepulueda lhe deu toda a ſua matalotagẽ,por que deixou de ir pera o reino,pellas rezoens que atras diſſemos. Eſtas naos tiueraõ boa viagem.Somẽte a de Martim Correa

da Sylua q̃ ſe foi perder em Zanzibar, a onde achou a nao ſaõ Felipe, de q̃ era capitaõ Iacome Triſtaõ, & os mais dos ſoldados doẽtes. Eſte fidalgo os mandou curar á ſua cuſta muito bem: & a todos os mais deu meſas, & lhes fez os gaſtos a tè os trazer na meſma nao a inuernar á India.

Dom Manoel de Lima chegou ao reino, & naõ tratou dos agrauos de Martim Afonſo de Souſa, mas preſumiaſſe que eſperaua por elle pera o deſafiar: & alguns parẽtes que na India tinha, o affirmauaõ taõ publicamente, que foi ter ás orelhas do Gouernador. E veſtindoſſe vm dia de feſta muito louçaõ, tendo hũa eſpada na cinta, que lhe tinha dado o graõ capitaõ Gonçalo Fernandez, ſendo moço: ſaindo pera a caſa onde os fidalgos o eſtauaõ eſperando, (antre quem eſtauaõ os parentes de dom Manoel de Lima, que diziaõ que o auia de deſafiar) & olhando o Gouernador pera os fidalgos, lhes perguntou ſe eſtaua gentil homem, & gabandoo todos, pós a maõ na eſpada dizendo: pois ſabei que quem me mandar deſafiar, q̃ lhe eide ir lá. E muito bem ſabia elle que dom Manoel de Lima o auia de fazer, & aſsi o affirmaraõ a Elrey: mas elle o atalhou pella maneira que adiante ſe verá no capitolo ſetimo do liuro terceiro da ſexta decada.

CAPITVLO VIII.

Do que fez o Gouernador Martim Afonſo de Souſa em Baçaim: & de como voltou pera Cananor: & ſe vio em ſegredo com o capitaõ. E de como Anrique de Souſa matou o Aderrajaõ de Cananor, & ſeu irmaõ.



O outro dia que iſto paſſou, que foi ao ſegundo da chegada do Gouernador, mandou em terra armar coatro meſas pera darem de comer aos ſoldados, pera mayor diſsimulaçaõ do que determinaua: por que nem dos muito amigos ſe fiaua. E auendo coatro dias que eſtaua em terra, tornouſe a embarcar cõ muita preſſa, & dando á vela ſe fez na volta do Leſte, como q̃ ya demãdar a coſta da Arabia: & ſendo vinte legoas afaſtado da terra, tornou a voltar caminho do Sul, por onde gouernou tres dias, & no cabo delles pós a proa a Leſte, a tè deſcobrir a terra, & á viſta della foi demãdar mõte Deli, a onde foi ſurgir com toda a armada de noite ſem ſer viſto da terra. E ſem dar conta a peſſoa algũa do que queria fazer, ſe embarcou no catur de Simaõ Galego, mãdando chamar Fernaõ da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ, Fernaõ de

de Sousa de Tauora, Francisco de Sá de Meneses,& vm filho Bastardo de Thome de Sousa, Veador q̃ foi d'Elrey dom Ioaõ, q̃ lhe ficaua em lugar de sobrinho,q̃ lhe leuaua vm guiaõ de Christo, & tomando mais os nauios do Pireirinha,do Siqueira, & de Francisco Fernandez oMoricale,que eraõ os mais ligeiros da armada, afastandosse de noite della, sem o saber pessoa viua, mais q̃ os q̃ cõsigo leuaua,tomando o remo em punho pera Cananor,andou aquellas coatro legoas,em pouco mais de duas horas. E chegando á couraça bradaraõ pellas vigias q̃ chamassem o capitaõ,q̃era cousa que importaua sem lhe dizerem q̃ estaua ali o Gouernador. Diogo Aluarez Tellez assomou á couraça,& o Gouernador lhe mãdou dizer, q̃ mandasse afastar as vigias como fez. E dandoselhe a conhecer, entrou por hũa bõbardeira, & ambos sós praticaraõ menos de meya hora: & o que trataraõ foi, que trabalhasse por lhe colher na fortaleza Cogecemaçadim por mimos,ou por outra algũa inuençaõ: & que vindo a ella o prendesse,& lho mãdasse logo a bom recado a Goa,por Anrique de Sousa.E q̃ quãdo o naõ podesse auer ás maõs,trabalhasse por colher Pocarale Aderrajaõ, a quẽ Cogecemaçadim estaua entregue: & q̃ o represasse,pera a troco delle auer Cogecemaçadim. E q̃ quãdo tambem o naõ podesse colher na fortaleza,o encomendasse a Anrique de Sousa capitaõ mór do Malauar,q̃ era seu amigo, & todas as vezes q̃ ya a Cananor o buscaua & visitaua,pera q̃ o prendesse,& o tiuesse na armada a tẽ lhe entregar o Cogecemaçadim. Deixandolhe pera isso vm mandado seu, que já leuaua feito: & encomendãdolhe muito o segredo se tornou a embarcar,& voltou pera a armada,a q̃ chegou de madrugada. E metẽdosse no seu Galeaõ deu logo á vela pera Goa,a onde chegou em breues dias, desarmandosse de todo hũa armada tamanha, com o que todos ficaraõ embaraçados, vendo as voltas que dera sem verem effeito algum.

O capitaõ de Cananor depois do Gouernador recolhido, foi visitar Elrey,& Cogecemaçadim,como muitas vezes fazia,mandãdolhes brincos& mimos. E vindo dia de Natal mãdou conuidar a Cogecemaçadim,pera lhe dar vm bãquete,do q̃ se elle escusou: & naõ se póde presumir q̃ fosse auisado d'alguem, por q̃ o Gouernador só de si tinha fiado aquelle segredo. Mas foi,ou por q̃ o coraçaõ lhe adiuinharia algũa cousa,ou porque veria algũ roim agouro: porq̃ estes Mouros nunca fazem cousa algũa, sem eleiçaõ de horas boas,ou más, & sem notarem sinaes de bons ou maos agouros,nas aues,nas alimarias,& em todas as mais criaturas: por que lhes fazem os seus Bragmanes

manes crér cem mil abuſoens: & quãdo ſaõ pera ſeus negocios, todas as horas ſaõ boas, mas pera os alheyos, ſempre lhe achaõ vm inconueniẽte, com que lhe eſtoruaõ negocios bem importantes. Mas q̃ he de eſpantar auer iſto em Mouros, & Gentios, ſe antre Chriſtaõs vemos os que gouernaõ os Reys fecharemnos pera todos, & teremnos abertos ſempre pera ſi, limitãdo tempos & dias pera os deſpachos alheyos, & pera os ſeus naõ auer limite nem termo, por q̃ todas as horas ſaõ ſuas?

E continuando com a hiſtoria. Vendo o capitaõ de Cananor, que naõ podia auer ás maõs Cogecemaçadim, tratou de trazer á fortaleza o Aderrajaõ, & nem iſſo pode fazer. Pello que chegando áquella baya Anrique de Souſa, vendoſſe com elle em muito ſegredo, lhe deu o mandado do Gouernador, encomendandolhe muito que trabalhaſſe por auer o Pocarale Aderrajaõ as maõs, & embarcalo na armada. Anrique de Souſa ſe deixou eſtar na baya, & mandou logo viſitar Pocarale, como ſempre coſtumaua: & d'ahi a dous dias lhe mandou pedir que ſe viſſem na praya, por que tinha alguns negocios que tratar com elle. O Pocarale veſtioſe pera ir lá, o que a molher trabalhou de eſtoruar, dizendolhe, que naõ foſſe por entaõ, por que naõ ſabia o que o coraçaõ lhe dizia. Mas como naõ ha poder fugir á maõ de Deos, ſem dar pellos rogos da molher, foiſſe á praya cõ vm ſeu irmaõ, & achou ja Anrique de Souſa nella. E demãdandoo foraõ praticãdo ſós em muitas couſas: & de paſſo em paſſo, de pratica ẽm pratica o leuou a tè onde tinha negociada algũa gente, & almadias, pera o prender & meter nellas: por que as fuſtas naõ podiaõ chegar tanto á terra. Pocarale embebido na pratica ſe foi deixando ir, & tendoo já perto liouſſe com elle, & quis leualo nos ares pera dar com elle nas almadias. Pocarale, que era vm Mouro grande & forçoſo, vendoſſe d'aquella maneira, abraçouſe com Anrique de Souſa de feiçaõ que o ſogigou, bradando pellos ſeus, que começaraõ a dar grandes cúquiadas a ſeu modo, á que acodio logo muita gẽte da cidade, que era perto. O irmaõ do Pocarale que eſtaua vm pouco afaſtado, com alguns criados ſeus, acodio logo com as armas pera valer ao irmaõ. Anrique de Souſa que tinha o olho nelle, & eſtaua ſugigando do Pocarale, bradou a os ſeus que o mataſſem: & correndo vm hũa lança por elle o varou de parte a parte caindo logo morto: & outro endireitou com o irmaõ que ya ja pera ferir Anrique de Souſa, & o matou logo. Anrique de Souſa ſe foi recolhendo ás almadias, por que carregaua ja muita gente ſobre elles, & quaſi ſe recolheo com a agoa pella

 cinta,

cinta, & todos os mais.

Elrey teue logo rebate do que passaua,& acodio á cidade muito sentido do caso, & mandou logo apregoar guerra contra a nossa fortaleza,que logo se fechou, & velou. O capitaõ escreueo o socesso ao Gouernador, pedindolhe gẽte, moniçoens, & prouimentos. Isto sentio elle em estremo, & acabou de perder as esperanças de auer Cogecemaçadim ás maõs: & logo despedio Pantaliaõ de Sá com cincoenta soldados pera ir inuernar naquella fortaleza, escreuendo a Elrey cartas de satisfaçoens, lançando a culpa a Anrique de Sousa, prometendolhe de o castigar. Mas Elrey naõ se quietou, & asi ficou aquelle inuerno a nossa fortaleza fechada, sem communicaçaõ da cidade, donde lhe yaõ os prouimentos que lhe começaraõ a faltar. D'aqui ficaraõ os Portugueses desacreditados naquelle reino,que correo sempre com o Estado em grande amizade: & depois d'aquelle grande cerco,que sendo Lourenço de Brito capitaõ em tẽpo do Visorrey dom Francisco d'Almeida,poseraõ áquella fortaleza,nunca mais lhe fizeraõ guerra: & todas as que d'aqui por diãte ouue,(de que com o fauor diuino trataremos, que molestaraõ muito o Estado) procederaõ deste negocio: por que o sobrinho do Aderrajaõ,que lhe herdou a casa & o titulo, sempre em quanto viueo (que foraõ depois mais de cincoenta annos) foi o mór imigo q̃ o Estado teue,& sempre fez guerra áquella fortaleza.

CAPITVLO IX.

De como Manoel de Sousa de Sepulueda, capitaõ de Diu, desmanchou as paredes, que Elrey de Cambaya mandaua fazer antre a fortaleza, & a cidade. E da fala que Cogeçofar sobre isso fez a Elrey, em que o persuadio a fazer guerra cõtra os Portugueses.

DEPOIS de Elrey Soltaõ Mamude de Cãbaya se ver quieto em seu reino, começou a sentir a grã de sogeiçaõ que lhe ficaua com a fortaleza dos Portugueses naquella ilha de Diu, & a perda de parte das rendas della: & naõ poderem suas naos nauegar com a liberdade passada, se naõ á vontade dos Portugueses, & com saluo conduto seu. E o que sobre tudo o atormentaua & magoaua mais, era a morte d'Elrey Soltaõ Badur seu tio: dentro em seu reino,á vista da sua cidade,& de seus exercitos, sobre fé, & verdade dos Portugueses,indo visitar o Gouernador como amigo ao seu Galeaõ. E trazẽdo esta dór de contino dentro em seu

ſeu coraçaõ, traſſaua comſigo modos pera ſe ſatisfazer de tantas afrontas, & pera tornar a auer a ſua ilha, liure da ſogeiçaõ em q̃ eſtaua: determinãdo de tomar aquella fortaleza, ou por manha, ou por força. Pera iſto mandou que ſe fizeſſe a parede como eſtaua aſſentado no contrato das pazes, antre ella & a cidade. Eſta parede ſe começou a leuantar ſem fazerem caſo de couſa algũa, ſó com os officiaes, por mayor diſsimulaçaõ, cõ quem corria o Tanadar da cidade. Manoel de Souſa de Sepulueda, capitaõ d'aquella fortaleza, tãto que vio crecer as paredes começouſe a aſombrar com ellas, auendo que fora grande deſcredito do Eſtado concederemſelhes: porque ficauaõ com ellas os Portugueſes encurralados. E por ir correndo a obra da fortaleza que eſtaua aberta por muitos lugares, foi tambem diſsimulando, & fortificandoſſe.

E por que o circuito da fortaleza, & antigo muro era muito pequeno, & antre o muro & a caua ficaua vm releixo de mais de tres braças de largura, em que ſe podiaõ meter muitos imigos, mãdou fazer o muro pella borda da caua, metẽdo toda aquella largura mais dẽtro: & fez dous baluartes nouos mayores que os antigos, ſaõ Thome que ficaua a metade ſobre a rocha firme, & a outra ſobre vm cotouello da caua q̃ ſe entulhou. O outro era ſaõ Ioaõ, que depois ſe chamou o baluarte da rama, como na ſexta Decada ſe verá, quãdo tratarmos do grande cerco de dom Ioaõ Maſcarenhas. Fez tambem de nouo o baluarte ſaõ Iorge ſobre a porta, ficando a fortaleza em mayor fórma, & mais fórte, por cauſa dos baluartes ficarem mais capazes, aſsi pera a artelharia, como pera os ſoldados. Tanto que Manoel de Souſa teue acabada eſta obra, & ſe vio fechado, ajuntou toda a gente que auia na fortaleza, & ſayo com as armas nas maõs hũa menham, & deu nos que trabalhauaõ nas paredes fazendoos fogir, ficandolhes toda a ferramẽta, com que mandou logo desfazer as paredes, que ainda que eraõ de pedra ençoſſo, eraõ muito largas, & groſſas. Niſto gaſtou alguns dias, eſtando ſempre no campo, mandando recolher na fortaleza, toda a pedra, andaimos, & mais petrechos.

O Tanadar acodio áquillo cõ recados, & proteſtos, da parte de Soltaõ Mamude, a quem logo mãdou auiſar do negocio: mas Manoel de Souſa naõ deixou de dar preſſa á obra, primeiro que vieſſe gente de Cambaya. Chegado o recado a Soltaõ Mamude, como andaua com a magoa da morte do tio, & das mais couſas que acima diſſemos, ficou tal, que parecia que queria rebentar de pezar, recolhẽdoſſe taõ malenconizado, que andou alguns dias ſem querer ver gente.

gente. Cogeçofar que na corte tinha o primeiro lugar, vẽdo Elrey com tamanha tristeza, & malenconia, se foi a elle, estando com algũs capitaens principaes, & lhe pedio licença pera lhe dizer algũas cousas, que compriaõ a seu seruiço: & dandolha elle, posto em pé lhe fez esta fala.

A cousa de q̃ me oje mais glorio, muito grãde & poderoso Rey, he, de se ter visto em mim depois que vim a estes reinos, a principal parte que á de ter o bom vassallo, q̃ he lealdade, & amor a seu Rey: o que nace as mais das vezes, ou sempre, da parte do Rey, quando sabe galardoar seruiços, & repartir merces: por que entaõ poem os vassalos em muito grandes obrigaçoẽs: & o que arrisca mais a vida por seu seruiço, esse se tẽ por mais ditoso. Eu vim de minha patria em companhia do Baxá Mostafá Carman, que me criou como filho & chegamos á fortaleza de Diu poucos dias antes que o Gouernador Nuno da Cunha, depois d'aquelle grande incendio, & destruiçaõ da ilha de Bet: estando Melique Tocaõ senhor d'aquella ilha a risco de a largar, com temor da armada Portuguesa, que vinha assombrando o mundo: & o Baxá Mostafá o tirou do medo em que estaua, & se fortificou de feiçaõ q̃ se tornaraõ os Portugueses escalaurados. Neste feito naõ tiue eu o menos quinhaõ. Depois nos trabalhos que o grãde Soltaõ Badur teue com os Magores, quando se senhorearaõ do seu reino, quasi todos o desempararaõ, & se passaraõ pera os imigos, mas eu sempre o acompanhei & serui com muito amor & gosto, a tè a hora em que os Portugueses o mataraõ, q̃ pello naõ deixar fiquei catiuo em seu poder ferido, & á morte. E prouuera a Deos q̃ ali acabara eu, pois perdi vm Rey taõ conhecido de meus seruiços & merecimentos: q̃ por elles me fez honrado, rico, & grande em seu reino. Depois socedendolhe o Miraõ seu sobrinho tambem o serui com muito amor & zelo, & agora V. A. naõ sintio em mim menos amor & fidelidade, nem eu tambem menos desejos, & obras, em vossa grandeza, de que estou bem satisfeito. Seruiose de mim no grande cerco de Diu em que perdi esta maõ, & ainda tenho estoutra, & esta vida, & a de minha molher & filhos, & toda a fazenda que V. A. me deu, pera perder tudo por seu seruiço.

Por isso senhor lembrouos que tendes aqui este vassalo, & esses q̃ ahi estaõ, que naõ valem menos q̃ eu, acodi por vossa honra, & trabalhai por vingar a injusta mórte d'Elrey vosso tio, & naõ queiraes viuer com tamanha infamia antre todos os Reys do Oriente, q̃ sempre se assombraraõ com a potencia de Cambaya. Vos tendes thisouros, muito poder, grandes capitaens,

taẽs, muita & muito groſſa artelharia, muitos almazens de moniçoẽs, mantimentos naõ vos aõ de faltar, tendes em fim tudo o que vos he neceſſario, pera poder conquiſtar grandes reinos, quanto mais hũa fortaleza fraca, & guardada de poucos Portugueſes, & ainda que todos quantos ha na India nella eſtiueraõ, naõ vos poderaõ reſiſtir. Ninguem vos nega que naõ ſaõ muito valeroſos, mas ſaõ taõ poucos que naõ chegaõ a cinco mil todos os que ha eſpalhados por toda a India, & com ſerẽ taõ poucos, temſe feito ſẽnhores, capitaens, & Gouernadores de todos os lugares maritimos de todo o Oriente, tomãdo tamanho dominio ſobre todos os Reys delle, q̃ naõ podẽ nauegar ſuas naos ſem ſua licẽça, couſa q̃ ſe naõ pode nem deue ſofrer, a vns homẽs eſtrangeiros, q̃ entraraõ em todos eſtes reinos em habito de mercadores, pedindo comercio & lugares pera ſe apoſentarẽ, & metendo em cabeça que faziaõ caſas pera ſeus recolhimentos & feitorias, fizeraõ fortalezas com q̃ começaraõ a ſopear a todos. Por iſſo ó Rey ſẽ tu o primeiro, q̃ acudas pella honra de todos, & mandalhes requerer que olhem pella de Mafamede voſſo Profeta, que eſtes homens tanto vituperaõ & afrontaõ, & q̃ os lancem fóra da India, & de ſeus reinos, pera que a romagem da caſa da Meca fique na liberdade em que d'antes eſtaua. E pera eſtes de Diu eu me offereço cõ todos os meus thiſouros, pera lhes fazer guerra, & lhes tomar a fortaleza: & pera iſſo mãdarei pedir a Elrey de Zebit meu parente, Rumes, & Turcos a ſoldo, pera o q̃ lhe mandarei neſtas naos q̃ aõ de ir d'aqui a poucos dias, muito dinheiro. E em quanto ſe eſtas negoceaõ & ſollicitaõ, ſou de parecer que corras com diſſimulaçaõ neſte negocio, por ſe naõ precatarem nẽ aperceberem os Portugueſes de Diu, antes agora mais q̃ nunca te finjas com o Gouernador, & o mãdes viſitar pello ſegurar, pera que quando tiuermos tudo preſtes os tomemos deſcuidados.

Acabada eſta fala lhe diſſe Elrey que lhe agardecia aquellas lẽbranças, & o amor & vontade que moſtraua a ſeu ſeruiço, que elle o fazia d'ali por diante capitaõ geral de todo o ſeu exercito, pera que logo começaſſe a correr com as couſas que lhe pareceſſem neceſſarias, & q̃ a tẽ o tẽpo em q̃ ſe deſenrolaſſem as bãdeiras ſobre Diu ſe guardaſſe o ſegredo d'aquellas couſas. Cogeçofar fez logo eſcreuer cartas a todos os Reys da India até os do Malauar, perſuadindoos a hũa liga geral contra os Portugueſes. A ſubſtãcia deſta fala, & deſtas couſas, ſoubemos de Caracem genro de Cogeçofar, que ſe achou a ella preſente, & em Baroche a onde era capitaõ, & onde o nós cõuerſamos (como em outra parte diſſemos

mo) nos contou todas estas cousas, & outras. Manoel de Sousa de Sepulueda, tanto que desmanchou a parede, que foi em Ianeiro, auisou o Gouernador do que tinha feito, pedindolhe que prouesse aquella fortaleza de gente, & moniçoens, pera que se ouuesse algũa alteraçaõ nos Mouros, o naõ tomassem descuidado: o que o Gouernador fez logo, mandandolhe alguns capitaens com soldados.

E por que neste tempo chegou a Goa Belchior Fernandez Correa, com as cartas de dõ Iorge de Crasto em que lhe daua cõta da chegada de Ruy Lopez de Villalobos áquellas ilhas, & de tudo o que cõ elle lhe tinha socedido: & q̃ tambem era falecido Ruy Vaz Pereira capitaõ de Malaca: começou logo a prouer naquellas cousas, & ordenou de mãdar a Maluco hũa armada, de que elegeo por capitaõ mór Fernaõ de Sousa de Tauora: & lhe deu vm Galeaõ, & duas Fustas, de q̃ deu as capitanias a Lionel de Lima, & a Manoel de Mesquita. E por que naõ auia prouidos de Malaca, deu aquella capitania a Garcia de Sá, por ser vm fidalgo velho, & lhe deu por regimento que desse mais gente & nauios a Fernaõ de Sousa.

Partida esta armada despachou o Gouernador a dõ Ioaõ Mascarenhas pera ir entrar na capitania de Diu, por acabar em Abril Manoel de Sousa de Sepulueda: & mãdou em sua companhia Bernaldim de Sousa, & Iorge de Sousa seu irmaõ com soldados, pera inuernaré naquella fortaleza, & todos partiraõ no més de Abril.

CAPITOLO X.

De como Fernaõ de Sousa chegou a Malaca: & de como faleceo naquella fortaleza Elrey dõ Manoel, Rey de Maluco: & de como deixou Elrey de Portugal por herdeiro de seus reinos. E da posse que Jurdaõ de Freitas tomou delles por Elrey dom Joaõ.



PARTIDO Fernaõ de Sousa de Tauora, de Goa, foi ter á cidade de Malaca em Iunho, & logo tratou cõ Garcia de Sá, os nauios, & soldados que lhe auia de dar, & sobre a embarcaçaõ d'Elrey dom Manoel, que tambem leuaua por regimento que leuasse comsigo, & o metesse de posse do reino. Garcia de Sá sobre os nauios & gẽte, q̃ lhe o Gouernador mãdou dar, andou em dilaçoẽs muito. Neste tẽpo faleceo Elrey dom Manoel, que se estaua fazendo prestes pera se ir pera o seu reino. Mas como Deos nosso Senhor o tinha eleito pera

outro milhor, & de mais dura, ordenou que falecesse d'aquella infirmidade, recebendo primeiro os diuinos Sacramentos com grandes mostras de contriçaõ, & de arrependiméto de seus peccados, ordenãdo seu testaméto muito á sua vontade: dispondo das cousas de sua alma, naõ como Christaõ nouel, se naõ como se fora criado de minino cõ o leite da Igreija Catholica. Faleceo aos trinta dias deste més de Iunho, do anno de corenta & cinco, em q̃ andamos. Seu corpo foi enterrado o mais solennemẽte q̃ pode ser, com grande dór & sentimento de todos de q̃ era muito amado, como era rezaõ o fosse vm Rey que tinha saido das treuas de sua cegueira, & entrado na luz da verdade do Euangelho. E abrindosse seu testaméto, que estaua solenne, acharaõ que despũnha de muitos legados pios por sua alma, & nomeaua por herdeiro de seu reino a Elrey de Portugal. E porq̃ a verba em que o declara he muito substancial, pera o direito q̃ Elrey de Portugal tẽ acquirido n'aquelle reino, nos pareceo bem ir aqui escrita de verbo ad verbum, assi como a achamos no treslado do testamento, que está registado nos contos de Goa, donde o tiramos. Diz a verba assi.

Declaro eu dõ Manoel Rey de Maluco, que eu sou filho de Cachil Sulano Magirá, & da Raynha Niachile Pocaraga, filha d'Elrey Almançor de Tidore: Reys que foraõ de Ternate, Moutel, Maquiem, Cajaõ, & de todas as terras do Moro, & Batochina: & como filho d'antre ambos me pertẽcia direitamente aquelle reino, de q̃ fui jurado por Rey, por mórte de meus irmaõs mais velhos, Cachil Bojal, & Cachil Dayalo, q̃ reinaraõ antes de mim. E estando de posse d'aquelle reino, sendo muito leal a Elrey de Portugal meu senhor, Tristaõ de Tayde capitaõ de Maluco, asi por falsas informaçoens, como por me ter má vontade, me prendeo, & mãdou á India ao Gouernador Nuno da Cunha, q̃ vendo os autos de minhas culpas & de uassas q̃ se tiraraõ, me julgou por sem culpa, & que fosse tomar posse de meus reinos. E estando em Goa, vendo a ley dos Christaõs ser santa & virtuosa, cheya de toda a verdade, inspirou Deos nosso Senhor em mim, que a aceitasse, o q̃ fiz, conuertendome á verdadeira fé de Christo, deixando a seita & cegueira em que antes me criei, & andei, & recebi o Sacramento do santo bautismo na Sé de Goa, & foraõ meus padrinhos o Gouernador, & Iurdaõ de Freitas. Depois recebi o Sacraméto da santa Cõfirmaçaõ, de maneira q̃ sou fiel & verdadeiro Christaõ. Depois fui despachado pera me ir pera o meu reino, cujo caminho atégora o naõ acabei de fazer, por que o Visorrey dom Garcia de Noronha, & o

Gouernador dom Eſteuaõ da Gama me naõ acabaraõ de deſpachar,como era rezaõ.E agora eſtãdo neſta cidade & fortaleza de Malaca,deſpachado pello Gouernador Martim Afonſo de Souſa, pera me ir pera meu reino adoeci. E por que naõ ſei o que noſſo Senhor de mim determinará, por deſcargo de minha conciẽcia quero diſpór de meu reino, como ſeja ſeruiço de Deos noſſo Senhor, como de feito diſponho,na maneira ſeguinte.

Digo que ſou Chriſtaõ, & já q̃ meu reino he de Rey Chriſtaõ naõ deue de o herdar,nem ſoceder nelle Mouro algum. E meu irmaõ Aeiro q̃ agora está nelle, he mais moço, Mouro, & filho de outra mãy que naõ he Raynha: & porq̃ naõ he bem que venha aquelle reino por minha mórte, ſe naõ a outro Chriſtaõ como eu, pera conuerter meus pouos á fé de Chriſto, como eu eſperaua de fazer ſe viuera: & pois naõ tenho ſoceſſor Chriſtaõ,inſtituo por herdeiro de meus reinos, & por meu teſtamẽteiro a Elrey de Portugal,cujo vaſſalo ſou: & deſte dia pera todo ſẽpre renuncio nelle todo o direito real, & actual, que nos ditos reinos tenho,pera delles fazer, & diſpór, como ſeus. E lhe peço por merce que ſe ouuer de prouer Rey, ou Gouernador, ſeja tal, q̃ tenha propoſito de fazer todos aquelles pouos Chriſtaõs, & ainda trabalhar por os fazer aos Reys vizinhos,& comarcaõs, por que aſsi determinaua eu de fazer, ſe me Deos lá leuara,por que com iſto ſerá minha alma deſcanſada.

Eſtes ſaõ os fructos que os Reys de Portugal cada dia recolhem deſta conquiſta do Oriente, que ſaõ de mais proueito & reſpondencia, que todas as drogas delle. Eſta foi a fazenda de mais eſtima que nas naos deſte anno foi ao reino, que Elrey dom Ioaõ ouue pello milhor emprego do mundo, dando muitas graças a Deos, por ver vm Rey Mouro,taõ apartado da Igreja Romana, lá nos principios do Oriente receber com tanto amor a ley de Chriſto,& guardala de feiçaõ eſſe pouco que viueo, que podera enuergonhar aos mais dos Chriſtaõs da Europa: & de crér he, que iria ſua alma a gozar de outro reino ſem fim. E tornando a noſſo fio.

Tanto que foi tempo, de Fernaõ de Souſa de Tauora ſe partir pera Maluco, deulhe Garcia de Sá vm fuſtarraõ com corenta ſoldados,de que fez capitaõ a Ioaõ Galuaõ homem nobre & muito bom caualeiro. Garcia de Sá embarcou com Fernaõ de Souſa de Tauora a mãy, & padraſto d'Elrey dom Manoel, que com elle foraõ pera Goa: & aſsi mandou o treſlado do teſtamento a Iurdaõ de Freitas,pera lá ſe lhe cõprirem ſeus legados. Depois de Fernaõ de Souſa de

Tauora partido, chegou a Malaca dom Iorge de Crasto com Elrey Aeiro,& sabendo da mórte do irmaõ fez por elle grãdes estremos. E dizendolhe Garcia de Sá que se tornasse pera Maluco pera gouernar aquelle reino, a té Elrey de Portugal mandar o que se auia de fazer: naõ quis, dizendo, que já auia de chegar a Goa a se ver com o Gouernador,& asi se embarcou como foi tempo. Fernaõ de Sousa de Tauora chegou a Maluco,& sabendosse da morte d'Elrey dom Manoel,vestiosse Iurdaõ de Freitas de dó, & foi desẽbarcar a máy & padrasto, & os mandou pera a sua cidade. E logo por virtude do testamento tomou posse d'aquelle reino,em nome d'Elrey dom Ioaõ de Portngal,estando presentes todos os grandes, & Regedores do reino: & elle & Fernaõ de Sousa elegeraõ pera o gouernarẽ a máy & padrasto d'Elrey dom Manoel, & elle com elles a té vir recado de Portugal. E asi ficaraõ as cousas por entaõ, por que o que mais socedeo se conta na sexta decada,no gouerno de dom Ioaõ de Castro, de cujo tempo saõ.

CAPITVLO XI.

Dos requerimentos que o Idalcan mandou fazer ao Gouernador Martim Afonso de Sousa sobre Mealecan: & do que sobre isso passaraõ: & das partes & qualidades deste Gouernador.



TANTO que o Gouernador Martim Afonso de Sousa mãdou trazer Mealecã de Cananor pera Goa, logo o Idalcan foi auisado disso,do que ficou muito enfadado,& tratou com os do seu conselho,sobre o que faria naquelle negocio. E assentouse que mandasse notificar ao Gouernador, que, ou lhe comprisse os contratos q̃ estauaõ feitos,ou lhe largasse as terras que lhe dera: & que quando naõ fizesse hũa cousa nem a outra, entaõ lhas mandasse tomar por força,por que já entaõ ficariaõ as culpas todas sobre o Gouernador. E por que elle era ido fóra,esperou q̃ viesse. E tanto que teue recado q̃ estaua em Goa,despedio vm correyo com cartas pera elle, em que lhe pedia que comprisse os cõtratos que estauaõ feitos antre ambos, quando lhe deu as terras de Salsete & Bardes: & mandasse logo Mealecan pera Malaca, já que naõ fora pera Portugal,& quando naõ,que lho entregasse,ou lhe largasse as terras que lhe tinha dado, se naõ que faria o que lhe parecesse que mais lhe conuinha.

Estas cartas chegaraõ ao Gouernador, quando despedia Fernaõ de Sousa de Tauora pera Ma luco:

luco: & vẽdo a determinaçaõ dellas, mandou logo meter Mealecan na torre da menagem, & ordenou com muita preſſa Ioaõ Fernandez de Nigreiros, cidadaõ principal de Goa, pera ir em forma de Embaixador ao Idalcan, por quem lhe mandou dizer, que ſe deixaua de mandar Mealecan pera fóra, era, por que tinha eſcrito nas naos paſſadas a Elrey ſobre aquelle negocio, pera elle ordenar o que faria, & que eſperaua por repoſta ſua: & que pera milhor o ſegurar o mandara trazer de Cananor, dõde podia fogir, & o tinha na torre da menagem, diante de ſeus olhos, a onde ſe naõ podia recear de couſa algũa. Eſte Embaixador naõ foi bem recebido, & ouuindo as rezoens do Gouernador, parecendo lhe tudo comprimentos & inuençoens, mandou prender o Embaixador, & todos os Portugueſes q̃ eſtauaõ naquella cidade, & recolher ſuas fazendas, pondoos a muito bom recado, com tençaõ de os naõ largar a té lhe entregarem Mealecan: aconſelhandolhe ſeus capitaens que naõ ſofreſſe tanto: & que mandaſſe logo vm exercito a cobrar as terras de Salſete & Bardes: o que elle por entaõ naõ quis fazer, por que como ſua tençaõ era auer as maõs Mealecan, ou o fazer lançar pera parte onde ſe elle naõ receaſſe: ouue que lhe baſtaua pera iſſo os penhores que tinha. O Gouernador tanto que ſoube da priſaõ do Embaixador ficou malenconizado, & começou a correr com recados, aſsi como o Idalcan, como com os ſeus grandes do conſelho: mandandolhe affirmar, que pera o veraõ mandaria Mealecan pera Malaca. Niſto ſe paſſou o inuerno, ſem ſe tomar concluſaõ em couſa algũa, a té ſorgir na barra de Goa dom Ioaõ de Caſtro, que vinha por Gouernador (como no principio da ſexta decada diremos.) O Gouernador gaſtou eſte inuerno em reformar a armada, por que por ſem duuida tinha que lhe viria ſoceſſor, & lha queria deixar toda preparada.

O Biſpo dõ Ioaõ d'Albuquerque, ordenou eſte inuerno em ſeu Biſpado algũas couſas que lhe pareceraõ de ſeruiço de Deos. E por q̃ a cidade de Goa era grande, & cada vez ya crecendo mais, & naõ podia o cura de ſanta Caterina adminiſtrar os ſacramentos a todos os moradores della: por que a tẽ entaõ fora gouernado todo o eſpiritual por vm Vigairo geral, repartio toda a cidade com ſeus arrabaldes em coatro fregueſias, que de nouo proueo de Vigairos, & beneficiados. A primeira foi a de ſanta Caterina (que como diſſemos) quando logo o Biſpo chegou à India, foi elegida em ſede Epiſcopal.) A ſegunda a de noſſa Senhora do Roſairo. A terceira de noſſa Senhora da Luz. A coarta de ſanta Luzia: ordenando ſantas

& boas constituiçoens, asi pera as cousas que tocauaõ ao culto diuino, como pera o bom gouerno de suas ouelhas.

E pois por aqui acabamos esta quinta decada, & o tempo do gouerno de Martim Afonso de Sousa, concluamos este capitulo com as partes & qualidades de sua pessoa,& linhagem. Foi este Gouernador filho mais velho de Lopo de Sousa, & de dona Britiz d'Albuquerque: foi seu pay Alcaide mór de Bargança, que lhe rendia perto de coatrocentos mil reis. E parece que dizendolhe o coraçaõ q̃ auia de ser muito honrado, tanto que o pay faleceo engeitou a Alcaidaria mór ao Duque,& foise viuer com o principe dom Ioaõ, filho d'Elrey dom Manoel: & por que era ainda mancebo, seruiose delle de seu page: parece que lhe acõteceo vm desastre, ou desgraça, de que enuergonhado elle, por que era muito pontual, fogio da corte, & se foi a Salamanca, a onde se namorou de hũa dama Castelhana, chamada dona Ana Pimintel, com quem casou,& trouxe a Portugal. Era já neste tẽpo o principe dom Ioaõ Rey, q̃ o tornou a recolher, fazendolhe honras & merces. D'ahi a alguns tempos o mãdou por capitaõ mór de hũa armada pera o Brazil, em q̃ o seruio bẽ. Depois o mandou por capitaõ mór do mar da India o anno de trinta & coatro, como dissemos no capitolo 1. do liuro 9. da 4. decada. Foi homẽ de muito grandes pensamentos, & já em moço tinha tamanho brio, & opiniaõ: q̃ passando por Bargança o grande capitaõ Gõçalo Fernãdez de Cordoua, lhe fez Lopo de Sousa, pay de Martim Afonso de Sousa grandes gasalhados: & o mandou acõpanhar pello filho algũas jornadas: & aõ despedir delle, tirou o graõ capitaõ vm rico colar d'ouro & pedraria que leuaua ao pescoço, sobre os trajos de caminho, & foi pera lho lançar ao seu: Martim Afonso se afastou pera fóra, como q̃ naõ o queria. O q̃ visto pello graõ capitaõ (entendendo que aquillo era opiniaõ) lhe disse: ora senhor bem vos entendo, deueis de querer armas: & tirando a espada que leuaua na cinta lha deu, & elle a tomou com grande acatamento, estimandoa muito,& asi a trouxe sempre cõsigo: & nos dias de mores festas a trazia na cinta. Foi este Gouernador homem de boa estatura, gentil homem, & apraziuel. Era muito prudente, & de grande conselho,& por isso foi sempre vm dos principaes do d'Elrey, em quãto gouernou a Raynha dona Caterina por seu neto dom Sebastiaõ & algum tempo depois delle tomar o gouerno. Era apressado em suas cousas,& grande conhecedor do tempo, tanto, que parecia q̃ os adiuinhaua, pello muito discurso que delles tinha.

E asi entendendo q̃ Elrey auia de

de bolir com os do ſeu conſelho, lançouſe primeiro de fóra com achaques que tomou,& naõ tardou muito que naõ ouueſſe niſto nouidades. Foi rico da India com o que leuou,& com merces q̃ ſempre lhe fizeraõ. Conſtituio vm arrezoado morgado que deixou a ſeu filho Pero Lopez de Souſa,em que entraua a villa d'Alcoentre. Foi homem que em quanto gouernou,poupou mais o ſuperfluo, & deſpendeo milhor o neceſſario que todos: por que pagou trinta & cinco contos de diuidas velhas, & tres quarteis cada anno, a toda a gente da India: & tinha ſempre cincoenta mil pardaos em depoſito,pera as neceſsidades que ſobreuieſſem ao Eſtado. Foi taõ amigo de olhar pella fazenda d'Elrey, q̃ foi o primeiro que ordenou mandar Veadores della ás fortalezas. E coſtumaua a dizer, que pera Elrey ter dinheiro,auia de auer muitos que o ajuntaſſem,& vm ſó que o gaſtaſſe. No que ſe enganou,por que depois ſe veyo a entẽder,que eſtes veadores da fazenda eraõ os mores deſtruidores que ella tinha. E por iſſo mandou depois Elrey q̃ os naõ ouueſſe,como em ſeu lugar diremos. Primeiro que entregaſſe a India a dom Ioaõ de Caſtro,mádou pór o ſeu retrato na caſa a onde eſtauaõ os dos outros Gouernadores: & ainda eſtá oje pello natural do ſeu tamanho com o trajo ao antigo: roupa aberta de mangas de roca,com golpes & botoẽs, jubaõ de petrina baixa,& ſobre elle couraças poſtas ſobre veludo crauadas,muſgos dos antigos, eſpada á teta, & barrete redondo có golpes & pontas d'ouro . E por aqui temos concluido com eſta quinta decada á gloria & honra de Deos noſſo Senhor, que viue & reina in ſæcula ſæculorum Amen.

Fim da Quinta Decada.